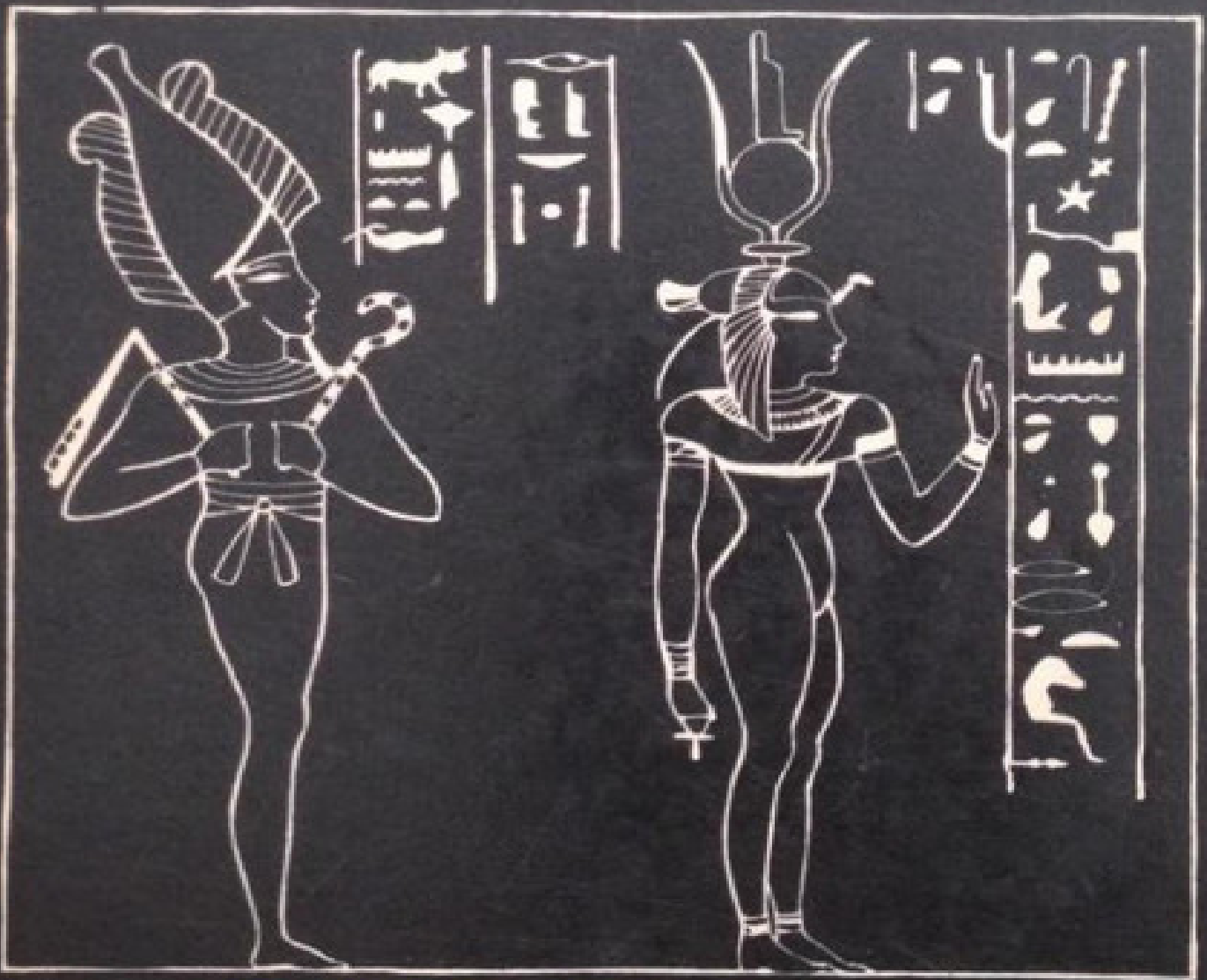
DEUSES, TÚMULOS E SÁBIOS



C. W. CERAM

DEUSES, TÚMULOS E SÁBIOS



C. W. CERAM



C. W. CERAM

DEUSES, TÚMULOS E SÁBIOS

Título original: GÖTTER, GRÄBER UND GELEHRTE, ROMÁN DER ARCHÄOLOGIE

Endereço da coleção: Virgilio Ortega

© Rowóhlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg, 1949, 1967,

1972 Rowohlt Verlag GmbH, Reinbek bei Hamburg, 1967,

1972 © Ediciones Destino, SL

ISBN: 84-7530-941-0 DLB 4384-1985

Impresso e encadernado por

Impressoras, indústria gráfica em Provence, 388 Barcelona

Sant Vicenç dels Horts

Não há arte nacional ou ciência nacional. A arte e a ciência, como todos os bens sublimes do espírito, pertencem ao mundo inteiro e só podem prosperar com a livre influência mútua de todos os contemporâneos, respeitando sempre tudo o que o passado nos deixou.

Goethe.

Quem quer ver corretamente o tempo em que vive deve contemplá-lo de longe. A que distância? É muito simples: a distância, o nariz de Cleópatra não pode mais ser distinguido.

José Ortega e Gasset.

Índice

INTRODUÇÃO

I O LIVRO DE ESTATUTOS

CAPÍTULO UM

Prelúdio em solo clássico

CAPÍTULO II quinze

Winckelmann ou o nascimento de uma ciência quinze

CAPÍTULO III

BUSCANDO AS PEGADAS DA HISTÓRIA

CAPÍTULO IV

A história do pequeno mendigo que encontrou um tesouro

CAPÍTULO V

Máscara de Agamenon

CAPÍTULO VI

Schliemann e ciência

CAPÍTULO VII

Micenas, Tirinto e a ilha de Enigmas

CAPÍTULO VIII Quatro cinco

Fio de Ariadne Quatro cinco

II O LIVRO DAS PIRÂMIDES

CAPÍTULO IX

Uma derrota transformada em vitória

CAPÍTULO X

A pedra trilíngue de Champollion e Rosetta

CAPÍTULO XI

Um réu de alta traição decifra os hieróglifos

CAPÍTULO XII

"Quarenta séculos contemplam você!"

O Reino Antigo (- aC)

Primeiro período intermediário (- aC)

O Reino do Meio (- aC)

Segundo período intermediário (- aC)

O Novo Império (- aC)

Terceiro período intermediário (- aC)

O Período Atrasado (- aC)

O domínio persa (- aC)

Período greco-romano (de aa dC)

CAPÍTULO XIII

O túmulo de Petrie e Amenemhet

CAPÍTULO XIV

Ladrões no Vale dos Reis

CAPÍTULO XV

Múmias

CAPÍTULO XVI

Howard Carter descobre Tutankhamun

CAPÍTULO XVII

O Muro de Ouro

III O LIVRO DE TORRES

CAPÍTULO XVIII

Na Bíblia está escrito

CAPÍTULO XIX

Botta encontra a cidade de Nínive

CAPÍTULO XX

A decifração da escrita cuneiforme

CAPÍTULO XXI

A prova definitiva

CAPÍTULO XXII

Palácios sob o monte Nemrod

CAPÍTULO XXIII

George Smith procura uma agulha no palheiro

CAPÍTULO XXIV

Balas assobiam em torno de Koldewey

CAPÍTULO XXV

Etemenanki, a Torre de Babel

CAPÍTULO XXVI

Os reis milenares e o dilúvio

IV O LIVRO DAS ESCADAS

CAPÍTULO XXVII

O tesouro de Montezuma II

CAPÍTULO XXVIII

A cultura decapitada

CAPÍTULO XXIX

O Sr Stephens compra uma cidade

CAPÍTULO XXX

Intermediário

CAPÍTULO XXXI

O mistério das cidades abandonadas

Antigo Império Maia

Período antigo

Período médio

Grande período

CAPÍTULO XXXII

O caminho da fonte sagrada

CAPÍTULO XXXIII

Escadas cobertas por mato e lava

V SOBRE OS LIVROS DE HISTÓRIA DA ARQUEOLOGIA QUE NÃO PODEM SER ESCRITOS

AINDA

CAPÍTULO XXXIV

Novas pesquisas sobre impérios antigos

A) MESAS CRONOLÓGICAS

I M EDITERRÁNEO O RIENTAL

Impérios minóico e grego

B) QUADROS GENEALÓGICOS

II O PAÍS DO NILO: EGIPTO

III M ESOPOTAMIA

Os impérios dos sumérios, babilônios e assírios

IV YUCATÁN O EMPIRE OF THE maias

BIBLIOGRAFIA

Geral

Para o «Livro das Estátuas»

Pelo «Livro das Pirâmides»

Pelo «Livro das Torres»

Para o "Livro de Escadas"

Para «Os livros de arqueologia que ainda não podem ser escritos»

LÂMINAS

1. Introdução

Aconselho o leitor a não começar a ler este livro pela primeira página. E insisto nisso, porque conheço a pouca fé que é dada às declarações mais enfáticas de um autor que tem que apresentar uma questão de interesse extraordinário e quão pouco isso é útil, especialmente quando o título promete um romance de Arqueologia, ciência que para todos é uma das mais áridas e chatas. Por essas considerações, recomendo iniciar a leitura no capítulo sobre o Egito, o chamado «II. Livro das pirâmides ». Então, espero que até o leitor mais desconfiado adote uma posição benevolente sobre o assunto e decida deixar de lado certos preconceitos generalizados. Após essa introdução, imploro ao leitor, no interesse deles, que volte ao livro e volte ao capítulo um, pois, para entender melhor os eventos mais sensacionais das prodigiosas aventuras da Arqueologia, você precisa de uma direção e um plano.

Este livro foi escrito sem nenhuma ambição científica. Antes, tentei apresentar o objeto de estudo de pesquisadores e estudiosos, em sua nuance emocional mais íntima, em suas manifestações dramáticas, em sua relação profundamente humana. Não pude evitar algumas divagações, assim como reflexões pessoais e um relacionamento constante com os dias de hoje. Foi por isso que fiz um livro que os cientistas têm o direito de chamar de "não-científicos". Mas é isso que me propus a fazer, e isso me justifica.

A ciência arqueológica é rica em feitos onde um grande espírito de aventura e a paciência de um estudo impensável são combinados; É um grande empreendimento romântico realizado com grande modéstia espiritual, em que mergulhamos nas profundezas de todas as épocas e viajamos por toda a extensão da Terra. Tudo isso não pode ser reduzido a simples palestras de especialistas. Por mais alto que tenha sido sempre o valor científico das memórias, teses e publicações dessa natureza, devemos confessar que elas não foram escritas para serem "lidas". É incrível que até o momento apenas três ou quatro tentativas tenham

sido feitas para associar a emocionante atmosfera de aventura às escavações que nos levaram à vida de tempos passados; muito estranho, porque a aventura não é realmente mais emocionante do que isso, desde que consideremos a aventura como uma mistura harmoniosa de espírito e ação.

Embora eu não seja a favor do método da descrição simples e objetiva, às vezes o uso para seguir fielmente a ciência arqueológica pura. E não pode ser menor, já que o livro é um elogio de seus resultados, da nitidez de espírito que eles revelam, da perseverança das escavadeiras infatigáveis; um elogio, acima de tudo, aos próprios exploradores, que geralmente permanecem calados por modéstia, algo que os torna mais louváveis, porque sua atitude deve ser imitada em muitas áreas. Desse fato também vem meu esforço para evitar correlações enganosas e sotaques falsos. O

"romance da Arqueologia" é um romance na medida em que narra vidas, eventos muito remotos que não estão em contradição, longe disso, com a verdade; que foram realidade um dia e que surgem hoje na emocionante aventura da busca dos séculos passados em seu sentido mais estrito: o que é contado aqui não são fatos adornados pela fantasia do autor, mas eventos estritamente históricos que às vezes Eles podem parecer fantásticos.

Apesar dos meus esforços, estou convencido de que o especialista que leva este livro encontrará falhas nele. Para mim, por exemplo, a transcrição de nomes foi muito difícil no começo. Mais de uma vez, para escrever um nome de lugar ou pessoa, tive que escolher entre doze grafias diferentes e todas aceitáveis. Correspondendo ao caráter do livro, decidi o mais geral sem seguir nenhum princípio científico, o que em alguns pontos teria causado confusão completa. Tomei essa decisão levando em consideração que o grande historiador E. Meyer, ao enfrentar o mesmo dilema, diz em sua História da Antiguidade (apesar do fato de estar se dirigindo a especialistas): “Não tenho outra solução a não ser a dispensar qualquer princípio fixo ». O autor de uma história simples pode muito bem seguir a decisão tomada por um historiador

tão relevante. Além disso, certamente cometi outros erros inevitáveis ao tentar abordar um assunto tão grande que inclui quatro ciências especiais. Por isso, agradecerei a todos os leitores pelas retificações que eles podem me comunicar.

Mas sinto-me não apenas obrigado à ciência, mas também a um certo tipo de literatura, ao contrário, ao criador do gênero literário em cuja linha este livro é modestamente colocado. Até onde eu sei, foi o famoso médico e escritor americano Paul de Kruif que empreendeu pela primeira vez a tarefa de apresentar a aventura científica de tal maneira que pudesse ser lida com tanta paixão que, em nosso século, apenas os romances policiais provocam. De Kruif descobriu, no ano de 1927, que o processo de bacteriologia, bem apresentado e razoavelmente ordenado, contém elementos de grande capacidade de novidade. E ele também descobriu que mesmo os problemas científicos mais complicados podem ser apresentados de maneira simples e compreensível se forem descritos como processos de trabalho, ou seja, levando o leitor exatamente ao mesmo caminho que o pesquisador sábio percorreu desde o momento em que teve o problema. primeira inspiração até que o resultado desejado seja alcançado. Ele também viu que todos os desvios, encruzilhadas e becos sem saída nos quais o cientista se encontrava por limitação humana ou por eventos externos, parecem impregnados com esse dinamismo, com aquele drama básico de toda narração ficcional que é capaz de despertar imensa tensão . Assim surgiu seu livro sobre Microbial Hunters, um título que transformou o nome sóbrio de "bacteriologistas" em uma categoria humana, contendo sistematicamente todo o programa de um novo gênero literário: o romance de eventos.

Desde os primeiros ensaios de Paul de Kruif, dificilmente resta um campo científico que não tenha sido explorado por um ou outro autor, ou vários ao mesmo tempo, usando esse novo gênero literário. E é muito natural que isso tenha sido feito, em geral, por escritores não científicos, profanos no assunto. O fundamento de uma crítica que ainda pode ser feita me parece o seguinte: em que proporção os elementos literários e científicos aparecem nesses livros? Até que ponto

o fato real ou ficcional predomina? Parece-me que os melhores livros desta classe são aqueles que atingem seu novo valor sem a necessidade de distorcer os fatos reais e, portanto, estão sempre sujeitos a eles. Tentei colocar meu livro nessa categoria e espero servir a todos os leitores que desejam "caminhar com segurança" no campo desta ciência empolgante, bem como a qualquer pessoa que queira usar este livro como um manual de referência.

No assunto, também tenho um pioneiro pertencente a outra categoria. Esta é Anne Terry White, cujo livro Lost Worlds chegou às minhas mãos quando eu quase terminei deuses, túmulos e sábios. A esta colega americana, gostaria de expressar minha grande estima pelo trabalho dela. Mas, como acredito que o princípio segundo o qual o

"fato" deve sempre prevalecer sobre a anedota é perfeito, decidi, ao contrário da Sra.

White, ser útil com meu trabalho a todos os interessados em Arqueologia, fornecendo-os dados exatos. Por isso, não hesitei em interromper a história com datas e resumos, e completei o livro com uma bibliografia, mapas, tabelas cronológicas e um índice de assuntos.

Para encerrar, agradeço a todos que colaboraram comigo, especialmente aos professores alemães Dr. Eugen von Mercklin, Carl Carl Rathjens e Franz Termer, que tiveram a gentileza de examinar o manuscrito.

Os professores Kurt Erdmann, Dr. Hartmut Schmoekel e pesquisador de Schliemann, Dr. Ernst Meyer, fizeram correções importantes para mim. Todos eles me forneceram indicações preciosas, me apoiaram de todas as formas, especialmente me fornecendo uma bibliografia - na qual devo também agradecer ao professor Dr. Walter Hagemann, de Münster - e apontou alguns erros que pude eliminar dessa maneira. Agradeço a eles não apenas por sua ajuda, mas, sobretudo, pelo entendimento que demonstraram como especialistas no campo, diante de um livro que tem a audácia de entrar em seu campo sem títulos rigorosamente

verificados. Também quero agradecer a Edda Roenckendorff e Erwin Duncker por terem realizado alguns dos trabalhos de tradução às vezes extremamente difíceis.

CW C

Novembro de 1949.

I. O LIVRO DE ESTATUTOS

Que milagre acontece? Ansiamos por bebedouros,

Oh terra! E o que seu colo nos envia? A vida também bate no abismo profundo? Uma nova geração vive sob a lava? Ou talvez as gerações voltaram?

Gregos, romanos, venham!

Veja: a antiga Pompéia ressuscitou,

a cidade de Herculano está sendo reconstruída novamente.

Schiller

Primeiro capítulo

PRELÚDIO NO PERÍODO CLÁSSICO

No ano de 1738, Maria Amalia Cristina, filha de Augusto III da Saxônia, deixando a corte em Dresden, casou-se com Charles de Bourbon, rei das Duas Sicílias. Esta rainha vivaz, apaixonada por arte, bisbilhotava entre os jardins e salas espaçosas dos palácios napolitanos, descobrindo estátuas e esculturas, que foram encontradas, por acaso, em parte antes da última erupção do Vesúvio e, em parte, também desenterradas. em escavações devido à iniciativa do general D'Elboeuf. Fascinado com a beleza desses tesouros, María Cristina insistiu insistentemente com o marido egrégio para que pedisse novas peças. O Vesúvio, após a grande erupção de maio de 1737, quando o flanco da montanha se abriu e parte do topo voou para o céu, ficou quieto por um ano e meio sob o céu azul de Nápoles. E o rei ouviu seu pedido.

Não surpreendentemente, as escavações continuaram onde D'Elboeuf as havia terminado. O rei consultou o caso com o cavaleiro Roque Joaquín de Alcubierre, comandante supremo de suas tropas de sapadores, e os espanhóis forneceram trabalhadores, ferramentas e pólvora. As dificuldades foram notáveis, pois era necessário superar os quinze metros de espessura daquela massa rochosa formada pela antiga lava da erupção. De um poço que D'Elboeuf havia perfurado, galerias foram perfuradas e buracos. Então chegou o momento em que a picareta colidiu com metal e seu golpe soou como um sino. A primeira

coisa que foi encontrada foram três fragmentos de cavalos de bronze, maiores que a vida.

Somente então lhes ocorreu que essas obras deveriam ser realizadas com prudência, o que no final elas teriam que fazer desde o primeiro momento. E foi procurado um especialista, o marquês Don Marcello Venuti, humanista e diretor da Biblioteca Real, que desde então supervisiona o trabalho. Seguiram-se três esculturas de mármore, romanos vestidos com toga, colunas pintadas e o corpo de outro cavalo de bronze. Os reis apareceram para inspeção. O marquês foi levado por uma corda até as galerias e ele mesmo descobriu uma escada, cuja forma o levou a deduzir a construção total do edifício, e em 11 de dezembro de 1873 foi confirmado que sua hipótese estava correta. Foi então encontrada uma inscrição pela qual se podia ver que um certo Rufus havia construído o Theatrum Herculanense por seus próprios meios .

Assim começou a descobrir uma cidade inteira enterrada. Onde havia um teatro, também deveria haver uma cidade. Anos antes, D'Elboeuf havia entrado no centro do palco do teatro.

Esta fase estava cheia de estátuas. Somente aqui, e em nenhum outro lugar, tantas esculturas poderiam acumular, já que a corrente de lava em seu avanço destrutivo desabara a parede traseira do teatro, ricamente adornada com esculturas, bem como a parede do palco, caindo no espaço onde estavam. encontrado, onde eles haviam empilhado ruidosamente e onde seus corpos de pedra encontraram descanso por dezessete séculos. A inscrição trazia o nome da cidade: Herculano.

Vinte metros de lava, aquela pedra que se torna líquida e emerge da cratera, uma mistura de todos os minerais que, quando resfriados, tornam-se vidro e pedra nova, cobriam a cidade de Herculano.

Os minúsculos lapilli vulcânicos , jogados junto com a lava gordurosa do vulcão, caem sob a forma de chuva, são depositados na massa e podem

ser levantados com um instrumento leve. Pompéia não foi enterrada tão profundamente sob esses lapis quanto Herculano.

Como acontece tantas vezes na História, o mesmo que na vida das pessoas, o que É difícil dar o primeiro passo, e você sempre perde a perspectiva acreditando que o caminho mais longo é o mais curto. Depois que D'Elboeuf começou a cavar, foram trinta e cinco anos antes de Pompeia ser descoberta.

O cavalheiro Alcubierre, ainda encarregado das escavações, estava impaciente e insatisfeito com suas descobertas. É verdade que Carlos de Borbón conseguiu instalar um museu que não tinha igual no mundo. No entanto, o rei e seu engenheiro concordaram em mudar o teatro das escavações e não avançar às cegas, mas começando pelo lugar onde os sábios indicavam que Pompéia deveria ser encontrada, a cidade que, segundo fontes antigas, estava enterrada em mesmo dia da cidade de Herculano.

O que aconteceu então parece o jogo em que as crianças brincam "quente e frio", e que quando o companheiro não é sincero, em vez de gritar "quente" quando a mão se aproxima do objeto procurado, diz "frio". E, neste caso, foram os espíritos de vingança, ganância e impaciência que desempenharam esse papel de elemento enganador.

As escavações começaram em 1º de abril de 1748; no dia 6, a primeira grande e maravilhosa pintura de parede foi descoberta, e no dia 19 foram encontrados os primeiros restos humanos. No chão havia um esqueleto; Moedas de ouro e prata se soltaram de suas mãos, que ainda pareciam querer entender alguma coisa.

Mas, em vez de continuar escavando sistematicamente e explorando o que já havia sido descoberto para chegar a conclusões que economizavam tempo, sem suspeitar que o centro de Pompéia havia sido alcançado, os buracos foram cobertos novamente com terra e a busca começou em outro lugar .

Poderia ser de outra forma? O motivo dos cônjuges reais foi guiado apenas por seu entusiasmo entusiasmado, e devemos confessar que a cultura do rei não era muito ampla; O de Alcubierre era resolver um problema técnico simples. Winckelmann disse mais tarde, cheio de raiva, que Alcubierre tinha tanto a ver com antiguidades "quanto a lua com os caranguejos", e em todos os outros envolvidos nesse caso não havia mais ambição do que a idéia oculta de talvez dar uma golpe de sorte, tropeçando em uma picareta cheia de moedas de ouro e prata. Digamos que, de passagem, dos vinte e quatro homens que trabalhavam, doze eram reclusos e os outros eram muito mal pagos.

O salão de espetáculos do anfiteatro foi descoberto. E não encontrando mais estátuas, nem ouro, nem jóias, ele começou a cavar em outro lugar. A consistência teria levado ao objetivo. Nas proximidades do portão de Herculano, eles encontraram uma vila, da qual foi reivindicada, sem fundamento (ninguém já sabe como surgiu essa

idéia), que era a casa de Cícero. Tais alegações, desprovidas de qualquer base, ainda desempenharão freqüentemente seu papel na história da Arqueologia e, às vezes, até um papel lucrativo. As paredes desta vila foram decoradas com maravilhosos afrescos, que foram cuidadosamente cortados e copiados, após o que foram novamente enterrados.

Cerca de quatro anos se passaram mesmo quando a região circundante de Civitá, a antiga Pompéia, foi ignorada, voltando a atenção para escavações mais lucrativas, novamente perto de Herculano, onde foi encontrado um dos tesouros antigos mais interessantes da época. : a vila com a biblioteca usada pelo filósofo Philodemus, hoje chamada Villa dei Papiri.

Finalmente, em 1754, e na parte sul de Pompéia, os restos de alguns túmulos e paredes antigos foram encontrados novamente. E desse dia até hoje, com poucas interrupções, as escavações continuaram nas duas cidades. E assim um milagre após o outro surgiu.

Somente conhecendo a natureza da catástrofe que afetou essas cidades podemos entender a influência que sua descoberta teve no século do neoclassicismo.

Em meados de agosto do ano 79, depois de Jesus Cristo, foram manifestadas as primeiras indicações de uma erupção do Vesúvio, como já havia acontecido com frequência. Nas primeiras horas da manhã do dia 24, no entanto, foi visto claramente que uma catástrofe nunca experimentada estava por vir.

Com um trovão terrível, o topo da montanha foi rasgado. Uma coluna de fumaça, abrindo-se como o topo de um pinheiro gigantesco, espalhava-se na abóbada do céu e, entre o rugido dos trovões e relâmpagos, uma chuva de pedras e cinzas caía, escurecendo a luz do sol. Os pássaros caíram mortos do ar, as pessoas se refugiaram gritando, os animais se esconderam. As ruas estavam inundadas de torrentes de água e não se sabia se tais quedas caíam do céu ou jorravam do chão.

Essas cidades de descanso de verão foram enterradas nas primeiras horas de atividade em um esplêndido dia de sol. De duas maneiras, o final trágico os ameaçava. Uma avalanche de lama, misturando cinzas com chuva e lava, caiu sobre Herculano, inundou suas ruas e becos, aumentou, cobriu os telhados, entrou por portas e janelas e inundou a cidade inteira, como a água encharca uma esponja, envolvendo-a com tudo o que nela não havia sido salvo em um vôo rápido, quase milagroso.

Este não foi o caso em Pompéia. Não caiu aquela tempestade de lama contra a qual não havia outra salvação senão o voo, mas o fenômeno começou com uma chuva fina de cinzas que se podia sacudir, depois os lapilli caíram , como se fosse granizo, e depois pedaços caíram pedra-pomes pesando muitos quilos. Lenta e fatalmente, a escala assustadora do perigo se manifestou. Mas então já era tarde demais. Logo a cidade foi envolta em vapores de enxofre que penetravam através das fendas e

fendas e filtravam os tecidos que as pessoas, enquanto respiravam com dificuldade crescente, vestiam para cobrir seus rostos. E correndo, eles fugiram para fora para alcançar a liberdade de respirar o ar; mas as pedras atingiam-na com tanta frequência na cabeça que caíam aterrorizadas. Assim que se refugiaram em suas casas novamente, os telhados

desabaram, deixando-os enterrados. Alguns, por pouco tempo, preservaram a vida. Sob os pilares dos degraus e arcadas, eles se amontoaram por alguns minutos angustiantes. Então os vapores de enxofre retornaram, sufocando-os.

Depois de quarenta e oito horas, o sol voltou a nascer. Mas Pompéia e Herculano deixaram de existir. Em um raio de dezoito quilômetros, a paisagem foi devastada e os campos, uma vez férteis, completamente arrasados. As partículas de cinza se espalharam para o norte da África, Síria e Egito.

Do Vesúvio, apenas uma fraca fumaça subiu e, novamente, o céu ficou azul.

Vamos meditar sobre o que foi um evento aterrador para toda a ciência que lida com os tempos passados.

Quase mil e seiscentos anos se passaram.

Outros homens de cultura diferente, de costumes diferentes e ainda unidos àqueles então enterrados por aqueles laços de sangue que unem toda a Humanidade, penetraram no chão com a picareta e trouxeram à luz o dia que ficou em repouso por tantos anos. . Este fato é apenas comparável ao mistério de uma ressurreição dentre os mortos.

Obcecado por sua paixão científica, é possível que o pesquisador, além de todos os sentimentos piedosos, se sinta feliz diante de tais catástrofes.

"É difícil que haja algo mais interessante ...", disse Goethe sobre Pompéia. E, de fato, dificilmente se pode imaginar uma possibilidade mais oportuna do que uma chuva de cinzas para preservar uma cidade com toda a atividade de sua vida cotidiana para a posteridade da pesquisa. Não pereceu uma cidade antiga que estava morrendo lentamente. Lá, algumas cidades vivas foram subitamente tocadas pela varinha mágica, e as leis do tempo, crescimento e morte perderam toda a validade nelas.

Até o ano da primeira escavação, nada se sabia além do simples fato: duas cidades haviam sido enterradas. Mas agora, pouco a pouco, o processo dramático foi se tornando conhecido e as notícias dos autores antigos foram encorajadas. Era conhecida a horribilidade da catástrofe, a velocidade vertiginosa com que o curso do dia era tão abruptamente interrompido em sua evolução normal e, portanto, nem o porco nem o pão podiam ser removidos do forno.

Que história os restos de dois ossos que ainda preservam as cadeias de escravidão nos revelam, enquanto ao redor deles o colapso já havia ocorrido? Quanta tortura oculta a morte do cachorro encontrado sob o teto de uma sala, também amarrada com uma corrente? O cachorro subiu nas pilhas de lapil i que penetravam pelas janelas e portas até o teto forçar o animal a parar, até latir pela última vez, sufocando.

Histórias de família, dramas entre angústia e morte revelaram a picareta em seu trabalho. O último capítulo de Bulwer em seu famoso romance "Os Últimos Dias de Pompéia" não tem o caráter do improvável. Eles viram mães abraçando seus filhos, com

o último pedaço de véu que os protegia, e assim por diante até que todos se afogassem. Homens e mulheres foram descobertos, que reuniram seus tesouros, chegaram à porta e foram derrubados pela chuva dos lapilli, e assim ainda mantinham as jóias, o dinheiro, com sua última força. O canem da caverna - cuidado com o cachorro - diz a

inscrição clássica em mosaico do lado de fora da porta da casa onde Bulwer faz seu Glauco residir. Nesse limiar, dois jovens que atrasaram o vôo para coletar suas riquezas ficaram surpresos e já era tarde demais.

Na porta de Hércules, eles são encontrados um corpo ao lado do outro, amontoados, ainda carregados com objetos domésticos, que se tornaram muito pesados. Em uma sala enterrada estavam os esqueletos de uma mulher e um cachorro. Um estudo mais detalhado revela um evento terrível. Enquanto o esqueleto do cachorro mantinha toda a sua forma, os ossos da mulher estavam espalhados por todos os cantos da sala. Como eles se espalharam? Eles foram arrastados? Sim, arrastado, sem dúvida, pelo cachorro, que, no momento mais crítico da fome, sentiu sua natureza tremoeira renascer e talvez assim tenha conseguido vencer um dia até a morte devorando seu dono. Não muito longe dali, os funerais foram interrompidos. Os participantes do banquete fúnebre estavam deitados nos sofás, conforme o costume; Bem, era assim que eram agora, depois de mil e setecentos anos. Eles testemunharam seu próprio enterro.

Em outros lugares, sete crianças apareceram, brincando descuidadas, e foram presas em um quarto pela morte. Mais além, trinta e quatro pessoas, e uma cabra entre elas, que certamente anunciaram com o som da campainha a notícia fatal, enquanto tentavam se abrigar em uma casa. Aqueles que atrasaram a fuga não valiam mais a coragem, a preocupação ou a força. Um homem de proporções verdadeiramente hercúleas foi encontrado, mas ainda assim não conseguiu proteger a mãe com a filha de catorze anos correndo diante dele. Juntos, eles caíram. É verdade que, com sua última força, ele tentara novamente se levantar. Então os vapores o aturdiram, e lentamente ele desabou, e deslizou de costas se espalhou. Cinzas o cobriram, moldando sua forma. Os pesquisadores derramaram gesso nessa forma e, assim, conseguiram reproduzir os contornos daquele homem, a autêntica escultura de um Pompeiano morto.

Que golpes aquele homem da casa enterrada não daria quando, abandonado, percebeu que havia fechado todas as portas e saídas? Ele

pegou uma picareta e começou a derrubar a parede. Quando ele percebeu que também não havia saída para fora desse muro, ele quebrou outro muro, até que finalmente viu que a sala ao lado já estava cheia de lava e detritos.

Assim como eles foram habitados e animados na vida, o mesmo aconteceu com as casas, o templo de Ísis e o Anfiteatro. Nas salas onde costumava ser escrito, havia tabletes de cera; rolos de papiro na biblioteca; nas oficinas, ferramentas; nos banheiros, pincéis. Os restos do serviço e o dinheiro do hóspede recém-falecido ainda estavam nas mesas das pousadas; versos escritos por amantes lânguidos ou desesperados apareceram nas paredes dos túmulos; nas paredes das vilas, pinturas que, como Venuti escreveu, "eram mais bonitas que as obras de Rafael".

Toda essa riqueza de descobertas foi encontrada pelo homem educado do século XVIII , nascido após o Renascimento, filho de sua época e cheio de interesse em todas as belezas da Antiguidade, que já suspeitavam do poder recente das ciências

exatas e começavam a dedicar-se ao estudo dos fatos e não gostava de permanecer em uma atitude de esteticismo passivo.

Mas, para unir essas duas idéias, era necessário um homem em quem o amor pela arte dos antigos fosse combinado com os métodos de pesquisa científica e crítica exigidos pela tendência moderna. Quando os primeiros golpes do pico começaram a ser sentidos nas escavações de Pompéia, este homem, que viu nessa tarefa o trabalho essencial de sua vida, viveu placidamente como bibliotecário em um local perto de Dresden. Ele tinha trinta anos e ainda não havia feito nada de importante. Porém, vinte e um anos depois, quando as notícias de sua morte foram divulgadas, Gotthold Ephraim Lessing dizia: "Este homem é o segundo escritor a quem eu alegremente daria alguns anos de minha própria vida".

Capítulo II

WINCKELMANN OU O NASCIMENTO DE UMA CIÊNCIA

Em 1764, Angelica Kauffmann fez um desenho em Roma de seu professor Winckelmann. Ele aparece sentado diante de um livro aberto e tem a caneta na mão. Seus olhos são muito grandes, de cor escura, e sua testa tem uma amplitude muito espiritual. Nariz grande e conjunto de formas quase Bourbon. A boca e o queixo são lisos e arredondados. "Nele, a natureza colocou tudo o que define e combina com um homem", disse Goethe.

Ele nasceu em 1717 e era filho de um sapateiro de Stendal. Quando criança, ele gostava de explorar os "túmulos de gigantes" - dolmens - nos arredores e incentivou seus companheiros a brincar com ele para ver se encontravam urnas antigas. Em 1743, ele foi tutor em Seehausen. "Com grande fidelidade, formei um professor, ordenando que os meninos com cabeças de alfabeto leiam o alfabeto quando, durante essa ocupação, eles desejavam ansiosamente alcançar o belo murmurando frases de Homero." Em 1748, ele se colocou como bibliotecário na casa do conde de Bünau, perto de Dresden, e depois deixou amargamente a Prússia de Frederick, que ele considerava "país despótico", e na qual nunca pensou sem tremer: "pelo menos, Eu senti mais a escravidão do que as outras ».

Com essa mudança de lugar, a orientação de sua vida foi determinada. Ele se junta a um círculo de artistas de destaque e, em Dresden, encontra a coleção mais importante de antiguidades da Alemanha na época e, antes disso, abandonou todos os seus projetos - ele acalentava a idéia de partir para o Egito. Seus primeiros escritos foram publicados e encontraram eco por toda a Europa. Muito espiritualmente independente, e religiosamente nem dogmático, ele se converteu ao catolicismo para conseguir um emprego na Itália; Roma vale bem a pena uma massa.

Em 1758, ele foi bibliotecário e inspetor das coleções do cardeal Albani e, cinco anos depois, foi nomeado inspetor-chefe de todas as antiguidades de Roma e arredores e visitou Pompéia e Herculano. Em 1768, ele foi morto por um ladrão comum.

Três são os trabalhos de Winckelmann que levaram à criação de pesquisas científicas na antiguidade.

Suas " Epístolas " sobre as descobertas de Herculano, sua obra monumental

"História da Arte na Antiguidade" e seu Monumenti antichi inediti.

Já discutimos os métodos não planejados de escavações perto de Pompéia e Herculano. Porém, pior que a falta de organização foi o mistério que os envolveu, baseado nas rigorosas proibições de governantes egoístas que proibiam qualquer estrangeiro, viajante ou homem de ciência, de conhecer seus detalhes para que não pudessem comunicar ao mundo o que tinham. visto. Um "leitor de livros" chamado Bayardi foi o único a quem o rei deu permissão para fazer o primeiro catálogo das descobertas, que começou com um longo prefácio sem nunca ter visto o local das escavações. Ele escreveu e escreveu sem entrar no assunto, e em 1752 ele já havia composto cinco volumes com 2.677 páginas. E como ele era uma pessoa cheia de apreensões e malícia, ele conseguiu impedir que as notícias de outros dois estudiosos fossem publicadas por ordem do ministro, que, em vez de perder tempo com um prólogo extenso, foi imediatamente ao cerne da questão.

Quando um pesquisador descartou qualquer uma das peças extraídas para um estudo detalhado, como todos os trabalhos anteriores ainda não haviam sido concluídos, chegou a conclusões tão absurdas quanto Martorelli, que em um trabalho em dois volumes de 562 páginas, ele tentou demonstrar, com base em uma espécie de tinteiro descobriu que, nos tempos antigos, os livros quadrados no nosso estilo eram

conhecidos, e não os pergaminhos clássicos que ele tinha diante de seus olhos e, precisamente, eram os papiros de Filodemos.

Finalmente, em 1757, o primeiro volume sobre antiguidades foi publicado, escrito por Valetta e pago pelo rei com 12.000 ducados. Em meio a essa atmosfera de inveja, intriga e erudição pulverizada e estúpida, nosso Winckelmann se viu. Depois de dificuldades indescritíveis, e sendo considerado um espião, ele finalmente obteve permissão para visitar os Museus Reais. Mas eles o proibiram severamente de fazer o desenho mais insignificante das esculturas.

Winckelmann, amargurado por essa atitude, encontrou consolo em um colega. No convento agostiniano, onde fora admitido, ele conheceu o padre Piaggi, a quem surpreendeu por ter um trabalho muito estranho.

Quando a Villa dei Papiri foi descoberta em seu tempo , o padre Piaggi ficou entusiasmado com as ricas descobertas de anotações antigas. Mas quando ele quis examiná-los, quando os pegou com a mão, eles se dissolveram. Aquelas cinzas milagrosamente seguraram, virando pó ao menor toque.

Foram tentadas várias soluções para salvar os preciosos pergaminhos, mas tudo foi em vão até o dia em que o Pai se apresentou com uma espécie de estante "como as usadas pelos cabeleireiros para a preparação de perucas". Eu queria usar esse mesmo procedimento para enrolar os papiros e mantê-los. E foi bem sucedido. Quando

Winckelmann o visitou em sua cela, o pai já estava trabalhando nessa tarefa há vários anos. Ele conseguiu salvar os papiros escritos, enrolados, mas não teve sucesso perto do rei ou de Alcubierre, que não apreciava as dificuldades e o valor desse trabalho.

Enquanto Winckelmann estava sentado ao lado dele, o bom monge, descontente, lançou um invectivo contra tudo o que aconteceu. Com muito cuidado, como se estivesse selecionando plumas leves, ele estava enrolando, em seu artefato, um milímetro após o outro, papiros carbonizados. Enquanto trabalhava, queixou-se do rei e de sua

indiferença, da incapacidade dos oficiais e da ignorância dos trabalhadores. Mal podia apresentar a Winckelmann uma nova coluna salva de um tratado sobre música de Philodemus, a satisfação de ter conseguido incitá-lo mais uma vez a insultar esses mestres impacientes e seus invejosos servos.

Winckelmann parecia ainda mais suscetível aos discursos do pai, já que a partir de agora também era proibido inspecionar o local da escavação, tendo que se limitar ao museu, onde também lhe era proibido copiar. Ele subornou os guardiões e, assim, ensinou-lhe coisas soltas. Entretanto, entretanto, novas e muito importantes descobertas foram feitas para o conhecimento da cultura antiga. As novas descobertas consistiram em representações e imagens, especialmente de natureza erótica. O rei, com idéias mesquinhas, e surpreso diante de uma escultura que representava um sátiro emparelhado com uma cabra, mandou todas as obras para Roma imediatamente e trancadas. Assim, Winckelmann não pôde contemplar alguns deles.

Apesar de todas essas dificuldades, em 1762 ele publicou sua primeira epístola

"Sobre as descobertas de Herculano". Dois anos depois, ele freqüentou a cidade e o Museu novamente e publicou a segunda epístola. Ambos os trabalhos continham indicações do que Winckelmann ouvira na cela do Pai e estavam cheios de críticas amargas. Quando a segunda epístola caiu nas mãos do tribunal napolitano em uma tradução para o francês, provocou indignação contra o alemão que recebeu a permissão excepcional para visitar o Museu e que ficou muito agradecido por essa concessão.

Naturalmente, os ataques de Winckelmann foram justificados e sua raiva não foi sem razão; mas a controvérsia em si perdeu importância. O principal valor das epístolas era que, pela primeira vez, foi oferecida ao mundo uma descrição clara e objetiva das escavações realizadas na região do Vesúvio.

Na mesma época, a principal obra de Winckelmann, sua "História da arte na antiguidade", foi publicada. Nele, ele conseguiu organizar, com uma visão ordenadora, a crescente avalanche dos monumentos antigos "sem igual", como ele diz com orgulho, descrevendo pela primeira vez a evolução da arte antiga. Com as poucas indicações que possuía dos antigos que ele estava tecendo um sistema, ele enunciava com grande conhecimento básico e as transmitia com tanta convicção em sua língua, que o mundo educado foi inundado como uma onda de devoção aos ideais antigos , entusiasmo que determinou o século do neoclassicismo.

Este livro exerceu uma influência decisiva na arqueologia e despertou o desejo de procurar a beleza onde ela ainda poderia estar oculta; Ele mostrou o caminho, a chave para entender as culturas antigas, observando seus monumentos e despertou a esperança de encontrar algo diferente do que estava enterrado em Pompéia, e como essa cidade, cheia de maravilhas e nunca vista.

Os próprios recursos científicos foram dados à jovem ciência arqueológica por Winckelmann com seu Monumenti antichi inediti, publicado em 1767. Essa expressão de seu "sem par" tornou-se a diretriz para a interpretação e explicação das esculturas. Por outro lado, Winckelmann examinou todo o campo da mitologia grega e soube tirar conclusões das alusões mais insignificantes. Assim, ele libertou o método antigo de todos os preconceitos filológicos, da tutela dos historiadores antigos, a quem um significado canônico havia sido dado.

Muitas das afirmações de Winckelmann estavam erradas e muitas de suas conclusões foram prematuras. Sua visão da antiguidade foi idealizada. Helade não tinha vivido apenas com "homens divinos". E seu conhecimento das obras de arte grega, apesar da grande abundância de materiais encontrados, era muito limitado. O que ele viu geralmente não era mais que cópias da era romana que, usadas pela chuva e polidas pela areia, apresentavam uma imaculada brancura. Mas

o mundo dos antigos, no meio de uma paisagem luminosa, não era tão austero nem tão branco. Era "colorido"

e hoje, apesar de nosso conhecimento muito preciso, não podemos sequer imaginá-lo. A escultura grega original era policromada. A estátua de mármore de uma mulher, da Acrópole de Atenas, tinha uma cor vermelha, verde, azul e amarela. E muitas vezes as estátuas tinham não apenas lábios encravados, mas também olhos brilhando com pedras preciosas e sobrancelhas artificiais, o que teria um efeito muito estranho sobre nós. O mérito de Winckelmann consiste em colocar a ordem onde havia caos, introduzir o conhecimento onde havia apenas vislumbres e lendas; e, acima de tudo, porque abriu o caminho para o classicismo de Goethe e Schiller, descobrindo o mundo antigo e preparando para pesquisas futuras os instrumentos que um dia poderiam ser usados pelos arqueólogos para trazer para fora da escuridão dos tempos outras culturas que eram ainda mais antigas. .

Em 1768, retornando de uma viagem à sua terra natal e de volta à Itália, ele encontrou um italiano em um hotel em Trieste, sem suspeitar que havia lidado com um criminoso vulgar que havia sido punido várias vezes.

É legítimo supor que Winckelmann, devido ao seu temperamento comunicativo, estivesse inclinado a procurar a companhia daquele homem que era cozinheiro e co-proprietário, e a estabelecer uma amizade com ele que até se manifestava no fato de que eles comiam juntos na mesma sala. Winckelmann foi um dos convidados famosos do hotel. Sua riqueza em trajes e maneiras, que traiu um homem do mundo, acrescentou que, em alguma ocasião, ele mostrou algumas moedas de ouro, recebidas, aliás, em memória de uma platéia da imperatriz Maria Teresa, feita à italiana, cujo nome não era adequado para Arcangeli, prepare seu crime.

Na noite de 8 de junho de 1768, quando o sábio estava prestes a escrever algumas notas para a imprensa e, depois de tirar as roupas exteriores, estava sentado à sua mesa, o italiano entrou na sala, deu-lhe um corda em volta do pescoço e, na luta que se seguiu, ele conseguiu soltar seis barras mortais. Embora estivesse gravemente ferido, aquele homem robusto rastejou escada abaixo, e cheio de sangue e um rosto

lívido, despertou tanto terror no garçom e na garçonete que foi tarde demais para ajudá-lo.

Quando o sábio morreu poucas horas depois, uma folha de papel com as últimas palavras traçadas por sua mão foi encontrada em sua mesa: "deve ...", ele escrevera.

Escrevendo essas duas palavras, o assassino pegou a caneta da mão de um grande sábio, cortando a vida do fundador de uma nova ciência.

Mas seu trabalho produziu frutos. Em todo o mundo, seus discípulos surgiram. Dois séculos se passaram e os arqueólogos de Roma, Atenas e os grandes institutos arqueológicos continuam comemorando o "Dia de Winckelmann" no aniversário de seu nascimento: 9 de dezembro.

Capítulo III

Em busca dos traços da história

Se hoje abrirmos algum trabalho sobre a História da arte que nos apresenta reproduções da Antiguidade, seremos surpreendidos pouco ao refletir. Os autores desses volumes parecem não ter tido dificuldade em redigir o texto que aparece sob essas reproduções, com os dados mais precisos e indicações precisas de tais obras. Tal cabeça, que ele encontrou cavando um camponês da Campânia, é a de Augusto; Esta

estátua equestre representa Marco Aurelio; Este é o banqueiro Lucio Cecilio Jucundo; e mais exatamente ainda: este é o Apolo Saxoctonoso de Praxiteles; aquela, a amazônia de Polícleto, ou Zeus, sequestrando uma jovem adormecida, na decoração de um copo de Duris, sem assinatura.

Quem de nós hoje está pensando sobre como o autor chegou a esse conhecimento, por que ele pode afirmar com tanta certeza dados exatos sobre esculturas que não possuem a assinatura do autor ou da pessoa representada?

Quando visitamos nossos museus e admiramos as folhas amareladas de papiro meio destruídas e roídas ao longo dos séculos, fragmentos de vasos ou pratos com relevos, capitéis de colunas adornadas com figuras e sinais raros, ou hieróglifos e textos de escrita cuneiforme, nos damos Ele percebe que existem homens que sabem ler esses sinais, assim como lemos um jornal ou um livro. Mas será que apreciamos a riqueza de engenhosidade que teve que ser usada para desvendar o mistério de tais escritos e decifrá-los nessas línguas que ninguém estava escrevendo ou falando numa época em que o norte da Europa ainda era um país bárbaro? Vamos refletir: como foi possível dar sentido a esses sinais mortos? O mesmo acontece quando, folheando as obras de nossos historiadores, lemos a história dos povos antigos, cuja herança carregamos em fragmentos de nossa linguagem, em muitos de nossos costumes, nas obras de nossa cultura e em nosso sangue comum, apesar de sua vida. Já passou em regiões remotas e mergulha na noite mais escura. E, no entanto, lemos história, não lendas ou histórias, mas números e datas; aprendemos o nome de seus reis, sabemos como eles viviam em paz e guerra, como eram suas casas e templos; Estamos cientes de sua ascensão e declínio, de seus anos, meses e dias, apesar do fato de isso ter acontecido quando nosso calendário ainda não existia.

Onde essas idéias, precisão e segurança foram derivadas desses dados históricos?

Aqui, apenas tentamos expor o desenvolvimento da Arqueologia, ou seja, oferecer sua evolução objetivamente, sem antecipar nada. A maioria das questões que acabamos de levantar encontrará sua solução, por si só, no curso de nosso tratado. Para que a repetição não seja cansativa, também nos referiremos ao que ilumina as dificuldades e os métodos da Arqueologia.

O antiquário romano Augusto Jandolo conta em suas memórias como, quando criança, acompanhou o pai até a abertura de um sarcófago etrusco.

"Não foi fácil", diz ele, "levantar a tampa; mas finalmente ele se levantou e se levantou. Então ele caiu pesadamente para o outro lado. E no ato aconteceu algo que nunca esquecerei. Dentro do sarcófago, vi, descansando, o corpo de um jovem guerreiro totalmente armado. Elmo, lança, escudo, armadura. Repito que não vi o esqueleto, mas um corpo autêntico, perfeitamente modelado em todos os membros e estendido rigidamente, como se tivesse acabado de ser enterrado naquele momento. Foi um fenômeno que durou um instante. Então parecia que tudo estava se dissolvendo à luz das tochas. O capacete rolou para o lado direito; o escudo, que era completamente redondo, caiu no centro, onde o peito do cavaleiro estava ... Em contato com o ar, o corpo, que durante séculos permaneceu intacto no vácuo, desapareceu e foi reduzido a pó. ... e no ar e ao redor das tochas vimos as partículas de uma poeira dourada tremularem. »

Havia uma pessoa daquele país enigmático, cuja origem e procedência não conhecemos hoje. Um único olhar poderia dar aos descobridores o rosto, o corpo e instantaneamente

evaporado

irremediavelmente. Porque A

imprudência

dos

descobridores era a culpa.

Quando muito antes da descoberta de Pompéia as primeiras estátuas foram extraídas de terras clássicas, as pessoas sabiam o suficiente para não ver meros ídolos pagãos nas figuras nuas, mas pelo menos suspeitavam do valor de sua beleza e as colocavam nos palácios de os príncipes renascentistas, os poderosos governantes das cidades, os cardeais, os novos ricos e os condottieri. Mas eles eram vistos apenas como curiosidades e estava na moda colecioná-los. Pode muito bem acontecer que essa pessoa tenha uma bela estátua antiga ao lado de um embrião dissecado de uma criança monstruosa com duas cabeças; um antigo alívio próximo às penas de um pássaro que, segundo se diz, foi tocado na vida por São Francisco, o amigo dos pássaros.

Até o século passado, a ganância e o mal-entendido podiam ser enriquecidos por descobertas, e o que era encontrado podia ser destruído quando tal coisa prometia benefícios.

No Fórum, um local de encontro para os romanos, localizado ao redor do Capitólio, onde os edifícios mais esplêndidos estavam agrupados, fornos de cal queimados no século 16 e as pedras de templos antigos foram convertidas em materiais de construção. Lajes de mármore foram usadas para decorar as fontes; o Serapeum foi explodido com pó para aumentar alguns belos estábulos; as pedras dos banhos de Caracala tornaram-se objetos valiosos de venda e, mesmo em 1860, sob Pio IX, esse trabalho destrutivo continuou com o objetivo de decorar um edifício eclesiástico com elementos pagãos.

Os arqueólogos dos séculos 19 e 20 já estavam em frente a ruínas, onde monumentos inteiros poderiam ter servido como valioso testemunho.

Mas onde nada disso aconteceu, onde nenhuma mão profana interveio, onde nenhum ladrão procurou tesouros escondidos, onde o arqueólogo enfrentou um passado virgem - quão raramente isso aconteceu! -

surgiram dificuldades de outro tipo. Foi quando a arte de atuar começou.

Em 1856, os restos de um esqueleto foram descobertos em Dusseldorf. Quando nos referimos a esse esqueleto hoje, estamos falando sobre o homem neandertal. Quando descoberto, acreditava-se que eram os ossos de um animal. Somente Dr. Fuhlrott, professor do Instituto Elberfeld, interpretou corretamente a descoberta.

O professor Mayer de Bonn acreditava na época que os ossos pertenciam a um cossaco morto na frente em 1814. Wagner de Göttingen o chamava de velho holandês; Pruner-Bay, de Paris, disse que era um velho celta. Virchow, o grande médico cuja autoridade se manifestou de maneira tão imprudente muitas vezes, declarou que o esqueleto em questão pertencia a um velho que sofria de gota.

Cinqüenta anos se passaram antes que a ciência reconhecesse que o professor de Elberfeld estava certo.

É verdade que este exemplo corresponde mais à pesquisa pré-histórica e à antropologia de tumbas do que à arqueologia. No entanto, temos outro caso mais próximo da tentativa de ordem cronológica de uma das esculturas gregas mais famosas: o grupo Laocoon. Winckelmann acreditava que pertencia à época de Alexandre, o Grande; no século passado, foi considerada uma obra-prima da escola rodia, criada por volta de 150 a. J. C; outros a colocaram na primeira era imperial, e hoje sabemos que é obra dos escultores Agisandro, Polidoro e Atenodoro, de meados do século I aC. de JC

A interpretação, mesmo que o objeto de estudo não seja deteriorado, é difícil. Mas o que acontece se você também duvida da autenticidade do material?

Aqui está a piada da qual o professor Beringer, de Würzburg, foi vítima. Em 1726, foi publicado um livro dele, cujo título em latim salvamos o leitor, uma vez que ocupa uma página e meia, na qual ele falou de alguns fósseis encontrados por Beringer e seus alunos nas proximidades

de Würzburg. Eram flores, sapos, uma aranha caçando uma mosca - petrificada junto com sua vítima -, uma estrela do mar fossilizada, um crescente e tabuletas com sinais hebraicos. Em suma, uma mistura dos objetos mais estranhos. O livro teve inúmeras ilustrações tiradas da vida, reproduzidas em excelentes gravuras de cobre, era volumoso e, em seus comentários, frequentemente atacava os adversários do professor. Foi muito bem-sucedido e muito elogiado, até que a terrível verdade foi revelada. Os alunos do professor haviam lhe ensinado um truque para

"produzir" esses "fósseis" e depois colocá-los em locais onde o professor costumava cavar.

Mencionando Beringer, não devemos esquecer Doménech. Uma obra magnífica, de 228 chapas, conservada em uma cópia fac-símile em 1860 como Manuscrit pictographique américain, é mantida neste bom abade francês na Biblioteca do Arsenal de Paris . Mais tarde, descobriu-se que esses "desenhos indianos" eram esboços sujos retirados do caderno de esboços de um garoto americano, filho de pais alemães.

Alguém afirma que essas coisas podem acontecer apenas com Beringer ou Domenech? Bem, o grande Winckelmann também foi vítima de uma grande artimanha, caindo na armadilha do irmão de Casanova, que ilustrou o antichi de Monumenti para Winckelmann. Além deste trabalho, este Casanova fez três pinturas em Nápoles, uma das quais representava Júpiter e Ganimedes, e duas outras figuras femininas

dançantes. Ele os entregou a Winckelmann, alegando corajosamente que eles haviam sido destacados das paredes de uma casa em Pompéia e, para tornar sua tese mais plausível, contou uma fabulosa história de um oficial que os roubara secretamente em pedaços. Perigo de morte, noite escura, sombras dos túmulos. Casanova já conhecia todos os efeitos de uma etapa bem preparada. E Winckelmann acreditou em tudo!

Ele não apenas acreditava na autenticidade das pinturas, mas também em toda aquela história fantástica. No quinto livro de sua "História da arte na antiguidade", ele publicou uma descrição exata das descobertas, afirmando que especialmente o Ganímedes era uma pintura "como nunca antes vista". Era a única coisa que ele estava certo; Depois de Casanova, Winckelmann foi o primeiro a ver um trabalho assim! «O

favorito de Júpiter é, sem dúvida, uma das figuras mais bonitas que deixamos da Antiguidade, e seu rosto é incomparável; há tanta voluptuosidade nela que toda a sua existência parece um beijo leve.

Se Winckelmann, um homem crítico e perspicaz, foi enganado de tal maneira, quem pode ter certeza de que nunca está errado? Um arqueólogo russo moderno expôs de maneira inteligente as dificuldades das críticas arqueológicas, observando que, para uma estátua de mármore de Herculano relativamente simples, existem nove interpretações diferentes.

A arte de não ser enganada, o método de descobrir o autêntico entre as mais diversas características e de apontar o gênero e a história de uma obra, ou seja, a arte de interpretar uma obra, é chamada hermenêutica.

A bibliografia que trata exclusivamente da interpretação das descobertas clássicas mais famosas preenche bibliotecas inteiras. Sobre o mesmo assunto, podemos seguir algumas interpretações, desde o primeiro ensaio escrito por Winckelmann até as controvérsias dos estudiosos de hoje. Os arqueólogos procuram os restos das culturas antigas e, com a nitidez que poderíamos chamar de detetive, acumulam-se, muitas vezes literalmente, uma pedra após a outra até que a conclusão lógica seja evidente.

Seu trabalho é mais fácil do que o de um criminalista? Eles têm à sua frente objetos mortos simples que não exibem nenhuma atividade, que não agem conscientemente para dar pistas falsas, nem levam a pistas erradas. Obviamente, pedras mortas não são removidas de um estudo

cuidadoso. Mas que grau de falsificação pode ocorrer neles? Quantos erros aqueles que deram as primeiras notícias de uma descoberta fizeram? Não é possível para nenhum arqueólogo ver todos os restos em sua reprodução original, pois estão espalhados por toda a Europa e em museus ao redor do mundo. Hoje, a fotografia permite obter uma cópia exata, mas nem todos os objetos são fotografados; eles ainda precisam recorrer ao desenho subjetivamente desenhado, subjetivamente interpretado muitas vezes. E os desenhos frequentemente feitos por uma pessoa profana em mitologia e arqueologia são imprecisos, estão cheios de erros.

Em um sarcófago que hoje é guardado no museu do Louvre em Paris, há o grupo Amor y Psique, que quebrou a parte inferior do braço de Amor, mas não a mão, que é preservada e repousa sobre a bochecha. da psique. Nas publicações de dois

arqueólogos franceses, essa mão parece reproduzida como se fosse uma barba. Psique com barba!

Apesar da contradição latente desses desenhos, outro francês, editor de um catálogo do Louvre, escreve: "O escultor do sarcófago não entendeu esse grupo, pois sua psique, embora vestida de mulher, tem barba".

Vejamos outro exemplo em que talvez a confusão seja maior do que se tivesse sido deliberadamente apresentada.

Em Veneza, há um alívio onde, em uma sucessão de cenas, duas crianças são representadas dirigindo um carrinho arrastado por dois bezerros, enquanto uma mulher é vista em pé. O alívio foi concluído há cerca de 150 anos. Aqueles que a interpretaram na época assumiram que era uma ilustração plástica da conhecida história de Heródoto, segundo a qual a sacerdotisa de Hera, Cidipa, em certa ocasião, quando ela não possuía os bois que a levavam ao templo, foi levada para a sede dos deuses. por seus dois filhos, que se uniram voluntariamente ao jugo dos bois. Acrescenta-se que a mãe, emocionada, implorou aos deuses que seus filhos alcançassem a felicidade máxima que poderia ser

desfrutada na terra. E Hera, seguindo o duvidoso conselho dos deuses, matou os dois filhos de seu fiel servo, dizendo que uma doce morte no início da juventude é a suprema felicidade à qual se pode aspirar neste mundo.

E com base nessa interpretação, a escultura foi concluída. Um portão aos pés da mulher tornou-se um carrinho com rodas; o fim da corda vista na mão do filho tornou-se a barra do carro; os ornamentos ficaram mais ricos; os contornos foram completados; o alívio foi suavizado e, em seguida, novos detalhes se acumularam para essa interpretação. E com base nessa restauração, a data errada foi atribuída ao alívio; os ornamentos eram considerados pinturas e o templo como a dedicatória de uma tumba.

Bem, toda essa interpretação foi caprichosa, arbitrária.

Estava longe da ilustração do relato de Heródoto, uma vez que nunca foi

"ilustrado" na antiguidade. O carro é o resultado da invenção do artista que o restaurou e foi tão longe que atribuiu ornamentos às rodas que nunca foram conhecidas na antiguidade; a vara é pura invenção, assim como a trela que circunda o pescoço dos animais. Neste exemplo, vemos como uma descrição errada pode levar a caminhos completamente falsos.

Citamos Heródoto, ou seja, um escritor cuja obra ainda é para nós uma fonte viva de todas as referências nas datas, tanto em relação às obras de arte quanto a seus criadores. As obras de autores antigos, independentemente do tempo a que pertencem, são os pilares fundamentais da hermenêutica. Mas quantas vezes o arqueólogo foi enganado por eles! Os escritores espalham uma verdade superior à realidade simples, e não se baseiam apenas na História, mas tomam a mitologia em todas as suas formas como modelo e a transformam, adornando-a com seus próprios elementos, para que adquiram um valor artístico. Esse era o conceito do "historiador da antiguidade".

Os escritores, por discrição ou conveniência prática, mentem. Mas se entendermos "mentir" como liberdade poética, longe de qualquer precisão científica, os autores antigos não "mentiram" menos que os modernos. E, cansado, o arqueólogo

procura o caminho através do emaranhado espesso de suas reivindicações. Por exemplo, para datar a escultura dedicada ao Zeus Olímpico, a estátua mais famosa de Fídia, em ouro e marfim, é essencial saber algo sobre sua morte. Mas, nesse particular, temos as notícias mais contraditórias de Éforo, Diodoro, Plutarco e Filocoro. Alguns dizem que ele morreu na prisão; por outros, que ele escapou; alguns afirmam que ele foi executado em Elide, além de garantir que ele encontrasse um fim pacífico para seus dias lá. Um papiro descoberto e publicado em 1910 em Genebra confirma o relato de Philocoro.

Isso nos faz imaginar a resistência oferecida pelos objetos com os quais o arqueólogo deve enfrentar, não apenas sua picareta, mas também sua inteligência. Superaríamos os limites deste trabalho, que não pretende perder seu caráter agradável, se quiséssemos explicar métodos críticos, observação científica, design, descrição, interpretação pelo mito, textos literários, inscrições, moedas. e utensílios, a interpretação combinada, com base em outras imagens do local da descoberta, do local circundante ...

No entanto, para quem gosta de resolver quebra-cabeças ou testar sua sagacidade, é simples e divertido colocar o seguinte problema: Qual é o pentágono místico do dodecaedro?

Acrescentemos também que os arqueólogos mais notáveis ainda não encontraram uma resposta adequada.

É um objeto de bronze; Devido à sua forma externa, geometricamente, é um pentágono inscrito em um dodecaedro. No centro de cada superfície, há um orifício redondo de tamanhos diferentes, e o interior do objeto é oco. Os pontos em que esses espécimes foram encontrados

estão ao norte dos Alpes e as condições da descoberta sugerem uma origem romana.

Um intérprete vê um brinquedo no objeto enigmático; outro, um jogo de dados; um terceiro, um instrumento para medir corpos cilíndricos; o quarto, um lustre. O

que

é?

Capítulo IV

O CONTO DOS PEQUENOS TESOUROS ENCONTRADOS

O Mendigo

Agora, uma história. O menino mendigo que, aos sete anos de idade, sonhava em encontrar uma cidade e, trinta e nove anos depois, partiu, longe, procurando e procurando, e encontrou não apenas a cidade, mas também um tesouro, um tesouro tão maravilhoso quanto o mundo inteiro. . Nada disso havia sido visto desde as descobertas dos conquistadores do Novo Continente.

A história é a vida de Heinrich Schliemann, uma das figuras mais surpreendentes não apenas entre os arqueólogos, mas entre os homens.

A história começou assim. Era uma vez um menino que estava diante de um túmulo no cemitério de sua cidade natal, no norte da Alemanha, em Mecklenburg. Lá estava, enterrado, o maligno Hennig, chamado

Bradenkierl, que teria assado um pastor vivo e, além disso, quando ele foi assado, ele ainda o chutou. E para eliminar esse crime, dizia-se que, todos os anos, o pé esquerdo de Bradenkierl, vestindo uma meia fina de seda, aparecia do lado de fora do túmulo.

O garoto esperava ver tal prodígio, mas nada aconteceu lá. Então ela implorou ao pai que cavasse, para descobrir onde estava o famoso pé naquele ano.

Não muito longe dali havia uma colina que também teria enterrado um berço de ouro. O sacristão e sua madrinha haviam contado a ele. E o menino perguntou ao pai, um pastor pobre e mal vestido: "Como você não tem dinheiro, por que não desenterramos o berço?"

O pai explicou muitas histórias e lendas ao garoto. Ele também contou a ele, como um velho humanista, a luta dos heróis de Homero, de Paris e Helena, de Aquiles e de Hector, da forte Tróia, queimou e destruiu. No Natal de 1829, ele apresentou a

"História Universal Ilustrada" de Jerrers, onde havia uma foto de Enéias carregando seu filho pela mão e seu pai idoso nas costas, enquanto fugia do castelo em chamas. . O

garoto estava olhando para aquela foto e olhando para as paredes robustas e a gigantesca porta de Escea.

"Era assim que Troy era?"

O pai estava balançando a cabeça.

"E tudo isso foi destruído, completamente destruído?" E ninguém sabe onde foi localizado?

"Certo", respondeu o pai.

"Acho que não", disse o garoto Heinrich Schliemann. Quando eu crescer, encontrarei Tróia e o tesouro do rei!

E o pai estava rindo.

Esta não é uma história, nem mesmo é uma biografia sentimentalmente nova, como geralmente são feitas quando os homens se tornam famosos. O que Schliemann se propôs a fazer aos sete anos se tornou realidade. Ainda aos sessenta e um anos, quando já era uma escavadeira mundialmente famosa, ele se perguntava se teria que examinar o túmulo do mal Hennig, uma vez que por acaso ele retornou à sua aldeia natal.

E no prefácio de seu livro sobre Ítaca, ele escreveu:

"Em 1832, aos dez anos de idade, dei a meu pai, por ocasião do Natal, uma composição dos principais eventos da Guerra de Troia e das aventuras de Ulisses e Agamenon, sem suspeitar que trinta e seis anos depois Eu ofereceria ao público todo um tratado sobre o mesmo assunto, depois de ter tido a alegria de ver com meus próprios olhos o teatro daquela famosa guerra e a pátria de heróis cujo nome Homer imortalizou ".

"As primeiras impressões que uma criança recebe são gravadas para toda a vida."

Mas este estava encarregado de remover de seu espírito essas impressões provocadas por histórias de feitos clássicos. Aos quatorze anos, terminou os estudos e aprendeu em um supermercado na pequena cidade de Fürstenberg. Durante cinco anos e meio, ela vendeu arenque, conhaque, leite e sal no varejo, moendo batatas para destilação e esfregando o chão da loja. E assim, das cinco da manhã às onze da noite, todos os dias.

Ele esqueceu o que havia aprendido e o que o pai havia dito. Mas um dia um moleiro bêbado entrou na loja e, aproximando-se do balcão, recitou enfaticamente uma imitação épica.

Schliemann ouviu-o pasmo. Ele não entendeu uma palavra, mas quando descobriu que isso não passava de versos de Homero da Ilíada, aproveitou as economias e deu ao bêbado um copo de conhaque para cada "recital".

Então uma vida aventureira começou para ele. Em 1841 ele foi para Hamburgo e lá embarcou como garoto de cabine em um navio que navegava para a Venezuela. Após uma viagem de quinze dias, eclodiu uma terrível tempestade e, antes da ilha de Texel, o navio afundou e nosso homem, completamente exausto, encontrou seus ossos em um hospital. Por recomendação de um amigo de sua família, ele conseguiu um cargo de balconista em Amsterdã. E embora ele não tivesse conseguido viajar vastas regiões geográficas, ele conseguiu conquistar vastas áreas do espírito.

Em um sótão frio e frio, ele começou a estudar línguas modernas. Seguindo um método completamente incomum, criado por ele mesmo, em um ano ele aprendeu inglês e francês.

"Esses estudos pesados e extremos reforçaram minha memória de tal maneira que em um ano o estudo de holandês, espanhol, italiano e português parecia muito

fácil, e eu não precisei passar mais de seis semanas com cada um desses idiomas. falar e escrever fluentemente.

Ele foi facilmente promovido em seu trabalho e depois foi acusado de correspondência e contabilidade; A empresa em que trabalhava tinha relações comerciais com a Rússia, então em 1844, aos 22 anos, ele também começou a aprender russo. Ninguém em Amsterdã falava esse idioma difícil na época, e a única coisa que eles puderam encontrar para esse estudo foi uma gramática antiga, um dicionário e uma tradução incorreta de "Telêmaco".

Assim começaram seus estudos. Ele falou tão alto e recitou em voz tão baixa o seu "Telêmaco" russo que aprendeu de cor, jogando-o nas paredes nuas do quarto, que os outros inquilinos reclamaram e ele teve

que mudar de casa duas vezes. Finalmente, ocorreu-lhe que um "ouvinte", pelo menos, lhe conviria, e por quatro francos por semana ele exigia os serviços de um judeu pobre cuja missão era sentar em uma cadeira e ouvir o "Telêmaco" em russo. , apesar de tudo isso ele não entendeu uma palavra.

Finalmente, depois de seis semanas de esforços inéditos, Schliemann se tornou muito bem compreendido pelos comerciantes russos que participavam do leilão de índigo em Amsterdã.

O mesmo sucesso que em estudos, ele teve em seus negócios. Claro, ele teve sorte; Mas é necessário confessar que ele foi um dos poucos que sabe tirar proveito da oportunidade que a fortuna oferece a todos nós em algum momento da vida. Aquele filho de um pastor, mais tarde aprendiz de mercearia, naufragou e escrevia, mas agora um jovem poliglota de oito idiomas, logo se tornou um comerciante, primeiro e depois, subindo rapidamente, um homem do futuro que seguia direto na estrada. de fortuna e fama. Em 1846, aos 24 anos, foi agente de sua empresa para São Petersburgo e, um ano depois, fundou uma casa por conta própria.

Tudo isso não foi feito sem trabalho ou tempo. Por isso, nosso bom Schliemann lamenta:

"Somente em 1854 eu pude estudar sueco e polonês".

Ele fez mais viagens. Em 1850 ele estava na América do Norte, e quando a Califórnia se juntou

dos Estados Unidos, ele adquiriu a cidadania americana. A paixão pelo ouro, que o havia dominado como tantos outros, o levou a fundar um banco para o comércio de ouro. Mas então ele já era um grande cavalheiro que foi recebido pelo Presidente dos Estados Unidos.

"Às sete horas", ele nos diz, "fui ver o presidente dos Estados Unidos e disselhe que o desejo de visitar este país magnífico e conhecer seus grandes líderes havia me incentivado a fazer a viagem da Rússia; Por

isso, considerei meu primeiro e mais alto dever cumprimentá-lo. Ele me recebeu muito cordialmente, me apresentou sua esposa, filho e pai e passou uma hora e meia conversando comigo ".

Mas logo depois ele sofria de febre e, além disso, sua clientela perigosa o afligia, e ele voltou para São Petersburgo. Já dissemos que ele estava procurando ouro por esses anos, como Ludwig conta na biografia de nosso homem.

Mas, pelas cartas que ele escreveu na época, pelos seus próprios autógrafos, parece que sempre, e em toda parte, ele continuava acalentando o sonho de sua juventude: um dia ver os lugares distantes das façanhas homéricas e se dedicar à sua exploração. Essa paixão o deixou tão constrangido que sentiu uma vergonha estranha; Ele, que provavelmente era o maior gênio poliglota de sua época, sempre teve medo de se aproximar da língua grega, por medo de se perder em seu encanto e abandonar seus negócios antes de alcançar a base indispensável para o trabalho científico livre. E então, ele estava atrasando. Finalmente, em 1856, ele começou o estudo do grego moderno, que conseguiu dominar em seis semanas. E em mais três meses, ele superou as dificuldades do hexâmetro homérico. Mas com que impulso ele fez isso!

"Estou estudando Platão tão detalhadamente", disse ele, "que se o filósofo grego pudesse receber uma carta minha em seis semanas, certamente me entenderia".

Por duas vezes, nos anos que se seguiram, ele quase pisou no chão dos heróis homéricos. Em uma viagem para a segunda catarata do Nilo, através da Palestina, Síria e Grécia, uma súbita doença o impediu de visitar a ilha de Ithaca também. Digamos que, complementarmente, nessa viagem ele também aprendeu latim e árabe. Seu diário só pode ser lido pelos grandes poliglotas, já que ele sempre escrevia na língua do país em que estava.

Em 1864, prestes a visitar a planície de Troia, ele decidiu fazer uma viagem ao redor do mundo, que ele levou em dois anos, e cujos frutos foram seu primeiro livro, escrito em francês.

Ele era um homem livre então. Naquele filho de um pastor de Mecklenburg, ele havia desenvolvido um extraordinário sentido comercial feito de homem-homem (homem feito a si mesmo) , do tipo dos "pioneiros" americanos. Em uma carta, ele falou de "seu coração duro", quando em 1853 obteve grandes benefícios comerciais da Guerra da Criméia e da Guerra Civil Americana, e o mesmo um ano depois com a importação de chá. Ele sempre foi acompanhado pela deusa Fortuna. Durante a Guerra da Crimeia, e enquanto apressava dois transbordos de carga em Memel, um incêndio eclodiu nos galpões do porto e toda a mercadoria depositada foi destruída. Somente Heinrich Schliemann's foi salvo, que devido à falta de espaço havia sido armazenado separadamente em um galpão de madeira.

Então ele conseguiu escrever, com uma modéstia de expressão que revelava muito orgulho: "O céu abençoou milagrosamente meus empreendimentos comerciais, de modo que no final de 1863 eu tive uma fortuna que nem minha ambição mais exagerada poderia ter sonhado". Depois dessas linhas, chega um parágrafo que, devido à sua naturalidade, nos parece incrível, uma consequência completamente implausível, porque obedeceu a uma lógica que apenas Heinrich Schliemann entendia. "Portanto", ele disse simplesmente, "eu me retirei do ramo para me dedicar exclusivamente aos estudos que mais me entusiasmaram".

Em 1868, mudou-se para Ithaca, pelo Peloponeso e pelo Tróade. Em 31 de dezembro do mesmo ano, está datado o prólogo de seu livro "Ithaca", cuja legenda diz:

"Investigações arqueológicas de Heinrich Schliemann".

Uma fotografia dele, tirada durante sua estadia em São Petersburgo, é preservada. Nele você vê um homem vestido com um casaco de pele pesado. No verso, ele usa a dedicação arrogante com que a enviou à esposa de um guarda florestal que ele conhecera quando criança: "Fotografia de Henry Schliemann, ex-aprendiz do senhor Hückstaedt, em Fürstenberg, e agora um comerciante de primeira classe em São Petersburgo, cidadão honorário Russo, juiz nos tribunais comerciais de São Petersburgo e diretor do Banco Imperial do Estado de São Petersburgo ».

Não parece uma história que um homem que tem em suas mãos os maiores triunfos comerciais abandone seus negócios para seguir o caminho dos sonhos em sua juventude? Que um homem - e com ele chegamos ao novo episódio daquela grande vida - ousa, com a única bagagem de seu Homer, desafiar o mundo científico que não acreditava em Homer e, ignorando as penas dos mais famosos Os filólogos preferem esclarecer com a picareta que centenas de livros que apareceram até então haviam enredado?

Homer, de fato, era considerado na época de Schliemann o cantor simples de um mundo longínquo, mas ele duvidava de sua existência e do que isso se relacionava, e os sábios da época não se encaixavam no conceito que foi depois expresso quando ele foi ousadamente chamado "o primeiro correspondente de guerra". O valor histórico de seu relato da luta em torno do castelo de Príamo era considerado igual ao dos feitos antigos e ele até acreditava que pertencia ao mundo sombrio da mitologia.

A Ilíada não começa dizendo que "Apolo que atinge a marca de longe" envia uma doença mortal às fileiras dos Acausos? Será que o próprio Zeus não intervém na luta, como Hera, "aquele com os braços do lírio"? Os deuses não se tornam pessoas e são vulneráveis como estes, e até a deusa Afrodite sofre uma ferida de lança?

Mitologia ou lenda, é claro, cheia do brilho divino de um dos maiores poetas; mas poesia e lenda, fantasia, nada mais.

Vamos continuar quietos. A Grécia da Ilíada deve ter sido um país de grande cultura. Mas no momento em que os gregos entraram na luz da nossa história, eles se apresentaram para nós como um povo insignificante que não se distinguia nem pelo esplendor de seus palácios, nem pelo poder dos reis, nem pelas frotas compostas de milhares de pessoas. navios. Tudo isso contribuiu, portanto, para afirmar a crença em uma inspiração fantástica do homem Homero, imaginando um tempo de alta civilização que teria sido seguido por outro de descida à barbárie, e disso teria voltado ao topo da cultura clássica que conhecemos. Por mais lógicas e fundamentadas que fossem essas idéias, não o fizeram desistir de sua fé no mundo homérico. Para ele, tudo o que ele lia em seu Homer era pura realidade; o mesmo aos quarenta e seis anos de idade, quando ele era criança e sonhava com a reprodução ingênua dos fugitivos Enéias.

Ao ler na descrição do escudo gorgônico de Agamenon que a alça do escudo tinha a aparência de uma cobra de três cabeças e saber como eram os tanques de

batalha, armas e outros utensílios que foram descritos lá com todos os detalhes, ele não tinha dúvida de que tinha diante de si a descrição de uma verdadeira realidade da história grega. Todos aqueles heróis, Aquiles e Pátroclo, Heitor e Enéias, suas façanhas, amizades, ódio e amor, poderiam ser apenas invenções?

Ele acreditava na existência real de tudo isso e sua crença incluía toda a antiguidade helênica e os grandes historiadores Heródoto e Tucídides, que sempre acreditaram que a Guerra de Troia havia sido um evento histórico e consideravam todos os que haviam participado dela como personalidades. histórico.

Com essa convicção, o já milionário Heinrich Schliemann, aos quarenta e seis anos, não se mudou para a Grécia moderna, mas foi diretamente para o reino dos Acaus. Lembremos a história de que, para afirmar sua fé e evitar seu entusiasmo, em seu primeiro encontro com um ferrador

de Ítaca, ele o apresentou à sua esposa, cujo nome era Penelope, e a seus dois filhos, Ulisses e Telêmaco.

Parece implausível, mas aconteceu assim: na praça da cidade, eu estava sentado, uma noite, aquele estrangeiro estranho e rico que estava lendo para os descendentes daqueles que haviam morrido três mil anos atrás a canção da odisseia na XXIII . Emoção o venceu e ele chorou; e com ele os presentes, homens e mulheres, choraram.

Apesar de tudo, é incrível o que aconteceu então. Pois em que outros casos da história o simples entusiasmo levou ao sucesso?

A chance, que a longo prazo apenas sorri na melhor das hipóteses, não é aplicável aqui. Para Schliemann, no sentido estrito da arqueologia como ciência, não era um especialista, isto é, um homem de grande conhecimento, pelo menos nos primeiros anos de seu trabalho de investigação. E, no entanto, a sorte o favoreceu como nenhum outro.

A maioria dos sábios contemporâneos designou como o suposto local onde Tróia havia surgido, se realmente existiu, a pequena cidade de Bunarbashi, que só se distinguia ainda hoje por ter em cada uma de suas casas até doze ninhos cegonha. Mas havia também duas fontes que levaram arqueólogos ousados a acreditar que Tróia realmente existia lá.

"Existem duas fontes fofocas que dão origem a dois afluentes do turbulento Escamandro. Aquele sempre flui água quente, como a fumaça do fogo ardente; o outro é sempre frio como granizo, mesmo no verão e no inverno carrega pedaços de gelo ".

Dados que Homero nos deixou na canção XXII da Ilíada, versículos 147 a 152.

Schliemann contratou um guia para quarenta e cinco piastras, montou um hack sem rédeas ou sela e deu uma primeira olhada no país de seus

devaneios juvenis.

"Confesso que foi difícil controlar minha emoção quando vi diante de mim a vasta planície de Tróia, cuja aparência eu já sonhara na minha infância".

Mas esse primeiro olhar lhe disse, no entanto, que aquele não podia ser o lugar da antiga Tróia, tão longe quanto estava, a três horas da costa, enquanto os heróis de Homer podiam correr diariamente de seus navios várias vezes. para o castelo. E naquela colina, o castelo de Príamo poderia estar com seus sessenta e dois quartos, suas paredes ciclópicas e o caminho onde o famoso cavalo de madeira do astuto Ulisses fora trazido para a cidade?

Schliemann estudou a localização das fontes e balançou a cabeça. Em um espaço de quinhentos metros, ele não contou dois, como Homer disse, mas trinta e quatro. E seu guia ainda fingia que ele havia contado errado, já que tinham quarenta anos, então esse lugar se chamava "Kirk Gios", ou seja, "os quarenta olhos".

Homer não falou de uma fonte quente e fria? Schliemann, que tocava seu Homer literalmente, tirou o termômetro do bolso, mergulhou-o em cada uma das 34

fontes e encontrou a mesma temperatura de dezessete graus e meio no total.

Vislumbrei ainda mais. Ele abriu a Ilíada e leu os versos onde a terrível luta de Aquiles contra Hector é narrada; como Hector fugiu do "ousado corredor" e como ele percorreu a fortaleza de Príam três vezes enquanto os deuses o observavam.

Schliemann percorreu o caminho descrito e encontrou uma ladeira tão íngreme que foi forçado a escalá-la de quatro. Isso o confirmou em sua convicção de que Homer, cuja descrição do país lhe parecia uma verdadeira topografia militar, nunca poderia ter pensado em fazer seus heróis subirem três vezes para cima e, além disso,

"correrem".

E com o relógio em uma mão e o livro de Homer na outra, ele caminhou e refez o caminho entre a colina onde Tróia deveria ter sido encontrada e os montes na costa, ao lado dos quais se dizia que os navios da Acaia se abrigavam. Ele lembrou o primeiro dia de combate da luta de Tróia, conforme descrito pelas segunda a sétima canções da Ilíada, e observou que, se Tróia tivesse sido localizada em Bunarbashi, os Acaus, em nove horas de combate, teriam percorrido oitenta e quatro quilômetros .

A completa justificativa de suas dúvidas sobre a tese de que Tróia estivera lá a encontrou na ausência de qualquer vestígio de ruína, incluindo aquelas peças de cerâmica cuja frequência alguém declarou:

«A partir das descobertas das tumbas feitas pelos arqueólogos, parece à primeira vista que os povos antigos estavam preocupados apenas com a produção de embarcações e, pouco antes de seu declínio, eles se dedicaram a quebrar todos eles, transformando as peças mais bonitas em uma espécie de quebra-cabeça . »

"Micenas e Tirinto", escreveu Schliemann em 1868, "foram destruídas há 2,335

anos e, no entanto, as ruínas que foram encontradas são de tal natureza que certamente ainda durarão cerca de 10.000 anos". Tróia foi destruída 722 anos antes. Não é possível que as paredes ciclópicas desapareçam sem deixar vestígios e, apesar de tudo, não havia o menor resto da parede ali.

Ai sim; mas não em outro lugar, e esses restos desejados foram apresentados à vista do explorador entre as ruínas de New Ilion, uma cidade agora chamada Hissarlik, que significa palácio, localizada duas horas e meia no caminho ao norte de Bunarbashi,

e apenas uma hora de distância da costa. Por duas vezes Schliemann admirou o topo daquela colina que parecia um planalto quadrado e

quadrado, a 233 metros de lado. Então ele estava convencido de que havia encontrado Tróia. Ele estava reunindo evidências. E ele descobriu que não era apenas ele quem tinha essa convicção, embora muito poucos a compartilhassem. Por exemplo, um deles era Frank Calven, vice-cônsul americano, de nascimento inglês, proprietário de uma parte do monte Hissarlik, onde era dono de uma vila, e havia realizado algumas escavações que o levaram à mesma teoria de Schliemann, mas sem venha com outras consequências. Outros também foram o pesquisador escocês C. MacLaren e o alemão Eckenbrecher, cujas vozes ninguém ouviu.

Mas onde deixamos as famosas fontes de Homero, o principal argumento da teoria de Bunarbashi? Schliemann teve um momento de hesitação quando viu que o oposto estava acontecendo lá do que em Bunarbashi, porque neste novo lugar ele não encontrou fonte, enquanto lá encontrara trinta e quatro. Ele usou a observação de Calvert: com o tempo, as fontes de água quente geralmente desaparecem no solo vulcânico e às vezes aparecem novamente. Outra observação secundária eliminou as dúvidas que até então os sábios consideravam tão importantes. E, além disso, o que serviu como argumento negativo lá, serviu como evidência aqui. A luta de perseguição entre Hector e Aquiles não era mais implausível, pois as encostas da colina se estendiam suavemente por aqui. Aqui eles teriam que viajar quinze quilômetros para percorrer a cidade três vezes, e isso, por sua própria experiência, não parecia mais muito para um guerreiro animado pelo ardor de um combate feroz.

Novamente, a opinião dos antigos era mais valiosa para ele do que a ciência da época. Heródoto dissera que Xerxes havia aparecido em New Ilion, inspecionara os restos do "Pérgamo de Priamo" e sacrificara mil bezerros ao Iliac Minerva.

Segundo Xenofonte, o líder militar de Lacedaemonia, Mindaro, fez o mesmo. Assim como, segundo Arriano, Alexandre, o Grande, não satisfeito com os sacrifícios, também pegou armas de Troia e as carregou por sua guarda pessoal para combater como um símbolo

mágico da fortuna. E o próprio César não estava preocupado com Ilium Novum, em parte porque admirava Alexandre, e em parte também porque se considerava um descendente dos troianos?

É possível que todos eles tenham perseguido apenas um sonho ou notícias falsas de seu tempo?

Mas no final deste capítulo, no qual Schliemann estava acumulando evidências, ele deixou de lado toda erudição, olhou maravilhado para a paisagem e escreveu como ele, sem dúvida, exclamou quando criança: «... assim, posso acrescentar que dificilmente se põe um passo na planície de Tróia, você fica impressionado ao ver a bela colina Hissarlik, que por sua natureza seria predestinada a apoiar uma grande cidade com sua cidadela. De fato, essa posição, sendo fortificada, dominaria toda a planície de Tróia e em toda a paisagem não há um único ponto que possa ser comparado a ela.

"De Hissarlik, você também pode ver o Monte Ida, de cujo topo Júpiter dominou a cidade de Tróia."

Assim, ele empreendeu seu trabalho com a determinação de alguém que está absorvido em sua tarefa.

Toda a energia que transformara o aprendiz de mercearia em um milionário agora era aplicada à realização de um sonho distante.

E incansável, ele usou todos os seus meios materiais e suas próprias energias.

Em 1869, casou-se com a grega Sofia Engastrómenos, bonita como a imagem que tinha de Helena, que logo se entregou completamente, como ele, à grande tarefa de encontrar o país de Homero; juntos, eles compartilhavam o cansaço, as dificuldades e as adversidades, que não faltavam.

Em abril de 1870, iniciaram suas escavações, que em 1871 duraram dois meses e, nos dois anos seguintes, quatro meses e meio em cada uma. Ele tinha cerca de cem trabalhadores à sua disposição. Ele estava inquieto, impaciente e nada o deteve; nem a febre da malária que os mosquitos transportavam dos pântanos, nem a falta de água, nem a rebelião dos trabalhadores, nem a lentidão das autoridades e a falta de entendimento dos cientistas de todo o mundo, que o consideravam um louco. ou pior.

No topo da cidade, o templo de Atena havia sido erguido; Poseidon e Apolo construíram o muro de Pérgamo. Assim disse Homer.

Portanto, no meio da colina, o templo deve se erguer, e ao redor dela, com seus fundamentos bem pregados no chão, o muro dos deuses. Ele começou a cavar na colina e encontrou resistência nas paredes que lhe pareciam insignificantes; e, de fato, ele superou essa resistência derrubando-as. Ele encontrou armas, utensílios domésticos, jóias e óculos, testemunhos irrefutáveis de que uma cidade rica existia ali; mas ele encontraria outra coisa que faria o nome Heinrich Schliemann soar o mundo pela primeira vez. Sob as ruínas do Novo Ilion, ele encontrou outras ruínas, e sob essas, ainda outras, já que aquela colina mágica parecia uma imensa cebola cujas camadas teriam que ser arrancadas uma após a outra. E cada uma dessas camadas parecia ter sido habitada em momentos muito diferentes; Nelas moravam aldeias que depois desapareceram; ali as cidades foram construídas e desabaram, a espada e o fogo dominaram, mas uma civilização sucedeu a outra, e cada vez uma nova cidade de seres vivos ressurgia acima da antiga cidade dos mortos.

Cada dia trazia uma nova surpresa. Schliemann fora procurar a Tróia Homérica; mas ao longo dos anos, ele e seus associados encontraram sete cidades enterradas e mais duas outras! Nove olha para um mundo insuspeito e sobre o qual ninguém tinha notícias.

Mas qual dessas nove cidades era a Tróia de Homero, a Tróia dos heróis e da luta heróica? Ficou claro que a camada mais profunda era pré-

histórica, a mais antiga, tão antiga que seus habitantes ainda não conheciam o uso do metal, e que a camada com a maior superfície da terra tinha que ser a mais recente, salvando os restos do Novo Ilion, onde Xerxes e Alexandre haviam se sacrificado aos deuses.

Schliemann cavou e procurou. E nas penúltima e antepenúltima camadas ele encontrou vestígios de fogo, ruínas de fortes fortificações e restos de uma porta

gigantesca. Então ele teve certeza: aquelas fortificações eram as que cercavam o palácio de Príamo, e aquela era a famosa porta Escea.

E ele estava encontrando tesouros, tesouros, do ponto de vista científico. Pelo que ele se referiu à sua casa e o que ele deu aos especialistas para sua avaliação, ele continuou delineando a imagem de um tempo distante, de uma pintura finalizada na qual todos os detalhes foram distinguidos.

Esse foi o triunfo de Heinrich Schliemann, mas também o de Homer. O que havia sido lenda e mitologia, atribuído à fantasia do poeta, talvez uma obra anônima personificada em um ser inexistente, adquiriu uma realidade vigorosa quando sua existência foi demonstrada.

Uma onda de entusiasmo se espalhou pelo mundo. E para Schliemann, que com seus trabalhadores havia removido mais de 25.000 metros cúbicos de terra, parecia-lhe que ele tinha o direito de respirar um pouco. Ele começou a direcionar o olhar para outras tarefas. E ele indicou a data de 15 de junho de 1873 como o penúltimo dia das escavações. E então, um dia antes de dar o último golpe de pico, encontrou o que coroaria seu trabalho com legítimo brilho dourado, inundando o mundo com admiração.

O evento foi extremamente dramático, tanto que até hoje causa descrença para aqueles que lêem essa descoberta. Era nas primeiras horas de um dia quente. Schliemann, como sempre, inspecionou as

escavações com a esposa, convencido de que não encontraria mais nada de importante, mas, apesar de tudo, continuou o trabalho, cheio de atenção. Chegara a uns vinte e oito metros daquelas paredes que Schliemann atribuía ao palácio de Priam, quando seu olhar repentinamente se fixou em um ponto que tanto animava sua fantasia que ele foi imediatamente obrigado a agir sob uma sensação violenta. E quem sabe o que esses trabalhadores teriam feito se tivessem sido os primeiros a ver o que Schliemann viu! Ele pegou a esposa pelo braço e murmurou:

-Ouro!

Ela olhou para ele com espanto.

-Em breve! Ele disse: "envie os trabalhadores para casa imediatamente".

"Mas ..." o belo grego começou.

- Nada mais; diga a eles o que você pensa; que é meu aniversário, que você se lembrou de repente ... e que todo mundo tem que comemorar com um dia de folga. Mas logo, muito em breve.

Os trabalhadores foram embora.

-Rapidamente! Vá encontrar seu lenço vermelho - gritou Schliemann, pulando na cova e cavando como um louco com uma faca. Enormes massas de pedra, escombros

de milhares de anos, pairavam cada vez mais ameaçadoramente acima de sua cabeça. Mas ele não estava preocupado com o perigo.

Com maior entusiasmo, ele separou o tesouro com uma faca, algo que não era fácil sem grande esforço e maior perigo de vida, já que a grande muralha da fortificação sob a qual ele tinha que cavar ameaçava enterrá-lo a todo momento. "Mas diante de tantos objetos, cada um dos quais com imenso valor, fiquei ousado e não pensei em nenhum perigo", diz ele.

O marfim brilhava discretamente; ouro tilintou. Sua esposa estendeu o lenço e estava coberto de tesouros inestimáveis.

O tesouro de Priam! O tesouro de ouro de um dos reis mais poderosos dos primeiros tempos, amassado com sangue e lágrimas; as jóias de pessoas como deuses, um tesouro enterrado por três mil anos e trouxe à luz um novo dia sob os muros de sete reinos esquecidos! Schliemann não duvidou nem por um momento de ter encontrado o tesouro. Mas, pouco antes de sua morte, foi demonstrado que ele havia sido levado pela intoxicação de seu entusiasmo e que a Tróia Homérica não correspondia à segunda ou terceira camada, mas à sexta, contando a mais antiga, e que o tesouro pertencia a um soberano mil anos mais antigo que Príamo.

Os cônjuges escondiam essas riquezas em uma cabana, como se fossem ladrões. E então chegou o momento em que o tesouro foi derramado sobre uma mesa de madeira áspera. Havia bandanas e pulseiras, correntes, fechos e botões, fíbulas, cobras e fios.

Provavelmente, algum membro da família de Priam manteve esse tesouro em uma caixa, às pressas, sem tempo para jogar a chave, e na parede deve ter sido atingido por alguma mão inimiga ou pelo fogo, e ele seria forçado a abandonar a caixa, foi instantaneamente coberto por cinco ou seis pés de cinzas e pedras ardentes do palácio em colapso.

E Schliemann, o sonhador, pega alguns brincos e um colar e os coloca em sua jovem esposa.

Três mil jóias de ano para aquela mulher grega que não tem mais de vinte anos!

Encantado, ele a olha.

"Helena!" Ele murmura.

Mas para onde ir com esse tesouro? Schliemann não pode esconder isso, e as notícias da descoberta são divulgadas. Usando meios

aleatórios, ele pega o tesouro com a ajuda de parentes de sua esposa e o leva a Atenas, e de lá para outra parte. Quando, por ordem do governador turco, a casa de Schliemann é tomada, as autoridades não encontram mais nenhum vestígio de ouro nela.

Ele é um ladrão? A legislação turca sobre descobertas antigas estava aberta a muitas interpretações. Houve um capricho. É motivo de admiração ou surpresa que o homem que havia dado a vida a um sonho, quando foi coroado com triunfo, tentasse guardar esse tesouro para si e para a ciência da Europa?

Setenta anos antes, Thomas Bruce, conde de Elgin e Kincardine, não agira de maneira semelhante com um tesouro muito diferente? Atenas, então, ainda era turca. Lord Elgin recebeu uma assinatura contendo a observação "de que ninguém deveria impedir você de remover da Acrópole qualquer pedra com inscrições ou figuras". Elgin interpretou essa frase de maneira muito ampla, e duzentas gavetas cheias do tesouro do Parthenon foram enviadas para Londres. Durante anos, o direito de posse desses maravilhosos exemplos da arte grega foi discutido. A aquisição custou à Lord Elgin £ 74.240. Quando essa coleção foi comprada em 1816 por resolução do Parlamento, ele nem sequer recebeu metade, ou £ 35.000!

Quando Schliemann removeu o "tesouro de Príamo", ele se sentiu no auge de sua vida. Um triunfo tão retumbante poderia ser superado?

Capítulo V

MÁSCARA AGAMENÓN

Há vidas que colhem sucessos em uma quantidade tão implausível, que aqueles que mais tarde os contemplam devem tomar cuidado para não sofrer exageros literários e não usar todos os superlativos desde o início, porque depois se tornam cada vez mais necessários. Mas há também alguns que já são superlativos desde o início. E um deles é o de Heinrich Schliemann, cujo personagem fantástico e ficcional está nos mostrando cada vez mais surpreendente. Seus triunfos arqueológicos atingem três clímax, o primeiro dos quais foi a descoberta do "Tesouro de Príamo", e a exploração dos túmulos reais micênicos foi o segundo.

Um dos capítulos mais sombrios e sublimes da humanidade grega, cheio de tragédia, é a história dos Pelópides, em Micenas, a história do retorno e da morte de Agamenon. Por dez anos, Agamenon estava lutando contra Tróia, e Egisto se aproveitou dessa circunstância.

"Enquanto estávamos lá realizando tais feitos, ele permaneceu sentado em um canto de Argos, onde os cavalos pastam, calmos e sedutores com palavras lisonjeiras, a mulher de Agamenon."

Egisto colocou um guarda de vinte homens que anunciavam a volta do marido e depois ofereceu a Agamenon um banquete com más intenções. «E depois da refeição, ele foi morto pela mesma coisa que o touro é morto na manjedoura. Nenhum dos amigos de Agamenon conseguiu escapar, todos que o haviam seguido pereceram.

" Depois de oito anos, Orestes, seu filho e vingador, apareceu e matou Clitemnestra, a mãe criminosa, e Egisto, o assassino de seu pai.

Todos os autores trágicos usaram essa conta. Já a tragédia imponente de Ésquilo lida com o assunto de Agamenon, e até o escritor francês Jean Paul Sartre escreveu em nossos dias um drama que lida com o problema de Orestes. A memória daquele "rei dos homens", que tinha sido um dos mais ricos e poderosos, aquele homem que dominava o Peloponeso, nunca se perdeu.

No entanto, não só havia uma Micenas sangrenta, mas também havia as Micenas douradas. Segundo Homer, Troy era rico, mas Micenas era

ainda mais rica e a palavra

"ouro" era o adjetivo que sempre o acompanhava em sua narração. Schliemann estava satisfeito com o "tesouro de Príamo", mas isso o encorajou a procurar outro tesouro. E -

que ninguém acreditava provável - ele encontrou. Micenas está localizada "no último canto de Argos, onde os cavalos pastam", a meio caminho entre Argos e o istmo de Corinto. Se você olhar para o antigo palácio real do oeste, poderá ver um campo de escombros, restos de paredes gigantescas, atrás das quais, primeiro em uma encosta suave, depois em uma colina muito íngreme, sobe a montanha Euboea com o santuário do profeta Elias.

Aproximadamente no ano 170 de nossa era, Pausanias percorreu o país anotando o que viu. E naquela época esse espetáculo foi muito mais impressionante do que o que agora era oferecido aos olhos de Schliemann. No entanto, o arqueólogo distinguiu um detalhe que dava mais valor a essa visão do que a primeira impressão que

teve da área de Tróia: o local onde estavam as antigas Micenas era bem determinado. Lá, cordeiros pastavam onde monarcas reinavam; mas as ruínas deram testemunho claro do antigo esplendor e magnificência.

A "Puerta de los Leones", a entrada principal do palácio, foi oferecida sem obstruções diante do olhar do caminhante atônito, bem como dos chamados "tesouros", que às vezes eram confundidos com fornos, entre eles os mais famosos, o de Atreus, o primeiro pelópido, pai de Agamenon. A cripta tem mais de treze metros de altura, formando uma cúpula, e nela uma abóbada arrojada de pedras ciclópicas é sustentada sem qualquer ligamento.

Vários escritores antigos descreveram esse lugar para Schliemann como o dos túmulos de Agamenon e seus companheiros mortos com ele. A posição do castelo era clara, mas não a das sepulturas. E, assim como Schliemann havia achado a posição de Tróia opondo-se à opinião de todos os sábios, contando apenas com seu Homero, dessa vez também

ele se baseou em um determinado parágrafo de Pausanias, alegando que todos os estudiosos erraram nesse ponto. traduzindo e interpretando mal. Enquanto até então havia sido assumido - dois dos arqueólogos mais prestigiados, o inglês Dodwell e o alemão Curtius - que Pausanias descreveu o local dos túmulos colocando-os fora do recinto da fortaleza, Schliemann alegou que eles deveriam estar dentro . Já em seu livro sobre Ítaca, ele havia expressado tal opinião, demonstrando assim mais fé nos escritos antigos do que reflexão científica e julgamento crítico. Mas isso parece ter pouca importância em tais assuntos, já que nas duas vezes, pela força da escavação, sua picareta provou que ele estava certo.

"Comecei o grande trabalho em 7 de agosto de 1876 com sessenta e três trabalhadores ... Desde 19 de agosto, continuo as escavações com uma média de cento e vinte e cinco e com quatro carrinhos de mão, fazendo um bom progresso."

De fato, a primeira coisa que ele descobriu, depois de um número imenso de potes e mais potes, foi um círculo estranho, formado por uma fileira dupla de montes de pedras colocados verticalmente. Schliemann não hesitou em que a ágora redonda de Micenas aparecesse ali , especialmente quando ele viu o banco, também redondo, localizado dentro daquele estranho círculo de pedra, onde os sublimes do castelo haviam se sentado nas reuniões do conselho e da assembléia. Justiça; onde estava o mensageiro de Eurípides, que na tragédia Electra chamou o povo para a ágora.

Alguns de seus amigos "conhecedores" confirmam isso. E quando ele encontrou em Pausanias, referindo-se a outra ágora, a frase: "Aqui foram realizadas as reuniões e os conselhos, e foi deliberado, para que o túmulo do herói estivesse dentro da mesma praça da assembléia", ele Ele já sabia pelo valor de face, com a evidência de sonambulismo que o levara por seis cidades ao "tesouro de Príamo", que na época estava no mesmo túmulo de Agamenon.

E quando ele encontrou nove túmulos, cinco na forma de um poço dentro do castelo e quatro com uma cúpula, cem anos mais moderna, fora dela - quinze são agora conhecidos no total - e entre eles ele encontrou quatro com relevos bem preservados.

todas as suas dúvidas foram dissipadas, a prudência do cientista desapareceu e ele escreveu: «Não hesito nem um pouco em anunciar que aqui encontrei os túmulos que

Pausanias, seguindo a tradição, atribui a Atreus, o rei dos homens Agamenon, Eurimedonte, seu motorista, Kassandra e seus companheiros ».

Enquanto isso, o trabalho no tesouro perto da "Puerta de los Leones" estava progredindo lentamente. Os detritos duros dificultam a escavação. Mas ali também sua segurança iluminada se mostrou útil: "Estou convencido de que a tradição, segundo a qual esses edifícios misteriosos serviam de armazém para guardar os tesouros dos reis antigos, é completamente autêntica".

E as primeiras descobertas feitas entre os escombros que ele teve que remover para limpar a entrada, já superam em detalhes de forma, beleza de execução e qualidade do material usado, tudo o que ele encontrou do mesmo tipo e material em Troia. Fragmentos de frisos, vidros pintados, imagens de Hera em argila queimada, matrizes de pedra esculpida para derreter as jóias "provavelmente todas de ouro e prata"

- encerraram imediatamente nossa escavadora de tesouros - ornamentos de argila vitrificada, pérolas de cristal e pedras preciosas.

A profundidade da terra removida por seus trabalhadores esclarece isso para nós com esta observação: «Assim que minhas escavações progridem um pouco, não encontro em nenhum lugar um fosso com mais de seis metros de profundidade, e isso apenas ao lado do grande

parede circular; porque dali a rocha se eleva rapidamente e a profundidade das escavações é ainda menor: entre treze e vinte pés ».

Mas o trabalho valeu a pena.

Em suas anotações, em 6 de dezembro de 1876, Schliemann aponta a descoberta do primeiro túmulo. A escavação teve que ser feita com o máximo cuidado. Durante vinte e cinco dias, Sofia, sua infatigável colaboradora, ficou de joelhos, coçando com um canivete ou coçando o chão com as mãos. Então eles encontraram cinco sepulturas, nas quais quinze esqueletos estavam. Eles enviaram um telegrama ao rei da Grécia:

"Com extraordinária alegria, comunico a Sua Majestade que descobri os túmulos que, segundo a tradição, correspondem a Agamenon, Cassandra, Eurimedonte e seus companheiros, assassinados durante o famoso banquete por Clitemnestra e seu amante Egisto."

É imaginar a emoção de Schliemann quando, pouco a pouco, ele estava descobrindo os esqueletos daqueles que todos consideravam seres mitológicos, o mesmo que os heróis que lutaram antes de Tróia; ou ao ver aqueles crânios roídos pelos séculos, mas ainda reconhecíveis, com as órbitas dos olhos vazios, ausentes neles o belo nariz helênico, a boca torcida em uma careta horrível como sob a impressão do crime vivido no último momento. Ossos, apenas ossos onde a carne palpitava, belas pulseiras brilhavam e usavam belas jóias, ossos de pessoas que viveram há mais de dois milênios atrás, mas das quais o eco de seus ódios e paixões ainda persistia.

Para Schliemann, não havia dúvida. E, de fato, havia muitas razões que pareciam confirmar sua crença. "Esses corpos eram realmente carregados de jóias e ouro", escreveu ele. É possível que meros mortais tenham sido enterrados com tais tesouros? E ele encontrou armas, armas ricas e preciosas, aquelas com as quais os que estavam ali estavam equipados contra todos os eventos no mundo das sombras.

Tudo indicava que os corpos foram queimados muito rapidamente e que seus carrascos mal esperaram que o fogo os consumisse para jogar argila e terra em breve, na pressa dos assassinos que desejam apagar todos os vestígios em breve. Tudo indicava que, mesmo que fossem acrescentadas jóias, revelando assim o respeito supersticioso pelos costumes, o enterro e o local de sepultamento eram indignos, um ato apenas de assassinos cheios de ódio por suas vítimas. Não foram jogados em poços miseráveis como as carcaças de animais impuros?

Schliemann

consultou

suas

autoridades,

os

autores

antigos. Ele

citou Agamenon de Ésquilo, o Electra de Sófocles e Orestes de Eurípides. Ele não tinha dúvida e, no entanto, como sabemos hoje, sua teoria estava errada. Sim, ele havia encontrado tumbas de reis sob a ágora, mas não as de Agamenon e seus companheiros, mas quatrocentos anos mais recentes.

Mas esse detalhe não teve nenhum papel naquele momento. O importante era que ele havia dado um segundo grande passo em um mundo antigo desaparecido, que havia demonstrado novamente a autenticidade dos textos de Homero e que havia extraído tesouros de valor científico e material que eles ilustravam sobre uma civilização que é nosso ancestral em solo europeu. .

"Era um mundo totalmente novo, nunca suspeito, o que ele descobriu para a arqueologia."

Aquele homem admirável, novamente no auge de seu triunfo, telegraficamente em relação a ministros e reis, possuidor de imenso orgulho, mas nunca vanglorioso, numa época em que todos esperavam suas informações, não esquece de os mínimos detalhes e fica indignado com a menor injustiça. Um dia, após muitas visitas, o imperador do Brasil apareceu e inspecionou a área de Micenas e, quando saiu, deu ao chefe da guarda, Leonardo, uma dica verdadeiramente indigna de um imperador. Quarenta francos! O chefe da guarda sempre observara uma atitude leal em relação a Schliemann, e ficou aborrecido ao saber que outros oficiais invejosos alegavam que Leonardo havia realmente arrecadado mil francos, mantendo o resto. Muito foi dito sobre o assunto que Leonardo foi removido de seu posto. Schliemann então tomou uma atitude sobre o assunto. Esse investigador da fama universal mobilizou seus melhores amigos por um simples guarda subordinado dele e não mediu palavras, mas telegrafou para o ministro:

"Em compensação pelos muitos milhões com os quais enriqueci a Grécia, peço o favor de que meu amigo, o chefe da guarda, Leonardo, seja perdoado e mantido sob sua responsabilidade. Faça isso por mim. Schliemann ".

Vendo que eles não lhe respondem imediatamente, ele envia um novo telegrama:

«Juro que o guarda Leonardo é honesto e vale muito. Eu exijo justiça!

E depois disso, ele dá um novo passo ainda mais ousado. Telégrafo para o próprio imperador do Brasil, que entretanto havia desembarcado no Cairo e diz:

"Quando Sua Majestade deixou Nafplio, ele deu ao chefe da guarda, Leonidas Leonardo, quarenta francos para distribuir entre seu povo. O prefeito, para caluniar esse homem honesto, afirma que recebeu mil francos da SM. Leonardo foi removido de seu posto, e eu apenas

consegui salvá-lo da prisão. Como o conheço há anos e sei que ele é o homem mais honesto do mundo, peço a SM, em nome da santa verdade e humanidade, por favor, me telegrafe dizendo quanto dinheiro Leonardo recebeu, se quarenta francos ou mais.

E Heinrich Schliemann, o já famoso pesquisador, em nome da justiça, forçou assim o Imperador do Brasil a confessar publicamente sua mesquinharia. O guarda Leonardo estava em segurança. Foi assim que Schliemann trabalhou: um sonhador quando estuda os mundos antigos; um detetive que reflete friamente quando procura tesouros; mas apaixonado quando ele defende uma causa justa.

As descobertas de ouro eram imensas. Somente muito mais tarde, já em nosso século, seus triunfos foram superados pelas descobertas de Carnarvon e Carter, no Egito. "Todos os museus do mundo, juntos, não possuem nem um quinto do que temos aqui", Schliemann conseguiu escrever um dia.

Na primeira tumba, ele encontrou, em cada um dos três esqueletos, cinco diademas de ouro puro, com folhas de louro e cruzes de ouro. Em outro, onde havia três mulheres, ele coletou setecentas folhas finas de ouro com magníficas decorações, representando animais, flores, borboletas e polvos. Outras jóias tinham figuras simbólicas, leões e outros animais, guerreiros em atitude de luta, e assim por diante.

Havia também jóias representando leões e grifos, veados e mulheres com pombas. Um dos esqueletos usava uma coroa de ouro em sua cabeça, em cujo diadema estavam fixadas trinta e seis folhas de papel de ouro colocadas em volta da cabeça, quase virando pó; Ao lado, havia outro que também usava um diadema artístico em que pedaços do crânio ainda são preservados, presos juntos.

Ele também encontrou outros cinco diademas de ouro que retêm o fio de ouro com o qual foram presos à cabeça, um grande número de cruzes e rosetas douradas, alfinetes no peito e grampos de cabelo, cristal

de rocha, alfinetes de ágata e gemas na forma de sardonyx e lentes de ametista, cetros de prata dourados com uma alça de cristal de rocha, taças e caixas de ouro e outras jóias de alabastro. Ele encontrou máscaras e peitorais dourados com os quais, seguindo uma tradição remota, era uma questão de proteger os cadáveres reais de todas as influências externas.

Mais uma vez, viu-se ajoelhado e ajudado apenas pela esposa, arrancando a camada de argila que cobria os cinco cadáveres do quarto túmulo. As cabeças dos mortos só podiam ser vistas por algumas horas, pois rapidamente se separaram e foram reduzidas a pó. Mas as máscaras douradas, com seu esplendor brilhante, mantiveram sua forma e, portanto, seus traços eram completamente individuais e muito diferentes dos tipos ideais de deuses e heróis, de modo que cada um deles, sem dúvida, deve representar fielmente o retrato de aqueles que morreram lá.

Ele encontrou anéis de sinete com maravilhosos trabalhos esculpidos, pulseiras, bandanas e cintos; também cento e dez flores douradas, sessenta e oito botões dourados sem decoração e cento e dezoito botões dourados. Na página seguinte da descrição dos achados daquela tumba, Schliemann menciona cento e trinta outros botões de ouro e, na próxima, um modelo de templo de ouro; em um posterior, um polvo dourado. Basta dizer que essa descrição de Schliemann, que é uma relação concisa, ocupa duzentos e seis páginas grandes e nelas quase tudo o que foi revisado era ouro, ouro, ouro.

Quando o dia morreu e as sombras da noite caíram na acrópole de Micenas, Schliemann ordenou que as fogueiras fossem acesas, algo que não era feito há 2.344

anos. Fogueiras remanescentes daqueles que anunciaram Clitemnestra e seu amante que Agamenon estava se aproximando. Mas agora, essas fogueiras serviam para impedir que os ladrões rondassem um dos tesouros mais valiosos já extraídos da tumba de um rei.

Capítulo VI

S CHLIEMANN E CIÊNCIA

A terceira grande exploração de Schliemann não produziu ouro, mas produziu um castelo: o de Tirinto, que junto com o que foi encontrado em Micenas e com o que uma década depois o arqueólogo inglês Evans descobriria em Creta, estava completando a imagem de uma cultura pré-histórico que já dominou as águas do Mediterrâneo.

Mas primeiro vamos expor a posição de Schliemann em seu tempo. Isso é mais relevante hoje do que nunca, porque hoje em dia os pesquisadores também lutam contra duas opiniões conflitantes: a do público e a do mundo profissional. Os lançamentos de Schliemann tiveram uma audiência diferente das "circulares" de Winckelmann. O homem do mundo do século XVIII escreveu para pessoas instruídas, para um pequeno círculo de eleitos, para aqueles que tinham coleções, pelo menos acesso a elas, porque pertenciam ao pessoal da corte. Esse pequeno mundo foi revolucionado pela descoberta de Pompéia, ou encantado pela descoberta de uma estátua, mas seu interesse nunca deixou o domínio do artístico do ponto de vista da simples curiosidade. A influência de Winckelmann foi profunda, mas ele precisava de todas as suas habilidades de escrita para brilhar na área limitada e refinada da cultura da época.

Schliemann impressionou outro público e não precisava de tais habilidades. Isso impressionou de uma maneira mais imediata. Ele publicou notícias de cada descoberta e ele próprio foi o primeiro admirador dos frutos de seu trabalho. Suas cartas foram transmitidas para o mundo inteiro, seus artigos foram publicados em todos os jornais. Schliemann teria sido o homem do rádio, cinema e televisão, se essas mídias já existissem na época. Suas descobertas em Troy não apenas revolucionaram um pequeno núcleo de pessoas instruídas, mas todos. As descrições das estátuas de Winckelmann agradaram aos

estetas e excitaram conhecedores e colecionadores. As abundantes descobertas de Schliemann de objetos de ouro atraíram círculos mais amplos para pessoas de uma época que em seu país natal, a Alemanha, era chamada "a idade dos fundadores", pessoas no auge da prosperidade econômica alcançada pelos Esforços próprios, que valorizavam acima de tudo o homem feito por si mesmo, o homem de boa inteligência, e o apoiaram quando cientistas puros se afastaram do hobby.

Anos depois, o diretor de um museu escreveu sobre as notícias da imprensa de Schliemann de 1873: “Na época desses comunicados, tanto entre os sábios quanto com o público, reinava uma grande emoção. Em todo lugar, em casa e na rua, em diligências rápidas e em ferrovias modernas, falava-se de Tróia. Todo mundo estava cheio de admiração e curiosidade.

Se Winckelmann, como Herder diz, "nos ensinou de longe o mistério dos gregos", Schliemann descobriu seu mundo. Com incrível audácia, ele transferira a arqueologia

"da luz de óleo das bibliotecas" para o sol radiante do céu helênico, resolvendo o problema de Tróia com a picareta. Do campo da filologia clássica, havia entrado na pré-história viva, vinculando-a à nova ciência da pesquisa arqueológica.

O ritmo com que esses eventos revolucionários ocorreram, o acúmulo de triunfos, a forte personalidade de Schliemann, com suas duas facetas - já que ele não era comerciante nem pesquisador acadêmico, mas, no entanto, realizou essas duas tarefas com grande sucesso -, o "caráter publicitário" muito moderno e ousado de suas notícias incomodou o mundo internacional dos homens da ciência, e especialmente os alemães.

A revolução de Schliemann é evidenciada pelas noventa publicações sobre Tróia e Homero que apareceram naqueles anos de sua atividade. O principal ponto de ataque dos estudiosos era o próprio fato de

Schliemann ser um mero amador. Na história das escavações, sempre colidiremos com arqueólogos profissionais confrontados com esses homens que, por acaso ou por simples hobby, deram o impulso necessário para uma nova penetração na escuridão dos tempos antigos. E como esses ataques visavam as características essenciais que concordavam em Schliemann, precisamos dizer e citar algo mais específico sobre esse assunto. O primeiro a quem damos a palavra é um filósofo tão famoso quanto irritado e irritado, Arthur Schopenhauer, que defende esses patrocinadores da ciência e da pesquisa.

Dilettanti, dilettanti! Essa é a única maneira de chamar aqueles que exercitam uma ciência ou uma atividade por mero prazer, pelo simples prazer que encontram nela, por il loro diletto, e obter o desprezo daqueles que se dedicaram a ela pela conquista de um benefício; porque eles só se deleitam com o dinheiro que podem ganhar. Bem, esse desprezo se baseia em sua miserável convicção de que ninguém é capaz de encarar algo seriamente se não for incentivado pela necessidade, fome ou qualquer outro motivo de ganância. O público é movido pelo mesmo espírito e é por isso que eles compartilham suas opiniões; daí seu fiel respeito pelas "autoridades profissionais" e sua desconfiança em relação aos fãs. A rigor, a causa que move o amador é o seu objetivo, enquanto para o estudioso profissional como tal, isso serve apenas como um meio; mas só é capaz de administrar seriamente uma empresa que tenha interesse imediato nela e cuide dela pelo amor a ela; quem faz isso com amor. Destes, e não dos simples empregados contratados, as empresas mais sublimes sempre surgiram. ”

O professor Wilhelm Dörpfeld, colaborador de Schliemann e seu conselheiro e amigo, um dos poucos profissionais que concederam a ele a Alemanha como colaborador, escreveu em 1932:

"Eu nunca entendi a zombaria e a ironia com que vários estudiosos, especialmente os filólogos alemães, saudaram suas explorações em Tróia e Ítaca. Eu também sofri o ridículo com o qual alguns estudiosos famosos mais tarde seguiram minhas próprias escavações nos lugares homéricos, e não apenas pensei que eles não são apenas, mas também

não têm base científica ". A desconfiança dos profissionais em relação ao intruso intuitivo é a do cidadão vulgar em relação ao gênio. O homem que tem sua vida garantida despreza aquele que perambula por áreas inseguras e "vive diariamente". Desdém injusto.

Considerando o desenvolvimento da pesquisa científica no curso da história, veremos como um número extraordinário de descobertas famosas foi feito por amadores, por pessoas de fora ou mesmo por pessoas autodidatas que, movidas por uma idéia obsessiva, não pararam diante de obstáculos com que sua própria cultura

bloqueou o caminho para os profissionais. Eles não conheciam os antolhos dos especialistas e estavam pulando as barreiras levantadas pela tradição acadêmica.

Otto von Guericke, o mais famoso físico alemão do século XVII, era advogado de profissão. Denis Papin era médico. Benjamin Franklin era filho de um fabricante de sabão e, sem nenhuma universidade ou ensino médio, ele se tornou não apenas um político ativo - algo disponível para muitas pessoas -, mas um sábio famoso; Galvani, o descobridor da eletricidade, era médico e, segundo Wilhelm Ostwald demonstra em sua

"História da eletroquímica", ele deve sua descoberta precisamente à sua falta de conhecimento. Fraunhofer, autor de excelentes obras sobre o espectro, não sabia ler nem escrever até os quatorze anos. Michael Faraday, um dos pesquisadores mais importantes no campo da eletricidade, era filho de um ferreiro e trabalhou anteriormente como encadernador de livros. Julius Robert Mayer, o descobridor da lei de conservação de energia, era médico. Helmholtz também era médico quando publicou seu primeiro trabalho sobre o mesmo assunto, aos 26 anos. Buffon, matemático e físico, tornou-se famoso por suas publicações no campo da biologia. O

construtor do primeiro telégrafo elétrico, Sömmering, foi professor de anatomia. Samuel Morse foi um pintor, e também Daguerre. O primeiro

inventou o alfabeto telegráfico, a segunda fotografia. Os aeronautas obcecados do dirigível, Zeppelin, Gross e Parseval, eram oficiais do Exército e não tinham idéias muito fortes sobre questões técnicas.

Assim, poderíamos estender a lista indefinidamente. Se ficássemos sem esse relacionamento e os frutos de sua atividade na história da ciência, tudo isso entraria em colapso. E apesar disso, na época, eles tiveram que suportar todo tipo de ridículo, ataques e ironia. E nesse longo relacionamento, há também muitos homens dedicados à ciência com os quais estamos lidando neste livro. William Jones, que fez as primeiras traduções do sânscrito, não era um orientalista, mas um juiz de Bengala. Grotefend, o primeiro a decifrar um roteiro cuneiforme, era especialista em filologia clássica e seu sucessor Rawlinson era um oficial e político do Exército. Os primeiros passos no longo caminho para decifrar hieróglifos foram dados por Thomas Young, um médico. E

Champollion, que alcançou a meta, era apenas um professor de história. Humann, quem fez as escavações em Pérgamo, era um engenheiro ferroviário.

Essa lista não é suficiente para o que propomos aqui? O que caracteriza o profissional não pode ser discutido em seu próprio valor. Mas os resultados de uma empresa não são mais importantes, desde que os meios empregados tenham sido decentes? Não devemos mostrar uma gratidão especial a esses forasteiros?

Sim, é claro, Schliemann cometeu graves falhas em suas primeiras escavações. Demoliu edifícios antigos que eram um material arqueológico precioso, destruiu muros que haviam sido importantes testemunhos. Mas Eduard Meyer, o grande historiador alemão, o apóia e escreve: «Para a ciência, a falta de método de Schliemann, ao ir para o solo primitivo, tem sido muito lucrativa; com escavações sistemáticas, as camadas mais antigas e com elas a cultura que chamamos de Trojan, certamente não teriam sido descobertas ».

Foi uma circunstância infeliz que suas primeiras apresentações e datas estivessem erradas. Mas quando Colombo descobriu a América, ele também errou ao acreditar que havia chegado à Índia. Isso diminui o mérito do seu trabalho?

Não há dúvida de que Schliemann, no primeiro ano, foi à colina de Hissarlik como uma criança que, com o martelo na mão, empreende-a com seu brinquedo para ver o que está dentro; mas o Schliemann que realizou as escavações de Micenas e Tirinto já podia ser considerado um pesquisador científico. Dörpfeld apoiou esta tese, assim como os ingleses Evans, embora este tenha certas reservas.

Mas, assim como Winckelmann sofreu com a tirania despótica da Prússia, Schliemann também teve que sofrer com a falta de compreensão de seu país de origem, daquele país onde nasceram os sonhos dourados de sua juventude. Apesar de suas escavações, cujos resultados foram visíveis a todos, em 1888, um certo Forchhammer publicou a segunda edição de uma "Interpretação da Ilíada", onde a infeliz e louca intenção de explicar a guerra de Troia foi tentada como uma símbolo da luta entre as correntes do mar e a água dos rios, o nevoeiro e as chuvas das colinas de Tróia. Mas Schliemann se defendeu como um leão. Quando o capitão Botticher, um polemista vulgar e tolo, que era seu principal adversário, chegou a afirmar que Schliemann havia destruído intencionalmente muros em suas escavações para afastar tudo o que se opunha à hipótese da antiga Tróia, ele convidou seu oponente a se mudar para Hissarlik pagando as despesas, e alguns especialistas testemunharam a entrevista, confirmando as opiniões de Schliemann e Dörpfeld. O capitão examinou meticulosamente os arredores e voltou furiosamente para sua casa, alegando que "o chamado Troia" não passava de uma enorme necrópole antiga. Em vista disso, Schliemann, durante sua quarta escavação em 1890, convidou arqueólogos de todos os países para visitar sua já famosa colina. Ele construiu alguns quartéis perto do vale de Escamandro e, assim, possibilitou a acomodação necessária para quatorze pessoas. Ingleses, americanos, franceses e alemães - entre eles Virchow -

aceitaram o convite. E eles também, vencidos pela evidência dos fatos, confirmaram o que Schliemann e Dörpfeld pretendiam.

Suas coleções eram inestimáveis. Por sua última vontade, essas coleções deveriam passar, após sua morte, para o museu da nação "que eu aprecio e estima mais do que qualquer outro". Eles foram primeiramente oferecidos ao governo grego e depois aos franceses.

Ele também escreveu em 1876 a um barão russo de São Petersburgo:

"Quando me perguntaram, há alguns anos, sobre o valor da minha coleção de Trojan, eu disse que era cerca de 80.000 libras. Mas, depois de passar vinte anos em São Petersburgo e desfrutar de toda a minha simpatia pela Rússia, espero sinceramente que minha coleção termine por lá. Por isso, peço apenas 50.000 libras ao governo russo e, se necessário, estaria disposto a cair para 40.000 ... »

Mas, no fundo, seu verdadeiro carinho, manifestado com a máxima sinceridade, ele teve pela Inglaterra, onde seu trabalho encontrou mais eco, porque era o Times o jornal que sempre publicava seus artigos quando os jornais alemães não o pagavam.

atenção, e foi na Inglaterra que até o premier Gladstone escreveu um prefácio ao seu livro sobre Micenas, como ele havia feito antes, por seu trabalho no famoso Trojan AH

Sayce.

O fato de tais coleções terem sido definitivamente depositadas em Berlim por posse e preservação perpétuas deve-se, ironicamente, a um homem para quem a

arqueologia era apenas um hobby: o grande médico Virchow, que conseguiu tornar Schliemann um membro honorário da Sociedade Antropológica e, posteriormente, cidadão de honra da cidade de Berlim, ao mesmo tempo que Bismarck e Moltke.

Schliemann, como um ladrão, teve que proteger seu tesouro fugindo das garras das autoridades, e o manteve escondido. Depois de muitos desvios, algumas peças importantes de sua coleção puderam ir de Tróia ao Museu de Pré-História de Berlim. Por várias décadas, esse tesouro esteve lá, onde passou o tempo inteiro da guerra de 1914-18. Mas então veio a Segunda Guerra Mundial com sua sequência de bombardeios. Parte das coleções foram salvas da destruição e movidas para lugares seguros. O "Priam Treasure" foi primeiro ao Banco Nacional da Prússia e depois ao abrigo antiaéreo do Zoológico de Berlim. Ambos os lugares foram destruídos. A maioria das peças de cerâmica foi para Schönebeck an der Elbe, o castelo Petruschen em Breslau e o castelo Lebus. Nada foi preservado de Schönebeck. Não há notícias de Petruschen, desde que a região se tornou parte da Polônia. O Castelo de Lebus foi saqueado no final da guerra e mais tarde o governo da Alemanha Oriental ordenou sua demolição. Mas logo depois chegou a notícia de que ainda havia peças de cerâmica no Lebus. Um investigador obteve permissão para fazer perguntas no Lebus, mas não obteve ajuda das autoridades locais. Então ele teve a ideia de adquirir 25 quilos de doces e pedir às crianças que lhe trouxessem peças de cerâmica antiga. E embora as crianças aprendessem muito cedo a quebrar os pedaços inteiros em pedaços para obter um caramelo para cada pedaço, eles conseguiram coletar algumas cópias intactas das casas, onde os camponeses de Brandemburgo usaram novamente os vasos, pratos e jarros em que haviam comido e bebeu os Trojans antigos e a família real dos Atrids.

Mas ele descobriu coisas ainda mais sérias. Após a derrota alemã, os sobreviventes de Lebus não tinham idéia do valor das peças de barro que eram guardadas nessas gavetas. E quando a vida na cidade renascia, cada vez que um casamento era celebrado, os meninos iam com um carrinho, enchiam-no com urnas e ânforas, as descobertas insubstituíveis de Heinrich Schliemann e os quebravam com alegres gritos na porta dos noivos.

Assim, os restos de Tróia foram destruídos uma segunda vez e coletados uma segunda vez com a ajuda de meio quintal de doces.

Capítulo VII

M ICENAS , T IRINTO E ILHA DE E NIGMAS

Em 1876, Schliemann, aos 54 anos, empunhava o picareta pela primeira vez; em 1878 e no ano seguinte, ele escavou, auxiliado por Virchow, novamente em Tróia; em 1880 ele descobriu em Orcómeno a terceira cidade que Homero homenageia com o adjetivo "gilthead", o rico teto do tesouro dos minias; em 1882, ele escavou com Dörpfeld novamente, pela terceira vez, em Tróia; e dois anos depois, ele começou suas escavações em Tirinto.

E novamente o que já sabemos que aconteceu. As muralhas do castelo de Tirinto foram expostas; um fogo queimou as pedras e as camadas de argamassa que os uniram tornaram-se verdadeiros azulejos; os arqueólogos acreditavam que essas muralhas eram remanescentes de uma fortaleza da Idade Média, e os guias gregos alegavam que não havia nada de extraordinário em Tirinto.

Schliemann, contando com autores antigos, começou a cavar com tanto zelo que destruiu uma propriedade plantada cominho, de propriedade de um morador de Cofinio, pelo qual teve que pagar uma multa de 75 francos.

Diz-se que Heracles nasceu em Tirinth. Suas paredes ciclópicas foram consideradas na Antiguidade como uma obra maravilhosa. Pausanias disse que eles eram análogos às pirâmides egípcias. Dizia-se que Preto, o lendário rei de Tirinthus, trouxera sete ciclopes para construí-los e que mais tarde foram imitados em outros lugares, especialmente em Micenas, para os quais Eurípides chamou Argolis de "terra dos ciclopes". .

Schliemann escavou e encontrou as paredes principais de um castelo que ultrapassavam tudo o que havia sido encontrado até então, e isso dava um aspecto importante àquela cidade pré-histórica capaz de

construir uma maravilha como a morada de seus reis. Semelhante a uma fortaleza, este castelo ficava em pedra calcária; suas paredes consistiam em blocos de dois a três metros de comprimento, um alto e outro grosso. A largura total dos baixos, que continha apenas dependências e estábulos secundários, era de sete a oito metros, e na parte do palácio onde o príncipe morava alcançava onze metros, com uma altura de dezesseis.

Como era o interior daquele vasto castelo quando era povoado por guerreiros com armas barulhentas? Até então, nada se sabia sobre esses palácios homéricos, pois nada fora preservado dos palácios de Menelau, Ulisses e outros príncipes; mesmo nas ruínas de Tróia, no chamado castelo de Príamo, os edifícios não podiam mais ser distinguidos.

Mas aqui, sob a picareta investigativa, um palácio autenticamente homérico foi finalmente apresentado. Ali estavam os pórticos e os cômodos, ali o pátio dos homens com seu altar, o megar imponente com a ante-sala e o vestíbulo; ali ainda se distinguia o banheiro - cujo piso constituía um único bloco de pedra calcária de vinte toneladas -

onde Os heróis de Homer haviam sido banhados e ungidos com gorduras perfumadas, uma imagem como a que a Odisséia descreve para nós quando o astuto Ulysses voltar, com a abertura dos pretendentes e o massacre na grande sala.

Mas havia algo ainda mais interessante. Era o estilo das cerâmicas e pinturas de parede encontradas. Schliemann descobriu imediatamente o parentesco de toda a cerâmica encontrada, de todos os copos, jarros e recipientes de barro coletados até então, com os encontrados em Micenas e em Tirinto, e até indicou sua semelhança com os encontrados por outros arqueólogos em Asine, Nafplio, Elêusis e nas várias ilhas, a mais importante delas foi Creta. Ele não encontrou um ovo de avestruz nas ruínas de Micenas, embora seja verdade que ele havia tomado um copo de alabastro, mas não havia nisso uma alusão inconsciente ao Egito? Ele não descobriu aqui os mesmos vasos com o chamado desenho "geométrico" que foi levado à corte de Tutmés III já em 1500

aC? de JC para os fenícios?

E, com uma explicação detalhada, ele tentou mostrar que havia descoberto certas relações culturais de origem asiática ou africana; uma civilização que margeava toda a costa leste da Grécia, que abrangia a maior parte das ilhas e que provavelmente tinha seu centro cultural em Creta.

Hoje, chamamos essa civilização de civilização cretomicénica. Schliemann encontrou as primeiras faixas, mas sua descoberta completa foi reservada para outro investigador. Todos os cômodos do castelo estavam cobertos de limão e todos tinham pinturas de parede em forma de frisos, geralmente delimitadas por faixas amarelas e azuis que, no auge do corpo humano, tinham que dividir as paredes dos cômodos em duas partes.

Entre essas pinturas de parede, há uma estranha. Sobre um fundo azul, um touro muito grande aparece, com manchas vermelhas, numa atitude de pular violentamente, com um olho circular que nos faz suspeitar de sua ferocidade selvagem e com a cauda levantada. No topo deste touro está um homem em uma atitude estranha, meio pulando, meio dançando e segurando o chifre de um touro com uma mão.

No livro de Schliemann sobre Tirinto, o Dr. Fabricius dá a seguinte explicação:

«... podemos imaginar que o homem visto na parte de trás do touro seria o cavaleiro ou domador de touros, demonstrando sua capacidade de pular no animal enquanto o último empreende sua corrida louca, analogamente ao domador de cavalos mencionado no famoso parágrafo da Ilíada, que pula sobre um dos quatro cavalos que ele carregava na corda durante a corrida rápida. Essa explicação, para a qual Schliemann não considerou apropriado acrescentar nada, foi suficiente. Mas se Schliemann tivesse cedido à idéia de ir a Creta, que freqüentemente o assaltou, lá ele teria encontrado algo relacionado a

essa pintura, confirmando muitas coisas e coroando o trabalho de sua vida.

O plano de continuar explorando Creta, especialmente nas proximidades de Knossos, preocupou Schliemann até sua última hora. Onde ele viu ruínas, ele esperava encontrar muitos achados. Um ano antes de sua morte, ele escreveu:

"Gostaria de terminar o trabalho da minha vida com um grande trabalho, isto é, com a escavação do antigo palácio pré-histórico dos reis de Knossos, em Creta, que acho que descobri há três anos".

Mas a resistência adversária era grande demais. Era verdade que ele tinha a permissão do governador de Creta, mas o dono da colina se opôs às escavações e

exigiu o preço excessivo de cem mil francos; só então ele estava disposto a vender a terra. Schliemann lidou com ele, pechinchando o preço para 40.000 francos. Quando voltou a assinar o contrato, contou as oliveiras em sua nova propriedade e descobriu que os marcos da fazenda haviam sido alterados e que agora, em vez de possuir 2.500

árvores, ele tinha apenas 888. Ele quebrou o contrato. O espírito mercantil de Schliemann prevaleceu naquele tempo em seu interesse arqueológico. Desperdiçou uma fortuna a favor da ciência e, por causa do óleo de 1.612 oliveiras, perdeu a possibilidade de encontrar a chave para os enigmas pré-históricos que todas as suas descobertas lhe colocavam, muitas das quais ainda não haviam encontrado uma solução.

Essa circunstância é lamentável? Não Sua vida brilhante e realizada estava no topo quando em 1890 ele foi surpreendido pela morte.

Ele queria passar o Natal de 1890 com sua esposa e filhos, mas uma dor nos ouvidos o torturou bastante. Ocupado com novos projetos, a caminho da Itália, limitou-se a consultar alguns médicos desconhecidos, que o tranquilizaram. Mas no dia de Natal, ele caiu no meio da Piazza

della Santa Carita, em Nápoles, e, apesar de manter todo o seu conhecimento, perdeu a capacidade de falar. Pessoas compassivas o levaram ao hospital, onde se recusaram a admiti-lo. Quando a polícia o revistou, ele encontrou o endereço de um médico em seus documentos e foi procurá-lo. O médico esclareceu quem era e reivindicou um carro para transferi-lo. As pessoas olhavam para o homem deitado no chão, vestido com simplicidade, mesmo na pobreza. Os funcionários do hospital perguntaram quem pagaria essa despesa, à qual o médico exclamou:

"Mas ele é um homem muito rico!" Procurando as roupas do paciente, tirou de um dos bolsos uma bolsa cheia de ouro.

Uma noite inteira, Heinrich Schliemann sofreu essa paralisia, em plena consciência. Então ele faleceu.

Quando seu corpo foi transferido para Atenas, junto com seu caixão estavam o rei da Grécia e o príncipe herdeiro, os representantes das potências estrangeiras e os ministros do país, bem como os diretores de todos os institutos científicos helênicos. Antes do fracasso de Homero, eles agradeceram ao ilustre Hellephophile, que havia enriquecido o conhecimento da Antiguidade, expandindo a perspectiva histórica do mundo clássico em mil anos. Junto com seu caixão, também estavam sua esposa e dois filhos, chamados Andrómaca e Agamenón.

Arthur Evans nasceu em 1851, ou seja, ele tinha trinta e nove anos quando Schliemann faleceu; Ele era inglês por excelência e foi chamado para fechar com uma linha precisa o círculo que Schliemann delineou na antiga tabela da História.

Sua vida é muito diferente da de Schliemann. Evans estudou em Harrow, Oxford e Göttingen; Ele se interessou pela escrita hieroglífica e, encontrando sinais indicando Creta, fez uma viagem a esta ilha e, em 1900, iniciou novas escavações e subiu lentamente sua carreira. Um dia, ele conseguiu o título honorário de senhor e recebeu muitas

condecorações, uma das quais, em 1936, foi a valiosa Copley Medaille da Royal

Society. Em uma palavra, tanto por caráter quanto por treinamento, ele era o caráter antagônico de Schliemann, nossa brilhante pessoa autodidata.

Mas o resultado de suas explorações também foi interessante. Vindo a Creta para coletar confirmação de uma teoria sobre os sinais que o interessavam particularmente, ele não supôs que ficaria lá por muito tempo. Mas em suas excursões pela ilha, ele viu os imponentes restos de entulho e as pilhas de ruínas que tanto fascinaram Schliemann, e deixando de lado todas as suas teorias paleográficas, ele pegou a picareta. Isso aconteceu no ano de 1900. Depois de um ano, ele disse que precisava de mais um ano para limpar tudo o que considerava útil para a ciência. E ainda ficou aquém. De fato, três meses se passaram desde seu último mandato, quando ele ainda estava cavando no mesmo lugar em que inicialmente acreditava que não iria parar por muito tempo.

Ele estudou todos os textos das lendas e histórias - o mesmo que Schliemann. Ele escavou palácios e tesouros - exatamente como Schliemann - e traçou a preciosa moldura da imagem que Schliemann havia esboçado; mas, ao mesmo tempo, ele esboçou muitas outras pinturas das quais ainda nos falta muitas cores. Ele havia afundado sua picareta no solo de Creta, fértil em lendas e grávida de história, abrindo a ilha de enigmas.

Capítulo VIII

LINHA ARIADNA

Creta está localizada na periferia mais afastada de um arco de montanhas que se estende da Grécia à Ásia Menor, através do Mar Egeu.

O Mar Egeu não era o limite da separação entre os povos que o cercavam. E

Schliemann provou isso encontrando em Micenas e Tirinth objetos que deviam ter vindo de países remotos, e Evans encontrou estátuas de marfim africano e egípcio em Creta. O

comércio e a guerra são as forças motrizes do tráfego no pequeno mundo da antiguidade. Como em nossos dias, e exatamente como agora, de maneira pacífica e predatória ao mesmo tempo, foi negociado e combatido na época. Assim, as ilhas, com seus dois países mãe, constituíram uma unidade econômica e cultural.

Já dissemos os países de sua mãe? Aqui, a pátria não estava falando estritamente o continente, porque logo seria provado que o solo da mãe - levando para aquele em que o ato criativo ocorreu - era uma das ilhas: Creta.

Segundo a lenda, o próprio Zeus nasceu nela; Ele era filho de Rea, mãe Terra, e veio ao mundo na caverna de Dictos. As abelhas lhe trouxeram seu doce mel, a cabra de Amalthea ofereceu seus úberes, as ninfas o embalaram e uma tropa de jovens armados se reuniu ao seu redor para protegê-lo contra seu pai, Cronos, devorador de seus próprios filhos.

Dizem também que Minos, o rei lendário, reinou na ilha e era filho de Zeus.

Evans cavou na região de Knossos.

As muralhas quase vieram à tona. Em poucas horas, o trabalho já havia valido a pena e, após algumas semanas, Evans, espantado, se viu nas ruínas de edifícios que cobriam oito áreas. Ao longo de alguns anos, os

restos de um palácio emergiram de um espaço que cobria uma área de dois hectares e meio.

A disposição dos edifícios era muito clara e, apesar das notáveis diferenças externas, mostrava uma similaridade indiscutível com os palácios de Tirinto e Micenas; mas sua poderosa construção, juntamente com sua grande beleza e suntuosidade, indicava que os castelos do continente eram apenas edifícios secundários, capitais de províncias ou colônias de uma marca líder. Ao redor de um imenso retângulo, o maior pátio, havia várias alas de edifícios espalhadas em todas as direções, com suas paredes ocas de tijolo e tetos planos apoiados em pilares. Mas as salas, os corredores, as salas e os diferentes andares apresentavam uma distribuição tão confusa que ofereciam ao visitante tantas possibilidades de mal-entendidos, que até o espectador mais profano exclamou: "Este é um labirinto", mesmo que não soubessem que a lenda atribui ao rei Minos. a construção de um labirinto construído por Dédalo. Labirinto por excelência e modelo de tudo o que foi feito ou pode ser feito posteriormente.

Evans não hesitou em comunicar ao mundo que havia encontrado o palácio de Minos, do mesmo lendário filho de Zeus, pai de Ariadne e Pedra, dono do labirinto e do temível homem-touro ou homem-touro que o habitava: o Minotauro.

O que Evans descobriu agora foi um verdadeiro milagre. As pessoas que a habitaram, das quais Schliemann havia encontrado apenas vestígios coloniais, e das quais até então nada se sabia além de características lendárias, ali se deleitaram em riqueza e voluptuosidade, e provavelmente no auge de seu auge. Ele havia afundado naquela decadência sibarítica que traz consigo o germe da morte: adormecendo no canteiro de rosas de seu brilhante esplendor.

A grande prosperidade econômica de que gozou foi a causa dessa cultura decadente. A Creta dos nossos dias, isto é, o país do vinho e do azeite, já era então. E

naquele mundo com vista para o mar Egeu, Creta era um grande centro comercial. Um mercado marítimo, pois era uma ilha. O mais surpreendente após as primeiras escavações foi que este rico palácio do mundo helênico antigo não apresentava nenhum vestígio de fortificação ou muralhas protetoras, algo que foi explicado com a descoberta da riqueza desse empório, pois exigia uma força maior do que as pedras para sua defesa, um tipo de proteção mais ofensiva que as paredes inertes, simplesmente meios defensivos: uma frota que controlava ativamente o mar.

É por isso que esse palácio foi então apresentado à vista do navegador que se aproximava da costa, não como um castelo áspero, mas oferecido com suas colunas de limão branco, suas paredes cobertas de estuque brilhante, brilhante sob o sol escaldante do Mediterrâneo, algo bem como uma jóia dos mares que fez brilhar todas as facetas de sua grande riqueza.

Evans descobriu as adegas e despensas. Um jarro estava alinhado ao lado de outro; jarros gigantescos ricamente ornamentados com desenhos artísticos, análogos aos encontrados anteriormente em Tirinto, que antes eram cheios de óleo dourado. Evans esforçou-se para calcular a capacidade total desses frascos de óleo e atingiu a cifra de 75.000 litros. Riqueza na reserva de um único palácio.

E quem eram aqueles que desfrutavam dessas riquezas? Evans logo descobriu que suas descobertas nem todas podiam pertencer ao mesmo período, que nem todas as paredes datavam do mesmo período, nem que toda cerâmica, porcelana e pintura representavam o mesmo estilo. Ele logo reconheceu as camadas daquela civilização, em uma visão inteligente dos milênios. E assim ele estabeleceu uma divisão que ainda é seguida hoje: um período minóico primitivo do terceiro ao segundo milênio; um minoico médio até 1600 a. de JC, aproximadamente, e um minóico tardio - o período mais curto, com um final rápido - até 1250 a. de JC, aproximadamente. Ele até encontrou traços de atividade humana antes do primeiro período do tempo que chamamos de neolítico, já que o metal ainda era desconhecido e todos

os utensílios usados eram feitos de pedra. Assim, até um tempo que chegou a dez mil anos, Evans estabeleceu a antiguidade desses testemunhos; Outros pesquisadores não admitiram um período tão longo da história, mas garantem um mínimo de cinco mil anos.

Como eles calcularam essas datas, por qual procedimento? Evans determinou cada época pela presença de objetos de origem estrangeira, por exemplo, cerâmica do Egito, que correspondiam a períodos em que reinavam os faraós cujas datas eram bem determinadas. O apogeu e o pico desta civilização estão localizados no período de transição do minóico médio para o minóico tardio, ou seja, nas décadas por volta de 1600 aC. de JC, que foi quando Minos provavelmente viveu dominando os mares vizinhos com sua frota. Foi nessa época que um bem-estar geral desenvolveu esplendor

e o culto à beleza foi praticado; as pinturas de parede mostravam jovens caminhando por prados e colhendo flores que depositavam em ânforas delgadas; ou donzelas que andavam pelos campos de lírios. A cultura, então, estava prestes a tornar-se simples sumptuosidade e a pintura não era mais um ornamento dominado por formas robustas, mas o deleite das cores com um brilho brilhante. Em Creta, morar em uma casa não era uma necessidade, mas um luxo. Os vestidos não eram, simplesmente, uma necessidade da natureza e dos costumes, mas fruto de bom gosto e requinte.

Não admira que Evans tenha usado o termo "moderno" para o que encontrou. O

edifício, aproximadamente do tamanho do Palácio de Buckingham, tinha drenos para esgotos e fontes termais luxuosas, instalações de ventilação, filtros de água à base de cascalho e grandes fossas. Mas ele encontrou mais identidade com os tempos modernos ao contemplar a aparência das pessoas, suas atitudes, seus vestidos e suas modas.

No início do período minóico médio, as mulheres costumavam se tocar com chapéus altos e pontudos e usavam saias compridas com estampas

coloridas, abertas na frente e apoiadas em um cinto; os pescoços estavam altos, eretos e nus no peito.

Esta roupa antiga foi convertida em um vestido muito refinado no auge do período. A túnica simples havia sido transformada em um corpete com mangas, muito apertadas na cintura, com formas complicadas, revelando o peito novamente, mas agora com um flerte e provocação marcantes. As saias, de várias cores, caíam longas, plissadas, e algumas delas adornavam desenhos representando uma colina com flores de lótus estilizadas; nessa roupa, usavam um avental colorido. Para a cabeça, as mulheres usavam chapéus altos, inspirados naquele cocar primitivo em forma de cone pontiagudo.Temos que considerar a audácia de um gosto supermoderno ou grotesco? Se o moderno é que as mulheres usam cabelos curtos da mesma forma que os homens, esses bons cretenses já eram muito modernos há vários milênios, porque os usavam tão curtos quanto os homens.

É assim que os vemos nas pinturas: com graça negligente em seus movimentos, espalhados languidamente em cadeiras de jardim, brincando com uma luva ou em conversas animadas, com aquele charme que chamamos de parisiense. Tanto para o visual quanto para toda a expressão, parece impossível que sejam mulheres de uma época que está a milhares de anos da amostra.

Para evocar aqueles tempos distantes, basta dar uma olhada nos homens. Como o único vestido, todos usam uma espécie de aguia.

Entre as pinturas maravilhosas encontradas por Evans - cujo charme e feitiço até os trabalhadores sem instrução sentiram - sempre havia uma repetida cujo tema já conhecíamos: a dançarina na frente do touro.

Um dançarino? Um toureiro? Um artista? Foi o que Schliemann supôs quando encontrou tal representação em Tirinto, naquele castelo escuro na fronteira, onde não havia nada que pudesse lembrá-lo das lendas antigas, dos touros, dos sacrifícios e do sangue fumegante no altar do templo.

Mas Evans não estava no local exato em que Minos, o lendário rei do Minotauro, um monstro parecido com um touro, havia governado? O que a lenda diz a esse respeito?

Bem, ele diz que Minos, rei de Knossos, de toda a ilha de Creta e senhor de todos os mares helênicos, enviou seu filho Andrógeo para participar dos jogos em Atenas. Mais forte que todos os gregos, ele conquistou e por inveja foi morto por Aegeus, rei de Atenas. Seu pai enfurecido invadiu a cidade em guerra implacável, subjugou-a e exigiu uma terrível expiação. A cada nove anos, os atenienses enviavam a flor de sua juventude, uma homenagem composta por sete rapazes e sete donzelas que seriam sacrificados ao monstro de Minos. Mas quando o terrível sacrifício estava sendo preparado pela terceira vez, Teseu, filho de Egeu, que havia retornado após uma jornada em que realizou muitos feitos, ofereceu-se para ir de barco a Creta e matar o monstro.

O navio navegou através do mar até a ilha de Creta, um mar azul cintilante, e havia Teseu, com sete jovens casais jônicos.

Pretas eram as velas que sustentavam os mastros, e Teseu anunciou que içariam velas brancas em sua jornada de volta se ele tivesse cumprido seu propósito. Ariadne, filha de Minos, viu aquele homem destinado à morte e se apaixonou por ele. Ele lhe deu uma espada para lutar e um novelo de lã, uma das quais ela segurava, enquanto o herói entrava no labirinto em busca do monstro. Em uma luta terrível, o herói derrotou o Minotauro. Graças ao fio de lã, ele encontrou a saída e rapidamente fugiu com Ariadne e seus companheiros em direção à sua terra natal. Mas ele estava tão empolgado em sair dessa aventura vivo que se esqueceu de trocar as velas, como anunciara. Vendo velas negras, Egeu, pai de Teseu, as interpretou como um sinal de morte e se jogou no mar.

Tal tela poderia explicar essa lenda? Duas empregadas e um jovem são vistos brincando com um touro. Isso foi um jogo? A vida não estava, de fato, em risco? A pintura poderia muito bem representar os sacrifícios

perante o Minotauro, um nome que, sem dúvida, não significou nada além de "touro de Minos".

Comparando a lenda com a realidade encontrada ainda surgiram outras questões.

Evidentemente, em tudo isso, havia um verdadeiro cenário, o labirinto. O triunfo de Teseu foi o símbolo da vitória dos conquistadores do continente, que destruíram o palácio de Minos. Isso foi plausível; mas que a vingança pessoal de Minos, que a dureza do castigo exigido pelo filho assassinado era a razão da destruição de seu reino, era mais improvável.

A verdade é que o reino de Minos foi destruído e de forma tão cruel e repentina que os destruidores não tiveram tempo de ver ouvir ou aprender alguma coisa; Tão destruído como era, três mil anos depois, o reino de Montezuma por um punhado de conquistadores espanhóis, de tal maneira que não restava nada além de uma pilha de ruínas, pedras simples, indefesas e silenciosas.

De onde? Onde?

A proveniência e o fim desta rica cidade de Creta ainda é um enigma para os arqueólogos, para todos os homens da ciência preocupados com a história antiga.

Depois de Homero, cinco cidades diferentes foram estabelecidas na ilha. Segundo Heródoto, Minos não era helênico, e Tucídices afirma que ele era Evans,

o homem que mais se interessava por esse problema, e acredita que ele é de origem africana e líbia; Eduard Meyer, um historiador consciente da antiguidade, observa apenas que os cretenses talvez não tenham vindo da Ásia Menor; Dörpfeld, ex-colaborador de Schliemann, mesmo em 1932, aos oitenta anos, confronta a teoria de Evans e diz que os fenícios eram o lugar de onde vinham as artes de Creta e Micenas, e não da ilha, como ele pretendia. Evans.

Onde o fio de Ariadne é capaz de nos tirar do labirinto de tais hipóteses?

O script pode ser esse segmento. E com essa idéia, Evans foi para Creta. Já em 1804 ele havia decifrado os primeiros sinais de Creta. Lá, ele também descobriu inúmeras inscrições de pinturas e, em Knossos, cerca de duas mil tábuas de barro com os sinais de um sistema de escrita linear. Mas Hans Jensen, em um trabalho documentado sobre "The Writing", publicado em 1835, observou brevemente: "A decifração da escrita cretense está em seu início, razão pela qual não vemos claramente o caráter essencial dela".

A origem e a escrita do reino de Creta são obscuras, como também é o seu fim. Existem muitas teorias e todas elas ousadas, Evans reconheceu três estágios claros de destruição. O palácio foi reconstruído duas vezes, mas a terceira destruição foi final.

Tentando vislumbrar a história daqueles dias luminosos, vistos com a perspectiva do tempo, distinguiremos entre os tropos de pessoas nômades que invadiram a Grécia e atacaram os castelos defendidos por pessoas com pele escura e destruíram Micenas e Tirinto, os aquéias com pele branca, provenientes do norte, dos países do Danúbio ou talvez das regiões do sul da Rússia. Foi a invasão de um povo bárbaro que se espalhou por toda parte, atravessou o mar, chegou à ilha e destruiu a riqueza de Creta. Logo depois, novas campanhas começaram; Agora eles são os dórios, que expulsam os acaus, pessoas mais instruídas que eles. Se os acaus eram saqueadores que sabiam

"tomar posse", homens dignos da música de Homero, os dórios, por outro lado, eram simplesmente bárbaros devastadores. Com eles, no entanto, a nova Grécia começou.

É assim que alguns explicam isso. Mas o que os outros dizem?

Evans descobriu que a destruição do palácio minóico havia sido realizada com o poder de um fenômeno da natureza. Pompeia foi o exemplo clássico de um caso análogo. Ali Evans encontrou, nas salas do palácio, sinais análogos de que a morte de repente surpreendera os homens, no meio da vida, como aqueles que viram D'Elboeuf e Venuti ao pé do Vesúvio: ferramentas de trabalho abandonadas perto a mão do operador, exemplos de trabalhos manuais e obras de arte repentinamente suspensos em plena execução, tarefas domésticas interrompidas violentamente ...

E assim ele forjou uma teoria confirmada por sua própria experiência. Em 26 de junho de 1926, às quinze para as dez da noite, Evans estava em sua cama lendo quando ocorreu um movimento sísmico repentino. A cama mudou, as paredes da casa tremeram, alguns objetos caíram, um balde cheio de água foi derramado, a terra tremeu primeiro e depois berrou como se o Minotauro voltasse à vida. Mas o abalo sísmico não durou muito. Quando a terra se acalmou, Evans pulou da cama e fugiu. Ele rapidamente se dirigiu ao palácio. Os trabalhos expostos pelas escavações foram

deixados intactos. Sempre que possível, foram aplicados reforços de aço anos atrás para apoiar as paredes nuas oscilantes. Mas nas cidades vizinhas e mesmo na capital, Candia, o movimento sísmico causou terríveis estragos. Isso confirmou a teoria de Evans, baseada em Creta como uma das zonas de terremoto mais acentuadas da Europa. Somente o poder daquele terremoto que de repente sacudiu a terra, a quebrou e devorou o trabalho dos homens, poderia ter destruído o palácio de Minos, de tal maneira que apenas um grupo de cabanas miseráveis poderia ser construído sobre suas ruínas.

Essa é a tese de Evans, que alguns não compartilham. Talvez um dia o mistério seja esclarecido. Evans, pelo menos, não conseguiu fechar o círculo, cujo primeiro esplendor foi vislumbrado por Schliemann, um homem cheio de fé, sob as cinzas de Micenas. Ambos foram descobridores; Agora era a hora dos intérpretes encontrarem o fio de Ariadne. Onde estará a lâmpada que nos dá luz para descobrir e ler os

escritos de Creta? Aquela luz cujos amplos raios são suficientes para iluminar a Europa que há mais de três mil anos permanece na escuridão.

Com essa pergunta, encerrei este capítulo em 1949. Em meados da década de 1950, surgiu a primeira resposta: o Dr. Ernst Sittig, professor de Tübingen, havia resolvido o problema que ocupava o pesquisador finlandês Sundwall por 40 anos e depois o alemão Bossert, no O italiano Meriggi e o sábio tcheco Hrozny - que decifraram os textos hititas em escrita cuneiforme de Boghaz-Koeï - até 1948, Alice Kober declarou com resignação em Nova York: "É impossível decifrar uma língua desconhecida escrita em uma escrita desconhecida ..."

Pareceu, então, ter sido um grande triunfo. Sittig foi o primeiro a aplicar consistentemente à filologia antiga a técnica - e a ciência - de decifrar escritos militares secretos, baseados em estatística e matemática, e consistindo na aplicação de cálculos estatísticos, aperfeiçoados no curso das duas guerras mundiais. Em pouco tempo, ele acreditou ter decifrado onze e trinta sinais do chamado "script Cretense linear B".

Mas, em meados de 1953, outra resposta surgiu. Um tablete de argila descoberto em Pylos por Blegen chegou às mãos do jovem inglês Michael Ventris, no qual havia um grupo de sinais que Sittig ainda não havia conhecido, sinais de que os brilhantes Ventris

- cuja profissão era, a rigor, a de arquiteto, então ele era novamente um intruso - ele podia ler perfeitamente como grego. Isso prejudicou a leitura de Sittig, de cujas trinta interpretações apenas três estavam corretas.

Neste momento, está sendo aberta uma série de perguntas que continuarão por muito tempo. A filologia antiga enfrenta a solução definitiva para o problema da decifração: a maioria das tábuas de Creta é legível. Mas por que razão em Creta, no centro de uma cultura autônoma e altamente desenvolvida, cerca de seis séculos antes de Homero, a língua dos gregos foi escrita com sua própria escrita, de um

povo que ainda não havia alcançado, longe dela , um alto desenvolvimento? Foram faladas várias línguas ao mesmo tempo? Talvez haja erros em nossa cronologia da Grécia antiga? Ou o problema de Homer surge novamente?

Em 1963, o professor de Oxford Leonard R. Palmer aventurou-se a formular novas interpretações em seu livro "Micênicos e minóicos" (micênicos e minóicos. Pré-história egeia à luz das tabuletas "lineares B"). Mas o trabalho foi objeto de tantos

ataques e correções de especialistas que ele foi forçado a publicar, apenas dois anos depois, uma nova edição "substancialmente corrigida e expandida".

Espera-se que pesquisas futuras lançem uma nova luz sobre o assunto. Enquanto isso, voltemos nossa atenção para um país cuja escrita também foi, durante muito tempo, um mistério - que, no entanto, foi desvendado, como veremos, de forma quase dramática - um país que sempre falou conosco através dos mais grandes monumentos que o mundo antigo nos deixou; o país do Nilo.

Nota do editor em espanhol. Julho de 1956 .

As linhas anteriores escritas por CW Ceram em 1950 superestimavam o trabalho do professor Sittig, que não resistiu às críticas de seus colegas. Sittig passou a atribuir valores fonéticos aos signos de Creta com critérios formais de comparação com os cipriotas egeus e outros autores estenderam esse sistema de comparação ao hitita hieroglífico, o egípcio e outras línguas, sempre com resultados muito reduzidos. No entanto, no sistema de Sittig, havia um aspecto em que ele não insistia em desviar-se para outros caminhos de pesquisa que detinham a chave do problema: o método combinatório estatístico.

Como é sabido, através desses sinais, uma linguagem desconhecida e muito antiga foi buscada em Creta e talvez no continente no segundo milênio antes de Jesus Cristo. Parecia lógico que no grego antigo houvesse palavras definidas, sobrevivências da referida língua usadas nos textos minóicos. Por esse método, denominado "substrato pré-helênico", foi feita uma análise dos elementos do vocabulário grego que não possuem uma etimologia adequada no âmbito desse idioma e que, portanto, seriam emprestados do idioma falado na área do mar Egeu anteriormente à invasão dórica. Este parecia ser um fato bem estabelecido e, portanto, era visto como um ponto de partida para futuras pesquisas, para as quais a filologia helênica foi completamente negligenciada. Mas, dada a futilidade dos esforços nesse sentido, por volta de 1952, eles começaram a considerar novas hipóteses: dois pesquisadores, naquele tempo independentemente um do outro, pensavam na possibilidade de os tablets conterem um idioma relacionado ao grego. Não é que Georgiev e Ventris, separados por milhares de quilômetros, já que trabalharam respectivamente na Bulgária e na América do Norte, tenham alcançado essa hipótese por mera coincidência, mas que ela possa ser considerada como o ponto final, obtido separadamente, de um estado de opinião.

O mencionado Georgiev identificou muitas tábuas como listas de ofertas que foram escritas em uma "variedade arcaica" do grego. Ventris, que estudara a possibilidade de ser uma língua relacionada ao etrusco, estava reservado para colaborar naquilo que já podemos considerar uma conquista da mais antiga filologia mediterrânea.

Os leitores deste livro já sabem que muitas grandes descobertas não foram feitas por arqueólogos profissionais, mas por grandes amadores. O presente é outro caso

desse fato curioso e surpreendente. H. Ventris e seu colaborador J. Chadwick não são arqueólogos profissionais nem filólogos no sentido estrito do termo. No entanto, eles, acrescentando à massa de documentação e aos resultados alcançados por outros pesquisadores, sua visão e seu sucesso no uso do método combinatório estatístico,

fizeram uma descoberta sensacional que foi lançada no final de 1953: a decifração dos comprimidos de Cnosos e Pilos, da era minóica, escrita no alfabeto cretense chamado

«linear B», que acabam sendo textos de 1450 a 1200 a. de JC escrito em grego verdadeiro. Nos dois anos que se seguiram a essa descoberta surpreendente, várias verificações foram realizadas, e hoje já é considerado um estágio atrasado que abre caminho para a futura decifração, agora muito mais fácil, dos outros tipos de escrita.

Essa decifração é de importância singular para o conhecimento do complexo histórico-cultural «egeu». A arqueologia nos falou de um domínio "Acaiano" na Creta do século XV, e agora documentamos em termos linguísticos uma vasta unidade política em torno do rei de Micenas ou do senhor de Pilos. Certamente, essa unidade também pode ser assumida pelos religiosos, uma vez que dez das divindades gregas mais comuns são citadas nas tábuas decifradas, e até os nomes de Dionísio e Ares, que foram considerados recentes na religião grega, podem ser datados dos séculos XV -XIII Pode ser que as tábuas nos levem ao conhecimento de um épico pré-homérico, uma vez que os nomes dos heróis da guerra de Troia aparecem nesses documentos cerca de dois séculos antes da data que é habitual atribuir à cidade de Tróia VII. Existem muitos aspectos da arqueologia, lingüística, história cultural e literária *etc.* que podem receber insights novos e inesperados com a leitura desses textos, que estão apenas em sua infância. Perspectivas que crescem se considerarmos a provável decifração da escrita "A linear" no futuro que não parece distante, o conhecimento da linguagem "Egeu" e as possibilidades de renovação de pesquisas sobre outros escritos não interpretados.

II O LIVRO DAS PIRÂMIDES

Soldados! Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos a contemplam.

Napoleão

"Eles construíram com granito, construindo salas

na pirâmide, fazendo coisas bonitas dessa

belo trabalho ... mas seus sacrifícios são

tão abandonado quanto o migrante que morre em

o porto sem deixar ninguém.

Julgamento do Egito Antigo

Oh mãe Uut! Abra suas asas sobre mim como as estrelas eternas!

Inscrição no sarcófago do rei Tutancâmon

Capítulo IX

UMA DERROTA DE NA SE TORNOU UMA VITÓRIA

No início das descobertas arqueológicas no Egito, a figura de Napoleão está ligada ao nome mais modesto de Vivant Denon. Um imperador e um barão. Um militar e um amante da arte. Eles andaram uma parte do caminho juntos e se conheciam bem, mas seu modo de ser não tinha nada em comum. Quando pegaram a caneta, alguém escreveu ordens, decretos e códigos; o outro, histórias e desenhos frívolos, amorais e até pornográficos, e seu nome era famoso na mídia apaixonado por curiosidades clandestinas.

Quando Napoleão escolheu esse homem para ligá-lo a uma de suas expedições como colaborador artístico, ele deu um daqueles passos felizes que somente a posteridade valoriza.

Em 17 de outubro de 1797, a paz de Campo Formio foi assinada. Com isso a campanha italiana terminou e Napoleão voltou a Paris.

"Os dias heróicos de Napoleão acabaram", escreveu Stendhal, mas o escritor estava errado, pois os dias heróicos começaram. Mas antes que Napoleão viajasse por toda a Europa como um cometa, que eventualmente se inflamaria, "ele se rendeu a uma

quimera louca, emergindo de um cérebro doente". Indo e voltando em sua câmara estreita, devorado pela febre da ambição, ele se comparou a Alexander e se desesperou com o que não havia sido feito. Então ele escreveu: «Paris me pesa como um cobertor de chumbo! Sua Europa é uma montanha! Somente no Oriente, onde seiscentos milhões de almas vivem, grandes impérios podem ser fundados e grandes revoluções ocorrem! ”

A idéia de valorizar o Egito como a porta de entrada para o Oriente é anterior a Napoleão, uma vez que Goethe já previa a construção do canal de Suez e lhe atribuía grande valor político. E ainda mais cedo, Leibniz esboçou, em 1672, um memorando para Luís XIV, indicando que a política imperial francesa deveria ser desenvolvida precisamente no sentido em que evoluiu mais tarde.

Em 19 de maio de 1798, com uma frota de trezentos e vinte e oito navios e com um exército de 38.000 homens a bordo - quase tantos quanto Alexandre quando ele partiu para conquistar a Índia - Napoleão embarcou em Toulon. Objetivo: Egito via Malta!

O plano era alexandrino. O olhar aguçado de Napoleão também saltou do Egito para a Índia. A campanha no mar foi uma tentativa de ferir mortalmente a Inglaterra em um de seus tentáculos, a Inglaterra que não se deixou aprisionar no mosaico europeu. Nelson, almirante da frota inglesa, navegou em vão, durante um mês inteiro, pelas águas do Mediterrâneo, e duas vezes ele teve quase diante de Napoleão, mas nas duas vezes ele escapou.

Em 2 de julho, Napoleão pisou em solo egípcio e, após uma terrível marcha pelo deserto, seus soldados se banharam nas águas do Nilo. E em 21 de julho, no crepúsculo da manhã, o Cairo apareceu diante deles, apresentando-se como uma visão dos contos das "Mil e uma noites", com as finas torres delgadas de seus quatrocentos minaretes, com a cúpula da famosa mesquita Djami-el-Azhar. Mas, próximo a essa graciosa plenitude, aos ornamentos de filigrana e às brumas de um céu matinal, ao lado de todo aquele mundo esplêndido, voluptuoso e

feiticeiro do islamismo, eles estavam, da secura do deserto amarelo e em frente à parede cinza-violeta das montanhas de Mokatam, os perfis daquelas construções gigantescas, frias, enormes e severas das pirâmides de Gizé, uma geometria em pedra, testemunhas mudas e eternas de um mundo que deixou de existir quando o islamismo ainda não havia nascido.

Os soldados não tiveram tempo para se entregar a admiração e admiração. Faltava um passado. O Cairo era um futuro brilhante, mas diante deles estava o atual guerreiro: o exército dos mamelucos, formado por dez mil cavaleiros com uma capacidade admirável de manobrar e se exercitar, montado em cavalos magníficos que faziam incursões brilhantes e, diante deles, O novato príncipe do Egito, Murad, com 23 de suas abelhas, montando um cavalo branco como a neve e usando um turbante verde brilhante. Napoleão, falando, apontou para as pirâmides, e não foram apenas o chefe militar que se dirigiu aos soldados, mas o psicólogo da massa, o homem ocidental que enfrentou a história universal. Foi então que ele proferiu a famosa frase: Soldados! Do alto dessas pirâmides, quarenta séculos a contemplam.

O choque foi terrível. O entusiasmo dos orientais não triunfou, mas derrotou as imagens perfeitas das baionetas européias. A batalha se transformou em um massacre. Em 25 de julho, Bonaparte entrou no Cairo e, portanto, parecia ter chegado à metade da Índia.

Mas em 7 de agosto a batalha naval de Abukir ocorreu. Nelson finalmente encontrou a frota francesa e a atacou com a fúria de um anjo exterminador. Napoleão foi pego na armadilha e a aventura egípcia terminou. Mas a ocupação francesa ainda durou um ano, ele conheceu as vitórias do general Desaix no alto Egito e, finalmente, a vitória terrestre de Napoleão, também em Abukir, onde ocorreu a aniquilação de sua frota. Mas mais do que vitórias, essa luta trouxe consigo miséria, fome, praga e, para muitos, cegueira, devido à doença ocular egípcia que se tornou uma companhia inseparável das unidades militares desembarcadas, de tal maneira que os médicos a chamavam de oftalmia. militaris.

Em 19 de agosto de 1799, separando-se de seu exército, Bonaparte fugiu e seis dias depois ele estava a bordo da fragata "Muiron", vendo como a costa do país dos faraós se perdia à distância. Ele se virou e voltou o olhar para a Europa.

A expedição de Napoleão, que militarmente constituiu um fracasso, foi, no entanto, a longo prazo, o motor da colonização política do Egito moderno e a exploração científica do Egito antigo. Pois a bordo dos navios da frota francesa de desembarque, Napoleão não apenas carregava dois mil canhões, mas também, entre seus soldados, cento e setenta e cinco compatriotas, homens sábios, que eram marinheiros e soldados, com tanta concisão ingênuos como errôneos nesse caso, eles chamavam les ânes (os burros). Ele também mantinha uma biblioteca com quase todos os livros sobre o país do Nilo e dezenas de gavetas com aparelhos científicos e instrumentos de precisão.

Na primavera de 1798, no grande salão do "Institut de France", Napoleão falou pela primeira vez de seus vastos projetos perante os homens da ciência. Ele segurava na mão uma cópia da Viagem Árabe de Niebuhr , que foi produzida em dois volumes e, com os nós dos dedos martelados na lombada de couro daquele livro para acentuar suas palavras, ele expôs a tarefa dos homens da ciência no Egito. Alguns dias depois, eles estavam com ele, a bordo de um dos navios de sua frota, astrônomos e geômetros, químicos e mineiros, técnicos e orientalistas, pintores e poetas. Entre eles também viajava um homem desconhecido recomendado a Napoleão como desenhista pelo galante Josefina.

O nome dele era Dominique Vivant Denon. Sob o reinado de Luís XV, Vivant fora contratada para inspecionar uma coleção de pedras antigas e era considerada uma das favoritas de Pompadour. Em São Petersburgo, ele era secretário da Legação, e a imperatriz Catarina o apreciou muito. Ele era um homem do mundo, muito apaixonado por mulheres, um diletante de todos os ramos das artes plásticas, cheio de

maldade, ironia e humor espirituoso, apesar de ser amigo de todos. Sendo um diplomata perto dos suíços, ele era frequentemente convidado por Voltaire e pintava o famoso "café da manhã de Ferney"; com outro desenho, a "Adoração dos Pastores", feito no estilo Rembrandt, ele até merecia ser nomeado membro da Academia; finalmente, em

Florença, naquela atmosfera saturada de arte dos salões da Toscana, chegaram-lhe notícias sobre a eclosão da Revolução Francesa. Voltou às pressas para Paris, e aquele homem

que

fora

embaixador

pouco

tempo

antes, Gentilhomme

Ordinaire, independente e rico, viu seu nome na lista de emigrantes, com seus bens confiscados e sua fortuna confiscada.

Pobre, abandonado, traído por muitos e vegetando em acomodações miseráveis, ele viveu com o que ganhou com alguns desenhos. Andando em torno de um e outro mercado de pulgas, ele viu as cabeças de muitos daqueles que antes eram seus amigos, passando na Place de la Gréve, até que finalmente encontrou um protetor inesperado, Jacques Louis David, o grande pintor da Revolução. Foi assim que ele gravou os figurinos com os quais Davi revolucionaria a moda da época e como ganhou a benevolência

do

"incorruptível". Assim

que

pisou

no

brilhante parquet

novamente, depois de caminhar pela lama de Montmartre, ele novamente demonstrou suas habilidades diplomáticas; Ele conseguiu que Robespierre retornasse sua propriedade e fosse removido da lista de emigrantes. Finalmente, ele conheceu a bela Josefina Beauharnais, foi apresentado a Napoleão, agradou o corso e participou da expedição ao Egito.

Em seu retorno do país do Nilo, já famoso e altamente estimado, ele foi nomeado diretor geral de museus. E, agarrando-se à guerra de Napoleão, o vencedor em todos os campos de batalha da Europa, ele pilhava tantos objetos de arte quanto podia encontrar em todo lugar, o que chamava de "colecionar" e, portanto, constituía o primeiro fundo de uma das maiores riquezas da França. . Se ele atuou como pintor e desenhista com tanto sucesso, por que não alcançaria a mesma fama no campo da literatura? Em um dos círculos que ele freqüentou, foi dito que não é possível escrever uma verdadeira história de amor sem ser obsceno. Denon fez uma aposta e, vinte e quatro horas depois, apresentou "Le point de lendemain", uma história que lhe valeu um lugar especial na literatura. Para os conhecedores, é o romance mais delicado do gênero, e Balzac disse: "... constitui uma escola de cônjuges e solteiros, é uma deliciosa pintura de costumes do século passado".

Ele também é intitulado «Oeuvre priapique», um livro publicado em 1793 pela primeira vez e que é uma gravura que mantém o que seu nome promete com precisão fálica. É curioso que os arqueólogos que estudam o trabalho de Denon não pareçam suspeitar de nada desse aspecto de suas atividades. E é igualmente divertido que um historiador de arte como Edouard Fuchs, que dedique um parágrafo inteiro ao nosso ilustre autor pornográfico como pesquisador de costumes, pareça não conhecer nada de seu importante trabalho nos primeiros passos da egiptologia.

Bem, esse homem multifacetado, incrível em muitos aspectos, fez mais do que tudo isso para merecer nossa memória. Se Napoleão conquistou o Egito com baionetas, mas não conseguiu mantê-lo por mais de um ano, Denon conquistou a terra dos faraós com seu lápis de desenhista, manteve-o para a posteridade e, com um gesto mágico de artista, ele o plantou diante de nossa consciência.

Quando o homem até então simples do salão pisou no solo egípcio em chamas, varrido pelos ventos do deserto e cego pelo brilho do rei das estrelas, ficou empolgado. E seu entusiasmo continuou quando sentiu o pulso de cinco milênios bater entre as imensas novas casas de entulho.

Posicionado sob as ordens imediatas de Desaix, como assistente, enquanto o general seguia os passos de Murad Bey, o chefe dos mamelucos em fuga, ele rapidamente viajou com o exército pelo Alto Egito. E Denon, um homem de cinquenta e um anos, bem visto pelo general, que em idade podia ser seu filho, muito respeitado pelos soldados, que o admiravam - entre eles havia garotos de verdade - suportaram o cansaço e o clima. Montado em um jamelgo miserável, um dia ele avançou para a frente e na manhã seguinte rastejou atrás da maior parte da tropa. Dawn nunca o encontrou em sua loja; ele desenhava durante as paradas nos acampamentos, ou em pleno andamento; ele sempre tinha o caderno de desenho ao seu lado, mesmo quando despachava a comida escassa. Alarme! Agora ele é visto no meio de uma escaramuça e incentiva os soldados, acena-os com seus papéis. Ele percebe uma cena pitoresca, esquece onde está e desenha, desenha ...

De repente, ele se depara com alguns hieróglifos. Ele ainda não sabe nada sobre eles, nem há quem possa saciar sua sede de conhecimento. Mas, de qualquer forma, ele continua desenhando tudo. E direto ao ponto, seu olhar como amador, mas como um amador inteligente que aborda imediatamente o fundamental, distingue três gêneros diferentes de escrita, cuja diferença é apontada como expressão de três épocas diferentes; o estilo oco, aquele com um relevo bastante plano e aquele com alto relevo. Em Sakkara, ele desenha uma imagem da pirâmide de

degraus; em Dendera, desenha as gigantescas ruínas do final da era egípcia. Ele corre de um lugar para outro do vasto lugar das ruínas de Tebas com as cem portas, sempre incansáveis, desesperadas quando chega a hora de começar e seu lápis ainda não foi capaz de consertar tudo o que lhe é oferecido. Isso o irrita, mas de repente ele reúne alguns soldados que andam ao seu redor e rapidamente, com pressa, os obriga a limpar a cabeça de uma estátua cuja expressão o fascina.

Assim continua sua campanha aventureira para Aswan, até a primeira cachoeira. Em Elefantina, ele desenha a graciosa capela de Amenophis III, cercada por colunas, e seu excelente desenho é a única notícia que temos dela, pois em 1822 foi destruída. E quando o exército é repatriado, quando a vitória de Sediman foi alcançada e Murad Bey foi derrotado e aniquilado, o barão Dominique Vivant, com suas numerosas fotos, leva para casa preciosidades mais preciosas do que a dos soldados enriquecidos com macacão de jóias. Por mais que seu sentimento artístico tenha se entusiasmado diante de mundos tão estranhos, a precisão de seus desenhos não foi afetada de maneira alguma. Ele colocara em prática o realismo ingênuo dos antigos gravadores de cobre, tão úteis para a ciência, pois eles não omitiam nenhum detalhe ou suspeitavam de nada do que impressão e expressão deviam significar; Esses artistas admitiram de bom grado serem chamados de "artesãos" sem serem incomodados por esse nome. Portanto, seus desenhos ofereciam material inestimável aos pesquisadores sábios que faziam comparações neles. E com base nesse material, principalmente, o trabalho em que a egiptologia foi fundada, a Description de l'Egypte.

Enquanto isso, o Instituto Egípcio havia sido fundado no Cairo. Enquanto Denon desenhava, os outros homens da ciência e das artes mediram e calcularam, exploraram e coletaram o que a superfície do Egito oferecia. Apenas a superfície, porque o material à vista ainda não havia sido processado e estava cheio de enigmas que ainda não havia

razão para recorrer à enxada. Além de peças vazadas, desenhos, espécimes de plantas,

animais e mineralogia, naquela coleção havia vinte e sete estátuas geralmente em fragmentos e vários sarcófagos. Também continha a descoberta de uma peça muito especial: era uma estela polida de basalto preto, uma pedra que, em três idiomas e três roteiros diferentes, continha uma inscrição, uma pedra que ficou famosa sob o rótulo de

"pedra trilíngue de Rosetta" »E que isso não seria nem mais nem menos do que a chave para todos os segredos do Egito.

Mas, em setembro de 1801, após a capitulação de Alexandria, na França, após forte resistência diplomática, foi necessário entregar à Inglaterra todas as antiguidades egípcias conquistadas por Napoleão. O general Hutchinson estava encarregado do transporte e George II cedeu ao Museu Britânico todos os espécimes preciosos que já tinham um valor de primeira classe. Parecia que o trabalho realizado na França fora inútil; que o ano de esforços vãos não teve valor; que havia sido inútil para vários sábios, vítimas de doenças oculares, ter perdido a visão. Mas então foi visto que o que chegou a Paris ainda era suficiente para toda uma geração de sábios; Viu-se que nem uma única cópia havia sido parada e, portanto, o primeiro a apresentar um equilíbrio positivo e duradouro da expedição egípcia foi Denon, que, em 1802, publicou sua Voyage dans la Haute et Basse Egypte. Mas, ao mesmo tempo, François Jomard, com base no material da comissão científica e, especialmente, de Denon, começou a escrever aquele trabalho único na história da arqueologia que ele apresentou de repente, para a visão do mundo moderno, não para a cultura afundava nas sombras como Tróia, mas era igualmente remota e até então conhecida apenas por muito poucos viajantes.

A Description de l'Egypte foi publicada de 1809 a 1813, e a sensação causada pelos vinte e quatro volumes grossos registrados pode ser

comparada apenas àquela que mais tarde seria causada pela primeira publicação de Botta em Nínive e depois pelo livro de Schliemann sobre Tróia. .

Em nosso tempo de impressão, dificilmente percebemos a importância das grandes edições de luxo daqueles tempos, com uma profusão de gravuras, muitas vezes em cores, encadernadas com luxo e apenas ao alcance dos potentados que as mantinham. como um tesouro de conhecimento. Hoje, quando toda descoberta de qualquer importância é imediatamente comunicada ao mundo inteiro através da imprensa ilustrada e do cinema em todos os seus aspectos e em milhões de cópias, junto com outras publicações mais altas que o público, esquece-se rapidamente, porque outras os mais recentes monopolizam febrilmente sua atenção; hoje, que nada dura e o que é valioso é enterrado junto com o trivial, mal entendemos a emoção daqueles homens antes dos primeiros volumes da Descrição, vendo coisas nunca vistas, ouvindo coisas nunca ouvidas, descobrindo uma vida até então insuspeita , olhando para um passado que durou milênios.

Como eram homens que tinham um conceito de respeito maior que o nosso, quando dirigiram esse olhar, estremeceram.

O Egito era um país antigo, mais antigo do que qualquer cultura de que se falava até então. Já era velho quando as primeiras reuniões no Capitólio romano estabeleceram as conquistas iniciais; já era e suas cinzas foram jogadas quando nas

florestas do norte da Europa os alemães e os celtas ainda caçavam ursos e leões; quando a primeira dinastia egípcia começou a reinar, cerca de cinco mil anos atrás; isto é, quando a história egípcia começou em datas, já havia uma forma admirável de cultura. E no final da última dinastia, a XXVI, meio milênio ainda passou até o início de nossa era. Líbios, etíopes, assírios, persas, gregos e romanos ainda governavam, e só então, depois de tudo isso, a estrela brilhou acima do estábulo em Belém.

Naturalmente, sabia-se algo sobre as maravilhas da pedra no país do Nilo, mas como lenda, com base em conhecimento limitado. Poucos de seus monumentos chegaram a museus, e menos ainda eram acessíveis à publicidade. O viajante que ia a Roma podia admirar, nos degraus do Capitólio, os leões agora desaparecidos, bem como as estátuas de alguns reis ptolomaicos, isto é, obras criadas em uma época em que o esplendor do antigo Egito havia desaparecido e pelo Delta havia espalhado o novo sabor da Grécia Alexandrina. Acrescente a isso alguns obeliscos - doze estavam em Roma - alguns relevos depositados nos jardins dos cardeais, escaravelhos, cópias do geótropo sagrado para os egípcios e que mais tarde, pelos misteriosos sinais que exibiam, foram usados na Europa como amuletos e mais tarde como jóias e pedras para anéis de sinete. Era isso.

Havia pouco que as bibliotecas de Paris pudessem oferecer como material informativo e científico. É verdade que em 1805 uma grande edição de Strabo foi publicada, em cinco volumes, com uma excelente tradução de seus livros de geografia, tornando-o acessível a todos aqueles que até então só estavam ao alcance de alguns estudiosos. Strabo viajou pelo Egito no tempo de Augusto. Também o segundo livro de Heródoto, o viajante mais surpreendente da antiguidade, ofereceu coisas interessantes. Mas em que mãos caíram as obras de Heródoto? E em que memória viviam as outras notícias dispersas dos autores antigos?

"O vestido que você veste é leve", diz o salmista.

De manhã cedo, o sol paira à distância em um céu azul-aço e, ficando amarelo forte e abrasador, percorre seu caminho pela areia às vezes marrom, às vezes amarela, ocre ou branca. Suas sombras, muito pronunciadas, contrastam na areia como tinta no papel e cortam silhuetas estilizadas de seus modelos. E contra essa secura, sempre acompanhada pelo sol, que não conhece mudanças no clima, nem nas chuvas, nem na neve, nem no nevoeiro, nem no granizo, que não

conhece o estrondo do trovão, nem o relâmpago; contra essa secura que queima o ar, a pureza pura, asséptica e conservadora de tudo o que pode petrificar, em direção a essa região infértil, granulada e instável, abrindo caminho através de dunas de areia em movimento, o Nilo, o pai dos rios, avança O padre Nilo, que se levantou das profundezas do país, alimentado pelos lagos e chuvas do Sudão escuro, úmido e tropical, cresce, transborda sua cama, inunda a areia, engole grandes extensões de deserto e cospe lama, essa lama fértil. De Julio. E assim, todos os anos, por milênios, cresce dezesseis vãos - dezesseis crianças brincam com o deus que simboliza o rio, no grupo alegórico de mármore do Vaticano - e quando ele retorna lentamente ao seu alvéolo, saciado e satisfeito, Não apenas parte do deserto foi engolida, mas também a secura da própria areia. Nas áreas previamente cobertas por suas águas marrons, o trigo é semeado e brota do solo, produzindo frutos duplos e quádruplos; É o tempo das colheitas abundantes, que permitem que os alimentos sejam

economizados para os períodos de fome. O "presente do Nilo", como Heródoto o chamou 2.500 anos atrás, foi o celeiro da antiguidade que fez Roma morrer de fome, quando a água ficou muito baixa ou muito alta.

Nessa paisagem, na qual se destacavam cúpulas brilhantes e minaretes delicados, as cidades eram povoadas por homens de cem raças e cores: fellahs, árabes, núbios, berberes, coptas, beduínos, negros e no meio da confusão variegada de mil idiomas diferentes estavam, como uma saudação de outro mundo, inúmeras ruínas de templos, túmulos, varandas.

Lá estavam eles, em um deserto sem sombras, alinhados no "desfile do Sol", as pirâmides - setenta e sete deixaram seus rastros ao redor do Cairo. Eles eram os imensos túmulos dos reis, um dos quais composto por dois milhões e meio de blocos de pedra, reunidos por mais de cem mil escravos ao longo de vinte anos.

Havia também uma das esfinges, metade homem, metade animal, com a crina ferida de leão, e nariz e olhos transformados em buracos simples, depois que os mamelucos usaram a cabeça como alvo de suas armas; mas ela ficou ali por milênios, mentindo calmamente por um período indefinido de tempo, tão poderoso e colossal em suas proporções que Tutmés, sonhando em perpetuar seu reinado, conseguiu construir um templo em suas garras.

E ali, cortados, também estavam os obeliscos que guardavam a entrada dos templos, como dedos erguidos diante do deserto, erguidos até vinte e oito metros, em homenagem aos reis e aos deuses. Havia também templos instalados em grutas e cavernas, estátuas do "prefeito" ao faraó, colunas e postes, esculturas de todos os tipos, relevos e pinturas. Em procissões infinitas, a realeza que outrora dominava o país estava representada, rigidamente ordenada, exalando grandeza em todos os movimentos, sempre de perfil e em direção a uma meta: "A vida dos egípcios consistia em caminhar em direção à morte". Tão acentuada é uma tendência nos relevos das paredes egípcias que o filósofo moderno poderia explicar como o símbolo egípcio original supremo, comparável em profundidade à sua valorização com o conceito de espaço ocidental ou o corpo grego.

E tudo, todo esse gigantesco cemitério de monumentos estava coberto de hieróglifos, sinais, representações plásticas, contornos, alusões, figuras, mistérios e enigmas; com um rico simbolismo de pessoas, animais, seres fabulosos, plantas, frutas, utensílios, roupas, tranças, armas, figuras geométricas, linhas onduladas e chamas. Eles foram esculpidos em madeira, gravados em pedra e escritos em inúmeros papiros. Eles estavam representados nas paredes dos templos, nas câmaras dos túmulos, nas pedras memoriais, nos sarcófagos, nas estelas, nas imagens dos deuses, nos armários e nos recipientes; até utensílios e bastões de escrever eram enfeitados com sinais hieroglíficos. Parece que os egípcios eram as pessoas que mais gostavam de escrever. Se alguém quisesse copiar as inscrições do templo de Edfu e, por isso, passasse a escrever de manhã à noite, isso não terminaria nem em vinte anos.

Este mundo inteiro foi aberto pela Descrição ao olhar da Europa, ao Ocidente curioso e investigativo que se dispusera a explorar o passado; à França, que por sugestão de Carolina, irmã de Napoleão, se dedicou a cavar com renovado zelo as ruínas de Pompéia, e cujos sábios haviam aprendido com Winckelmann os primeiros

métodos de investigação e a arte da contemplação arqueológica e estavam ansiosos por Confira.

E depois de tanto loa acumulado na Descrição, é hora de apontar uma reserva: Certamente, o material descoberto era, em termos de descrições, desenhos e cópias, muito rico, mas geralmente, quando os editores se referiam ao Egito antigo, eles simplesmente o mostravam e não disseram nada, porque não sabiam qual explicação dar e quando Eles deram estava errado.

Todos os monumentos apresentados permaneceram mudos e qualquer ordem que lhes fosse atribuída era mais do que provável. Os hieróglifos não sabiam como lê-los; os

sinais

não

podiam

interpretá-los; *esse*

idioma

era

desconhecido. A Descrição descobriu um mundo tão novo em seus relacionamentos, em sua ordem e importância, que era um enigma completo.

Quantas coisas seriam conhecidas se os hieróglifos pudessem ser lidos! Mas isso seria possível? De Sacy, o grande orientalista de Paris, declarou:

"O problema é muito confuso e, cientificamente, não tem solução". Por outro lado, o professor Grotefend de Göttingen não publicou um panfleto mostrando o caminho para decifrar a escrita cuneiforme de Persépolis? Ele ainda não apresentou os primeiros resultados de sua interpretação? Grotefend não trabalhou com muito pouco material, enquanto existiam inúmeras inscrições? e um soldado de Napoleão não encontrou uma pedra de basalto muito negra, da qual não apenas os sábios que a viram, mas também o jornal que publicou as primeiras notícias, afirmaram que era a chave para decifrar os hieróglifos, graças a uma chance de sorte? Onde, então, estava o homem que sabia como tirar proveito daquela pedra mágica?

Logo após a descoberta, o Courrier de l'Egypte, sob a data revolucionária do 29

fructidor, VII année de la République, e sob a menção: Rosette, o 2 fructidor e o 7, publicou um relatório do fato. E uma coincidência que parece muito estranha levou este jornal, publicado no Egito, à casa do pai daquele que, após um trabalho brilhante e único, veio, vinte anos depois, ler as inscrições naquela pedra negra e encontrou a solução para o problema. enigmas hieroglíficos.

Capítulo X

CHAMPOLLION E A PEDRA TRILINGUAL DE ROSETTA

Quando o ilustre frenologista Dr. Gall foi de um lugar a outro, divulgando sua teoria sobre a interpretação das faculdades pelo estudo do crânio, admirado por alguns e insultado por outros, reverenciado por muitos e invejado por poucos, em Paris eles o apresentaram jovem. Gall, imediatamente medindo com o olhar o crânio do apresentado, exclamou cheio de emoção:

"Ah, que talento para as línguas!"

Aquele jovem de dezesseis anos na frente de Gall era, de fato, fluente em meia dúzia de outras línguas orientais do que o latim e o grego.

No século 19, foi experimentado um estilo de biografias, que tenazmente cavou nos mínimos detalhes dos personagens e, por exemplo, poderia ter dito que em uma ocasião Descartes, aos três anos de idade, antes do busto de Euclides, ele pode ter exclamado "Ah!" Esse gênero biográfico também poderia coletar as faturas de engomar de Goethe para verificar as impressões dos gênios.

O primeiro exemplo revela simples absurdo "metódico"; o segundo pode ser estupidez trivial. Mas nessas fontes as histórias são alimentadas, e o que pode ser feito contra as histórias? Até o cartum de Descartes, aos três anos, vale tanto quanto um livreto escrito no terreno macio dos reflexos da luz. Portanto, não temos vergonha de contar o maravilhoso nascimento de Champollion.

Em meados do ano de 1790, o livreiro Jacques Champollion, estabelecido na pequena cidade de Figeac, quando todos os médicos se declararam incapazes de fazer qualquer coisa, levou para a cama de sua esposa, uma paciente paralisada, a curandeira Jacqou. No Delfinado, no sudeste da França, Figeac está localizada na província de Siete Milagros, uma das regiões mais bonitas, povoada por pessoas duras, apegadas a seus costumes e que quase não despertam de sua letargia habitual, mas que, se houver alguma Uma vez que ela o faz, ela está inclinada ao

fanatismo transbordante; por esse motivo, ele prontamente se entrega a toda crença no extraordinário e milagroso.

O curandeiro ordenou que o paciente - e esta circunstância e a que se segue é confirmada por várias testemunhas - se deitasse em algumas ervas previamente aquecidas e bebesse uma mistura de vinho quente. E ele anunciou que se curaria imediatamente; E o que mais surpreendeu toda a família foi que ele também declarou que daria à luz um menino que seria famoso e que sua fama duraria séculos.

No terceiro dia, a doente levantou-se e, em 23 de dezembro de 1790, às duas da manhã, nasceu Jean-François Champollion, o homem que mais tarde seria capaz de decifrar os hieróglifos. As profecias do curador foram cumpridas.

Se crianças nascidas do diabo tiverem pés de taco, não ficaremos surpresos ao encontrar características mais triviais nesse caso, em que um bruxo colocou a mão no jogo. O médico, depois de reconhecer o pequeno François, viu com espanto que ele tinha uma córnea amarela, característica dos orientais e que em um cidadão da Europa Central é uma singularidade. Ele também tinha uma pele muito escura, quase marrom,

e todas as características do rosto eram visivelmente orientais. Vinte anos depois, ele ainda levaria o apelido de "egípcio". De resto, ele era o filho dos dias da grande Revolução, pois em setembro de 1792 a República foi proclamada em Figeac e desde abril de 1793 o terror reinou. A casa do pai de Champollion ficava a trinta passos da Place d'Armes - mais tarde nomeada em homenagem a ele - onde a simbólica Árvore da Liberdade foi plantada. Os primeiros sons que ele percebeu conscientemente foram a música alta de La Carmagnole e o grito daqueles que buscavam refúgio em sua casa fugindo da população desenfreada, incluindo um padre que era seu primeiro professor.

"Ele tem cinco anos", observa um biógrafo entusiasmado, ingenuamente "quando executou sua primeira tarefa de decifrar

comparando noções adquiridas de memória com letras impressas e, assim, aprendeu a ler por conta própria. Com apenas sete anos de idade, ele ouviu pela primeira vez a palavra mágica Egito "no brilho enganador de um morgan fata", já que seu irmão Jacques Joseph, doze anos mais velho que ele, falha em seu desejo de participar da expedição ao Egito ". .

Como pode ser visto, ele é um péssimo aluno em Figeac, e é por isso que seu irmão, já talentoso filólogo e interessado em arqueologia, procura por ele, o leva a Grenoble em 1801 e se preocupa com sua educação. Pouco tempo depois, François, de onze anos, demonstra um carinho extraordinário pelo latim e pelo grego, e começa a se dedicar com incrível proficiência ao estudo do hebraico, levando seu irmão a reservar o nome de família para o mais novo e a se chamar modestamente Champollion Figeac, e mais tarde apenas Figeac. Nesse mesmo ano, o jovem François teve a oportunidade de falar com Fourier, que havia participado da expedição ao Egito: era um famoso físico e matemático e ocupou os cargos de secretário do Instituto Egípcio no Cairo, alto comissário francês do governo egípcio. , Presidente dos Tribunais e chefe de uma importante comissão científica. Naquela época, ele era prefeito do departamento de Isére, morava em Grenoble e formara um círculo com os intelectuais mais importantes da região. Durante uma inspeção escolar, ele discute com François e, surpreendendo sua vivacidade, o convida e mostra sua coleção egípcia. Aquela criança enfeitiçou os primeiros fragmentos de papiros e as primeiras inscrições hieroglíficas em placas de pedra.

"Você pode ler isso?" -questão. Fourier balança a cabeça negativamente.

"Eu lerei isto!" Diz o pequeno Champollion, convencido. Mais tarde, ele repetirá essa anedota com frequência.

"Dentro de alguns anos vou ler." Quando é mais velho.

Isso não nos lembra aquele outro garoto que disse ao pai: "Vou encontrar Tróia!" com a mesma convicção e segurança visionária? Mas

como, com que métodos diametralmente opostos, seus respectivos sonhos juvenis se realizaram! Schliemann, como autodidata, Champollion não desvia um pingo do caminho traçado por seu treinamento científico, embora seja verdade que ele percorreu esse caminho com uma velocidade que superou todos os seus colegas. Schliemann, quando começou seu trabalho, carecia de qualquer base profissional; Champollion já estava preparado com todo o conhecimento que seu século poderia lhe oferecer.

Seu irmão se preocupou com seus estudos e tentou controlar a imensa sede que o garoto sentia por seu conhecimento. E sempre em vão, porque Champollion se lançou nas regiões mais remotas do conhecimento e queria saber tudo. Aos doze anos, ele escreveu seu primeiro livro com o estranho título: "História dos cães famosos", pois já a falta de uma visão clara o impede nesse trabalho; Isso o faz esboçar uma tabela histórica que ele chama com pediatria infantil de "Cronologia de Adão para Champollion, o Jovem". O irmão mais velho havia lhe dado o sobrenome, como dissemos, porque sentiu que um dia ele teria que dar mais brilho. Em vez disso, Champollion se chama "o jovem" para distingui-lo de seu irmão.

Aos treze anos de idade, começou o estudo do árabe, da Síria, do Caldeu e dos Cópticos. E, coisa notável, tudo o que ele aprende e faz, tudo o que interessa, gira em torno do círculo mágico do Egito.

Agora ele pode lidar com o que quer que seja, que, mesmo sem suspeitar de si mesmo, logo estará envolvido em um problema egípcio. Ele estuda o chinês antigo na tentativa de provar seu parentesco com o antigo egípcio. Estudou textos dos zenda, pahlavi e parsi, as línguas dos países mais distantes, os materiais mais díspares e, estimulado pela memória de Fourier, organizou todo o seu conhecimento. E no verão de 1897, aos dezessete anos, ele projetou o primeiro mapa histórico do Egito, o primeiro mapa do reino dos faraós.

Sua audácia só pode ser entendida ao pensar que, para isso, ele não tinha outra base senão citações dos textos bíblicos, latinos, árabes e

hebraicos, geralmente mutilados e comparações com o copta, a única língua que talvez pudesse servir de ponte no antigo egípcio, pois que no Alto Egito essa língua ainda era falada no século XVIII de nossa era.

Ao mesmo tempo, ele reúne material para um livro. De repente, ele decide ir para Paris, mas os acadêmicos de Grenoble querem que ele termine seu trabalho. Eles esperaram o trabalho retórico habitual. Mas Champollion fez o esboço de seu livro

"Egito sob os faraós".

E em 1º de setembro, leia a introdução. Um jovem esbelto e altivo, com a petulância do adolescente, aparece diante da solene Academia provincial e expõe teses ousadas apresentadas com lógica convincente. O efeito produzido é extraordinário. Por unanimidade, esse garoto de dezessete anos é nomeado membro da Academia, e Renauldon, seu presidente, levanta-se, abraça-o e diz:

- Apesar de sua juventude, a Academia nomeia você como seu membro, levando em consideração o que você já fez e, acima de tudo, pensando no que fará. Ela está convencida de que você justifica suas esperanças e confia que algum dia, quando com suas obras um nome tiver sido criado, você se lembrará de que ela foi a primeira a encorajá-lo.

Champollion, um estudante da Academia Grenoble, tornou-se um membro ilustre.

Quando ele sai da recepção, ele desmaia. Seu temperamento sanguíneo é acompanhado por momentos de grande depressão. Naquele momento, ele é hipersensível; Ele é altamente desenvolvido psiquicamente, e muitos o consideram um

gênio. Fisicamente, ele também está à frente de sua idade. Quando, assim que terminou os estudos, decidiu se casar, sua decisão não era loucura para um garoto. Ele realmente se sentia mais velho que a idade dele. Ele sentiu que uma nova etapa de sua vida estava começando

para ele e viu diante de si uma imensa cidade, a capital da Europa, o ponto de cruzamento de espírito, política e aventura. Em uma jornada de setenta horas, suportando com seu irmão a influência do carro que já se aproxima de Paris, ele meditou entre sonho e realidade, como em um pesadelo, se encontrando envolto em papiros amarelados, de palavras em uma dúzia de idiomas. oprimida por pedras cravejadas de hieróglifos, incluindo a misteriosa pedra de basalto preto, a pedra de Rosetta, que ele vira anos atrás na casa de Fourier e cujas inscrições fascinantes o assombram.

Então - isso é autêntico -, dirigindo-se ao irmão, ele diz em voz alta o que ele estava secretamente esperando e do qual ele agora está subitamente consciente, enquanto seu rosto escuro queima em seu rosto escuro:

"Vou decifrar os hieróglifos!" Eu tenho certeza disso.

Diz-se que Dhautpoul encontrou a pedra de Roseta. Mas Dhautpoul era apenas o chefe das forças sapadoras, um superior hierárquico do soldado que realmente a encontrou. Outras fontes também citam Bouchard, mas ele era apenas o oficial encarregado de dirigir o trabalho de fortificação nas ruínas da fortaleza de Rachid, então chamada Fort Julien, sete quilômetros e meio a noroeste de Rosetta, no Nilo. Foi ele quem mais tarde foi encarregado do transporte da pedra para a cidade do Cairo.

De fato, quem descobriu que era um soldado cuja cultura não sabemos se lhe permitia conhecer o valor de sua descoberta, quando seu bico tocou a pedra, ou se ele estava simplesmente fascinado pelo aparecimento de uma laje, completamente coberta de sinais misteriosos. A verdade é que ele fugiu gritando, como um ingênuo que teme cair sob o feitiço da magia.

A pedra que crescia tão inesperadamente das ruínas da fortaleza, do tamanho de uma mesa, era de basalto preto, duro, de grão fino e, por

um lado, polida. Apresentava três séries de inscrições, parcialmente desgastadas pelo tempo, apagadas pelo mato da areia fina que por dois milênios passava por ela. E dessas três inscrições, a primeira, em quatorze linhas, era hieroglífica; o segundo, vinte e dois, demótico, e o terceiro, cinquenta e quatro, grego.

Grego! Então foi possível lê-lo. Era possível entendê-la. Foi possível...

Um general de Napoleão, um helenista apaixonado, começou imediatamente sua tradução. Como ele pôde ver naquele momento, foi uma dedicação dos sacerdotes de Memphis a Ptolomeu V em 196 a. J. C, elogiando-o pelos benefícios recebidos.

Esta lápide, após a capitulação de Alexandria, juntamente com os outros pedaços de pilhagem, chegou ao Museu Britânico em Londres. Mas a "Comissão" napoleônica ordenou que todas as cópias encontradas fossem esvaziadas e copiadas, e essas cópias chegaram a Paris, onde os sábios foram capazes de realizar seu trabalho comparativo.

Para comparação, dissemos; então, o que é mais lógico senão deduzir da organização das colunas que elas continham o mesmo texto? O Courrier de l'Egypte já havia dito que neles era a chave para encontrar a porta daquele reino morto e continha a possibilidade de "descobrir o Egito com documentos dos próprios egípcios". Depois da tradução da inscrição grega, seria difícil estabelecer o valor dos sinais hieroglíficos que correspondiam àquelas palavras gregas, aos mesmos conceitos e aos mesmos nomes?

As melhores mentes da época foram dedicadas a esse empreendimento. Não apenas na França, mas também na Inglaterra - antes do original autêntico da pedra -, na Alemanha, na Itália. Foi em vão. Todos eles começaram a partir de uma hipótese falsa; eles tinham dos hieróglifos algumas idéias, parcialmente baseadas em Heródoto, que os cegavam com a teimosia que se manifesta em tantas idéias falsas e preconcebidas da história da cultura humana. Para descobrir o mistério

dos hieróglifos, era necessária uma virada quase copernicana, uma ocorrência que saltou o caminho batido da tradição iluminou a escuridão daquela noite antiga como um raio.

Quando Champollion, então com dezessete anos, foi apresentado por seu irmão a De Sacy, seu futuro professor, um homem baixo e insignificante, e que, no entanto, já se conhecia além das fronteiras da França, não era um jovem tímido nem Autoconsciente, mas como antes, aos onze anos, quando entusiasmou Fourier, agora também deleitava De Sacy.

Mas De Sacy estava desconfiado. O homem de quarenta e nove anos, com todo o conhecimento de seu tempo, viu diante de si um jovem petulante que, com audácia imprudente, havia empreendido um projeto no qual ele próprio havia declarado que ainda não tinha ainda É hora de fazer isso. Mais tarde, porém, recordando esse primeiro encontro, De Sacy fala das "impressões profundas" que recebeu. Isso é um milagre? O

livro do qual De Sacy viu apenas a introdução, no final do ano estava quase terminado. Portanto, a fama que sete anos depois lhe foi atribuída era merecida e bem merecida quando ele ainda tinha dezessete anos. Após a publicação desse trabalho, Champollion foi lançado no estúdio. Evitando todas as seduções que Paris ofereceu, ele se fecha nas bibliotecas, passa de um Instituto para outro, cumpre as cem comissões que os estudiosos de Grenoble recomendam em suas cartas, estuda sânscrito, árabe e persa -

o «italiano de Leste ", como diz De Sacy," pais de quase todas as línguas orientais, e ainda pede ao irmão uma gramática chinesa "para se distrair".

Ele vai tão longe no espírito do árabe que muda a entonação de sua voz e, em uma determinada reunião, um árabe se inclina diante dele, acreditando que ele é um dos seus. Seu conhecimento do Egito se torna tão profundo que Somini de Manencourt, que era considerado o

viajante mais célebre da África, depois de conversar com ele, exclama surpreso:

"Mas você conhece os países de que falamos tão bem quanto eu!"

Um ano depois, o copta também fala e escreve. "Eu falo comigo mesmo", diz ele, e para praticar, ele escreve todos os tipos de exercícios que lhe ocorrem em sinais demóticos. Quarenta anos depois, o curioso erro de um sábio que tomou um desses entretenimentos como o texto egípcio original da época dos Antoninos entra em vigor comentando-o erraticamente. Acabou sendo uma transcrição francesa do livro alemão de Beringer sobre fósseis!

Champollion passa por inúmeras dificuldades e dificuldades. Se ele não tivesse seu irmão para apoiá-lo, morreria de fome. Ele mora em um quarto miserável perto do Louvre, pelo qual paga dezoito francos por mês de aluguel. E muitas vezes ele deve isso a seu irmão; ele pede muitas vezes, não sabe o que fazer, não consegue administrar dinheiro e lamenta muito quando Figeac comunica que será forçado a penhorar sua biblioteca se François não limitar suas despesas. Limite? Mais ainda? Ele usa sapatos quebrados e o terno puído. Finalmente, ele tem vergonha de atuar na sociedade; Ele adoece, e o frio e a umidade de um inverno extremamente rigoroso em Paris são a causa dos germes do mal que a morte lhe causará. Em troca, dois pequenos sucessos o animam.

O imperador precisa de soldados. Em 1808, todos os homens com dezessete anos foram convocados. Champollion está horrorizado e todo o seu ser resiste a essa demanda; ele, que sabe manter a disciplina mais rigorosa do espírito, treme quando imagina os guardas, os grupos de homens formados e sujeitos a uma disciplina estúpida que mede todos os espíritos com o mesmo padrão. Winckelmann já não sofrera a opressão do militarismo prussiano? "Há dias", François escreve desesperadamente para Figeac, "quando eu perco a cabeça".

O irmão, que sempre o ajuda, também o faz neste caso. Ele vai a amigos, dirige petições, escreve muitas cartas e finalmente consegue permitir que Champollion continue seus estudos; e numa época em que o barulho das armas reverbera, nosso homem pode se dedicar ao estudo de línguas mortas.

A segunda questão que o preocupa ainda mais, que começa a fasciná-lo de tal maneira que às vezes até esquece a ameaça da militarização, é o estudo da pedra de Rosetta. E, fato estranho: assim como Schliemann mais tarde, quando ele já falava e escrevia todas as línguas européias, apesar de se interessar pelo grego antigo, ele hesitou com a ideia de estudá-lo, porque suspeitava que toda a ilusão estaria esgotada. Assim, a ideia de Champollion circulava cada vez mais a pedra trilíngue, perdia-se nas bobinas de uma espiral, por assim dizer, e se aproximava cada vez mais do objeto de seus desejos. Mas quanto mais perto ele se aproximava, mais lento e hesitante se tornava seu movimento, porque lhe parecia que ele ainda não tinha conhecimento suficiente para enfrentar um problema tão grande, que ainda não estava adequadamente equipado com todo o conhecimento de seu tempo.

Mas de repente, colocado diante de uma cópia da pedra de Rosetta feita em Londres, ele não consegue se controlar. É verdade que não começa com a técnica adequada de decifrar; Uma comparação da pedra de Rosetta com o papiro foi suficiente para ele, de uma só vez e de uma maneira intuitiva, para perceber os valores justos de toda uma série de cartas. "Submeto meus primeiros passos para você", escreve ele a seu irmão, em 30 de agosto de 1808, aos dezoito anos de idade. E depois da modéstia com que ele explica seu método, talvez pela primeira vez se manifeste o orgulho do jovem pesquisador.

Quando ele deu o primeiro passo, ele sabia que estava no caminho do sucesso e da fama; quando entre ele e o objetivo ele não via nada além de trabalho, fadiga, privação e pronto para fazer qualquer coisa que havia conseguido, ele recebe a notícia de que tudo o que havia feito até então, tudo o que supunha, esperava e sabia se tornara um esforço vã e sem sentido. Outro já havia decifrado os hieróglifos!

Em um campo muito diferente daquele desse tipo de pesquisa e de seu cansaço, nos dez anos de luta pela conquista do Pólo Sul, conta-se uma história que descreve de maneira mais dramática uma impressão análoga à que Champollion experimentou ao aprender sobre que outro tinha ido na frente dele. Após um cansaço terrível, o capitão Scott consegue se aproximar do Polo com um punhado de homens, alguns trenós e alguns cães. Cego pela neve, fome e exaustão, ele foi estimulado pelo imenso orgulho de ser o primeiro a atingir a meta, quando naquele campo de neve infinita, que deveria ser virgem, de repente ele vê uma bandeira: a que plantar o norueguês Amundsen!

Como eu disse, este exemplo é mais dramático, pois atrás dela havia a morte, uma morte branca. Mas a impressão do jovem Champollion será idêntica à do capitão Scott. E não é um consolo pensar que a mesma sensação que muitos neste século terão experimentado em tantas descobertas simultâneas. Todos eles terão sentido o que Scott experimentou ao ver a bandeira.

Mas se Champollion tivesse sido atingido por um raio, os efeitos seriam transitórios. A bandeira de Amundsen foi fixada e manteve o testemunho de sua vitória indiscutível na posição vertical; mas quanto à decifração dos hieróglifos, não havia nada certo.

Champollion ouviu a notícia enquanto estava na rua e imediatamente foi ao Collège de France. Um amigo explicou a ele, sem suspeitar qual era o objetivo ambicioso que Champollion perseguia há anos, nem o que ele sonhava, nem o que o encorajava, ou o que ele vinha trabalhando há tantos dias e noites, a razão pela qual ele estava com fome e que foi humilhado. Então ele ficou surpreso e assustado ao ver Champollion hesitar e se apoiar fortemente nele.

- Alex Lenoir - disse aquele amigo -, acaba de publicar uma obra, apenas um panfleto, a Nouvelle Explication, com a completa decifração dos hieróglifos. Imagine o que isso significa! "E ele te dá essas notícias com um sotaque de alegria trivial."

A quem você conta?

"Lenoir?" Champollion pergunta, balançando a cabeça. Mas ele vislumbra um raio de esperança. Um dia antes de ver Lenoir, a quem conhecia há um ano. Lenoir é um homem de certa fama, mas não um gênio.

"Impossível!" Ele diz. Ninguém falou ainda, nem mesmo o próprio Lenoir disse uma palavra.

"E isso sente sua falta?" Pergunta o amigo. Quem é capaz de revelar prematuramente tal descoberta?

Champollion para de se apoiar no braço do amigo.

"Que livreiro tem?" -questão. E foge. Com mãos trêmulas, ele conta os francos no balcão empoeirado; apenas algumas cópias da brochura foram vendidas. Ele voa para casa, deita-se no sofá velho e começa a ler empolgado.

E enquanto a viúva Mécran serve jantar na cozinha, um barulho infernal vem do quarto de sua inquilina. Ela o ouve apavorada; depois corra para a sala, abra a porta e

veja François Champollion deitado no sofá. O aluno se levanta e sua boca emite sons desarticulados, mas ele ri, sem dúvida, abalado por uma enorme risada histérica.

A mão dela está segurando o folheto de Lenoir. Descriptografia dos hieróglifos? Este pobre Lenoir plantou a bandeira prematuramente! Champollion sabe muito sobre isso para poder julgar que o que Lenoir pretende é tolice, uma simples invenção, uma ousadia onde fantasia e conhecimento mal digerido se misturam.

Mas o golpe foi terrível. Ele nunca esquecerá isso. Sua emoção mostrou-lhe interiormente o quanto ele já estava vinculado à tarefa de fazer falar imagens mortas. Quando, exausto, adormece, é perseguido por terríveis

pesadelos. Em seu delírio, as imagens fantásticas falam com vozes egípcias. E o sonho confirma para ele o que sua vida difícil freqüentemente o impedia de ver: que ele é obcecado, que está fascinado por hieróglifos, que ele está sendo vencido pela magia da decifração de escrituras raras.

Todos os seus sonhos terminam em triunfo. Parece-lhe que ele já desfruta desse triunfo. Quando, sem encontrar a paz, ele vagueia de um lado para o outro, esse garoto de dezoito anos não sabe que mais de uma dúzia de anos ainda o separa do dia em que alcançará seu objetivo. Tampouco suspeita que sofrerá um revés após o outro, e que ele, que só está interessado nos hieróglifos e no país dos faraós, terá que marchar um dia a caminho do exílio, acusado de alta traição.

Capítulo XI

Um N acusado de alta traição decifra hieróglifos

Já aos doze anos de idade, estudando o Antigo Testamento em sua versão original, Champollion afirmou em um trabalho escolar que a forma republicana do estado era a única razoável. Formado nas tendências ideológicas do século iluminista, que foram as causas da Revolução Francesa, ele teve que sofrer as conseqüências do novo despotismo pelo qual o regime revolucionário escorregou em decretos e decretos e que acabou se manifestando descaradamente com o coroação de Napoleão Bonaparte como imperador. Como seu irmão se tornou um admirador entusiasmado de Napoleão, ele permaneceu um puritano, um crítico severo de todos os sucessos, e mesmo em seu pensamento mais íntimo, não apoiou a carreira triunfante das Águias Imperiais francesas.

Não vamos processar suas idéias políticas neste trabalho, mas tampouco, ao narrar a vida do egiptólogo, podemos silenciar o fato de que, seguindo o fervoroso e indomável desejo de liberdade, então na

moda, ele pegou a bandeira tricolor e interveio na conquista de Grenoble. Champollion, que já havia sofrido sob o regime severo de Napoleão, mais tarde se declarou inimigo dos Bourbons e, com a própria mão, baixou a bandeira da flor de lis da fortaleza da cidadela e ergueu a tricolor, o mesmo que quinze anos. Ele já havia voado triunfante pela Europa e depois parecia novamente um símbolo de liberdade, Champollion estava novamente em Grenoble. Em 10 de julho de 1809, ele foi nomeado professor na Universidade. Ou seja, aos dezenove anos, ele era um professor onde estudara pouco tempo antes e, entre seus próprios discípulos, havia garotos que dois anos antes haviam se sentado com ele nos bancos da escola. É de admirar que ele tivesse inimigos, que ele estivesse envolvido em uma rede de intrigas em um momento em que as intrigas eram tão prósperas, especialmente entre os professores mais velhos que se sentiam negligenciados, desapontados, relegados a segundo plano por aquele jovem?

As idéias que o jovem professor de História defendia consistiam em proclamar seus anseios pela verdade, colocando nela o objetivo mais alto da pesquisa histórica. Mas ao falar a verdade, ele se referia à verdade absoluta e não a uma verdade bonapartista ou Bourbon. Por isso, ele pediu liberdade para a ciência, sempre insistindo que a liberdade absoluta não poderia ser limitada por decretos ou proibições ditados pelas demandas do poder. Ele exigiu a mesma coisa que aqueles chefes febris dos primeiros dias da revolução haviam proclamado e que, desde então, vinha se traindo ano após ano.

Em resumo, como político, ele teve que colidir fatalmente com a realidade cotidiana e, como nunca traiu suas idéias, freqüentemente se sentia desencorajado e desapontado. Por exemplo, quando ele escreve uma citação a seu irmão, que qualquer outra pessoa teria tirado das palavras finais da moral de Candide de Voltaire, o famoso Vamos cultivar nosso jardim, ele, um bom orientalista, o tira de um dos livros sagrados do Oriente e escreve: «Fertilize seus campos! No "Zend Avesta", diz-se que é melhor fertilizar quatro polegadas de terra seca do que vencer vinte e quatro batalhas, e penso o mesmo ».

E cada vez mais envolvido em intrigas, doente por causa deles e vítima das manobras de seus colegas, ele viu seu salário reduzido a um quarto, e escreve pouco depois: «Meu destino é decidido: pobre como Diógenes, tentarei compre-me um barril e vista um casaco como vestido. Então, esperarei que a bem conhecida generosidade dos atenienses me guarde.

Ele compõe sátiras contra Napoleão; Mas quando este caiu em 19 de abril de 1814, data em que os aliados entraram em Grenoble, ele perguntou com amargo ceticismo se agora, uma vez derrubado o regime déspota, o regime ideal dos sonhos realmente começaria. Ele tem suas dúvidas sobre isso.

Mas a violência de seus sentimentos pela liberdade do povo e da ciência nunca consegue nublar sua outra paixão, seu entusiasmo pelo estudo da antiguidade do Egito. Sua fertilidade ainda é incrível. É dedicado às necessidades mais pequenas, as mais distantes do seu tema principal; ele faz um dicionário copta e, ao mesmo tempo, escreve peças para os salões de Grenoble - incluindo um drama sobre Ingenia. Ele escreve as letras das três músicas da moda, politicamente matizada chansons que saltam da pena para a rua, algo que seria inconcebível em um estudioso alemão, mas que na França obedece a uma tradição que remonta ao século 12 com o famoso Pedro Abelardo . Além de tudo isso, ele lida com o que para ele é o objeto central de sua obra: ele se aprofunda cada vez mais nos segredos do Egito, que ele não abandona mesmo nos dias em que as ruas fervem com os gritos de Live Imperador! ou Vive le Roi! Ele escreve muitas composições, prepara livros, ajuda outros autores, dedica-se à difícil tarefa de ensinar e se tortura com estudantes medíocres; um esforço que acaba atacando seus nervos e prejudicando sua saúde. Em dezembro de 1816, ele escreve:

"Meu dicionário copta fica mais denso a cada dia, enquanto o oposto acontece com o autor". Então ele suspira quando chega à página 1069 e ainda não consegue terminar o livro.

Chegam os famosos Cem Dias, segurando o fôlego de toda a Europa enquanto se vê pela última vez sob as garras de Napoleão, que destrói o prédio tão estupidamente erguido após sua derrota. Mais uma vez, os perseguidos se tornam perseguidores, os governantes são governados, o rei é um fugitivo e Champollion é forçado a deixar sua biblioteca. Napoleão está de volta!

Com um sensacionalismo verdadeiramente opereta, a imprensa servil da época escreve dia após dia: "O maligno fugiu!" "O ogro chegou a Cannes!" "O tirano vem para Lyon!" "O usurpador está a sessenta horas da capital!" "Bonaparte está se aproximando aos trancos e barrancos!" "Napoleão estará diante de nossos muros amanhã!" "Sua Majestade está em Fontainebleau!"

Em 7 de março, Napoleão, em sua marcha para a capital, chega a Grenoble. Batendo com sua caixa de rapé bate no portão da cidade. É noite e à luz das tochas se desenvolve uma nova cena cômica da História Universal; Por um minuto terrivelmente longo, Napoleão se encarou sozinho diante dos canhões de uma praça fortificada, onde os artilheiros corriam de um lado para o outro. Por fim, alguém grita:

"Viva Napoleão!"; e o aventureiro entra para deixar Grenoble como imperador, já que Grenoble, coração de Delfinado, significa estrategicamente nada menos que a posição-chave, o ativo decisivo de sua rápida campanha.

Figeac, irmão de Champollion, que já ficou entusiasmado com o imperador, agora é seu admirador mais ardente. Napoleão pede uma secretária particular e o prefeito o apresenta a Figeac, digitando intencionalmente seu nome: Champoleón.

“Magnífico!”, Exclama o imperador, “tem metade do meu próprio nome.

Champollion, que assiste a essa cena, é questionado por Napoleão sobre seu trabalho e descobre sua gramática e dicionário coptas. E enquanto Champollion permanece imóvel - desde os doze anos de

idade, ele tratava familiarmente pessoas que eram mais próximas dos deuses que Napoleão - o imperador se apaixonou pelo jovem estudioso; Ela conversou com ele por um longo tempo e, por capricho de um imperador, prometeu enviar suas duas obras para impressão em Paris. Mas ela não está contente com isso, mas no dia seguinte ela o visita na biblioteca e fala sobre seus estudos de linguagem novamente. E tudo naqueles dias e horas em que ele estava a caminho de recuperar seu Império. Dois conquistadores do Egito estavam frente a frente. Aquele trouxe o país do Nilo para seus ambiciosos projetos geopolíticos, naquele momento em que sua estrela brilhava novamente; Ele planejou construir mil bloqueios para garantir indefinidamente a regularidade do rio e decidiu imediatamente declarar a língua copta como uma linguagem popular universal; o outro, que nunca havia visitado o Egito, mas que em seu espírito havia vivido naquele antigo império que já havia desaparecido mil vezes, também sonha com projetos ambiciosos e o conquistará pelo valor de seu conhecimento e inteligência.

Mas os dias de Napoleão estão contados. Rápido como sua segunda promoção também é sua segunda derrota. A Ilha de Elba foi seu ponto de partida e, depois dos Cem Dias, Santa Elena será seu leito de morte.

Os Bourbons entram em Paris novamente. Mas eles não são mais fortes ou poderosos e, portanto, não sentem grandes desejos de vingança, apesar de centenas de condenações também serem pronunciadas e "as multas estarem chovendo, como no passado o maná para os judeus". Figeac está entre os perseguidos por terem prometido seguir Napoleão a Paris. E os procedimentos expeditos que se seguem aos invejosos que o jovem professor teve em Grenoble não distinguem os dois irmãos, pois estavam confusos em seus trabalhos científicos. Talvez tenha sido também porque o jovem Champollion, nas últimas horas dos Cem Dias, ao mesmo tempo em que estava desesperado para reunir mil francos para adquirir um papiro egípcio, ajudou a fundar a Confederação do Delfinado, denominada pomposamente, que declarava defender a causa de liberdade e isso agora era suspeito.

Quando os monarquistas marcharam em Grenoble, Champollion estava nas fortificações e encorajou os soldados à resistência, sem saber de que lado havia maior liberdade. Mas o que acontece de repente? Quando o general Latour começa a bombardear o centro da cidade, vendo as conquistas da ciência e o futuro de seu trabalho em perigo, Champollion se afasta das fortificações e, abandonando toda a política e todos os interesses militares, continua no segundo andar da biblioteca, carregando água e areia, sozinho na imensa concha, ele resiste ao disparo de canhão, expondo sua vida pela salvação de seus papiros. Nos dias seguintes, Champollion, demitido de seu cargo de professor, acusado de alta traição e exilado, inicia o trabalho de decifração definitiva dos hieróglifos. O ano e meio de exílio é seguido por outro período de trabalho infatigável. Grenoble e Paris são novamente seus pontos de

residência. Outro processo de alta traição o ameaça novamente. Em 1821, ele deixou a cidade, onde de repente se tornou um estudante, um acadêmico e agora um fugitivo. Mas, um ano depois, ele publicou um Lettre a M. Dacier relativo ao alfabeto dos hióglifos fonéticos, um documento que contém as bases da decifração e que o torna conhecido por todo o mundo, aquele mundo cujo olhar se volta para perguntas até então iluminado, em direção ao enigma das pirâmides e dos templos antigos, pouco foi descoberto.

Por mais estranho que possa parecer, esse fato era evidente: os hieróglifos estavam à vista do mundo e vários autores antigos os escreveram e comentaram, dos quais os da Idade Média ocidental fizeram interpretações cada vez mais diversas; e agora, com a expedição de Napoleão ao Egito, inúmeras cópias chegaram a acadêmicos e pesquisadores, mas ainda não haviam sido decifradas. Isso não apenas revelou incapacidade e ignorância coletiva, mas o resultado de critérios errôneos individuais que perpetuaram o erro.

Heródoto, Estrabão e Diodoro viajaram pelo Egito e mencionaram os hieróglifos como uma escrita incompreensível de imagens. Horapolo, no século IV dC. de J. C, havia deixado uma descrição detalhada de seu significado, e as alusões a Clemente de Alexandria e Porfirio eram pouco compreensíveis. É lógico que, na ausência de um ponto de referência mais seguro, o trabalho de Horapolo foi tomado como a chave de todos os estudos. Este, porém, falou dos hieróglifos, considerando-os como uma escrita de imagens, para a qual, durante centenas de anos, todas as interpretações foram feitas buscando o significado simbólico de tais imagens. E isso levou qualquer fã a deixar a fantasia voar, mas os cientistas estavam desesperados diante de tanta confusão.

Quando Champollion conseguiu decifrar os hieróglifos e verificou-se quanta verdade havia em Horopolo, foi revelada a evolução do simbolismo primitivo, em que uma linha ondulada representava a água, outra horizontal, a casa; uma bandeira, o deus. Tal simbolismo, aplicado à carta pelos seguidores de Horapolo na interpretação de inscrições posteriores, levou a direções erradas.

Esses cursos eram pura aventura. O jesuíta Athanasius Kircher, um homem de grande imaginação - ele foi, entre outras coisas, o inventor da lanterna mágica -

publicado em Roma, de 1650 a 1654, quatro volumes com traduções de hieróglifos, dos quais nem um só era justo, nem nem chegou nem perto da interpretação exata. O grupo

"autocrator" de sinais, um atributo dos imperadores romanos, foi lido por ele como

"Osíris é o criador da fertilidade e de toda a vegetação, e sua força geradora é trazida pelo santo Mophta do céu para o seu reino".

De qualquer forma, ele já havia reconhecido o valor do estudo dos coptas, essa forma tardia da língua do Egito, valor que muitos outros pesquisadores negaram.

Cem anos depois, De Guignes declarou à "Academia de Inscrições" de Paris, com base em comparações hieroglíficas, que os chineses pareciam ter sido colonizados pelos egípcios. Quase todos os pesquisadores podem falar de graça sobre um "parece", porque é sempre fácil encontrar um traço estranho. De Guignes leu o nome do rei, Menes, mas um de seus adversários alterou essa leitura com a de "Manouph", que

motivou no incisivo de Voltaire um ataque aos etimologistas ", para quem as vogais não contam e as consoantes muito pouco". Outros pesquisadores ingleses da mesma época se distinguiram da última tese, alegando que foram os egípcios que vieram da China.

Acreditava-se que a descoberta da pedra trilíngue de Rosetta destruiria todas as hipóteses fantásticas, mas o oposto aconteceu. O caminho da solução foi agora apresentado de maneira tão manifesta que até os menos entendidos se atreveram a enfrentar esse problema.

Um anônimo de Dresden apontou todas as letras do pequeno fragmento hieroglífico da pedra de Roseta, de acordo com o texto grego. Um árabe, Ahmed ben Abubeker, "revelou" um texto que o orientalista Hammer Purgstall, um homem sério, até traduziu. Um anônimo de Paris viu no templo de Dendera a inscrição não menos que o texto do Salmo 100, e em Genebra foi publicada a tradução das inscrições do chamado

"obelisco de Pamphylia", que deveria ter sido "uma conta escrita quatro mil anos antes de Jesus Cristo sobre a vitória dos fiéis sobre os infiéis ».

A fantasia entrou em jogo junto com a extraordinária arrogância e tolice do conde Palin, que alegaram ter reconhecido à primeira vista o que a pedra de Rosetta significava. Baseado em Horapolo e nas doutrinas pitagóricas da Cabala, ele interpretou seu simbolismo tão rapidamente que, em uma noite, obteve o resultado, tornando-o conhecido ao público oito dias depois e, de acordo com sua própria afirmação,

"somente por causa dessa velocidade ele estava livre de erros sistemáticos aos quais se expõe com longas reflexões ».

No meio desses fogos de artifício em torno das decifrações, Champollion foi visto ordenando, comparando, examinando, ganhando passo a passo o pináculo de um labor laborioso; e em sua rota ele não ficou sem contratempos e surpresas decepcionantes. Abbe Tandeau de Saint-Nicolas, por exemplo, escreveu um panfleto em que demonstrou com mais clareza que os hieróglifos não eram nenhum tipo de escrita, mas um simples meio de decoração.

Inabalável, Champollion escreveu em 1815, em uma carta sobre Horapolo, o seguinte: «Seu trabalho é intitulado Hieroglyphica, mas ele não interpreta o que chamamos de hieróglifos, mas apenas o valor simbólico das esculturas sagradas, ou seja, os símbolos que aparecem em escultura e que se distinguem dos próprios hieróglifos. Isso é contrário à opinião geral; mas a prova do que digo é encontrada nos próprios monumentos egípcios. Nas representações esculturais, vemos essas que Horapolo fala, como a cobra mordendo o rabo, o abutre na posição que descreve, a chuva celeste, o homem sem cabeça, a pomba com a folha de louro, etc; mas nada disso é visto nos próprios hieróglifos ".

Naqueles anos, um valor sistemático análogo a um

uma espécie de epicurismo místico, doutrinas cabalísticas, astrológicas e gnósticas secretas, alusões à agricultura, comércio, administração e vida prática; eles lêem parágrafos da Bíblia e até textos da literatura pré-diluviana, caldeu, hebraico e também tratados chineses: "algo como se os egípcios não tivessem sua própria língua para se expressar", diz Champollion.

Todas essas tentativas de interpretação foram mais ou menos baseadas em Horapolo. Mas havia um caminho para a decifração, e essa foi contra Horapolo. Esse foi o caminho que Champollion tomou.

As grandes descobertas do espírito humano raramente podem ser datadas, pois geralmente são o resultado de inúmeros e lentos processos de reflexão, de muitos anos de trabalho no mesmo problema até atingir esse ponto crucial da consciência e o inconsciente, da atenção constantemente direcionada a uma meta e a um sonho feliz. E

raramente a solução ataca com força, como um relâmpago.

É por isso que parece que todas as grandes descobertas perdem sua grandeza habitual quando lidamos com sua história anterior, quando seguimos passo a passo o caminho lento e cansativo que foi percorrido por elas. E quando o princípio desejado é conhecido, os erros parecem absurdos; todos os equívocos, uma teimosia; os maiores problemas, perguntas simples. Hoje é difícil imaginar o que significa que Champollion defendeu um após o outro os pontos de sua tese contra a opinião do mundo cultural, que não acreditava em Horopolo em termos incertos, quando os estudiosos e o público eram a favor dele, não porque o viam. uma autoridade - como os homens da Idade Média em Aristóteles ou mais tarde teólogos nos primeiros Pais da Igreja - mas porque, por convicção rudimentar, embora com ceticismo, eles viam apenas essa possibilidade: os hieróglifos são uma escrita de imagens! E aqui, infelizmente para a pesquisa, a opinião autorizada foi combinada com as aparências. Horapolo não era apenas considerado o mais próximo, em um milênio e meio, dos últimos hieróglifos escritos, mas também manifestou o que todos podiam ver: havia imagens, imagens e mais imagens lá.

E em um momento que não podemos determinar com precisão, Champollion teve a feliz ocorrência de que as imagens hieroglíficas eram "letras", antes, sinais representativos de sons; sua fórmula mais antiga diz: "... sem ser estritamente alfabético, eles são, no entanto, uma expressão gráfica de sons".

Nesse momento ocorreu a grande mudança: afastar-se do caminho traçado por Horapolo. E esse desvio o levou a ler os hieróglifos. Depois de uma vida de trabalho, de tantos esforços, pode-se falar de uma

ocorrência? Foi uma coincidência? Quando Champollion teve essa idéia, ele a rejeitou. Um dia, quando ele identificou com a letra

"f" o sinal da serpente mentirosa, ele supôs que era impreciso. E quando os escandinavos Zoëga e Akerblad, o francês De Sacy e, acima de tudo, Thomas Young reconheceram a parte demótica da pedra de Rosetta como "escrita de cartas", eles também alcançaram soluções parciais. Mas eles não fizeram mais progressos e De Sacy declarou que ele capitulou ao enigma dos escritos hieroglíficos, que permaneceram

"intactos" como a Arca Sagrada da Aliança.

E mesmo Thomas Young, que alcançou excelentes resultados ao decifrar a parte demótica através da leitura de sons, se retificou em 1818, de modo que, quando decifrou o nome Ptolomeu, decompôs arbitrariamente os sinais em letras, ou seja, em valores, na maioria monossilábicos e outros bisilábicos.

E aqui está a diferença entre os métodos e os resultados. Young, um homem de ciência, realmente brilhante, mas filologicamente pouco versado, trabalhou superficialmente por comparação simples, por interpolação aguda, e ainda assim decifrou algumas palavras, uma prova maravilhosa de sua intuição, o fato de Champollion confirmar mais tarde que da lista de seus 221 símbolos, 76 haviam sido bem interpostos. Mas Champollion, que dominava mais de uma dúzia de idiomas antigos, incluindo o copta, um idioma mais próximo do espírito linguístico do Egito antigo do que todos os outros, como Young, não adivinhou algumas palavras ou letras, mas reconheceu o sistema. da escrita. Ele não apenas interpretou, mas tornou o texto escrito legível e adequado para o ensino. E no momento em que reconheceu esse sistema em suas características fundamentais, ele pôde voltar à frutífera idéia de que vislumbrara há muito tempo: que se deveria começar decifrando os nomes dos reis.

Por que os nomes dos reis? Essa idéia também era lógica, e hoje nos parece a coisa mais simples. A inscrição na Rosetta, como já dissemos, continha as notícias de alguns padres que fizeram certas manifestações especialmente dedicadas ao rei Ptolomeu Epifanes. O texto grego legível era cristalino. Bem, no lugar da inscrição hieroglífica em que se poderia supor que o nome do rei existia, havia um grupo de sinais encerrados em um anel um tanto oval que os conhecedores costumam chamar de cartela.

Não era lógico suspeitar que essa cartela, o único sinal de destaque, era a palavra mais digna de ser sublinhada, ou seja, o nome do rei?

Não parece adequado para um aluno inteligente ordenar as letras do nome de Ptolomeu com os correspondentes sinais hieroglíficos e, assim, identificar à maneira antiga de escrever oito sinais hieroglíficos em correspondência com oito letras?

Todas as grandes idéias que representam grandes problemas já resolvidos nos parecem muito simples. É como o ovo de Colombo.

Mas o que Champollion fez foi romper com a tradição da hora polônica, que durante catorze séculos confundiu os chefes dos estudiosos. Nada diminui o triunfo do descobridor, a quem a investigação subsequente deu uma confirmação brilhante. No ano de 1815, foi encontrado o chamado obelisco Philé, que os arqueólogos Banks levaram para a Inglaterra em 1821, e que também possuía uma inscrição hieroglífica e helênica paralela; uma segunda pedra de Rosetta, em suma. E novamente aparece, fechado em sua cartela, o nome de Ptolomeu. Mas um segundo grupo de inscrições também foi espalhado. E Champollion, guiado por esse novo grupo de inscrições que aparece ao pé do obelisco, assumiu que continha o nome de Cleópatra.

Novamente, parece muito simples para nós. Mas quando Champollion escreveu, um abaixo do outro, os dois grupos de inscrições de acordo com os nomes assumidos e seguindo a nossa maneira de escrever, e ele verificou que no nome de Cleópatra os sinais 2, 4 e 5 concordavam

com os 4, 3 e 1 do nome De Ptolomeu, a chave para decifrar os hieróglifos foi descoberta. Apenas a chave para ler um script estranho? Não.

A chave para abrir todas as portas do antigo Egito, o país dos três impérios.

Hoje já sabemos o quão extremamente complicado é o sistema de escrita hieroglífico. Mas hoje em dia o aluno aprende como a coisa mais natural o que era então desconhecido, o que Champollion, meticulosamente baseado nessa primeira descoberta, estava realizando.

Hoje já sabemos as mudanças pelas quais a escrita hieroglífica passou, conhecemos a evolução que transformou os antigos hieróglifos em um script "hierático"

e, em seguida, em outro script ainda mais abreviado e mais refinado, conhecido como script "demótico". O pesquisador da época de Champollion ainda não via essa evolução. A descoberta que o ajudou a interpretar uma inscrição não serviu para decifrar outra. Como o europeu de hoje, ele é incapaz de ler um manuscrito desenhado por um monge do século XII, embora já tenham sido usadas línguas modernas, uma vez que aquelas complicadas iniciais em miniatura do documento medieval, para o leigo, nem parecem letras. Bem, nessa forma de escrita pertencente ao nosso próprio círculo de cultura, não estamos nem a mil anos de distância.

Da mesma forma, o sábio que olhou para os hieróglifos se viu diante de um círculo de cultura estranho e contemplou uma escrita que durante três mil anos passou por todos os tipos de evoluções e mudanças.

Hoje não há mais dificuldade em distinguir entre "sinais fonéticos", "sinais de palavras" e "sinais de idéias", com cuja divisão foi alcançada a primeira ordem de catalogação entre os diferentes valores de sinais e imagens. Hoje não é mais estranho ler uma inscrição da direita para a

esquerda, outra da esquerda para a direita e a terceira de cima para baixo; pois sabe-se que todas essas foram formas diferentes de escrever em momentos diferentes. Rossellini na Itália, Leemans na Holanda, De Rouge na França, Lepsius e Brugsch na Alemanha estavam adicionando conhecimento após conhecimento. Dez mil papiros e novas inscrições de túmulos, monumentos e templos chegaram à Europa. E, finalmente, tudo foi lido com facilidade. Finalmente, o Grammaire Egyptienne de Champollion (Paris, 1836-1841) apareceu como um documento póstumo e, em seguida, a primeira tentativa de um antigo dicionário egípcio. A explicação da linguagem seguiu o mesmo processo que a decifração da escrita. Com base em tais resultados e pesquisas, a ciência conseguiu dar o passo indispensável para escrever, mesmo em linguagem hieroglífica. Resultados mais bombásticos do que úteis. Na corte egípcia do Palácio de Cristal, em Sydenham, os nomes da rainha Victoria e seu marido Albert são escritos em letras hieroglíficas. No pátio do Museu Egípcio de Berlim, a inscrição de sua fundação em sinais hieroglíficos reina suprema. E Lepsius já afixou na pirâmide de Quéops, em Gizé, uma placa que perpetuava em hieróglifos os nomes e títulos de Frederico Guilherme IV, que subsidiara a expedição.

É por isso que não acreditamos que seja um exagero seguir a verdade do homem que merece a glória de ter feito os monumentos falarem, embora ele só conhecesse das inscrições o país que estudou e que ficou tão empolgado até os trinta e oito anos; Então, vamos segui-lo agora em uma de suas verdadeiras aventuras no Egito.

Os pesquisadores nem sempre têm a sorte de ver suas teorias confirmadas por fatos reais e objetivos. Freqüentemente, eles nem sequer têm a chance de ver os lugares com os quais sua fantasia se preocupa há dezenas de anos.

Champollion não podia acrescentar às suas grandes conquistas teóricas uma atividade de escavação, mas podia contemplar o Egito e ver

confirmado com seus próprios olhos o que tantas vezes imaginara em seus estudos. Quando jovem, deixando o puro passatempo da decifração, ele trabalhou em uma cronologia do Egito antigo e, acrescentando hipóteses, catalogou como pôde o que julgava necessário encomendar em relação ao tempo e ao espaço: estátuas ou inscrições, baseadas em poucos pontos de referência. . Por fim, ele realizou seus sonhos e chegou ao país de seus estudos, onde descobriu de maneira semelhante à do zoólogo que, com restos de ossos e fósseis, ele veio para modelar a figura de um dinossauro e de repente ele foi transportado para aqueles tempos remotos. realmente tropeçou em um desses monstros.

A expedição de Champollion, que durou de julho de 1828 a dezembro de 1829, foi uma corrida triunfante.

Os representantes oficiais franceses são os únicos que não esquecem que Champollion era considerado um preso de alta traição - o processo legal em uma

"monarquia tolerante" havia sido suspenso, mas não faltam inconvenientes por essa causa -, mas os indígenas se reuniram para veja e admire aquele homem que "sabe ler os escritos nas pedras antigas". Champollion deve observar severa disciplina para reunir, sempre que precisar, aqueles que participam da expedição, que ocorre nos navios Hator e Isis, nomes de dois deuses gentis do país do Nilo.

O entusiasmo dos nativos infecta a expedição, a tal ponto que os franceses chegam a cantar "La Marseillaise" e outras canções revolucionárias diante do governador de Girge, Mohamed Bey. Mas os expedicionários continuam trabalhando e Champollion vai de descoberta em descoberta, de confirmação em confirmação. Nas pedreiras de Memphis, ele reconhece e confirma à primeira vista os trabalhos dos diferentes períodos; em Mit-Rahine, ele descobre dois templos e uma necrópole completa; em Sakkara - onde, vários anos depois, estará localizado o famoso centro dos achados de Mariette -, ele dá o nome de rei Onnos e o coloca, cronologicamente,

instantaneamente e com grande sucesso, na era mais antiga; em Tell-el-Amarna, ele descobre que a gigantesca construção que Jomard designara como celeiro era na verdade o grande templo da cidade.

E se isso não bastasse, ele tem a satisfação de ver confirmada uma tese pela qual seis anos antes toda a comissão egípcia o zombara.

Os navios estavam ancorados em Dendera. Sabemos que o templo desta cidade, um dos maiores do Egito, foi construído pelos reis da décima segunda dinastia, os governantes mais poderosos do Império, Tutmés III, o grande Ramsés e seu sucessor; e depois continuado pelos ptolomeus e pelos imperadores romanos Augusto e Nerva. Domiciano e Trajano ainda intervinham no portão e na parede circundante.

Bem, ali chegaram, em 25 de maio de 1799, as tropas de Napoleão, após uma exaustiva marcha a pé, e ficaram muito impressionados com a pintura que lhes foi oferecida. E aqui, alguns meses antes, o general Desaix havia interrompido a

perseguição dos mamelucos com suas tropas, fascinado pela grandeza e magnificência de um império desaparecido. Quão difícil é imaginar uma idéia tão estranha em um general do século XX! Em frente a este templo estava Champollion, que conhecia a história em todos os detalhes, bem como os desenhos e cópias das inscrições pelas muitas vezes em que conversara sobre Denon, o assistente do general Desaix. Em uma noite de luar egípcia brilhante, brilhante e meridional, seus companheiros o exortaram e os quinze cientistas da expedição, com Champollion na frente, correram em direção ao templo em um grupo compacto "que um egípcio poderia ter confundido com uma tribo.

Beduíno e europeu com um grupo de indígenas bem armados ».

L'Hôte, um dos participantes da aventura, nos conta com muita emoção:

«Seguindo um capricho, caminhamos por uma floresta de palmeiras, fascinante ao luar. Depois, caminhamos por um campo coberto de

grama e penetramos em uma área de espinhos e arbustos. Retorna? Não, nós não queremos. Seguir em frente? Nós não sabíamos como. Começamos a gritar, mas apenas à distância os latidos dos cães nos responderam. Então,

dormindo

atrás

de

uma

árvore,

vimos

um sujeito desajeitado armado com um cajado e vestido apenas com trapos pretos. Ele parecia um ser infernal. Champollion o chamou de "uma múmia ambulante". Assustado e trêmulo, o fellah se levanta, temendo que seremos derrotados ... Ainda temos que fazer uma marcha de duas horas. Até que finalmente o templo banhado pela luz da lua aparece diante de nós, uma cena que nos intoxica de admiração ... Ao longo do caminho cantamos para acalmar nossa impaciência, mas aqui, quando nos vimos diante do propileum iluminado pelo azul claro, que sensação! Depois da varanda, sustentada por colunas gigantescas, reinou o silêncio completo e o charme misterioso produzido por sombras profundas enquanto estávamos cegos pela luz da lua do lado de fora. Estranho, maravilhoso contraste ...

Então, dentro de casa, acendemos uma fogueira com grama seca. Novo charme, novas explosões de entusiasmo. Foi como uma súbita ilusão coletiva; foi uma febre, uma loucura, que tomou conta de todos nós. O êxtase em que mergulhámos é indescritível ... Essa cena, maravilhosamente mágica, naquele feitiço, era realidade sob o pórtico de "Dendera". »

Vamos ver o que Champollion nos diz, a quem os outros chamam de "professor"

e que, correspondendo a essa classificação, é em seus julgamentos um homem ponderado, embora após a sobriedade forçada de suas palavras a emoção seja sentida:

«Não tentarei descobrir a emoção que nos causou, sobretudo, o pórtico do grande templo. É possível medi-lo, mas impossível dar uma impressão dele. Constitui a máxima perfeição da união das noções de graça e majestade. Ficamos lá por duas horas, durante as quais, liderados por nosso guia indígena, visitamos os quartos em êxtase e tentamos ler as inscrições do lado de fora sob o deslumbrante luar. "

Era o primeiro templo egípcio grande e bem preservado que Champollion vira, a realização de um desejo tão sonhado. E ele escreve naquela noite e no dia seguinte mostra com que intensidade aquele homem já vivia no Egito antes de ir para lá, até que ponto ele estava preparado por sua fantasia, por seus sonhos e pensamentos, que nada parecia realmente novo para ele. Tudo era para ele simples confirmação de hipóteses ousadas anteriormente declaradas; portanto, inesperadamente, ele estava em posição de tirar pleno proveito desse estudo dos monumentos do país do Nilo.

Para a maioria dos companheiros de Champollion, o grande templo, pórtico, colunas e inscrições eram apenas pedras e monumentos mortos. Para eles, a roupa estranha que eles vestiam era apenas um disfarce, enquanto Champollion vivia nela. Todos tinham cabelos de monge cortados e vestidos com turbantes gigantescos, vestindo mantos de pano com brocados de ouro e chinelos amarelos. "Nos demos bem e com um gesto de gravidade", diz L'Hôte. Mas essa observação contém alguma estranheza para esse tipo de roupa. Em vez disso, Champollion, que durante anos já havia recebido, em Grenoble e Paris, o apelido de "egípcio", era digno dele e se movia como um homem indígena, como atestavam todos os seus companheiros.

Não apenas ele decifrou e interpretou, mas ele concebeu, ele de repente teve idéias de iluminação. Ele afirma perante a Comissão: «Este templo não é o de Ísis, como se afirma, mas o de Hator, a deusa do amor, e muito mais antigo do que se pensa. De fato, a forma final foi dada pelos ptolomeus, mas foi completada pelos romanos e essa antiguidade do século dezoito não significa muito em comparação com os trinta séculos anteriores em que a história do Egito já estava se desenrolando ". E a grande impressão que ele teve sob a pálida lua não o impede de ver que este edifício, embora seja uma obra-prima da arquitetura, estava cheio de esculturas do pior estilo. "Não deixe a Comissão levar isso a sério", escreve ele, "mas os relevos de Dendera são detestáveis, e não poderia ser diferente, pois correspondem a um período decadente em que a escultura já estava danificada, enquanto a arquitetura, que Por ser arte hierática, não é tão suscetível à mudança,

ainda assim permaneceu digno dos deuses do Egito e da admiração de todos os séculos ".

Três anos depois, Champollion faleceu, quando o máximo que ele pôde fazer pela jovem ciência da egiptologia começou por ele e muito cedo para conhecer sua fama. Após sua morte, alguns pesquisadores ingleses e alemães publicaram difamações difamatórias, nas quais atacam injustamente seu sistema, apesar dos resultados manifestos que ele alcançou.

Mas logo depois, o alemão Richard Lepsius o justificou brilhantemente, que em 1866 encontrou o chamado "decreto Canopo", uma obra bilíngue que confirma indiscutivelmente o método de Champollion. Finalmente, o francês Le Page-Renouf, em discurso na Royal Society de Londres, no ano de 1896, coloca Champollion na posição que a ciência e a cultura universal lhe devem. Sessenta e quatro anos se passaram desde a sua morte.

Champollion havia revelado o segredo da escrita egípcia. Agora, a picareta e a enxada poderiam começar sua tarefa.

Capítulo XII

" QUARENTA SÉCULOS CONTEMPLAM VOCÊ !"

Este livro destina-se apenas a fornecer uma ampla visão geral. É por isso que estamos pulando de um pico a outro e não podemos dedicar espaço suficiente a este trabalho, típico das formigas, dos estudiosos, cujo mérito tem sido não apenas ordenar e catalogar, mas também interpretar com ousadia, fazer hipóteses criativas e ter idéias frutíferas.

As grandes descobertas feitas no Egito nas décadas seguintes ao trabalho de Champollion estão ligadas a quatro nomes que, em ordem de importância, em nossa opinião, são: o italiano Belzoni, colecionador; o alemão Lepsius, catalogador; Mariette francesa, conservadora e inglesa Petrie, famosa medidora e intérprete. Certamente será lucrativo para o futuro se um símbolo for visto no fato de que os cidadãos dessas quatro grandes nações européias colaboraram no mesmo trabalho e que todos procuraram o mesmo objetivo, unidos pelo mesmo desejo de conhecer e investigar a verdade, aparte de qualquer outra consideração, e somente em nosso século, a que menos se vangloria de tais triunfos, acontece que esse trabalho está novamente subordinado a particularismos políticos ou nacionais.

"Um dos homens mais notáveis de toda a história da egiptologia", diz o arqueólogo Howard Carter, referindo-se a Giovanni Battista Belzoni (1778-1823),

"pouco antes de chegar ao Egito, ele se exibiu em um circo de Londres fazendo o número de força ». A observação de Carter é mais sobre personalidade do que trabalho. Sabemos muito bem que na história da arqueologia o estranho desempenha um papel importante. De qualquer forma, Belzoni é um dos forasteiros mais extravagantes.

De uma família romana distinta, mas nascido em Pádua, ele estava destinado a uma carreira eclesiástica. Mas antes de adotar o hábito, ele se viu envolvido em intrigas políticas e, em vez de entrar em uma prisão italiana, já pronta para recebê-lo, fugiu para Londres. Diga a si mesmo como esse "gigante italiano" e "homem forte" atraíam um grande grupo de espectadores todas as noites ao redor do ringue de circo onde ele se apresentava. Sem dúvida, ele ainda não suspeitava de suas futuras ambições arqueológicas. Parece que ele estudou engenharia mecânica, embora também seja muito possível que ele tenha se dedicado a ganhar a vida como um mero charlatão. Em 1815, encontramos ele tentando introduzir no Egito uma roda-gigante mecânica capaz de oferecer quatro vezes mais desempenho do que as rodas-gigante indígenas rudimentares. De qualquer forma, deve ter sido muito hábil,

pois ele obteve permissão para instalar seu modelo no palácio de Mohamed Ali, o tirano mais temido. Ali começou sua carreira como um simples albanês, miserável e extremamente pobre; depois, traficou café, tornou-se militar e finalmente chegou ao paxá e tornou-se o proprietário do Egito e parte da Síria e da Arábia, terras todas dependentes do Império Turco. Quando Belzoni se aproximou, ele ocupou o cargo de paxá, confirmado pelo Portão Sublime, e tomou o lugar do ex-governador turco, expulso. Por duas vezes ele aniquilou as tropas inglesas e ordenou um dos maiores massacres conhecidos na história do mundo: ele suprimiu uma revolta política pelos mamelucos, convidando os quatrocentos e oitenta beis, sob pretextos falsos, para uma refeição no Cairo, onde os fez. matar todos. Fora desse e de outros "feitos", Mohamed Ali, como pode ser visto, era um amigo do progresso, mas não

estava convencido pela roda-gigante de Belzoni. Enquanto isso, este recebera do suíço Burckhardt, que estava viajando pela África, uma carta de apresentação para o cônsul-geral britânico no Egito, Salt, e assim que falou com o cônsul, prometeu usar "o colossal busto de Memnon". - A estátua de Ramsés II, agora no Museu Britânico - de Luxor a Alexandria.

Os cinco anos seguintes foram gastos na coleta de trabalho. Primeiro ele colecionou sal, depois sozinho. Ele colecionou tudo o que lhe foi apresentado, de pequenos escaravelhos a obeliscos. Precisamente durante a transferência, um obelisco caiu no Nilo e ele conseguiu retirá-lo novamente. E todo esse trabalho foi realizado em uma época em que no Egito, já famoso como o mais imenso cemitério de antiguidades do mundo, saqueado sem ordem ou concerto, ninguém hesitava em conquistar aquele ouro antigo com métodos mais desonestos do que os usados pelos mecanismos de busca. ouro que duas décadas depois invadiu a Califórnia e a Austrália em sua busca pela conquista do ouro natural. Não havia leis, ou elas não eram respeitadas, e mais de uma vez as diferenças foram decididas por tiros.

Nesse ambiente, não podemos nos surpreender que a paixão de coletar, que tendia apenas ao objeto e não ao conhecimento, destruísse mais do que descobrisse, danificasse mais do que enriquecesse a cultura. Belzoni também, que, como sabemos em seu breve esboço biográfico, apesar de sua vida anterior, teve tempo de adquirir conhecimentos sobre o assunto, prestou muita atenção aos meios para alcançar o objetivo de seus desejos. E mais de uma vez ele abriu a tampa dos sarcófagos, ritualmente selados, pelo procedimento expedito de um aríete. Com esse método, que faz qualquer arqueólogo moderno estremecer, seria incompreensível para nós que uma pessoa tão escrupulosa quanto Howard Carter pudesse dizer de Belzoni que ele deveria receber pleno reconhecimento por suas escavações "e pelo método que as realizou" se não pensássemos que Belzoni era filho de seu tempo e que, além disso, ele fez duas coisas dignas de todo reconhecimento. Em ambos, ele foi o primeiro e com eles colocou os primeiros elos de uma corrente ainda não interrompida.

Em outubro de 1817, ele descobriu, no vale de Biban-el-Muluk, perto de Tebas, junto com outros, a tumba de Sethi I, predecessora dos grandes Ramsés, vitoriosa dos líbios, sírios e hititas. Aquele túmulo tinha cem metros. O sarcófago era magnífico, feito de alabastro, e hoje está no Museu Soane, em Londres. Mas o sarcófago estava vazio por três mil anos e Belzoni não sabia onde a múmia parou, nem que caminhos perigosos havia seguido. Com a descoberta desta tumba começaram as importantes descobertas do famoso Vale dos Reis, cujo clímax seria alcançado apenas em nosso século.

Meio ano depois, em 2 de março de 1818, nosso italiano, como ainda está registrado em uma inscrição colocada acima da entrada, à vista de todos os visitantes, abriu a segunda pirâmide de Gizé, a Pirâmide de Khafre, e penetrou até a câmara funerária. Com essas primeiras investigações, a egiptologia, a ciência das pirâmides, dos edifícios mais poderosos do mundo antigo, começou sua rota prática. No meio da escuridão do início da era egípcia, emoldurada por aquelas gigantescas massas geométricas, as primeiras características humanas foram projetadas.

Belzoni não foi o primeiro a escavar no Vale dos Reis, nem foi o primeiro a procurar a porta de entrada de uma pirâmide. No entanto, embora tenha sido mais

orientado pelo interesse do ouro do que pela ciência, ele foi o primeiro que, em ambos os lugares, diante da câmara funerária e da pirâmide, preocupou-se com os problemas arqueológicos que ainda hoje, nos mesmos lugares, eles permanecem em pé sem solução.

Belzoni mudou-se para a Inglaterra em 1820 e organizou uma exposição em Londres no Egipcius Hall em Piccadilly, construído oito anos antes.

O sarcófago de alabastro e um modelo da tumba de Sethi I foram os exemplos mais antigos. Alguns anos depois, em uma viagem de exploração a Timbuktu, ele faleceu. Por seu trabalho, sem merecer ser perdoado, a tolice infantil de perpetuar seu nome no "Ramesseum" de Tebas, no trono de Ramsés II, absurdo que tantos outros que Brown, Herrn Schmidt e Messieurs Blanc imitaram " colecionadores ", para grande desgosto dos arqueólogos.

Belzoni era apenas um grande colecionador. Para coroar seu trabalho, eram necessários um computador e um classificador. E este foi Lepsius.

Foi Alexander von Humboldt, viajante e pesquisador, que sugeriu ao rei Frederico Guilherme IV da Prússia - mais frutífero em planos do que em façanhas - que ele concedesse os meios necessários para uma expedição cujo diretor era Richard Lepsius, que tinha apenas trinta e três anos. A escolha não poderia ser mais correta.

Lepsius, nascido em Naumburg em 1810, estudou Filologia e se formou aos 23

anos. Aos trinta e dois anos, conseguiu um cargo de professor supranumerário em Berlim. Um ano depois, após dois anos de

preparação, ele partiu.

Foi calculado que a expedição duraria três anos, de 1843 a 1846, uma vez que se contava com o que até então nenhuma outra expedição havia organizado: tempo! O

saque rápido não era a única preocupação, mas também a exploração, o teste e o início de escavações onde o sucesso era vislumbrado. Assim, Memphis sozinho ocupou seis meses, e Tebas sete. Se pensarmos que, em nosso século, eles foram usados em uma única tumba, a de Tutancâmon, por vários anos, o tempo que Lepsius dedicou a essas enormes áreas de ruínas nos parece escasso; mas então o tempo contava muito.

Os primeiros sucessos alcançados por Lepsius resultaram na descoberta do Reino Antigo em inúmeros monumentos. (O Império Antigo é chamado de período inicial do Egito, que se estende aproximadamente do ano 2900 a 2270 aC, o tempo dos faraós que construíram pirâmides.) Lepsius encontrou vestígios e restos de trinta pirâmides até então desconhecidas, tornando o o número deles aumentou para sessenta e sete. A isto deve ser acrescentada uma classe de túmulos até então completamente ignorados, os chamados mastabas (câmaras da morte em forma de divã, mastaba) dos nobres do Reino Antigo, cento e trinta dos quais foram examinados e reconhecidos por Lepsius. Em Tell-el-Amarna, ele encontrou a figura do grande reformador religioso Amenophis IV. E ele foi o primeiro a fazer medições no famoso Vale dos Reis. Os relevos nas paredes dos templos, as inúmeras inscrições, especialmente as abundantes cartelas com os nomes dos reis, foram rastreadas ou copiadas. Ele investigou as datas e chegou a calcular até o quarto milênio antes de Jesus Cristo, como ele acreditava, porque hoje sabemos que era até o terceiro. Ele também foi o primeiro a

ordenar o que viu e quem viu a história egípcia, com uma clara sinopse de sua evolução, onde outros pesquisadores só viram campos confusos de ruínas.

Fruto de tal expedição foram os tesouros do Museu Egípcio de Berlim; Como resultado do estudo de suas anotações, o grande número de publicações apareceu e começou com o luxuoso trabalho em doze volumes - neta da famosa Descrição - sobre os "Monumentos do Egito e Etiópia" e até alguns estudos especiais sobre o assunto.

problemas mais díspares. Quando ele morreu em 1884, aos 74 anos, seu biógrafo, o alemão Georg Ebers, um egiptólogo tão bom quanto um escritor ruim, cujas obras sobre o reino dos faraós, "Uarda" e "Uma princesa egípcia", eram , ainda no final do século, essencial em qualquer biblioteca coletiva ou juvenil, eu poderia dizer com muita precisão que Richard Lepsius havia sido o verdadeiro fundador da egiptologia científica moderna.

Duas de suas publicações são as que mais garantem essa posição para o grande coordenador antes da posteridade. É a "Cronologia do Egito", publicada em Berlim em 1849, e "O Livro dos Reis Egípcios", que apareceu um ano depois, também em Berlim.

O Egito não tinha, na forma que temos, um ponto de partida para iniciar sua cronologia, e também não possuía um significado histórico como o nosso. Somente a crença no progresso indefinido, típico do século passado, que se acreditava ser o auge de todos os tempos, podia ver nela a prova de um sentido histórico primitivo. Foi Oswald Spengler quem viu pela primeira vez nessa "falta" uma concepção característica do mundo, um conceito de tempo próprio dos povos primitivos, que era apenas

"diferente" do nosso.

Onde a cronologia está ausente, o Histórico está ausente. É por isso que não existem historiadores egípcios em si, mas apenas cronistas, autores de anais incompletos com alusões ao passado, mas em termos de rigor histórico não muito mais fiel à verdade do que os menestréis que transmitiram nossas lendas e tradições em suas canções. Imaginemos

por um momento que devemos restabelecer a cronologia da história ocidental pelas inscrições em nossos prédios públicos, pelos textos dos Padres da Igreja e pelas histórias dos irmãos Grimm. Bem, análoga foi a tarefa enfrentada pelos arqueólogos em suas primeiras tentativas de reconstruir a cronologia egípcia. Vejamos, com alguns detalhes breves e agradáveis, esse trabalho de reconstrução cronológica, pois nos dá um exemplo da inteligência com a qual todos os pontos de referência fornecidos pela arqueologia foram usados e como foi possível desvendar o emaranhado dos quatro mil anos. Graças a que hoje a conhecemos mais exatamente do que os gregos, por exemplo; muito mais, é claro, que Heródoto, que viajou pelo Egito quase dois mil e quinhentos anos atrás. Para evitar insistir na questão, digamos uma vez que hoje já sabemos as datas com mais certeza do que Lepsius em 1849 e, naturalmente, melhores do que seus antecessores.

Embora todas as fontes egípcias tivessem que ser coletadas com prudência, foi, no entanto, a escrita de um sacerdote egípcio que serviu para fixar os primeiros pontos de referência: Manetho de Sebennytos, que por volta do ano 300 a. de JC, sob o reinado dos primeiros ptolomeus - isto é, logo após a morte de Alexandre, o Grande - já

escreveu em língua grega uma história de seu país intitulada "As ações memoráveis dos egípcios".

Tal obra não foi preservada na íntegra e a conhecemos apenas nos resumos de Julio Africano, Eusebio e Flavio Josefo. Maneto dividiu a longa lista de faraós que ele conhece em trinta dinastias, uma divisão que seguimos e que ainda hoje é usada, embora as causas dos erros de Maneto sejam conhecidas. Um historiador egípcio moderno, o americano JH Breasted, diz do livro de Manetho que "este trabalho nada mais é do que uma coleção de histórias infantis populares".

Para julgar uma opinião tão severa, devemos pensar que Manetho, na ausência de qualquer precedente, e enfrentando três mil anos, está aproximadamente na mesma situação que qualquer historiador grego moderno que hoje, e usando apenas tradições nacionais, tinha Eles

descrevem a história da Grécia antiga e a Guerra de Troia. A lista de Manetho foi por muitos anos o único ponto de referência para os arqueólogos. Digamos,

incidentalmente,

que

termo Arqueologia engloba

genericamente todas as ciências que lidam com os antigos. Bem, a riqueza de monumentos e inscrições egípcios logo tornou necessário um estudo especial, motivo pelo qual se menciona a Lepsius Egyptology, exatamente quando mais recentemente nos acostumamos a usar o termo Assiriologia para se referir ao estudo arqueológico dedicado ao país dos assírios.

Até que ponto os estudiosos ocidentais, ao longo do tempo, se distanciaram de Maneto e suas cronologias nos são reveladas pelo parágrafo a seguir, onde é feita uma tentativa de especificar a data em que o rei Menes fez a primeira união do Egito, ou seja, a data dinástica mais antiga com a qual a história do Egito começa.

Para Champollion, essa data é 5867, naturalmente, antes de Jesus Cristo; Lesueur, 5770; Bökh, 5702; Unger, 5613; Mariette, 5004; Brugsch, 4455; Lauth, 4157; Chabas 4000; Lepsius, 3892; Bunsen, 3623; Ed. Meyer, 3180; Wilkinson, 2320, e Palmer, 2225. Nos tempos mais recentes, retrocedeu um pouco no passado. Breasted marca a data de Menes em 3400; o alemão Georg Steindorff, em 3200, e as investigações mais modernas em torno do ano 2900. Obviamente, quanto mais atrás no passado, mais difícil era indicar datas. Para o período histórico recente, isto é, para o chamado Novo Império e o chamado "período tardio", que já haviam terminado no tempo de César e Cleópatra, datas comparativas poderiam ser usadas com outros na história da Assíria-Babilônia, do persa, Hebraico e grego. Em 1859, Lepsius já falava

"sobre alguns pontos de contato nas cronologias egípcia, grega e romana".

Para um passado mais distante, novas possibilidades de comparação e verificação foram subitamente encontradas quando, em 1843, a chamada "placa real de Karnak" pôde ser transferida para a Biblioteca Nacional de Paris; Este prato contém uma lista de reis egípcios desde os

primeiros tempos até a 18ª dinastia. E no Museu Egípcio no Cairo, podemos ver hoje as "placas reais de Sakara" encontradas em uma tumba, que de um lado contêm um hino a Osíris, o deus do inferno, e do outro a oração do escriba Tunri endereçado a 58 reis listados em duas colunas, encabeçados por Miebis e finalizados por Ramsés, o Grande.

Mais famosa e ainda mais importante para a egiptologia é, no entanto, a "lista real de Ábidos". Numa galeria do templo de Sethi, vemos esse faraó e, ao lado dele,

ainda como príncipe herdeiro, Ramsés II. Ambos estão em uma atitude de venerar seus antepassados e o primeiro move um incensário. Bem, desses ancestrais reais, setenta e seis nomes são citados, em duas colunas. Um grande número de pães, cerveja, bezerros, carne de ganso, incenso e objetos rituais indispensáveis também são sorteados na cerimônia de sacrifício. Naturalmente, esse relacionamento ofereceu grandes possibilidades de comparação, uma vez que foi possível comparar a ordem das séries. Mas os dados ainda não foram estabelecidos em ordem cronológica.

Apesar disso, espalhados por várias partes, havia indicações específicas sobre a duração do reinado de certos faraós; outros, na duração desta ou daquela campanha de guerra ou no tempo gasto na construção de um templo; isso e o chamado "acréscimo da duração mínima" do governo de cada um dos reis deram o marco da história egípcia.

As primeiras datas incontestáveis, no entanto, foram obtidas com algo mais antigo que o Egito mais remoto, mais antigo que a história humana, mais antigo que o homem: o curso das estrelas.

Os egípcios compunham um calendário anual que, desde a antiguidade, eles costumavam calcular antecipadamente as inundações do Nilo, das quais dependia a existência do país, o único calendário da Antiguidade um tanto lucrativo, mas não o primeiro como veremos mais adiante, embora tenha sido já introduzido em 4241 a. JC, conforme verificado

pelo alemão Eduard Meyer. Este calendário serviu de base ao calendário juliano, introduzido em Roma em 46 aC. de JC e pelo qual todo o Ocidente foi governado até o ano de 1582 de nossa época, quando foi substituído pelo gregoriano.

Arqueólogos pediram ajuda a matemáticos e astrônomos. Eles receberam textos antigos, inscrições traduzidas, alusões hieroglíficas aos fenômenos do céu e ao curso das estrelas, que felizmente não faltavam. E de acordo com os dados da partida de Sirius - o primeiro dia do mês , ou seja, 19 de julho, quando o ano começou, coincidiu com a partida de Sirius -, foi possível corrigir com precisão o início da 18ª dinastia , dando a data de 1580 a. de JC, e também o início de XII, que coincidiu com o ano de 2000, com um possível erro de não mais de três ou quatro anos.

Já havia alguns pontos fixos nos quais era possível apoiar as figuras dos anos reinados de um grande número de faraós. Percebeu-se então que a duração atribuída por Manetho a certas dinastias era excessivamente longa; e hoje sabemos com certeza que muitas vezes ele estava errado o dobro da realidade. E assim, essa espinha dorsal dos três milênios e com a cronologia assim alcançada por Lepsius, o esboço da história do Egito já podia ser tentado.

Para entender melhor as coisas, damos um breve resumo da história do país do Nilo.Instalamos incidentalmente que a melhor história do Egito ainda é hoje A History of Egypt, do americano JH Breasted.

A civilização egípcia é a civilização do rio. Quando surgiram as primeiras manifestações da vida política, surgiram no delta do Nilo, no Reino do Norte, e entre Memphis (Cairo) e a primeira cachoeira do rio, o Reino do Sul.

A história do Egito propriamente dita começa com a união dos dois reinos, que entrou em vigor em aproximadamente 2900 aC. JC sob o rei Menes, com quem a primeira dinastia começa.

As séries de dinastias que se seguiram, para que possamos ter uma visão mais clara, foram reunidas em três grandes grupos, chamados impérios. As datas, especialmente as referentes à primeira época, ainda são imprecisas hoje e, no início da história egípcia, pode haver um erro de até um século. Nas datas e na divisão até o Novo Reino, seguimos Georg Steindorff. Depois seguimos uma divisão adaptada ao objetivo deste trabalho, mas nas datas das dinastias seguimos o mesmo autor.

E G I MPERIO Um ld (2900-2270 Uma . DE J. C.)

Inclui de I a VI dinastias. É o momento do esperançoso despertar da cultura que forja suas primeiras normas, sua religião, sua escrita e sua primeira linguagem artística. É o tempo dos construtores das pirâmides de Gizé, dados pelos reis Cheops, Kefrén e Micerino, os três da dinastia IV.

P RIMEIRO INTERMEDIÁRIO PERÍODO (2270-2100 Uma . DE J. C.)

Começa com o colapso catastrófico do Antigo Império e deve ser considerado um período de transição para uma espécie de feudalismo, enquanto um Império fictício em Memphis permanece de pé. Este período intermediário inclui desde as VII até as X

dinastias e, durante esse período, mais de trinta reis reinaram.

E G I MPERIO M EDIO (2100-1700 Uma . DE J. C.)

A evolução do Reino do Meio é determinada pelo fato de que os príncipes tebanos derrotaram os reis de Heracleópolis e uniram o país novamente. Inclui das dinastias XI às XIII e constitui um período de esplendor cultural, cujos notáveis monumentos arquitetônicos marcam a pegada de quatro soberanos chamados Amenemhet e três chamados Sesostris.

S egunda INTERMEDIÁRIO PERÍODO (1700-1555 Uma . DE J. C.)

O Egito está sob o controle dos hicsos e cobre das dinastias XIV às XVI. Um povo semita, os hicsos ou "reis pastores", invade o país do Nilo, conquista-o, domina-o por um século, mas é finalmente expulso por um príncipe tebano da 17ª dinastia.

Relacionada a essa expulsão dos hicsos, está a lenda bíblica da partida dos israelitas do Egito; mas esta tese é rejeitada hoje.

E G I MPERIO N EW (1555-1090 Uma . DE J. C.)

Representa a época do apogeu político, do faraó "cesariano", das dinastias XVIII às XX. As conquistas de Tutmosis III estabelecem as comunicações vitais com a Ásia Menor, os povos estrangeiros são subjugados e sujeitos a pagar impostos, pelos quais o país recebe imensa riqueza. Inúmeros palácios são reconstruídos. Amenofis III inicia relações com os reis da Babilônia e da Assíria. Seu sucessor, Amenophis IV - cuja

esposa é a famosa Nefertiti - é o grande reformador religioso, que em vez da antiga religião introduz o culto ao Sol e, desde então, ele se chama Eknathon. Nas areias do deserto, ele funda uma nova capital; depois de Tebas, surge o novo tribunal, que é um ponto focal da cultura: que "versales" é chamado Tell-el-Amarna. Mas a nova religião não sobrevive ao rei, cuja morte ele sucumbe no meio de sangrentas guerras civis. O

genro de Amenophis, Tutankhamun, transfere o tribunal de volta para Tebas.

O pico do poder político, no entanto, é atingido pelo Egito com os príncipes da dinastia XIX. Ramsés II, mais tarde chamado "o Grande", governa sessenta e seis anos, durante os quais deixa a marca de seu esplendor em colossais monumentos arquitetônicos erguidos em Abu-Simbel, em Karnak, em Luxor, no "Ramesseum" , em Abydos e em Memphis.

Após sua morte, a anarquia ocorre. Ramsés III estabeleceu paz e ordem durante um reinado de vinte e um anos, após o qual o Egito foi novamente visto sob o regime dos sacerdotes de Amon, cada vez mais arrogante.

T HIRD INTERMEDIÁRIO PERÍODO (1090-712 Um . DE J. C.)

Eles alternam várias vezes de prosperidade e grande declínio. Dos reis das XXI às XXIV dinastias, estamos interessados em Sesonkis I, conquistador de Jerusalém, que saqueou o templo de Salomão. Sob a dinastia XXIV, o Egito às vezes era totalmente convertido em possessão etíope.

L A E POCA T QUEIMA (712-525 um . DE J C.)

Sob a dinastia XXV, o Egito é conquistado pelos assírios comandados por Asarhaddon. A dinastia XXVI consegue unificar o Egito novamente, mas sem a Etiópia. As comunicações com a Grécia reavivam o tráfego, o comércio e a cultura. O

último rei da dinastia, Psamético III, é derrotado pelo rei persa Cambises, perto de Pelusio, pelo que o Egito é uma simples província persa. A história egípcia propriamente dita, isto é, a evolução de uma cultura independente característica, termina no ano 525.

E G D OMINIO P ERSA (525-332 um . DE J. C.)

A dominação persa iniciada por Cambises, Dario I e Xerxes I é fortalecida por Dario II. A cultura egípcia vive, neste momento, de tradições. O país rico do Nilo é apenas "despojo dos povos fortes".

P eríodo L RECORROMANO (DE 332 um . DE J. C. A 638 NOSSA E RA) Em 332, Alexandre, o Grande, conquistou o Egito e fundou

Alexandria, que se tornou o centro da cultura helenística. Mas o Império Alexander logo entra em colapso e Ptolomeu II retorna ao Egito sua soberania política como país independente. Nos dois séculos anteriores ao nascimento de Jesus Cristo, as brigas dinásticas dos ptolomeus foram suspensas. O Egito está lentamente caindo sob a influência de Roma, e com os

faraós a seguir apenas resta a ficção de um estado nacional, uma vez que, na verdade, o Egito é uma província romana, uma colônia explorada, o celeiro do Império.

O cristianismo logo penetra no Egito. A partir do ano 640, depois de Jesus Cristo, surgiu uma nova dependência, sendo o Egito uma região do Império Árabe dos califas; mais tarde do Império Turco, e somente pela campanha de conquista de Napoleão está novamente ligada à história da Europa.

Em 1850, Auguste Mariette, um jovem arqueólogo francês na casa dos trinta anos, subiu ansiosamente para a Cidadela do Cairo. Acabado de desembarcar no Egito, ele queria apreciar imediatamente a vista da cidade tão frequentemente recomendada aos estrangeiros; mas ele não olhou para uma cidade, mas olhou para um reino; sua visão era a de um homem culturalmente bem preparado e, além do trabalho arquitetônico barroco dos inúmeros minaretes, ele viu as silhuetas dos imensos monumentos que margeavam o deserto ocidental, percebendo ali o palpitar dos mundos passados. Uma comissão urgente o levara a esse lugar; mas a contemplação desse espetáculo decidiu seu destino.

Mariette nasceu em Boulogne em 1821. Quando jovem, ela já havia se dedicado à egiptologia; em 1849, foi nomeado assistente no Museu do Louvre, em Paris, e depois foi contratado para comprar alguns papiros no Cairo. Ele chegou ao Egito, viu os saques de antiguidades que aconteceram lá e logo não estava mais interessado em continuar a pechinchar com os vendedores de antiguidades, mas em iniciar uma atividade com a qual poderia ajudar na conservação definitiva desses tesouros.

Mariette viu que o Egito, sem suspeitar disso, organizava um fabuloso equilíbrio de antiguidades, vendendo coisas de grande valor a um preço baixo. Homens de ciência e turistas, escavadeiras e todos os que, por qualquer contingência, pisavam o território egípcio, pareciam possuídos

pelo desejo de "colecionar antiguidades", isto é, saquear edifícios antigos e tirar as jóias do país. E os nativos os ajudaram nessa tarefa. Os trabalhadores que trabalharam com os arqueólogos fizeram todos os pequenos objetos desaparecerem e os venderam aos estrangeiros, que pareciam tão

"loucos" a ponto de dar nada menos que moedas de ouro puro. E além disso, foi destruído sem hesitação; o sucesso material sempre importou mais do que o sucesso científico. Apesar do exemplo de Lepsius, esses métodos em voga no tempo de Belzoni reinaram. Mariette, convidada por todos apenas para investigar e cavar, reconheceu imediatamente que para o futuro da ciência arqueológica havia algo mais importante: a conservação do que foi encontrado. Quando ele decidiu ficar para sempre no Egito, o único lugar onde os tesouros poderiam ser protegidos e garantidos, ele não sonhava com seus futuros triunfos nem suspeitava que, depois de alguns anos, conseguiria a formação do maior museu egiptológico do mundo.

Mas antes de ser o grande curador e curador de tesouros arqueológicos, Mariette também foi o terceiro dos quatro grandes egiptólogos do século passado, que citamos anteriormente, e ganhou fama como descobridor.

Ele não estava no Egito há muito tempo quando um fato estranho chamou sua atenção. Em alguns jardins particulares dos altos dignitários, bem como antes dos templos de construção recente, tanto em Alexandria, no Cairo como em Gizé, foram expostas numerosas esfinges de pedra de surpreendente semelhança, exatamente as mesmas que as antigas estátuas gregas da época. luxuosos jardins dos príncipes renascentistas. Mariette foi a primeira a se perguntar: de onde vieram essas esfinges? De onde eles foram tirados?

O acaso desempenha um papel importante em todas as descobertas. Quando Mariette atravessou as ruínas de Sakkara, ao ver a grande

pirâmide escalonada, encontrou uma esfinge da qual apenas a cabeça emergia da areia. Mariette não foi a primeira a observá-la, mas descobriu a semelhança dessa esfinge com as do Cairo e Alexandria. E quando ele encontrou uma inscrição que trazia uma invocação a Apis, o boi sagrado de Memphis, ele associou tudo o que era lido, ouvido e visto, completando assim sua fantasia a estrutura da paisagem misteriosa e esquecida, cuja existência passada havia uma ligeira noção , mas cujo local exato da localização ninguém sabia. Ele levou alguns árabes a seu serviço, manejou o bico e descobriu nada menos que cento e quarenta esfinges.

Ele também encontrou a parte essencial de toda a antiga Sakkara, descoberta e enterrada sob a areia, e o chamado Serapeum, em sua forma latina, ou Serapeion, em grego, por constituir um conjunto de vários templos em homenagem ao deus Serapis.

Também sob a areia, a fileira de esfinges conectava dois templos, e quando Mariette os encontrou, além das esfinges bem preservadas, havia inúmeros outros edifícios cujos "homens-leão" foram roubados por não serem cobertos pela areia que constantemente, uma vez hoje, está sendo depositado em toda a extensão da região. Ele encontrou algo mais que havia sido mencionado em relação às fileiras de esfinges: os túmulos de Apis, o boi sagrado! Descoberta que nos permite apreciar claramente algumas formas particulares de culto aos egípcios.

Como qualquer cerimônia religiosa estranha à nossa mentalidade, parece terrível para nós; e para os gregos antigos eles pareciam tão estranhos e terríveis quanto nós, pois em seus relatos de viagens eles apenas dizem que é incomum, extravagante.

Muito mais tarde, os deuses dos egípcios assumiram a forma de meros mortais. A princípio, eles apareceram encarnados, para a consciência religiosa dos antigos, na forma simbólica de plantas e animais. A deusa Hator "vivia" no sicômoro, o deus Nefertem no lótus, a deusa Neit era venerada como um escudo, no qual apareciam duas flechas presas na forma de uma cruz. Mas a divindade se manifestou especialmente na

forma de seres irracionais. O deus Chnum era uma cabra; o deus Horus, um falcão; Tut, um ibis; Sucos, um crocodilo; a deusa de Bubastis, um gato; Buto, uma cobra.

Juntamente com esses deuses apresentados em forma de animal, o próprio animal também era venerado, quando certas características se distinguiam nele. E o mais conhecido, a quem o culto mais solene foi atribuído, foi Apis, o boi sagrado de Memphis, a quem os egípcios acreditavam ser "o servo do deus Ptah".

Este animal venerado foi mantido no mesmo templo e os sacerdotes cuidaram dele. Quando ele morreu, ele foi embalsamado, cerimônias solenes foram dedicadas a

ele e outro boi com as mesmas características tomou o seu lugar. Cemitérios surgiram, dignos da memória de deuses e reis. Os túmulos de gatos de Bubastis e Beni Hassan fazem parte desses cemitérios; e os mesmos são os de crocodilos de Ombos, os de ibis de Ashmunen e os de cabras de Elefantina. Eram cultos espalhados por todo o país que, no curso da história egípcia, sofreram inúmeras transformações, foram ligados ao local e, assim que tomaram um grande impulso, foram esquecidos por séculos inteiros. Se isso nos parece estranho demais, e talvez até nos faça rir, imagine que aqueles que pertencem a um círculo cultural diferente do nosso certamente acharão muitos de nossos costumes absurdos.

Mariette estava no mesmo cemitério dos sagrados Ox Apis! Como nas tumbas dos nobres, havia também uma capela na entrada. De lá, um poço oblíquo conduzia aos túmulos, e nestes, desde o tempo de Ramsés, o Grande, todos os bois de Apis descansavam. Um corredor com cerca de cem metros de comprimento levava às câmaras funerárias. Outras obras de expansão que se seguiram até a época dos Ptolomeus estenderam esses corredores para trezentos e cinquenta metros.

À luz tremeluzente das tochas, seguidas pelos trabalhadores, que mal ousavam falar em voz baixa, Mariette passava por uma câmara funerária após a outra. Os sarcófagos de pedra, onde repousavam os bois, eram feitos de granito preto e vermelho duro, todos eles em uma única peça polida e mediam mais de três metros de altura, com largura superior a dois metros e comprimento não inferior a os quatro metros. O

peso desses blocos foi calculado em cerca de 65.000 kg.

Muitos sarcófagos mostraram sinais de terem sido estuprados. Mariette e seus sucessores encontraram apenas duas jóias intactas e contendo. Os outros foram saqueados. Quando? Ninguem sabe. Por quem? Ladrões não deixam seu nome. A presa humana, mais devastadora que a própria areia, era o que todos os egiptólogos, apesar de si mesmos e com raiva impotente, tinham que verificar sempre que uma descoberta recompensava seus trabalhos. A areia eternamente errante que cobria templos, túmulos e cidades inteiras também apagou todos os vestígios.

Mariette se viu mergulhada no terreno escuro de cultos esquecidos. Não podemos falar mais de perto de suas escavações e investigações em Edfu, Karnak e Der-elBahari. Tudo isso permitiu que ele desse uma olhada na rica e brilhante vida cotidiana dos antigos egípcios.

Hoje, o turista que chega aos túmulos dos bois repousa no terraço da Casa de Mariette, à direita da pirâmide de degraus, enquanto à esquerda fica o Serapeum, e toma uma xícara de café turco. Os charlatães-guias o preparam para admirar o mundo das imagens que o aguardam por lá.

Não muito longe do Serapeum, Mariette descobriu o túmulo do grande oficial da corte e do grande proprietário de terras Ti. Nos túmulos dos bois, um último trabalho foi no tempo dos ptolomeus, e então o trabalho foi interrompido tão repentinamente que um imenso sarcófago preto permaneceu logo à entrada sem ser transportado para seu lugar.

O sarcófago do rico Ti era antigo e já estava terminado quando em 2600 a. de JC, os reis Cheops, Kefrén e Micerino terminaram de construir suas pirâmides. Esta tumba, residência da morte, tinha uma variedade de decorações que os outros monumentos anteriores não possuíam. Mariette, que já conhecia bastante os costumes funerários dos antigos egípcios, esperava encontrar nela, além de jóias e todos os tipos de objetos do cotidiano, muitas esculturas e relevos narrativos. Mas o que ele viu nos corredores e corredores excedeu em muito tudo o que ele havia encontrado até agora sobre a representação detalhada da vida cotidiana.

O opulento Sr. Ti estava muito interessado em saber que estava cercado, mesmo após a morte, por tudo o que realmente o acompanhava em sua vida, nos negócios comerciais e na agitação diária. É verdade que ele próprio se vê, no centro de todas as representações, três ou quatro vezes maior que seus escravos e o povo, fazendo com que seu grande poder e significado se destacem em proporções físicas em relação aos inferiores e deserdados dos sorte.

Mas nas primeiras pinturas de parede, tão estilizadas e lineares, o que importa são os detalhes e, portanto, nos relevos, vemos não apenas o lazer dos ricos, mas a preparação do linho, a atividade dos ceifeiros, as pessoas que dirigem burros; debulhadores e outros trabalhadores nas tarefas de colheita; Também vemos uma representação de todas as fases da construção naval, quatro mil e quinhentos atrás; cortando as árvores, trabalhando as placas, manipulando o adze, o rolo e a alavanca. Distinguimos muito claramente as ferramentas e vemos que eles conheciam a serra, o machado e até a broca. Também vemos fundições de ouro e sabemos do trabalho nos fornos, onde o vidro era soprado a temperaturas muito altas; também vemos escultores, pedreiros e curtidores trabalhando nas peles.

Mas também encontramos, e essa cena é sempre repetida, o grande poder exercido por um funcionário público da importância do Sr. Ti. Os prefeitos das cidades, que vêm para acertar as contas com ele, são arrastados e, na frente de sua casa, apertam o pescoço de maneira

violenta e terrível. Fileiras intermináveis de camponeses lhe trazem doações; muitos servos trazem animais para sacrifício e vemos como eles são mortos. Tais pinturas entram em todos os detalhes de tal maneira que nos permitem reconhecer a capacidade do jifero de sacrificar os touros há 45 séculos. E, acima de tudo, podemos estudar a vida particular do Sr. Ti como se estivéssemos olhando pela janela da casa dele. Sr. Ti à mesa, Sr. Ti com sua esposa, com sua família, Sr. Ti quando ele vai caçar pássaros, Sr. Ti em uma viagem ao Delta, Sr. Ti - e este é um dos mais belos relevos - em uma excursão pelo bosque de uma floresta de papiros.

Ti está de pé, em um barco que desliza na água, enquanto os remadores amarrados se inclinam suados. Acima, no meio das copas das árvores, os pássaros voam. A água em que está boga está cheia de peixes e outros animais do Nilo, e um barco está à frente. A equipe lança arpões nos cochilos gordurosos dos rinocerontes, um dos quais morde um crocodilo. Essa representação, apesar da composição fechada e da clareza e segurança de suas linhas, esconde um fato terrível para nós, homens do século.

XX: O Sr. Ti não apenas atravessa o bosque de papiros, mas continua a atravessar a mais dura realidade da vida.

No tempo de Mariette, o valor inestimável dessas pinturas não residia no artístico, mas no fato de consistirem em obras que traíam os detalhes mais íntimos da vida cotidiana dos antigos egípcios, porque não apenas nos ensinaram o que fizeram, mas também como eles fizeram isso. Graças a eles, conhecemos a característica de tais obras cuidadosamente executadas, embora com meios muito elementares e rudimentares em relação ao procedimento técnico usado para superar as dificuldades materiais. Lá tudo foi feito recorrendo a um grande número de escravos e, assim, levando em conta esses métodos, parece mais surpreendente para nós que esses homens vieram construir as pirâmides. Mas nos dias de Mariette isso parecia altamente enigmático. Esses métodos de trabalho são aqueles que vemos não apenas no túmulo de você, mas também no de Ptahhotep, alto dignitário, e

também no de Mereruka, descobertos quarenta anos depois, todos localizados perto do Serapeum. Algumas décadas depois, as hipóteses mais fantásticas imaginadas por Mariette sobre os procedimentos secretos que os egípcios poderiam ter usado para construir seus edifícios ciclópicos ainda estavam expostas nas colunas da imprensa, na literatura profissional e nas histórias de viagens. Esse mistério, que não continha nenhum mistério, seria resolvido definitivamente por um homem que, quando Mariette cavou no Serapeum, acabara de nascer em Londres.

Oito anos depois daquele dia, Mariette lançou seu primeiro olhar, da cidadela do Cairo, para o Egito antigo, oito anos em que ela viu em todos os lugares durante suas escavações a grande liquidação das antiguidades egípcias praticadas, que o homem chegou Para o país do Nilo para comprar papiros, ele cumpriu o que parecia ser sua tarefa fundamental: fundou o Museu Egípcio em Bulak e, pouco depois, o vice-rei o nomeou diretor da "Administração de Antiguidades Egípcia" e inspetor supremo de todas as escavações.

O museu foi transferido em 1891 para Gizé e, em 1902, estabeleceu sua sede final no Cairo, perto da grande ponte do Nilo, construída por Dourgnon no final do século, em um estilo arcaico muito bem feito. O museu não era apenas uma coleção; era também um departamento de intervenção. Tudo o que foi encontrado a partir de então no Egito, foi encontrado por acaso, ou como resultado de escavações realizadas de acordo com um plano, pertencia ao Museu, com exceção de algumas cópias individuais que foram entregues a escavadeiras, arqueólogos e cientistas sérios.

todos os tipos, por meio de gratificação honorífica. Assim, Mariette conseguiu interromper esse dinheiro, aquele saque de antiguidades e ele, um cidadão francês, guardou para o Egito o que, segundo a lei natural, lhe devia pertencer. Agradecido, o Egito ergueu um

monumento para ele nos jardins em frente ao Museu, levou seu corpo para lá e o enterrou em um belo sarcófago de mármore.

Seu trabalho cresceu à medida que seu exemplo se espalhou. Seus sucessores, os diretores Grébaut, Morgan Loret e especialmente Gastón Maspero, organizavam expedições arqueológicas todos os anos. Com Maspero, o Museu estava envolvido em um incidente criminal altamente comentado; mas isso pertence ao capítulo que dedicamos às tumbas reais. Antes de falarmos em outro capítulo do homem que ocupa o quarto lugar na lista dos grandes egiptólogos que criaram os fundamentos dessa ciência, um famoso arqueólogo inglês que se mudou para o Egito quando Mariette estava perto da morte.

Capítulo XIII

P ETRIE E A TOMBA DE UM MENEMHET

A abundância com que os primeiros talentos foram dados em arqueologia é surpreendente. Schliemann, um garoto simples de uma mercearia, fala meia dúzia de idiomas; Champollion, aos doze anos, dá sua opinião sobre questões políticas; Rich já estava chamando a atenção aos nove anos de idade. E de William Matthew Flinders Petrie, o grande medidor e intérprete desse grupo de arqueólogos, um relatório biográfico nos diz que, aos dez anos de idade, ele estava extraordinariamente interessado nas escavações egípcias e que depois falou a frase que durante toda a sua vida ele teve para ter como lema: pesando bem a veneração do antigo e a curiosidade de saber, era necessário "arranhar" o grão da terra egípcia por grão, não apenas para ver o que estava escondido em suas profundezas, mas também para reconhecer como havia sido antes. agora escondido, quando ele vivia na luz do sol. Esses dados, que não puderam ser verificados, mas que considero curiosos, apareceram em Londres em 1892, quando Flinders Petrie foi eleito professor da University College, aos 39 anos de idade.

A verdade é que, já em sua juventude, uma série de hobbies que até então raramente eram unidos e que mais tarde seriam extremamente

úteis estavam relacionados ao seu interesse em antiguidades. Ele estava entusiasmado com experimentos nas ciências naturais, estava interessado em química e prestou um verdadeiro culto ao que, a partir de Galileu, era o fundamento das ciências exatas, isto é, a matemática métrica. Ao mesmo tempo, ele visitou as lojas de antiguidades de Londres, examinou os menores vestígios do trabalho oferecido pelo objeto e, ainda estudante, reclamou que no campo da arqueologia, especialmente no campo da egiptologia, ainda faltava trabalho. fundamental, básico.

O que Petrie perdeu quando estudante, ele fez quando era mais velho. Suas publicações científicas compreendem noventa volumes. Sua "História do Egito", em três volumes (1894-1905), é a precursora de todos os seus trabalhos subseqüentes, realizados com uma riqueza extraordinária de exploração. Sua grande história "Dez anos de atividade de pesquisa no Egito, 1881-1891", publicada em 1892, ainda é uma leitura emocionante hoje,

Petrie, nascido em 3 de junho de 1853 em Londres, iniciou sua atividade como explorador de antiguidades na Inglaterra, publicando primeiro alguns trabalhos em Stonehenge, a famosa estação neolítica. Mas já em 1880 ele foi para o Egito. Ele tinha então 27 anos; com algumas interrupções, ele escavou por quarenta e seis anos, isto é, até 1926.

Ele encontrou a cidade grega de Naucratis. Das pilhas de escombros em Nebesche, ele libertou um dos templos de Ramsés. Perto de Kantara, onde a grande estrada estratégica do Egito para a Síria costumava liderar, e hoje aviões pousam em uma grande esplanada, arranhando a areia que ele extraiu das "colinas dos coveiros"

um acampamento de mercenários do Psamético I, e identificou o lugar que os gregos chamaram Daphne e os hebraicos Tachpanches. Finalmente, mudou-se para onde duzentos anos antes, em 1672, o primeiro ocidental curioso, padre Vansleb, de Erfurt, já havia

investigado: diante das ruínas das duas estátuas colossais do rei Amenófis III, já mencionadas por Heródoto.

Os gregos os chamavam de "colunas de Memnon". Quando Madre Eos emergiu do horizonte, seu filho Memnon gemeu e reclamou em um tom não humano, mas que emocionou a todos que o ouviram. Strabo e Pausanias conversaram sobre isso. Muito mais tarde ainda, Adriano (130 dC) visitou o Egito na companhia de sua esposa para ouvir as lamentações de Memnon; E, na verdade, eles foram recompensados, porque podiam ouvir um som que os movia como nada até então em suas vidas. Septimius Severus restaurou as partes superiores das estátuas com blocos de asperão e o som desapareceu. Hoje, ainda não podemos dar uma explicação exata de um fenômeno como esse, mas não há dúvida de que ele ocorreu.

Foi o trabalho do vento e dos séculos. Vansleb ainda via pelo menos a parte inferior de uma estátua. Petrie apenas arruina, para poder avaliar apenas a altura de cada uma das figuras reais que surpreenderam o mundo antigo com seu tamanho gigantesco e fenômeno acústico. Eles tinham cerca de doze metros. No colosso do sul, o comprimento do dedo médio de uma das mãos é de 1,38 metros.

Finalmente, não muito longe dali, Petrie encontrou a entrada para o túmulo da pirâmide de Hauwara e também o túmulo perdido de Amenemhet e sua filha Ptah-Nofru. Essa descoberta também vale a pena, ainda hoje, ser cuidadosamente narrada.

Neste livro não destinado à biografia de Petrie, não podemos nos debruçar sobre a enumeração detalhada de todas as suas escavações. Petrie estava cavando a vida toda. Ele não se especializou como Evans, que dedicou 25 anos exclusivamente ao estudo do palácio de Knossos, mas removeu todo o solo do Egito e examinou três milênios de história humana desaparecida. E a característica disso é que ele se tornou o melhor conhecedor dos detalhes mais insignificantes e íntimos que a pesquisa no Egito poderia oferecer, isto é, cerâmica e escultura menor, com a qual ele traçou uma nova orientação, sendo o primeiro a aplicar

o estudo das artes menores às determinações cronológicas, ao mesmo tempo que conhece o maior e mais sublime que sobreviveu até hoje: aquelas imensas sepulturas que são as pirâmides.

O leitor que conheceu, nesses últimos parágrafos, mais a anedota do que a história, mais a narração do que a descrição científica dos eventos, pode se sentir impaciente. Espero que os capítulos seguintes satisfaçam seu desejo justo.

No ano de 1880, um estrangeiro europeu apareceu no campo das pirâmides de Gizé. Depois de explorar o terreno, encontrou um túmulo abandonado, com sinais óbvios de que alguém à sua frente já havia entrado à sua porta - talvez até tenha usado o local como depósito. Esse homem estranho informou o servidor que estava carregando a bagagem que ele planejava instalar e morar em uma cova. No dia seguinte, ele já estava resolvido. Em uma gaveta, ele montou um abajur e, no canto, colocou um fogão. William Flinders Petrie estava em casa; e à noite, na hora das sombras azuis, o inglês, quase nu, escalou os escombros empilhados ao pé da grande pirâmide, chegou à entrada e, como mais um fantasma naqueles espaços mortos, desapareceu em sua estranha refúgio, em uma cova em chamas. Depois da meia-noite, ele saiu de seu esconderijo novamente; com olhos irritados, torturados pela dor de cabeça, banhados em suor, como um homem que saiu de um forno em chamas, sentou-se diante de uma gaveta e copiou os dados das pirâmides, as medidas, os cortes

cruzados e longitudinais, a irregularidade dos corredores ... E com tudo isso, ele propôs as primeiras hipóteses.

Que hipótese? Havia um segredo naquela pirâmide que estava aberto a todos por milênios? Heródoto já a admirava - para não mencionar a Esfinge - e os antigos disseram que ela era uma das sete maravilhas do mundo. Maravilha é literalmente algo inexplicável. Para o homem do século XIX, o século da ciência, racionalizado, mecanizado, sem fé e sem

sentido do sublime e de tudo o que não tem utilidade material, a simples existência das pirâmides não deveria causar problemas surpreendentes?

Todos sabiam que as pirâmides eram tumbas, panteões, sarcófagos gigantescos. Mas o que, deuses proíbem, levou os faraós a construir seus túmulos em proporções inigualáveis no mundo? Foi assim que ele pensou, pelo menos. Hoje a América Central é conhecida e sabe-se que algo assim aconteceu na selva do país tolteca. O que os levou a transformar seu panteão em uma fortaleza com entradas ocultas, portas ocultas e corredores falsos que terminavam inesperadamente diante de um bloco de granito? O que fez com que Quéops levantasse em seu sarcófago aquela massa de pedra de dois milhões e meio de metros cúbicos de calcário? O inglês que, noite após noite, meio cego, respirando com dificuldade no ar ressecado daqueles corredores meio arruinados, estava trabalhando dolorosamente, estava determinado a resolver o enigma da pirâmide com os métodos científicos de seu século, os segredos de sua vida. construção e sua forma arquitetônica, e tudo o que surgiu como um problema para ele, que constantemente a contemplava. Muitos desses resultados têm encontrado confirmação e outros foram posteriormente rejeitados por novas pesquisas. Quando agora falamos sobre as pirâmides, não estamos apenas aproveitando o que Petrie descobriu uma vez, mas também usando os números que usamos nos resultados de pesquisas mais modernas. Mas se queremos seguir passo a passo os passos daqueles que se interessaram pelo trabalho daqueles faraós, mesmo os passos dos ladrões que apenas ansiavam por tesouros escondidos, teremos que seguir os passos de Petrie.

Estamos em um tempo separado do nosso por mais de quatro milênios e meio. Do Nilo, uma massa de escravos nus se aproxima, com uma tez marrom e branca, nariz chato e lábios grossos, todos com os cabelos cortados. Exalando um cheiro de óleo ruim e suor, de cebola e alho - de acordo com Heródoto, ele foi pago apenas para alimentar todos aqueles

que trabalhavam na pirâmide de Quéops, uma quantia equivalente a setenta milhões de pesetas hoje - gritando e gemendo sob o chicote de os capatazes andavam nas lajes polidas da estrada que se estendia do Nilo ao canteiro de obras; eles gemeram com o toque das cordas que açoitavam seus ombros enquanto arrastavam os pesados blocos que deslizavam lentamente sobre os rolos. Cada uma dessas pedras media mais de um metro cúbico. Acima de seus lamentos, seus uivos, sua agonia, a pirâmide cresceu. Cresceu por vinte anos. Toda vez que o Nilo soltava suas ondas de lama, que era impossível trabalhar, a oportunidade era usada para reunir centenas de milhares de homens novamente para Quéops, para a construção de seu túmulo, chamado "Echet Chufu". : Cheops skyline.

A pirâmide estava ganhando altura. 2.300.000 blocos de pedra foram transportados e empilhados pela energia humana. Cada um dos quatro lados mediu

mais de 230 metros. A tumba de um faraó tem quase a mesma altura que a Catedral de Colônia, mais que a de Santo Estêvão, em Viena, e muito mais que a Basílica de São Pedro, em Roma, a maior igreja da cristandade, que junto com a A Catedral de São Paulo, em Londres, pode ser colocada livremente dentro da tumba do faraó egípcio. Todas as paredes, construídas com pedra e calcário extraídos das margens do Nilo, compreendem 2.521.000 metros cúbicos, construídos em uma área básica de quase 54.300 metros quadrados.

Hoje em dia, eles vão a esses lugares com o bonde do disco 14, que sai muito perto do campo das pirâmides, e lá os visitantes são recebidos por dragomanos, acemileros e motoristas de camelos que pedem hachich. Os lamentos murmurantes dos escravos já foram extintos, o vento do Nilo engoliu o crepitar dos chicotes e jogou o cheiro do suor. O trabalho permaneceu de tudo isso, dessa imensa construção. Um? Não muitas; por hoje, se você subir a pirâmide de Quéops, que é a mais alta e a mais alta, e olhar para o sul, à esquerda, verá a Esfinge; À direita, a segunda e a terceira pirâmides, a de Kefrén e Micerino, as duas grandes e, à distância, outro grupo de monumentos gigantescos dos

faraós, que são as pirâmides de Abusir, Sakkara e Dachur. . As ruínas testemunham muitos outros que existiam. A pirâmide de Abu Roach foi explorada de tal maneira que, de cima, você pode ver as câmaras funerárias que antes eram cobertas por mil toneladas de pedras pesadas. A pirâmide de Hauwara - em cujos corredores enlameados Petrie seguiu em 1889 os passos de ladrões

- e a pirâmide de Illahum, construída com tijolos crus, foram corroídas pelo tempo. E a

"pirâmide falsa", "o Haram el Kaddab", como os árabes chamavam, porque parecia completamente diferente de todas as outras localizadas perto de Medum, oferecia menos resistência à destruição, à devastação do tempo e do tempo. areia. E assim, apesar de inacabado, tem quarenta metros de altura. Pirâmides mais antigas, até a era dos faraós etíopes de Meroe. Quarenta e uma pirâmides formam o grupo norte do campo de Meroe e nelas estão trinta e quatro reis, cinco rainhas e dois herdeiros príncipes. Pirâmides construídas com sangue, suor e lágrimas de multidões escravizadas. Túmulos para alguns, quem foram os únicos que contaram e que tiveram seu nome escrito para a eternidade, por centenas de milhares de homens sem nome, em pedra orgulhosa direcionada para o céu, apenas para sua glória? Apenas por uma vontade de expressão monumental? Não há mais a intoxicação dos poderosos que perderam a medida de outros mortais?

A intenção que inspira a construção de pirâmides é encontrada na fé religiosa especial dos egípcios. Não em sua crença nos deuses - o número de deuses egípcios era vasto; nem na sabedoria de seus sacerdotes, uma vez que os ritos e dogmas sofreram alterações em sua forma, assim como os templos do Antigo, Médio e Novo Império; mas no conceito fundamental de sua idéia religiosa, segundo a qual o caminho do homem continuaria além de sua morte corporal, até a eternidade. O futuro não é nem céu nem terra, e é povoado pelos mortos, desde que eles tomem todos os meios de vida necessários para sua existência, o que é essencial. A essa existência corresponde tudo o que os havia acompanhado anteriormente em sua vida terrena. Um

edifício sólido e comida para satisfazer a fome e a sede; servos, escravos e empregados; todos os objetos de uso diário. Mas o mais necessário era a preservação do corpo com uma proteção completamente segura contra todas as influências nocivas. Somente dessa maneira era possível conseguir que a "alma", no ponto mais baixo do Egito , ao voar livremente após a morte, pudesse encontrar o tempo todo o corpo ao qual pertencia, bem como seu

espírito protetor, o ka, personificação de sua força vital. , nascido com ele, mas que não pereceu com a morte do corpo, mas continuou a viver, para dar ao falecido a força necessária no futuro. Naquele além, onde o trigo atinge alturas de sete varas, mas isso também deve ser cultivado.

Essa idéia se manifesta em dois fatos: na mumificação do corpo morto - que também conhecemos nos incas, nos maori, nos jívaros e outros, embora não de forma altamente desenvolvida, longe disso - e na constrição de tumbas na forma de fortificações. . Cada pirâmide era uma fortaleza destinada exclusivamente a proteger a múmia depositada e protegida duas, cinco ou dez vezes contra todos os inimigos, contra todos os crimes possíveis e contra qualquer um que pretendesse perturbar a paz.

Milhares de seres vivos foram sacrificados nessas obras forçadas para dar segurança perene a uma pessoa morta na vida eterna. O faraó que construiu seu túmulo por dez, quinze ou vinte anos, desperdiçou as energias do povo e também se arruinou, assim como seus filhos e descendentes. Também enfraqueceu a economia do Império por muitos anos após sua morte, pois seu ka exigia sacrifícios constantes e um serviço permanente de sacerdotes - um faraó de visão já prescreveu antecipadamente que a renda de doze povos seria reservada aos sacerdotes que deveriam celebrar sacrifícios por seu ka,

A força da fé venceu todos os ataques e resistências de razões políticas e morais. O trabalho dos faraós - e não apenas deles, já que os menos poderosos se contentavam com os mastaba, um tipo de panteão também caro, enquanto as pessoas da cidade estavam enterradas na

areia - foi o resultado de um egocentrismo imensamente exagerado que ele não tinha conhecimento de nenhuma preocupação com a comunidade. As pirâmides não tinham a utilidade coletiva dos enormes edifícios da cristandade, das catedrais e das basílicas, nem serviam para a piedosa reunião dos fiéis; não como as torres babilônicas, os zigurates, que eram a sede dos deuses e um santuário para todos. As pirâmides serviam essencialmente apenas uma: o faraó enterrado ali. Apenas seu corpo morto, sua alma, seu ka.

No entanto, há um fato impressionante: o tamanho dos monumentos ordenados pelos reis da dinastia IV, há quarenta e sete séculos, excede as medidas prescritas pela fé, religião e até segurança. Mais tarde, observamos que muito em breve a construção de pirâmides perdeu tanta importância, e isso foi em épocas em que faraós tão absolutos quanto Sethi I e Ramsés II governavam, que até se identificaram com Deus mais do que os governantes anteriores e estavam ainda mais distantes da massa. dos assuntos que os antigos Quéops, Kefrén e Micerino. Existe uma razão, é verdade que é muito materialista para nos satisfazer completamente, que poderia nos dar a explicação de por que os faraós pararam de construir grandes pirâmides. Aumentou a audácia de violadores de roubar objetos preciosos e, em certas cidades, o roubo se desenvolveu por alguns séculos como uma profissão de alto desempenho; a compensação social que os necessitados buscavam dessa maneira, em comparação com os sempre satisfeitos, não garantia mais a segurança das múmias nas pirâmides, e essa evolução obrigava a adotar medidas de proteção completamente novas, para as quais construíam túmulos de maneiras diferentes.

A outra razão certamente está no caminho da abordagem morfológica da história; vendo as culturas colocadas em uma sinopse de analogias cronológicas ou,

melhor dizendo, de paralelismo entre os diferentes estágios percorridos por elas: uma ascensão análoga e um declínio análogo. E assim, sempre se registra o fenômeno de que, após o despertar da consciência cultural de um povo, tende-se à monumentalidade ilimitada. Assim, por

exemplo, apesar de todas as diferenças, existe uma relação incontestável entre o zigurate babilônico, as monumentais construções românico-góticas de catedrais no oeste e as pirâmides do Egito. Todos eles surgem em um ponto análogo no início de uma evolução cultural em que, com força excessiva, há uma tendência para o imenso. Não devemos esquecer que as catedrais góticas primitivas se tornaram tão grandes que cabiam confortavelmente a todos os habitantes da cidade onde foram erguidas. Com força esmagadora, ele não para diante do abismo representado pelos cálculos mais elementares da estática, com absoluto desprezo pelas leis mais rasas da mecânica.

No século 19, era de progresso técnico, não se podia acreditar que isso fosse possível. O cientista ocidental não podia afirmar que tais edifícios poderiam ter sido construídos sem "máquinas" ou polias, e provavelmente sem guinchos ou guindastes. Mas o irresistível impulso para a monumentalidade havia superado todas as dificuldades, e a força quantitativa e multitudinária da cultura primitiva era equivalente à força da qualidade da civilização posterior.

As pirâmides foram construídas pela força de inúmeros músculos humanos. Nas pedreiras, buracos eram feitos com um torno e blocos de madeira molhados eram colocados neles para que inchassem e, assim, os blocos de granito dos montes de Mokatam pulavam como se estivessem usando pó. Então, por meio de rolos, eles foram arrastados e transportados. Uma fileira de pedra após a outra formava a pirâmide. Um dos problemas arqueológicos mais difíceis tem sido o fato de saber se deve seguir um ou mais planos de construção - Lécio e Petrie tinham duas opiniões contrárias -; mas as investigações mais recentes são a favor de Lepsius, e supõe-se que houve vários projetos. O trabalho realizado por essas pessoas há 4.700 anos foi tal que, como Petrie diz, erros nas medições de comprimento e junções de pedras da Grande Pirâmide poderiam ser cobertos com o polegar. Eles organizaram os blocos de pedra de tal maneira que, oitocentos anos atrás, o escritor árabe Abd-el-Latif observou com admiração o que até hoje, todo viajante, acompanhado por um guia da agência, pode verificar na grande sala da pirâmide de Quéops, à luz de magnésio e por meio da

câmera: que um trabalho de mestre estava sendo realizado lá, pois nem a agulha nem o cabelo podiam ser inseridos pelas fendas das articulações. E os antigos construtores variaram essa técnica quando, na própria câmara funerária, para descarregar o peso do enorme teto de granito, projetavam cinco espaços vazios nela. Embora - como uma crítica tenha dito erroneamente -, segundo os cálculos modernos, seria suficiente, não se deve esquecer que, em nosso tempo, vigas e apoios em T duplo analisados por raios infravermelhos, nossas pontes não são apenas construídas com uma maior segurança de cinco, mas até oito ou doze vezes dentro do cronograma.

As pirâmides ainda permanecerão por muito tempo. Apenas o pico desapareceu do de Quéops, formando um platô de cerca de dez metros quadrados em seu pico altivo. Por fora, o revestimento liso que consiste em uma camada externa de calcário fino de Mokatam foi removido, revelando a pedra amarelada do trabalho sólido. Mas a pirâmide continua a desafiar os séculos. E, como ela, muitos outros. Agora, onde estão os reis que procuravam dentro deles por segurança, o refúgio sem sofrimento para seu corpo e seu ka?

Aqui, o orgulho dos faraós foi punido por uma justiça trágica, bem merecida. Aqueles que não descansavam em fortalezas de pedra, mas em mastabas, simples panteões embaixo da terra ou assados em túmulos simples de areia, desfrutavam de mais proteção do que os altos governantes. Os ladrões superaram a previsão ilimitada de muitos deles. O sarcófago de granito de Keops foi estuprado e está vazio, não sabemos quanto tempo. O sarcófago foi encontrado por Belzoni em 1818, com a tampa quebrada e cheia de pedras. A tampa do sarcófago de basalto de Micerino, tão ricamente ornamentada, estava faltando no ano 30 do século passado, quando o coronel Vyse encontrou a câmara funerária do túmulo; partes do caixão de madeira interior estavam espalhadas pela sala superior e com elas partes da múmia real. O navio que transportava o sarcófago para a Inglaterra afundou na costa espanhola.

Milhões de blocos de pedra destinavam-se a proteger os corpos mortos e mumificados dos reis; Além disso, seus túmulos tinham corredores murados, esquemas arquitetônicos de ocultação que deveriam conter os mais ousados, impedindo que se enriquecessem criminalmente, uma vez que as câmaras dos túmulos continham riquezas e tesouros dificilmente imagináveis. A múmia do rei, já que ele ainda era um faraó quando seu ka entrou na múmia para conseguir uma nova vida na vida após a morte, ele precisava das jóias, dos objetos de seu uso pessoal, especialmente os de luxo, os pertences valiosos de sua vida. Todos os dias, armas de ouro e metais nobres enfeitadas com lápis-lazúli e outras pedras preciosas, gemas e cristais. As pirâmides realmente protegeram? Como você pode ver, sua massa de pedra não assustou os criminosos, mas, pelo contrário, os atraiu. Seus blocos de granito mantinham algo que sua própria magnitude denunciava claramente: Nossa missão é esconder algo muito importante!

Assim, os profanadores exercitaram suas artes malignas em torno das pirâmides desde os primeiros tempos até o presente, sempre com zelo renovado. Com que astúcia, com que perseverança, com que ocultação eles trabalhavam, Petrie verificou quando sofreu sua famosa decepção no túmulo de Amenemhet.

É necessário acrescentar algumas observações sobre os mais trazidos e realizados, por cerca de cem anos, aludindo ao famoso "enigma da Grande Pirâmide".

Já conhecemos o fenômeno: onde reina a insegurança, há amplo espaço para especulações. Mas é preciso distinguir entre simples especulação e hipótese. Este último, um elemento essencial dos métodos de trabalho de toda ciência, partindo dos dados seguros, descobre perspectivas e possibilidades mais ou menos prováveis. Mas a especulação não tem escrúpulos; em geral, nem sequer parte de pontos comprovados, mas imaginários e, portanto, são dadas conclusões que nada mais são do que simples fantasias e com asas sonhadoras limita os

caminhos mais abstratos da metafísica, as selvas mais inextricáveis do misticismo, os campos mistérios do pitagorismo e da cabala incompreendidos. As especulações mais perigosas são aquelas que estão emparelhadas com a lógica, com aquela lógica à qual nós, homens do século XX, sempre nos sentimos prontos para dar nossos aplausos.

As descobertas egípcias provocaram todo tipo de especulação.

Já citamos alguns quando discutimos interpretações hieroglíficas pré-Champollion. Podemos acrescentar a tentativa mais moderna de "Sir Galahad"; por trás desse pseudônimo, esconde-se uma mulher que, em seu trabalho intitulado "Mães e amazonas", declara, não como uma declaração categórica, que os egípcios dos tempos históricos conheciam o matriarcado em um grau muito pronunciado. Digamos que "Sir Galahad" apresenta sua tese com fogos de artifício tão deslumbrantes em estilo e linguagem, que desejamos que essa mágica na apresentação tenha sido imitada por um arqueólogo sério.

Nesta ordem, mencionaremos especialmente Silvio Gesell, especialista em economia e adepto teórico da doutrina do livre comércio, que, desde 1945, atrai novamente a atenção na Alemanha. Gesell não se limitou a propagar suas teorias, mas colocou um problema sério: Moisés conheceu a pólvora? E com extraordinária nitidez ele "prova" que Moisés, na corte de Ramsés, e com a ajuda de seu sogro Jetro, que como padre possuía certo conhecimento secreto, usava a sagrada Arca da Aliança como laboratório para assuntos explosivos. O segundo livro de Moisés, no capítulo 30, versículos 23 a 38, indicava uma receita para criar uma certa matéria explosiva. A sarça ardente, os tanques de batalha egípcios tombados, cujas rodas são arrastadas por forças misteriosas, a rocha que salta com um golpe, o grupo de Corá engolido pela terra que se abre, as paredes de Jericó que desmoronam através da toque de trombeta; Tudo isso, segundo Silvio Gesell, é o produto da ciência, que chegou a fabricar, em sua misteriosa Arca da Aliança, os meios técnicos necessários. Moisés não recebeu as tábuas da lei sob o fogo de morteiros que dispararam? O desajeitado assistente de

laboratório não precisou de quarenta dias para curar suas queimaduras?

A opinião de Silvio Gesell é apoiada no campo das ciências naturais por Johannes Lang, que defende com ousadia a teoria do mundo vazio.

O essencial é que, desde os primeiros tempos, era precisamente a Grande Pirâmide - a de Quéops - que tinha que conter o milagre dos números místicos. Este misticismo cabalístico não deve ser visto em um plano diferente dos exemplos indicados acima. E nada altera o fato de que em nossos dias homens sérios da ciência, pessoas que em seus estudos alcançam excelentes empregos, se entregam ao misticismo dos números, a cabala.

A Grande Pirâmide tem sido freqüentemente chamada de "Bíblia de Pedra". Conhecidas as muitas interpretações simbólicas da Bíblia, podemos dizer que são tantas quanto as da Grande Pirâmide. Pelo plano, pela situação das portas e pela orientação dos corredores das salas e da câmara funerária, tentou-se decifrar nada menos que a síntese de toda a história da humanidade. De acordo com essa "história"

contida na pirâmide, um pesquisador anunciou o início da Primeira Guerra Mundial para o ano de 1913, e os seguidores de tal superstição notaram que ele estava errado

"em apenas um ano".

No entanto, os fãs da mística dos números são confrontados, neste caso, com um material que nos surpreenderia, se não o reduzíssemos ao ponto de seu valor normal. Por exemplo, é um fato irrefutável que as pirâmides são orientadas exatamente de acordo com os quatro pontos cardeais. Assim, a diagonal que, do nordeste ao sudoeste, atravessa a pirâmide de Quéops, coincide exatamente com a diagonal da pirâmide de Khafre. A maioria das verificações múltiplas a seguir se baseia em cálculos

errados, exageros mais ou menos conscientes e uma expansão excessiva das possibilidades oferecidas por qualquer edifício monumental quando o apreciamos com nossas pequenas unidades de medição.

Após as primeiras medições feitas por Flinders Petrie, outras medições relativamente precisas da Grande Pirâmide foram feitas. Não devemos esquecer que todas as medições modernas são apenas aproximadas, pois nem a concha externa da pirâmide nem o topo são preservados.

Todo misticismo das figuras, cabala que se baseia, geralmente, segundo especialistas, em unidades de centímetros, milímetros e frações de uma polegada, é condenado antecipadamente ao descrédito.

Vamos acrescentar a isso que devemos dar aos egípcios um conhecimento extraordinário na ciência astronômica, mas nunca podemos atribuir a eles o conhecimento de unidades de medida, como as representadas pelo medidor original preservado em Paris. A esse respeito, lembremos que eles careciam da noção histórica de tempo e, portanto, entendemos tudo de estranho no mundo ideológico deles, não orientado, como o nosso, sempre para a coisa exata.

Operando com valores limitados de medição, não é difícil construir neste campo teorias muito impressionantes sobre esses edifícios imensamente grandes. É quase certo que, se considerássemos a Catedral de Chartres ou a de Colônia estudando-as com medições em centímetros , poderíamos alcançar as conclusões mais inesperadas em termos de figuras cósmicas, por uma adição, subtração e multiplicação elementares e chegar a deduções cabalísticas surpreendentes. Tampouco o valor π deve ser objeto de especulações misteriosas, pois pu é seu equivalente, o "número de Ludolf", era conhecido pelos construtores de pirâmides.

Mesmo que fosse verdade que os egípcios assim fixaram categoria especial conhecimento astronômico e matemático nas medidas da Grande Pirâmide -

conhecimento que a ciência moderna alcançou apenas nos séculos 19 e 20, como a distância exata da Terra. para o Sol - não haveria razão para atribuir a esses valores um significado místico, muito menos deduzir deles profecias de qualquer tipo.

Em 1922, o egiptólogo alemão Ludwig Borchardt, após um cuidadoso estudo da Grande Pirâmide, publicou um livro intitulado: "Contra o simbolismo dos números relacionados à Grande Pirâmide de Gizé". Neste trabalho, encontramos argumentos contra a corrente mística.

Petrie era um arqueólogo que não parou diante de nenhum obstáculo. Tenaz, firme e sempre pronto para encontrar novas ruínas, com paixão inabalável, ele escavou em 1889 uma enorme galeria na pirâmide de tijolos de um rei do país do Nilo - sem saber então que era Amenemhet III, um dos príncipes mais famosos da paz do Egito - e penetrou transversalmente quando ele não encontrou a entrada, embora tenha verificado que antes de cavar outros, pessoas dos tempos antigos cuja intenção era apenas violar a tumba, não trazer à luz um tempo passado e instruir homens contemporâneos, mas simplesmente para roubar.

Foi Petrie, o infatigável, quem disse que esses ladrões não sabem quando se mostraram mais infatigáveis do que os cientistas atuais.

Determinado a perfurar a pirâmide, ele deixou a vila de Hauwaret-el-Makta, chegou ao prédio depois de três quartos de hora montando um burro e procurou instantaneamente a entrada onde a encontrara em quase todas as outras pirâmides: de um lado. Mas ele não o encontrou, como seus predecessores não o encontraram, porque não estava no lado oriental; razão pela qual decidiu não perder tempo; abriu um túnel transversal nas paredes.

Essa decisão foi ótima. Os recursos técnicos de Petrie eram limitados e ela sabia que havia uma tarefa assustadora pela frente. Mas ele não suspeitava que estaria cavando por semanas inteiras.

Você deve imaginar, com todo o poder da fantasia, depois daquele trabalho cansativo no calor do Egito, trabalhando com meios

insuficientes e trabalhadores inativos, o que significou o momento em que Petrie derrubou o último pedaço de parede isso permitiu que ele entrasse na câmara do túmulo, felizmente encontrado para

... verificar se outros homens haviam passado por ele.

Mais uma vez nos deparamos com a sensação que muitas vezes constitui o prêmio irônico do pesquisador, o resultado final de seu cansaço, aquela terrível decepção que somente nos mais fortes evita a paralisia total. Exatamente doze anos depois, um caso semelhante poderia ter lhe dado pelo menos a satisfação do mal dos outros. Os imitadores modernos dos antigos violadores de túmulos abriram o de Amenofis II, morto por volta de 1420 a. de J. C, e procurando os tesouros do rei, cortaram os embrulhos de sua múmia. Eles ficaram decepcionados e, como ladrões, provavelmente ainda mais amargos que Petrie. Seus antecessores nessa profissão sem fins lucrativos, há 3.000 anos, haviam realizado seu trabalho com tanta perfeição que não deixaram seus sucessores o objeto mais insignificante.

A galeria que Petrie havia aberto era muito estreita para seus ombros, mas sua impaciência não lhe permitiu esperar que ela se expandisse. Amarrou um garoto egípcio a uma corda, deu-lhe uma lâmpada e o fez entrar na câmara funerária. A luz quente e fraca do óleo iluminava dois sarcófagos abertos, violados, completamente vazios!

O homem da ciência teve apenas a chance de saber quem havia profanado a sepultura. Nova dificuldade! Água de fundo havia entrado na pirâmide. Quando Petrie ampliou a primeira galeria e entrou na câmara, ela estava coberta de água arenosa, como mais tarde em outro poço onde ela encontrará uma múmia de jóias. E o mesmo que depois, nem então isso o assustou. Com a picareta, ele tateou o chão, polegada após polegada. E assim ele encontrou um recipiente de alabastro onde estava gravado o nome de Amenemhet. E em outra câmara vizinha, ele encontrou inúmeras ofertas, todas dedicadas, com indicação expressa do nome da princesa Ptah-Nofru, filha de Amenemhet III.

Amenemhet III, faraó da décima segunda dinastia, reinou em 1849-1801 aC. de JC (de acordo com Breasted). Sua dinastia durou duzentos e treze anos, e o tempo em que ele usava as duas coroas do Egito foi um dos mais felizes do país, pouco antes devastado por uma guerra contra os povos bárbaros de suas fronteiras e outro interior,

contra os príncipes feudais, sempre pronto para a rebelião. Amenemhet impôs a paz. Inúmeros edifícios, incluindo a canalização de um lago inteiro, também serviram a fins profanos e religiosos; suas medidas sociais são diferenciadas dos conceitos modernos da civilização ocidental, mas a característica do Egito é que, em contraste com esse progresso, a divisão em castas continuou, e sua economia baseada apenas em escravos e na virtude providencial do rio .

Ele tornou o Egito mais verde do que o grande Nilo.

Sobrecarregou os dois países.

Ele é a mesma vida que encoraja nas passagens

nasais; os tesouros que ele dá são comida para seus

seguidores; ele nutre todos os que seguem seu

caminho.

O rei é a vida do país, a sua boca é abundância.

O grande mérito de Petrie é ter localizado o túmulo deste rei. Como homem da ciência, ele poderia, portanto, estar completamente satisfeito. Mas como batedor de picaretas, algo mais ainda tinha que despertar sua curiosidade. Por que caminho haviam chegado aqueles ladrões habilidosos? Onde estava a verdadeira entrada para a pirâmide?

Os ladrões descobriram a porta que ele e os investigadores que o precederam sempre procuravam?

Os ladrões seguiram os passos dos arquitetos. E Petrie seguiu os dos ladrões.

Isso aconteceu muitos anos após o assalto e foi um empreendimento semelhante à escavação da primeira galeria, já que as águas do fundo haviam subido e a lama, os restos de telhas e os escombros formaram uma lama misturada e endurecida pela água e pelo mar. quente. Houve momentos em que Petrie, o infatigável, rastejando com dificuldade, quase coberto pela lama que enchia sua boca e nariz, precisou avançar dessa maneira. Mas ele queria saber onde ficava a entrada real. E encontrou. Contra todas as experiências anteriores, contra toda a tradição egípcia, ele estava no lado sul. Apesar disso, os ladrões a encontraram. Diante desse milagre, Petrie, ferido em sua honra como explorador, se perguntou se tal "descoberta" teria sido realizada normalmente; se teria sido o fruto da inteligência natural dos ladrões ou o resultado de sua tenacidade infatigável. Ele suspeitou de algo estranho e fez suas perguntas.

Sistematicamente, ele seguiu o caminho que os profanadores haviam seguido. Ele enfrentou os mesmos obstáculos que encontraram. E cada vez que ele consultava sua própria inteligência. Mas não foi sua inteligência ou sua experiência que lhe deram a solução que os ladrões haviam encontrado antes. Que instinto misterioso os levou a inúmeras armadilhas, truques e enganos projetados pelos arquitetos faraônicos?

Havia uma pequena escada que terminava em uma ante-sala às cegas. Talvez os ladrões tivessem assumido que a saída era o próprio teto da câmara, pois era tudo uma

enorme armadilha. E eles o esgotaram cansadamente, enquanto os ladrões modernos se esforçam para forçar os cofres. Mas onde eles estavam então? Em um corredor, cheio de enormes blocos de pedra. Petrie, com sua experiência, foi o único que pôde valorizar todo o

trabalho necessário para simplesmente limpar esta galeria. E ele podia imaginar o desapontamento dos profanadores quando, após uma grande dificuldade resolvida, eles tropeçaram novamente em outra sala sem saída e, depois, com os obstáculos removidos, com uma terceira câmara sem porta também.

Finalmente ele hesitou. Ele seria forçado a valorizar, mais do que sua própria tenacidade e ciência, o instinto daqueles que haviam superado todas as dificuldades? Não havia dúvida: eles tiveram que cavar por semanas, meses, até um ano ou mais. E sob que circunstâncias? Talvez com medo dos guardiões, dos sacerdotes e até dos visitantes que constantemente traziam ofertas e sacrifícios ao grande Amenemhet. Ou aconteceu de outra maneira? A vaidade de Petrie, esse homem que teve que usar tanta ingenuidade e experiência para superar as dificuldades colocadas pelos arquitetos antigos para proteger os reis de futuros profanadores, que seu orgulho ambicioso o forçou a negar que a ingenuidade de ladrões vulgares séculos atrás, bastaria descobrir caminhos tão complicados. Talvez, e a literatura egípcia desse indicações, os ladrões teriam desfrutado, por assim dizer, de cumplicidade profissional. Talvez os próprios padres e guardiões os tivessem ajudado, transmitindo seus conhecimentos, orientações, dados e apoio secretos. Talvez eles tivessem sido funcionários facilmente vulneráveis a suborno e corrupção. Assim, chegamos ao grande

"capítulo dos bandidos" da história egípcia, que já começou em tempos muito remotos e encontra sua continuação no Vale dos Reis, uma emocionante continuação que há pouco tempo atingiu seu clímax em um ato criminoso que, mais que, da realidade, parece extraído de um romance policial moderno.

Capítulo XIV

G ADRONES NO V ALLE DE LOS R OLHOS

No início do ano de 1881, um americano rico, interessado em arte, subiu as águas do Nilo até Luxor, uma cidade localizada em frente à antiga cidade real de Tebas. Eu estava tentando comprar algumas antiguidades. Ele desprezava o comércio oficial, muito severamente dirigido desde a influência de Mariette, e confiava apenas em seu instinto, que o incitava a vasculhar os aposentos dos bazares à noite, nos becos escuros e onde, finalmente, ele contatou com um egípcio de pele escura que lhe ofereceu itens aparentemente autênticos e valiosos.

Permitam-me um breve comentário sobre o método americano. Hoje, todos os guias de turismo já alertam seus clientes sobre a compra clandestina de antiguidades. E

com razão, uma vez que a maioria dessas chamadas antiguidades é obra da indústria doméstica egípcia moderna ou mesmo importada da Europa. Com grande habilidade, os comerciantes imitam a autenticidade dos objetos. Assim, mesmo uma pessoa com conhecimento de arte como o historiador alemão Julius Maier-Graefe foi vítima de uma farsa no ano de 1920. Acompanhado por um guia que entendia bem o negócio, ele encontrou uma pequena escultura na arena, como se por acaso. O fato de ele ter encontrado o fez acreditar que era de fato um objeto antigo autêntico, e bem escondido trouxe a pequena obra de arte para o hotel. Mais tarde, para que pudessem fazer um pedestal para colocá-lo, ele procurou um revendedor e perguntou sobre a cópia. Ele sorriu. E Julius Maier-Graefe escreve: «O comerciante me levou para a sala dos fundos, lá abriu um guarda-roupa e me mostrou quatro ou cinco cópias idênticas, todas cobertas de areia antiga. Eles vieram de Buzlau, mas ele os comprou do representante da casa no Cairo, um comerciante grego.

Não sabemos por que o destino estranho e divertido, além das falsificações

"profissionais", a ciência também enfrenta outras surpresas. Tomemos, por exemplo, o relato autobiográfico do famoso autor contemporâneo francês André Malraux, ex-comissário da China e mais tarde ministro

da cultura do general de Gaulle. Por não oferecer qualquer tipo de dúvida, embora naturalmente não deva ser tomada como regra geral, é por isso que a contamos aqui, apenas por fatos curiosos. Em 1925, Malraux encontrou um colecionador russo em um bar em Cingapura que viajava às custas do Museu de Boston para comprar objetos de arte. Após a primeira conversa, na qual o russo era muito falador, ele mostrou a ele cinco pequenos elefantes de marfim, de tamanho escalonado, comprados de um hindu.

«- Veja bem, meu amigo: estou comprando elefantes pequenos e, quando fazemos escavações, coloco-os nos sarcófagos abertos antes de cobri-los novamente com terra. Daqui a cinquenta anos, quando outras pessoas reabrirem esses sarcófagos, encontrarão meus elefantes patinados e roídos pela umidade e quebrarão suas cabeças

... Gosto de fazer essas piadas com meus sucessores na tarefa de investigação. Em uma das torres de AngkorWat, gravei uma inscrição um tanto incidental em sânscrito; quando estiver sujo, parecerá muito antigo. E haverá alguns inteligentes para decifrá-lo. Você tem que rir um pouco das pessoas ... »

Vamos deixar nossa digressão e retornar ao americano, que como egiptólogo era um simples amador, embora com algum conhecimento. Por esse motivo, uma oferta do

egípcio o comoveu um pouco e, sem levar em conta o princípio de que você deve pechinchar sempre que for oriental, ele adquiriu um papiro; nunca antes eu vi alguém tão bem preservado e bonito. Colocou-o na mala e, ignorando a inspeção da alfândega e da polícia, saiu correndo do Egito. Chegando à Europa, ele se apressou em examinar o papiro por um especialista, e então soube que, de fato, ele havia comprado não apenas um objeto de preciosa raridade, mas também - embora não intencionalmente -

havia trazido um problema muito estranho.

Mas antes de contar detalhadamente, temos que estudar, ainda que brevemente, a história muito rara do Vale dos Reis.

O chamado Vale dos Reis, ou "Túmulos dos Reis de Biban-el-Muluk", está localizado na margem ocidental do Nilo, em frente a Karnak e Luxor, cidades onde os imensos corredores e templos hipostilos Novo Império, naquela vasta região, agora devastada, que já abrigou a necrópole de Tebas. Lá, durante o Novo Reino, surgiu a necrópole dos mortos ilustres e, junto com ela, também os templos dedicados aos faraós e ao deus Amon.

Para a administração e expansão constante desta gigantesca cidade dos mortos, eram necessários numerosos funcionários, que estavam sob a direção de um oficial especial que levava o pomposo título de "Príncipe do pôr do sol e cabeça dos mercenários da necrópole". Os guardas residiam em quartéis; e em quarteirões de casas que passaram a ocupar a extensão das cidades, viviam os operários, pedreiros, pintores, artistas de todos os tipos, embalsamadores e mumificadores: em uma palavra, todos aqueles que guardavam a parte mortal e os que criavam o envelope eterno ka.

Isso, como já foi dito, aconteceu na época do Novo Império, quando reinaram os homens mais poderosos que governavam o Egito, os "filhos do Sol" Ramsés I e Ramsés II. Foram os anos da dinastia XVIII, e especialmente os da XIX, aproximadamente de 1350 a 1200 antes de Jesus Cristo. Foi, pensando nas analogias de Spengler, o que poderíamos chamar de domínio da civilização quase pura, o desenvolvimento do

"cesarismo". O mesmo que aconteceu mais tarde na Roma dos Césares, quando a arquitetura herdada da Grécia se desviou para o colossal, assim como a grandeza piramidal dos antigos egípcios mais tarde levou às construções luxuosas e gigantescas de Karnak, Luxor e Abydos; Esse também foi o caso de Senaqueribe, em Nínive, a "Roma assíria", e o mesmo se repetiu - segundo Spengler - com o chinês Caesar Hoang-ti, e por volta do ano 1520 nos gigantescos edifícios indianos. Foi o tempo

em que a cultura egípcia experimentou o que está acontecendo agora entre nós, nos países ocidentais, em relação ao Novo Mundo ao redor de Nova York, a cidade dos arranha-céus.

Inicialmente, à medida que crescia, essa cidade dos mortos - a maior necrópole conhecida -, especialmente no início das atividades de construção no Vale dos Reis, recebeu o impulso do rei Tutmosis I (1545-1515 aC). C), que foi decisivo para a evolução posterior da história do Egito e de sua arte, servindo para fixar a data em que a cultura egípcia primitiva, tradicional e animada foi transformada em outra forma de cultura que negava toda tradição e faltava. alma e organicamente.

Seja como for, Tutmosis eu fui o primeiro rei que decidiu separar seu túmulo do templo dos mortos, levando-o a uma distância de um quilômetro e meio, e ordenou que

seu cadáver não fosse enterrado no magnífico templo que é percebido de longe, mas em uma câmera escondida nas rochas.

Talvez isso não pareça muito interessante para nós. Mas tal decisão de Tutmosis supôs a ruptura abrupta e violenta de uma tradição de dezessete séculos, causando seu ka, e com ele sua possibilidade de sobrevivência ultraterrestre, dificuldades imprevistas, ao separar a tumba do templo onde os dias da festa eram realizados. as ofertas, tão necessárias para a existência do ka. Em vez disso, e esse foi o motivo externo de sua decisão, Tutmosis pareceu que com tais medidas ele obteria uma segurança que seus antecessores não tinham, como demonstrou a experiência das muitas tumbas violadas. O que o levou a tanta determinação e ditar tais ordens a seu arquiteto Ineni foi o medo aterrorizante que ele sentia diante do perigo da destruição de sua múmia, antes da violação de seu túmulo; medo que existisse apesar de toda a corrupção racionalista, apesar do fato de a religião ter se tornado mais mundana - a 21ª

dinastia era teocrática e composta por padres de Amon, "reis-sacerdotes", cujo poder no estado aumentava constantemente . No início da 18ª dinastia de Tebas, quase não havia tumba real em todo o Egito que não havia sido profanada, apenas uma múmia famosa que não havia sido despojada de parte de sua "armadura mágica", com a qual havia sido estuprada. para sempre. E raramente os ladrões de túmulos eram pegos, embora fossem surpreendidos e obrigados a abandonar parte de seus saques. Quinhentos anos antes de Tutmés, um ladrão que acabara de separar a múmia da esposa do rei Zer para que ele pudesse ser transportado melhor, ficou surpreso e escondeu às pressas um dos braços dissecados em um buraco na parede do túmulo, onde foi encontrado pelos arqueólogos egípcios em 1900. Estava intacto e sob as ataduras ainda usava um lindo anel de ametista, pérola e turquesa.

Ineni foi o nome do primeiro arquiteto de Tutmés. Só podemos imaginar como deve ter sido a cena empolgante da entrevista entre Faraó e seu arquiteto. Uma vez que a grave decisão de romper com a tradição antiga fosse adotada, Tutmés certamente acreditaria que havia encontrado uma solução para evitar o destino trágico de seus antecessores. E essa solução deve ser mantida em sigilo máximo, e o local de construção e a disposição da sepultura também devem ser mantidos em sigilo absoluto.

Por um ato de vaidade do arquiteto Ineni, sabemos hoje como o trabalho foi realizado. Nas paredes de sua própria câmara funerária, ele representava a descrição detalhada de sua vida, contando os detalhes da construção do primeiro sepulcro na forma de um poço ou cisterna. Ele diz: «Eu só observei a construção do túmulo de Sua Majestade. Ninguém viu, ninguém ouviu! No entanto, um arqueólogo moderno, um dos homens que melhor conhece o Vale dos Reis e as dificuldades de construção neste local, Carter, calcula que o número de trabalhadores que Ineni indubitavelmente excedeu cem. E ele escreve com bastante naturalidade: «Obviamente, os cem ou mais trabalhadores que conheciam o segredo mais amado do rei não podiam se mover livremente, e Ineni certamente usou os meios mais eficazes para manter

seu silêncio. Muito provavelmente, as obras foram realizadas por prisioneiros de guerra que, uma vez finalizados, foram mortos ".

Mas, perguntamos a nós mesmos, a ruptura radical com a tradição deu o resultado desejado por Tutmosis? Sua tumba, a primeira no Vale dos Reis, está localizada na encosta íngreme de um canto solitário escuro. Uma escada foi esculpida na rocha e outros poços foram feitos da mesma maneira que as tumbas dos faraós

haviam sido construídas há quinhentos anos. Os gregos, pela semelhança destes poços com o famoso flauta alongada dos pastores, o syring ou sirringa, chamou de

"Syringas". Estrabón, o viajante grego do século I a. de J. C, já descreveu quarenta

"túmulos que vale a pena visitar".

Não sabemos por quanto tempo Tutmés realmente desfrutou de descanso. Só podemos dizer que, calculado com os marcos da história egípcia, não poderia ter sido demais. Juntamente com a múmia de sua filha e de outras pessoas, a de Tutmés foi sequestrada uma vez, não para roubá-la, mas para protegê-la de ladrões, porque seu túmulo nem parecia seguro nas rochas, então os reis estavam se preparando para ir juntos mais e mais os túmulos de seus antecessores. Assim, o pessoal da guarda pôde se concentrar e a atenção não foi distribuída, apesar dos ladrões continuarem cometendo seus delitos frutíferos.

Os profanadores entraram no túmulo de Tutancâmon dez ou quinze anos após sua morte. No túmulo de Tutmosis IV, alguns anos após sua morte, os ladrões deixaram seus cartões de visita gravados na parede e destruíram o túmulo de tal maneira que, um século depois, no oitavo ano de seu governo, o devoto Horemheb ordenou ao oficial Kej "para restaurar o local do enterro do rei Tutmés IV, o Abençoado, na preciosa morada do oeste de Tebas".

Mas a atividade dos ladrões atingiu seu auge nos tempos da dinastia XX. A gloriosa era de Ramsés I e Ramsés II, de Sethi e Sethi II havia passado. Os nove faraós seguintes, também com o nome de Ramsés, não tinham outro senão o seu nome ilustre. Seu governo era fraco, constantemente ameaçado e a corrupção constituía uma nova força tão poderosa quanto inacessível. Os guardiões do cemitério conspiravam com os padres, os mais altos hierarcas com os chefes de distrito e até mesmo o chefe do oeste de Tebas, o mais alto oficial, encarregado da vigilância da necrópole, concordou em um belo dia com os estupradores dos próprios túmulos. E parece-nos incrível que hoje, devido às descobertas em papiros da época de Ramsés IX (1142-1123 aC), possamos testemunhar um processo contra ladrões de túmulos que naquele momento chamou nossa atenção; Testemunhas em um processo de três mil anos atrás, onde os sacrílegos até então anônimos aparecem citados com seus próprios nomes.

Um dia, Peser, o chefe do leste de Tebas, foi informado de que estupros haviam sido praticados em sepulturas graves na parte ocidental. O chefe do oeste de Tebas provavelmente era o perturbado Pewero, que odiava Peser tanto quanto odiava aquele. Por isso, certamente, Peser acolheu com prazer a oportunidade oferecida para desacreditar seu companheiro de posição perante o vizir Chamwese, que governava todo o distrito de Theban. Seguimos esse interessante relato com base no que Howard Carter, que baseia suas citações na magnífica coleção de documentos egípcios de Breasted, nos Registros Antigos do Egito.

Mas o assunto terminou mal para Peser, porque ele cometeu a indiscrição de indicar em sua denúncia o número exato de túmulos despojados: dez túmulos de faraós, quatro de sacerdotisas e muitos outros.

Vários membros da comissão que Chamwese enviou para examinar o assunto, talvez o próprio chefe, e talvez o próprio vizir que os enviou, sem dúvida aproveitaram os roubos, o que ilustra a prudência de Pewero. Todos eles receberam sua comissão,

como diríamos hoje, e certamente já sabiam a decisão do julgamento antes de atravessar o rio. De fato, eles fracassaram no caso com todas as formalidades legais, não se limitando ao problema de saber se os espólios haviam sido realmente executados, mas demonstrando com grande truque dialético que a reclamação de Peser era falsa, pois em vez de apenas dez túmulos reais uma foi aberta e, em vez de quatro sacerdotisas, apenas duas foram profanadas. Não havia como negar o fato de que quase todas as sepulturas individuais haviam sido despojadas. Mas a comissão não viu nenhuma razão séria para citar um funcionário público de tantos méritos quanto Pewero no tribunal. A reclamação foi rejeitada! No dia seguinte, Pewero, vencedor - podemos imaginar o humor que o animou - reuniu guardiões, administradores, artesãos, policiais e todos os árabes da cidade dos mortos, e organizou uma demonstração que provavelmente nós, em nossa linguagem, descreveríamos como "espontânea", levando-os ao distrito leste e até dando a ordem de passar diante da casa de Peser.

Isso foi demais para ele, que corretamente interpretou isso como provocação e, em um ataque compreensível de raiva, cometeu o segundo erro, desta vez mais sério. Ele discutiu violentamente com um dos líderes do grupo da cidade ocidental e, finalmente, diante das testemunhas, manifestou muito animado sua intenção de denunciar esse fato incrível diretamente ao faraó, saltando a autoridade do vizinho de Theban.

Era o que Pewero esperava. Ele rapidamente foi se comunicar com o objetivo do vizir Peser de desprezar toda a ordem hierárquica. O vizir convocou a corte e forçou Peser, um homem desajeitado, a intervir como juiz de seus próprios atos e teve que se acusar de perjúrio e se declarar culpado.

Esta história é estritamente verdadeira e seus detalhes, todos comprovados, nada foi adicionado; mas não terminou aqui.

Dois ou três anos depois, foi capturada uma gangue de ladrões de túmulos que, depois de terem sido "chicoteados nas mãos e nos pés",

fez uma declaração que, sem dúvida, chegou às mãos de um homem insuportável, e ele não o fez. foi capaz de silenciar os fatos. Cinco nomes desses bandidos chegaram até nós. São o pedreiro Hapi, o artesão Iramun, o camponês Amenemheb, o transportador de água Kemwese e o escravo preto Ehenufer. Estes declararam:

"Abrimos os caixões rasgando os panos com os quais estavam cobertos e, assim, chegamos à sublime múmia daquele rei ... No pescoço dele havia um grande número de amuletos e jóias de ouro; sua cabeça estava coberta com uma máscara de ouro; suas bainhas, por dentro e por fora, eram de ouro e prata e eram adornadas com todo tipo de pedras preciosas. Rasgamos o ouro encontrado na múmia desse deus, os amuletos e as jóias que adornavam seu pescoço e o envelope em que descansava. Também encontramos a esposa do rei e tiramos a múmia de tudo o que encontramos. Pusemos fogo nos envelopes e roubamos os objetos que encontramos: recipientes de ouro, prata e bronze. Dividimos tudo, dividindo o ouro encontrado nas múmias dos dois deuses em oito partes, bem como os amuletos, jóias e embrulhos ".

O tribunal os considerou culpados. Portanto, as declarações de Peser foram confirmadas, já que entre os túmulos que os estupradores agora confessavam a esses ladrões também era um dos que Peser havia mencionado originalmente.

Além disso, parece que esse procedimento judicial, que também julgou outros casos semelhantes, não poderia pôr fim à desapropriação sistematicamente organizada do Vale. Sabemos pelos registros da corte que as sepulturas de Amenófis III, Sethi I e Ramsés II foram profanadas. "... E na próxima dinastia", diz Carter, "parece que até qualquer tentativa de proteger os túmulos foi abandonada". Ao que Carter acrescenta esse sombrio conto de presas: “O vale deve ter testemunhado coisas estranhas, e as aventuras que se desenrolavam nele eram ousadas. Pode-se imaginar como por dias a fio os ladrões se consultaram sobre seus planos, como à noite se reuniam secretamente nas rochas, como subornavam os guardiões do cemitério ou os atordoavam com drogas, e depois cavavam corajosamente no escuro,

abrindo uma pequena Oco até que eles pudessem penetrar na câmara interna e, na penumbra de suas tochas, procuraram febrilmente os tesouros que podiam levar, retornando, ao amanhecer, carregados de tesouros. Tudo isso podemos imaginar percebendo ao mesmo tempo que isso era inevitável, pois, se um rei dotava sua múmia de ornamentos ricos e preciosos, como convém à sua dignidade, ele próprio contribuía para sua destruição. A tentação foi grande demais. Uma riqueza que superou os sonhos mais gananciosos foi oferecida àquele que encontrou a melhor maneira de alcançá-la e, mais cedo ou mais tarde, o profanador profanador precisou alcançar seu objetivo.

Mas mais emocionante deve ter sido outra cena. Já relatamos várias façanhas de ladrões de túmulos, padres traidores, subornos de funcionários, prefeitos corrompidos, de toda essa rede de criminosos da conspiração organizados em todas as camadas da sociedade. Petrie foi o primeiro a suspeitar, quando seguiu os passos de ladrões no túmulo de Amenemhet. O panorama é tal que não parece que, especialmente na época da dinastia XX, houvessem fiéis que prestassem homenagem aos seus faraós mortos.

Mas não é assim. Ao mesmo tempo em que os ladrões deslizavam com seus espólio pelos caminhos ocultos no meio das sombras da noite, pequenos grupos de fiéis espreitavam em outras estradas. Pela força, eles foram forçados a seguir os mesmos métodos dos adversários, a fim de alcançar o oposto. O roubo só poderia ser evitado com outro roubo ainda mais rápido. E nessa luta de guerrilha, esse tipo de guerra preventiva de alguns padres fiéis e oficiais incorruptíveis contra ladrões muito bem organizados e apoiados por muitos cúmplices, temos que imaginar uma performance mais misteriosa, ainda mais preparativos secretos, planejados em conjurações noturnas.

e realizado contra os ladrões em lugares talvez não muito distantes.

Temos que recorrer à nossa fantasia para ouvir como eles falavam, com ardor e sotaque abafado, diante do sarcófago aberto iluminado pela luz de uma tocha, aqueles que, temendo uma surpresa, vêem em sua imaginação figuras amontoadas. Ser descoberto não lhes causaria nenhum dano, pois estavam agindo legalmente, mas o olhar de um oficial venal teria informado os ladrões do faraó transferido por precaução.

Também podemos imaginar esse grupo de padres fiéis: caminhando em pares, ou no máximo três, com um passo apressado, atrás do guardião, talvez o último que permaneceu fiel ao seu cargo e que agora os guia. Assim, movem meticulosamente os corpos embalsamados de seus reis mortos. Eles arrastam as múmias de cova em cova para protegê-las de assaltos criminais. Novas conspirações são relatadas contra a paz exterior de seus faraós e eles são forçados a repetir suas perigosas excursões

noturnas. Os reis mortos, cujas múmias devem descansar por toda a eternidade, começam assim uma peregrinação espectral. Mas então, de repente, isso foi diferente. Tais shows provavelmente foram repetidos à luz do dia. O guarda bloqueou o vale. Uma multidão de phakines e longas colunas de animais de carga levaram um desses gigantescos sarcófagos da sua insegura câmara mortuária para um novo esconderijo. As forças armadas intervieram e, talvez novamente, testemunhas inevitáveis tiveram que perder suas vidas como garantia do novo segredo.

Ramsés III foi removido três vezes de seu túmulo, sendo enterrado novamente. Amosis, Amenófis I, Tutmés II e até Ramsés, o Grande, mudaram de lugar. Finalmente, por falta de novos esconderijos, vários faraós foram reunidos no mesmo túmulo. No décimo quarto ano, no terceiro mês da segunda estação, no sexto dia de Osíris, o rei Usermare - Ramsés II - foi transferido, pelo sumo sacerdote de Amon, Pinutem, para ser enterrado na tumba de Osíris, Sethi I e Rei Menmare.

Mas em sua nova casa, com sua riqueza fabulosa, as múmias reais também não são seguras. Sethi I e Ramsés II são transferidos para o túmulo da rainha Inhapi.

Finalmente, no túmulo de Amenophis II, várias múmias de faraós se reúnem, e as outras são retiradas de tempos em tempos de seus túmulos originais, seu primeiro e segundo esconderijos. e, por um caminho solitário que pode ser seguido até hoje, eles são levados do vale dos reis para um túmulo escavado nas rochas íngremes de Der-elBahari, não muito longe do gigantesco templo que começou a construir o vale. Rainha Hatsepsut.

Finalmente, aqui, as múmias descansaram em paz por três mil anos. Certamente, por uma daquelas coincidências que também protegiam o túmulo de Tutancâmon, depois de uma primeira profanação feita às pressas, todo o conhecimento sobre a disposição exata desse túmulo foi perdido: talvez uma chuva torrencial cobrisse a entrada localizada no fundo do vale. Outra coincidência de nosso tempo, a viagem do colecionador americano a Luxor, teve que revelar que, se esse gigantesco túmulo coletivo dos reis havia sido redescoberto em 1875 dC, também era por acaso.

Capítulo XV

M OMES

Em relação ao nosso conhecimento histórico, o Vale dos Reis está mergulhado na escuridão absoluta. O segredo das múmias faraônicas é guardado nela. Carter escreve: “Temos que imaginar um vale deserto cheio de fantasmas; suas galerias abobadadas estão vazias, saqueadas, a entrada de muitas delas é aberta e constitui um covil de raposas, corujas do deserto e rebanhos de morcegos. E, apesar disso, mesmo que seus túmulos sejam saqueados, abandonados e destruídos, a sugestão de seu encanto persiste. O vale sagrado dos reis persiste, e grandes grupos de entusiastas curiosos ainda o frequentavam. Alguns de seus túmulos foram usados novamente no tempo de Osorkon I - por volta de 900 aC. de JC - enterrar as sacerdotisas ».

Mil anos depois, vemos o vale novamente povoado pelos primeiros eremitas cristãos, que ficaram nas seringas vazias.

"O esplendor e a magnificência reais são substituídos pela mais humilde pobreza." A preciosa morada do Faraó se tornou a cela estreita do eremita.

Mas isso mudou. O destino dera ao Vale a missão de ser a morada dos reis e, ao mesmo tempo, um covil de ladrões. Em 1743, o viajante inglês Richard Pococke faz o primeiro relatório moderno sobre o vale.

Richard Pococke, com um sheik o guiando, pôde visitar quatorze covas abertas; Strabo, como dissemos antes, sabia quarenta; agora são conhecidos sessenta e um. A região ofereceu pouca segurança, como uma gangue de ladrões acampados nas colinas de Kurna. Quando James Bruce visitou o vale vinte e seis anos depois, ele nos fala de uma tentativa frustrada de destruir os bandidos. "Eles são todos proibidos e condenados à morte, mesmo que sejam encontrados em outros lugares". Osman Bey, um antigo governador de Girge, incapaz de suportar o perigo representado por essas pessoas por mais tempo, ordenou o uso de pacotes de lenha seca e, ocupando com seus soldados a parte da montanha onde a maioria dessas pessoas

miseráveis acampou, ordenou que preenchessem todo o seu território. cavernas com a referida lenha e fingindo atear fogo, de modo que a maioria dos ladrões pereceu; mais tarde, porém, as perdas da quadrilha foram cobertas novamente.

Quando Bruce, para fazer cópias dos relevos do túmulo de Ramsés III, queria passar a noite na câmara funerária, seus companheiros indígenas foram apreendidos com terror e, amaldiçoando, jogaram as tochas no chão e, quando as chamas se apagaram, fizeram previsões terríveis. sobre os infortúnios que a profanação lhes traria quando deixassem a caverna. Também quando ele desceu a cavalo no Vale das Trevas, com o único homem indígena que permaneceu com ele, em busca de seu barco atracado nas margens do Nilo, um grito surgiu e, a uma altura próxima, eles atiraram pedras nele e os tiros foram ouvidos. Outro tiroteio geral terminou com sua visita ao vale, da qual ele teve que fugir. Trinta anos depois, a "Comissão Egípcia" de Napoleão chegou para realizar suas operações de medição no vale e em seus túmulos, e os enviados franceses também foram atingidos pelos bandidos de Tebas.

Hoje, o Vale dos Reis é o objetivo de inúmeros estrangeiros de todo o mundo. Um dos tesouros mais ricos extraídos de seu seio, descoberto há apenas trinta anos, deu nova vida à região. Diante do local da descoberta, agora existem alguns

"dragomanos" berrantes chicoteando seus burros; Os turistas chegam à pousada de Cook, perto de Der-elBahari, e os árabes convidam, no seu melhor inglês, para visitar as tumbas de Kings. Tendo em mente a história do vale do Nilo, seus reis e seus povos, achamos triste e divertido ler:

"As tumbas mais importantes, e especialmente a de Tutancâmon, são eletricamente iluminadas pela manhã, três vezes por semana."

A descoberta mais notável feita no vale, que interessou e empolgou o público europeu tanto quanto a descoberta de Troy por Schliemann, ocorreu em 1922.

Algumas décadas antes, no entanto, houve uma descoberta quase tão surpreendente, mas em circunstâncias muito mais raras, em Der-el-Bahari.

E agora é quando lembre-se do americano que conseguiu adquirir um precioso papiro egípcio nos becos tortuosos de Luxor. Quando o especialista europeu reconheceu a inegável autenticidade e o valor do papiro, ele questionou o americano. O

colecionador, convencido de que, estando em território europeu, ninguém poderia contestar sua pilhagem, contente, contou tudo e deu todos os tipos de detalhes. O

conhecedor escreveu uma extensa carta ao Cairo, iniciando assim a descoberta de um dos mais extraordinários estupros de tumbas.

Quando o professor Gastón Maspero recebeu a carta da Europa no Museu do Cairo, concentrou sua atenção em dois extremos, lamentando primeiro que seu museu mais uma vez tivesse perdido uma descoberta preciosa. E dizemos novamente porque, durante cerca de seis anos, surgiram antiguidades muito raras que foram vendidas clandestinamente e que constituíam para a ciência jóias extraordinariamente preciosas cuja origem também não havia como adivinhar. Quando os compradores estavam dispostos a descrever as circunstâncias da compra, a mercadoria já estava longe do Egito. Em geral, falava-se então de um famoso desconhecido; mas assim que esse estrangeiro era árabe, como negro, como um felá esfarrapado ou um xeique rico. Mas o segundo ponto que intrigou Maspero foi o fato de que a peça mais recente, da qual foram escritas, correspondia ao túmulo de um rei da dinastia XI, e sobre esses túmulos, tudo era desconhecido. Quem havia encontrado aquelas sepulturas? Era o túmulo de um único rei ou era um túmulo coletivo?

Quando o professor Maspero examinou os objetos dos quais havia tomado conhecimento, o exame mais superficial foi suficiente para verificar se tais espécimes correspondiam a diferentes reis. Seria possível que os quebradores de sepulturas modernos descobrissem vários túmulos antigos de uma só vez? O mais lógico era deduzir que um dos grandes túmulos coletivos havia sido encontrado.

As possibilidades deduzidas dessa conclusão enchiam de emoção um sábio como Maspero. Era necessário agir. Se a polícia falhasse, ele teria que descobrir os ladrões por conta própria. Ele discutiu o assunto com seus associados mais próximos e decidiu enviar um jovem assistente para Luxor.

Esse assistente, desde o momento em que deixou o navio no Nilo, se comportou de maneira muito diferente do habitual em um arqueólogo. Ele ficou no mesmo hotel em que o americano que comprou o papiro parou. E então, dia e noite, ele percorria todos os becos, cantos e lojas, tocando seu dinheiro, comprando uma coisa estranha e pagando generosamente. Quando falou com os comerciantes, deu-lhes boas gorjetas, mas dosou para não despertar suspeitas. Eles se tornaram cada vez mais confiantes e fizeram mais ofertas de "antiguidades" da indústria doméstica moderna. Mas o jovem que andou pelas ruas de Luxor naquela primavera de 1881 não foi enganado. Os comerciantes profissionais souberam disso assim que os clandestinos apreciaram o estrangeiro, e este último, por sua vez, apreciou essa confiança. Um dia, um comerciante fez sinal para ele entrar em sua loja e, pouco depois, o assistente do Museu Egípcio viu uma pequena estátua em suas mãos. Ele era capaz de se controlar e seu rosto revelava apenas indiferença. Ele se sentou no tapete e começou a pechinchar com o comerciante, enquanto continuava examinando a pequena estátua, descobrindo naquele momento, não apenas que era uma peça autêntica, com quase três mil anos, mas que a inscrição traiu um objeto de um túmulo da dinastia XXI.

Ele discutiu por um longo tempo e acabou comprando o item, enquanto continuava falando.

com desprezo, e antes de partir ele deu a entender que estava procurando algo mais importante, mais valioso. Nesse mesmo dia, conheceu um árabe, um homem alto, ainda jovem, chamado Abd-el-Rasul. Ele era o chefe de uma família muito grande e extensa. Depois de várias conversas com ele, e quando o árabe lhe mostrou outros objetos dos túmulos, desta vez das dinastias 19 e 20, ele ordenou que ele fosse preso. Ele estava convencido de que havia encontrado o ladrão de sepulturas.

Foi mesmo?

Abd-el-Rasul, com outros parentes, foi levado ao Kenel Mudir. Da'ud Pacha fez o interrogatório pessoalmente, mas inúmeras testemunhas de defesa apareceram. Todos os habitantes da vila de Abd-el-Rasul juraram que ele era completamente inocente, até juraram que toda a família era inocente, pois ele pertencia a uma das tribos mais antigas e respeitadas do lugar. O assessor, totalmente convencido da precisão de sua acusação, já havia telegrafado para o Cairo, informando que havia conseguido. E agora ele tinha que testemunhar como Abd-el-Rasul e sua família foram libertados por falta de provas. Ele pediu aos funcionários, mas eles deram de ombros; Ele foi ao Mudir, mas este o olhou com espanto e, surpreso, disse-lhe para esperar.

O assistente esperou um dia, dois. Depois, enviou outro telegrama ao Cairo, atenuando o otimismo do primeiro. Ele ficou doente, devorado pela inquietação e desesperado com a passividade oriental do Mudir. Mas ele conhecia seu povo melhor do que ele.

Howard Carter conta a história de um de seus servidores mais antigos.

Em sua juventude, ele foi preso por um ladrão, sendo arrastado diante do Mudir. Ele tinha um medo terrível de se ver diante do severo Da'ud Pacha, um medo associado ao terror antes de sua insegurança, observando que, em vez de levá-lo ao tribunal, ele foi levado para as salas privadas da Pacha, o que, por ser muito Quente, ele estava tomando banho calmamente em uma tigela de barro cheia de água fria.

Da'ud Pacha não fez nada além de contemplá-lo; mas o prisioneiro disse, mesmo depois de muitos anos: «... e quando seus olhos se fixaram em mim, senti meus ossos se transformarem em água. Por fim, ele me disse muito lentamente: "Esta é a primeira vez que você vem antes de mim; vá embora, mas tenha muito, muito cuidado para não voltar na segunda vez". E isso me aterrorizou tanto que mudei de profissão e nunca tive que voltar para lá.

Essa autoridade de Da'ud, certamente apoiada por medidas terríveis, quando o simples olhar não era suficiente, também se refletia no jovem assistente, que passou toda a temporada doente, devorado pela febre.

Dentro de um mês, um dos parentes e cúmplices de Abd-el-Rasul foi visitar Da'ud e fez uma ampla confissão. O Mudir imediatamente relatou isso ao jovem sábio, que ainda estava em Luxor. Os interrogatórios começaram novamente. E aconteceu que toda a cidade de Kurna, cidade natal de Abd-el-Rasul, era uma cidade apaixonada por quebra-túmulos. A profissão havia sido herdada de pais para filhos, e eles a exercitavam

desde tempos imemoriais, provavelmente em uma cadeia contínua do século XIII aC. por JC Uma dinastia tão longa de ladrões não é conhecida em nenhum outro lugar do mundo, sendo digno de nota que eles exerceram sua profissão tradicional com o zelo ritual de um direito solene.

A descoberta mais importante feita por essa dinastia única, mais longa que a dos faraós, foi a tumba coletiva de Der-el-Bahari. Na descoberta e desapropriação deste túmulo, o acaso e o trabalho sistemático foram combinados. Seis anos antes, em 1875, Abd-el-Rasul descobriu acidentalmente, nas rochas que se erguiam entre o Vale dos Reis e Derel-Bahari, uma abertura oculta. Quando o examinou com grande dificuldade, viu que era uma grande câmara funerária, com múmias. O primeiro reconhecimento do local anunciou a ele que havia um tesouro que poderia produzir para ele e sua família uma considerável anuidade de vida, sempre que fosse possível guardar o segredo.

Somente os membros mais proeminentes da família foram informados das notícias, jurando solenemente nunca descobri-las, deixar a descoberta onde estava há três mil anos e considerar a tumba como um depósito bancário, patrimônio exclusivo da família Abd-el-Rasul. , das quais você só pode pegar algo quando as necessidades da família precisarem. Parece incrível que, efetivamente, por seis anos esses ladrões habituais tenham conseguido manter o segredo. Durante esse período, a família ficou rica. Em 5 de julho de 1888, no entanto, o gerente do Museu do Cairo, liderado pelo próprio Abd-elRasul, apareceu diante da entrada da tumba.

Para uma daquelas pequenas ironias do destino, tão comuns, esse gerente não era o jovem assistente a quem devemos a descoberta dos ladrões, nem o professor Maspero, que a sugerira. Um novo telegrama chegou ao Cairo, desta vez com indicações muito claras, mas Maspero, que estava viajando, não o recebeu. E como era uma questão urgente, um representante teve que ser enviado, e este foi Emil Brugsch-Bey, irmão do famoso egiptólogo Heinrich Brugsch, então curador do Museu. Quando ele chegou a Luxor, seu jovem parceiro detetive interino, que serviu com tanto sucesso, ainda estava com febre. Ele fez uma visita formal ao Mudir e soube que todos os envolvidos concordaram em não perder tempo, a fim de impedir que os ladrões continuassem a lucrar e se apossar da sepultura o mais rápido possível. Por isso, Emil Brugsch, acompanhado apenas por Abd-el-Rasul e seu assistente árabe, partiu para o local onde a tumba estava nas primeiras horas de 5 de julho. E o que mais tarde apareceu diante de seus olhos lembrou os tesouros da lenda de Aladim, sendo inesquecíveis as cenas que aconteceram nos nove dias seguintes.

Abd-el-Rasul, depois de escalar as rochas com ousadia, parou, apontando para uma rachadura mais naturalmente coberta de pedras. Era quase impraticável e escondido do olhar direto.

Não era de admirar que, durante três milênios, ninguém tivesse percebido. Abdel-Rasul desenrolou uma corda em volta dos ombros e fez Brugsch entender que essa era a única maneira de descer pelo buraco. Brugsch, deixando o guia suspeito sob a supervisão do assistente árabe, uma pessoa de sua total confiança, não hesitou em aceitar o convite. Prudentemente, não sem medo de ser vítima de um ardil pelo astuto

ladrão, ele desceu pouco a pouco. Embora tivesse uma ligeira esperança de encontrar algo, não podia suspeitar, muito menos, do que realmente o esperava.

Depois de descer a uma profundidade de onze metros, e quando chegou ao fundo, acendeu uma tocha e entrou alguns degraus; depois de uma curva muito acentuada, ele estava antes dos primeiros sarcófagos gigantescos.

Um dos maiores, localizado logo atrás da entrada, dizia em sua inscrição que a múmia de Sethi I estava lá, aquela que Belzoni procurou em vão, em outubro de 1817, na tumba original do faraó, no vale do Os reis. O brilho de sua tocha também iluminou outros caixões e inúmeros objetos preciosos do culto egípcio aos mortos, que foram espalhados descuidadamente no chão e em caixões. Brugsch seguiu sua exploração e freqüentemente teve que abrir caminho. De repente, ele estava na frente da câmara funerária, que parecia imensamente larga na penumbra da tocha. Os caixões foram todos mexidos, parcialmente abertos, parcialmente ainda fechados, e algumas múmias jaziam entre inúmeros pertences e jóias. A respiração de Brugsch ficou presa na garganta. Ele realmente sabia que estava sendo oferecido um show como nenhum europeu jamais havia visto antes?

Ele estava diante dos corpos autênticos dos príncipes mais poderosos do mundo antigo. Às vezes subindo, outros andando livremente, ele descobriu que Amosis I (1580-1555 aC) estava lá, acrescentando à sua glória a expulsão final dos "reis pastores", aqueles bárbaros hicsos, com os quais, no entanto, de acordo com estudos modernos, a partida dos

israelitas do Egito não coincide; havia a múmia de Amenófis I (1555-1545

aC), que mais tarde se tornou o santo padroeiro da necrópole de Tebas. E, entre os inúmeros caixões menos conhecidos dos governantes egípcios, ele finalmente encontrou

- e então, empolgado com o que viu, teve que se sentar por um momento - as múmias das duas figuras reais mais poderosas, o reflexo de cuja glória ele chegou. sem os estudos de arqueólogos, sem a necessidade de nenhuma ciência histórica ao longo dos milênios, mas de geração em geração, pelos mais diversos canais, histórias e lendas. Ele encontrou os corpos de Tutmosis II (1501-1447 aC) e Ramsés II (1298-1232 aC), chamados de Grandes - em cuja corte se acreditava que Moisés, o legislador do povo judeu, era educado e do Ocidente -, os soberanos que governaram por cinquenta e quatro e sessenta e seis anos, respectivamente, e que não apenas criaram seus impérios com o sangue e as armas de seus súditos, mas sabiam como preservá-los por um longo tempo.

Quando Brugsch, examinando avidamente as inscrições nos caixões, sem saber por onde começar, de repente se deparou com a história das "múmias ambulantes". E

diante dele veio a imagem macabra daquelas noites em que os sacerdotes haviam retirado os faraós de suas sepulturas para protegê-los de roubo e profanação e, após várias temporadas, os colocaram em novos sarcófagos, aqui em Der-el-Bahari, próximos um do outro. Com um olhar, ele entendeu como então o medo e a pressa os levaram, já que algumas das múmias estavam apenas encostadas obliquamente na parede. E com verdadeira emoção, ele leu mais tarde, no Cairo, o que os padres haviam confiado aos lados dos caixões: a odisseia dos faraós mortos.

Contando o número de múmias reais reunidas lá, ele alcançou a figura de quarenta. Quarenta múmias! Quarenta restos mortais daqueles que

outrora governaram o mundo com um poder semelhante ao dos deuses! Durante três mil anos, eles

descansaram em paz, até que um ladrão, primeiro, e depois ele, Emil Brugsch-Bey, puderam contemplá-los.

Apesar de todas as precauções tomadas antes mesmo de morrer, os príncipes egípcios costumavam ser muito pessimistas. "Aqueles que construíram com blocos de granito, praticando salas escondidas nas gigantescas pirâmides, fazendo coisas bonitas nesta bela obra ... agora veem seus propósitos de sacrifício tão vazios quanto aqueles que, cansados e sozinhos, perecem por toda a Nilo sem ninguém ajudando.

Mas seu pessimismo não os impediu de tomar outras medidas para preservar seu corpo e garantir sua proteção. Heródoto descreve os costumes nas cerimônias de luto e como os cadáveres foram embalsamados. Foi o que foi feito, de acordo com as próprias informações, quando eles viajaram pelo Egito, de acordo com um texto que tiramos de Howard Carter: “Quando uma personalidade de prestígio morre, as mulheres da casa jogam sujeira na cabeça, mesmo no rosto. Então eles se afastam do falecido, saem de casa para passear pela cidade com as saias dobradas e revelam o peito batendo. Todas as mulheres da família se juntam à procissão e as imitam. Os homens também batem no peito. Após essas cerimônias, o corpo é movido para embalsamar ".

Agora vamos dizer algo sobre as múmias. Essa palavra se presta a várias interpretações, algo que pode ser explicado quando lemos, por exemplo, a observação do mencionado viajante árabe Abd-el-Latif, do século XII, segundo o qual, no Egito, múmias são vendidas baratas para fins médicos. Mumiya ou mumiyai é uma palavra árabe e significa, no sentido Abd-el-Latif, asfalto ou "peixe judeu", ou seja, a destilação natural de rochas betuminosas, coletadas na montanha Derahgerd, na Pérsia

. A múmia é uma mistura de peixe e mirra, disse o viajante árabe, e mesmo nos séculos XVI e XVII foi feito um comércio lucrativo na Europa com esse produto, e mesmo no século passado o farmacêutico vendeu a múmia como remédio para hérnias e certas feridas. Finalmente, a múmia também é o cabelo e a unha cortados dos seres vivos; é uma parte do homem que é equivalente à sua totalidade, e é por isso que é usada em feitiços mágicos e peças encantadoras. Quando pronunciamos múmia hoje , estamos nos referindo quase que exclusivamente ao corpo bem preservado dos egípcios. Antes, era feita uma distinção entre mumificação "natural" e "artificial", e "múmias naturais"

eram aquelas que sem tratamento especial haviam sido preservadas sem se decompor graças a certas condições favoráveis; Assim, por exemplo, os corpos dos religiosos do convento capuchinho localizados perto de Palermo, no convento do Gran San Bernardo, nas adegas principais da catedral de Bremen ou no castelo de Quedlinburg. Essa distinção ainda é feita hoje, mas é limitada, porque pelas inúmeras investigações realizadas por Elliot Smith e pela análise da múmia Tutankhamon, feita por Douglas E. Derry, verifica-se que o principal mérito dos corpos sendo preservados tão maravilhosamente se deve menos à complicada operação de embalsamamento do que ao clima particularmente seco do Nilo, isto é, ao fato de o ar não conter bacilos, nem areia. Assim, múmias perfeitamente preservadas foram encontradas sem serem depositadas em um caixão e sem remover as vísceras: simplesmente colocadas na areia. E eles não são piores foram preservados do que os cadáveres embalsamados, o que, por vezes, para a resina, outras vezes para o tar ou para os numerosos óleos balsâmicos, ou como papiro do Rind nos diz, "para que a água de Elefantina, o natron de Ilitiáspolis e o leite da cidade de Kim ", com o tempo foram decompostos ou

transformados em massa sem forma. Especialmente durante o século passado, os egípcios deveriam possuir métodos químicos secretos. Até hoje, não foi possível encontrar uma indicação autêntica, verdadeiramente exata e completa da mumificação. Hoje, porém, já

sabemos que, no uso de muitos ingredientes rituais, o significado místico deles costumava ser mais importante do que sua eficácia prática. E

devemos ter em mente que a arte da mumificação, ao longo de vários milênios, mudou várias vezes. Isso já foi observado por Mariette ao considerar que as múmias de Memphis, as mais antigas, são quase negras, secas e muito frágeis, enquanto outras mais recentes, de Tebas, são amareladas, têm brilho fosco e são freqüentemente elásticas, o que não é isso só pode ser explicado pela diferença de idade.

Heródoto nos diz três maneiras de mumificar. O primeiro custou três vezes mais que o segundo, e o terceiro certamente foi o mais barato, a ponto de até os funcionários mais humildes conseguirem satisfazê-lo. Longe disso, longe disso, o homem da cidade, que só podia dar seu corpo à clemência do clima.

Nos primeiros tempos, apenas as formas puramente externas do corpo foram preservadas. Mais tarde, eles encontraram maneiras de impedir que a pele se enrugasse, para que possamos encontrar múmias com características bem preservadas das características que ainda revelam sua personalidade.

Como regra geral, o cadáver foi tratado desta maneira: com um instrumento de metal curvo e pontiagudo, o cérebro foi primeiro removido pelas narinas; depois, com uma faca, o abdômen foi aberto e os intestinos foram removidos, às vezes pelo ânus, e colocados nos vasos chamados de dossel; o coração também foi removido e um escaravelho de pedra foi colocado em seu lugar; depois lavou o corpo e o "salgou" por mais de um mês. Finalmente, foi novamente seco, uma operação que, segundo alguns relatos, durou até setenta dias.

Feito isso, o cadáver foi colocado em vários caixões ou sarcófagos de madeira, geralmente em forma de corpo humano, ou vários caixões de madeira foram colocados um dentro do outro e todos colocados em um grande sarcófago de pedra. O cadáver estava deitado, com as mãos

cruzadas no peito ou na barriga, ou com os braços estendidos ao longo do corpo. Geralmente, os cabelos eram cortados, enquanto as mulheres deixavam os cabelos por todo o comprimento, acenando lindamente. Pêlos pubianos foram barbeados.

Para impedir que o corpo se esvazie, ele foi preenchido com massa de vidraceiro, areia, resina, serragem ou linho, acrescentando materiais aromáticos e, o que nos parece estranho, também cebolas. Os seios das mulheres também foram modelados. Então começou o processo, sem dúvida lento, de envolver o corpo com bandagens e panos de linho, que com o tempo estavam tão embebidos em alcatrão que os pesquisadores muitas vezes eram incapazes de desembrulhá-los. Naturalmente, os ladrões, que apenas procuravam as numerosas jóias que estavam sob as ataduras, não perderam tempo, mas cortaram as ataduras por capricho, onde quisessem.

Em 1898, Loret, então diretor geral da Administração de Antiguidades, abriu, entre outros túmulos, o de Amenophis II. Ele também encontrou "múmias ambulantes", ou seja, treze múmias de reis reunidas sob a vigésima dinastia por padres em trabalhos noturnos pesados. Mas Loret não encontrou mais as coisas preciosas que Brugsch

encontrou, embora ainda encontrasse as múmias intactas. Amenófis repousava em seu sarcófago, mas todo o resto havia sido roubado. Apesar disso, e quando mais tarde, por sugestão de Sir William Garstin, o túmulo foi novamente coberto com uma parede para que os reis mortos pudessem descansar em paz, depois de um ano ou dois novos invasores, eles arrancaram Amenophys de sarcófago e causou danos à sua múmia. Sem dúvida, os guardiões também colaboraram, como em quase todos os roubos ocorridos nos milênios anteriores. Esse caso mostrou que Brugsch fez a coisa certa ao remover todos os objetos da tumba coletiva, uma vez que qualquer hesitação causada por um sentimento de piedade, dada a situação egípcia da época, era prejudicial.

Quando Emil Brugsch-Bey escalou aquele estreito bem novamente, deixando as múmias dos quarenta faraós lá, ele já estava pensando na possibilidade de salvá-las. Deixando a sepultura como pretendia convidar mais despojos. Mas, para tirar tudo de lá e levá-lo ao Cairo, ele precisava empregar um número interminável de trabalhadores, a quem precisava recrutar necessariamente em Kurna, terra natal de Abdel-Rasul, a cidade dos ladrões. Quando Brugsch pediu uma nova audiência perto do Mudir, apesar de todos os perigos, ele decidiu fazê-lo. E na manhã seguinte eu já estava no local de trabalho com trezentos fellahs. Ele ordenou a vedação da terra e, com seu assistente árabe, selecionou um pequeno grupo que o inspirou mais confiança do que o resto do grupo. Enquanto esse grupo teve que trabalhar duro - por exemplo, levantar as peças mais pesadas, o que exigia dezesseis homens -, o pequeno grupo estava retirando os objetos um por um, enquanto ele e seu assistente recebiam, registravam e os colocavam em uma fileira ao pé do a colina, trabalho realizado em quarenta e oito horas. Howard Carter, o arqueólogo moderno, observa laconicamente: "Hoje não trabalhamos mais tão rápido!" A pressa também foi excessiva no que diz respeito ao interesse arqueológico, já que o vapor do Cairo atrasou vários dias. Brugsch-Bey embalou e transportou múmias e sarcófagos para Luxor, onde permaneceram até 14 de julho, o dia em que foram enviados.

Então aconteceu algo que impressionou Brugsch, o homem frio da ciência, ainda mais do que a própria descoberta. O que aconteceu enquanto o barco descia lentamente pelo Nilo não afetava mais o cientista, mas o homem que ainda não havia perdido o respeito pelas crenças e ritos daquela cidade.

Muito rapidamente, espalhou para todas as partes do vale do Nilo e do país que tipo de carga o navio estava transportando. E foi revelado com isso que o Egito antigo, que antes considerava seus reis como deuses, ainda não havia sido extinto. Brugsch viu do convés centenas de fellahs que, com suas mulheres, acompanharam o navio e, portanto, de Luxor até a grande curva do Nilo, a Kuft e Kench, aliviados por outros compatriotas fanáticos.

Os homens dispararam armas de fogo em homenagem aos faraós mortos, as mulheres jogaram sujeira e poeira em seus rostos e corpos, e esfregaram areia em seus peitos. O barco ainda estava acompanhado de lamentos que podiam ser ouvidos de longe; um espetáculo fantástico foi aquela procissão, desprovida de todo luxo e cheia de emoção.

Brugsch não suportava a impressão de que o acompanhamento se produzia e se escondia. Ele fez bem? Talvez aos olhos daqueles que proferiam lamentações e batessem no peito, ele não passasse de um ladrão comum, mais um daqueles profanadores de sepulturas, daqueles bandidos que por três mil anos violaram com fúria teimosa os túmulos dos faraós. . Essa atitude justifica a necessidade de servir a ciência?

Muitos anos depois, Howard Carter nos deu uma resposta clara. Com base nos eventos relativos à tumba de Amenófis, ele faz a seguinte observação: “Nesse caso, aprendemos algo que recomendamos considerar aqueles que nos criticam e nos chamam de vândalos porque removemos os objetos das sepulturas. Movendo as antiguidades para os museus, garantimos sua conservação; mas se os deixássemos onde os encontramos, inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, seriam vítimas de ladrões, o que seria equivalente ao seu desaparecimento ou destruição ".

Quando Brugsch-Bey desembarcou no Cairo, ele não apenas enriqueceu seu Museu, mas também forneceu ao mundo inteiro um conhecimento preciso sobre todas aquelas

magnificências

grandezas

insubstituíveis.

Capítulo XVI

H OWARD C ARTER DISCOVER T UTANKAMÓN

Em 1902, o americano Theodor Davis recebeu a permissão apropriada do governo egípcio para prosseguir com novas escavações no Vale dos Reis.

Durante doze invernos, ele descobriu os túmulos tão instrutivos quanto os de Tutmés IV, Siptah e Horemheb, e encontrou a múmia e o caixão do grande "rei herege"

Amenófis IV, cuja esposa era o famoso Nefertiti, do qual um busto maravilhoso é preservado. cor, sem dúvida a escultura mais famosa que conhecemos. Amenófis IV

adotou, como reformador, o nome Eknathon, que significa "o disco do sol está satisfeito", e queria banir a religião tradicional introduzindo o culto ao sol.

Durante o primeiro ano da Grande Guerra Mundial, a concessão foi transferida para Lord Carnarvon e Howard Carter, começando assim a história da mais importante descoberta de tumba no Egito, um relato que começa como o conto da "maravilhosa lâmpada de Aladim e termina como a lenda grega de Nemesis ", escreveu mais tarde a irmã de Carnarvon em um livro sobre seu irmão.

A descoberta do túmulo de Tutancâmon é de especial importância para o nosso trabalho. Representa o clímax dos grandes triunfos da pesquisa arqueológica. Ao mesmo tempo, devemos considerá-lo o ponto central, se na evolução de nossa ciência procurarmos um arco de tensão dramática. A abordagem foi desenvolvida por Winckelmann e um grande número de sistematizadores, organizadores e especialistas da primeira hora, e as primeiras complicações sérias que determinaram o nó da ação foram resolvidas por Champollion, Grotefend e Rawlinson - falaremos sobre essas duas no

“Livro de as torres"-. Os primeiros a impulsionar ativamente a ação, recebendo aplausos do público, foram Mariette, Lepsius e Petrie, no Egito: Botta e Layard, na Mesopotâmia

- veja o "Livro das Torres" -, e os americanos Stephens e Thompson no Iucatão. - Veja o

"Livro das escadas". A cena climática desse drama emocional foi alcançada pela primeira vez por ocasião das descobertas de Schliemann e Evans em Tróia e Knossos, depois de Koldewey e Wolley na Babilônia e no território de Ur, terra natal de Abraão. Schliemann foi o último grande amador a realizar pessoalmente as escavações; um grande solitário. Em Knossos e Babylon, equipes inteiras de profissionais já atuavam. Governos, príncipes, patronos, universidades com recursos poderosos, institutos arqueológicos e indivíduos, de ano para ano, de todas as partes do mundo civilizado, enviaram expedições bem equipadas para investigar as relíquias do mundo antigo. Mas na descoberta do túmulo de Tutancâmon, tudo o que havia sido alcançado até então em uma infinidade de obras individuais e em inúmeras experiências dispersas foi reunido de uma maneira excelente.

Desta vez, o trabalho foi realizado usando rigorosos métodos científicos. As lutas que Layard teve que enfrentar contra a estupidez supersticiosa e Evans contra a inveja das autoridades competentes foram agora substituídas por efetivo apoio governamental e assistência privada. A inveja dos colegas, que alcançaram Rawlinson e impossibilitaram a vida

de Schliemann, foi substituída pelo exemplo mais sublime de colaboração internacional, como a ciência nunca a conhecera antes. O tempo das grandes façanhas dos iniciadores havia passado, no qual apenas um, como Layard, por exemplo, sem outra ajuda além de um burro e uma mochila, partiu para descobrir uma

cidade enterrada. Howard Carter, que era aluno de Petrie e alcançara a fama, tornou-se o agente executivo de Arqueologia, se essa comparação for permitida, e o ataque ousado a um país foi substituído pelos métodos rigorosos do homem da ciência. que classifica e estuda topograficamente uma cultura antiga.

Sua precisão e zelo fizeram dele uma das grandes figuras da Arqueologia, no domínio de homens que, empunhando a picareta, não apenas cavaram para descobrir os tesouros e corpos dos reis mortos, mas também para decifrar os enigmas da Humanidade, uma vez que conseguiu ter forma, caráter e espírito nas sublimes culturas antigas.

Lord Carnarvon, como personalidade individual, é uma mistura de um homem esportivo e um colecionador de antiguidades, um cavalheiro e não um globetrotter, realista em ação e romântico em sentimentos, uma mistura curiosa que só acontece na Inglaterra. Como estudante do Trinity College, Cambridge, um dia ele propôs descobrir às suas custas os belos painéis de madeira primitiva de seu quarto, nos quais posteriormente se pintara. Desde tenra idade, ele visitou todas as lojas de antiguidades e, quando era mais velho, com paixão e profundo conhecimento, colecionou gravuras e desenhos antigos. Ao mesmo tempo, participa de todas as regatas, torna-se um excelente atirador, dedica-se a esportes náuticos e, quando herda uma grande fortuna aos 23 anos, percorre o mundo em um veleiro. O terceiro carro licenciado na estrada na Inglaterra é dele, e ele logo se dedica ao automobilismo com toda a sua paixão. Este hobby mais tarde trará uma mudança decisiva em sua vida. No final do século, ele sofre um acidente de automóvel na Alemanha: em uma estrada perto do spa em

Langenschwalbach, seu carro capota e, além de sofrer uma série de ferimentos internos sérios, ao longo de sua vida ele sofre de dificuldades respiratórias que o impedem de passar o inverno na Inglaterra. . Por esse motivo, em 1903, ele foi pela primeira vez em busca do clima benigno do Egito e encontrou os campos de escavação de várias expedições arqueológicas. E ele, um homem rico e independente e até então sem uma tarefa ou curso fixo em sua vida, descobre que essa ocupação lhe oferece a possibilidade de unir quase seu hobby esportivo, sua audácia e sua inclinação a um trabalho sério relacionado à arte. Em 1906, ele inicia suas próprias escavações. Mas naquele mesmo inverno ele admite que seu conhecimento é insuficiente. Ele consulta o professor Maspero e recomenda o jovem Howard Carter.

A colaboração entre esses dois homens foi extremamente bem-sucedida. Howard Carter foi o complemento perfeito para Lord Carnarvon. Ele era o homem da ciência, de uma cultura sólida e ampla que, antes de lorde Carnarvon lhe confiar a inspeção permanente de todas as suas escavações, adquirira experiência suficiente trabalhando com Petrie e Davis; além disso, ele não era um inventor rotineiro de fatos, sem imaginação, embora alguns críticos o censurassem em seu trabalho por pedantismo exagerado. Ele demonstrou grande habilidade prática e, quando necessário, grande audácia. Isso é demonstrado pela aventura que aconteceu em 1916.

Ele estava desfrutando de uma curta licença em Luxor, quando um dia os homens mais velhos da cidade, com grande emoção, pediram ajuda. As demandas da guerra, que eram sentidas em Luxor, significavam que o número de oficiais era bastante reduzido e que a vigilância policial havia diminuído consideravelmente, de modo que

mais uma vez uma atividade notável de ladrões de túmulos entre os descendentes de Abd-el-Rasul.

Um grupo deles fez uma descoberta na parte ocidental da colina acima do vale dos reis; e assim que ficou sabendo disso, outro grupo de

pessoas foi até lá para participar do saque. O que aconteceu então parece mais o enredo de um filme de assalto vulgar.

A inevitável batalha campal entre os dois lados foi travada. O primeiro grupo foi pego, espancado e expulso, mas havia o risco de uma recorrência constante de tais incidentes sangrentos. Carter, embora estivesse de licença e não fosse responsável por tais eventos, decidiu intervir. Ele mesmo nos diz:

«Foi no final da tarde. Reuni apressadamente os poucos trabalhadores que estavam livres de filas e, devidamente equipados, preparei-me para marchar para o local do incidente. Tal empreendimento exigia que subíssemos os seiscentos metros de altura das colinas de Kurna ao luar. Por volta da meia-noite, chegamos ao local do incidente e o guia apontou o fim de uma corda que pendia de uma pedra cortada por um pico. Não é um passatempo de encanto desapontar à meia-noite, amarrado a uma corda, a um covil de ladrões ocupados. Oito homens estavam lá e, quando cheguei, houve um momento desagradável de tensão. Eu disse a eles que eles podiam escolher entre fugir com a ajuda da minha corda ou ficar, sem corda, onde estavam. Eles recuperaram a razão e foram embora. Passei o resto da noite sozinha naquele lugar ... »

Seria necessário concluir esse relato conciso, de maneira modesta e um tanto árida, embora não deixe de revelar a perigosidade da situação. Isso nos permite apreciar a grande audácia de nosso arqueólogo. Os profanadores ficariam desapontados se Carter tivesse permitido que continuassem seus trabalhos, pois foi encontrada apenas uma tumba que certamente havia sido preparada para a rainha Hatsepsut e não continha tesouros de nenhum tipo, mas apenas o sarcófago de asperon cristalino, inacabado.

Carnarvon e Howard Carter começaram seu trabalho conjunto. Mas somente no outono de 1917 eles conseguiram trabalhar com a intensidade necessária para obter resultados positivos. Então aconteceu

algo que vimos repetido frequentemente na história da arqueologia: em primeiro lugar, graças a uma feliz intuição, a área onde as escavações seriam realizadas foi escolhida com grande sucesso, mas, ao ponto, circunstâncias externas, considerações críticas, vacilações e, sobretudo, "aconselhamento profissional" impediram a conclusão do trabalho, que foi adiado e depois paralisado.

Lembremos aqui que um dos melhores pesquisadores, o cavaliere napolitano de Alcubierre, quando com a mesma sorte chegou em 6 de abril de 1748, no centro de Pompéia, ele cobriu os buracos abertos novamente e somente depois de vários anos se descobriu que o primeiro trabalho tinha sido bem sucedido.

Carnarvon e Carter tinham diante deles o Vale dos Reis. Dezenas de investigadores haviam escavado diante deles no local, e ninguém havia deixado notas ou planos exatos. Como uma paisagem lunar artificial montanhosa, apareciam montes de entulho e, entre eles, as entradas para os túmulos descobertos. Não havia outra

solução senão seguir um plano e cavar até o fundo da rocha. Carter propôs que fosse iniciado em um triângulo limitado pelos túmulos de Ramsés II, Merneptah e Ramsés VI. "Expondo-nos ao perigo de ser acusado de dizer isso apenas mais tarde, quero dizer que esperávamos encontrar o túmulo de um certo rei, e esse rei era Tutancâmon", escreveu ele mais tarde.

Tal afirmação parece incrível se pensarmos que todo o vale foi removido. E isso nos parece especialmente ousado porque os motivos que inspiraram os dois arqueólogos e que incutiram tais esperanças foram insignificantes, uma vez que o mundo profissional acreditava por unanimidade que o tempo das escavações no Vale dos Reis havia terminado.

Já Belzoni, exatamente cem anos antes, quando havia desocupado os túmulos de Ramsés I e Sethi I, Axis e Mentuher-Chopsef, ele havia escrito: “Estou plenamente convencido de que no vale Biban-el-Muluk

não há mais túmulos do que aqueles conhecidos por minhas descobertas recentes, pois antes de sair daquele lugar, procurei mais um túmulo, mas sem resultado, e minha opinião confirma o fato de que, independentemente de minhas próprias investigações, o cônsul britânico, senhor Salt, Ele ficou lá por quatro meses e também tentou em vão encontrar outra nova tumba. Vinte e sete anos após Belzoni, em 1844, chegou uma grande expedição prussiana que mediu minuciosamente o vale. Seu chefe, Richard Lepsius, também era de opinião quando saiu que tudo o que precisava ser descoberto já havia sido descoberto. Apesar disso, pouco antes do final do século, Loret ainda encontrou novos túmulos, e Davis também, depois dele. Agora, literalmente, todos os grãos de areia foram debulhados e removidos três vezes, e quando Maspero, como chefe da seção de antiguidades, assinou a concessão de lorde Carnarvon, um sábio mais uma vez expressou sua firme convicção de que, a rigor, A concessão foi supérflua, uma vez que o Vale não pôde oferecer novas descobertas.

Mas por que, depois de tudo isso, Carter ainda esperava encontrar uma sepultura, e não apenas uma, mas uma certa? Com seus próprios olhos, ele viu as descobertas de Davis. E entre eles, debaixo de uma pedra, estava a xícara de porcelana com o nome de Tutancâmon. E em um túmulo próximo, ele encontrou uma arca de madeira quebrada. As placas de ouro que ainda adornavam a arca também tinham o nome de Tutancâmon. Davis alegou, um tanto apressadamente, que esse poço grave era a última morada do rei.

Carter chegou a outra conclusão, confirmada em uma terceira descoberta de Davis que não havia sido bem reconhecida no primeiro exame. Estes eram recipientes de barro cheios de pedaços de barro, aparentemente insignificantes, e pedaços de linho encontrados em um buraco de rocha. Mais uma vez examinado no Metropolitan Museum of Art, em Nova York, descobriu-se repentinamente que esses eram indubitavelmente restos ocultos do material usado nas complicadas cerimônias e solenidades do enterro de Tutancâmon. Mas isto não foi tudo. Davis também encontrou vários selos de argila pertencentes a

Tutankhamon quando descobriu o esconderijo que abrigava os restos mortais de Amenophis IV Eknathon, o faraó herege.

De qualquer forma, isso pode parecer suficiente para Carter aspirar a testar sua hipótese. Parece que, sem mais delongas, Carter poderia concluir que, após essas descobertas, a tumba de Tutancâmon tinha que ser localizada em um local próximo a

eles, ou seja, no centro do vale. Mas também pensemos nos três milênios que passaram, pense em quantas vezes todo o conteúdo das tumbas foi transportado de um lugar para outro por ladrões e sacerdotes e, finalmente, no trabalho sistemático dos primeiros arqueólogos inexperientes que removeram o terra bagunçada. Os quatro testes de Carter foram, então, uma folha de ouro, uma xícara de porcelana, algumas panelas de barro e selos. E vincular-se a ela não apenas é esperança, mas também a segurança instintiva de encontrar o túmulo de Tutancâmon, é prova de uma confiança verdadeiramente incrível na própria sorte.

Carter e Carnarvon começaram as escavações. Depois de um inverno inteiro de trabalho, eles ergueram, dentro do triângulo marcado, uma grande parte das camadas superiores, avançando para o pé da tumba aberta de Ramsés VI. Lá eles encontraram uma série de cabanas para trabalhadores, construídas com pederneira abundante, algo que no Vale é sempre um sinal da proximidade de uma tumba.

O que aconteceu então, e ao longo de vários anos, foi de um interesse emocionante. Para não privar os turistas de suas habituais visitas ao túmulo de Ramsés, muito frequentadas, em vez de continuar as escavações na mesma direção, decidiu-se parar de procurar o momento em que estava naquele lugar, aguardando uma ocasião mais oportuna. Assim, no semestre de inverno de 1919 a 1920, ele foi escavado apenas na entrada do túmulo de Ramsés VI, encontrando, em um pequeno esconderijo, várias peças soltas de considerável interesse arqueológico. "Durante todo o nosso trabalho, nunca estivemos tão perto de uma descoberta real no vale", observa Howard Carter.

Eles já haviam escavado o triângulo inteiro até onde ficavam as cabanas dos trabalhadores, como Petrie havia aconselhado. Mais uma vez, eles deixam esse último setor intacto e se mudam para um lugar completamente diferente, no pequeno vale ao lado do túmulo de Tutmés III, onde cavam dois invernos para encontrar "nada que valha a pena".

Após essa experiência, eles se reúnem e deliberam seriamente, se perguntando se, após vários anos de trabalho, com relativamente pouco saque, não teriam que mudar seu trabalho para um lugar completamente diferente. Restava apenas examinar o local das cabanas e das pederneiras, o local localizado ao pé da tumba de Ramsés VI. Depois de muita hesitação e troca frequente de impressões, eles concordam em dedicar mais um inverno ao vale. Então eles se dedicam a escavar o lugar que haviam negligenciado tantas vezes nos seis invernos anteriores: o lugar das cabanas e pederneiras. E desta vez, quando estavam fazendo o que poderiam ter feito seis anos antes, ou seja, desabando as cabanas dos trabalhadores, mal haviam dado o primeiro golpe de picareta, encontraram a entrada para o túmulo de Tutancâmon, o mais rico túmulo faraônico de Egito! E Carter escreve:

«... a repentina desta descoberta me causou uma espécie de atordoamento. Os meses seguintes foram cheios de eventos, sobre os quais mal tive tempo de refletir!

Em 3 de novembro de 1922, Carter começou a demolir as cabanas dos trabalhadores - Lord Carnarvon estava na época na Inglaterra; Estes eram fragmentos de cabanas da 20ª dinastia. Na manhã seguinte, sob a primeira cabana, foi encontrado um degrau de pedra. Na tarde de 5 de novembro, tantos destroços foram removidos que não havia dúvida de que uma entrada do túmulo havia sido encontrada.

Mas não seria um túmulo inacabado, não utilizado? E mesmo que realmente abrigasse uma múmia, não teria sido estuprada e despida como tantas outras?

Talvez, para não desistir de qualquer possibilidade pessimista, a múmia, se existisse, fosse apenas a de um oficial da corte ou de um padre.

O trabalho progrediu e a excitação de Carter aumentou. Uma camada após a outra estava livre de detritos e, quando, como no Egito, o sol se pôs de repente, o pé da décima segunda camada apareceu e "a parte superior de uma porta fechada, coberta com argamassa e selada, foi percebida".

"Uma porta selada ... Era, então, realidade ... Chegou o momento em que todas as escavadeiras estremeceram."

Carter examinou os selos. Eles eram os da cidade dos faraós falecidos. Portanto, eles garantiram que havia que descansar pelo menos uma alta personalidade. E desde que as cabanas dos trabalhadores cobriam a entrada desde a 20ª dinastia, pelo menos o túmulo não teria sido estuprado desde aquela época. E quando Carter, que estava gelado pela excitação, perfurou um olho mágico na porta "grande o suficiente para acomodar uma lanterna", ele descobriu que o corredor atrás da porta estava completamente coberto de pedras, outra prova convincente da certeza proteção que o túmulo havia recebido.

Enquanto Carter descia à luz da lua, tendo confiado aos trabalhadores mais confiáveis a guarda da sepultura, ele lutou para se decidir. "Tudo, realmente tudo o que eu esperava, poderia ser encontrado atrás deste corredor, então me levou um grande esforço para me controlar para não arrombar a porta da frente e continuar procurando imediatamente!" Ele escreveu isso depois de ver isso pelo olho mágico. Então, montando em sua mula, seu desejo e impaciência lutaram nele, enquanto uma voz interior anunciava que ele estava enfrentando uma imensa descoberta. Ele é digno de admirar esse gesto do descobridor que, depois de um trabalho malsucedido de seis anos, encontrando-se diante dos grandes e ansiando pela descoberta, decide cobrir a tumba novamente e aguardar a chegada de lorde Carnarvon, seu protetor e amigo.

Na manhã de 6 de novembro, envie este telegrama: «Feito em Valle descoberta maravilhosa. Tumba incrível com selos intactos. Eu cobri tudo até a sua chegada. Meus parabéns! " No dia 8, ele recebeu duas respostas: "Estou indo, se possível, rapidamente". "Planejo estar em Alexandria no dia 20".

De fato, no dia 23, lorde Carnarvon e sua filha chegaram a Luxor.

Mais de quinze dias se passaram Carter devorado pela impaciência, inativo diante do túmulo coberto novamente. Dois dias depois de descobrir as arquibancadas, eles o encheram de parabéns, mas por quê? Por que descobrir? Por que grave? Carter não sabia. Se ele tivesse seguido apenas mais um período em suas escavações, teria encontrado o selo inconfundível e evidente do selo de Tutancâmon. "Isso me daria uma noite mais tranquila e me salvou quase três semanas de espera impaciente."

Na tarde do dia 24, os trabalhadores descobriram a escada inteira novamente. Carter desceu dezesseis degraus e chegou a uma porta selada. Aqui ele viu as pegadas claras e o nome de Tutancâmon; mas ele viu outra coisa que prolongou sua inquietação angustiada. Ele viu o que até então quase todos os descobridores de tumbas faraônicas tinham a ver com isso: que outros também haviam ido adiante dele. Aqui também os ladrões intervieram.

«E agora que toda a porta parecia iluminada pela luz, pudemos ver algo que até então não tínhamos percebido: que a porta, duas vezes, havia sido aberta e fechada novamente; Também vimos que os selos descobertos pela primeira vez com o sinal do chacal e dos nove prisioneiros haviam sido colocados novamente nas partes fechadas recentemente, enquanto os selos de Tutankhamun estavam naquela parte da porta que ainda conservava seu estado primitivo e, portanto, eles foram os que originalmente protegeram a sepultura. Portanto, a tumba não estava completamente intacta, como esperávamos.

Caçadores de túmulos já o pisaram mais de uma vez. E, a julgar pelas cabanas que o ocultaram, os ladrões vieram de um tempo antes de Ramsés IV; mas o fato de o túmulo ter sido selado novamente indicava que não havia sido completamente roubado ".

Mas essa descoberta não foi tudo. A confusão e a insegurança de Carter aumentaram. Quando ordenou que os últimos escombros fossem removidos da escada, ele encontrou pedaços de copos, recipientes com os nomes de Eknatón, Sakkara e Tutankamón; também um escaravelho de Tutmés III e um pedaço de outro com o nome de Amenófis III. Essa variedade de nomes reais não poderia levar a outra conclusão senão acreditar, contra todas as expectativas, que não era um túmulo individual, mas um esconderijo permitido para vários túmulos.

Somente abrindo a porta o quebra-cabeça poderia ser resolvido. Os dias seguintes foram dedicados a este trabalho. Como Carter já havia verificado ao dar a primeira olhada pela pequena abertura feita, havia um corredor cheio de escombros, e como eram diferentes dos outros, ficou claro que os bandidos haviam penetrado ali, fazendo uma galeria com a largura das costas. e eles o cobriram novamente.

Após vários dias de trabalho, as escavadeiras penetraram cerca de dez metros e encontraram uma segunda porta.

Também trazia os selos de Tutancâmon e a cidade dos faraós mortos, e era claramente reconhecível onde os visitantes indesejados haviam entrado.

Devido à semelhança que o layout deste corredor oferecia com o de outros esconderijos, como o de Eknathon encontrado nas proximidades, Carter e Carnarvon chegaram à condenação, quase sem dúvida, de que haviam encontrado apenas um esconderijo, em vez de um túmulo. E você poderia esperar muito de um esconderijo que já havia sido assombrado por ladrões?

Suas esperanças eram modestas, apesar da tensão aumentar à medida que os detritos e mais detritos eram removidos da segunda porta. "O

momento decisivo chegou", escreve Carter. Com mãos trêmulas, fazemos uma pequena abertura no canto superior esquerdo desta segunda porta ... »

Carter pegou uma barra de ferro e, quando a fez penetrar, viu que ela se movia livremente no espaço vazio. Fiz alguns testes com chamas; Não havia sinal de gás de qualquer tipo. Então ele ampliou o buraco.

Então todos que intervieram se reuniram. Estes eram lorde Carnarvon, sua filha Lady Evelyn e o egiptólogo Callender, que chegara às primeiras notícias da nova descoberta, no plano de um colaborador. Carter coçou nervosamente um fósforo, acendeu uma vela e aproximou-a do buraco; sua mão estava insegura.

Quando, tremendo de antecipação e curiosidade, ele aproximou os olhos do buraco para poder olhar para dentro, o ar quente que procurava uma saída do interior fez a chama da vela tremer. No momento, Carter não conseguiu distinguir nada, mas uma vez que seus olhos se acostumaram àquela luz fraca, ele viu contornos, depois sombras, depois as primeiras cores, e quando ele apareceu diante de seus olhos, com crescente clareza, o que Contendo a sala atrás da segunda porta selada, Carter não proferiu exclamações de entusiasmo, mas permaneceu mudo ... Assim, passou uma eternidade para todos aqueles que esperavam ansiosamente ao seu lado. Então Carnarvon, que não podia mais suportar tanta insegurança, perguntou:

"Você vê alguma coisa?"

E Carter, girando lentamente, disse com uma voz fraca que vinha das profundezas de sua alma, como se estivesse encantado:

"Sim, algo maravilhoso!"

"Certamente, nunca antes, em toda a história das escavações vimos coisas maravilhosas como o que essa luz nos revela hoje", acrescentou Carter quando se acalmou de sua primeira emoção na descoberta e uma após a outra eles conseguiram se aproximar. o olho mágico e ver o

que havia dentro. Essas palavras mantiveram seu valor total mesmo após dezessete dias em que a porta se abriu. Então, a luz de uma poderosa lâmpada elétrica brilhou nos caixões dourados, em um assento de ouro, enquanto um brilho fosco revelou duas grandes estátuas negras, jarros de alabastro e estranhos cofres. Cabeças de animais fantásticas lançam suas sombras desfiguradas nas paredes. Uma serpente dourada se projetava de um dos caixões. Como sentinelas, duas estátuas eram rígidas "com seus aventais de ouro, sandálias de ouro, a maça e o cajado e na testa o brilhante aspid, símbolo do poder faraônico".

E entre tal esplendor, que não era possível cobrir com alguns olhares, havia traços da obra dos vivos. Perto da porta ainda havia um balde meio cheio de argamassa, um abajur preto, impressões digitais na superfície pintada e, no limiar, algumas flores depositadas em despedida.

Assim, entre a luxúria expirada e os vestígios da vida, demorou algum tempo até Carnarvon e Carter perceberem que, no meio de uma abundância de tesouros tão preciosos, nem um sarcófago nem uma múmia foram descobertos. Mais uma vez surgiu o muito debatido problema: era um esconderijo ou uma sepultura?

Eles examinaram sistematicamente todas as paredes e descobriram que entre as duas sentinelas do rei havia uma terceira porta, selada. "Aquele conjunto de quartos, um em cima do outro, todos semelhantes ao primeiro que vimos, todos cheios de objetos,

que vieram e vieram à nossa mente e não pararam de nos preocupar". Quando, no dia 27, com a ajuda das lâmpadas elétricas instaladas por Callender, a terceira porta foi examinada, uma nova abertura, também lacrada, foi vista, escovando o chão, mas depois da própria porta. Ladrões também passaram por lá. O que essa nova câmera ou o novo salão ofereceria? Se a múmia estivesse atrás da porta, seria machucada? Lá eles continuaram fazendo perguntas enigmáticas. Não apenas o layout inteiro da tumba foi diferenciado dos outros

conhecidos, mas o mais estranho foi o fato de os ladrões terem tentado passar pelo terceiro portão sem agarrá-lo antes do alcance de seu alcance. O

que eles estavam procurando, para atravessar essas pilhas de ouro que estavam na antecâmara, sem tocá-las?

Quando Carter examinou esse tesouro surpreendente, viu nos objetos não apenas seu valor material. Quantos ensinamentos tudo isso contém para a pesquisa! Inúmeros objetos egípcios de uso comum foram reunidos aqui, outros suntuosos, dos quais cada peça teria sido considerada pelo arqueólogo como espólios ricos de um inverno inteiro de escavações cansativas. Além disso, a arte egípcia de um determinado tempo também se manifestou aqui com tanto vigor e vida que Carter, após uma rápida olhada, reconheceu: um estudo cuidadoso de tudo isso "levaria a uma mudança, até uma revolução, de todas as opiniões anteriores. ».

Logo depois, eles fizeram outra descoberta importante. Um deles olhou, curiosamente, sob um dos três grandes catafalcos, através de um pequeno buraco. Ele chamou os outros, que vinham de quatro, e trouxeram suas lâmpadas elétricas.

E seu olhar descobriu outra câmera lateral pequena, menor que a antecâmara, mas completamente cheia, cheia de objetos e objetos preciosos de todos os tipos. E

nesta câmara, após a visita dos profanadores, não havia ordem, como provavelmente também não na antecâmara. O ladrão ali havia realizado seu trabalho com o vigor de um terremoto. “Mais uma vez tivemos o problema: os bandidos haviam agitado tudo, jogado alguns pedaços da câmera lateral na antecâmara, como você podia ver; eles destruíram algumas coisas, outros as quebraram. Mas eles haviam roubado muito pouco, nem mesmo o que tinham à mão atrás da segunda porta. Eles ficariam surpresos antes que pudessem realizar seu propósito?

Eles estavam todos bêbados; Diante de tal espetáculo, suas idéias não fluíram mais normalmente. Depois de dar uma olhada no que estava contido na câmara lateral e esperar o que seria transposto no limiar da terceira porta selada, eles consideraram o imenso trabalho científico e organizacional que os esperava. Bem, essa descoberta, antes, apenas o que eles haviam visto até agora, não pôde ser revelada, examinada e catalogada em um único inverno de escavações.

Capítulo XVII

Carnarvon e Carter decidiram cobrir o túmulo que acabavam de explorar. Mas essa determinação tinha um significado muito diferente de antes, quando após uma rápida escavação uma sepultura recém-descoberta foi re-enterrada.

Essas descobertas relacionadas à tumba de Tutankhamon - ainda não se sabia com certeza a quem pertencia a tumba - foram estudadas desde o início com tanto pensamento que podem servir de exemplo, mesmo levando em conta que, sendo um achado menos sensacional , certamente eles não poderiam contar com uma colaboração tão eficaz quanto a que lhes estava sendo fornecida agora.

Carter percebeu imediatamente o seguinte: Sob nenhuma circunstância você deve começar a cavar imediatamente. Em primeiro lugar, era essencial fixar com precisão a posição original de todos os objetos, para poder determinar dados sobre o período e outros pontos de referência semelhantes; mais tarde, era preciso levar em consideração que muitos objetos de uso ou suntuosos tinham que ser tratados para sua conservação, imediatamente após tocá-los, ou mesmo antes. Para isso, era necessário que, dada a quantidade de objetos encontrados, estivesse disponível um tanque grande, meios de preparação e material

de embalagem. Os especialistas devem ser consultados sobre a melhor forma de tratá-los e um laboratório deve ser criado para permitir a possibilidade de análise imediata de materiais importantes que provavelmente se decompõem em contato. Apenas para catalogar essa descoberta, já era necessário muito trabalho anterior da organização, e tudo isso exigia medidas que não podiam ser tomadas desde o ponto da descoberta. Carnarvon teve que ir para a Inglaterra e Carter, pelo menos, teve que ir para o Cairo. E quem, depois de ler o capítulo sobre ladrões na história egípcia, ainda duvidaria que ainda hoje o capítulo sobre roubos não tenha terminado?

Na verdade, isso é verdade, e isso é demonstrado pela decisão de Carter de cobrir o túmulo novamente em 3 de dezembro, a única maneira de protegê-lo contra a irrupção dos modernos sucessores de Abd-el-Rasul, mesmo que Callender permanecesse para trás. o lugar como guardião. E assim que chegou ao Cairo, Carter encomendou um pesado portão de ferro para a porta interna.

A prova de que essa grande escavação egípcia foi realizada com seriedade e precisão é fornecida pelo fato de que, desde o início, o trabalho foi colaborado de todas as partes do mundo, e freqüentemente das mais altruísta. Carter mais tarde agradeceu a eles por essa ajuda extensiva que receberam. Prestando justiça a todos, ele começa publicando uma carta que o chefe indígena de seus trabalhadores lhe enviou durante sua ausência. Também a reproduzimos, para que não sejamos acusados de parcialidade elogiando apenas a ajuda intelectual:

Karnak, Luxor. 5 de agosto de

1923.

Sr. Howard Carter, Esq.

Senhor muito respeitável:

Escrevo esta carta na esperança de que você esteja em boa saúde e peço ao Todo-Poderoso que a proteja e a devolva em segurança.

Peço a Vossa Excelência que observe que o depósito n. 15 está em ordem, o tesouro está em ordem, o depósito do norte está em ordem. Wadain e a casa estão em ordem e em todas as obras suas respeitáveis instruções são seguidas.

Rais Hussein, Gad Hassan, Hassan Awad, Abdelad Ahmed e todos os gafanhotos da casa cumprimentam-se.

Meus melhores cumprimentos à Sua Excelência, a todos os membros da família do Senhor e a todos os seus amigos na Inglaterra.

Desejando uma resposta rápida,

seu servidor seguro,

Rais Ahmed Gurgar.

Ele solicitou alguns relatórios de uma expedição acampada em Tebas; Para isso, Lythgoe, responsável pela seção egípcia do Metropolitan Museum of Art, em Nova York, enviou-lhe seu fotógrafo Harry Burton para estar à sua disposição. E Lythgoe, que assim se privou de suas próprias ajudas mais valiosas, telegrafou para ele: 'Muito feliz em ajudá-

lo de qualquer maneira. Por favor, tenha Burton e cada um dos meus colaboradores ". Também os cartunistas Hall e Hauser e o diretor das escavações nas pirâmides de Lischt, AC Mace, passaram para a posição de Carter. Do Cairo, o diretor da seção egípcia de Química, Lucas, se colocou à disposição de Carter durante seus três meses de licença. O Dr. Alam Gardiner cuidou das inscrições, e o Professor James H.

Breated, da Universidade de Chicago, disponibilizou a Carter seu conhecimento do significado histórico das impressões de carimbos.

Mais tarde - em 11 de novembro de 1925 - Dr. Saleh Bey Hamdi e Professor de Anatomia da Universidade Egípcia Douglas E. Derry começaram a examinar a múmia: A. Lucas escreveu um artigo bastante extenso intitulado "Química em a sepultura ", sobre metais, óleos, gorduras e produtos têxteis; PE Newberry examinou as coroas de flores da tumba e determinou suas espécies, quase 3.300 anos antes, e conseguiu fixar a estação do ano em que o enterro de Tutankhamon ocorreu para as flores e os frutos, porque sabia a estação de floração do azulejo e os pequenos picris , a maturidade do mandrágora - a "maçã favorita" da música antiga - e o solano preto. E assim ele pôde concluir: "Tutankhamon foi enterrado entre março e o final de abril". Assuntos especiais foram examinados por Alexander Scott e HJ Plenderleith.

Essa colaboração de especialistas de classe mundial, mesmo em assuntos que não tinham nada a ver com arqueologia propriamente dita, deu uma sólida garantia de que todo o saque científico retirado daquele túmulo seria a maior descoberta até hoje. O

trabalho pode começar. Em 16 de dezembro, a tumba foi reaberta; No dia 18, o fotógrafo Burton tirou as primeiras fotografias da antecâmara e no dia 27 o primeiro objeto foi removido.

Todo o trabalho completamente executado leva tempo. E o realizado na tumba de Tutancâmon durou vários invernos. Este não é o lugar para descrevê-lo com todas as suas minúcias. Vamos seguir o maravilhoso

relato de Howard Carter, mas apenas em seus pontos essenciais, pois é impossível descrever todas as descobertas em detalhes. Só queremos mencionar aqui alguns dos espécimes mais bonitos. Por exemplo, a arca de madeira, uma das peças mais valiosas artisticamente da arte egípcia, estava coberta por uma fina camada de gesso e decorada por todos os lados. Em tais pinturas, a sensação de força da cor era unida a uma extraordinária finura no desenho. As cenas de caça e batalha são desenhadas com tanta precisão nos detalhes limpos que até "superam as miniaturas persas". Esta arca estava cheia de objetos de vários usos. A ordenação foi realizada com muito cuidado por esses homens da ciência, como evidenciado pelo fato de Carter precisar de três semanas de trabalho meticuloso, tão meticuloso, para chegar ao fundo da arca.

Igualmente importantes foram os três grandes caixões cuja função era conhecida nas pinturas das tumbas, embora ainda não tivessem sido encontradas. Eram móveis raros, com uma parte um pouco mais alta para os pés - não para a cabeça. O primeiro deles parecia adornado com cabeças de leão; o segundo, com cabeças de vaca, e o terceiro, com a cabeça de um animal raro, meio rinoceronte, meio crocodilo. Todos os caixões estavam cheios de objetos preciosos, armas e roupas, e havia também um assento com as costas tão ornamentadas que Carter, "sem hesitar", afirma representar a coisa mais linda que já foi encontrada no Egito.

E, finalmente, devemos mencionar os quatro grandes carros, tão grandes que, sem desmontá-los, não poderiam ter sido removidos da sepultura. Pelo qual eles foram serrados. Além disso, os ladrões haviam misturado todas as partes. Os quatro carros, de cima para baixo, estavam cobertos de ouro; cada centímetro era decorado com ornamentos variados, incrustações de vidro colorido e pedras e metais preciosos.

Somente na antecâmara, haviam depositado seiscentas a setecentas peças. Então veremos a resistência que seria encontrada para realizar o trabalho que precisava ser realizado tanto no interior, onde um passo

em falso insignificante poderia destruir objetos de valor insubstituível quanto fora.

Em 13 de maio, a uma temperatura de 37 graus à sombra, em uma ferrovia de campo cujos trilhos tiveram que ser desmontados de seção em seção para colocá-los novamente em frente, as primeiras trinta e quatro caixas pesadas foram abaixadas, cobrindo assim os 1.500 metros que separaram o local da descoberta até o navio ancorado no Nilo. Essa riqueza seguiu o mesmo caminho que fazia mais de três mil anos

atrás, quando em solene procissão foi levada na direção oposta. Sete dias depois, ele estava no Cairo.

Em meados de fevereiro, a antecâmara foi despejada. Havia espaço suficiente para o trabalho que todos esperavam. Agora seria possível abrir a porta selada entre as duas sentinelas; seria sabido com certeza se a próxima câmara abrigava a múmia. Quando, na sexta-feira, 17 de fevereiro, às duas horas da tarde, as vinte pessoas que se consideravam dignas de participar de um evento desse tipo se reuniram na câmara, ninguém suspeitou do que veriam duas horas depois. Depois dos tesouros já encontrados, ele não conseguia imaginar facilmente que algo mais importante e mais precioso ainda viria à luz.

Visitantes, membros do governo e cientistas, sentaram-se em várias fileiras em cadeiras estreitas. E quando Carter subiu o parapeito de uma escada, cuja altura lhe permitia remover mais confortavelmente as pedras da porta, houve um profundo silêncio.

Carter removeu cuidadosamente a fileira superior de pedras. Esse trabalho foi lento e difícil, pois havia o perigo de que alguns caíssem e caíssem no interior, onde poderiam destruir ou deteriorar o que estava atrás da porta. Além disso, todos os esforços tiveram que ser feitos para

preservar as impressões de selo altamente valiosas. "Quando a primeira abertura foi descoberta", confessa Carter, "a tentação de parar a cada passo e olhar para dentro era irresistível!"

Mace e Callender estavam ajudando-o; os presentes começaram a murmurar em voz abafada quando, após cerca de dez minutos, Carter ordenou que lhe dessem a lâmpada elétrica e, amarrado a uma corda comprida, ele a introduziu pela abertura.

O que ele viu então foi inesperado, incrível e, a princípio, completamente incompreensível,

Carter se viu diante de uma parede brilhante e, por mais que parecesse esquerda e direita, não conseguia medir. Esta parede cobria toda a entrada. Ele inseriu a lâmpada o mais fundo que pôde. Não havia dúvida de que ele estava de pé contra uma parede de ouro maciço.

Ele soltou as pedras com extrema cautela, e então os outros também puderam ver o brilho dourado. Como pedra após pedra foi removida e cada vez mais a parede dourada era visível ", senti através de um eletroduto a excitação que dominava os espectadores", escreve Carter.

Mas então Carter, Mace e Callender perceberam, ao mesmo tempo, o que era aquela parede dourada. Eles estavam na entrada da câmara funerária. E o que eles consideravam uma parede era a frente de um caixão gigantesco, sem dúvida o mais precioso que um ser humano já viu. Era um caixão grande, cujo interior continha outros caixões, os quais mantinham o próprio sarcófago com a múmia.

Durante duas horas, eles estavam trabalhando duro para abrir a entrada para poder entrar na câmara funerária. Houve uma pausa que colocou todos os nervos à

prova quando pérolas foram espalhadas na porta de um colar que certamente caíra dos espólios dos ladrões. Enquanto os espectadores impacientes se moviam em suas cadeiras, Carter, com sua meticulosa meticulosidade como um autêntico arqueólogo que não desprezava

nem os mínimos detalhes mais sublimes, coletou cuidadosamente esses restos, pérola após pérola.

Imediatamente entendeu-se que a câmara funerária estava localizada aproximadamente um metro abaixo da antecâmara. Carter pegou a lâmpada e a abaixou. Na verdade, ele estava na frente de um caixão tão grande que quase encheu a sala inteira. Para contorná-lo, Carter só tinha um corredor de cerca de 65 centímetros entre o caixão e a parede. Além disso, ele teve que se mover com cuidado, pois havia ofertas por toda parte para os mortos.

Lorde Carnarvon e Lacau seguiram primeiro. Eles permaneceram mudos; então eles calcularam o tamanho do caixão. Mais tarde, uma medição exata deu o seguinte volume 5,20 por 3,35 por 2,75 metros.

De cima para baixo, era inteiramente coberto de ouro, e nas laterais havia ornamentos de cerâmica de um tom azul vívido, coberto de sinais mágicos que invocavam a proteção dos mortos.

Todos se perguntaram ansiosamente: os ladrões também tiveram tempo de penetrar neste caixão? O sarcófago que continha a múmia havia sido profanado? Carter descobriu que as grandes portas do lado leste estavam trancadas, mas não fechadas. Com a mão trêmula, eles removeram as travas cruzadas e abriram as portas rangentes. Eles estavam deslumbrados com o brilho de um segundo caixão. Suas portas também estavam trancadas, mas havia uma vedação intacta nela.

Todos os três deram um suspiro de alívio. Até agora, os ladrões estavam à frente deles. Mas aqui, antes da parte mais importante da sepultura, elas foram as primeiras. Encontrariam a múmia intacta, exatamente como havia sido colocada mais de três mil anos atrás.

Eles fecharam a porta o mais gentilmente possível. Eles se sentiram como intrusos. Eles viram a mortalha pálida pendurada no caixão. "Estávamos na presença do rei morto e tivemos que mostrar veneração."

Nesse ponto, no auge de suas investigações, eles não se sentiam capazes de descobrir mais. Foi muito bom o que eles acabaram de oferecer; mas, apesar de tudo, nos minutos seguintes eles seriam confrontados com uma nova descoberta.

Eles foram para o outro extremo da câmara e encontraram, para sua grande surpresa, outra porta baixa que levava a outra câmara, bem pequena. De onde estavam eles podiam ver tudo o que dizia a câmera. Podemos imaginar o que isso significava quando Carter diz, depois de tudo o que tinha visto naquele túmulo: "Um único olhar foi suficiente para percebermos que aqui estavam os maiores tesouros do túmulo!"

No centro desta câmara, havia um monumento de ouro cujas figuras de suas quatro deusas protetoras, além de grande esplendor, emanavam tanta graça, naturalidade e vida, um sotaque comovente de compaixão e apelo a ser tratado com piedade, « aquele quase teve a sensação de cometer sacrilégio olhando para eles

». Carter escreve, lembrando-o: "... não tenho vergonha de confessar que era impossível para mim pronunciar uma única palavra".

Lentamente, Carter, Carnarvon e Lacau retornaram à antecâmara, passando perto do caixão de ouro. Agora os outros poderiam entrar. «Foi interessante observar, a partir da antecâmara, como um após o outro passava pela porta. Todos tinham olhos brilhantes, e todos, um após o outro, levantaram as mãos, apreendidos com uma incapacidade inconsciente absoluta de descrever em palavras o que viram ... »

Por volta das cinco da tarde, três horas depois de pisar no túmulo, todos subiram novamente. Quando saíram à luz do dia, ainda limpo, o vale parecia mudado para eles, como se iluminado por uma nova luz.

O exame dessa descoberta, a maior registrada em toda a história da arqueologia, durou vários invernos. Infelizmente, o primeiro foi quase completamente desperdiçado; Lorde Carnarvon faleceu e, de repente,

houve sérias dificuldades com o governo egípcio em relação à extensão da concessão e à distribuição das descobertas. Até que, graças à intervenção de organizações internacionais, foi alcançado um acordo amigável. O trabalho poderia continuar e, no inverno de 1926 a 27, o caixão de ouro foi aberto, o caixão diferente foi desmontado e a múmia de Tutancâmon foi examinada.

Este trabalho também ofereceu poucas surpresas para o público em geral que busca apenas o sensacional; mas teve seu clímax e foi transcendental para a egiptologia. Foi a época em que os pesquisadores viram pela primeira vez a verdadeira face do homem que durante trinta e três séculos dormiu invisível para todos os outros mortais. E apenas esse anseio de momento traria a única decepção da sepultura. Essa é uma das falhas que são sempre esperadas, mesmo nas chances mais sortudas.

Os tijolos começaram a ser removidos da parede entre a antecâmara e a câmara funerária. Então o primeiro caixão de ouro foi desmontado. Este continha um segundo caixão, e no segundo havia um terceiro.

Carter tinha motivos suficientes para acreditar que agora tropeçaria no sarcófago. Ele descreve como abriu o terceiro caixão e como fez uma nova descoberta:

“Com uma exaltação reprimida, propus-me a abrir o terceiro caixão; nunca em minha vida esquecerei aquele momento, cheio de tensão, de nosso trabalho cansativo. Cortei a corda, levantei o selo precioso, corri as travas e encontrei diante de nós um quarto caixão, semelhante aos outros, embora fosse ainda mais esplêndido e mais bonito do que o terceiro. Que momento indescritível para um arqueólogo! Mais uma vez fomos confrontados com o desconhecido. O que esse último caixão conteria? Com a emoção mais profunda, corri as travas nas últimas portas sem lacre, e elas se abriram lentamente. Diante de nós, enchendo o caixão inteiro, o imenso sarcófago de quartzo amarelo apareceu; estava intacto, como se mãos piedosas tivessem acabado de fechá-lo. Que aspecto inesquecível, tão magnífico! Foi ainda mais

emocionante do que o brilho de ouro nos caixões. No final do sarcófago correspondente aos pés, uma deusa protetora abriu os braços e as asas como se quisesse segurar o intruso. Com muito respeito, estávamos diante deste sinal claro ... »

Foram necessários oitenta e quatro dias de trabalho físico pesado para transportar os caixões da câmara funerária.

Os quatro caixões juntos compunham cerca de oitenta partes, cada uma das quais era extremamente pesada, pesada e altamente frágil.

Então, uma coisa inesperada aconteceu quando Carter contratou um trabalhador especializado para juntar as peças espalhadas. Ele então admirou o domínio dos artesãos que construíram os caixões e que, antes de desmontá-los, colocaram cuidadosamente o número e os sinais correspondentes à sua colocação em cada peça. No entanto, ele censurou severamente o trabalho daqueles que o montaram.

"Porque sem dúvida", diz ele, "eles fizeram isso com muita pressa e não foram pessoas muito cuidadosas, porque confundiram as diferentes partes e as colocaram nas direções erradas, de modo que, por exemplo, as portas do caixão em vez de se abrirem para a direita eles abrem para a esquerda. Podemos perdoar esse erro. Mas existem outras negligências que nos parecem imperdoáveis. Por exemplo, os ornamentos de ouro estão deteriorados, você pode ver traços violentos dos golpes que eles atingiram com o martelo. Em alguns lugares, eles partiram pedaços inteiros e não tiveram o cuidado de remover as lascas de madeira e outros detritos. ”

Finalmente, em 3 de fevereiro, os pesquisadores viram o sarcófago pela primeira vez completamente limpo. Era uma obra de arte esculpida em um bloco monumental do quartzo amarelo mais nobre, com 2,75 metros de comprimento por 1,50 de largura e 1,50 de altura. Uma laje de granito a cobria.

Quando os guindastes que tinham que levantar essa laje, cujo peso era superior a doze quintais, começaram a trabalhar com suas fortes

flexões, muitos visitantes da categoria se reuniram novamente no túmulo. "No meio de um profundo silêncio, a laje gigantesca se elevou ..." O primeiro aspecto decepcionou a todos; apenas um grande número de telas podia ser visto cobrindo tudo. Eles ficaram muito impressionados ao olharem para o próprio rei, quando um pano após o outro foi removido.

Seu corpo foi o que você viu? Não ele era a máscara de ouro do príncipe quando ainda era quase criança. O ouro brilhava como se tivesse acabado de ser trazido da oficina. A cabeça e as mãos ofereciam formas perfeitas e o corpo era trabalhado em um relevo plano. Nas mãos cruzadas estava a insígnia real: o cajado curvo e o leque de cerâmica azul embutido. O rosto era de ouro puro; olhos de aragonita e obsidiana; as sobrancelhas e as pálpebras, de cristal de cor lápis-lazúli. Esse rosto, de várias tonalidades, lembrava uma máscara e produzia uma impressão rígida e, ao mesmo tempo, dava a sensação de estar vivo. Mas o que mais impressionou Carter e os outros presentes foi, como ele descreve, "... aquela pequena coroa de flores, uma emocionante despedida da jovem viúva. Todo o esplendor real, toda a magnificência, todo o brilho do ouro empalideceu diante daquelas flores murchas que ainda mantinham o brilho fosco de suas cores originais. Eles nos disseram mais claramente do que qualquer outra coisa que os milênios se passaram ». E quando, no inverno de 1925 a 26, Carter desceu ao túmulo novamente, fez esta importante observação: «Mais uma vez somos movidos pelo mistério do túmulo, pelo respeito e veneração pelo que aconteceu há muito tempo e que, sem No entanto, ele mantém seu poder. Mesmo em seu trabalho puramente mecânico, o arqueólogo nunca perde essa timidez. Devemos interpretar essa observação

como uma simples manifestação humana, igual à relacionada à coroa da flor, nunca como sentimentalismo. E é sempre bom verificar que também no peito do homem mais severo da ciência bate um coração.

Não é possível, em nossa história, refletir sobre os pequenos detalhes e eventos que acompanharam a abertura dos caixões. O trabalho foi lento e doloroso, porque naquele espaço estreito havia sempre a ameaça de dar involuntariamente um passo ruim, de fazer um movimento errado, de colocar os instrumentos incorretamente e, portanto, uma viga de suporte se rompia causando alguns danos. sepultura nos tesouros encontrados. Exatamente o mesmo que na tampa do primeiro caixão, na tampa do segundo estava a imagem do jovem faraó em pompa solene, ricamente adornada sob a figura de Osíris. Nada de novo foi oferecido quando o terceiro caixão foi limpo. Durante todo esse trabalho, quem participou ficou impressionado com o peso inexplicável. E

aqui estava outra surpresa, que nunca faltava nesta tumba.

Quando Burton tirou suas fotografias, quando Carter removeu a pequena guirlanda de flores e a tela que o protegia, a razão desse enorme peso foi explicada.

O terceiro caixão, com 1,85 metros de comprimento, era de ouro maciço com uma espessura de 2,5 a 2,3 milímetros, o que tornava incalculável o valor do material.

Essa surpresa, que pode realmente ser descrita como agradável, foi imediatamente seguida por outra que suscitou os piores temores entre os pesquisadores. Já no segundo caixão, havia sido verificado que os ornamentos haviam sofrido os efeitos da umidade. Agora se viu que todo o espaço entre o segundo e o terceiro caixões estava cheio de uma massa sólida e negra que quase alcançava o topo. Era fácil separar dessa massa de peixe um colar de fileira dupla de ouro e contas de cerâmica; mas então os pesquisadores se perguntaram ansiosamente: "Que desastre as pomadas usadas em excesso causaram na múmia?"

Lucas imediatamente começou a analisar os óleos. Tinha que ser uma substância líquida ou semi-líquida, cujos materiais fundamentais eram gorduras e resinas. A existência do peixe, ao qual a massa cheirava

após o aquecimento, não pôde ser verificada. Todo mundo estava experimentando tensão febril novamente; mas agora eles estavam realmente no último momento decisivo.

Algumas unhas de ouro foram arrancadas, o topo do último caixão foi levantado com suas alças de ouro e a múmia foi descoberta. Tutankhamon, a quem eles procuraram por seis anos, estava verdadeiramente diante deles.

"Nesses momentos", diz Carter, "a fala está perdida!"

Algumas unhas de ouro foram arrebentadas, a tampa foi levantada: quem seria esse faraó, esse Tutancâmon, que fora homenageado com uma sepultura tão grande? Coisa surpreendente: ele era um rei insignificante. Ele faleceu aos dezoito anos de idade, foi genro de Amenophis IV, Eknathon, o rei herege e provavelmente também seu verdadeiro filho. Sua juventude foi passada durante a reforma religiosa de seu

sogro, que substituiu o culto de Amon pelo de Aton, com um ritual de adoração ao sol de caráter unitário, espiritualista e igualitário. Mais tarde, ele voltou à antiga religião, como a mudança nos mostra. de seu nome, Tutankatón, que se tornou o de Tutankhamon, com quem o conhecemos. Sabemos que, politicamente, o tempo de seu governo foi muito turbulento. Vemos nos relevos como ele atropela os prisioneiros de guerra e como, em batalha, ele mata longas fileiras de inimigos, verdadeiramente real. Mas não sabemos ao certo se ele realmente participou de alguma campanha. Nem sabemos a duração exata de seu reinado (por volta de 1350). O trono foi recebido por sua esposa, Anches-en-Amun, que se casara com ele muito jovem e era uma bela criatura, se as reproduções não fossem exageradas.

Das inúmeras pinturas e relevos encontrados em sua tumba e também de certos objetos de uso, como o assento, que certamente tinha um

relacionamento pessoal com ele, conhecemos muitas características particulares de seu caráter que o tornam agradável.

Mas não temos consciência de suas atividades como rei ou de suas funções como governante. O mais seguro é que ser uma pessoa que morreu aos dezoito anos não fez nada de significativo. Era um brinquedo simples dos sacerdotes de Amon, que quando Amenófis IV morreu e recuperou sua influência perdida, o usou para suas ambições de casta. Carter, em seu resumo histórico, sem dúvida, com razão, diz a seguinte frase lacônica: "No que diz respeito ao nosso conhecimento, podemos dizer com segurança que a única coisa notável em sua vida foi sua morte e seu luxuoso enterro".

Mais do que uma homenagem a um faraó vitorioso, essa exibição de luxo foi a retaliação exultante de uma casta proibida.

Essa descoberta nos leva à conclusão de que, se esse faraó de dezoito anos fosse realmente enterrado com uma suntuosidade que supera todas as nossas fantasias ocidentais, que riqueza teria sido colocada nas tumbas de Ramsés, o Grande, e de Sethi I?

Berry diz de Sethi e Ramses: «Certamente, em cada uma de suas câmaras funerárias, havia tanta riqueza acumulada quanto em toda a tumba de Tutancâmon. Que tesouros inimagináveis dos túmulos dos reis devem ter caído nas mãos dos ladrões no decorrer desses três milênios?

A aparência da múmia do faraó era magnífica e terrível. Uma quantidade tão exagerada de pomada havia sido derramada nela, e agora tudo estava preso, endurecido e enegrecido.

Diferenciando-se dessa massa escura, sem contornos, a máscara dourada que cobria seu rosto brilhava com um brilho verdadeiramente real. Os pés estavam igualmente livres das pomadas escuras.

Em um processo lento e difícil, e após várias tentativas malsucedidas, após aquecê-lo a 500 graus - o sarcófago de ouro era protegido por

placas de zinco - era possível separar o caixão de madeira do dourado.

Quando ele estava se preparando para examinar o corpo da múmia - a única múmia no Vale que permaneceu intacta por trinta e três séculos -, algo que Carter

formulou dessa maneira foi revelado: "o destino, sorrindo ironicamente para o investigador, nos mostrou que os estupradores e padres que haviam dado novo abrigo às múmias sequestradas haviam feito o melhor trabalho de conservação. Pois as múmias roubadas séculos atrás ou sequestradas haviam sido removidas a tempo dos efeitos perniciosos da pomada, e embora muitas vezes tenham sido deterioradas e geralmente saqueadas, elas são melhor preservadas do que a múmia de Tutancâmon, que pelo menos no que diz respeito à sua condição foi a única decepção daquele túmulo surpreendente.

Em 11 de novembro, às quinze para as dez da manhã, o anatomista Dr. Derry fez o primeiro corte nas primeiras bandagens de linho da múmia. Exceto pelo rosto e os pés, que não tinham contato com as pomadas, a múmia estava em péssimas condições. A oxidação das partículas de resina havia causado um tipo de carbonização tão intenso que não apenas as partes principais do curativo de linho, mas até certo ponto até os tecidos e ossos da múmia foram carbonizados. A camada de pomada estava parcialmente tão endurecida que teve que ser removida com um cinzel sob os membros e o tronco.

Uma descoberta surpreendente ocorreu quando um amuleto foi encontrado sob uma almofada como uma coroa. Em si, não havia nada de extraordinário nisso. Tutankhamon dentro das ataduras de linho também foi coberto pela "armadura mágica" com inúmeros amuletos, símbolos e sinais de feitiços. Como regra, esses amuletos eram feitos de pedra. Mas este amuleto foi feito de ferro!

Este foi, portanto, um dos primeiros achados egípcios de ferro, e deve-se admitir com certa ironia que, em uma tumba onde o ouro

transbordava, um dos dados mais importantes para a história da cultura fosse dado por um pequeno pedaço de ferro. .

Soltar as últimas ataduras de linho da cabeça quase carbonizada do jovem faraó foi um trabalho difícil. O contato leve com uma escova de cabelo foi suficiente para destruir os restos do tecido decomposto. Após esse trabalho delicado, o rosto do jovem rei foi exposto. E Carter tem a palavra: «... pacífico, suave, rosto adolescente. Ele era nobre, com belos traços e lábios desenhados com linhas muito claras ».

Supera tudo o que poderíamos imaginar a abundância de jóias com as quais o rei estava coberto. Sob várias ataduras de linho havia mais e mais objetos preciosos, formando cento e um grupo. Os dedos das mãos e dos pés estavam em caixas de ouro. Das trinta e três páginas que Carter precisa apresentar seu breve exame da múmia, ele dedica mais da metade aos objetos encontrados no corpo. Este faraó de dezoito anos estava literalmente envolto em várias camadas de ouro e pedras preciosas.

O professor Derry descreve mais tarde esse exame da múmia em um artigo especial, do seu ponto de vista anatomista. Vamos mencionar apenas três de suas conclusões:

1) Demonstra como muito provável a relação de pai e filho entre Amenofis IV, Eknatón e Tutankhamun, algo de extraordinária importância para a explicação das circunstâncias dinásticas e políticas daquela época da décima oitava dinastia, que estava desaparecendo.

2) Deduz algo muito interessante para a história da arte, coincidindo com o que Carter também afirma várias vezes, ou seja, a estreita relação das artes plásticas com o realismo. Carter diz: «A máscara de ouro representa Tutancâmon como um jovem gentil e distinto. Aqueles que tiveram a sorte de ver o rosto claro da múmia podem ver com que habilidade, precisão e fidelidade à natureza o artista reproduziu as características da 18ª dinastia. Em sua obra, ele nos transmitiu desde

sempre e em um metal imperecível um magnífico retrato do jovem rei ».

3) Finalmente, o professor Derry também nos fornece um relatório preciso sobre a idade do

rei, que historicamente não foi provado. Pela composição dos ossos nas articulações, ele acredita que o faraó tinha dezessete a dezenove anos de idade. O rei provavelmente tinha dezoito anos quando faleceu.

Aqui poderíamos terminar a história da tumba do rei Tutancâmon. É verdade que, quando a câmara lateral e o pequeno tesouro foram despejados, fatos e descobertas muito importantes foram apresentados, mas não diretamente relacionados ao objeto de nosso tratado.

No entanto, ainda temos que dizer algo sobre a lenda da "maldição do faraó", sobre a morte misteriosa e não natural de mais de vinte pessoas que participaram da descoberta da tumba de Tutancâmon.

Nos quase duzentos anos da ciência arqueológica, nenhuma descoberta do mundo antigo foi tão explorada pela imprensa quanto a do túmulo de Tutancâmon. Não foi em vão que ocorreu nos nossos tempos como principais jornais, o surgimento da fotografia, cinematografia e rádio, que estavam na infância. A participação do mundo foi manifestada pela primeira vez em telegramas de congratulações; Os correspondentes da imprensa foram os segundos a aparecer na cena. Mais tarde, as notícias da descoberta de um tesouro fabuloso se espalharam por todo o mundo, e cartas de críticos espontâneos e daqueles que queriam dar seus gentis conselhos foram derramadas. Alguns anatematizaram com graves acusações por terem cometido tal sacrilégio; outros estavam procurando patentes de modas práticas para trajes fúnebres. Nós seguimos a conta de Carter. No primeiro inverno, dez a quinze cartas tolas ou pelo menos supérfluas chegavam diariamente. "Como podemos imaginar, por exemplo", pergunta Carter, "uma pessoa que

quer seriamente saber se a descoberta da tumba serve para esclarecer os supostamente terríveis eventos que ocorreram no Congo Belga?"

Depois vieram as visitas. O fluxo normal de turistas tornou-se um bando de peregrinos. Tudo foi fotografado. E, devido ao trabalho passado no túmulo, especialmente nos primeiros dias, um objeto raramente era trazido à luz, muitos fotógrafos precisavam esperar dias a fio para tirar uma foto.

Carter pôde observar como uma simples peça de roupa da múmia, que ele havia transferido para análise, foi fotografada oito vezes consecutivas na curta viagem da tumba ao laboratório adjacente.

Durante três meses do ano de 1926, o principal tópico de discussão em todo o mundo foi a figura de Tutancâmon; 12.300 turistas visitaram o túmulo e numerosos representantes de 270 sociedades, o laboratório.

Logicamente, os escritórios de jornais, que não podem privar seus leitores de notícias sensacionais, nem sempre têm editores especializados em Egiptologia; e as notícias sobre Tutankhamon, orais e escritas, recebidas em segunda ou terceira mão, devem necessariamente ter sido imprecisas ou erradas. Tal é o caráter do jornal, que dá maior importância à anedota sensacionalista do que ao conto. Era natural que a fantasia preencha as lacunas.

Hoje não é possível verificar como surgiu a história da "Maldição do Faraó". A verdade é que até o ano passado, 1930, havia muita conversa sobre isso na imprensa mundial. Apesar de tudo, não podemos dar a tudo isso mais valor do que o famoso

"misticismo dos números" de que falamos ao lidar com a Grande Pirâmide. Algo semelhante é a lenda do "trigo múmia", que sempre germina; grãos de três a quatro mil anos, originários dos antigos túmulos egípcios e que, segundo o que foi dito, não perderam a capacidade de germinar. Desde que essa história se espalhou, esse "trigo múmia" foi encontrado com muita frequência nas fendas dos túmulos dos reis por todos os turistas, especialmente se eles foram

acompanhados por um guia inteligente, que faz bons negócios com ele.
.

A "Maldição do Faraó" é um assunto tão grosseiro quanto a famosa "Maldição do Diamante da Esperança", ou como a terrível série de reveses provocada pela menos conhecida "Maldição dos Monges do Lacroma". Esses bons frades, banidos da ilha com esse nome, que fica em frente a Ragusa, o amaldiçoaram. Os proprietários subseqüentes, o imperador Maximiliano, a imperatriz Elizabeth da Áustria e o príncipe herdeiro Rodolfo, bem como o rei Luís II da Baviera e o arquiduque Franz Ferdinand, todos morreram de morte não natural.

O motivo por trás da lenda "Maldição do Faraó" foi indubitavelmente dado pela morte prematura de Lord Carnarvon. Quando ele morreu como resultado de uma picada de mosquito em 6 de abril de 1923, depois de três semanas de árdua luta com a morte, muitas vozes foram ouvidas falando de um "castigo do sacrilégio".

Sob o título de "A Vingança do Faraó", a notícia de "uma vítima da maldição de Tutancâmon" foi divulgada pouco depois. E então eles continuaram: a segunda, a sétima e até a décima nona vítima. Este último foi mencionado em um "relatório telegráfico" de Londres, datado de 21 de fevereiro de 1930, publicado por um jornal alemão. Hoje Lord Westbury, um homem de 78 anos, se jogou do sétimo andar pela janela de sua casa em Londres e foi instantaneamente morto. O filho de Lord Westbury, que na época participou como secretário do investigador Carter na escavação da tumba de Tutankhamon, também foi encontrado morto em sua casa em novembro do ano passado, embora tivesse ido dormir profundamente na noite anterior. A causa de sua morte não pôde ser encontrada. "

"A Inglaterra está horrorizada ...", escreve outro jornal, descobrindo a morte súbita de Archibald Douglas Reid ao examinar uma múmia com raios-X, depois que a

21ª vítima do faraó, o egiptólogo Arthur Weigall, "também sucumbiu a os efeitos malignos de uma febre desconhecida ».

Então AC Mace também morreu, que junto com Carter abriu a câmara funerária; Mas essas informações ocultam o fato de Mace estar doente há muito tempo, que ele ajudou Carter, apesar de sua doença, e que mais tarde, por causa disso, ele deixou o emprego.

Por fim, ele morreu não menos do que "suicídio causado por um ataque de loucura", o meio-irmão de Lord Carnarvon, Aubrey Herbert. E a estatística impressionante continua: em fevereiro de 1929, Lady Elizabeth Carnarvon morreu como resultado de "uma picada de inseto". Em 1930, de todos os que haviam participado mais intimamente da expedição, viviam apenas Howard Carter, o descobridor da sepultura.

"A morte se aproximará rapidamente daqueles que perturbam o resto do faraó", diz uma das muitas versões da "maldição" que Tutancâmon aparentemente escreveu para escrever em seu túmulo.

Uma vez que se espalhou a notícia de que um certo Sr. Carter havia morrido misteriosamente na América, vítima de um acidente, foi dito que o faraó impediu o homem que descobrira sua sepultura, punindo um de seus parentes. Mas então, um grupo de arqueólogos sérios, irritado por tanta tolice, assumiu o assunto.

O próprio Carter deu a primeira resposta. Ele argumentou que "o investigador descarta seu trabalho com todo respeito e com uma seriedade profissional sagrada, mas livre desse terror misterioso, tão agradável ao espírito supersticioso da multidão ansiosa por sensações". Ele fala de "histórias ridículas" e de uma "degeneração atualizada de lendas desatualizadas de fantasmas" e termina examinando objetivamente os relatos de que passar do limiar da sepultura era de fato um perigo, que talvez pudesse ter sido explicado cientificamente. No entanto, ele acrescenta que, precisamente para evitar esse perigo, são tomadas as devidas precauções antes de entrar no ambiente doentio e rarefeito do mesmo.

A última frase de Carter é amarga quando ele observa: “Todo espírito de entendimento inteligente está ausente dessas manifestações estúpidas. Isso mostra que ainda não fizemos tantos progressos nesta área quanto muitos gostam de acreditar. ”

Com um bom instinto de publicidade, o egiptólogo alemão Georg Steidorff também respondeu em 1933. Ele tenta verificar as notícias cuja origem ainda não foi descoberta. Ele observa que o falecido Sr. Carter na América não tem nada em comum com o egiptólogo Howard Carter além do sobrenome. Ele também descobre que os dois Westbury não tinham absolutamente nada a ver com o túmulo do faraó ou a múmia, direta ou indiretamente. E ele mantém o argumento mais poderoso, depois de muitas outras razões: a "maldição do faraó não existe"; nunca foi listado ou contido em nenhuma inscrição.

Confirma o que Carter já indicou: que "o ritual fúnebre egípcio não contém maldição dessa natureza para a pessoa viva, mas apenas o pedido de que desejos piedosos e benevolentes sejam dirigidos aos mortos".

O desejo de transformar em maldições as escassas fórmulas protetoras dos falecidos contra todas as formas ou feitiços encontrados em algumas figuras mágicas nas câmaras sepulcrais, constitui uma evidente falsificação de seu significado. Essas fórmulas tentam "afastar o inimigo de Osíris - do morto, da maneira que ele se apresentar".

Desde a descoberta do túmulo de Tutancâmon, numerosas expedições têm funcionado no Egito. Em 1939, 1940 e 1946, o professor Fierre Montet descobriu em Tanis toda uma série de tumbas reais das dinastias XXI e XXII, entre as quais a do faraó Psusenes. Nas galerias subterrâneas, com mais de mil metros de comprimento, escavadas na rocha, o professor Sami Gabra encontrou locais de culto ao deus Ibis e inúmeras sepulturas de animais sagrados. Uma expedição financiada pelo rei Farouk também empreendeu uma viagem ao início da história do Egito, que resultou na descoberta de túmulos dos séculos II e III aC. de JC Em 1941, os médicos Ahmad Badawi e Mustapha El-Amir

descobriram em Memphis - coincidentemente, já que estavam realmente encarregados de outra escavação - uma estela dedicada a Amenophis II e a tumba intacta do príncipe Sesank, na qual havia um grande número de jóias .

Como começamos este capítulo? Era o dia das campanhas napoleônicas em sua expedição ao país do Nilo; Foi o nascimento de um garoto de pele escura chamado Jean François Champollion. Na época em que Napoleão falhou e Champollion aprendeu as primeiras línguas estrangeiras, em Göttingen um professor estava sentado diante de cópias de inscrições raras. Quando ele descobriu o que esses sinais significavam, estava aberto o caminho para a conquista científica de outro império ainda mais antigo que o egípcio: o do país localizado entre o Eufrates e o Tigre, onde ficava a Torre Bíblica de Babel, onde ficava a Torre Bíblica. esplendor de Nínive e Babilônia, e onde o declínio de cidades famosas foi vivido.

III O LIVRO DE TORRES

"Meu pai e o pai de meu pai, antes de mim, construíram suas tendas bem aqui ...

Por doze séculos, os verdadeiros crentes - e Deus sejam louvados, porque somente eles possuem a verdadeira sabedoria - se estabeleceram neste país e nenhum deles jamais ouviu falar de um palácio subterrâneo, nem alguém que os precedeu. Mas vamos ver! Um homem vem de um país distante do nosso por muitos dias e vai direto para aquele lugar, pega uma bengala e desenha uma linha aqui e outra ali. "Aqui", diz ele,

"era o palácio e havia a porta", e ele nos ensina o que, ao longo de nossas vidas, permaneceu sob nossos pés sem suspeitarmos disso. Maravilhoso, maravilhoso! Você descobriu isso pelos livros, por mágica, ou seus profetas lhe disseram? Fala, bey! Diga-me o mistério da sabedoria! "

Discurso do Sheik Abd-Er-Rahman dirigido ao arqueólogo inglês Layard

Capítulo XVIII

E N A B IBLIA é escrito

A Bíblia fala das expedições punitivas dos assírios, da construção da Torre de Babel, da sumptuosa cidade de Nínive, do cativeiro dos judeus, que durou setenta anos, e do rei Nabucodonosor.

Também se fala dos vasos da ira divina que sete de seus anjos derramaram no Eufrates. Os profetas Isaías e Jeremias expuseram suas terríveis visões da destruição dos

"mais belos reinos", do "maravilhoso esplendor dos caldeus", de que "sofrerão o castigo de Deus, como Sodoma e Gomorra", para que "os cães Uivos selvagens em seus palácios e chacais povoam suas moradas felizes.

Nos primeiros dezessete séculos da era cristã, a palavra da Bíblia não foi discutida, e o que estava escrito nela era sagrado para todos. As críticas começaram no século do Iluminismo; mas o mesmo século em que, com o desenvolvimento da filosofia materialista, a crítica se tornou uma dúvida permanente, trouxe ao mesmo tempo a prova de que, estritamente falando, a Bíblia continha grandes verdades, embora sua leitura tivesse sido dada a múltiplas e interpretações contraditórias.

A região entre os rios Eufrates e Tigre era completamente plana. Somente em alguns lugares subiram colinas misteriosas, açoitadas pelas

tempestades de poeira que acumularam a terra negra até formarem dunas altas que cresceram por cem anos e nos cinco séculos seguintes foram novamente destruídas pelo vento. Os beduínos que passaram por esses lugares e encontraram pastagens miseráveis para seus camelos, não sabiam que aquelas colinas escondiam algo e, como eram fiéis a crentes em Deus, o único Deus, e em Maomé, seu profeta, também não sabiam nada das palavras. da Bíblia que descreveu este país. Levou uma suspeita, uma pergunta. Era necessário o impulso de um homem do Ocidente, eram necessários alguns golpes de espancamento.

O homem que iniciou essas escavações nasceu na França em 1803. Aos trinta anos de idade, ele ainda não suspeitava da tarefa que seria a mais importante em sua vida. Neste momento, sendo médico, ele retornou de uma expedição. Quando ele chegou ao Cairo, ele tinha um grande número de gavetas e a polícia exigiu que elas fossem abertas; as gavetas em questão continham doze mil insetos cuidadosamente afixados e perfeitamente catalogados.

Quatorze anos depois, esse médico e coletor de insetos publicou uma obra em cinco volumes sobre a Assíria, tão importante para promover a exploração científica do país dos dois rios quanto a Description de l'Egypte, na investigação do país do Nilo , em vinte e quatro volumes.

Quase cem anos depois, um livro semelhante do professor Bruno Meissner, intitulado "Os reis da Babilônia e da Assíria", foi publicado na Alemanha - e a França e a Inglaterra podem citar exemplos semelhantes.

A importância deste livro não reside no seu valor científico profissional, pois seu autor pretendia apenas explicar de maneira simples a vida dos reis, cujo esplendor durou de 2.000 a 5.000 anos. A verdadeira importância deste livro e de todos os análogos de outras nacionalidades consistia, no que diz respeito à evolução da

arqueologia, no próprio fato de que tal livro pudesse ser escrito. Pois "tal exposição pressupõe um material tradicional capaz de adicionar cores

vivas à descrição da vida dos homens e mulheres mais famosos, se quisermos que eles ressurjam vivos diante de nós", está escrito na introdução.

Mas em que consistia esse material? Vamos deixar de lado as contas do Antigo Testamento e citar novamente:

"Há pouco mais de um século, toda a ciência assiriológica era um livro fechado e, ainda algumas décadas atrás, os reis babilônicos e assírios eram apenas fantasmas irreais para nós, dos quais nada sabíamos além de nomes".

É possível, em tão pouco tempo, escrever nada menos do que a história do país antigo dos dois rios, abrangendo dois mil anos, e ser capaz de desenhar fielmente a imagem e o caráter de seus reis?

O livro de Meissner demonstra que tal coisa é possível em nosso século. É claro que em poucas décadas um grupo de escavadeiras, cientistas e amadores apaixonados conseguiu criar uma cultura inteira à luz do dia. Mesmo em seu apêndice, ele nos oferece uma cronologia que, com apenas algumas lacunas, nos apresenta nomes e datas dos príncipes do país dos dois rios, uma cronologia resumida por Ernst F. Weidner, um dos assiriologistas mais extravagantes entre seus colegas, todos eles já é raro habitualmente. Por vinte anos, Weidner permaneceu nos escritórios da Berliner lllustrierte Zeitung, onde era editor assistente. Ele escreveu romances em série e fez palavras cruzadas. Mas, ao mesmo tempo, ele publicou importantes tratados sobre a cronologia assíria e uma revista internacional que publicou apenas algumas centenas de cópias e foi comprada pelas universidades e alguns cientistas. Em 1942, quando aviões de bombardeio aliados impossibilitaram todo o trabalho acadêmico na capital do Terceiro Reich, ele assumiu um cargo de professor na Áustria, o que surpreendeu enormemente todos os seus colegas berlinenses de Berlim, Zeitung, que durante vinte anos não haviam suspeitavam que eles tinham um assiriologista notável em seu escritório.

A importância de sua obra e de todos os livros semelhantes reside na própria possibilidade de sua publicação. Os resultados nele divulgados para divulgação popular constituem um triunfo científico de mais valor do que, por exemplo, a primeira cronologia egípcia de Lepsius. Nele está compilado o que três gerações de obcecados haviam reunido e reflete não apenas o triunfo de um único, mas também o de inúmeras horas de trabalho na chancelaria do consulado francês em Mossul, bem como o horário escolar de um mestre de Göttingen, aqueles que passavam sob o sol ardente das regiões do Eufrates e Tigre e também aqueles que passavam a bordo de um navio onde, sob uma lâmpada oscilante, na pequena cabine, um oficial inglês se dedica a estudar incansavelmente a escrita cuneiforme.

Esse trabalho duro e não comprovado é um triunfo que supera todos os outros na arqueologia, porque aqui quase não havia traços de grandeza do passado submerso. Aqui não havia restos de templos ou estátuas, como no solo clássico da Grécia e da Itália. Aqui não havia pirâmides ou obeliscos, como no Egito, nem locais de sacrifício, como nas florestas de Yucatán e México, que lembram hecatombas sangrentas. Os rostos rígidos dos beduínos e curdos não revelavam em nenhuma de

suas características traços da grandeza de seus ancestrais. Suas lendas atingiram apenas a rica era Harun-al-Raschid, e o que havia acontecido antes estava envolto na escuridão do passado.

E os idiomas que ainda viviam e ainda eram falados não demonstravam nenhuma relação compreensível com os idiomas dos milênios anteriores.

É por isso que o triunfo é maior, porque o único ponto de partida para os pesquisadores foram apenas algumas frases da Bíblia, além de certas colinas dispersas que não pareciam se adaptar totalmente à planície empoeirada entre os rios. Talvez também alguns pedaços de argila que pudessem ser encontrados ali cobertos com estranhos sinais cuneiformes e que, no entanto, fossem considerados sem sentido, pois,

segundo a explicação de um observador primitivo, parecia que “foram pisoteados pelos pássaros”. quando a lama ainda estava molhada.

Capítulo XIX

BOTTA ENCONTRA CIDADE DE NINIVE

Aram-Nacharaim, Assíria entre rios. Este é o nome da terra dos dois rios no Antigo Testamento. Havia as cidades nas quais a ira divina foi derramada. Ali, em Nínive, e mais ao sul, na grande Babel, reinavam os terríveis reis que adoravam outros deuses, e assim foram exterminados da face da terra.

Conhecemos aquele país com o nome de Mesopotâmia, que em grego significa a mesma coisa: entre rios. Hoje se chama Iraque e Bagdá é sua capital. Ao norte, faz fronteira com a Turquia, a oeste com a Síria e a Jordânia, a sul com a Arábia Saudita e a leste com a Pérsia, hoje chamada Irã.

Na Turquia, nascem os dois rios famosos que fazem do país o berço de uma cultura, como o Nilo fez com o Egito. Aqui eles são chamados de Eufrates e Tigre. Eles vão do noroeste ao sudeste, se unem pouco antes de chegar a Basra, o que não era o caso nos tempos antigos, e despejam suas águas no Golfo Pérsico. A Assíria, o antigo país de Asur, se estende para o norte ao longo do Tigre, um rio com correntes muito fortes. Babilônia, o antigo reino da Suméria e Achad, se estende, ao sul, entre o Eufrates e o Tigre, até as águas verdes do Golfo Pérsico. Em um dicionário de 1867, na voz Mesopotâmia, encontramos a seguinte observação: «Este país conheceu seu apogeu durante os domínios assírios e babilônicos. Com os árabes, foi a sede dos califas e alcançou um novo período de esplendor. Seu declínio começou com as invasões dos seljúcidas, dos tártaros e dos turcos, e hoje é um deserto em grande parte desabitado ".

Nesse paramo, as misteriosas colinas se erguem, planas, com bordas íngremes e muitas fendas, abertas como as do queijo de ovelha seco feito pelos beduínos. Tais colinas despertaram a fantasia de alguns homens, que aqui, na terra dos dois rios, a arqueologia pôde celebrar seus primeiros grandes triunfos como ciência da escavação.

Quando jovem, Paul Emile Botta fez uma viagem ao redor do mundo. Em 1830, ele entrou ao serviço de Mohamed Ali como médico e participou de uma expedição egípcia a Sennaar, enquanto ele ainda colecionava insetos. Em 1833, o governo francês o nomeou cônsul em Alexandria. Ele fez uma viagem à Arábia e escreveu um extenso livro sobre esse país. Em 1840, ele foi nomeado agente consular em Mossul, uma cidade localizada no alto Tigre. Quando o sol se dirigia ao pôr-do-sol e Botta fugiu do calor abafado dos bazares e seguiu para o campo, ele contemplou aquelas colinas estranhas

...

Ele não foi o primeiro a quem as famosas colinas chamaram atenção. Outros viajantes, Kinneir, Rich, Ainsworth, também suspeitaram que sob tais montes poderia haver ruínas. O mais interessante de todos esses cientistas foi CJ Rich, uma criança prodígio como Champollion, que começou a estudar línguas orientais aos nove anos de idade; aos catorze anos, ele já estudava chinês, aos vinte e quatro era um consignatário da Companhia das Índias Orientais, em Bagdá, e fez muitas viagens pelo país dos dois rios que proporcionavam preciosidades preciosas à ciência da época. As diplomatas inglesa e francesa forneceram mais homens de estatura universal à ciência e à arte do

que, por exemplo, russos, alemães ou italianos; homens que foram excelentes representantes de seus países no exterior por seu caráter sempre um tanto aventureiro e por sua capacidade de combinar suas obras científicas e artísticas, bem como por seu interesse nas altas manifestações do espírito humano, com um alto senso de necessidades políticas. Novos exemplos do que dizemos, mais recentemente, encontramos na França as pessoas de Paul Claudel e André Malraux, e na Inglaterra, na figura do coronel TE Lawrence.

Botta também pertencia a essa classe de homens. Emile Botta era médico e interessado nas ciências naturais; Diplomata de hobby e profissão, sabia tirar proveito de todos os seus abundantes

relacionamentos sociais para seus gostos, e sua curiosidade não tinha limites; mas ele não era um arqueólogo. O único conhecimento útil para o seu futuro era a linguagem do povo indígena, a faculdade adquirida em suas viagens para estabelecer relações amistosas com os seguidores do Profeta e, finalmente, uma energia sem limites que nem o clima do Iêmen, freqüentemente mortal, nem as planícies pantanosas do Nilo foram capazes de aniquilar.

Com toda essa bagagem, ele começou seu trabalho. Se examinarmos seus métodos em perspectiva, veremos que ele não partiu de um plano, nem de uma hipótese arrojada, e que no final ele se baseou apenas em uma vaga esperança, misturada com uma grande curiosidade, pois, no final, seu triunfo Ele se surpreendeu tanto quanto o mundo inteiro.

Noite após noite, ele se trancava em seu escritório e, com tenacidade insuperável, estudava a paisagem ao redor de Mossul. Ele estava visitando casa em casa, cabana em cabana, e em todos os lugares fazia a mesma pergunta: você tem antiguidades? Jarros antigos? Algum copo velho? Onde você conseguiu os tijolos com os quais construiu este estábulo? De onde vêm esses pedaços de barro com esses estranhos sinais em forma de cunha?

Ele comprou tudo o que lhe era apresentado; mas quando ele tentou fazer com que os homens lhe mostrassem de onde as peças vieram, eles deram de ombros, apenas disseram o coro de que Alá é ótimo e certamente foi por isso que ele espalhou esses pedaços de barro duro por toda parte, e para procurar ao seu redor.

Botta, percebendo que, perguntando às pessoas que não conseguiu localizar um local de descoberta, decidiu afundar a picareta na primeira colina que se apresentava a ele, perto de Kuyunjik.

Esse não foi o predestinado para Botta naquele primeiro ano de escavações. E

outro descobriria mais tarde que naquela colina estava escondido um palácio de Assurbanipal, o Sardanapalus dos gregos. Botta, enquanto

isso, cavou em vão.

Temos que imaginar o que significava resistir a empregos sempre malsucedidos; que significava tanto trabalho sem sentir o apoio de uma leve indicação, impulsionada apenas pela vaga idéia de que aquelas colinas deviam esconder algo que valeria a pena, mas não encontrando nada além de pedaços de tijolo cobertos por esses sinais que ninguém sabia decifrar, algum torso de uma estátua tão desfeita que seu conjunto não podia ser adivinhado, ou que parecia tão primitivo que nem mesmo a

fantasia mais poderosa conseguiu tirar alguma coisa deles. E assim, dia após dia, semana após semana, mês após mês. Então, por um ano inteiro.

O estranho é que Botta, após este primeiro ano de prestar atenção aos muitos relatos falsos dos povos indígenas, não prestou a menor atenção a um árabe charlatão que, em seu jargão abundante em imagens, lhe contou sobre uma colina onde ele encontraria todas essas coisas que os franceses queriam. Ele já o expulsava do campo quando o árabe, insistindo cada vez mais, especificou que ele era de uma cidade remota e que havia aprendido lá os desejos dos franceses, que apreciava os franceses e queria ajudá-los. Os franceses estavam procurando tijolos com inscrições? Bem, em Korsabad, sua cidade natal, havia muitos deles. Ele sabia muito bem disso, pois seu próprio forno a havia construído com essa classe de tijolos e todas as pessoas da cidade sempre o faziam.

Finalmente, Botta enviou alguns de seus homens com ele. Eles tiveram que viajar cerca de dezesseis quilômetros para chegar a Korsabad.

O fato de Botta ter enviado essa pequena expedição tornou seu nome imortal na história da arqueologia. Em vez disso, o nome desse árabe foi tomado pelo vento. Botta foi o primeiro a trazer à luz os primeiros restos de uma cultura que floresceu por quase dois milênios e depois foi

enterrada por mais dois milênios e meio sob uma terra esquecida por todos os homens.

Uma semana depois de Botta ter enviado seu povo para explorar o terreno, um mensageiro muito animado voltou. Ele disse que assim que o pico afundou, eles colidiram com algumas paredes, e quando a primeira lama foi limpa das pedras, inscrições, relevos, esculturas de animais fabulosos foram expostos ...

Botta montou um cavalo e se mudou para aquele lugar; algumas horas depois, ele havia entrado em um túmulo e admirado as figuras mais estranhas; homens barbudos, animais alados, figuras que superavam tudo o que a imaginação pode conceber em formas, como nunca foram vistas no Egito, como nunca foram apresentadas aos olhos de um europeu. Alguns dias depois, ele foi à procura de todo o seu povo kuyunjique. A picareta e a pá estavam em ação. Restos do muro apareceram em números crescentes. Até o momento em que Botta não tinha mais a menor dúvida de que, se não a cidade de Nínive, ele descobrira pelo menos um dos palácios mais notáveis dos antigos reis assírios,

Chegou o momento em que ele não podia mais esconder essas notícias de outras pessoas, e ele as comunicou a Paris, à França e ao mundo.

"Penso", escreveu ele com orgulho, e em grandes cartas anunciadas pelos jornais

", que sou o primeiro a descobrir esculturas que podem ser atribuídas ao auge de Nínive em todos os aspectos razoáveis".

A descoberta do primeiro palácio assírio não foi apenas uma notícia sensacional na imprensa européia, mas também uma novidade de primeira linha para a ciência. Até então, acreditava-se que o berço da Humanidade estava no Egito, porque em nenhum lugar como no país dos faraós e de suas múmias era possível voltar até a História dos

homens. Somente a Bíblia falava do país dos dois rios, que para a ciência do século XIX

era uma simples "coleção de lendas". Foi dada mais importância às alusões veladas dos escritores antigos, que embora não fossem incríveis, eram muitas vezes contraditórias e inconsistentes com os dados da Bíblia.

É por isso que a descoberta de Botta significou, nem mais nem menos, confirmação de que no país dos dois rios uma civilização floresceu pelo menos tão antiga, talvez mais, se acreditarmos no que a Bíblia afirma, e que essa cultura alcançou um desenvolvimento magnífico e poderoso até que foi exterminado com sangue e fogo A França estava entusiasmada e todos os meios foram generosamente mobilizados para facilitar a continuação de seu trabalho por Botta. Ele cavou por três anos, de 1843 a 1846, trabalhando contra o clima, contra as estações do ano, contra os povos indígenas e contra o paxá, o governador turco a quem o país estava sujeito e que era um déspota. Esse rico funcionário ganancioso do governo turco viu apenas uma explicação para os esforços de Botta: ele certamente estava procurando ouro!

Ele prendeu os trabalhadores indígenas de Botta, ameaçou-os com tortura e prisão, na tentativa de encontrar as razões do mistério dos franceses; Ele cercou a colina ao redor de Korsabad com guardas e enviou relatórios para Constantinopla. Mas a tenacidade de Botta era inabalável; não foi em vão que ele era um diplomata para usar intrigas contra intrigas. Então, o paxá permitiu oficialmente que os franceses agissem, mas proibiu todos os povos indígenas, ameaçando-os com terríveis punições, para ajudar de qualquer maneira aqueles que "apenas queriam construir uma fortaleza contra a liberdade dos povos da Mesopotâmia".

Mas Botta, sem se deixar intimidar, promoveu as escavações.

Os terraços gigantes do palácio foram expostos. Todos os especialistas que se lançaram nas primeiras notícias da descoberta o identificaram

como o palácio do rei Sargón, mencionado nas profecias de Isaías; eles disseram que era o palácio de verão em torno de Nínive, uma espécie de Versalhes, um gigantesco Sanssouci do ano 709

a. J. C, construído após a conquista da Babilônia. Muro após muro, pátios com galerias suntuosamente decoradas, suntuosos corredores e câmaras emergiam dos escombros, um harém dividido em três partes e os restos de uma torre com vários terraços.

A abundância de esculturas e relevos causou emoção. De repente, o povo misterioso dos assírios emergiu da noite dos tempos. Aqui estavam suas imagens, seus pertences, suas armas; aqui eles eram vistos em seu trabalho doméstico, na guerra, na caça.

No entanto, as esculturas, em geral frágeis de alabastro, subitamente despidas de sua camada protetora de detritos, desmoronaram ao entrar em contato com o sopro ardente do deserto. Eugéne Napoleón Flandin, um famoso cartunista que viajou pela Pérsia e publicou várias obras ilustradas sobre antiguidades, veio de Paris, em nome do governo, sendo para Botta o que Vivant Denon fora para a "Comissão Egípcia" de Napoleão. Mas Denon havia desenhado o que fora preservado, enquanto Flandin tinha a delicada missão de manter no papel aquelas obras frágeis que se desfaziam aos seus olhos.

Botta conseguiu carregar uma série de esculturas em almadías para o seu transporte fluvial. Mas o Tigre, cuja corrente era alta em estado selvagem, um rio de

montanha completamente indomável, não tolerava esse peso incomum. Os troncos da balsa caíram, perderam a estabilidade, a balança foi desfeita e os deuses e reis da Assíria, emergindo das sombras, submergiram novamente nos do leito do rio.

Mas Botta não estava desanimado. Ele enviou uma nova remessa rio abaixo. Tomando todas as medidas de precaução possíveis, desta vez foi bem-sucedida. As pedras valiosas foram coletadas por um navio e logo depois as primeiras esculturas assírias foram desembarcadas em

solo europeu. Alguns meses depois, eles estavam em exibição no Museu do Louvre, em Paris.

Botta estava então encarregado de preparar e encomendar o extenso material gráfico e uma comissão de nove homens da ciência estava encarregada de publicá-lo. Continha Burnouf, chamado para ser um dos arqueólogos franceses mais importantes, e quem Heinrich Schliemann citava com frequência 25 anos depois, chamando-o de "amigo sábio". Havia também um inglês chamado Layard, cuja fama logo ultrapassou a de Botta, cujos passos ele já estava seguindo e que se tornaria um dos arqueólogos mais afortunados que afundaram seus bicos nos escombros antigos.

Mas o avanço em solo assírio, Botta, que significou para este país o que Belzoni fez no Egito, a escavadeira inescrupulosa, o homem que buscou o espólio do Louvre, nunca pode ser esquecido. Outro cônsul francês, Victor Place, foi comissionado após a missão do colecionador em Nínive, um papel que Mariette desempenhou no Cairo.

Mas o grande livro de Botta conta entre as obras clássicas da arqueologia. Seu título é: Monuments of Ninive découverts and décrits by Botta, mesures et dessinés by Flandin. Em dois anos, 1849-1850, cinco volumes apareceram. Os dois primeiros contêm tabelas sobre arquitetura e escultura; o terceiro e o quarto, as inscrições coletadas, e o quinto, as descrições.

Capítulo XX

E L DECIFERENTE de cuneiforme

Em que mãos esse trabalho caiu? Quem leu seu terceiro e quarto volumes? Quem entendeu as inscrições coletadas lá?

A história de todos os trabalhos científicos mostra que pode demorar muito tempo, desde a descoberta até o uso prático de seus resultados.

Mas quando Botta, além das esculturas, ele também colecionou tijolos cobertos com esses estranhos sinais cuneiformes; quando ele ordenou fazer uma cópia no desenho e enviar esses desenhos para Paris, sem ter idéia de como tais sinais podiam ser lidos, já havia em toda a Europa e no Oriente Médio um grande número de sábios que tinham, durante anos, a chave para sua leitura . Exatamente quarenta e sete anos. E para avançar na decifração, eles só precisavam de inscrições novas, autênticas e mais variadas do que haviam estudado anteriormente. Mas os marcos fundamentais para a decifração dos sistemas de escrita cuneiforme já haviam sido marcados antes da descoberta do primeiro muro do palácio de Sargón, antes de se conhecer algo sobre Nínive, onde Layard trabalhava agora, quando nada mais se sabia do que o que foi dito por a Bíblia. Após os trabalhos iniciais de Botta, seguidos pelas descobertas de Layard e enriquecidos pelo conhecimento de um inglês ousado que, apenas para copiar uma inscrição, se aventurou pelas pedras penduradas em uma corda presa a um conjunto de polias, os resultados a partir dessa escavação, as descobertas, as decifrações, as correções e os conhecimentos filosóficos e históricos sobre os povos antigos em geral se uniram, em apenas dez anos, em um material arqueológico tão sólido que, em meados do século passado, os meios científicos já podiam extrair imediatamente todas as consequências de cada descoberta que foi feita.

É curioso que o primeiro homem a dar um passo decisivo na decifração dos escritos cuneiformes não tenha sido motivado pela curiosidade científica, mas por uma razão muito trivial.

Foi um alemão, em 1802, professor assistente na escola comunitária de Göttingen, um jovem esperançoso de 27 anos que decifrou o método, que merece a qualificação de gênio, as dez primeiras letras de um roteiro cuneiforme. E ele fez isso por uma aposta!

Desde o século XVII, temos notícias da existência de escritos cuneiformes. O

viajante italiano Pietro della Valle enviou as primeiras cópias para a Europa; Aston relatou, em 1693, nas Transações Filosóficas, duas linhas reproduzidas por uma certa Flor, um agente da Companhia das Índias Orientais da Pérsia. As notícias mais sensacionais não apenas sobre escrituras e monumentos, mas também sobre o país e os habitantes dessas regiões, foram transmitidas por Karsten Niebuhr. Esse cidadão de Hannover, a serviço de Frederico V da Dinamarca, entre 1760 e 1767 viajou com outros pesquisadores no Oriente. Porém, após o primeiro ano, todos os participantes da expedição morreram, exceto Niebuhr, um homem intrépido, que só seguiu a viagem,

voltou sã e salva com sua "Descrição da viagem à Arábia e aos países vizinhos", publicou o livro que Napoleão sempre carregava com ele em sua viagem ao Egito.

As primeiras cópias de escritos cuneiformes que, depois de muitos desvios chegarem à Europa, geralmente não vinham do território assírio-babilônico, interpretando esse nome no sentido geográfico mais estrito. Mesmo no século XVIII, o famoso orientalista inglês Hyde declarou que estes eram ornamentos de pedra, não escritos; quase todos esses espécimes vieram de ruínas sete milhas a nordeste de Schiras, uma gigantesca pilha de escombros que Niebuhr já considerava, com razão, os restos da antiga Persépolis.

Essas ruínas de Persépolis pertencem a uma cultura mais recente que a trazida à luz pela pá de Botta em 1840. São os restos da residência de Dario e Xerxes, do imenso palácio que Alexandre, o Grande, destruiu

durante uma bacanal, « quando ele já havia perdido o controle dos sentidos », diz Diodoro. E Clitarco nos diz a mesma bacanal, mas acrescenta que foi a dançarina ateniense Tais quem, na embriaguez da dança, pegou uma tocha do altar e a jogou entre as colunas de madeira do palácio, e depois Alexander, que estava bêbado , imitou-a. (Droysen, em sua History of Hellenism, diz dessas histórias que "nelas" as lendas foram inventadas com grande engenhosidade, mas à custa da História ".) Os príncipes medievais do islamismo ainda residiam em um palácio assim; mas depois as ovelhas pastavam entre suas ruínas. Os primeiros viajantes a saquearam, e dificilmente existe um museu grande que não possa apresentar fragmentos de relevos persepolitanos.

Flandin e Coste desenhavam essas ruínas; Andreas e Stolze os fotografaram em 1882. O palácio de Dario serviu como pedreira, exatamente o mesmo que no Coliseu de Roma. No século passado, de década em década, o desaparecimento progressivo das ruínas pôde ser seguido. De 1931 a 1934, Ernst Herzfeld, encomendado pelo

"Instituto Oriental" da Universidade de Chicago, liderou as primeiras investigações verdadeiramente metódicas desse campo de ruínas, que ao mesmo tempo serviram para testar métodos eficazes para sua preservação.

Nesta região, as culturas se sobrepõem como em nenhum outro lugar; Um exemplo disso é o seguinte: um árabe leva algumas placas de argila para o arqueólogo, talvez da região de Behistun, coberto com uma escrita cuneiforme, da qual se fala Dario, o rei persa. O arqueólogo, que sempre tem seu Heródoto em mãos, procura dados do historiador grego e de novas explorações, e sabe que Dario estava no auge de seu poder por volta de 500 anos aC. JC, uma época em que formou o centro de um império gigantesco. Examinando outras placas, ele encontra alusões sobre a sucessão das gerações antigas, sobre a guerra, as devastações e companhias mortais, Você também pode encontrar alusões a Hamurabi, por exemplo; a outro império gigantesco que estava em seu mais alto esplendor por volta de 1700 a. de JC, ou rei Senaqueribe, que, no final do século VII, também criou um terceiro

império gigantesco. E para finalizar o ciclo dos impérios, o arqueólogo só precisa seguir o árabe. Na esquina seguinte, ele se aconchega ao lado de um círculo de pessoas e, fascinado, segue a história de um homem que explica histórias, e com uma voz monótona e longas pausas ele fala sobre Harum, o maravilhoso califado que cerca de 800, quando o O Ocidente já era governado por Carlos Magno, atingiu o pico de seu poder e sua máxima sabedoria. Se somarmos a isso nosso conhecimento mais recente

sobre a terra dos dois rios, podemos afirmar que, entre Damasco e Schiras, grandes centros de cultura floresceram nos tempos antigos, que dominavam uma área ampla e sempre exerciam uma influência muito poderosa sobre o mundo antigo. Essas culturas, desenvolvidas em um escopo tão pequeno, mas se entrelaçando e fertilizando, embora sejam independentes, produzem frutos há mais de cinco milênios.

Cinco milênios da história humana, muitas vezes terríveis, mas também frequentemente sublimes. Comparadas a essa riqueza que foi apresentada ao arqueólogo na terra dos dois rios, as nove camadas encontradas por Schliemann em sua escavação das ruínas de Tróia eram um problema elementar, pois apenas uma delas tinha um verdadeiro valor histórico. As camadas de baixo valor da civilização são inúmeras na Mesopotâmia; apenas uma cidade da era acadiana do século III aC. JC

tinha cinco camadas diferentes de civilização e naquele tempo a Babilônia ainda não existia.

Os imensos períodos de tempo que isso envolveu evoluíram não apenas idiomas, mas também escrituras. Como os hieróglifos, eles não eram todos idênticos. A escrita cuneiforme também não era. Os documentos que Botta enviou a Paris pareciam completamente diferentes dos que Niebuhr trouxera de Persépolis. Por esse motivo, nas primeiras publicações sobre a decifração da escrita cuneiforme, não há menção de inscrições assírias ou babilônicas, mas apenas de inscrições persepolíticas. Aquelas placas, de dois milênios e meio, se tornariam a

chave para todas as que mais tarde emergiriam das ruínas dos vales do Eufrates e do Tigre.

Sua decifração é ótima. É uma das obras-primas do cérebro humano e deve ser paralelo às maiores realizações científicas e técnicas do espírito.

Em 9 de junho de 1775, Georg Friedrich Grotefend nasceu em Münden (Alemanha). Primeiro em sua cidade natal e depois em Ilefeld, ele se preparou para ensinar e depois estudou Filologia em Göttingen; em 1797, ele era professor assistente em uma escola comunitária; em 1803, pretoretor; depois co-reitor do Instituto, em Frankfurt am Main; em 1817, ele fundou uma sociedade de filólogos; em 1821 ele foi nomeado diretor do Lyceum em Hannover; em 1849, ele foi aposentado, conforme apropriado, para um funcionário oficial e morreu em 15 de dezembro de 1853.

Aos 27 anos, esse homem, cuja vida é a de um cidadão honesto, de costumes moderados e livre de extravagâncias, reunido em uma reunião entre amigos onde havia bebido, teve a idéia de fazer a aposta verdadeiramente absurda de se comprometer.

para encontrar a chave para decifrar o script cuneiforme. Tudo o que ele tinha à sua disposição eram algumas cópias ruins de inscrições persepolitanas. Mas ele enfrentou o problema com indiferença juvenil e alcançou o que os melhores especialistas da época consideravam impossível.

Em 1802, ele apresentou à Academia de Ciências, em Göttingen, os primeiros resultados de sua pesquisa, que ainda hoje se destacam entre a abundância de tratados filológicos posteriores que há muito perderam o interesse e foram esquecidos, e que ele intitulava: "Artigos para a interpretação da escrita cuneiforme persepolitana." Os dados anteriores que a Grotefend conseguiu adquirir foram os seguintes:

As inscrições de Persépolis revelaram características muito diversas. Em algumas placas, havia três tipos diferentes de escrita, paralela, em três colunas claramente separadas. Muito se sabia sobre a história dos antigos persas e dos reis de Persépolis; portanto, o jovem humanista Grotefend estava bem ciente do que os autores gregos haviam escrito. Sabia-se que Cyrus, por volta do ano 540 a. de J. C, derrotou os babilônios e fundou o primeiro grande império persa, determinando assim o declínio da Babilônia. Parecia lógico, então, que pelo menos uma dessas inscrições estivesse escrita na linguagem dos conquistadores. Também havia outra hipótese: a coluna do meio, com a tendência geral de colocar a coisa mais importante no centro, provavelmente foi a escrita na antiga língua persa. Além disso, aqueles que examinaram a escrita foram atingidos por um grupo de sinais repetidos com muita frequência. Suspeitava-se que o grupo de signos pudesse significar a palavra "rei", uma conclusão aceita por aqueles que adquiriram conhecimento sobre inscrições em monumentos - epigrafia -, enquanto o sinal individual, uma cunha da parte superior esquerda para a parte inferior direita , foi interpretado como o sinal de separação de palavras.

Isso era tudo o que se sabia. Muito pouco, uma vez que essas hipóteses nem indicavam com certeza qual era o topo e o fundo das placas.

Grotefend, que desde a juventude estava acostumado a fazer as coisas exatamente, começou com o mais básico. Champollion, que vinte anos depois decifrou os hieróglifos, não enfrentou um problema tão complicado.

Grotefend não tinha uma lápide em três idiomas que oferecia uma tradução clara, pois não conhecia os três idiomas e escrituras que apareceram aqui. Portanto, partiu do simples estudo meticuloso do texto.

Ele começou verificando se os sinais cuneiformes eram escrituras e não um ornamento. Então, por completa falta de forma arredondada, deduziu que não era um procedimento adequado para "escrever", mas

que era válido apenas para a gravação em matéria sólida. Hoje sabemos que as dificuldades de gestão que à primeira vista parecem tão grandes não foram um obstáculo para regular as relações políticas e econômicas do país dos dois rios e da antiga Pérsia até a época de Alexandre, o Grande. Os escribas, em vez de pegar duas páginas e uma folha de papel carbono, pegaram dois pratos de barro que acabavam de ser feitos, ainda macios, e com uma cana afiada gravaram as notas de pedidos, mantiveram uma cópia e entregaram a outra, que era uma cópia Exatamente, depois de terem sido assados rapidamente em um forno, eles endureceram instantaneamente para serem mais resistentes do que qualquer tipo de papel, como evidenciado pelo fato de que, depois de três mil anos, eles podem nos dar notícias exatas.

Então Grotefend mostrou que as cunhas tendiam preferencialmente em quatro direções, mas sempre de tal maneira que a direção principal era de cima para baixo ou da esquerda para a direita. Os ângulos formados por duas cunhas sempre se abrem para a direita. Dessas verificações aparentemente simples, ele deduziu como primeira conclusão a maneira de considerar as inscrições:

Devemos colocá-los para que as pontas das cunhas verticais sempre desçam, as das cunhas transversais para a direita e que os ângulos se abram para a direita. Se essas indicações forem observadas, veremos que nenhuma escrita cuneiforme é desenhada na

direção perpendicular, mas sempre na direção horizontal, e que as figuras colocadas ao lado, nas gemas e nos selos cilíndricos, nada têm a ver com a direção da a escritura.

Ao mesmo tempo, ele deduziu que a escrita deveria ser lida da esquerda para a direita - algo que somente os ocidentais pensam ser lógico - uma vez que as línguas orientais - árabe, hebraica -, por exemplo, são escritas da direita para a esquerda.

Mas tudo isso fez pouco para decifrar, e Grotefend estava agora prestes a dar o passo decisivo. O fato de ele ter sido capaz de demonstrar

demonstra sua genialidade.

A principal característica do gênio consiste, acima de tudo, na faculdade de ver de uma maneira simples o que é complicado e de reconhecer instantaneamente o princípio de ordenação que basicamente apresenta todos os problemas complexos. A ótima idéia de Grotefend foi de incrível simplicidade.

Dizia-se que não se supõe que certos costumes mudaram no estilo epigráfico das inscrições nos monumentos. As cópias dos escritos cuneiformes que ele tinha à vista eram de inscrições encontradas em monumentos.

O "descanso em paz" dos túmulos ocidentais já estava nos de nossos avós e bisavós, sempre inalterados, e provavelmente continuará a presidir os de nossos filhos e netos. Por que, então, as invariáveis palavras iniciais dos monumentos persas atuais também não seriam encontradas nos primeiros monumentos persas, desde que uma das colunas tivesse seu texto persa antigo como suspeito? E por que as inscrições persepolíticas também não começaram, como sempre começam as inscrições mais recentes que ele conhece e que dizem:

"X, grande rei, rei dos reis, reis de A e B,

filho de Y, grande rei, rei dos reis ...",

isto é, com uma enumeração estereotipada da sucessão de gerações? Essa idéia foi a brilhante continuação da hipótese, apresentada por ele, de que um dos grupos mais repetidos poderia muito bem significar as seguintes conclusões: Se isso fosse apenas no sentido literal, a primeira palavra teria que corresponder ao nome rei ; depois tinha que seguir uma cunha oblíqua, que separava as palavras; então eles tiveram que

seguir duas palavras, uma das quais deveria ser a palavra "rei", e isso seria muito repetido na primeira parte da inscrição.

Vamos continuar avançando um pouco mais com a breve exposição das seguintes noções que Grotefend deduziu e que estavam se tornando cada vez mais complicadas. É necessária pouca imaginação para imaginar o sentimento de triunfo quando o jovem professor auxiliar de Grotefend, em sua pacata vila em Göttingen, a milhares de quilómetros do local onde foram encontrados os originais de sua escrita cuneiforme, verificou e descobriu que suas hipóteses estavam corretas. . Não, isso está dizendo demais. Certamente ele encontrou a ordem das palavras várias vezes como havia calculado, e também encontrou a palavra "rei". Mas ele encontraria alguém que

admitisse sua convicção como evidência? E que progresso poderia ter sido feito, estritamente falando, com essa descoberta?

Em resumo: o que ele havia conseguido até agora descobriu que em quase todas as lápides de inscrição disponíveis, ele encontrou apenas duas versões diferentes nos primeiros grupos.

Não importa o quanto ele comparasse, ele sempre encontrava esses dois grupos, com as mesmas palavras iniciais que, de acordo com sua teoria, deveriam representar o nome de um rei, ele também encontrou inscrições que continham os dois nomes ao mesmo tempo.

Na mente de Grotefend, as idéias surgiram. Seguindo sua teoria, isso só poderia significar que todos os monumentos cujas cópias estavam diante dele foram inspirados apenas por dois reis. E provavelmente, como esses reis foram citados um após o outro em algumas das placas, deveria ser pai e filho.

Se os nomes apareciam separadamente, atrás do nome de um havia o sinal do rei, mas atrás do nome do segundo, não. Portanto, seguindo tal teoria, deve ser a seguinte disposição esquemática:

"X, rei, filho de Z

E, rei, filho de X, rei ... »

Lembremos que, até aqui, tudo o que Grotefend pensava era hipotético; baseava-se apenas na repetição de alguns sinais, em sua repetição constante e em sua ordem. Pode-se imaginar o que a emoção febril que Grotefend sentiu ao examinar de repente o esquema acima, viu diante de seus olhos, clara e enfaticamente, o caminho para uma prova eficaz e irrefutável de suas teorias. Peça ao leitor que preste atenção antes de ler mais e examine-o com cuidado. O que há que atrai atenção? O que é o desconhecido, o vazio?

Vamos dizer claramente: a falta de uma palavra. Precisamente a omissão da palavra "rei" após o nome que aparece no diagrama com "Z".

Se esse arranjo é preciso, indica uma sucessão de gerações - avô, pai e filho - dos quais pai e filho eram reis, mas o avô não era. E Grotefend, aliviado, disse a si mesmo:

"Se na série dos reis persas mais famosos eu puder encontrar um grupo de gerações que coincida com esse esquema, terei a prova evidente de que minha teoria está correta e decifrei as primeiras palavras da escrita. cuneiforme."

E chegou a hora de deixar Grotefend falar daquela fase decisiva de sua tentativa:

«Estava completamente convencido de que tinha de procurar os nomes de dois reis da dinastia dos aquemênidas, porque as referências dos gregos, seus contemporâneos e extensos narradores, pareciam ser os mais confiáveis; Assim, comecei

a examinar a série de reis e a verificar quais eram os nomes que foram mais facilmente adaptados às características das inscrições. Não poderia ser Cyrus e Cambises, porque os dois nomes de ambas as inscrições não tinham a mesma letra, nem Cyrus e Artaxerxes, porque o primeiro nome, comparado ao segundo, era muito curto e o outro muito longo. Portanto, apenas os nomes Dario e Xerxes permaneceram, pois eram tão facilmente moldados aos personagens que não podiam duvidar. Acrescentou-se que, na inscrição do filho, o título do rei também era atribuído ao pai, mas esse não era o caso da inscrição do pai em relação ao avô, uma observação que foi confirmada pelas inscrições persepolíticas em todas as formas de escrita . »

Essa foi a prova. Grotefend não foi o único que pôde acreditar em sua teoria, mas também o crítico mais objetivo teve que se submeter ao rigor dessa dedução lógica.

Mas o último passo estava faltando. Até então, Grotefend usava a grafia dos nomes dos reis, transmitida por Heródoto. Portanto, continua a ser baseado no nome do avô que ele sabia:

«Como pela decifração exata dos nomes eu já conhecia mais de doze letras, e entre elas estavam todos os títulos do rei, exceto uma, era necessário dar forma persa a esses nomes, conhecidos apenas em sua versão helênica, para descobrir, por a determinação exata do valor de cada sinal, o nome do rei e o idioma em que as inscrições poderiam ser escritas. No Zend Avesta, título coletivo dos livros sagrados persas, aprendi que o nome de Histaspes dado pelos gregos estava em Goschasp persa, Gustasp, Kistasp ou Wistasp, com as primeiras sete letras em nome de Histaspes, no inscrições de Dario, e nos últimos três ele já os adivinhara comparando todos os títulos dos reis.

Então o primeiro passo foi dado.

O que se seguiu foram apenas correções. É estranho que mais de trinta anos se passaram antes que descobertas verdadeiramente decisivas pudessem ser feitas. Esse progresso estava relacionado aos nomes dos

franceses Émile Burnouf e do norueguês Christian Lassen, cuja pesquisa foi publicada em 1836.

Há uma coisa ainda mais estranha. Muitos conhecem o nome Champollion, que decifrou os hieróglifos, mas muito poucos o nome Grotefend. Não é citado, e mesmo alguns dicionários de nossa época não o mencionam, ou fazem apenas uma breve alusão em algumas bibliografias. E, no entanto, somente ele tem prioridade nesta descoberta decisiva, cujo significado histórico foi revelado apenas pelas magníficas escavações do país dos dois rios.

Dizemos a prioridade, porque, com a decifração do roteiro cuneiforme, aconteceu exatamente o mesmo que com muitas outras descobertas ou invenções do espírito humano: elas foram feitas duas vezes.

Independentemente de Grotefend, ele também foi descoberto por um inglês. E, estranhamente, não apenas depois de Grotefend, mas também depois de seus revisores Burnouf e Lassen, desde que sua primeira interpretação fundamental foi publicada em 1846. Nos referimos a Robinson.

Mas era o privilégio incontestável de Robinson superar tudo o que seus antecessores haviam descoberto; Ele conseguiu trazer o conhecimento da escrita cuneiforme de especialistas universitários para fora de seu estado experimental e para o ensino útil para o uso de muitos homens que trabalharam com o material de inscrição cada vez mais abundante. De fato, um dia uma biblioteca inteira foi encontrada: uma biblioteca de pratos de barro! Mas essa é uma história que contaremos mais adiante. Uma idéia da riqueza de material que ocultava o país dos dois rios nos dá o seguinte fato: o número de placas de escrita cuneiformes descobertas pela expedição do americano de origem alemã V. Hilprecht, dos anos de 1888 a 1900, em Nippur Foi tão grande que sua decifração e publicação ainda não foram concluídas.

Capítulo XXI

TESTE FINAL

Em 1837, o comandante inglês Henry Creswicke Rawlinson, estacionado na Pérsia, com a ajuda de um conjunto de polias, escorregou por uma pedra alta, localizada perto de Behistun, assumindo o risco de copiar exclusivamente uma inscrição gravada na pedra.

Rawlinson, como Botta, sabia como combinar seu gosto pela Assiriologia com sua vida habitual como político e homem do mundo.

Sua vida foi tão agitada quanto a de Grotefend era pacífica. Seu interesse na Pérsia surgiu de um encontro casual. Aos dezessete anos de idade, ele era cadete e estava a bordo de um navio que, contornando o Cabo da Boa Esperança, estava a caminho da Índia. Para distrair os passageiros em sua longa jornada de vários meses, ocorreu-lhe publicar um jornal a bordo. Um dos passageiros, Sir John Malcolm, governador de Bombaim e famoso orientalista, ficou impressionado com o jovem e dinâmico editor e passou muitas horas conversando com ele, naturalmente sobre o que Malcolm estava mais interessado, que era a história, Língua e literatura persas. Tais conversas determinaram o carinho particular de Rawlinson até o fim de sua vida, mesmo quando ele estava mais preocupado com tarefas políticas.

Rawlinson nasceu em 1810 e, dezesseis anos depois, tornou-se oficial militar da Companhia das Índias Orientais. Em 1833 ele estava na Pérsia como comandante; em 1839, ele era um agente político em Kandahar, Afeganistão; em 1843 ele foi nomeado cônsul em Bagdá; em 1851, cônsul-geral, sendo ao mesmo tempo promovido ao posto de tenente-coronel. Em 1856, ele retornou à Inglaterra, foi eleito deputado e, no mesmo ano, foi nomeado consultor da Companhia das Índias Orientais. Em 1859, ele subiu ao posto de embaixador, sendo enviado a Teerã. De 1865 a 1868, ele ocupou um assento no Commons.

Quando se preocupou com a escrita em forma de cunha, contou com os mesmos pratos que Burnouf usara. E um fenômeno surpreendente aconteceu: sem ter a menor noção das obras de Grotefend, Burnouf e

Lassen, a primeira coisa que ele decifrou da mesma maneira que Grotefend eram os nomes dos três reis de Darayawaush, a grafia persa antiga do nome de Dario, de Ksayarsa e Vistaspa. Ele também decifraria outros quatro nomes, além de algumas palavras que ele não conseguia ler com certeza. E

quando, no ano de 1836, as publicações de Grotefend caíram em suas mãos pela primeira vez, comparando seu alfabeto com o do pequeno professor de Göttingen, ele viu que o havia ultrapassado.

O que ele precisava agora era de inscrições com nomes e mais nomes.

Na região de Bagistana, sagrada desde os tempos antigos, a "paisagem dos deuses", na antiga rota comercial de Hamadan à Babilônia por Kermanchak, existe uma cadeia de montanhas da qual dois picos rochosos se elevam bruscamente. Cerca de dois mil e quinhentos anos atrás, Darío, o rei dos persas - Darayawaush, Dorejawosch, Dará, Darab, Dareios são formas diferentes com o mesmo nome -, feito para colocar em uma

encosta a mais de cinquenta metros acima do fundo do vale inscrições em louvor a sua pessoa, suas obras e suas vitórias.

Figuras são vistas em um friso esculpido na parede rochosa. Lá, exposto ao ar ardente, inacessível a qualquer mão criminosa, o Grande Rei aparece, apoiado em seu arco, com o pé direito no mágico Gaumata, que uma vez disputou o trono e agora está derrotado a seus pés. Atrás dele, as figuras de dois nobres persas, com arco, aljava e lança, e diante dele, com as mãos amarradas e amarradas uma à outra com uma corda em volta do pescoço, os nove "reis misteriosos", submissos e punidos. Nas laterais e também abaixo deste monumento, as histórias do rei e suas obras são escritas em catorze colunas, em três idiomas, que Grotefend já havia distinguido sem poder nomeá-los e quais eram: persas antigos, elásticos e babilônicos, gravados com sinais em forma de cunha.

O rei Darayawaush proclama:

Você que contemplar nos próximos

dias essas inscrições que eu havia

gravado na rocha e nas imagens

de seres humanos, não remova

nem destrua nada. Tente,

enquanto você tem sementes,

mantê-las intactas!

Rawlinson, soldado e atleta, aos 26 anos de idade, não se assustou com os cinquenta metros de barranco que separam o fundo do vale do lugar da rocha, cortada até o pico, onde está a inscrição. Desafiando o perigo e balançando a essa altura, ele produziu uma cópia da antiga inscrição persa.

Com a babilônia, ela ousou alguns anos depois. Ele precisava de escadas gigantescas, cordas e ganchos de escalada, e era difícil mover essas coisas aqui. Mas em 1846, ele apresentou à Royal Asian Society of London, não apenas a primeira cópia exata da famosa inscrição, mas ao mesmo tempo sua tradução completa. Foi o primeiro grande triunfo da decifração, visível e acessível a todos.

Enquanto isso, os homens europeus da ciência não haviam parado de estudar. Acima de tudo, o Oppert germano-francês e os Hincks irlandeses haviam tomado medidas decisivas. A ciência comparada havia realizado verdadeiras maravilhas; em particular, a filologia

aproveitou o conhecimento cada vez mais preciso da língua zend e sânscrito, o que permitiu uma melhor compreensão do antigo persa. E

assim, todos eles, juntos, em um trabalho colaborativo verdadeiramente internacional, vieram consertar cerca de setenta sinais do antigo roteiro cuneiforme persa.

Mas Rawlinson e outros já haviam começado o estudo das outras colunas da inscrição behistúnica, que por seu comprimento superavam todo o material coletado até agora. E Rawlinson fez uma descoberta surpreendente que de repente nos fez perder toda a confiança no futuro decifrando as escrituras, especialmente as encontradas por Botta.

Lembremos que nas inscrições persepolitanas, bem como nas behistúnicas, foram distinguidas três línguas diferentes. Seguro de suas teorias, Grotefend havia começado a decifração onde lhe era oferecida a menor resistência e a proximidade mais próxima, em termos de tempo, permitia algum paralelismo com grupos de línguas mais conhecidas: a coluna central que havia sido chamada como um tipo antes de Grotefend EU.

Mas agora, mal tendo superado as dificuldades da escrita do tipo I, eles começaram a se preocupar com os outros dois. O Westergaad dinamarquês - seus primeiros resultados foram publicados em Copenhague em 1854 - tem o mérito de ter lançado as bases para a decifração do Tipo II. Em relação ao tipo III, o crédito é em parte do francês Oppert e, novamente, de Henry Creswicke Rawlinson, que na época já era cônsul geral em Bagdá.

Examinando o tipo III, uma descoberta decepcionante foi feita em breve; O tipo I era um roteiro de letras, com seu alfabeto, que podia ser comparado muito bem com nossos alfabetos ocidentais, onde cada sinal é equivalente a um som; cada sinal cuneiforme, como regra geral, também era equivalente a uma letra. Mas nas escrituras agora estudadas, cada uma delas frequentemente representava uma sílaba e até mesmo uma palavra. Pior ainda: havia casos - e quanto mais ele

estudava este trabalho, mais havia - em que um único sinal representava sílabas diferentes, até frases completamente diferentes. Essa foi a regra geral.

Isso causou a mais completa confusão.

Parecia impossível avançar no meio daquele emaranhado de interpretações. As descobertas publicadas por Rawlinson - com a observação expressa de que a leitura era possível - perturbaram muito o mundo dos filólogos amadores e profissionais, e tanto aqueles que entenderam quanto os que não entenderam nada participaram de uma discussão violenta.

Autores conhecidos e desconhecidos, homens de ciência e meros amadores perguntaram nas seções científica e literária dos jornais se essa redação confusa deveria realmente existir. E se sim, se era possível lê-lo, apesar de tantas interpretações. Algumas pessoas declararam descaradamente que os homens da ciência que pretendiam tal tolice, especialmente Rawlinson, fariam melhor em dispensar essa "zombaria não científica".

Aqui está um exemplo simples, retirado de um longo relacionamento que, devido ao seu conjunto complicado, não podemos apresentar neste volume, mas que, devido à sua eloquência, citamos: o som R é expresso por meio de seis sinais diferentes, dependendo se as sílabas ra querem ser expressas , ri, ru, ar, vá, ur. Se outra consoante estiver associada a essas sílabas, a composição de dois sinais resultará em outros sinais especiais a cada vez; por exemplo, nos casos de chuva, mar *etc.* A interpretação múltipla baseia-se no fato de que vários sinais, quando unidos a um grupo, perdem seu valor original e expressam um certo conceito ou nome específico. Assim, por exemplo, o grupo de sinais que contém o nome do famoso Nabucodonosor, bem lido, apresenta a

seguinte forma: "Nebukudurriussur". No entanto, se atribuirmos a cada sinal seu valor usual, resultará na seguinte leitura:

"An-pa-sa-du-sis"

Naqueles dias em que todos os leigos consideravam essa confusão tão desconcertante, uma escavadeira encontrou até cem pratos de barro em Kuyunjik, onde Botta já havia trabalhado, em uma sala subterrânea, mais tarde conhecida por estar aproximadamente no meio a partir do século VII. Eles apenas continham confrontos dos diferentes valores e significados dos vários sinais que os relacionavam com o significado da escrita de cartas, trabalho que provavelmente havia sido feito para os alunos que aprendiam a escrita cuneiforme.

Era difícil imaginar a grande importância desse achado. Era um dicionário, sem dúvida, essencial para o aluno que estava aprendendo a escrever cuneiforme quando a língua começou a ser simplificada, a modernizar, transformando a antiga escrita de imagens e sílabas em escrita de letras. Pouco a pouco, foram encontrados "manuais"

inteiros para iniciantes e estudantes posteriores, depois "dicionários" nos quais os nomes sumérios eram apresentados com seu equivalente semítico; e, finalmente, foi encontrado um esboço de um "dicionário ilustrado" onde os objetos de uso diário eram desenhados lado a lado em uma fileira e onde a primeira coluna sempre tinha o nome sumério usado apenas em ritos religiosos e jurisprudência; e no segundo, o nome semítico.

Porém, por mais importante que tenha sido esse achado, é evidente que, por estar incompleto, era apenas uma orientação. Somente o profissional conhece as dificuldades e erros com os quais os pesquisadores lutaram antes de poder apresentar seus primeiros resultados, antes de afirmar categoricamente: «Sim, apesar das diferentes interpretações, somos capazes de ler a escrita cuneiforme mais complicada».

Quando Rawlinson, após esse período de confusão geral, decidiu demonstrá-lo publicamente, a Royal Asian Society de Londres concordou, em caso bastante extraordinário, com uma resolução, como raramente é feita em trabalhos científicos.

Ele apresentou aos quatro pesquisadores que eram mais notáveis por seu conhecimento da escrita cuneiforme, nenhum deles sabendo nada da comissão feita aos outros, um envelope selado com uma cópia extensa da escrita cuneiforme assíria recém-descoberta, pedindo que decifrassem. .

Os quatro escolhidos foram o inglês Rawlinson, Talbot e Hincks e o alemão-francês Oppert. Todos começaram seus estudos ao mesmo tempo, e ninguém sabia nada sobre os outros. Cada um trabalhou de acordo com seu próprio método e, no final, retornou seus resultados em um envelope selado. Uma comissão examinou os textos, e o que antes era questionado estava agora brilhantemente confirmado: era possível ler esse roteiro complicado. Os quatro textos concordaram em seus pontos essenciais!

Esse método, tão fora de lugar, fez com que os pesquisadores se sentissem enganados e aborrecidos por essa maneira de submetê-los a exames, seguindo procedimentos que eram mais satisfatórios para as demandas do público do que para a gravidade da ciência.

No entanto, em 1857, o resultado de tais obras foi publicado em Londres sob o título "Uma inscrição de Teglatfalasar, rei da Assíria, traduzido por Rawlinson, Talbot, Hincks e Oppert", constituindo uma das provas mais brilhantes e convincentes do possibilidade de atingir altos objetivos científicos, enfrentando as maiores dificuldades, por diferentes caminhos, mas em pleno acordo.

O progresso neste estudo progrediu e, dez anos depois, foram publicadas as primeiras gramáticas elementares da língua assíria. Salvo

a dificuldade inicial de sua escrita, a investigação penetrou no mistério da linguagem.

Atualmente, muitos homens da ciência sabem ler as escrituras cuneiformes, e dificilmente existem mais dificuldades do que as de sinais confusos ou placas de texto incompletas; dificuldades, como veremos, causadas pelo vento, chuva, areia e lama que por três mil anos atingem esse barro, bem como as paredes de palácios e cidades antigas.

Capítulo XXII

PALÁCIOS SOB O MONTE DE NEMROD

Em 1854, o Crystal Palace em Londres foi transferido do Hyde Park, onde três anos antes de sediar a Exposição Universal, para Sydenham, e ali foi convertido em museu.

Nele, os homens do Ocidente puderam admirar pela primeira vez o esplendor e maravilha das metrópoles enterradas que a Bíblia havia amaldiçoado tantas vezes quanto os locais de vício e perdição. Dois grandes salões assírios foram organizados e uma imensa fachada de estilo arquitetônico foi reconstruída, das quais até então havia apenas referências de algumas lendas, dos relatos muito incertos de viajantes antigos e dos Livros Sagrados.

Um salão cerimonial e uma sala real foram decorados, apresentando aqueles fabulosos animais alados com rosto humano, reproduções de Gilgamesh, o "herói vitorioso" e "dono do país", e paredes cobertas com azulejos coloridos envernizados, como nenhuma outra arquitetura nunca tinha empregado. Os relevos mostravam cenas emocionantes de caça e guerra de vinte e sete séculos atrás, na época do grande rei Assurbanipal.

O homem a quem essa exposição era devido se chamava Austen Henry Layard, que em 1839 havia entrado em Mossul, às margens do Tigre, como um pobre diabo, e quem no ano em que o Museu Sydenham exibiu os tesouros que O homem que cavou era subsecretário do Ministério das Relações Exteriores britânico.

A vida de Layard é semelhante à de Botta e Rawlinson: aventureiros no coração, eles eram, no entanto, personalidades de prestígio, cientistas de classe alta e, ao mesmo tempo, homens abertos ao mundo, fãs da política e dotados de pessoas.

Layard era de uma família francesa estabelecida há muito tempo na Inglaterra. Aqui estão os detalhes essenciais de sua vida; nasceu em Paris em 1817; Ele passou parte de sua juventude na Itália com seu pai; em 1833 ele retornou à Inglaterra e começou a estudar direito; em 1839 ele viajou pelo leste; Ele então residiu na Embaixada Britânica em Constantinopla, até que, em 1845, iniciou sua atividade como escavadeira na terra dos rios. Em 1852 e 1861, ele foi nomeado subsecretário; em 1868, ministro de Obras Públicas, e em 1869, ministro plenipotenciário da Inglaterra, em Madri.

Sua predileção pelo Oriente, pela distante Bagdá, por Damasco e pela Pérsia tem seu ponto de partida em um sonho de juventude. Aos 22 anos, ele estava empregado no escritório sombrio de um advogado de Londres, vendo diante de si uma carreira monótona, severamente marcada e na qual nada mais que uma peruca solene o esperava; mas ele quebrou essa monotonia e seguiu na esteira do seu sonho.

Assim como o sonho juvenil de Schliemann havia sido sugerido pela leitura de Homero, o de Layard foi por "Mil e uma noites". Mas Schliemann, severo e cheio de lógica, começou no caminho dos triunfos externos e, então, uma vez milionário e

homem de boas relações com o mundo, olhou para o sonho de sua juventude. Layard não podia esperar, e cheio de impaciência e

entusiasmo, ele foi, sem dinheiro, para o país dos seus sonhos, onde previu mais do que o que as histórias prometidas lhe haviam prometido e, em constante luta, conquistou glórias e honras e, passo a passo , alcançou triunfo.

Mas em uma coisa sua vida coincide com a de Schliemann. Assim como o último, em seu sótão em Amsterdã, estava se preparando para a realização de seu sonho, aprendendo idiomas, Layard, já em sua juventude, aprendeu tudo o que lhe poderia ser útil para a realização de suas viagens ao país dos seus sonhos.

Essas eram coisas práticas, muito distantes de seus estudos jurídicos; Por exemplo, ele uso da bússola, determinação topográfica de lugares por meio do sextante, manuseio de todos os instrumentos de medições geográficas ... E, junto com isso, o tratamento de doenças tropicais, a primeira cura em caso de lesão e, não por fim, algum conhecimento da língua persa e do país e povo do Irã e Iraque.

Em 1839, ele fugiu do escritório estreito de Londres. Ele começou sua primeira viagem ao leste. E ele logo demonstrou uma habilidade incomum entre seus colegas: não apenas ser uma grande escavadeira, mas também um homem capaz de descrever brilhantemente os resultados de seu trabalho.

Então deixe ele falar conosco. Os parágrafos a seguir são apenas ligeiramente abreviados:

«No outono de 1839 e no inverno de 1840, viajei pela Ásia Menor e pela Síria. Fui acompanhado por um homem que estava tão ansioso para aprender quanto eu. Nós dois desprezamos todo perigo, cavalgamos sozinhos, sem outra proteção além de nossas armas; a mochila amarrada à sela era toda a nossa bagagem e, se a hospitalidade dos habitantes daquela cidade turquemena ou de uma tenda árabe nos desse abrigo, cuidamos de nossos cavalos. Assim, fomos capazes de nos misturar com as pessoas.

"Com alegria naqueles dias felizes em que, ao amanhecer, saímos da cabana modesta ou da loja agradável e, seguindo onde mais gostávamos, chegamos, ao pôr do sol, ao lado de alguma ruína antiga onde um árabe nômade havia erguido sua loja, ou alguma cidade em ruínas que ainda tinha um nome famoso ...

Senti um desejo irresistível de penetrar nos lugares da outra margem do Eufrates, que História e tradição apontam como o berço da sabedoria ocidental. A maioria dos viajantes experimenta esse desejo de atravessar o grande rio e explorar a região que aparece separada no mapa, nas fronteiras da Síria, pelo vasto espaço em branco que se estende de Alepo até as margens do Tigre. Sobre a Assíria, Babilônia e Caldéia reinam até as mais profundas trevas. Grandes nações e as sombras da história das grandes cidades estão relacionadas a esses nomes; Entre restos de pedra gigantescos, no meio dos desertos, que devido à sua solidão e à ausência de qualquer forma e vestígios vivos resistem às descrições do viajante, grandes tribos nômades, como anunciadas pelos profetas, vagariam pelos país, para aquelas imensas planícies, que judeus e pagãos consideram o berço de sua tribo.

»Em 18 de março, deixei Aleppo com meu parceiro. Ainda estamos viajando sem guia ou servo. Em 10 de abril, chegamos a Mossul. Durante a nossa estadia nesta cidade, visitamos frequentemente as grandes montanhas de pedra localizadas na margem oriental do rio, que geralmente são consideradas as ruínas de Nínive. Também montamos no deserto e examinamos Kalah Shergat Hill, uma enorme montanha de pedra nas margens do Tigre, a cerca de oitenta quilômetros de sua confluência com o Zab. No caminho, paramos na pequena vila de Hamun Ali, ao redor da qual ainda há vestígios de uma cidade antiga, onde passamos a noite. Do cume de uma altura artificial, podemos ver uma ampla planície da qual apenas o rio nos separava. Uma série de colinas altas, uma das quais em forma de pirâmide ultrapassava as outras, limitando essa planície ao leste. Por causa de sua localização, não foi difícil identificá-lo: era a pirâmide que Xenofonte havia descrito, e nas proximidades os dez mil plantaram seus campos: aqui as ruínas eram idênticas à maneira como o general grego os via vinte e dois

séculos antes, e já eram as ruínas de uma cidade antiga. Como Xenofonte confundiu o nome que uma tribo estrangeira daria com outra mais conhecida pelos ouvidos gregos, é por isso que ele fala de Larisa. A tradição coletada refere-se à origem da cidade cuja fundação é atribuída a Nemrod, um nome que as ruínas ainda ostentam, relacionando-a com os primeiros pais da humanidade.

Layard não pôde examinar imediatamente mais adiante as misteriosas colinas, carregadas de um passado assim. Mas eles o fascinaram e ele circulou em torno deles uma e outra vez, enquanto o avarento circulava uma caixa fechada. Ele sempre fala sobre eles em suas histórias e tenta apresentá-los com palavras cada vez mais diferentes:

"Uma gigantesca massa disforme, agora coberta de grama, não se vê em nenhum lugar, exceto onde as chuvas de inverno se formaram, geralmente nas laterais, abismo cortado pelo pico, expondo seu conteúdo". E uma página depois: "O viajante não é capaz de apontar comparativamente uma forma que dá uma idéia dessas pilhas de pedra e terra diante dele".

Ele comparou a paisagem e as ruínas que tinha visto na Síria com o que foi visto aqui: “O local da cornija ou da capital ricamente esculpida, meio coberto por vegetação abundante, é substituído aqui por esta pilha escura de terra sem forma que se destaca como uma colina na planície queimada pelo sol.

Então, embora deva voltar logo, ele não conseguiu controlar sua curiosidade. “Entre os árabes havia uma lenda segundo a qual, sob as ruínas, havia figuras estranhas, esculpidas em pedra negra; mas durante a maior parte do dia estávamos ocupados explorando as pilhas de terra e tijolos que cobriam grande parte da costa do Tigre, mas as procuramos em vão. "

E finalmente ele resumiu: "Essas imensas pilhas de terra encontradas na Ásia me impressionaram mais, me fizeram refletir mais seriamente do que os templos de Balbek e os anfiteatros de Ionia".

Havia uma colina que o intrigava, principalmente por causa de sua magnitude, extensão e, em suma, o nome do lugar cujas ruínas emergiam a seus pés, um nome conhecido que lhe parecia ter uma relação direta com o "berço da geração humana", como ele próprio havia descrito: o Nemrod sobre o qual a Bíblia nos fala.

O capítulo X do primeiro livro de Moisés diz: Cus, filho de Cam, cujo pai se chamava Noé e que, com três filhos, suas esposas e todos os tipos de animais puros e impuros, começou a procriar novamente, após o grande dilúvio, as gerações dos homens, foi ele quem gerou Nemrod.

«Este começou a ser arrogante na Terra e era um forte

caçador diante do Senhor. Portanto, é dito: "Caçador

forte diante do Senhor, como Nemrod." E o princípio

de seu reino foi Babel, Erec, Acad e Calne, na terra de

Senaar.

De cujo país veio Asur, aquele que fundou Nínive, e as praças ou grandes ruas da cidade, e Kalah,

e também a Resen, entre Nínive e Kalah; esta é a cidade grande.

Mas Layard teve que voltar. O dinheiro que ele trouxera para a viagem havia sido gasto, tendo em vista a sua mudança para Constantinopla, onde foi apresentado ao embaixador inglês, Sir Stratford Canning. Dia após dia, falei com ele, cada vez mais insistentemente, das colinas misteriosas perto de Mossul; enquanto isso, as descobertas de Pablo Emilio Botta, perto de Korsabad, já haviam despertado atenção geral. As descrições de cortesia e o entusiasmo de Layard finalmente

impressionaram o embaixador. E um belo dia - cinco anos se passaram desde a primeira viagem de Layard e Botta já estava no auge de seus triunfos perto de Korsabad - Sir Canning presenteou Layard, então com 28 anos, com 60 libras. Sessenta libras! Na verdade, havia pouco para os ambiciosos projetos de Layard, que foram além do que Botta havia realizado; mas Botta poderia contar com a ajuda do governo francês, já que ele tinha um cargo oficial em Mossul.

Em 8 de novembro de 1845, Layard estava navegando pelo rio Tigre para iniciar escavações no monte Nemrod.

E chegando lá, ele não está apenas deprimido pela falta de dinheiro, mas também enfrenta outras dificuldades. Cinco anos se passaram e, quando Layard atracou seu barco, ele encontrou território no meio da revolução.

O país dos dois rios então viveu sob o regime turco; um novo governador assumira o cargo. E como parece habitual nessas barracas onipresentes, como a história romana antiga costuma nos dizer, todos os altos oficiais costumavam considerar o país governado como uma fazenda e seus habitantes como vacas para serem ordenhadas ou galinhas que constantemente colocam ovos de ouro. .

Os métodos do governador de Mossul também foram esculpidos da maneira

"asiática". Várias histórias que parecem ser retiradas de um livro de lendas descrevem o

governador como a encarnação do próprio diabo ou um ogro. Ele estava com um olho e sem orelha; baixa estatura; curto, aprimorado por sua flacidez oriental. E para que não lhe faltasse nenhum atributo do pior aspecto, ele tinha um rosto marcado, movimentos desajeitados, violentos e suspeitos, como se estivesse sempre temendo uma armadilha e uma voz terrível e rouca. Ele era um sádico, não sem

sentido, e gostava de fazer piadas terríveis. Quando ele começou a servir, uma de suas primeiras disposições oficiais foi estabelecer o "imposto sobre os dentes", que excedia em muito todos os "impostos sobre o sal", tão odiados na época. Ele impôs, como ele disse, para compensar o desgaste dos dentes e pagar pela remoção dos dentes, como resultado de ser forçado a comer a

"comida imunda daquele país".

Mas este foi apenas um prelúdio gentil para o que aconteceu a seguir. O povo tremeu diante dele. Seu castigo favorito foi o saque de cidades e vilas.

Com esse regime despótico, surgem rumores, o serviço de informações dos oprimidos. Um dia, algumas pessoas de Mossul divulgaram a notícia de que Allah tinha pena deles e que o Paxá havia sido removido. Poucas horas depois, o próprio governador soube das notícias e teve uma ocorrência digna de um antigo romance italiano; Em Boccaccio, encontramos narrações semelhantes, embora elas ocorram em um ambiente mais amigável.

Em uma de suas saídas, o governador fingiu estar doente, foi levado às pressas para o palácio e, à chegada, parecia já morto. O relato daqueles que testemunharam tal cena correu de uma vez por toda a cidade. No dia seguinte, os portões do palácio foram fechados e, quando os gritos monótonos da guarda pessoal e dos eunucos foram ouvidos atrás dos muros, o povo começou a gritar, cheio de alegria: "Louvado seja Deus, o paxá morreu!" Mas quando a multidão, gritando e cantando, amaldiçoou o tirano diante do palácio, as portas se abriram de repente e o paxá apareceu gordinho, gordo, odioso. Com um curativo sobre a cavidade ocular vazia, seu rosto mordeu, rindo alto de sua astúcia ...

A um sinal, os soldados correram para a multidão paralisada e um massacre terrível começou. Cabeças rolaram no chão e seu sadismo logo adquiriu características desumanas. Ele expropriou os bens de todos os líderes da revolta e de outros que não o eram, pois tinha um

pretexto para atacar todos aqueles de quem até então não tinha conseguido tomar nada. "Todos eles espalharam rumores falsos que foram prejudiciais à autoridade".

Diante de tal vergonha, o país ficou indignado e todas as tribos da região que incluíam as estepes perto de Mossul se levantaram. Essa luta estava se desenvolvendo de uma maneira muito particular. Incapazes de fazer uma revolução organizada, eles se opunham ao saque e ao saque e não havia segurança em nenhuma estrada ou para nenhum estrangeiro. Nessas circunstâncias, Layard pousou com a intenção de escavar a colina de Nemrod.

A situação do país não pôde ser ocultada por Layard por muito tempo. Depois de algumas horas, ele entendeu que em Mossul não deveria revelar seus planos, então

comprou uma espingarda pesada e uma lança curta e contou quantas quisessem ouvir que estava indo ao vale caçar javalis.

Alguns dias depois, ele alugou um cavalo e marchou na direção de Nemrod, indo diretamente para a cidade vizinha, onde um bando de beduínos estava acampado.

De repente, ele deu um passo gigante. Antes da noite do mesmo dia, ele conquistara a amizade de Awad, o chefe da tribo cujas tendas eram as mais próximas da Colina Nemrod. Além disso, os beduínos colocaram à sua disposição seis indígenas que, por meio de um salário reduzido, o ajudaram na manhã seguinte a descobrir o que o

"ventre da montanha" poderia conter.

Naquela noite, na loja, ele certamente não podia ficar de olho. Na manhã seguinte, ele veria se a sorte ainda estava com ele. No dia seguinte ou depois de meses

... Botta não estava cavando inutilmente por um ano inteiro?

A verdade é que, depois de vinte e quatro horas, Layard já pregara a picareta nas paredes de dois palácios assírios.

Assim que o sol nasceu, ele estava trabalhando na colina. Ele foi de um lado para o outro, descobrindo em todos os lugares tijolos com inscrições semelhantes às impressões de carimbos. Awad, o chefe das tribos beduínas, chamou a atenção de seu amigo para um pedaço de placa de alabastro que se projetava do chão, e essa descoberta resolveu o problema de onde cavar. A primeira coisa que encontraram em poucas horas foram placas de pedra colocadas verticalmente. Eles haviam encontrado um pedestal dos chamados ortostatos, isto é, a luxuosa cobertura de uma sala cuja riqueza decorativa só poderia corresponder a um palácio.

Layard dividiu seu pequeno grupo. Para evitar o perigo de negligenciar um local de descoberta mais rico e esperar encontrar paredes completamente intactas - os recém-descobertos revelaram faixas de incêndio - ele ordenou que três de seus homens removessem um local completamente diferente. da colina. E novamente o bico agia com a fortuna de uma varinha mágica. Instantaneamente ele tropeçou em uma parede coberta com placas de alívio separadas por um friso de inscrição. Ele encontrara o ângulo de um segundo palácio.

Para dar um relato perfeito da natureza de algumas das descobertas feitas por Layard em novembro, vejamos o que ele mesmo nos diz ao descrever um desses ortostatos decorados com relevos:

“A cena representa um combate, e nela duas carruagens puxadas a cavalo são vistas galopando; Três guerreiros são vistos em cada carro, cujo chefe não tem barba e provavelmente é um eunuco. Esta figura estava vestida com uma armadura completa de chapa metálica. Sua cabeça estava coberta com um capacete pontudo, cujo ornamento lembrava o dos normandos antigos. A mão esquerda segurava o arco firmemente, enquanto a mão direita segurava a corda com uma flecha

pronta para disparar. Ele também carregava uma espada na bainha, e o punho era graciosamente adornado com as figuras de dois leões. No carro, o motorista incita com as rédeas e o chicote aos cavalos e um homem se protege das flechas do inimigo com um escudo redondo; o referido escudo certamente seria de ouro batido. Cheio de espanto, contemplava a elegância e a riqueza das decorações, o desenho fiel e delicado dos membros e

músculos, tudo expresso no conjunto harmonioso de figuras, no domínio da composição em geral. »

Hoje vemos relevos semelhantes em quase todos os museus dos principais países da Europa e América. Geralmente, aqueles que olham para eles dão apenas uma breve olhada e passam. Mas esses baixos-relevos merecem ser vistos com mais atenção. Eles mostram um realismo tão detalhado no conteúdo - o realismo como um estilo só pode ser falado em momentos específicos - que, depois de admirar esses baixos-relevos, podemos forjar uma ideia muito precisa desses homens, especialmente daqueles reis que as páginas da Bíblia eles nos transmitem em cores tão terríveis.

Inúmeras reproduções fotográficas divulgaram essas esculturas hoje; mas quando Layard os admirava entre os poucos árabes, apenas Botta trouxera alguns desenhos para Paris. Essas imagens eram, portanto, uma novidade; novidade cheia de emoção para aqueles que os tiraram da terra e puderam libertá-los da poeira milenar.

A escuridão que até então reinou no país dos dois rios terminou abruptamente: em 1843, Rawlinson estudou em Bagdá a decifração da inscrição de Behistún. No mesmo ano, Botta começou suas escavações perto de Kuyunjik e Korsabad, e em 1845 ele explorou as ruínas de Nemrod. A importância do trabalho realizado nesses três anos se reflete na seguinte comparação: somente a inscrição de Behistún nos transmitiu um conhecimento muito mais exato sobre os príncipes perseguidores do que todo o recebido até agora pelos textos de alguns autores antigos. E hoje podemos afirmar sem exagero que estamos

melhor informados sobre a história da Assíria e da Babilônia, sobre a prosperidade e o declínio das cidades da Babilônia e de Nínive, do que todos os historiadores gregos e romanos que viveram dois mil anos mais perto daqueles tempos.

controlo remoto.

É claro que os árabes que, dia após dia, observavam o arrebatamento de Layard ao contemplar aquelas velhas pedras arranhadas, aquelas figuras e pedaços de tijolos, o consideravam louco; mas, enquanto os pagasse, estavam prontos para ajudá-lo e continuar cavando com todo entusiasmo. Apesar de tudo, pode-se dizer que é o destino dos arqueólogos: ninguém conseguiu terminar seu trabalho sem ser perturbado. A aventura sempre esteve ligada à exploração do passado, ao perigo para a ciência, ao interesse comercial de alguns e ao sacrifício altruísta de outros. Esse também foi o caso no caso Layard. Mas essa era uma pessoa astuta.

À medida que a escavação progredia e a esperança de fazer grandes descobertas era justificada, a menor pausa no trabalho perturbou Layard, que pensava angustiado pelas horas perdidas. Awad, o amigo beduíno, chamou Layard com um dia de diferença e com um gesto astuto, piscando para expressar seu desejo de obter boa inteligência, e movendo entre os dedos sujos uma estatueta com resíduos que indicavam ter sido cobertos de ouro , com muita circuncisão e invocando o profeta, ele sugeriu que sabia muito bem o que os franceses estavam procurando. Claro, desejei-lhe boa sorte e esperei que ele escondesse todo o ouro na colina, aludindo claramente aos seus próprios interesses e participação legítima. Ele acrescentou que eles devem ser extremamente reservados, porque os trabalhadores, que eram duros, não saberiam como guardar isso para si; Acima de tudo, era necessário impedir que os sucessos de Layard chegassem às orelhas grandes do Mossul Pasha. E ao dizer isso, ele indicou expressivamente, estendendo os braços, o grande tamanho das "orelhas" do paxá.

Mas um déspota não só tem ouvidos grandes, ele tem milhares de ouvidos e seus sentidos são multiplicados pelos sentidos de todos os seus subordinados, para quem ele é um deus a quem eles servem com voluptuosa temor. De fato, não demorou muito para o paxá se preocupar com Layard e suas escavações. Um belo dia, um capitão apareceu com alguns soldados. Ele fez uma inspeção formal das trincheiras abertas por Layard, olhou para as esculturas que haviam sido removidas e estava ciente dos sinais de ouro que apareciam em algumas partes. E, finalmente, cerimoniosamente, o capitão deu uma ordem a Layard, segundo a qual ele foi proibido de continuar as escavações. Pode-se imaginar o efeito que um revés teve sobre Layard. Ele montou um cavalo, galopou para Mossul e imediatamente solicitou uma audiência com o paxá.

Foi-lhe concedido, e ali seu ardor foi abafado pela brilhante ambiguidade do oriental. Com um gesto teatral, o paxá garantiu que, naturalmente, faria todo o possível para ajudar Layard, a quem admirava tanto e de quem era tão entusiasmado; Ele repetidamente implorou que o considerasse amigo por toda a sua vida, até que Allah o chamou para si; Mas era impossível continuar cavando lá, porque aquele lugar era sagrado porque era um antigo cemitério. Bastava olhar atentamente para aquele lugar para encontrar lápides antigas; por todas essas razões, as obras de Layard eram um sacrilégio, o que o colocava em grande perigo diante dos bons crentes, que sem dúvida o atacariam e se revoltariam contra ele por protegê-lo, pelo qual, sentindo-o muito, ele não poderia conceder-lhe tal favor .

Aquela visita foi humilhante e, o que é pior, a humilhação foi inútil.

À noite, quando Layard meditava sentado em frente à sua tenda, ele percebeu o risco de que seu trabalho fosse executado. Quando ele voltou da entrevista, ele foi imediatamente para a colina para verificar se a declaração do déspota era verdadeira, se havia lápides maometanas lá. E, para sua surpresa, ele descobriu que era verdade. Em um lugar um pouco isolado, ele encontrou a primeira lápide, o que o deixou de muito mau humor. Sem tomar nenhuma decisão e sem

examinar mais de perto essas lápides, ele foi para a cama, o que era exatamente o que ele não deveria ter feito. Se, em vez de se deixar desencorajar, estivesse vigilante demais, seria capaz de observar um grupo de pessoas que, com todas as possíveis precauções furtivas, embora não o suficiente, estavam se dirigindo para Nemrod Hill. Por duas noites consecutivas eles repetiram sua excursão clandestina. Seriam ladrões, como no Egito? Mas se fossem, o que poderiam ter roubado ali, onde o saque consistia apenas em esculturas pesadas de pedra?

Layard tinha um encanto pessoal extraordinário, e ele era sem dúvida um professor dessa qualidade chamado dom das pessoas. Na manhã seguinte, a caminho da colina, ele conheceu o capitão que lhe comunicou a ordem de proibição; Ele falou com ele e imediatamente ganhou sua simpatia. Sem esperar mais, o capitão falou com ele, informando-o confidencialmente de que ele e seus homens tiveram que trabalhar por duas noites, por ordem expressa do paxá, movendo todas as lápides que puderam para a colina, a partir das cidades próximas.

Antes que Layard pudesse tirar proveito desse precioso relatório, suas dificuldades foram resolvidas de uma maneira totalmente inesperada. A segunda visita ao paxá não estava mais no palácio do déspota, mas na prisão. Na prisão, sim, onde estava o paxá! O destino divino faz com que poucos déspotas vivam muitos anos e,

nesse caso, ele propôs a queda da desgraça do paxá, que, por rara exceção, teve que prestar contas de suas ações. Layard o encontrou em uma masmorra onde a chuva estava pingando.

"Neste trabalho, destruímos mais túmulos autênticos", disse ele, "do que você poderia ter profanado entre Zab e Selamiyah". Nós nos exaurimos e desfazemos nossos cavalos para mover aquelas pedras malditas aqui.

"Tais são essas criaturas", filosofou o paxá, queixoso. Ontem mesmo aqueles cachorros beijaram meus pés; Hoje, todo mundo está lançando

para mim. Olhando para o teto, ele acrescentou: "Todo mundo, até a chuva!"

A queda do déspota deu a Layard a liberdade de continuar o trabalho.

Certa manhã, trabalhadores empolgados vieram do segundo local da escavação, para o correspondente ao canto noroeste da colina, agitando seus picos no ar, gritando e dançando com uma algazarra. Sua emoção revelou uma estranha mistura de alegria e medo. Corra, bey, corra! Eles gritaram. Allah é grande e Muhammad é seu profeta! Encontramos Nemrod, o próprio Nemrod! Nós o vimos com nossos olhos!

Layard foi ao lugar certo: uma esperança ardente acelerou seu passo. Ele não acreditava nem remotamente no que os nativos supunham, que a imagem de Nemrod havia aparecido entre os escombros, mas que sua esperança se baseava nos sucessos de Botta. Teriam encontrado um daqueles fabulosos homens animais, dos quais ele encontrou vários espécimes?

Assim foi, e Layard olhou para o torso da escultura logo depois. Era uma gigantesca cabeça de leão alado, esculpida em alabastro. «Foi surpreendentemente bem preservado; sua expressão era calma, majestosa e seus traços mostravam uma agilidade artística e conhecimento que dificilmente poderiam ser atribuídos a uma época tão remota.

Hoje sabemos que é a primeira grande escultura de um dos deuses astrais assírios, representante dos quatro cantos do mundo, cujos nomes são: Marduk como animal alado, Nebo como homem, Nergal como leão alado e Ninurta como águia.

Layard ficou profundamente impressionado. Mais tarde, ele escreve: «Por horas a fio, contemplei aqueles símbolos misteriosos, refletindo sobre seu significado e sua história.Que formas nobres que as pessoas introduziram nos templos de seus deuses! Que imagens sublimes essas pessoas souberam tirar da natureza que, sem a ajuda de uma religião revelada, tentaram personificar seu conceito de sabedoria, poder e a

presença constante de um Ser Supremo! Para simbolizar inteligência e conhecimento, eles não poderiam ter encontrado um modelo melhor do que a cabeça do homem; representar força, o corpo do leão; como uma alegoria da onipotência, as asas do pássaro. E aqueles leões alados com cabeça humana não eram criações triviais, não eram um produto absurdo de uma fantasia incrível, mas seu valor simbólico aparece explicitamente escrito neles. Eles inspiraram veneração por gerações inteiras e instruíram simbolicamente outros que estavam no auge há três mil anos. Pelos limiares que essas esculturas mantinham, reis, sacerdotes e guerreiros haviam levado seus sacrifícios ao altar muito antes de a sabedoria oriental penetrar na Grécia e dotar sua mitologia de símbolos já conhecidos pelos assírios. Certamente essas estátuas foram

enterradas antes da fundação da Cidade Eterna e sua existência era desconhecida pela Antiguidade clássica. Vinte e cinco séculos atrás, eles estavam escondidos da vista humana e agora ressurgiam em sua antiga majestade. Mas o cenário ao redor deles havia mudado. O luxo e a civilização de um povo poderoso deram lugar à miséria e à ignorância de algumas tribos semi-bárbaras. O esplendor dos templos e a riqueza das grandes cidades foram seguidos por ruínas e aqueles montes de terra sem forma. Sobre os vastos aposentos que decoravam, ele arou o arado e acenou com o trigo. O Egito também possui monumentos maravilhosos que resistiram, descobriram e erigiram por séculos para atestar seu poder e glória passados. Mas os outros que eu tinha antes de mim apareceram naquele momento para testemunhar as palavras do profeta segundo as quais no passado ...

"Asur era um cedro do Líbano, com galhos bonitos e frondosos, muito altos, com a coroa alta nos braços robustos." (Zefanja 2, versículos 13-15.) E assim continua a terrível profecia:

- E ele estenderá a mão à meia-noite

matando Asur. Deixará Nínive
solitária e árida como um deserto,
e animais de todos os tipos serão empilhados dentro
dele; touros alados e ouriços até moram perto de suas
colunas e cantam em suas janelas, e nos limiares reinará
a destruição; porque deles serão arrancados os ricos
pratos de cedro. Essa é a cidade feliz, que vivia com tanta
confiança e sempre se dizia com orgulho:
Eu sou apenas eu; não mais! Quão
deserto e feio se tornou, de modo
que somente animais vivem nele e

quem passa

assobia ela,

e faz gestos zombeteiros com a mão!

A profecia havia sido cumprida há muitos anos, e agora Layard estava trazendo à luz do dia seus antigos restos enterrados.

A notícia dessa descoberta logo se espalhou e causou tanta impressão em todos os índios que eles ficaram mais ou menos aterrorizados. Os beduínos vieram de longe e de perto. Um sheik com metade de sua tribo também apareceu, e todos eles dispararam suas armas de fogo no ar em júbilo. Foi uma festa brilhante em homenagem a um mundo submerso desde tempos imemoriais. Assim eles cavalgaram para o poço, e dirigindo seus olhares para aquela cabeça gigantesca e caída pelo pó de milênios, eles levantaram os braços, admiraram e invocaram Allah.

Com dificuldade, foi possível convencer o xeique a descer para a vala para verificar que o que estava prestes a subir à luz do dia não era uma aparição, nenhum djinn terrível, nem um deus. Após o que ele exclamou:

“Este não é o trabalho dos seres humanos, mas daqueles gigantes incríveis, dos quais o Profeta, que descanse em paz, disse que eles eram maiores que as palmeiras mais altas. Esta é uma das imagens daqueles deuses que Noé, que descanse em paz, amaldiçoou antes do dilúvio.

Enquanto isso, um dos árabes, o primeiro a ver a cabeça da estátua colossal, fugiu, aterrorizado e abandonando os instrumentos de trabalho. Ele chegou a Mossul, em cujo mercado causou uma comoção considerável, dizendo não menos que o grande Nemrod havia saído de seu túmulo.

Os cadi pegaram cartas no assunto e questionaram o árabe sobre a descoberta. Do que se tratava: os ossos, os restos de Nemrod, ou apenas uma imagem dele, o trabalho dos homens? Consultado com o mufti, ele pegou a coisa do ponto de vista teológico e divagou sobre se Nemrod deveria ser considerado fiel ou se deveria ser considerado um cão pagão.

O novo paxá, sucessor do déspota caído recentemente, emitiu um julgamento verdadeiramente salomônico, recomendando que Layard tratasse os "restos" com a máxima veneração de qualquer maneira e, por enquanto, suspendesse as escavações.

Em suma, outra proibição de continuar. Layard conseguiu uma entrevista e convenceu o paxá de que os sentimentos dos bons crentes não podiam ser violados pelo trabalho das escavações.

Um sinal que finalmente veio do sultão de Constantinopla o libertou para sempre de todos os problemas causados pelas autoridades locais e do fanatismo religioso dos árabes.

A partir desse momento, começaram a surgir esculturas após esculturas, e treze pares de leões e touros alados logo se reuniram. O palácio que Layard estava descobrindo lentamente no canto noroeste da colina de Nemrod, cuja descoberta deu mais frutos que o de Botta, foi posteriormente identificado como o palácio de Ashurnasirpal II (884-859 aC). , segundo Weidner), o rei que mudou de residência de Asur. para Kalchu. Como seus antecessores e sucessores, ele seguiu os costumes de Nemrod, que, como a Bíblia diz, "foi um grande caçador diante do Senhor". Nesse palácio, Layard encontrou relevos que retratavam cenas de caça e imagens de animais cujo naturalismo influenciou o trabalho de não poucos artistas modernos, logo que se conheceu na Europa. A caça era a ocupação diária dos nobres assírios, como confirmado por todas as representações e inscrições. Eles tinham parques de animais, os precursores de nossos jardins zoológicos chamados 'paraísos', e em vastas reservas eles tinham gazelas e leões,

onde organizaram grandes batalhas e praticaram uma espécie de caça à rede que não é mais praticada em nenhum lugar do mundo.

A maior preocupação de Layard era transportar um desses pares de animais alados para Londres. Naquele verão, devido à baixa colheita, era de se esperar que as atividades das quadrilhas de bandidos, que infestariam a região perto da capital, se

intensificassem e, embora Layard tivesse feito muitos amigos, parecia prudente acelerar a empresa.

Um dia, as pessoas viram uma tropa de árabes e caldeus passar pela ponte de madeira semi-comida de Mossul. Eles empurraram, puxaram e arrastaram um veículo estranho, um tipo de carro gigantesco que mal podia se mover, arrastado por um par de búfalos grandes. Layard ordenou a construção rápida desse artefato em Mossul. Então, no primeiro transporte, ele escolheu um touro e um leão, dois dos espécimes mais bem preservados, embora o menor, já que a empresa parecia arriscada, devido aos limitados meios disponíveis.

Apenas para mover um touro, foi necessário abrir uma vala com trinta metros de comprimento por cinco metros de largura e até sete metros de altura, desde o local da descoberta até o exterior da colina. Enquanto Layard era consumido com impaciência, a empresa era um banquete para os árabes. Ao contrário dos fellahs egípcios, que acompanharam os restos de seus reis mortos com tristeza e arrependimentos quando Brugsch os carregou pelo Nilo, nossos bons árabes só viram na procissão uma ocasião para expressar seu entusiasmo proferindo exclamações ensurdecedoras de alegria. E no meio dessa animação, ele fez o colosso deslizar sobre rolos de madeira.

Quando Layard, após essa primeira etapa de seu trabalho, coroado por um triunfo tão retumbante, se aposentou à noite, ele foi acompanhado pelo Sheikh Abd-er-Rahman. Layard tomou nota de seu endereço, parte do qual transcrevemos diante deste

"Livro das Torres", como é expresso em termos que não nos isentam da enfática admiração árabe.

O sheik falou assim:

"Maravilhoso, maravilhoso! Certamente existe apenas um Deus, e Muhammad é seu profeta! Em nome do Altíssimo, oh Bey, diga-me o que você planeja fazer com essas pedras. Para gastar tantos milhares de saquinhos - dinheiro - para essas coisas? É

possível que, como você diz, seu povo aprenda a sabedoria deles, ou talvez, como explica Sua Excelência o Cadí, você os leve ao palácio de sua rainha, que adora esses ídolos como os outros infiéis pagãos? Bem, no que diz respeito à sabedoria, essas figuras não ensinam como fazer melhores facas, tesouras ou objetos coloridos, e os ingleses mostram sua sabedoria precisamente na produção de tais objetos. Mas Allah é ótimo! Aqui estão as pedras enterradas desde o tempo do justo Noé, que ele descanse em paz, e talvez elas já estivessem no subsolo antes do dilúvio. "

A noite estava caindo e um grito ensurdecedor ainda reinava no monte Nemrod. O triunfo foi comemorado com música e dança. Pálido e gigantesco, o touro alado ainda estava em sua carruagem, olhando para um mundo transformado.

Na manhã seguinte, foi feito o transporte para o rio. Os búfalos que deviam arrastar o carrinho não aguentavam essa imensa carga. Layard pediu ajuda, e o sheik forneceu-lhe os homens e as cordas que ele precisava. Junto com Layard, o árabe estava a cavalo à frente da procissão para mostrar o caminho. Atrás deles, os músicos dançavam tocando bateria e flauta.

Terceiro, veio o carro, empurrado por cerca de trezentas pessoas que estavam gritando o máximo que podiam, incentivado por seus capatazes.

Finalmente, a procissão foi encerrada por um grupo de mulheres que inflamaram os árabes com seus gritos estridentes. Os cavaleiros de Abd-er-Rahman deram provas de sua equitação em torno do grupo, às vezes correndo à frente, atrás de outros, e fingindo lutar contra escaramuças.

Mas nem todas as dificuldades foram superadas. Duas vezes o carro estava preso; Além disso, o trabalho de carregar as estátuas nos barcos era tão difícil que Layard estava suando de angústia; não era a operação fácil de carregar os pratos com relevos, muito menos pesados, que ele já havia enviado para a Inglaterra. Essa remessa foi feita via Bagdá e Basra, um porto no Golfo Pérsico, onde foram transferidas para os navios, com todos os meios técnicos e auxiliares necessários. Mas agora, devido ao enorme peso dos animais alados, Layard queria evitar o transbordo em Bagdá, uma cidade que estava além do alcance de sua influência.

Seu plano teve dificuldades. Os marinheiros de Mossul, que nunca chegaram a Basra, rejeitaram essa proposta, porque alguns deles tinham contas pendentes no sistema judiciário e foram ameaçados de prisão em Bagdá. Ao aumentar o preço, Layard conseguiu evitar essa mudança e, com ela, o perigo corrido por Botta, cujas estátuas afundaram no Tigre.

Assim, os deuses gigantes, aqueles animais alados com rosto humano, viajaram depois de vinte e oito séculos. Muitos quilômetros percorridos de barco no Tigre; e mais vinte mil navegando pelas águas de dois oceanos para percorrer a África - o atual Canal de Suez foi inaugurado em 1869 - e se estabelecer em sua nova sede: o Museu Britânico em Londres.

Antes de terminar o trabalho daquela temporada, Layard fez uma inspeção final das escavações, anotando em seu caderno. Aqui está a descrição final de seu livro Niniveh e seus restos, que em poucos anos se tornaram famosos:

“Subimos a colina artificial e no topo nenhuma pedra se destacava; apenas uma forma ampla e lisa é vista, às vezes semeada com cevada ou amarela e seca, sem vegetação, onde apenas algumas plantas selvagens crescem. Em alguns lugares, você pode ver pilhas de terra enegrecida, com um buraco no centro por onde se erguem finas colunas de fumaça. Elas são as cabanas dos árabes, em torno das quais rastejam mulheres idosas de aparência miserável e também uma ou duas mulheres jovens com um passo firme e muito ereto que carrega a ânfora da água nos ombros ou um maço de lenha na cabeça. Na encosta dos lados, no entanto, alguns seres de aparência selvagem parecem emergir das profundezas, vestidos com camisas leves, largas e curtas, alguns pulando e empinando, mas todos correndo como loucos de um lado para outro. Eles carregam uma alcofa e, assim que atingem a beira da colina, eles a esvaziam, produzindo uma nuvem de poeira. Rapidamente eles retornam dançando, como antes, e gritando e balançando a alcofa de um lado para o outro. Então eles desaparecem novamente tão rapidamente quanto emergem nas entranhas da colina. São os trabalhadores que removem os escombros das ruínas.

»Por algumas escadas praticadas na terra, descemos agora à melhor trincheira. Descemos cerca de vinte degraus e de repente nos encontramos entre um par

de leões alados de cabeça humana que formam um portal. No labirinto subterrâneo reinam grandes movimentos e confusões. Os árabes correm em direções diferentes; alguns carregam cestos cheios de terra, outros carregam recipientes com água para seus companheiros. Os caldeus, com seus ternos listrados e bonés cônicos, trabalham com seus espinhos no chão duro e, a cada golpe, levantam uma nuvem de poeira fina. De outro corte, vêm as melodias rítmicas da música curda de tempos em tempos, e quando os árabes ouvem essa música, eles choram seus gritos de guerra e trabalham com mais entusiasmo.

"Passamos entre os leões para as ruínas do salão principal. Nos dois lados, vemos figuras gigantescas aladas; alguns com a cabeça de uma águia; outros, como se fossem seres humanos que carregam símbolos

misteriosos nas mãos. À esquerda, outro portal também ladeado por leões alados. Mas um deles caiu do outro lado da entrada e mal encontramos um lugar para entrar embaixo dela. Quando conseguimos salvar esse portal, encontramos outra figura alada e duas lajes com baixos-relevos, tão deterioradas que mal conseguimos distinguir o menor traço do objeto reproduzido.

Além disso, é impossível reconhecer um muro, apesar de termos seguido a vala mais profunda. Também a parte oposta da sala desapareceu e lá vemos apenas um muro alto de terra. Um exame mais minucioso revela traços de paredes, antes tijolos de barro não cozidos, que agora têm a mesma cor da terra que os rodeia.

»As placas de alabastro caídas anteriormente ainda estão de pé e, entre elas, entramos em um labirinto de pequenos baixos-relevos representando carros, cavaleiros, batalhas e cercos. Talvez os trabalhadores levantem uma nova placa, por isso esperamos um pouco de impaciência e curiosidade para ver que novo evento na história da Assíria, que costume desconhecido ou que cerimônia religiosa explicarão o alívio gravado nela.

"Assim que andamos cerca de trinta metros entre esses escombros espalhados, vestígios da história e cultura do povo assírio, chegamos a uma porta formada por dois touros gigantescos de calcário amarelo. Um é inteiro, mas seu parceiro destacou sua cabeça humana, que agora está aos nossos pés.

»Continuamos caminhando e vemos outra figura alada que segura uma flor delicada que apresenta o touro alado como se fosse uma oferenda. Ao lado desta figura, encontramos oito belos baixos-relevos. Um deles representa o rei na caça e triunfante sobre o leão e o touro selvagem; outro, o cerco de um castelo no qual os agressores usam o aríete. Agora chegamos ao final da sala e temos diante de nós uma figura trabalhada com arte especial: dois reis diante do símbolo da divindade, acompanhados por duas figuras aladas, entre as quais está a árvore sagrada da vida. Diante desse alívio, encontra-se a pedra onde estaria o

trono do monarca assírio, quando recebeu os prisioneiros inimigos ou seus cortesãos.

"À esquerda, há outra saída, guardada por dois leões, à beira de um precipício profundo sobre o qual se eleva, muito acima de nós, a massa dessas sublimes ruínas. Nas paredes próximas à porta, há figuras de prisioneiros carregando tributos: brincos e pulseiras, além de dois touros gigantes e duas figuras aladas, já na mesma borda, medindo mais de quatro metros.

»Como nesta parte a montanha de ruínas é cortada no pico, formando um precipício, temos que fazer um desvio e, entrando pela porta dos touros amarelos, encontramos uma sala inteiramente decorada por figuras com cabeças de águia; Em uma extremidade, há uma porta ladeada por dois sacerdotes ou divindades; e no centro, outra porta com dois touros alados. Qualquer direção que escolhermos nos leva a uma infinidade de salas, e quem não sabe que o poço do labirinto está exposto a se perder, já que, além disso, os escombros se acumulam geralmente no centro das salas e o trabalho de entulho realizado consiste em um labirinto de corredores estreitos, um dos quais coberto de placas de alabastro e o outro é um grande monte de terra que em algum momento revela um ou dois vasos quebrados ou um tijolo pintado com cores vivas.

"Passar por essas galerias para ver rapidamente as estranhas esculturas ou as inúmeras inscrições que são oferecidas lá nos leva de uma a duas horas. Aqui vemos longas filas de reis acompanhadas por seus eunucos e sacerdotes; além, outras fileiras, também de figuras aladas, que, portando lanças e emblemas religiosos, parecem estar caminhando para a mística Árvore da Vida.

»Outras entradas, sempre compostas por leões ou pares de touros, nos levam aos outros aposentos. Em cada um deles há novas razões para curiosidade e admiração. Cansados, finalmente salvamos um poço, do lado oposto à entrada; Saímos do prédio e nos encontramos

novamente no amplo platô que a terra formou na montanha de ruínas da cidade. "

E Layard, que está extremamente impressionado, acrescenta: “Nesse campo, parcialmente estéril e parcialmente cultivado, povoado pelas tendas beduínas, procuramos em vão os vestígios dos maravilhosos restos que acabamos de contemplar; estamos quase inclinados a acreditar que sonhamos ou que acabamos de ouvir a narração de um conto oriental. Muitos que podem pisar neste lugar novamente mais tarde, quando a grama cobrir completamente as ruínas dos palácios assírios novamente, suspeitarão que eu lhes contei uma visão. Capítulo XXIII G EORGE S MITH PROCURA UMA AGULHA NO Palheiro

A pilhagem de Layard, em Nemrod Hill, era muito mais maravilhosa do que o esperado e estava além do triunfo de Botta em Korsabad. É lógico supor que quem alcançou um sucesso tão completo não arriscaria sua fama em experiências claramente fadadas ao fracasso.

Enquanto dedicava sua atividade a novas colinas para realizar outras escavações, Layard escolheu a Colina Kuyunjik como o objetivo de seu novo empreendimento, o mesmo em que Botta passou o ano inteiro cavando em vão quase em desespero.

Essa decisão, absurda apenas na aparência, mostra que Layard era mais do que apenas um homem de sorte, guiado por uma estrela feliz; Isso mostra que ele aprendeu, com suas escavações anteriores, a julgar com precisão a superfície das elevações da terra e que estava preparado para fazer deduções sonoras a partir das menores indicações.

Então aconteceu exatamente como Schliemann, o ex-milionário comerciante que, depois de descobrir Tróia, encontrou o "Portão dos Leões" de Micenas: todos

acreditavam que o primeiro triunfo fora puramente acidental e não poderia ser repetido.

aleatória. E todos tiveram que reconhecer que os tesouros da segunda vez saíam à luz do dia que revelavam a magnitude e a riqueza da cultura esquecida.

No outono de 1849, Layard esfaqueou sua picareta na colina de Kuyunjik, em frente a Mossul, nas margens do Tigre, e imediatamente encontrou um dos maiores palácios de Nínive.

Perfurou um poço vertical na colina e, a uma profundidade de aproximadamente seis metros, foi encontrado com uma camada de tijolos. De lá, ele abriu corredores horizontais em direções diferentes e logo encontrou uma sala cuja porta era ladeada por animais alados; depois de quatro semanas de trabalho, ele já havia descoberto nove quartos no palácio de Senaqueribe (704-681 aC), um dos reis mais poderosos e sedentos de sangue do Império Assírio.

Surgiram uma inscrição após a outra, imagens, relevos e esculturas, paredes lindamente decoradas de azulejos, mosaicos, inscrições brancas sobre fundo azul turquesa, tudo em um esplendor de tons estranhamente frios e escuros com predominância de preto, amarelo e azul escuro. Os relevos e as esculturas, que denotavam grande vigor na expressão e uma naturalidade meticulosa, ultrapassavam em muito as peças encontradas na colina de Nemrod.

Em Kuyunjik apareceu o maravilhoso alívio da leoa ferida, uma obra do tempo de Assurbanipal. Arrastando o corpo, a leoa levanta a testa e levanta a cabeça pela última vez em um rugido final, o que reflete uma profundidade de criação e um vigor artístico que podem muito bem ser comparados às melhores criações da arte ocidental.

Esta cidade, até então conhecida apenas pelas palavras de alguns profetas, grandes, sublimes e ao mesmo tempo terríveis, que a Bíblia elogia, insultos e vituperados alternadamente, foi apresentada aqui aos olhos dos pesquisadores modernos.

Nin, a grande deusa da terra de dois rios, deu nome à cidade. Nínive é tão antiga que Hamurabi, o legislador que viveu por volta de 1930 a. de JC, menciona o templo de Istar como um local onde a cidade estava agrupada, que era uma cidade provinciana, enquanto Assur e Kalchu eram residências reais.

Senaqueribe, desprezando Assur, que era a sede de seu pai, fez de Nínive a capital de um país que incluía todo o reino babilônico, até a Síria e a Palestina, por um lado, e que chegava ao leste até as regiões montanhosas, habitadas por nômades selvagens que nunca conseguiram finalmente subjugar.

Com Assurbanipal, Nínive conheceu os dias de seu esplendor máximo e foi a cidade "onde os comerciantes são mais numerosos que as estrelas no céu", porque é um ponto de confluência de relações políticas, econômicas e culturais. Era como Roma na época dos césares. Mas reinando seu filho Sin-shar-ishkun, cujo governo durou apenas sete anos, Ciaxares, rei dos medos, apareceu diante de seus muros e com um exército reforçado com persas e babilônios sitiou a cidade e a conquistou, demolindo suas muralhas e palácios e transformá-lo em uma pilha de ruínas.

Isso aconteceu no ano 612 a. de JC; portanto, Nínive era apenas uma residência real por cerca de noventa anos; mas o que poderia ter acontecido nesses noventa anos para que a fama da cidade fosse mantida viva por vinte e cinco séculos, tão simbolicamente emparelhada em grandeza com a noção de terror e poder máximos, de sibaritismo e civilização, de progresso extremamente alto e declínio vertical , assim como com a culpa criminal e sua justa punição?

Hoje, graças ao trabalho conjunto de escavações e paleógrafos que decifraram os textos cuneiformes encontrados, conhecemos muitos dados sobre a vida de ambos os reis, Senaqueribe e Assurbanipal, bem como seus ancestrais e sucessores, que podemos dizer:

A memória e a fama de Nínive estavam gravadas na consciência dos homens pelas monstruosidades cometidas: assassinato, pilhagem, submissão de povos e opressão dos fracos. Guerra e terror eram as únicas regras para preservar o trono conhecido por seus reis, que raramente chegavam ao fim de seus dias de morte natural e sempre eram sucedidos por príncipes ainda mais sangrentos. Senaqueribe foi o primeiro daqueles césares meio loucos a ocupar o trono da primeira grande metrópole civilizatória, como Nero foi muito mais tarde no trono de Roma. Nínive é de fato a Roma assíria, a cidade poderosa, a capital, a metrópole, a cidade de palácios gigantescos, praças enormes, estradas surpreendentes, a cidade que sabia como resolver problemas técnicos sem precedentes. Sede de uma classe muito pequena de senhores que devia sua posição e sua supremacia sobre os outros à raça, sangue, nobreza, dinheiro, violência ou uma mistura refinada de tudo isso. Essa minoria governava de maneira onipresente uma massa anônima, oprimida, sem direitos, reduzida às mais severas condições de trabalho, à escravidão, apesar do fato de sua liberdade ter sido reconhecida mais de uma vez. Em vastos documentos de estilo muito semelhantes aos de hoje, foi proclamado trabalho para o bem comum, travando guerra pelo povo e sacrificando pelo país, mas isso, sempre flutuando e oscilando entre revolta social e servidão voluptuosa, era uma massa cega, crédula e pronta para sacrificar como o gado que estava nos grandes pátios daquelas cidades; cidades que não são mais de um deus, mas de muitas, muitas vezes trazidas de terras distantes, desprovidas de sua antiga força geradora, cidades de mentiras e o que hoje chamaríamos de propaganda: a política se transformou em uma profissão a serviço permanente de mentiras.

Este foi Nínive.

De longe, as fachadas de seus brilhantes palácios refletiam-se nas águas do Tigre. Uma primeira parede externa a cercava; e então, outra grande muralha que exibia o pomposo nome de "o terrível esplendor que aniquila os inimigos" e ficava em imensas fundações de blocos de pedra; tinha "quarenta tijolos" de largura e cem de altura, ou cerca de dez e vinte e quatro metros, respectivamente. Do lado de fora, um fosso

de quarenta e dois metros se abriu e, no "portão do jardim", havia uma grande ponte de pedra, uma maravilha arquitetônica do dia.

Na parte ocidental estava o palácio "sem paralelo" de Senaqueribe, que quando o construiu derrubou todos os prédios antigos que apresentavam algum obstáculo ao seu projeto, o mesmo que Augusto fez mais tarde, quando ele fez uma Roma de mármore a partir de uma adobe de Roma.

A devassidão arquitetônica de Senaquerib alcançou o máximo de fantasia no jardim criado em homenagem ao deus Assur, na cidade de mesmo nome. Buracos foram perfurados nas rochas de 16.000 metros quadrados ao redor do templo, conectados no subsolo por canais, e o todo estava cheio de terra.

O rei queria um jardim lá!

Senaqueribe começou seu reinado adaptando sua genealogia à sua maneira.

Ele renunciou ao pai, Sargon, e tornou-se um descendente direto dos reis pré-diluvianos, de semideuses como Adapta e Gilgamesh. Nisto existe um paralelismo histórico que seria errado considerar um fato casual: os césares romanos se coroavam como deuses, ordenando que as estátuas fossem erguidas em todas as províncias. E

alguns ditadores ocidentais de tempos mais recentes também não reivindicaram a qualidade dos deuses, alegando possuir o dom da infalibilidade, que em suas cidades confirmou um povo descontente, mas obediente?

Senaqueribe era uma personalidade extraordinária em todos os aspectos. De uma incrível capacidade física, entusiasta por esportes, arte e ciência e, acima de tudo, técnica. Essas boas qualidades foram afogadas por seu caráter despótico e irado, que sem escrúpulos executou todos os planos, projetos ou caprichos, indo firmemente em

direção a seu objetivo. Essa tem sido precisamente a antítese do bom estadista. (Meissner.)

Durante o seu reinado, a guerra prevaleceu: ele lutou contra a Babilônia, contra os galileus e os Coseos. No ano 701, contra Tiro, Sidon, Ashkelon e Ekron. Também contra Ezequias da Judéia, cujo conselheiro era o profeta Isaías: ele se gabava de ter conquistado quarenta e seis fortalezas e muitas cidades na terra judaica; mas ele conheceu a derrota diante de Jerusalém. Isaías diz:

"Ele não pisará nesta cidade, nem atirará uma flecha, nem o soldado coberto com seu escudo a atacará, nem levantará trincheiras ao seu redor ... Um anjo do Senhor desceu e atingiu cem assírios no acampamento. oitenta e cinco mil homens; E quando eles se levantaram ao amanhecer, eis que não viram nada além de montes de cadáveres. "

A praga - agora sabemos que era malária tropical - acabou com seu exército.

Ele fez novas incursões militares na Armênia; Ele constantemente lutava na Babilônia, que não estava resignada a apoiar seus governantes despóticos e, com uma frota, alcançou o Golfo Pérsico, seus anfitriões caíram no país do Sul "como um bando de gafanhotos".

O relato de suas próprias façanhas é exagerado; e as figuras, pura invenção. Por sua ênfase, eles correspondem exatamente aos discursos usuais nos ditadores modernos, destinados a manter o moral de seu povo e de suas tropas, cientes de que a maioria das pessoas acreditará em tais mentiras. É um consolo para nós, homens do

século XX, saber que um de nossos arqueólogos encontrou uma placa de barro, nas ruínas da Babilônia, com a seguinte inscrição lapidária:

"Olhe para onde você quiser e verá que os homens são estúpidos."

Esse paralelismo entre esses fenômenos não é exagerado, mas ocorre da maneira mais natural ao contemplar as diferentes épocas da história dos povos, não apenas em sua sucessão cronológica, mas em sinopse comparativa.

As ambições de Senaqueribe atingiram seu auge em 689, quando ele decidiu exterminar Babilônia, que havia ressuscitado novamente, com a mesma crueldade com que o Ocidente moderno inventou palavras na segunda guerra mundial, como ausradieren e covenfrizar ((1) Os habitantes, um após o outro, foram assassinados, transformando as ruas em necrotério. As casas foram destruídas; o templo de Esagila e sua torre foram abatidos no canal de Arachtu; e, finalmente, a água foi trazida para a cidade de tal maneira que as ruas, praças e casas foram inundadas. Mas a aniquilação efetiva da cidade não era suficiente, ele queria fazê-la desaparecer também simbolicamente, e para isso ele fez alguns navios carregar da terra da Babilônia, ordenou que levassem Tilmun, e ali a terra foi espalhada por todos os ventos.

Isso pareceu finalmente dar-lhe a tranquilidade necessária para se preocupar com os assuntos da política interna e, concordando com a demanda de Nakiya favorita, ele proclamou o príncipe herdeiro de Asarhaddon, um de seus filhos mais novos, justificando sua decisão arbitrária na qual ele o fez. pelo oráculo dos deuses, que endossaram tal escolha. Reuniram uma assembléia na qual os irmãos mais velhos de Asarhaddon participaram, altos funcionários assírios e representantes do povo foram consultados sobre esse acordo e os membros da congregação gritaram "sim" em aprovação aclamada; mas os filhos mais velhos de Senaqueribe, ligados à tradição, revoltaram-se contra o pai no final de 681 e um dia, quando ele adorou seu deus no templo de Nínive, eles o assassinaram, e assim Senaqueribe morreu.

Isso foi parte da sangrenta história que Layard descobriu. Ele desejava trazer outra parte do conto interessante à luz quando encontrou em duas salas, evidentemente acrescentadas mais tarde ao palácio de Senaqueribe, uma gigantesca biblioteca.

Não existe anacronismo ou exagero em tal frase. A biblioteca que Layard descobriu continha trinta mil volumes em pratos de barro.

Assurbanipal (668 a 626 aC), trazido ao trono por sua avó Nakiya, que era a favorita de Senaqueribe, tinha um caráter oposto ao de Senaqueribe. Suas inscrições, menos presunçosas do que as de seu antecessor, revelam virtudes pacíficas e uma propensão para uma vida confortável e paz, o que não significa que ele não tenha travado guerra. Seus irmãos, um sumo sacerdote do deus da lua, que chama nossa atenção antes de tudo por seu nome especialmente longo, Asur-etil-schame-irsiti-ubalitsu, causaram-lhe muitas preocupações; especialmente Shamas-shum-ukin, que havia sido feito rei da Babilônia. Assurbanipal destruiu o reino dos elamitas, conquistou Babilônia, reconstruída por seu antecessor imediato, e não o arrasou como Senaqueribe, mas o tratou com misericórdia. Na época deste cerco, que durou dois anos, o mercado negro floresceu na Babilônia, um fenômeno econômico que, após as

duas guerras mundiais, isto é, dois mil e quinhentos anos depois, o Ocidente considera a forma mais moderna e nova de decomposição econômica. Três "sila" (medida oriental) de trigo, cerca de três quilos, custam uma sacola de prata, ou 8,4 gramas, quantia que normalmente seria paga sessenta vezes mais.

Um poeta, em louvor a Assurbanipal - o famoso Sardanapalus dos gregos - diz o que nunca poderia ter sido dito sobre Senaqueribe:

«As armas dos seus inimigos não se

mexeram. Os guerreiros saltaram de seus

carros, descansando suas lanças afiadas e
afrouxando seus arcos; os tirantes foram
subjugados e agora não estavam mais
lutando contra seus inimigos.

»Na cidade e nas casas,
ninguém roubou a
propriedade de terceiros. Em
todo o país, ninguém fez mal
ao próximo.

»Quem andou sozinho

Ele caminhou silenciosamente pelo caminho

isolado, não havia bandidos derramando

sangue inocente, e ele não cometeu nenhum

ultraje.

"Nas aldeias havia casas tranquilas,

todas as quatro partes do mundo foram bem

supridas com um bom petróleo. ”

Seu nome ganhou fama ilustre e eterna pela fundação de uma biblioteca "para lê-lo". A descoberta dessas placas foi o último grande triunfo de Layard como escavadeira, antes de desistir de seu emprego para outra pessoa, retornando à Inglaterra e iniciando sua carreira como político.

Essa biblioteca deu a chave para o conhecimento de toda a civilização babilônica assíria.

O rei adquiriu uma parte das placas como propriedade privada, e a maioria das preservadas são reproduções que ele ordenou que fossem feitas em todas as regiões de seu Império. Ele enviou Shadanu, um de seus funcionários, à Babilônia, instruindo-o assim:

"No dia em que você receber minha carta, leve Shuma, seu irmão Beletier, Apia e os artistas de Borsipa que você conhece. Traga todas as tábuas que encontrar em suas casas, bem como as tábuas que estão no templo de Ezida. »

A carta termina assim: "Procure as placas de valor cujas cópias não existem na Assíria. Agora, escrevi ao sumo sacerdote do templo e ao prefeito de Borsipa dizendo que você, Shadanu, levará as placas em depósito e que ninguém as esconderá de você. Se qualquer placa ou texto ritual parecer adequado para o palácio, encontre-o, leve-o e envie-o para mim ».

Além disso, os sábios e toda uma "assembléia de artistas e escribas" trabalham para ele. Assim, ele montou uma biblioteca que continha todo o conhecimento daquela época; e estes, em grande parte, foram determinados por magia, crenças sombrias e feitiçaria. Isso explica por que a maioria dos livros são obras doutrinárias sobre feitiços, presságios e ritos. Mas não faltaram muitas obras de medicina, em grande parte mágicas, assim como obras de filosofia, astronomia, matemática e filologia. Layard encontrou em Kuyunjik Hill aquelas placas escritas para textos de alunos que contribuíam muito para decifrar o Tipo III da escrita cuneiforme.

Também foram encontradas listas de reis, notas históricas, notícias políticas, eventos e até poesia, canções épicas, lendas mitológicas e hinos.

Finalmente, entre todo esse tesouro, a obra literária mais importante do mundo antigo da Mesopotâmia foi encontrada em pratos de barro: o primeiro épico da história universal, a lenda do maravilhoso e terrível Gilgamesh, uma figura mítica que tinha dois terços de ser divino e um da pessoa humana.

Mas essas placas não foram mais encontradas por Layard, mas por outro homem ilustre, pouco antes libertado por uma expedição de seu doloroso cativeiro de dois anos na Abissínia. Se Layard os tivesse descoberto, ele teria ponderado o equilíbrio de sua glória, já que esse épico de Gilgamesh não era apenas de interesse literário, que seria longo, mas continha uma lenda que lançou uma surpreendente clareza em nosso passado mais remoto, uma lenda que ainda Hoje, todas as

crianças européias aprendem na escola, sem que ninguém suspeite de sua origem até a descoberta do Monte Kuyunjik.

Hormuz Rassam, assistente de Layard, quando iniciou sua carreira política, foi nomeado sucessor, a conselho do Museu Britânico.

Rasam era um cristão caldeu nascido em Mossul em 1826. Em 1847, ele começou seus estudos em Oxford. Em 1854, ele foi intérprete do residente inglês em Aden e logo depois, aos trinta anos, foi o próprio residente substituto. Em 1864, ele se mudou para a Abissínia com uma missão; mas Theodore, um rei negro autoritário, o levou prisioneiro. E assim Hormuz Rassam passou dois anos nas prisões da Abissínia, até a expedição de Napier poder libertá-lo. Um pouco depois, ele começou suas escavações em Nínive.

Rassam escavou com tanto sucesso quanto Layard, embora não tivesse duas vantagens que haviam contribuído muito para sua fama: a boa sorte de ser a primeira e, assim, tirar proveito da novidade sensacional das descobertas, e a fascinante capacidade do diplomata e homem de sua profissão. um mundo que sabe apresentar suas descobertas com descrições repletas de expressões brilhantes e conceitos ousados sobre o mundo descoberto, que conquistaram o público e o profissional. Pode-se imaginar o grande jogo que Layard teria feito se ele ainda tivesse encontrado um templo de cinquenta metros de comprimento por trinta de largura na colina de Nemrod, que havia sido movida por toda parte. E em cores brilhantes, ele descreveria a ação da revolta dos trabalhadores que Rassam teve que conter com mão de ferro. Estando catorze quilômetros ao norte de Nemrod, perto de Balawat, ele descobriu não apenas um templo em Ashurnasirpal, mas também os restos de uma cidade de terraços. E também, entre muitos outros objetos, uma porta de bronze com duas folhas com quase sete metros de altura, a primeira e única prova de que essas portas eram conhecidas nos palácios do país dos dois rios. O mesmo poderia ser dito sobre a habilidade literária e a emoção cativante com a qual Layard descreveria a descoberta do épico de Gilgamesh, embora, como Hormuz Rassam,

ele não soubesse imediatamente a grande importância da descoberta, algo que só era conhecido pela população. depois de muitos anos. É

verdade que, hoje, toda história da Literatura Universal, por mais elementar que seja, é mencionada em suas primeiras páginas. Mas para autores modernos, as coisas são fáceis; costumam citar dez linhas para apontar o valor literário, indicam que essa é a fonte mais remota da epopéia e não se preocupam com o conteúdo da obra, que remonta aos primórdios da humanidade.

Encontrar os traços dessa origem é o mérito de um homem que morreu quatro anos depois de fazer sua descoberta; de um sábio cujo nome, sendo comum na Inglaterra, sua terra natal, dificilmente é mencionado em tratados arqueológicos, embora apareça em observações marginais e chamadas.

Esse homem era George Smith, outro dos "amadores" que bisbilhotava no campo da arqueologia.

Smith, nascido em 26 de março de 1840, em Chelsea, perto de Londres, era um homem autodidata que, todas as noites, em seu quarto, se dedicava sem igual aplicação ao estudo das primeiras publicações de Assiriologia. Aos 26 anos, ele escreveu um pequeno tratado sobre personagens cuneiformes ainda duvidosos. Tais estudos, que chamaram a atenção do mundo profissional, renderam-lhe, anos depois, a nomeação de assistente na seção egípcia-assíria do Museu Britânico, em Londres. Quando morreu prematuramente em 1876, ele já havia publicado uma dúzia de livros, vinculando seu nome a importantes descobertas.

George Smith estudou, no ano de 1872, algumas placas que Hormuz Rassam havia enviado ao Museu e tentou decifrá-las.

Naquela época, ninguém suspeitava que houvesse uma literatura assírio-babilônica que valesse a pena comparar com as grandes obras clássicas da literatura posteriores. Não foi isso que fascinou Smith, cientista de coração, sem ambição literária e, provavelmente, sem

gostar das musas. Mas assim que a decifração começou, ele ficou fascinado pelo enredo da lenda e pela ação narrada, não por sua forma. E quanto mais

ele progredia em sua tarefa, mais empolgado ele ficava com o que foi dito lá, especialmente uma alusão secundária que ele encontrou no final ...

Smith seguiu apaixonadamente o relato de Gilgamesh sobre os grandes feitos. Ele lera a lenda do homem da floresta, Enkidu, que foi trazido à cidade por uma sacerdotisa prostituta do templo para derrotar Gilgamesh, o presunçoso. Mas a terrível luta entre os dois heróis não deu uma vitória, mas Gilgamés e Enkidu tornaram-se amigos e ambos realizaram novos feitos prodigiosos juntos: mataram Chumbaba, o terrível dono da floresta de cedros, e até provocaram os próprios deuses para a guerra.

Insultou rudemente a deusa Istar, que havia oferecido a Gilgamesh seu amor divino.

E decifrando meticulosamente, Smith havia lido como Enkidu morreu de uma doença terrível, como Gilgamesh o lamentou e como, para não compartilhar o mesmo destino, ele procurou a imortalidade. Ele foi até Ut-napisti, o ancestral comum de todos os humanos, o único que com sua família conseguiu escapar do grande castigo imposto pelos deuses à humanidade, tornando-se imortal. E Ut-napisti, o ancestral comum, contou a Gilgamesh a história de sua salvação milagrosa.

Smith estava lendo isso com olhos ardentes. Mas quando sua empolgação começou a se tornar a certeza de uma nova descoberta, ele encontrou mais e mais lacunas no texto das placas enviadas por Rassam, Smith notando que ele possuía apenas parte do texto e que o essencial, o fim do grande épico, com a história de Ut-napisti, só permaneceu em fragmentos.

Mas o que havia sido decifrado até então no épico de Gilgamés não lhe permitiu ficar calado. Quando esse fato se tornou conhecido, toda a

Inglaterra, um país que gosta muito de leituras bíblicas, foi movido. Um jornal conhecido ajudou George Smith. O Daily Telegraph informou que disponibilizaria 1.000 guinéus para quem encontrasse o resto do épico de Gilgamesh, marchando até Kuyunjik para procurá-lo.

E George Smith, o assistente do Museu Britânico, aceitou esse desafio. O que pediram a ele era nada mais ou menos do que isso: viajar milhares de quilômetros, de Londres à Mesopotâmia, procurar ali, em uma montanha de escombros que, em relação ao seu volume, mal havia sido cavado, certos pratos de barro. Realizar essa tarefa era algo como procurar a famosa agulha no palheiro.

George Smith, repetimos, aceitou a proposta de realizar um trabalho tão ousado. Mas o mais surpreendente é que um desses incríveis golpes de fortuna foi repetido que, no curso das explorações arqueológicas, foram dados tantas vezes: Smith imediatamente encontrou as partes que faltavam no épico de Gilgamesh!

Ele voltou a Londres com 384 fragmentos de pratos de barro, e entre eles estavam aqueles que completaram a história de Ut-napisti, cuja primeira alusão o emocionou tanto. Essa história foi a descrição do dilúvio, mas não de uma daquelas catástrofes aquáticas que aparecem na mitologia primitiva de quase todos os povos, mas a descrição de um dilúvio bem determinado, exatamente o mesmo que foi dito mais tarde na Bíblia. Para Ut-napisti era apenas o Noé bíblico.

E vamos ver aqui o texto, que é o que importa. O deus Ea, amigo dos homens, revela em sonhos a seu protegido a intenção dos deuses de impor uma punição, pela qual Ut-napisti constrói um navio:

«Tudo o que tinha eu levava comigo; Eu carregava todos os

frutos da minha vida no navio; família e parentes:

animais de fazenda, animais da pradaria e artesãos de todos os comércios, enviei todos eles.

Entrei no barco e fechei a porta ... Quando o dia

esplêndido amanheceu no horizonte distante, uma

nuvem negra se amontoou ...

A claridade do dia de repente se transformou em noite: o irmão não vê mais o irmão, a terra não pode mais ser distinguida do céu. Os deuses, cheios de terror diante das águas, fugiram e se refugiaram no céu de Anu, os deuses se amontoaram como cães na parede e ficaram parados ... Por seis dias e seis noites

a tempestade e as ondas aumentaram, o furacão rugiu por todo o país.

Ao amanhecer a tempestade se acalmou,

as ondas se acalmaram, aquelas ondas enormes que causaram terríveis estragos, como um exército de guerreiros; essas ondas ficaram fracas, o vento diminuiu e a água parou de subir.

Olhei para as águas, porque o seu rugido não foi ouvido:

Todos os homens se voltaram para o barro!

O pântano atingiu a altura de uma casa ...

Procurei a terra, olhando o horizonte do mar e

lá, muito, muito longe, vi uma ilha surgir.

O navio se aproximou do Monte Nisir, e no Monte

Nisir encalhou, permanecendo ancorado ...

Ao amanhecer, no sétimo dia, soltei um pombo e o

mandei embora, e como não havia lugar para descansar,

ele voltou. Enviei uma andorinha e a deixei voar; Ele

voou, a andorinha voou, e ele também voltou para mim,

porque não encontrou um lugar para descansar, então

voltou. Então soltei um corvo, deixei voar,

e ele voou para longe. O corvo viu o nível da água baixar; é por isso que ele come, voa, grita ... e não volta.

Não havia dúvida: havia sido encontrada uma forma primitiva do relato bíblico do Dilúvio universal. Não somos apenas impressionados com a semelhança do grande evento, mas encontramos algumas características que aparecem novamente na

Bíblia; por exemplo, aqui encontramos até a pomba e o corvo, que Noé também lançou.

Este texto do épico de Gilgamesh, gravado em escrita cuneiforme, colocou um problema crítico na época de George Smith: a narrativa da Bíblia não era a mais antiga que existia.

Mais uma vez, a investigação de piquetes deu outro grande salto no passado. Mas agora surgiram novos problemas. A história de Ut-napisti seria apenas a confirmação da verdade da lenda bíblica por uma lenda mais antiga? Até recentemente, tudo o que a Bíblia dizia dessa estranha cidade tão rica situada entre os dois rios era considerado uma mera lenda? E não se viu que todas essas lendas se baseavam em um fundo autêntico, em uma realidade histórica?

Talvez também a história do dilúvio fosse mais do que apenas uma lenda.

E pensando em tais coisas, nos perguntamos: até que ponto a história do país dos dois rios retrocede?

O que até então fora interpretado como um muro intransitável atrás do qual não havia nada além de escuridão devido à absoluta falta de história, logo se revelará como uma cortina simples que cobre o cenário de um mundo ainda mais antigo!

Alguns anos após a descoberta de George Smith, outro agente consular francês chamado De Sarzec, na década de 1880, encontrado perto de Tello, na Babilônia, enterrado na areia, uma figura que denotava um

estilo artístico nunca antes visto. no país dos dois rios. Tinha certas características em comum com o que foi encontrado até então, mas mais antigo e mais monumental, era um traço da arte mais primitiva, dos dias da infância da cultura humana e muito mais antiga que a arte egípcia, até então considerada a mais remota. da humanidade.

A descoberta desses vestígios antigos da cultura primitiva desta cidade é o resultado de uma hipótese extraordinariamente ousada dos pesquisadores, ligada por acaso ao que foi encontrado por De Sarzec e que brilhantemente confirmou a ousada hipótese.

Mas este capítulo chega à segunda década do nosso século. Pode até encontrar seu clímax em nossos dias; pois o que no século passado significaria um fato absurdo e tolo foi realizado em 1949: três expedições marcharam em busca, com muita seriedade, no monte Ararat, os restos da arca de Noé, alegando que um aldeão turco ele fez uma declaração sobre esse assunto.

Mas antes disso, no final do século passado, um pesquisador alemão começou a escavação da Babilônia.

Capítulo XXIV

L COMO APARELHOS DE BALAS AO REDOR DE K OLDEWEY

Em 1878, um arquiteto de 21 anos, de Boston, chamado Francis H. Bacon e seu amigo Clarke partiram para a Grécia e a Turquia. Clarke estava preparando um

trabalho histórico sobre arquitetura dórica, e Bacon estava se preparando para fazer as ilustrações. Além de um subsídio modesto da Sociedade de Arquitetos de Boston, cada um levava US $ 500.

"Quando fizemos a viagem para a Inglaterra", escreve Bacon mais tarde ", calculamos as despesas para as quais tudo foi projetado e observamos que não tínhamos dinheiro suficiente para fazer nossa viagem adequadamente, tendo em vista que decidimos comprar um

barco na Inglaterra que serviu como meio de locomoção e como hotel. Dada a sua tonelagem modesta, nosso itinerário foi definido da seguinte forma: atravessar o Canal da Mancha, subir o Reno, seguir o Danúbio até o Mar Negro e, a partir daí, passar por Constantinopla e Dardanelos, visitando o arquipélago helênico e a península . E assim fizemos.

Três anos depois, esses jovens arqueólogos empreendedores fizeram sua segunda jornada e seguiram para Aso, na costa sul do Troad. Homens de ciência, mas jovens, também tinham na bagagem uma grande reserva de bom humor.

"Em 4 de abril de 1881", escreve Bacon, "depois de muitas discussões, compramos um barco como os usados no porto de Smyrna por oito libras; nós o rebocamos da popa do navio a vapor e, deixando para trás a doca e muitas pessoas ansiosas por hachisch, fomos para Mitilene. Um vento suave do norte nos parou. Aproveitamos a parada para limpar e pintar nosso barco. Discutimos o nome que deveríamos dar e, como não podíamos concordar em chamá-lo de Anón, Safo ou qualquer outro nome clássico ilustre, batizamos com Meschitra, uma palavra que significa "queijo fresco".

Em 1º de abril de 1882, eles se juntaram a um terceiro, o alemão Robert Koldewey, que vinte anos depois seria um dos arqueólogos mais famosos do nosso século.

Ele tinha 27 anos então. Em 27 de abril de 1882, Bacon disse sobre ele:

"Koldewey causa uma boa impressão quanto mais ele é conhecido, e é precisamente o homem que combina comigo e com Clarke". Esta é a primeira referência que temos de Koldewey, transmitida por um colega dele por profissão.

E, depois desse preâmbulo, deixemos Clarke e Bacon, que na ordem dos grandes descobridores arqueológicos estão muito abaixo desse grande pesquisador que um dia foi autorizado a participar de sua expedição.

Robert Koldewey nasceu em 1855, em Blankeburg, Alemanha. Ele estudou arquitetura, arqueologia e história da arte em Berlim, Munique e Viena. Antes de completar trinta anos, ele fez alguns trabalhos de escavação em Aso e na ilha de Lesbos. Em 1887, ele trabalhou na Babilônia, em Surgal e El-Hibba; depois, na Síria, no sul da Itália e na Sicília e, em 1894, novamente na Síria.

Durante três anos, de quarenta a quarenta e três, ele foi professor na Escola de Arquitetura de Görlitz, tarefa que não deveria lhe agradar muito; quando, subitamente, no ano de 1898, começou a escavar as ruínas da Bíblia Bíblica. Babilônia.

Koldewey era uma personalidade extraordinária, como homem e como cientista, especialmente se o compararmos com seus colegas profissionais. A arqueologia é geralmente tratada em publicações especializadas da maneira mais fria e aborrecida. Por outro lado, para Koldewey, seu amor por escavações e os restos da antiguidade não o impediu de observar o país que ele pisava e seus habitantes, os mil eventos divertidos que a vida cotidiana oferecia.

Nada poderia vencê-lo em seu bom humor transbordante.

O arqueólogo Koldewey também escreveu poemas humorísticos e epigramas cheios de ironia, nos quais a sabedoria antiga reflete a sabedoria antiga. Não é o homem sábio, o professor de sessenta anos que logo seria conhecido em todo o mundo, que não tem vergonha de escrever esta saudação de Ano Novo:

«Escuros são os caminhos do destino, o

futuro que as estrelas marcam é

incerto. Antes de eu ir para a cama

Terei prazer em beber um pouco de conhaque. "

Existem inúmeras cartas dele que, devido ao seu estilo jornalístico descuidado e à seriedade que atribuímos a todo homem da ciência, nos impressionam e nos parecem impróprias como investigador.

Assim, por exemplo, ele diz sobre sua viagem à Itália:

«Além das escavações, nada acontece em Selinunte; mas na antiguidade havia de fato um tumulto de mil demônios, bem justificado. Trigo, frutas e vinho são produzidos na planície costeira, todos pertencentes aos gregos de Selinunte, que por alguns anos desfrutaram dessa riqueza providencial cheia de compreensão e tranquilidade.

Assim, até o ano 409 a. de J. C, em que, como resultado de uma briga com os Segestans, os cartagineses se aproximaram e Aníbal Gisgón usou seus carneiros contra as muralhas de Selinunte, cujos habitantes estavam assustados com um evento tão infame, desde que pouco antes os Selinuntinos ajudaram para os cartagineses. Mas Aníbal derrubou os muros abandonados e, depois de uma terrível briga de rua que durou nove dias e na qual as mulheres da cidade também participaram com veemência, 16.000 mortos estavam nas ruas. Os bárbaros cartagineses saqueavam tudo, dedicavam-se a saquear e profanavam os lugares sagrados, adornando os cintos com mãos e outros canibais de restos mortais. De tudo isso, Selinunte ainda não se recuperou; é por isso que os coelhos agora passam pelas ruas e, ocasionalmente, servem alguns jantares, que Gioffré caça sem muito esforço, e por isso o encontramos assado quando, à noite, voltamos de um banho turbulento ondas do mar sempre agitado.

Ele também nos fala da "terra das óperas e dos tenores": "É tão verdade que essas pessoas têm uma boa voz que a pessoa que não pode amamentar é considerada

quase mutilada". Nas linhas seguintes, ele fala muito seriamente sobre os templos no século V aC. de JC E depois ele se diverte com os gendarmes italianos: «... Quando são vistos vestindo um casaco e seu orgulhoso chapéu de três pontas, parecem pelo menos almirantes a cavalo; assim eles andam nas estradas desertas, onde nenhuma alma é vislumbrada, e assim mantêm a ordem ".

Na cidade antiga de Acragas, ele descobriu uma canalização antiga e pouco depois teve a idéia de escrever um livro inteiro sobre a evolução dos sistemas de canalização. Essa instalação foi feita pelo velho Féax e, em sua homenagem, os antigos canais foram chamados de 'feacos'. Desde o início, o técnico desempenhou um papel importante. O primeiro tirano de Agrigento, os terríveis Falaris, foi arquiteto e construtor; Quando ele construiu o templo do castelo, ele também fez um muro em volta dele, e lá colocou o famoso "touro Falaris", a quem ofereceu sacrifícios humanos dizendo: "Eu sou Falaris, o tirano de Acragas". Isso aconteceu por volta de 550 aC. de JC Atualmente, a carreira de Fálaris é bastante difícil para seus colegas profissionais.

O templo de Himera inspirou as seguintes palavras: «Mas, o que aconteceu com o poderoso Himera? ... Abaixo, ao lado da estrada de ferro, estão os restos miseráveis daquele magnífico templo do passado, algumas de cujas colunas serviram para estábulo moderno, e onde as vacas arranham as estrias e não se comportam como deveriam dentro de um templo. Em vista dessa realidade, a única coisa que pode ser feita é medir o templo, ter compaixão e invejar as vacas, pois quantos arqueólogos alemães não ficariam felizes em passar a noite em um templo antigo! ”

Naquela época, as estradas da Itália eram inseguras e Koldewey estava decepcionado.

“A vida aqui ainda era bastante propícia aos bandidos há dez anos. Agora, as coisas mudaram, diz um daqueles bandidos obviamente muito perigosos, que vimos em pé, com um gesto terrível, no meio da estrada que passa perto dos templos. Seus olhos ardiam em um rosto

bronzeado e seu chapéu largo, como sua roupa, era de cores vivas, tão ricas e variadas quanto eu nunca tinha visto antes, mas no espectro de sulfato de sódio. Como havia uma taberna ali perto, entramos rapidamente e começamos a conversar com o proprietário, que usava brincos enormes. Perguntamos a hora, e qual não seria nossa surpresa ao ver que o bandido respondeu atrás de nós, que literalmente disse: "S'ischt no 'to Viertelstund bis Fiuf!" (são cinco menos um quarto). O personagem em questão era veneziano, mas ele trabalhava na Áustria e na Baviera há muito tempo e certamente não tinha bandido.

Em 2 de outubro de 1897, Robert Koldewey comunicou a um amigo seu, com a máxima discrição, que ele estava viajando para a Babilônia.

A coisa estava um pouco atrasada; mas, em 2 de agosto de 1898, ele escreveu novamente a seu amigo e contou-lhe sobre uma conferência que havia realizado com Richard Schöne, diretor geral dos museus de Berlim: "Escavações serão feitas na Babilônia!", e ele a escreve com dois pontos de exclamação. “Agora estou trabalhando nos preparativos para a expedição. A empresa durará, em princípio, um ano. No meu relatório, pedi o total de 500.000 marcos para as escavações - para distribuir em cinco anos de trabalho - e o primeiro, 140.000 marcos.

"Fui nomeado diretor das escavações, com um salário de 600 marcos por mês ...

fico louca de alegria ... quando penso que se alguém me dissesse dezesseis anos atrás que eu iria cavar na Babilônia, eu o consideraria louco. . »

Como será visto nos resultados, Koldewey era o homem mais adequado para essa tarefa. Aos quarenta e oito anos, escrevi: «Dentro de mim há alguém que sempre me diz:" Bem, Koldewey, agora você pode fazer isso, mas nada mais que isso; todo o resto não importa para mim! "» E essa máxima era sua lei, obedecida mesmo quando as balas dos bandidos do deserto assobiavam à sua volta, cuja existência ele

duvidava; o mesmo de quando ele descobriu os jardins Semiramis e o famoso Etemenanki, a torre de Babel!

"Os ingleses geralmente seguem um método na Babilônia e na Assíria de abrir poços e túneis, muitos dos quais ainda estão acessíveis, mas em geral isso constitui um sistema inadequado e desagradável. Para entrar, você primeiro tem que atirar para dentro para expulsar os animais que se abrigaram lá: morcegos, cobras, corujas e até hienas, que não sabem se precisam comer ou não.

As cartas de Koldewey estão cheias de comentários pitorescos como esse. Notas na margem, como as mencionadas, são de grande valia para pintar uma imagem vívida dos mil pequenos contratempos enfrentados pela pesquisa arqueológica. As publicações científicas, livros que apresentam os resultados do trabalho plurianual ao mundo profissional, geralmente não contêm nada disso. Silenciam a dura luta contra o clima, contra os povos indígenas que não têm entendimento e, às vezes, nem senso comum, contra uma autoridade local suspeita, contra os bandidos, contra a inesperada e injustificada rebelião dos trabalhadores indígenas pelas razões mais insuspeitas.

Mas as cartas que Koldewey escreveu nos dão notícias de tudo isso. Quando ele estava conduzindo algumas escavações em Assur, ele escreve: “25 de setembro era dia de pagamento e, felizmente, conseguimos reunir cerca de noventa homens; mas no dia 28 eles deixaram o trabalho após a coleta. Eles disseram que era pouco remunerado e que machucaram as mãos com esse trabalho duro; em resumo, eles queriam mais salário. Eu disse a eles que estava muito feliz com essa determinação, pois, como vi, não podia confiar neles e os deixei ir. Certamente eles estavam esperando por outra saída, e no dia seguinte alguns retornaram com a intenção de trabalhar, à qual respondi que isso não era mais possível; que não mantive ninguém que quisesse sair e que, uma vez saídos, não pudessem voltar ao trabalho. Então eles começaram a me implorar, recorrendo à intervenção do

xeque Homadi, que disse que seu povo tinha pouco cérebro, o que ele viu confirmado, e em vista disso, prometi levar o seu povo novamente na segunda-feira. Assim, eles voltaram hoje, depois de cruzarem o Tigre com suas peles de cordeiro inchadas, porque moram na outra margem e parece que sempre carregam seus carros alegóricos com a mesma naturalidade que, por exemplo, um habitante de Hamburgo carrega guarda-chuvas. »

Suas notícias sobre a insegurança das estradas, sobre os bandidos árabes da tribo Chammar, sobre os yezids curdos, são muito abundantes e variadas. É difícil conseguir tapetes de cana, além de açúcar e lâmpadas, porque os vendedores de caravanas pedem preços exagerados. Seus colaboradores devem ser acompanhados por uma

escolta armada. Mas ele nunca perde o bom humor. “Anteontem, as pessoas da tribo Beni Hecheim vieram à nossa região para exigir violentamente a restituição de cordeiros roubados, e ontem nosso povo se vingou por esse ataque. Cerca de duzentos homens com espingardas, liderando nossos xeques Mohamed, Abud e Mis'el com cerca de vinte cavaleiros, foram para a região de Chérchere. Lá ocorreu a luta habitual, na qual os de Beni Hecheim tiveram que se arrepender de um homem morto e da perda de uma espingarda. Por outro lado, um trabalhador foi baleado na barriga e muitos golpes na cabeça, e um de nossos guardas, chamado Deibel, foi baleado na coxa, Deibel matou seu oponente e pegou sua espingarda. Assim, as perdas são quase iguais: por um lado, dois feridos; lá um homem morto e uma espingarda. À noite, Deibel - um cavalheiro baixo e amigável em uma camisa não muito limpa - sentava-se de muito bom humor na cabana do guarda, cercado por ele próprio, que o considerava um leão, contando as mentiras mais gordas e permitindo que uma pasta suculenta feita com farinha, manteiga e sal seja colocada em sua ferida. " Mas Koldewey também se viu envolvido nessas escaramuças:

"Para as crianças do deserto, a espingarda é usada sobretudo para fazer barulho, o que lhes traz alegria transbordante". Aqui está o que

aconteceu em uma noite abafada, a cavalo para Babilônia, quando ele voltou do local da escavação, desta vez em Fara ...

“Apenas duas horas a pé de Muradieh, fomos alvejados por uma vila à nossa direita. Aqueles bons habitantes certamente nos consideravam árabes montefik que retornavam de alguma corrida e, nesses casos, geralmente não é discutido. Para convencê-los de seu erro, seguimos lentamente até onde os tiros vieram, até que as balas ricochetearam na sela e o apito de balas zunindo indicando a violência do fogo.

»Os dois soldados que estavam nos protegendo nada fizeram além de gritar Asker, asker! (Soldados, soldados!) Para se justificar ingenuamente. Mas essa exclamação se perdeu entre o barulho dos tiros, os gritos dos homens e os gritos das mulheres, que assim encorajaram seus homens.

»O" inimigo "estava no escuro e consistia em uma longa fila de atiradores localizados a algumas centenas de metros à nossa frente; os relâmpagos de fogo aumentaram com a escuridão da noite. Nosso cozinheiro, Abdullah, que estava voltando de uma viagem de lazer a Hilleh, tentou procurar proteção atrás do cavalo e estendeu a mão desesperadamente, erguendo uma das extremidades da capa com ele, enquanto gritava: Cher Alah!, Uma atitude que serviu de assunto para Ele zomba de todo mundo, que continuou rindo dele durante o resto da viagem.

"Finalmente, os árabes perderam o medo e recuperaram o sangue frio, pararam de atirar e vieram até nós. Cerca de duzentos garotos de pele escura, seminus, dançavam à nossa volta erguendo suas espingardas como selvagens e não se incomodando com nossas imprecações: "Vocês são corujas ou o que são? Vocês são chacais, talvez? Você não viu soldados chegando e Bey de Fara e o postadschi? Por que essa impertinência é disparar, como se todo o deserto fosse seu? Nesta região, você é capaz de colocar um chumbinho nos olhos! "Essas escaramuças são uma verdadeira praga."

Capítulo XXV

E TEMENANKI , O T orre DE B ABEL

Quando Nínive passou da simples cidade provinciana para o posto de residência real e começou a fazer história, Babilônia era capital por treze séculos, e desde a época de seu maior esplendor, nos dias de Hamurabi, o grande legislador, 1.250 anos se passaram.

E quando Nínive foi destruída, não foi como a Babilônia, que depois de ser arrasada, surgiu de novo, mas de maneira tão absoluta que Lucian pôde fazer Mercúrio dizer, falando com Caronte: «Mas Nínive, meu bom barqueiro, já está destruída, e nenhum vestígio dele permaneceu; nem é possível dizer onde estava ». O general Nabopolassar fundou o novo Império Babilônico na Babilônia, e seu filho Nabucodonosor II elevou-o novamente ao máximo esplendor e poder. Setenta e três anos se passaram desde a destruição de Nínive até que o Ciro Persa conquistou Babilônia.

Em 26 de março de 1899, Koldewey ordenou que o lado oriental do Kasr, o castelo da Babilônia , fosse escavado ; mas, diferentemente de Botta e Layard, ele conhecia a história por trás desses escombros em traços largos. As escavações em Korsabad, Nemrod e Kuyunjik, e sobretudo a biblioteca monumental de Assurbanipal, que em sua maioria continha cópias de originais babilônicos muito mais antigos, também o informaram da região da foz dos grandes rios, de sua história, seus povos e seus governantes. Mas o que Babilônia saltaria agora para o feitiço de seu bico? A antiga Babel de Hamurabi e os onze reis da dinastia Amurru? Ou uma Babilônia mais recente, reconstruída após a terrível destruição de Senaqueribe?

Koldewey suspeitava do último em janeiro de 1898, quando ainda não tinha certeza de ter sido contratado para escavar e apenas examinou superficialmente os vários locais de exploração e enviou um relatório para a administração dos museus de Berlim. "É verdade", disse ele em

Bagdá, a respeito de Babilônia, "que serão encontradas principalmente obras da época de Nabucodonosor".

Ele não parecia esperar muito. Mas sua grande alegria ao receber tal ordem mostra o contrário, pois as últimas descobertas não deixaram margem para dúvidas. Em 5 de abril de 1890, ele escreve: "Estou trabalhando há duas semanas e já consegui!"

A primeira coisa que encontrou foram as enormes muralhas da Babilônia. Durante todo o tempo encontraram restos de relevos, embora no momento fossem apenas fragmentos, pedaços de pele e dentes de leão, caudas, garras, pernas finas de pássaros, olhos, pés humanos, barbas, olhos humanos, algo semelhante a gazelas e dentes de javali. Tudo isso foi visto nos fragmentos encontrados. Em uma tela de parede de cerca de oito metros, ele encontrou cerca de mil fragmentos; portanto, calculou o comprimento do relevo completo em cerca de trezentos metros; diz na mesma carta: "É por isso que eu estimo que existem cerca de 37.000

fragmentos!" Esse era o saldo em quinze dias.

As descrições antigas mais claras que temos da Babilônia são devidas a Heródoto, o viajante grego, e a Ctesias, GP de Artaxerxes II. A maior maravilha de que

falam é a muralha da cidade, da qual Heródoto faz medições que há dois mil anos são consideradas exageradas e típicas de um simples viajante. A tradição afirma que esse muro era tão largo que dois carros puxados por quatro cavalos podiam atravessá-lo.

Koldewey encontrou imediatamente esse muro, embora seu trabalho fosse constantemente prejudicado e muito mais difícil do que em qualquer outro lugar. Em quase todos os lugares, os escombros atingiram cerca de dois ou três metros de altura e no máximo seis, acima das camadas das descobertas. Aqui, por outro lado, havia massas

terrestres com doze metros de profundidade e muitas vezes era necessário até elevar massas de até vinte e quatro metros. Por mais de quinze anos, no verão e no inverno, Koldewey estava trabalhando com mais de duzentos trabalhadores.

Ele comemorou seu primeiro triunfo demonstrando que as notícias de Heródoto dificilmente haviam sido exageradas. Não é essa a conclusão a que todos os arqueólogos chegaram depois do trabalho? Schliemann demonstrou claramente a precisão dos dados de Homer e Pausanias; Evans verificou o verdadeiro fundo da lenda do Minotauro; Layard, a autenticidade de certos parágrafos da Bíblia.

Koldewey descobriu uma parede de tijolos secos com sete metros de largura. Diante dele, a cerca de doze metros de distância, outra parede de tijolos assados de sete metros e oitenta centímetros se erguia, acompanhada pela parede da escarpa, que media três metros e trinta, e também era feita de tijolos assados. Provavelmente, embaixo da escarpa que formava essas paredes estava o fosso cheio de águas amareladas quando algum perigo externo ameaçava.

O espaço entre as paredes era cheio de terra, provavelmente até a altura das ameias da parede externa, que era o anel viário, permitia a passagem de uma carruagem de quatro cavalos e possuía várias torres de guarda localizadas a cerca de cinquenta metros de distância. distância um do outro. Na parede interna, Koldewey calcula que havia cerca de trezentas e sessenta torres, enquanto Ctesias cita o número duzentos e cinquenta para o exterior, algo admissível.

Ao liberar esse muro, Koldewey descobriu a maior fortificação urbana já vista, e isso tornou possível afirmar que Babilônia era a maior cidade de todo o Oriente, ainda maior que Nínive. E dando à palavra cidade o significado medieval, considerando-a como "um grupo de casas cercadas por um muro", a Babilônia, até hoje, tem sido a maior de todas as cidades construídas por homens.

Foi assim que o próprio Nabucodonosor o escreveu: «... mandei cercar Babilônia por uma parede gigantesca, cavei um fosso e cobri as encostas com tijolos e peixes; Eu construí na sua margem interna, alta como uma montanha, um poderoso muro; Fiz algumas portas largas, cujas portas eram de madeira de cedro, cobertas com placas de cobre e, caso o inimigo mal-intencionado quisesse atacar pelos lados, enchi o fosso com águas tão poderosas para a sua abundância quanto as ondas do mar. E como a água do grande mar, era salgada. Para que ninguém pudesse perfurar as defesas, empilhei a terra diante deles e os envolvi com diques de tijolos. Fiz bastiões delineados com arte e, assim, transformei a cidade de Babilônia em uma fortaleza. Na verdade, era uma fortaleza inexpugnável para a mídia ofensiva da época. Mas, apesar de tudo, a Babilônia foi expulsa. Havia apenas um recurso, e foi usado: o inimigo triunfou primeiro no interior, porque, como sempre, quando o inimigo se estabelece diante dos muros, as

políticas internas da cidade ficam confusas e os lados que - um dia com razão, outro sem ele - eles querem que o inimigo venha como libertador. Dessa forma, a fortaleza mais poderosa da terra também caiu um dia.

Assim, Koldewey descobriu, com efeito, a Babilônia de Nabucodonosor, a quem Daniel apóstrofou "rei de todos os reis" e "cabeça de ouro". Nabucodonosor havia iniciado a reconstrução monumental da cidade e dos templos de Emac, no palácio de Esagila, Ninurta e o mais antigo de Istar em Merkes. Ele também reconstruiu o muro de Arachtu, fez a primeira ponte de pedra sobre o Eufrates, o canal Libilhigalla, terminou a parte sul do palácio e adornou o portão do Istar com belos relevos de cerâmica envernizados em cores vivas.

Enquanto os predecessores de Nabucodonosor haviam construído os edifícios com tijolos simplesmente secos, que logo foram desfeitos pelo vento e pelo tempo, ele empregou, especialmente em fortificações, tijolos autênticos. O fato de que tão poucos vestígios foram deixados nos edifícios mais antigos do país dos dois rios e que logo foram reduzidos a montanhas de escombros é porque os materiais utilizados

não resistiram. Por outro lado, se os edifícios de Nabucodonosor, apesar de seu material muito mais recente, deixaram poucos restos completos para a posteridade, é porque durante séculos a população os roubou, usando-os para novas construções, bem como posteriormente, na Idade Média. Cristão, os templos da Roma pagã foram saqueados. A cidade moderna de Hil eh e várias outras cidades da antiga Babilônia foram construídas com tijolos desde o tempo de Nabucodonosor, como sabemos exatamente por carregar seus selos. Mesmo um dique moderno que retém as águas do Eufrates, desviando-o para o canal Hindije, é em grande parte feito de tijolos que antes abrigavam os antigos babilônios, de modo que, quando esse dique desapareceu, outras escavadeiras poderiam pensar que eles estão diante de uma fortaleza de Nabucodonosor.

O palácio, ou melhor, o conjunto de palácios, aquela fortaleza da cidade de imensa extensão que Nabucodonosor, sempre descontente, estava em constante expansão porque o edifício "não era suficiente para a alta dignidade de Sua majestade real", este palácio, com seus ricos ornamentos , seus relevos de cerâmica maravilhosamente envidraçados e coloridos podem ser considerados um milagre; um milagre de um esplendor bárbaro, estranho. (Nabucodonosor alegou tê-lo construído em quinze dias; notícias que foram acreditadas por vários séculos e, portanto, foram transmitidas.)

Mas havia três, acima de tudo, os edifícios cuja descoberta surpreendeu o mundo. Era um jardim, uma torre e uma estrada, nenhuma das quais tinha o mesmo em toda a terra.

Um dia, Koldewey encontrou uma construção abobadada no canto nordeste do palácio sul, que ele teve que registrar como muito estranho, único em seu gênero por várias razões. Primeiro, porque era a única construção do porão que já havia sido descoberta na Babilônia; segundo, porque nenhum trabalho semelhante de salto foi visto em todo o país dos dois rios; terceiro, porque existe uma fonte lá consistindo em três poços dispostos de uma maneira muito estranha; e porque, após muita reflexão, e não com muita certeza, Koldewey

imaginou que poderia ser um poço de roda d'água que deveria ter sido usado para garantir a irrigação contínua; e quarto, porque não

apenas tijolos, mas também pedra de silhar foram usados neste cofre. Esse tipo de pedra só foi encontrado em outro lugar da Babilônia, na parede norte do Kasr.

Estudando todas as características de um edifício tão estranho, destacou a notável perfeição técnica e arquitetônica de sua construção, especialmente devido ao tempo em que foi erguido. Por tudo isso, segue-se que deveria ter servido a um propósito muito especial.

Koldewey encontrou uma solução em um minuto feliz. Em toda a literatura sobre Babilônia, em Josefo, em Diodoro, em Ctesias, em Estrabón e em todos os escritos cuneiformes que foram decifrados até então, referentes à cidade "pecaminosa", apenas dois parágrafos são citados, destacando-se, em que alude ao uso da pedra de silhar: é a parede norte do Kasr (onde Koldewey já a havia encontrado) e os lendários "jardins suspensos de Semiramis".

Koldewey tinha descoberto esses esplêndidos jardins, de cuja beleza se fala em todo o mundo antigo, considerando-os como uma das sete maravilhas do mundo e relacionando-os ao nome dos lendários Semiramis?

Tal descoberta, tal hipótese, nascida de uma feliz intuição, causou uma tensão febril naqueles que abalaram a terra, uma excitação sem limites em todos os que participaram da escavação. As discussões dos conhecedores foram intermináveis e, tanto no local das escavações, em frente às lojas ou nas casas, os violentos debates dos profissionais seguiram para poder assistir ao momento em que esclareceria o que durante milhares de anos tinha sido um enigma.

Koldewey estava constantemente examinando as notícias dos escritores antigos. Ele reuniu cada sentença, cada linha, cada palavra; Ele até estudou filologia comparada, que até então desconhecia, e cada vez mais se afirmava em sua hipótese. Sim, isso não poderia ser outra coisa

senão o cofre que sustentava os "pensis", regando-os com uma perfeição então desconhecida e quase inconcebível, que lhes dava florescimento constante.

Mas agora, o enigma esclarecido, a maravilha estava diminuindo e perdendo todo o seu halo de lenda.

O que esses "jardins suspensos" significavam, se a hipótese de Koldewey estava correta? Certamente eram esplêndidos jardins majestosos, localizados no telhado de um edifício habitado e, é claro, eram uma maravilha técnica na época; Mas eles não parecem pobres em comparação com outros edifícios da Babilônia que o autor grego não mencionou como digno de estar entre as maravilhas do mundo?

Além disso, todas as nossas notícias sobre os Semiramis Lendários são problemáticas. Eles geralmente vêm de Ctesias, que é caracterizado por sua fantasia. Por exemplo, a gigantesca estátua de Dario em Behistun, de acordo com suas reivindicações, representava Semiramis cercado pelos cem homens de sua guarda pessoal! Semiramis, de acordo com Diodoro, abandonado quando criança, foi criado por pombos e depois se casou com um conselheiro real, até que o próprio rei a arrancou do marido. Semiramis usava um vestido "que tornava impossível dizer se era

homem ou mulher" e, depois de entregar o governo ao filho, transformou-se em pomba, voou do palácio para o reino da imortalidade.

Torre de Babel! O edifício de que é dito no primeiro livro de Moisés, capítulo XI, versículos 3 e 4:

«E eles disseram um ao outro: Venha, vamos fazer tijolos e demiti-los no fogo. E

eles usaram tijolos em vez de pedras, e betume em vez de argamassa, e disseram: Vamos construir uma cidade e uma torre cujo topo chegue ao céu; e vamos tornar nosso nome famoso antes de nos espalharmos pela face da terra. "

O que Koldewey descobriu não passou de enormes fundações, mas as inscrições atestam que a torre existira. É verdade que a torre da qual a Bíblia nos diz, cuja existência está além de qualquer dúvida hoje, já deve ter sido destruída no tempo de Hamurabi, mas outra torre posterior foi erguida naquele local, e precisamente em memória da primeira. Nabopolasar deixou essas palavras.

"Naquela época, Marduk ordenou que eu estabelecesse as fundações de outra torre de Babel, análoga à que foi destruída antes do meu tempo, instalando-as no próprio seio do inferno, enquanto o seu topo chegaria ao céu." E Nabucodonosor, seu filho, continuou: "Eu me preparei para colocar o topo de Etemenanki, para que desafiasse o céu".

A torre ergueu-se em enormes terraços. Heródoto indica "oito torres colocadas uma em cima da outra, cada vez mais estreitas, até o templo estar no mais alto". (Havia realmente sete.)

Foi instalado em uma planície chamada Sachn, que literalmente significa "a frigideira".

"Our Sachn", escreve Koldewey, "é apenas a forma do antigo recinto sagrado onde o zigurate chamado Etemenanki", a pedra angular do céu e da terra ", a torre de Babel cercada por uma parede, ao lado da qual grande número de edifícios relacionados ao culto. » Zakurrat, ziggura, ziggurah ou zigurate são apenas maneiras diferentes de escrever o nome genérico das pirâmides ou torres suméria-babilônicas.

Suas fundações tinham noventa metros de largura e a altura da torre também era a mesma. O primeiro andar alcançou trinta e três metros, o segundo dezoito; e cerca de seis metros cada um dos seguintes, exceto o sétimo, que media quinze metros, e nele estava o templo de Marduk, o deus da Babilônia, coberto de ouro e adornado com azulejos que

brilhavam a grande distância e cumprimentavam quantos viajantes se aproximaram da cidade grande.

"Mas qual é o valor desses dados escritos em comparação com a surpresa produzida pela contemplação das próprias ruínas, mesmo que elas estejam deterioradas?", Perguntou Koldewey.

A gigantesca fábrica de torres, que os judeus consideravam um símbolo do orgulho humano, entre os palácios arrogantes dos padres, os espaçosos armazéns e os

inúmeros quartos de hóspedes - paredes brancas, portas de bronze, grossas paredes ameaçadoras por aí; pórticos muito altos e, acima de tudo, uma floresta de mil torres -

devem ter produzido uma tremenda impressão de magnitude, poder e riqueza como nunca se viu no vasto Império. Todas as cidades babilônicas de alguma importância tinham seu zigurate; mas nada disso lembrava a "torre de Babel", cuja construção 85

milhões de tijolos haviam sido utilizados, de modo que sua massa se destacava com um gigantesco orgulho pela paisagem plana.

Também a torre de Babel é uma obra criada por escravos; e ao seu redor, como na construção das pirâmides egípcias, os chicotes dos capatazes estalaram. Mas havia uma

coisa

essencialmente

diferente. As

pirâmides

foram

construídas

por um príncipe para si, no curso de sua vida geralmente curta, e a construção foi projetada para sua múmia, para conter seu ka; mas essas torres mesopotâmicas foram erguidas por várias gerações de governantes.

Quando as pirâmides egípcias desabaram ou foram destruídas e saqueadas por ladrões de túmulos, ninguém se preocupou em reconstruí-las ou enchê-las de novos tesouros. Mas o zigurate babilônico, destruído várias vezes, sempre foi reconstruído e decorado novamente; porque os reis que empreenderam a reconstrução do zigurate não fizeram isso por si mesmos, mas por todos. O zigurate era um santuário da vila, o objetivo da peregrinação de todos os que adoravam Marduk como o primeiro dos deuses. Maravilhoso deve ser o espetáculo da oferta de sacrifício quando inúmeros animais foram trazidos ao templo, enfeitados e cercados pela multidão febril. Em frente à estátua de Marduk havia um trono, um assento e uma mesa ou cama que, segundo as indicações de Heródoto, tinham um peso de oitocentos talentos e eram feitas de ouro puro - a unidade de medida era preservada nos aposentos dos padres de peso, o

"talento base", por assim dizer, uma placa de pedra, "um verdadeiro talento", de acordo com a inscrição cinzelada, cujo peso era de 29,68 kg. Portanto, a estátua de Marduk, além dos outros objetos que a acompanhavam, a julgar pelo que Heródoto diz, tinha um peso de 23.700 kg de ouro puro.

Que aparência brilhante deveriam ter sido os cortes, subindo a gigantesca rampa de pedra externa que circundava a torre até o primeiro andar, enquanto pelas escadas centrais os padres alcançavam o segundo andar e, em seguida, pelas escadas ocultas, subiam ao topo da a torre, para o santuário de Marduk!

Os azulejos tinham tons muito claros e sua característica cor azul escura. Heródoto viu o santuário por volta de 458 aC, ou seja, cerca de cento e cinquenta anos após a conclusão do zigurate inteiro, e certamente ainda estava bem preservado. Ao contrário do "templo baixo" para o público, esse "templo alto" ou santuário não era adornado com nenhuma estátua. Não havia nada além de uma cama ou sofá "bem preparado" para comer - lembre-se de que orientais, gregos e romanos costumavam comer deitados - e na frente do sofá, apenas uma mesa quadrada. As pessoas não tinham acesso a este santuário, pois o próprio Marduk apareceu aqui, e seu espírito não podia ser sustentado por nenhum mortal comum. Lá ela ficou noite após noite, pronta para o prazer do deus.

"Eles também dizem", diz Heródoto, que acrescenta sua dúvida helênica a esse respeito, "que o próprio deus visita o templo e descansa no sofá preparado, mas isso me parece implausível".

Ao redor do zigurate e cercado por um muro, havia abrigos onde os peregrinos, que em grandes solenidades vinham de longe, ficavam e se preparavam para a procissão. Havia também edifícios destinados às habitações dos sacerdotes de Marduk, que, como servos do deus que coroou os reis, eram sem dúvida muito poderosos. Esse pátio escuro, de um sombrio esplendor ciclópico, em cujo centro Etemenanki estava, era sem dúvida o centro religioso da Babilônia.

Tukulti-Ninurta, Sargon, Senaqueribe e Assurbanipal atacaram Babilônia, destruindo também o santuário de Marduk, Etemenanki e a torre de Babel.

Nabopolassar e Nabucodonosor o reconstruíram novamente. Ciro, o rei persa, ocupou a cidade após a morte de Nabucodonosor, no ano 539 a. de JC, e foi o primeiro conquistador que não a destruiu. Ciro, que era um admirador do enorme, o colossal, ficou tão fascinado pela Torre de Babel que não apenas a destruiu, mas também construiu seu próprio túmulo na forma de um zigurate em miniatura, algo como uma pequena torre de Babel, uma cópia do Etemenanki.

Mas a torre respeitada por Cyrus foi novamente destruída. Xerxes, o rei persa, também o reduziu a ruínas, que foi o que Alexandre, o Grande, mais tarde veio a ver. E

novamente, um grande conquistador ficou profundamente fascinado por aquelas ruínas gigantescas. Por dois meses, ele fez várias dezenas de milhares de homens trabalharem para remover os escombros, e como eles não avançaram pelo tempo que a inquietação de Alexander desejava, ele designou um exército inteiro lá. Strabo nos conta cerca de 600.000 trabalhadores.

Vinte e dois séculos depois, um pesquisador ocidental estava no mesmo lugar, buscando nem fama nem poder, mas apenas conhecimento, e dez mil homens não o acompanharam; apenas duzentos e cinquenta. Mas, após onze anos de atividade, com um total de oitocentos mil salários, ele foi capaz de contemplar a aparência daqueles edifícios sem igual: os "jardins suspensos, elogiados pelos antigos como uma das sete maravilhas do mundo", e os "Torre de Babel", ainda hoje considerada um símbolo do orgulho humano. Mais tarde, Koldewey descobriu outra parte da grande cidade, muito comentada nos escritos antigos, mas que nunca fora conhecida exatamente. Esta terceira construção era apenas uma estrada; mas quando Koldewey o esclareceu, revelou-se o mais esplêndido do mundo, incluindo as famosas estradas romanas e até as rodovias do mundo hoje, se o esplendor não for medido pelo comprimento. Não era uma rota de tráfego - ou pelo menos essa era a segunda -, mas a rota processional do grande deus Marduk, senhor da Babilônia, a quem todos serviam, incluindo Nabucodonosor, o poderoso rei imperador que durante seus quarenta e três anos de reinado estavam sem dúvida construindo quase ininterruptamente. Ele mesmo fala detalhadamente de uma estrada assim: “Aiburshabu, a estrada babilônica, foi construída por mim para a procissão do grande senhor Marduk. Com Turminabanda e pedra Shadu, preparei convenientemente Aiburshabu, do portão de Illu a Istar-sakipat-tebista. Liguei-o à peça construída por meu pai e poli as pedras da estrada ».

Rota processional do deus Marduk, sim, mas também uma parte principal das fortificações da cidade, pois essa estrada parecia um desfiladeiro. Nem a direita nem a esquerda estavam livres. Nos dois lados, a vala colossal é delimitada por grandes

muralhas externas da praça até o portão de Istar - o Istar-sakipat-thebist da inscrição - a entrada da própria Babilônia. O inimigo que pretendia arrombar a porta foi forçado a avançar por esse caminho, que se tornou o caminho da morte.

A impressão de angústia que esse desfiladeiro de pedra deveria despertar em todos os agressores foi indubitavelmente aumentada pela procissão de cerca de cento e vinte leões, cada um medindo cerca de dois metros, que adornavam a parede como relevos coloridos. Esses animais pareciam encontrar o inimigo - todos os contemporâneos vivenciavam o mundo de suas fantasias com esses seres fabulosos e outros espíritos malignos não menos fantásticos. Os leões pareciam andar com porte majestoso e altivo; com a boca aberta, mostrando dentes, pele branca ou amarela e cabelos amarelo ou vermelho, sobre fundo azul claro ou azul escuro. Esta estrada tinha vinte e três metros de largura.

No topo de uma camada de tijolos pavimentados havia outra formada por enormes blocos quadrados de calcário de mais de um metro no lado na parte central e nos lados por lajes de tamanho médio de desenhos em vermelho e branco. Os recuos foram cobertos com asfalto. Todas as pedras tinham a seguinte inscrição na parte inferior: «Eu, Nabucodonosor, rei de Babilônia, filho de Nabopolasar, rei de Babilônia. Para a procissão do grande senhor Marduk, pavimentei este caminho para a Babilônia com lajes de pedra Shadu. Marduk, Senhor, nos dê a vida eterna!

A porta era proporcional à importância daquela estrada. Ainda hoje, com seus muros de doze metros de altura, é o vestígio mais impressionante da Babilônia. Ao fundo, dois enormes postes ou edifícios gigantescos, com duas grandes torres projetando-se do portão.

E onde quer que o visitante ou inimigo olhasse, ali via os animais sagrados. Koldewey calcula em quinhentos e setenta e cinco os animais que, pela terrível mistura de sua brilhante coloração em um fundo azul, fascinariam o espectador, causando grande angústia pela força da fortaleza que por trás daquela porta estava trancada.

Ali não era o leão, o animal sagrado da deusa Istar, que adornava a porta, mas o touro, o animal sagrado de Rammán - também chamado abade -, o deus do tempo; e

"Sirrusch", o dragão, grifo ou serpente, todos insuficientes para designar o ser fabuloso com o qual o animal sagrado do mesmo Marduk, o mais alto dos deuses, estava representado.

Era um pé traseiro quadrúpede, de quatro patas, com garras, corpo escamado e pescoço comprido, que tinha uma cabeça de serpente com olhos grandes, uma língua de fenda e ostentava um chifre curto no crânio ... Era o dragão! da Babilônia!

Novamente, outra referência à Bíblia foi lançada de seu ar anterior de lenda. O

profeta Daniel, que conhecia a "cova dos leões" em Babilônia, experimentando o milagre de Jeová ali, havia demonstrado o desamparo do terrível dragão contra seu Deus mais poderoso.

"Pode-se imaginar", diz Koldewey, "que os sacerdotes de Esagila tinham um animal semelhante, uma cobra, talvez um arval, que foi criado selvagem nessa região e que o apresentaram como um Sirrush vivo na penumbra de um templo. . »

Como seria a grande procissão de Ano Novo na Estrada Marduk? Koldewey nos diz:

"A imagem, realizada em uma procissão entre uma solene procissão acompanhada de música alta e veementes orações da multidão, destacou-se acima das cabeças das pessoas turbulentas.

É assim que imagino a procissão do deus Marduk quando, saindo de Esagila, talvez através dos perbolos, ele iniciou sua marcha triunfal ao longo da rota processional da Babilônia.

Mas essa comparação é uma imagem pálida daquela outra procissão que seria muito mais poderosa, mais suntuosa e bárbara - conhecemos bem seus ritos; e muito mais do que a transferência habitual dos deuses secundários da "sala do destino", do templo de Esagila, para a margem do Eufrates, seria sua adoração, que acontecia três vezes ao dia, e seu retorno triunfante.

Sob o governo parta, o abandono da Babilônia começou. Os prédios estavam desabando. Na época dos sassânidas (226-636), algumas casas ainda estavam espalhadas por onde estavam os palácios orgulhosos; na Idade Média árabe, não havia mais que cabanas, até o século XII.

Hoje, o olhar vagueia pela Babilônia em ruínas de fragmentos brilhantes e restos de um esplendor do passado, revivido por Koldewey. Lembremo-nos das palavras do profeta Jeremias:

"É por isso que os animais do deserto, cães selvagens e pequenas avestruzes viverão nele; e nunca mais será habitado e ninguém jamais viverá nele!

Capítulo XXVI

LA OS MILITARES REYES E A INUNDAÇÃO

Se em nossos dias um gato preto cruza nosso caminho e, por superstição, voltamos, não pensamos nos antigos babilônios. Também não nos lembramos desta cidade quando olhamos para o mostrador de nossos relógios divididos em doze partes, apesar de, por hábito, pensarmos e calcularmos de acordo com o sistema decimal; O

mesmo acontece quando compramos ovos às dúzias ou quando olhamos para o céu estrelado, relacionamos nosso destino ao curso dos planetas.

No entanto, devemos ser mais gratos e justos, pois parte de nossos pensamentos e conceitos atuais tem sua origem talvez na Babilônia, embora não nos babilônios.

Aprofundando o estudo da história da Humanidade, há um momento em que sentimos o sopro da eternidade, porque vemos a prova evidente disso no fato de que em cinco mil anos de história humana pouco se perdeu; Muitas vezes, o bem se tornava ruim, o justo, mas continuava a agir, mesmo que não vivesse mais na claridade de nossa consciência. E, nesse momento, sente-se repentinamente o que significa ser homem: ser colocado naquela corrente criada por inúmeras gerações cujas idéias e sentimentos são carregados em nosso seio como uma herança inalienável, embora geralmente não percebamos sua importância.

A grande surpresa dos arqueólogos sempre foi que, a cada golpe do pico, eles recebiam confirmação de quanto tempo sobreviveu em nossa consciência e em nosso subconsciente, em nossos sentimentos, de como milhares de anos atrás Babilônia havia sido pensada e sentida. Mas as coisas não pararam por aí; Os investigadores logo tiveram indicações claras de que a cultura babilônica também havia sido herdada de outro povo muito mais antigo que os babilônios semitas, mais velhos que os egípcios.

Em 1946, o sábio americano Samuel Noah Kramer começou a divulgar documentos dessa cidade escritos em tábuas de barro. Em 1956, após 26 anos de trabalho duro e intensivo para decifrá-los, ele publicou um livro com o ousado título de

"A história começa na Suméria". Neste trabalho, abandonando todo o lastro científico, limitou-se a recontar suas investigações, o que fez com inquestionável ingenuidade. Ele estabeleceu nada menos que vinte e

sete "estreias", isto é, coisas, experiências e eventos registrados por essas pessoas pela primeira vez na história da Humanidade. Ele não tinha medo de nomeá-los nos termos mais modernos. Ignoraríamos algo de grande importância se não os transcrevêssemos todos:

1. As primeiras escolas. - 2. O primeiro caso de suborno - 3. O primeiro caso de delinquência juvenil, - 4. A primeira "guerra de nervos". - 5. O primeiro "congresso bicameral". 6. O primeiro historiador. - 7. O primeiro caso de "redução de impostos". -

8. Livros de direito: o primeiro «Moisés». - 9. O primeiro precedente legal. - 10. A primeira farmacopeia (livro de receitas). 11. O primeiro calendário labrador. 12. O

primeiro experimento de jardinagem. 13. A primeira cosmogonia e cosmologia da humanidade. 14. As primeiras leis morais. - 15. O primeiro «Job» .— 16. Os primeiros ditados. -17. As primeiras fábulas de animais. 18. O primeiro «verbalismo filosófico». -

19. O primeiro «Paraíso». - 20. O primeiro «Noé». 21. A primeira história de uma

"ressurreição". - 22. O primeiro «San Jorge». 23. Gilgamesh era um herói sumério. - 24.

A primeira "literatura épica". - 25. A primeira canção de amor. - 26. O primeiro catálogo de livros. 27. A primeira «era de ouro da paz».

Lendo isso, concebe-se a suspeita de que o autor, motivado por seu entusiasmo, tenha aplicado terminologia moderna com muita latitude a fenômenos sociais que ocorreram sob um céu muito distante milhares de anos atrás, alguns deles com mais de quatro mil . Mas quando as esplêndidas traduções de Kramer são lidas, há uma grande surpresa. As

queixas de um pai sobre a rebelião de seu filho e a corrupção dos jovens em geral, escritas em dezessete tábuas de barro há três mil e setecentos anos atrás (e que remontam à sua forma original muitos séculos antes) poderiam ser as de qualquer vizinho nosso falando sobre seu filho. O texto começa com a pergunta do pai "De onde você vem?", À qual ele responde: "Do nada!"

A existência de um povo assim foi descoberta da maneira mais estranha que se pode imaginar, e é um dos frutos mais brilhantes do espírito humano. É uma conclusão alcançada por aqueles que estudaram as características da escrita cuneiforme, que calcularam a existência desse povo com a precisão e o rigor matemáticos que hoje caracterizam muitos ramos do conhecimento, o que constitui um dos avanços científicos mais notáveis Do nosso Tempo.

Foi um grande sucesso da astronomia quando o aparecimento de uma estrela foi anunciado pela primeira vez por meio de cálculos muito complicados, indicando sua órbita e passando em um momento determinado por seu ponto preciso no céu. E no horário e local agendados, a estrela que pela primeira vez viu olhos humanos apareceu na consulta com rigorosa pontualidade.

Em um processo semelhante, um cientista russo, Mendeleief, descobriu a ordem que presidia a classificação dos elementos simples conhecidos até então, e tinha tanta certeza de que não hesitou em prever a existência de outros elementos simples cuja O

local foi deixado em um local vazio em sua famosa mesa, com as características que deveria ter. E, de fato, a tabela de Mendeleief viu todas as suas lacunas preencherem gradualmente. O mesmo aconteceu na Antropologia, quando Haeckel construiu teoricamente as características anatômicas do homem primitivo, que ele chamou de Pithecanthropus erectus, e Eugene Dubois, no ano de 1892, encontrou os restos de um esqueleto na ilha de Java que correspondiam exatamente à conformação ideal.

anunciado por Haeckel.

Quando os especialistas em escrita cuneiforme conseguiram se dedicar a estudos específicos, depois de terem eliminado todas as dificuldades de decifrar pelos sucessores de Rawlinson, analisaram a origem dos sinais, as relações linguísticas e outros problemas análogos. Examinando muitos fatos estranhos, eles encontraram a seguinte teoria, cuja conclusão era uma tese surpreendente e análoga às citadas anteriormente, e que afirmavam, a priori, a existência de outra linguagem da qual nenhum traço era conhecido.

O fato de os sinais assírio-babilônicos serem interpretados de maneiras diferentes não é auto-explicativo. Um sistema de escrita tão complicado, essa mistura de sinais que correspondem a uma escrita de letras, outra de sílabas e outra de imagens, não pôde aparecer repentinamente quando os babilônios apareceram à luz da História, mas implica necessariamente uma longa evolução. Posicionado esse problema, eles juntaram e compararam centenas de trabalhos filológicos individuais que foram concluídos, resultando na tese segundo a qual os babilônios semitas e os assírios não poderiam ser os inventores da escrita cuneiforme, mas deveriam tê-la recebido de outra cidade, provavelmente Semitic, dos países do Oriente, cuja existência real não pôde ser demonstrada, mesmo com a menor descoberta.

A hipótese foi extremamente ousada. Mas, ao longo dos anos, os investigadores estavam tão confiantes em suas alegações que nem hesitaram em nomear a cidade. Alguns falavam dos acadianos e dos alemães e franceses Jules Oppert aludiam aos sumérios, sendo este o nome que prevalecia; ambos foram retirados do título dado pelos reis mais remotos da parte sul do país dos dois rios, "reis da Suméria e Acad".

Esse era o problema, a dedução lógica e a conseqüente hipótese brevemente declarada. E com a mesma precisão que foi encontrado o

cálculo do planeta cuja aparência havia sido anunciada anteriormente, e o anúncio dos elementos simples aos quais o Mendeleief russo reservou um lugar em sua mesa, e o imaginário construído Pithecanthropus , exatamente o mesmo. também um dia os primeiros vestígios daquela cidade misteriosa que deu seus escritos à Babilônia e à Assíria. Apenas

a escrita? Não demorou muito para que se descobrisse que quase toda a cultura da Babilônia e Nínive se baseava na civilização anterior do povo ignorado dos sumérios.

Já citamos Ernest de Sarzec, outro agente consular francês, profano em arqueologia, que antes de pisar no território da Mesopotâmia nem sequer suspeitava das tarefas arqueológicas reservadas para ele lá. Mas as ruínas e colinas artificiais do país dos dois rios despertaram sua curiosidade, assim como no passado, quarenta anos antes, haviam atraído a atenção de Paul Emile Botta. E em suas investigações, a princípio bastante típicas de um amador curioso, sua sorte o acompanhou de tal maneira que, em Tello, no sopé de uma colina, ele encontrou uma estátua nunca antes vista. Ele continuou a cavar, animou-se e encontrou inscrições estranhas: havia encontrado os primeiros vestígios visíveis do povo "anunciado" dos sumérios.

Era a estátua do príncipe Gudea ou rei-sacerdote, esculpida em diorito e maravilhosamente polida. A cópia mais preciosa de quantos restos mortais - todos valiosos - foi enviada a Paris, ao Louvre. Que emoção causou entre os homens da ciência! Mesmo os assiriologistas mais experientes, que não eram facilmente levados por fantasias ousadas, tinham que reconhecer, devido às condições da descoberta e às inscrições de um desses fragmentos, que precisaria ser de 3.000 a 4.000 anos antes de Jesus Cristo, ou seja, que eles eram testemunhos de uma cultura ainda mais antiga que a egípcia.

De Sarzec, ele escavou por quatro anos, de 1877 a 1881. De 1888 a 1900, os americanos Hilprecht, Peters, Hayne e Fisher continuaram seu trabalho em Nippur e em Fara. De 1912 a 1913, continuaram as escavações da Deutsche Orient-Gesellschaft em Erec; e em novembro

de 1929, outra escavação começou. Em 1931, sob a liderança de Erich F. Schmidt, uma expedição da Escola Americana de Pesquisa Oriental voltou a Fara.

O resultado de todas essas obras foi a descoberta de grandes edifícios, pirâmides de

degraus, zigurates que

para

cada

cidade

eram

minarete

da

mesquita, a torre sineira da chiesa, a torre da igreja. Surgiram também inscrições que nos permitiram traçar a história dos povos da Mesopotâmia até a aurora confusa dos princípios humanos. E em relação a essas civilizações, a última descoberta significou a aparência de um mundo anterior, tão importante para a compreensão da civilização da Babilônia quanto a descoberta da cretomicénica para a compreensão da antiguidade grega.

Mas essa civilização suméria recuou ainda mais, muito mais. Quase parecia que seus princípios estavam efetivamente unidos aos de Gênesis, como a Bíblia nos diz; pelo menos com os primeiros homens após o grande dilúvio, comandados por Deus, após o qual apenas um homem, Noé, sobreviveu na Terra.

Esse dilúvio não estava aludindo ao épico do semideus Gilgamesh, cujos fragmentos George Smith, do Museu Britânico, completaram sua descoberta de milhares de peças na colina de Kuyunjik?

No vigésimo ano do nosso século, o arqueólogo inglês Leonard Woolley começou a escavar em Ur, o Ur bíblico da Caldéia, a terra natal de Abraão, e verificou,

não apenas a identidade das enchentes, a bíblica e a suméria, mas a autenticidade histórico de tal fenômeno.

Não é possível resumir a história da Assíria-Babilônia em poucas páginas sem nos expor a cair em um extrato excessivamente árido. Mas, apesar disso, esperamos que isso seja útil para aqueles que não apenas procuram histórias, mas também querem conhecer a história. A história do país dos dois rios não é uniforme, como, por exemplo, a do Egito. Por outro lado, existem certos pontos de coincidência entre ela e a evolução da civilização greco-romana. Assim como, no início disso, um povo

estranho de terras distantes se estabeleceu em Tirinto e Micenas, e então os Acaus e os Dórios apareceram do Norte e os dois ramos se uniram ao longo dos séculos para formar uma unidade grega. ; Da mesma forma, o povo estrangeiro dos sumérios chegou ao delta do Eufrates e do Tigre, trazendo como bagagem sua própria cultura, um sistema de escrita e legislação completa. Esta cidade foi exterminada após alguns séculos por outras cidades bárbaras; mas naquele solo, pelos assinantes sumérios, surgiu do antigo reino da Suméria e da Acad Babylon.

A Bíblia não nos fala sobre a confusão linguística que ocorreu na construção da Torre de Babel? Bem, de fato, na Babilônia, duas línguas são oficialmente faladas, a suméria e a semítica - a primeira reduzida no decorrer do tempo à linguagem de padres e juristas -; mas, além dessas duas línguas, os ameritas invasores, aramaico, elamita e coseos e, mais tarde, na Assíria, os lilibeans, mitanos e hititas trouxeram seus próprios dialetos.

O primeiro rei que conseguiu unir sob seu cetro um vasto território de Elão a Touro foi Sargão I (2684 a 2630 aC). Desde seu nascimento, a lenda transmitiu um mito - que já deformamos mais ou menos de Ciro, Rômulo, Krishna e Perseu - segundo o qual ele nasceu de uma virgem, que a deixou depositada em uma cesta impermeabilizada. lugar solitário do rio. Akki, que estava bebendo água, o encontrou, o criou e fez dele um jardineiro. Mais tarde, a rainha o fez rei. Por um longo tempo, acreditava-se que Sharrukin ("rei legítimo", Sargon) não existia. Hoje sua atividade histórica, que era importante, foi documentada.

Sua dinastia durou duzentos anos. A história assíria-babilônica, como a egípcia, dividimos em dinastias; mas para o estudo da evolução da Mesopotâmia, essa divisão não tem a mesma importância que teve no caso do Egito; portanto, não insistiremos nele e o seguiremos apenas no cronograma ao final deste livro. Invadir cidades nas montanhas, especialmente as sarjetas, devastou o país; mas pequenos reinos urbanos lutaram pela supremacia, e os reis-sacerdotes de Ur e Lagash, Ur-Bau e Gudea conseguiram prevalecer em suas respectivas cidades.

Apesar de toda essa agitação política, as artes e as ciências, que refletem a herança suméria, desenvolveram-se grandemente e alcançaram tanto vigor que sua influência continuaria sendo sentida por quatro mil anos.

Mais tarde, Hamurabi da Babilônia (por volta de 1700 aC) unificou o país, formando um reino e desenvolvendo uma cultura que poderia aspirar à liderança de todo o mundo. Hamurabi não era apenas um guerreiro, mas também um político habilidoso; portanto, quando chegou ao poder, soube esperar vinte e cinco anos até que

seu inimigo mais poderoso, Rimsin de Larsa, tivesse idade suficiente para derrotá-lo mais facilmente; Além disso, ele é o primeiro grande legislador da história. "Para que os fortes não prejudiquem os fracos, para cuidar de órfãos e viúvas, na Babilônia, no templo Esagila ..." ele teve suas leis gravadas em uma estela e a colocou na frente de uma estátua que talvez Representa-o como rei da justiça. Antes dele havia códigos menores; por exemplo, as leis escritas dos reis de Isin e as de Shulgi, o rei de Ur, da III dinastia. E quando, em 1947, o arqueólogo americano Francis Steele coletou quatro fragmentos de uma tábua de barro cuneiforme encontrada em Nippur, viu que eles faziam parte de um código do rei Lipit-Istar, um século e meio antes do código de Hamurabi.

Nesse imenso esforço, a capacidade criativa da cultura sumério-babilônica se esgotou por um longo tempo. O poder político do reino foi anulado, sua capacidade econômica em colapso, que sob os governos de Kadasman-Enlil I e Burnaburiash II havia se espalhado por todos os territórios de fronteira com o Egito. Uma correspondência com os faraós Amenophis III e IV é preservada, datando de 1370

aC. De JC Mesmo quando a ocupação de Cossa terminou, os beduínos aramaicos e os assírios que atacaram do norte cuidaram para garantir que um novo império não se formasse por muito tempo.

E agora encontramos um novo recurso paralelo à evolução da civilização greco-romana. Assim como Atenas viu seu poder, sua religião, sua arte e sua ciência desmoronarem, vendo como toda sua cultura foi transformada por Roma em uma técnica sem vida, exatamente da mesma maneira que Babilônia contemplou como sua cultura conhecia um renascimento civilizado na Assíria, que terminou criando a cidade de Nínive, que foi, em relação à Babilônia, o que mais tarde Roma em relação a Atenas.

Tukulti-Ninurta I (por volta de 1250 aC) foi o primeiro rei assírio a prender um rei babilônico. Baixo Tiglath-Pileser - por volta de 1100 aC. de JC -, a Assíria se tornou um grande poder, mas com os sucessores deste rei, provou ter tão pouca consistência que os aramaicos nômades não apenas foram capazes de surpreendê-lo, mas também colonizá-lo. Somente Ashurnasirpal (884-860 aC) e Shalmaneser IV (781-772 aC) elevaram novamente o novo Império e o estenderam ao Mediterrâneo, conquistando a Síria e até cobrando um imposto das cidades fenícias. Ashurnasirpal estabeleceu sua residência em Kalach, onde construiu um magnífico palácio real, assim como na cidade de Nínive, ele ergueu um templo para Istar. Por quatro anos, a rainha Semiramis (Sha-Ammu-Ramat) governou, cujo filho, Adadnirari III (810-782 aC), foi um príncipe habilidoso que também pensou com grande tato que uma vitória política "valeu a pena".

uma massa ", e tentou introduzir as divindades da Babilônia na Assíria. Mas apenas Tiglath-Pileser III, conhecido na Bíblia sob o nome de Phul, um usurpador muito enérgico, restaurou à Assíria seu orgulho de grande poder naquele mundo. Sob seu governo (745-727 aC), as fronteiras do Império se estenderam do Mediterrâneo ao Golfo Pérsico, penetraram na Armênia e na Pérsia, dominaram povos que resistiram a todas as outras agressões, conquistaram Damasco e subjugaram sua administração extensas áreas do norte de Israel.

Entre esses reis, havia muitos outros cujos nomes e datas não conhecemos. Mas suas obras e personalidade, em geral, não são brilhantes o suficiente para mencionarmos neste breve resumo.

Mais tarde, o primeiro a ser mencionado é Sargão II (722-705 aC), que derrotou os hititas de Karkemis e que poderia estar sob seu domínio quando a Assíria conhecia a estrutura política mais sólida. Sargon II, pai de Senaqueribe (705-681 aC), o rei que destruiu tolamente Babilônia, e o avô de Asarhadon (681-669 aC), que a subjugou para reconstruir, subjugou os cimérios do norte e em 671 a. JC apreendeu Memphis no Egito e a pilharam para aumentar os tesouros de Nínive. Sargão II é, finalmente, o bisavô ou bisavô de Assurbanipal (668-628 aC), que foi quem perdeu as terras conquistadas no Egito lutando com o faraó Psamético I, e que com muita energia e astúcia sabia como levar ao suicídio. seu irmão rebelde Saosduchin, rei da Babilônia. Ashurbanipal é o fundador da maior biblioteca da Antiguidade, em Nínive, perdendo apenas para as coleções de papiros em Alexandria, que devemos considerar, apesar das muitas campanhas que realizou, mais apaixonadas pela paz do que pela guerra.

Dos reis seguintes, citaremos Sin-char-iskun (625-606 aC), que falhou em manter as rédeas do Império e foi incapaz de resistir ao impulso invasor, cada vez mais forte, dos medos. Ele acabou confiando a seu general, o nabopolasar caldeu, que o traiu, e enquanto os medos lutavam nas ruas de Nínive, Sin-char-iskun foi queimado com todas as suas mulheres e seus tesouros. Segundo Diodoro, que é baseado em Ctesias, ele fez uma imensa fogueira que alcançava a altura de quatrocentos pés, com cento e cinquenta divãs e o mesmo número de mesas, todas em ouro, além de dez milhões de talentos em ouro, cem milhões em prata e grande número de objetos roxos preciosos.

Esse foi o epílogo da história da Assíria-Babilônia? Com o general Nabopolasar, começou na Babilônia o governo de um usurpador que preparou o caminho para o seu primogênito, o famoso Nabucodonosor II (604-562 antes de JC), uma cessação do país dos dois rios!

O esplendor e a suntuosidade agora mostrados por Babilônia com força soberana não surgiam mais do espírito, tradição e cultura antiga desta cidade, que havia falido na Assíria, em Nínive. Nenhuma relação aparente teve a vida atual com os cultos antigos, costumes tradicionais,

velhas formas sociais. Todas as obras de Nabucodonosor são de natureza civilizadora. Seus méritos técnicos são amplamente elogiados: instalação de canais de irrigação, criação de pomares e jardins, construção de uma grande barragem de água e, acima de tudo, numerosos edifícios de natureza sagrada e profana.

Mas, à beira de toda a civilização, a decadência já está anunciada. Seis anos após sua morte, uma revolução palatina exterminou toda a família real, e o último rei, Nabunaid (555-539 aC), um homem piedoso, pereceu no incêndio do palácio, que os traidores haviam se rendido a Ciro. , rei dos persas.

Com o fim do reinado de Nabucodonosor, a civilização do país dos dois rios perdeu sua grandeza.

Em 1911, a sra. Winifred Fontana, esposa do cônsul britânico, recebeu três jovens arqueólogos em sua casa. Ela, pintora, observou em seu diário: "... as três constituem modelos muito bonitos para uma pintura ...".

Os três arqueólogos em questão foram David Hogarth, TE Lawrence e Leonard Woolley. Um deles alcançará fama universal logo depois, embora não como arqueólogo; foi o Lawrence quem na primeira guerra mundial liderou a insurreição árabe. O terceiro não alcançou uma fama tão barulhenta entre o público, mas muito maior diante de seus colegas arqueólogos.

É compreensível, então, que Winifred Fontana tenha perguntado anos depois sobre suas impressões daquele tempo e influenciado pelo peso da importância histórica que o coronel Lawrence havia alcançado, comentado sobre a visita dos três arqueólogos: «Lawrence sempre me chamava de Atenção..."

Porém, um sírio, que também era hóspede na casa do cônsul na época, disse à sra. Fontana: «Que diferença infeliz entre ce jeune Lawrence e

Monsieur Woolley, que é um homem do mundo e um gentil parfait. »

Este gentilkomme parfait, depois de muitos anos, em 1927 e 1928, quando tinha 47 anos, iniciou escavações na cidade de Ur, no Eufrates, a lendária terra natal de Abraão. Não demoraria muito para encontrar alguns testemunhos extraordinariamente ricos do povo sumério. Ele descobriu as tumbas reais de Ur, descobriu tesouros ricos e -

mais importante do que o ouro encontrado - expandiu nossa compreensão da história da Babilônia em tantos detalhes que de repente o estágio mais antigo da cultura humana ganhou vida. .

Entre as inúmeras descobertas - que não podemos enumerar - duas peças foram especialmente notáveis: o ornamento da peruca de uma rainha suméria e o chamado

"banner de mosaico de Ur". A coisa mais importante para o nosso conhecimento sobre a história mais primitiva da humanidade foi uma descoberta que corroborou uma das histórias mais impressionantes da Bíblia, dando autenticidade histórica. Finalmente, uma descoberta que pela primeira vez iluminou os costumes insuspeitos de cinco mil anos atrás em relação aos mortos.

Woolley abriu a vala habitual na colina, que é quase como toda a pesquisa arqueológica começa, a uma profundidade de doze metros. Ele encontrou uma camada de cinzas, tijolos em decomposição, pedaços de barro, entulho e lixo. Nesta terra, os habitantes de Ur abriram os túmulos para seus monarcas. No túmulo de uma rainha foram encontradas muitas jóias, vasos de ouro e dois barcos do Eufrates - um de cobre e um de prata - com sessenta centímetros de comprimento, além do diadema da rainha, que foi uma excelente obra de arte. ourives. Colocado em uma peruca, apresenta três arcos de lápis-lazúli e cornalina vermelha; No interior, três anéis de ouro estão pendurados, o segundo adornado com folhas de faia, também em ouro, e o terceiro com folhas de salgueiro e flores douradas. Montado na fita para a cabeça está um pente de cinco pontas, adornado com flores

douradas e um embutimento de lápis-lazúli. Os templos eram igualmente adornados, com fios em espiral de ouro e as orelhas com pesados brincos de ouro em forma de crescente.

Katherine Woolley reconstruiu uma cabeça assim adornada em uma caveira da época. Com base na terracota encontrada, ele imitou o penteado e, caso contrário, os laços das perucas já indicavam o tamanho da cabeça. A reconstrução assim realizada é agora exibida no Museu da Universidade da Filadélfia, e seu grande realismo nos mostra que a arte de tratar metais nobres e o gosto artístico foram altamente

desenvolvidos há cinco mil anos. Entre as jóias preciosas nas tumbas reais de Ur, estão as peças de que Cartier, em Paris, poderia estar muito orgulhosa hoje.

Outra descoberta muito instrutiva é a chamada "bandeira de mosaico", da qual Woolley afirma que é do ano de 3500 aC. O banner de JC Said é composto por dois retângulos de 55 centímetros de comprimento por 22,5 de largura, mantendo também dois triângulos. Essas peças deveriam estar presas a um poste que foi trazido para a frente de procissões e namoro.

As placas que compunham essas peças são cobertas por uma infinidade de figuras de madrepérola e conchas, sobre um fundo de lápis-lazúli. Eles não revelam tanta riqueza, nem tantos detalhes, quanto as pinturas de parede que no túmulo do rico senhor Ti serviram à pesquisadora Mariette para conhecer muitos fatos da vida egípcia antiga; mas era bastante rico e, acima de tudo, muito instrutivo. Era um livro de imagens com cenas de cinco mil anos atrás. Tendo em conta a sua antiguidade, este banner teve um valor extraordinário a esse respeito, pois nos dá a chave para muitas coisas.

Nele vemos um banquete que nos instrui sobre roupas e móveis; uma movimentação de gado para o matadouro, com a qual sabemos quais eram os animais domésticos da época; uma procissão de prisioneiros e outra de guerreiros que nos permite ver suas armas e equipamentos; e

finalmente, carros de guerra que nos informam que foram os sumérios que introduziram carros de guerra na história da guerra, aquelas tropas montadas que sucessivamente usaram os gigantescos impérios assírio-babilônico, medo-persa e até macedônio.

Woolley mais tarde fez sua descoberta mais terrível. Nas tumbas dos reis de Ur havia, além disso, juntamente com os reis e rainhas, outros cadáveres.

Parece que nesses túmulos grandes massacres entraram em vigor. Soldados da guarda foram encontrados em um deles, com o capacete de cobre ao lado do crânio e a lança ao lado do esqueleto. Eles foram mortos. No final de uma câmara funerária estavam os restos mortais de nove damas da corte, ainda adornadas com o magnífico diadema que eles provavelmente usavam durante as solenes cerimônias fúnebres. Em frente à entrada havia duas carroças pesadas nas quais repousavam os ossos dos cocheiros, e na frente, ao lado dos esqueletos dos bois, também estavam os dos criados; todos eles foram mortos.

No túmulo da rainha Shub-ad, Woolley encontrou os restos mortais das damas da corte, assassinados e caídos em duas fileiras. O último dos cadáveres era o de um homem tocando harpa, cujos ossos do braço ainda estavam em cima do precioso instrumento, ricamente adornado com incrustações. Ele provavelmente estava tocando no mesmo momento em que o golpe mortal o atingiu. Mesmo ao lado do caixão da rainha estavam os esqueletos de dois homens amontoados, assim como foram deixados com o golpe mortal que receberam no horrível massacre.

Qual o significado dessa descoberta?

Ele admitiu apenas uma explicação: o maior sacrifício concebível entre os seres humanos, o ritual derramamento de sangue humano em homenagem a meros mortais, provavelmente oferecido por padres fanáticos que queriam elevar seu rei ao posto de

deus. A posição dos cadáveres, bem como todas as circunstâncias da descoberta, permitem deduzir que esses cortesãos, soldados e servos não seguiram voluntariamente seus reis até a morte, assim como as viúvas indianas que se atiraram na estaca ao lado do cadáver. do marido. Aqui, o sacrifício consistia em um massacre, uma execução em massa em homenagem aos reis falecidos.

A ciência ficou intrigada com esse fato. "Não há histórias conhecidas", diz Woolley, "que aludem a tais sacrifícios humanos, nem a arqueologia descobriu qualquer vestígio de tal costume, nem restos similares em tempos posteriores. Se aceitarmos a hipótese de que esses sacrifícios são devidos à deificação dos primeiros reis, pensemos que nos tempos históricos nem mesmo os deuses anciãos exigiam tal rito; de onde é deduzida a data extraordinariamente remota dos túmulos de Ur. "

Nesta remota antiguidade da civilização suméria, Woolley se aproximará ainda mais de um novo passo. Quando alcançou profundidades maiores, doze metros abaixo da superfície, viu-se diante de uma camada de barro completamente limpa que não mostrava o menor vestígio de restos de utensílios ou lixo; Essa argila limpa e uniforme formava uma camada de pelo menos dois metros e meio.

Havia apenas uma hipótese para explicar a formação de uma camada aluvial tão natural, e isso é mais apropriado para o geólogo do que para o arqueólogo. O país da Suméria deve ter conhecido uma grande inundação. Mas uma barragem capaz de depositar uma camada de argila de dois metros e meio só poderia ter vindo do mar e do céu ao mesmo tempo. Para usar as palavras citadas no capítulo VII do livro de Moisés da Bíblia, a água deve ter sido derramada sobre os vales e as colinas "porque as fontes das grandes profundezas e as janelas do céu se abriram, então caíram na terra uma chuva de quarenta dias e quarenta noites ... e as águas continuaram na terra por cento e cinquenta dias ».

Woolley foi confrontado com uma conclusão de incrível significado.

Recordando a concordância do relato bíblico com o épico muito mais antigo de Gilgamesh e o dilúvio sumério, usando as chamadas listas sumérias de reis - "então veio o dilúvio e depois do dilúvio o rei desceu do céu novamente" - e levando em conta Ele diz que todas as escavações confirmaram no país dos dois rios a autenticidade das lendas antigas, e especialmente das Sagradas Escrituras, não havia dúvida de que esse grande dilúvio, irrecusável e comprovado, foi o dilúvio.

Woolley acredita que suas descobertas nas tumbas dos reis de Ur correspondem ao quarto milênio aC. De JC Até o dia em que essas descobertas foram feitas, nosso conhecimento daquele tempo estava limitado a lendas e mitologias. Woolley incluiu esta era lendária na história. Mas seu triunfo não termina aí, mas depois de dar um passo tão gigante, ele será capaz de vê-lo confirmado com a existência histórica de um rei daqueles tempos, um dos mais antigos soberanos da Humanidade.

Alguém afirmou, como vimos, a existência do povo sumério com base em evidências puramente científicas. Hoje, ninguém mais duvida de sua existência diante

dos muitos testemunhos de sua arte e de suas ocupações depositadas em nossos museus. Mas sobre a origem da cidade, sabemos quase nada.

Para essas declarações, podemos confiar apenas em pistas.

Não há dúvida de que os sumérios, não-semitas, de cabelos escuros, chamados de "cabeças negras" nas inscrições, foram os últimos a alcançar o grande delta do Eufrates e do Tigre. Anteriormente, o país era provavelmente povoado por duas classes de tribos semíticas. Mas os

sumérios levavam consigo uma cultura superior, já aperfeiçoada em seus pontos essenciais, e a impunham aos semitas bárbaros.

Onde eles aperfeiçoaram sua cultura? Esta questão está relacionada a um dos maiores problemas ainda relacionados à investigação das escavações.

Sua língua é análoga à do turco antigo e, devido à sua constituição anatômica, eles pertencem à raça indo-européia. Isso é tudo que sabemos; e a partir daqui começam as hipóteses. Esses homens sempre viam seus deuses no topo das montanhas e os adoravam; portanto, quando estavam em planícies estrangeiras, construíram em sua homenagem montanhas artificiais, os zigurates, um tipo de construção que não pode ter nenhuma origem nas grandes planícies. Isso significa que eles vêm da parte superior do Irã, ou ainda mais longe, dos países montanhosos da Ásia? Tal conclusão é sustentada pelo fato de que a arquitetura suméria mais antiga descoberta no país dos dois rios provavelmente se baseia em uma tradição de construções de madeira, pois elas só poderiam surgir em regiões montanhosas ricas em florestas.

Mas nisto não há nada certo; pois a essa teoria se opõe uma parte da antiga lenda suméria que nos fala de uma cidade que chegou por mar ao país dos dois rios; dos quais também há indicações nas escavações.

Um dia, o inglês Arthur Keith observou: «As características dos antigos sumérios podem ser vistas até nos países mais a leste, nos habitantes do Afeganistão e do Baluchistão, até o vale do Indus, a cerca de 2.400 quilômetros a leste. ».

Essa hipótese mal havia sido escrita quando, nas escavações do vale do Indo, investigando uma cultura antiga altamente desenvolvida, eles encontraram selos de ângulos retos, de uma maneira muito especial, que pelo estilo de suas gravuras e pela inscrição se assemelham aos encontrado na Suméria.

O problema da origem desta cidade misteriosa ainda permanece. Mas nisto não podemos ser impacientes; temos que pensar no afastamento

daqueles tempos, impregnados de um passado nebuloso, dos quais essas descobertas apenas nos mostram a existência dessas pessoas, das "cabeças negras". Quando examinamos as chamadas "listas de reis", descobrimos que o passado recua ainda mais.

As datas costumavam ser definidas na antiga Babilônia em relação a um grande evento ocorrido no ano anterior. Mas na época da primeira dinastia Isin, aproximadamente 2.100 anos aC. de JC, pela primeira vez o passado foi corrigido cronologicamente, e é assim que essas cópias das chamadas "listas dos reis" são preservadas, que são tabelas esquemáticas muito valiosas para nós e que foram

transcritas em tempos mais recentes (séculos III e IV) antes de JC) pelo padre babilônio Berossus, que escreveu em grego.

Segundo essas listas, a história dos sumérios remonta à criação do homem. A Bíblia cita dez "primeiros pais", de Adão, o primeiro homem, ao dilúvio. Os sumérios os chamam de "primeiros reis", também no número dez. Os primeiros pais israelitas viveram muitos anos; uma idade improvável é atribuída a eles. Dizem que Adão, que teve seu primeiro filho aos cento e trinta anos, viveu depois de oitocentos anos. A velhice de Matusalém é proverbial, mesmo em nossos dias. Mas o comprimento que os antigos sumérios dão à vida de seus "primeiros reis" é fabulosamente exagerado. Segundo um relato que lista apenas oito reis, esses primitivos governavam 241.200 anos, em sucessão direta e contínua; e quando os dez são citados, o total é de 456.000 anos!

Depois veio o dilúvio e, depois dele, o reaparecimento da humanidade na Terra pela proliferação da tribo Ut-napisti. Os reis agora citados são considerados pelos sábios da Babilônia nos últimos tempos como estritamente históricos, e suas crônicas foram escritas por volta do ano 2100 aC. De JC Mas, como entre esses reis, há muitos a quem são atribuídos deuses e semideuses lendários, e também é reivindicado

desde a primeira dinastia após o dilúvio que seus vinte e três reis viveram "24.510 anos, três meses e três dias e meio" , não é de surpreender que os pesquisadores ocidentais, a princípio, não tenham dado fé a essas listas de reis.

E isso não é surpreendente, porque mesmo em nosso século os arqueólogos não foram capazes de encontrar um único documento que garantisse o nome de um rei antes da oitava dinastia após o dilúvio.

Mas quando Woolley viu camadas mais antigas de cultura emergirem à luz do dia, ele começou a creditar as listas antigas. E armado com tanta confiança, ele se viu numa situação análoga à de Schliemann, quando confiou em seu Homer e em suas Pausanias. E, exatamente como aquele grande fã, ele também, com sua notável personalidade profissional, verá sua confiança confirmada por uma descoberta feliz.

Em El-Obeid Hill, perto de Ur, na Caldéia, Leonard Woolley encontrou um templo de a deusa mãe Nin-Chursag, com ornamentos luxuosos de escadas, terraços, vestíbulos, colunas de madeira incrustadas de cobre, ricos mosaicos, esculturas de leões e veados, *etc.* Era o edifício mais antigo do mundo, a que se juntavam grandeza e delicado trabalho ornamental. Além de muitos outros objetos preciosos de pouco valor, ele encontrou neste templo uma pequena pérola de um colar de ouro.

Esse relato tinha uma inscrição que deu a Leonard Woolley as primeiras notícias do construtor deste templo; claramente era decifrável o nome de A-annipadda!

E mais tarde, Woolley encontrou uma laje de pedra calcária que dizia muito mais que a conta de ouro, uma vez que foi confirmada por escrito cuneiforme, já bem desenvolvido, a consagração do edifício por «A-anni-padda, rei de Ur, filho de Mes. -

annipadda, rei de Ur ».

O nome de Mes-anni-padda foi inscrito nas listas de reis como fundador da terceira dinastia após o Dilúvio, a chamada primeira dinastia de Ur, e

foi um dos reis cuja existência histórica até então havia sido questionada.

Começamos este capítulo, dedicado a cavar os traços do povo sumério, com uma divagação sobre a superstição do gato preto, as dezenas de ovos e a esfera divididos em doze partes, e voltamos ao mesmo tópico para finalizar.

Dos sumérios para nós, há uma linha reta e isso só é interrompido por certas culturas que viveram e desapareceram em tempos intermediários. A força criativa da civilização suméria era extraordinária e sua influência se estendia a todos os territórios daquele espaço geográfico. As ricas culturas da Babilônia e Nínive cresceram no contexto sumério. E para demonstrar isso, daremos alguns exemplos que nos permitirão entender até que ponto a cultura babilônica, como um todo, depende do sumério.

A grande estela encontrada em Susa, reproduzindo o código de Hamurabi, por seu conteúdo, nada mais é do que uma compilação dos princípios e costumes legislativos dos antigos sumérios. O mais surpreendente é o conceito "moderno" de estabelecer uma noção clara de culpa e de acentuar claramente certas visões simplesmente legais, limitando as leis religiosas. A vingança, por exemplo, que sobreviveu como um costume legalmente reconhecido em todas as civilizações subseqüentes, e que mesmo em algumas partes da Europa exerceu sua influência infeliz até nosso século, é quase eliminada nas leis de Hamurabi. O Estado, e este é o "mais moderno" do código esculpido na sequência de Susa, substitui o indivíduo como o poder encarregado de administrar a justiça, o único "vingador" legal. A justiça era dura, e a abundância de punições corporais refletia a característica do despotismo oriental. Mas, em suas linhas gerais, as leis de Hamurabi mantêm seu valor até o Codex Justinianus e o Código Napoleão.

A ciência dos babilônios, intimamente ligada à magia, vem da Suméria. A magia era tão difundida entre os babilônios que, para os romanos, babilônico ou caldeu era sinônimo de mágico. A Babilônia tinha escolas médicas subsidiadas pelo estado. Em muitos casos, a arte da medicina era regulada por prescrições religiosas; em outros, o Estado respondeu ao exercício da profissão, mesmo que, por exemplo, o artigo 218 do Código de Hamurabi punisse a ignorância profissional da seguinte maneira: “Se um médico realiza uma intervenção séria em uma pessoa por metade da faca de bronze, causando a morte do paciente, ou opera a catarata com a faca de bronze e o deixa sem visão, sua mão será cortada ». Os deuses e a religião dos sumérios, adeptos do culto das estrelas, reaparecem sob outros nomes, às vezes com pouca diferença, na Babilônia e na Assíria, e mais tarde, ainda mais recentemente, em Atenas e Roma. Além disso, já vimos a coincidência da história e da lenda suméria com a Bíblia.

O conhecimento do céu e os movimentos das estrelas atingiram a Suméria o grau de ciências exatas, e nelas baseavam-se na preparação do calendário, na divisão e na mensuração do tempo. As torres em zigurate eram observatórios onde os sacerdotes babilônicos calculavam os movimentos do planeta Mercúrio com mais precisão do que Hiparco e Ptolomeu, conseguindo até determinar o tempo da jornada da Lua com uma

diferença de 0,4 segundos sobre a figura dada por nossos astrônomos. , equipado com as excelentes equipes técnicas auxiliares de nossos dias.

Na Babilônia, a matemática era baseada no sistema sexagesimal sumério, que os semitas misturavam com um sistema decimal. A dificuldade dos cálculos devido a essa mistura foi resolvida recorrendo a escalas aritméticas já estabelecidas previamente, regras de cálculo autênticas, como as usadas hoje para simplificar as operações de conversão. Com esse sistema, os babilônios alcançaram valores aritméticos extremamente altos. "Os gregos, a quem devemos tanto em termos de dados matemático-astronômicos, já deram à cifra de 10.000 um valor indefinido praticamente incalculável. O conceito de milhão só

apareceu no Ocidente no século XIX ", foi escrito. Bem, um texto em escrita cuneiforme encontrado na colina de Kuyunjik indica, no entanto, uma progressão aritmética cujo produto final transferido para o nosso sistema métrico é o seguinte: 195.955.200.000.000.000, ou seja, uma figura que na época de Descartes e de Leibniz ainda não foi considerado.

Mas essa ciência, tão prodigiosamente avançada, estava relacionada à astrologia e às artes da adivinhação. O pior que encontramos, juntamente com muitas outras coisas boas que Suméria e Babilônia nos transmitiram, é a superstição com a qual eles vincularam as coisas mais insignificantes e as atividades mais triviais, especialmente a crença nas bruxas, com a maldade de relacionamentos misteriosos que coincidiu com o fanatismo religioso. Todas essas crenças e práticas supersticiosas reapareceram posteriormente em Roma e na Arábia Islâmica, sendo transmitidas para o Ocidente. O Malleus Maleficarum, o "Martelo das Bruxas", o livro mais habilmente escrito de todos os livros tolos do Ocidente, é apenas um sucessor muito tardio do outro script cuneiforme que aparece gravado em oito mesas com o título "Cremação".

Leonard Woolley, a quem devemos a maior parte de nosso conhecimento sobre a terra misteriosa das "cabeças sombrias", nos dá um exemplo do valor progressivo de uma criação suméria no campo da arquitetura: "Somente após as conquistas de Alexandre, o Grande, ele conheceu o arco na Europa, que os arquitetos gregos admitiram ansiosamente como uma nova forma arquitetônica, apresentando-o ao mundo ocidental ... ». A descoberta dos gregos foi posteriormente desenvolvida pelos romanos. Bem, o arco era um elemento arquitetônico muito difundido na Babilônia, já que Nabucodonosor o usou para reconstruir a cidade em 600 aC. J. C; Em Ur, há um arco ordenado a ser feito por um rei babilônico em um templo em Kuri-Galzu, por volta do ano 1400 aC. de JC; nas casas particulares dos cidadãos sumérios de Ur, por volta do ano 2000 a. de JC, outra porta foi construída com tijolos colocados de acordo com as regras do arco autêntico; um poço de drenagem abobadado em Nippur deve ser de

pelo menos 3000 aC. de JC; e os arcos autênticos que encontramos no teto dos túmulos reais de Ur indicam que 400 ou 500 anos antes dos sumérios já dominavam esse elemento arquitetônico. Portanto, podemos seguir uma linha muito precisa desde o início da cultura suméria até o nosso mundo moderno.

Finalmente, Woolley resume: "Se julgarmos os esforços dos homens apenas por seus triunfos, devemos atribuir aos sumérios ... uma posição verdadeiramente honrosa, embora não muito destacada; mas se os julgamos por sua influência na evolução histórica, eles merecem ser colocados em uma posição muito mais alta. Sua cultura ilumina um mundo atolado nas barbáries mais profundas, adquirindo, por esse motivo, a importância de ter sido um dos primeiros fatores impulsionadores da civilização

universal. Nos educamos nos tempos em que a Grécia era considerada a origem de todas as artes, quase acreditando que a própria Grécia, como Pallas Athena, surgira do chefe do olímpico Zeus. No entanto, vimos como a Grécia tirou sua cultura dos lírios, dos hititas, da Fenícia, Creta, Babilônia e Egito. Mas as raízes vão ainda mais longe: por trás de todos esses povos estão os sumérios.

Quando, liderados por arqueólogos, voltamos seguindo essas trilhas para o país dos dois rios, o Dilúvio e os primeiros reis, percebemos o pulso dos milênios. Se percebermos que o mesmo conceito de bom e ruim perdurou por cinco milênios, podemos dizer que os milênios passaram como um dia.

Se até agora seguimos os arqueólogos por um espaço geográfico que não se afastava dos territórios costeiros do Mar Mediterrâneo, agora daremos um grande salto, em termos de distância espacial, mas breve, fora desse escopo geográfico. Observemos com as escavadeiras as pegadas de uma civilização que existia há menos de séculos, mas isso nos parece mais estranho, bárbaro e, em muitos casos, mais terrível e

incompreensível do que todos os que conhecemos até agora. É o mundo da selva do México

e

Yucatán.

IV O LIVRO DAS ESCADAS

"A cidade em ruínas estava diante de nós como um navio naufragado no alto mar que perdeu seus mastros, cujo nome havia desaparecido, cuja tripulação havia morrido, e ninguém poderia nos dizer de onde veio, a quem pertencia ou por quanto tempo navegou, nem o que havia sido a causa do naufrágio, e o pouco que pudemos descobrir sobre sua tripulação desaparecida foi baseado em deduções de certas analogias na maneira como o navio foi construído, embora talvez nunca possamos saber algo com certeza ".

Palavras de John L. Stephens em vista de sua primeira descoberta

Capítulo XXVII

E L TESOURO M OCTEZUMA II

«Ao amanhecer, o capitão espanhol levantou-se para organizar o seu povo. Os homens se reuniram sob as bandeiras e seus corações batiam quando a corneta espalhava sua chama pela água e pela floresta, até morrer no eco distante das montanhas.

»O fogo sagrado dos altares dos inúmeros teocallis que apenas se distinguiam levemente pela cor cinza opaca da névoa da manhã, era a única indicação da capital nessas horas, até que os templos, torres e palácios se destacassem completamente sob a luz radiante daquele sol que nascia do topo das montanhas orientais iluminando o vale. Era 8 de novembro de 1519, uma data notável na história, porque naquele dia os europeus pisaram pela primeira vez em uma capital até então desconhecida pelo mundo ocidental ".

Assim descreve um historiador do século passado, WH Prescott, de quem falaremos em mais detalhes em breve, o momento de grande significado histórico em que o conquistador Hernán Cortés, acompanhado por um grupo ousado de quatrocentos espanhóis, deu sua primeira olhada na Cidade do México , capital do Império dos Astecas.

Quando as tropas de Cortés - os quatrocentos espanhóis, destacados por cerca de seis mil indígenas como tropas auxiliares, especialmente os tlaxcalanos, inimigos hereditários dos astecas - cruzaram o dique que ligava a terra à cidade da ilha e passava por uma grande ponte levadiça. Os espanhóis perceberam que estavam à mercê de um

príncipe cujo poder não era impressionantemente falado pelo grande número de guerreiros do país que os cercavam e pela imponente massa daqueles edifícios gigantescos, mas pelas histórias de todos os povos indígenas.

No entanto, o espanhol avançou sem hesitação.

Quando chegaram à grande via central da cidade, uma procissão de pessoas ricamente vestidas os encontrou. Atrás de três altos oficiais que seguravam cajado de ouro na mão, os nobres carregavam um palanquim de ouro sobre os ombros, cujo dossel era feito de penas de cores vivas, cravejadas de pedras preciosas e adornadas com brocados de prata. Os nobres que usavam o velame ficaram descalços e avançaram com passos solenes e olhos baixos. A uma distância segura, a procissão parou, e um homem alto e magro, com cerca de quarenta anos, com uma tez mais pálida que a das pessoas comuns, cabelos pretos, lisos e não muito longos, e barba bastante fina, desceu do palanquim. Estava coberto por uma grande capa coberta de pérolas e pedras preciosas presas ao pescoço pelo arco que formava dois de seus picos, e usava sandálias de ouro, cujos laços eram finas tranças, também de ouro. Apoiando-se no braço de dois nobres, ele se aproximou, enquanto os criados estendiam tapetes aos pés para não

tocarem o chão. Assim, Cortés e Moctezuma II, imperador dos astecas, se encontraram.

Cortés desceu do cavalo e, apoiando-se igualmente em dois de seus homens, foi ao encontro do imperador.

Cinqüenta anos depois, Bernal Díaz del Castillo, um dos companheiros do conquistador, escreveu sobre esse encontro: «Jamais esquecerei esse espetáculo; agora, depois de tantos anos, ainda o tenho como presente como se tivesse acontecido ontem

».

Quando os dois homens se entreolharam frente a frente com uma amizade que nenhum deles sentia, dois mundos, duas épocas se enfrentaram.

Pela primeira vez na grande história da descoberta relatada neste livro, um homem do Ocidente cristão não teve que reconstruir meticulosamente, mas tropeçou, estudando suas ruínas. Cortés, aparecendo diante de Montezuma, era como se Brugsch-Bey tivesse subitamente se encontrado, no vale de Der-el-Bahri, antes de Ramsés, o Grande, ou como se Koldewey tivesse ido procurar Nabucodonosor nos "jardins suspensos" de Babilônia e, como Cortés e Moctezuma, poderiam ter conversado com ele.

Mas Cortés era apenas um conquistador e não um sábio; a beleza apelou a ele por sua coragem, e a grandeza serviu apenas para medir sua própria ambição. Ele buscou lucro, seu benefício pessoal e o de seu rei; e, no máximo, a possibilidade de erguer uma cruz cristã. Mas ele não se importava muito com o conhecimento, a menos que interpretássemos seu interesse na exploração geográfica como um desejo de saber. Alguns anos após o primeiro encontro com Moctezuma, o imperador asteca havia morrido e também um ano depois a cidade esplêndida que era Méico foi destruída. Apenas a cidade? Não, mais do que tudo isso! Vamos citar aqui as palavras de um historiador de nosso tempo, de Spengler: «Essa cultura nos dá o único

exemplo da morte violenta de uma civilização. Essa cultura não se degenerou gradualmente, não

foi oprimida nem prejudicada, mas cortada no esplendor de sua florescência, colhida em flores como o girassol que um transeunte decapita com um golpe.

Para entender esse processo, temos que olhar para os anos conhecidos como

"era dos conquistadores", que formam uma etapa muito importante na história cristã ocidental, marcada pelo esplendor do fogo e pelo fluxo de sangue, e pela que lançavam a sombra dos hábitos dos monges e das espadas dos guerreiros.

Em 1492, Cristóvão Colombo descobriu as ilhas de Guanahaní, Cuba e Haiti, o prelúdio da América Central; em viagens subsequentes, Dominica, Guadalupe, Porto Rico e Jamaica e, finalmente, as costas da América do Sul e Central. Enquanto isso, Vasco de Gama encontrou a verdadeira rota marítima mais curta para a Índia e Alonso de Ojeda, Américo Vespucio e Fernando de Magallanes exploraram as costas sul do Novo Mundo. Após a viagem de Juan Caboto, e quando Magalhães viajou pelo mundo, o continente americano era conhecido em sua totalidade, de Labrador a Terra do Fogo. E quando Nuñez de Balboa, com a devida ênfase de todo explorador, e mais naquela época, havia tomado banho de armadura completa nas águas do Oceano Pacífico para se apossar "de todos os tempos"; Quando Pizarro e Almagro invadiram o reino dos incas - atual Peru - da costa oeste, apenas uma geração se passou; mas em tão pouco tempo, abriu-se a lacuna para o feito europeu mais notável. Descoberta podia agora ser seguida de exploração e exploração por conquista; o Novo Mundo ocultava riquezas inimagináveis em dois aspectos: como mercado e como montante.

Deixando de lado todo tipo de maquiavelismo, devemos reconhecer que esse último objetivo foi o impulso mais forte de todas essas aventuras, de audácia sem precedentes, constantemente arriscadas por homens que se lançavam em um mar desconhecido em navios como os que usamos hoje para navegação fluvial. Apesar de tudo, seria injusto ver as brilhantes perspectivas de Eldorado para o ouro como o único motivo, uma vez que a aspiração pelo lucro não era apenas combinada com o desejo de aventura, nem a ganância apenas com a audácia. Os conquistadores da América viajaram não apenas por si mesmos, por Elizabeth e Fernando, e mais tarde por Carlos V, mas também pelo Papa, por Alexandre VI, que em 1493 dividiu o mundo recém-descoberto em duas partes, com uma linha reta traçada por sua própria mão, que delimitou as posições de Portugal e Espanha. Os conquistadores lutaram por Sua Majestade Católica e, sob a bandeira da Virgem, como missionários contra os pagãos. Em nenhum de seus navios estava o padre desaparecido, que protegeu a cruz da espada.

Com a exploração e conquista da América, pela primeira vez na história da humanidade, tivemos uma visão global do mundo. O espírito, a religião, a política e a aventura colaboraram na mesma medida em tal empreendimento. A ciência das estrelas e da geografia, e o resultado de ambas, a navegação, forneceram os meios necessários para a política expansiva de um império que até então era verdadeiramente europeu, mas logo universal, em que "o sol não se punha". Sob suas bandeiras sagradas, uma fé impetuosa levou esses aventureiros; porque o coração dos nobres castelhanos desprezava os sonhos e ansiava por feitos.

Mais de uma vez, mostramos nesta história como o acaso pode desempenhar seu papel na descoberta de culturas passadas submersas. É por isso que agora devemos afirmar que Hernán Cortés, o conquistador que mais desperta interesse em nós, desde que foi o descobridor do Império Asteca, era estudante de direito. O pouco interesse que o fórum despertou em sua ambição turbulenta fez com que ele se alistasse na expedição preparada por Nicolás de Ovando, sucessor de Colón; mas ele falhou nessa primeira tentativa, porque,

pouco antes de partir, Cortés sofreu as consequências do colapso de um muro que tentava pular em uma aventura galante.

Lesões o forçaram a ficar na cama. Mas vamos pensar na direção diferente que a história da América poderia ter tomado se esse muro fosse mais alto.

Mas não nos deixemos levar pelas fantasias da história possível, pois sabemos bem que mesmo os homens mais brilhantes podem ser substituídos se o tempo exigir. Mas o fato é que Cortés partiu para o Novo Mundo e, em uma campanha de guerra inigualável, chegou ao México. Quando ele fez sua expedição pelas terras astecas, ele já estava na América há dezesseis anos. E ele tinha dezenove anos quando desembarcou em Hispaniola, respondeu orgulhosamente ao secretário do governador, que estava se preparando para lhe atribuir uma terra: "Vim procurar ouro, não cultivar a terra como um camponês!"

Aos 24 anos, participou com Velázquez na conquista de Cuba, destacando-se em tal empreendimento; então ele se juntou ao partido do novo governador e foi preso. Ele fugiu, foi preso, escapou novamente, até que finalmente conseguiu se reconciliar com o governador.

Por algum tempo, dedicou-se, apesar de tudo, a tarefas agrícolas como proprietário das terras que ganhava e, assim, trabalhou em sua fazenda, sendo o primeiro a introduzir o gado europeu em Cuba; explorou minas de ouro e acumulou a importante soma de 2.000 ou 3.000 ducados castelhanos. O padre De Las Casas, o grande amigo dos índios no Novo Mundo, observou: "Deus, que é o único que sabe ao custo de quantas vidas de índios essa quantia coletou, o responsabilizará".

A posse dessa fortuna foi um fato decisivo na vida de Cortés, já que agora ele já podia participar economicamente em qualquer empresa, obteve o comando supremo de uma frota de guerra. Equipando isso em comum com o governador Velázquez, ambos estavam se

preparando para ir para o continente, para aquele país lendário do qual os índios contavam cada vez mais maravilhas. No último momento, surgiram novas divergências entre Cortés e o governador; e quando Cortés já estava em Trinidad -

Cuba - com a frota em que investira sua fortuna e a de seus amigos, Velázquez ordenou sua prisão. Mas Cortés já era um personagem amado por seus soldados e a execução de tal ordem teria causado a revolta de seus anfitriões, tendo em vista que seus navios, o maior dos quais com cem toneladas, foram autorizados a zarpar para o teatro. de sua aventura mais emocionante e importante.

Naquele dia, toda a sua força de combate, com a qual ele partiu para conquistar um país do qual não tinha uma ideia muito clara, consistia em 110 marinheiros e 553

soldados - entre eles 32 besteiros e 13 traficantes -, 10 canhões pesados, 4 culebrinas luz e 16 cavalos.

Sob sua bandeira de veludo preto bordada a ouro, com a cruz vermelha e a inscrição latina: «Amigos, sigamos a cruz», ele discursou a seus homens, cujo conteúdo conhecemos da tradição, que terminou assim: número, mas forte em decisão, e se isso não faltar, não duvide que o Todo-Poderoso, que nunca abandonou os espanhóis em sua luta contra os pagãos, o protegerá mesmo que você esteja cercado por um grande número de inimigos; porque a sua causa é justa e você lutará sob a insígnia da cruz. Vá em frente, então, com serenidade e confiança; Termine o trabalho que começou com auspícios tão felizes e leve-o a um fim glorioso.

Em 16 de agosto de 1519, de um lugar na costa localizado próximo ao que mais tarde seria Veracruz, começou a conquista do México. Ele acreditava que teria que lidar com tribos; mas agora ele viu que tinha que conquistar um império. Ele assumiu que teria que medir suas forças com grupos de bárbaros selvagens , mas agora percebeu que estava lutando contra um povo altamente civilizado. Ele esperava que, a

caminho, visse aldeias e barracos rudimentares; mas agora vastas cidades com templos e palácios surgiram diante dele na planície. O fato de que, depois de tais encontros e de tal perspectiva, ele não vacilou em seu plano de subjugar essas pessoas, mostra qual era a natureza daqueles homens cuja posteridade condenaria a execração e o esquecimento, se falhassem.

Não podemos narrar em todos os seus detalhes os episódios dessa conquista tola e imprudente que em apenas três meses colocou Cortés diante da capital de Moctezuma. Ele superou os obstáculos do terreno, o clima e doenças desconhecidas. Ele lutou contra uns trinta ou cinquenta mil índios e os derrotou. Sua reputação de invencibilidade vai de cidade em cidade. Nele, o conhecimento mais exato da arte militar se une à conduta mais enérgica e em tudo isso mostra uma grande nitidez política. Assim, ele dispensa os emissários de Moctezuma com presentes ricos, incita os diferentes povos vassalos do imperador asteca a lutar entre si e sabe como dominar em pouco tempo um povo como os tlaxcalanos, tornando-os seus aliados e amigos. Ele persegue uma meta e, obcecado, não é contido pelas ameaças ou pedidos de Moctezuma, que finalmente implora a ele - ele, que tinha mais de cem mil guerreiros -

para não pisar na capital de seu reino.

Difícil de explicar é essa corrida triunfante e muito rápida. A força de Cortés estava na união de uma fama verdadeiramente mítica com a superioridade de saber conduzir a guerra de maneira organizada e disciplinada.

Aqui - como diz um historiador - os gregos contra os persas eram novamente.

Mas, neste caso, os "gregos" haviam reforçado sua disciplina com novas armas de fogo, terríveis para o inimigo. Eles também tinham outro elemento de combate que aterrorizava os índios: os cavalos, seres gigantes e fabulosos. Aos olhos dos nativos, cavalo e cavaleiro pareciam

ser um único ser, e eles nem perderam seu medo supersticioso quando pegaram um desses animais, a tal ponto que a ação adotada por um dos conselheiros do rei, que comandava corta um cavalo em pedaços e envia seus pedaços para todas as cidades do reino.

Dessa maneira, o dia da conquista da capital, 8 de novembro de 1519, se aproximava rapidamente, uma conquista que era apenas uma ocupação. Mas uma vez instalada na metrópole mexicana, a descoberta do tesouro com que ele sonhara tanto quando jovem, e sua pressa de colocar prematuramente o sinal da cruz nos templos dos deuses astecas, foram a causa de múltiplas complicações que estavam prestes a acontecer. estragar o negócio.

Em 10 de novembro de 1519, três dias após entrar na capital, Cortés pediu permissão ao imperador asteca para instalar uma capela em um dos palácios que haviam designado para a acomodação dos espanhóis. Foi concedido imediatamente e Moctezuma até enviou alguns artesãos indígenas para ajudá-los.

Enquanto isso, os espanhóis estavam estudando o terreno e logo observaram que vestígios recentes de argamassa foram vistos em parte das antigas muralhas da sala e, com a experiência adquirida por muitas descobertas, suspeitaram que a porta estivesse escondida ali. . E embora, por enquanto, fossem convidados do imperador, sem o menor escrúpulo de consciência, começaram a derrubar o muro. Eles logo descobriram, com efeito, uma porta, que eles abriram imediatamente, e foram em busca de Cortés.

Quando ele olhou para a sala recém-aberta, ele teve que fechar os olhos. Ele estava em pé na frente de uma sala cheia de tecidos mais ricos, jóias, todos os tipos de itens preciosos, prata e ouro, não apenas em objetos maravilhosamente esculpidos, mas também em lingotes. Bernal Díaz, o cronista, escreve: "Eu era muito jovem e me pareceu que todas as riquezas do mundo estavam naquela sala".

Eles estavam diante do tesouro de Montezuma; pelo contrário, a do pai de Moctezuma, aumentada pelas aquisições do filho.

Cortés demonstrou grande inteligência ordenando que a porta fosse imediatamente coberta, pois ele não tinha ilusões devido à situação de risco.

Ele sabia que estava em um vulcão que poderia explodir a qualquer momento. A audácia daquele pequeno grupo de espanhóis, trancado naquela cidade gigantesca, estimada em 65.000 casas, não tinha limite. Bem, com que probabilidade de triunfo eles poderiam contar? Como sua aventura terminaria? Eles tinham a menor perspectiva de conseguir sair da metrópole onde esses tesouros tangíveis estavam trancados? Seriam tão cegos para acreditar que um dia poderiam tomar o império e que sua colonização seria tão fácil para eles quanto nas ilhas selvagens do Novo Mundo até então conquistadas?

Sim, de fato; eles eram tão cegos. Mas sua cegueira, realizada por Cortés, nunca deixou as possibilidades de uma política muito ousada, mas muito realista, embora essa política nos pareça infantil hoje. Havia apenas uma maneira de garantir sua posição na capital, uma maneira que apenas aventureiros podem recorrer e apenas conquistadores ousados podem executar. Cortés havia entendido o significado quase sagrado da pessoa de Moctezuma, cujas ordens, por mais perniciosas ou absurdas que fossem, eram fanaticamente obedecidas. A partir daí, deduziu que, se apossasse a pessoa do imperador, eliminaria todo o perigo de atitudes hostis por parte de seus súditos. E assim, depois de decorrido um período de tempo razoável, ele convidou Montezuma a se mudar para seu palácio e, portanto, unir a residência imperial à dele. Ele baseou esse

pedido em razões pelas quais a súplica e a ameaça se misturavam - nos portões da residência real, seus melhores cavaleiros totalmente armados vigiavam - e Moctezuma, num momento de covardia, cedeu.

Na mesma noite, os Padres Olmedo e Díaz celebraram a Santa Missa na capela recém-instalada em uma sala adjacente ao Tesouro, da qual cada um dos espanhóis que oravam ali acreditava ter direito a uma boa participação. À direita estava o dono do tesouro - imperador no meio de seu império e um simples refém nas mãos de um punhado de homens - que apenas ouviam palavras de conforto para diminuir a indignidade de sua situação. Bernal Díaz observa que os espanhóis permaneceram sérios e dignos durante o culto "em parte pelo próprio comércio e em parte por exercer influência edificante sobre os pagãos, mergulhados na escuridão da escuridão".

A grande mudança nos sucessos de Cortés ainda não havia ocorrido. Ainda parecia que todos os seus golpes seriam bem-sucedidos, mas logo, e em pouco tempo, ocorreram três eventos que mudaram completamente a situação.

Os primeiros contratempos surgiram nas fileiras dos espanhóis. Quando Cortés fez Moctezuma prisioneiro, ele não viu mais nenhum motivo que o impedisse de tocar no tesouro. O infeliz imperador tentou preservar sua dignidade, afirmando que entregou todo esse tesouro ao grande soberano de Cortés - a Sua Majestade Hispânica -, unindo-o com o juramento de ser seu fiel vassalo, o que não representava grande mérito diante de sua situação. Cortés enviou o tesouro para ser transferido para uma das grandes salas, para avaliá-lo. Os espanhóis tiveram que construir as balanças e pesos, porque os astecas, grandes matemáticos, não conheciam os sistemas de peso ou o valor total. E

assim descobriram que eram cerca de 162.000 pesos de ouro, soma que, segundo um cálculo feito no século passado, era equivalente a cerca de US $ 6.300.000. No século XVI, era uma quantia tão fabulosa que podemos assumir com segurança que nenhum soberano europeu tinha uma quantia tão estimada na época. Era estranho, então, que os soldados enlouquecessem calculando sua parte proporcional?

Mas, nesse ponto, Cortés se opunha à participação igual. Foi injusto? Pelo menos ele era habilidoso. Obviamente, ele fora para o exterior em

nome de Sua Majestade o Rei, que tinha direito a uma parte; mas ele, Cortés, equipara os navios com seu dinheiro, contraindo muitas dívidas que um dia ele teria que pagar. Por esse motivo, Cortés providenciou que um quinto do tesouro corresponderia ao rei da Espanha, outro quinto a ele; outro quinto foi reservado a Velázquez, como governador, e para aplacá-lo, uma vez que ele não havia obedecido suas ordens, fugindo de sua jurisdição com todos os navios; outro quinto, para os cavaleiros, artilheiros, negociantes, besteiros e a guarnição que ele havia deixado na costa de Veracruz. Restava, então, um quinto para distribuí-lo entre os soldados, cada um deles tocando 100 pesos de ouro. Era uma miséria pelo que haviam feito, esmola para aqueles que examinavam todo o tesouro!

Os soldados estavam prestes a amotinar-se e os duelos sangrentos se seguiram, quando Cortés interveio, mais eloquentemente do que severamente ", com aquelas palavras convincentes que ele sabia usar em cada caso", diz um de seus soldados ", e os convenceu". Cortés sabia como pintar nas paredes frágeis de sua fantasia um lucro muito maior do que eles próprios sonhavam.

Consequentemente, de todo o tesouro, apenas um quinto foi distribuído igualmente. Os outros quatro, destinados ao rei, ao governador e aos de Cortés e seus homens escolhidos, estavam bem guardados no palácio.

O que aconteceu alguns meses depois foi muito mais sério. Cortés soube, pelo capitão que ele havia deixado na costa, que, sob o comando de um certo Narvaez, e por ordem de Velázquez, tropas haviam desembarcado em Veracruz levando uma ordem para removê-lo e levá-lo prisioneiro a Cuba, para responder por um crime de manifestar rebelião e exagerar no desempenho de suas funções. Ele também aprendeu de outros detalhes incríveis. Os dezoito navios de Narvaez trouxeram 900 homens, incluindo 80 cavaleiros, 80 comerciantes e 150 besteiros, além de inúmeros canhões. Cortés, enfiado em seu barril de pólvora na Cidade do México, foi atacado por um exército de seus próprios compatriotas que vieram encontrá-lo com

forças muito maiores que as suas e que representavam o maior exército que até então havia sido usado na conquista do Novo Mundo.

Mas então algo extraordinário aconteceu. Todos os que até então acreditavam que os triunfos de Cortés se deviam apenas ao seu destino, à sua audácia e ao fato de seus adversários serem índios mal equipados, tiveram que mudar de idéia.

Cortés decidiu ir para o degrau de Narváez e lutar com ele.

Com que? Ele se atreveu a deixar um de seus oficiais, Pedro de Alvarado, como chefe da guarnição e guardião de Moctezuma, o refém mais precioso, com dois terços de seu exército, e ele, com o terço restante, que eram setenta soldados !, saiu para encontrar os navios de Narvaez. Antes de deixar a capital, ele convenceu Montezuma da grande punição que os traidores de seu próprio povo sofreriam, de tal maneira que aquele príncipe hesitante ficou ainda mais assustado e não ouviu seus conselheiros, que estavam tentando fazê-lo se revoltar naquele momento. oportuno. O pobre Montezuma tentou acalmar Cortés, e em sua ninhada - bem guardado por Alvarado - ele o acompanhou até o cais externo e o dispensou, abraçando-o e fazendo-o apresentar seus bons desejos.

E assim Cortés se lançou, com seu exército novinho em folha, ou melhor, com suas forças improvisadas, que com os reforços indianos alcançaram a figura de 266

homens, para a planície, para "terras quentes".

A chuva se enfurece e a tempestade se enfurece. Os exploradores informam a Cortés que Narváez chegou a Cempoala. Somente o curso de um rio o separa de seu adversário.

Enquanto isso, Narváez, com sucesso e experiência bélica, tenta descer às margens à noite para enfrentar Cortés, mas a tempestade violenta

causa descontentamento em seus soldados. Convencido de que não se podia esperar que Cortés atacasse naquela noite e confiando na superioridade de suas armas, ele se retirou novamente para a cidade.

Narvaez estava errado. Cortés, atravessando o rio, surpreende as sentinelas na noite de Pentecostes no ano de 1520 e, ao grito do "Espírito Santo", seus anfitriões mal

armados, com ele na cabeça, penetram no campo de Narvaez, cheio de armas e dos homens.

A surpresa foi total e, após uma breve e terrível luta, iluminada pelo brilho dos fogos e os flashes dos canhões que só podiam disparar uma vez, eles conquistaram o acampamento. Narváez se defende na torre de um templo, mas uma lança atinge seu olho esquerdo. E seu grito de dor é seguido pela vitória de Cortés.

Mais tarde, foi dito que os cocuyos, alguns besouros luminosos muito grandes, haviam intervindo em favor da justa causa de Cortés, aparecendo repentinamente em bandos e voando diante dos defensores da praça de tal maneira que acreditavam que um exército inteiro estava se aproximando. equipado com armas de fogo poderosas. A vitória foi decidida a favor de Cortés, e seu alcance ficou evidente quando a maioria dos derrotados declarou-se pronta para servi-lo quando ele assumiu o comando da rica pilhagem de canhões, harquebusses e cavalos e, finalmente, quando Ele descobriu que, pela primeira vez na história da campanha mexicana, ele podia realmente se ver à frente de uma tropa poderosa.

Mas os triunfos que um punhado audacioso e escasso de homens alcançou de maneira tão surpreendente, agora não seriam superados pelas tropas mais nutridas e mais

bem

equipadas.

Capítulo XXVIII

LA CULTURA decapitada

Os espanhóis marcharam sob a bandeira da cruz e com o grito de "Espírito Santo", uma invocação que os havia guiado em sua luta mais importante. Cruzes e igrejas posteriores estavam marcando seus caminhos. Eles confessaram antes de cada batalha, e os sacerdotes celebraram missas solenes após cada vitória, tentando converter os astecas.

Este não é o lugar para examinar a importância do trabalho dos missionários. Neste livro, estamos interessados apenas em esclarecer que, com a invasão do reino asteca, os espanhóis não lutaram mais com selvagens cuja religião consistia em ritos primitivos e costumes fáceis de mudar, no animismo elementar, em uma adoração bárbara dos fenômenos do A natureza e os espíritos, mas eles estavam diante de uma religião culta que, embora como um todo fosse politeísta, mostrava tendências monoteístas nos dois deuses principais, Huitzilopochtli e Quetzalcoatl, de grande influência sobre toda a cultura por suas estreitas relações com os arte do calendário que regulava tudo; e essa influência da religião na vida dos homens só ocorreu nas regiões mais desenvolvidas e universais.

O erro dos conquistadores e de seus padres foi que eles perceberam essa realidade tarde demais. Mas eles poderiam vê-la? Lembremo-nos do mundo do início do século XVI. Copérnico não havia publicado sua nova cosmologia e os grandes céticos Galileu e Giordano Bruno ainda não haviam nascido. Não havia arte fora da Igreja, nenhuma ciência ou vida possível sem ela. O sentimento e o pensamento do mundo ocidental eram cristãos; e com essa visão de mundo, com tanta fé absoluta na

infalibilidade da Igreja, com tanta percepção de sua existência eterna e capacidade redentora, a certeza absoluta era inevitável. Tudo o que não era cristão era pagão e, como tal, e em seu próprio interesse, tinha que ser combatido.

Essa norma fundamental dos homens do século XVI impedia-os de reconhecer o valor das idéias úteis, embora diferentes das suas, por terem nascido de outro conceito de mundo. A falta de uma visão ampla e diferenciada não permitiu aos conquistadores do México entender as claras indicações de uma vida social bem preparada e desenvolvida, nem apreciar o profundo conhecimento que os astecas tinham sobre educação e ensino, nem o incrível conhecimento dos Padres astecas em astronomia.

Eles não viram que não eram selvagens, nem os avanços de sua cultura, evidentes, por exemplo, no layout das cidades, em seus sistemas de ordenação de tráfego e transmissão de notícias e na construção de suntuosos edifícios sagrados ou profanos. . Na rica cidade do México, com suas lagoas, diques, ruas e ilhas flutuantes de flores - os "chinampas" que Alexander von Humboldt ainda via - eles não viam nada além de fantasmagoria do diabo.

Infelizmente, a religião asteca tinha uma característica que enchia de terror aqueles que viam seus rastros e os fazia acreditar que, de fato, tudo isso era obra do diabo. Foram os sacrifícios humanos que realizaram em massa e em que os padres arrancaram os corações das vítimas ainda vivas.

Mas a verdade é que o aspecto da religião asteca excede em muito tudo o que já foi visto no mundo a esse respeito.

De fato, na civilização asteca havia valores consideráveis junto com práticas horripilantes. E os fãs não podiam ver as duas coisas juntos na mesma cultura. Por isso eles não entenderam que, ao contrário dos selvagens que Colombo, Vespucci e Álvarez Cabral haviam encontrado, os astecas eram um povo que podia ser humilhado até um certo limite, após o que tropeçavam em sua religião; Eles não reconheceram que, sob a proteção de suas armas, podiam pagar todos os horrores, crueldades e crimes, exceto um: o sacrilégio dos templos e dos deuses. E foi exatamente isso que eles fizeram, imprudência que estava prestes a tirar de Cortés todos os frutos de suas conquistas políticas e militares.

Vale a pena notar que, na comitiva de Cortés, não foram os padres os mais fanáticos. Os padres Díaz e Olmedo, especialmente este último, cumpriram sua missão com prudência, guiada por grande entendimento político.

De acordo com todas as notícias, foi o próprio Cortés - talvez por inconsciente desejo de justiça - o primeiro a tentar a conversão de Moctezuma. Mas o imperador o ouviu educadamente e, quando o conquistador, em seu elogio, comparou os sacrifícios sangrentos dos astecas Com a fé pura e simples da massa católica, Moctezuma fez parecer que ele parecia menos execrável sacrificar pessoas do que consumir a carne e o sangue do próprio Deus, uma opinião que não sabemos se Cortés tinha capacidade dialética de lutar.

Cortés foi ainda mais longe. Ele pediu permissão para visitar um dos grandes templos. Depois de muita hesitação e depois de Montezuma ter consultado seus padres, isso foi concedido. Cortés imediatamente escalou o grande teocalli localizado no centro da capital, não muito longe do palácio onde ele estava hospedado; e uma vez lá, ele disse ao padre Olmedo que este seria o local mais apropriado para colocar a cruz, mas o padre desaconselhou. Eles também viram a laje de jaspe, onde as vítimas humanas foram sacrificadas com uma faca de obsidiana e a imagem do deus Huitzilopochtli, que parecia terrível para os espanhóis e só era comparável às máscaras do diabo que a Igreja representava desde os tempos primitivos. Uma grande serpente coberta de pérolas e pedras preciosas cercou o corpo do deus. Bernal Díaz, que estava testemunhando tudo isso, desviou o olhar, assustado, mas viu algo ainda mais terrível: as paredes laterais da sala estavam salpicadas de sangue humano coagulado. "O mau cheiro", escreve ele, "era mais difundido do que o dos matadouros de Castela". Então ele olhou de volta para o altar de sacrifício e viu que havia em sua imaginação três corações humanos ainda sangrando e fumegando.

Quando desceram as inúmeras escadas, viram um enorme ossário que chegava ao teto. Nela, ordenadamente dispostas em pilhas apoiadas em tábuas, estavam os crânios das vítimas. Um soldado estimou que haveria cerca de 136.000.

Logo depois, o estágio de súplicas passou e o estágio de demandas rápidas chegou, apoiado por ameaças. Cortés ocupou uma das torres do grande teocalli. Depois de sua visita à torre, ele costumava proferir palavras imprudentes e prejudiciais à religião asteca, e Montezuma estava extremamente preocupado. Em uma ocasião, Moctezuma ficou entusiasmado e ousou dizer que seu povo não toleraria isso. Cortés, obstinado, ordenou a limpeza do templo, colocou um altar e nele uma cruz e uma imagem da Virgem.

O ouro e as jóias desapareceram - ociosos para descobrir seu paradeiro - e as paredes estavam decoradas com flores. Quando o primeiro Tedeum foi cantado antes de todos os espanhóis se reunirem na grande escadaria e na plataforma teocalli, dizia-se que estavam chorando de alegria por terem alcançado esse triunfo da cruz.

Apenas um passo foi deixado para que a paciência daquela cidade acabasse. E

esse passo foi dado.

Vamos contar em poucas palavras. Quando Cortés esteve ausente da capital, por ocasião de seu encontro vitorioso com Narváez, uma delegação de padres astecas pediu a seu substituto Alvarado permissão para comemorar no grande teocalli, em uma das torres que ficava a capela espanhola, a festa da Oferta de incenso a Huitzilopochtli, que era verificada todos os anos com canções e danças religiosas.

Alvarado permitiu duas condições anteriores: que os astecas não fizessem sacrifícios humanos e que viessem sem armas.

No dia da festa, apareceram cerca de seiscentos astecas - as indicações no número diferem bastante - quase todas pertencendo à mais alta

nobreza, sem armas, mas adornadas com suas roupas mais ricas e jóias mais preciosas; Assim começou a cerimônia. Um número respeitável de espanhóis se misturou e, quando o partido

alcançou seu clímax, a um sinal acordado, os espanhóis atacaram os astecas e mataram todos eles!

Tal atitude, completamente incompreensível, não tem a menor justificativa, nem mesmo do ponto de vista político. Uma testemunha observa: "O sangue escorria como água quando chove muito".

Quando Cortés voltou de sua expedição vitoriosa com uma tropa poderosa, ele encontrou uma cidade completamente mudada. Logo após o massacre dos astecas, a cidade se revoltou, proclamou o Imperador a um irmão de Moctezuma, chamado Cuitlahuac, substituindo o imperador preso, e a partir desse momento ele se fechou no palácio onde Alvarado residia. Quando Cortés chegou, a situação se tornou muito crítica e Alvarado precisou ser aliviado. Mas levantar a cerca significava cair na armadilha.

Cada tentativa de Cortés se transformou em uma vitória pirrica. Ele destruiu trezentas casas, mas os astecas destruíram todas as pontes para sua retirada; O

grande teocalli foi incendiado , mas os astecas invadiram o forte com uma nova fúria. Montezuma, um homem quase incompreensível, que tinha um grande histórico de guerreiros - participara de nove batalhas, provavelmente como combatente - e sob cujo governo o Império Asteca alcançou seu máximo esplendor e poder, desde a entrada dos espanhóis que havia perdido toda a sua vontade. Agora ele se ofereceu como mediador. Coberto com todas as insígnias de seu cargo imperial, ele falou ao seu povo, que respondeu atirando pedras nele! Em 30 de junho de 1520, Montezuma II morreu, grande imperador dos astecas, prisioneiro dos espanhóis.

Com isso, o perigo que os espanhóis estavam correndo aumentou, porque sua última esperança, a pessoa do imperador, não era mais um

truque no jogo.

Então Cortés começou sua noite mais terrível, a que na história se chama "noite triste".

Não haveria uma revolta quando o tesouro de Montezuma fosse distribuído? Quando Cortés deu a ordem para quebrar a cerca e deixar a cidade na

"noite triste", ação desesperada se alguém acha que um punhado de homens teve que atravessar um exército de dezenas de milhares de guerreiros, ele já havia estendido a tesouro diante de seus homens e disse com desprezo:

"Pegue o que você quiser." E, como um aviso de desdém, ele acrescentou: "Mas tome cuidado para não se sobrecarregar". Na noite escura, aquele que carrega a carga mais leve é melhor.

Ele pegou apenas a quinta parte que pertencia a seu senhor e que poderia conceder a graça de Sua Majestade se ele fosse derrotado.

Sua tropa de veteranos sabia o valor de seus conselhos e eles levaram poucas coisas. Mas os recém-chegados das tropas de Narvaez carregavam jóias e até barras de ouro, que eram colocadas no cinto e nas botas, de tal maneira que, em meia hora, eram deixados para trás e andavam cansados.

A maior parte do tesouro permaneceu em segurança no palácio.

Na primeira meia hora da noite triste - 1º de julho de 1520 - eles conseguiram atravessar a cidade e alcançar a estrada do dique, sem que os astecas percebessem -

sentiram um medo supersticioso de lutar à noite. Mas quando ouviram os gritos das sentinelas e os padres tocavam bateria em cima dos teocallis, parecia que o inferno havia sido desencadeado.

Na verdade, isso era literalmente o inferno. Os espanhóis, graças a uma ponte transportável que eles mesmos construíram, conseguiram salvar o primeiro canal. Mas, pouco a pouco, começou a chover intensamente, e o barulho da água caindo misturou-se com o dos remos de inúmeros navios de guerra, com os gritos desesperados dos espanhóis que não podiam avançar naquele terreno lamacento e escorregadio, com a guerra asteca uiva. Logo pedras e flechas começaram a cair sobre os espanhóis em grande número, e os primeiros guerreiros indígenas, que mal se distinguiram na escuridão da noite e no meio da tempestade desencadeada, saltaram. Eles se agarraram ao corpo dos espanhóis e os atacaram com punhais feitos com pedaços afiados de obsidiana, duros e afiados como aço.

Quando a vanguarda da tropa alcançou o segundo ponto pelo qual o canal passaria, eles descobriram que a ponte de madeira usada para a primeira passagem havia afundado tanto na lama que não podia ser destacada. E o que até então fora ordenado a se retirar tornou-se uma fuga franca; O que era uma tropa tornou-se um bando de indivíduos que lutam para salvar suas vidas. A pé ou a cavalo, eles se jogaram no poço para nadar até a outra margem. A bagagem, as armas e até o ouro que eles carregavam foram perdidos na calada da noite.

Não é possível descrever todos os detalhes dessa luta desenfreada. Nenhum espanhol, nem mesmo Cortés - que, de acordo com todos os cronistas, realizou muitos feitos e desperdiçou bravura - escapou ileso. Ao amanhecer, cinza e chuvoso, quando ele já havia conseguido passar o dique e os astecas estavam mais dedicados a coletar o imenso espólio do que a perseguir o inimigo, o conquistador foi capaz de rever seu exército. Todos os dados disponíveis sobre as perdas daquela noite são muito díspares. Admitindo o número médio, podemos dizer que os espanhóis foram reduzidos a um terço; e seus aliados de Tlaxcala, a quarta ou quinta de suas tropas anteriores. Além disso, eles haviam perdido todas as armas de fogo, munição e grande parte das bestas e cavalos. A tropa de Cortés era uma sombra fantasmagórica das hostes brilhantes e corajosas com as quais ele entrou na capital asteca nove meses antes.

Mas a provação ainda não havia terminado. Durante oito dias, as escaramuças se seguiram, nas quais os espanhóis tentaram se salvar conquistando o território de seus aliados, os tlaxcalanos, inimigos mortais dos astecas, o mais rápido possível. E isso não poderia acontecer tão rapidamente quanto eles desejavam, porque seus corpos estavam exaustos e agora, além disso, eles não tinham comida. Assim, a tropa derrotada chegou, em 8 de julho de 1520, ao vale de Otumba. Sua condição era tal que parecia absolutamente impossível que eles pudessem enfrentar o novo teste que infelizmente os aguardava.

Toda a extensão do vale profundo que abarcava sua visão, a única estrada pela qual eles podiam passar, estava cheia de guerreiros astecas. Em suas fileiras ordenadas de batalha, os espanhóis podiam distinguir os príncipes que enviavam os soldados

astecas por seus casacos multicoloridos, já que os simples guerreiros usavam armaduras de algodão branco. Essas cabeças pareciam pássaros coloridos em um campo de neve.

A situação desesperadora não deu aos espanhóis nenhuma opção para refletir por um longo tempo; eles só tinham uma solução: seguir em frente. Eles não queriam ser mortos como vítimas da guerra dos deuses astecas, que era o destino reservado a todos os prisioneiros depois de serem feridos em uma gaiola de madeira. Era preferível, então, procurar a morte avançando. Toda a esperança foi perdida, uma vez que o número de astecas era estimado em cerca de 200.000 homens, contra os quais alguns espanhóis enfrentavam, desprovidos daquelas armas com cujos trovões e relâmpagos eles alcançaram suas primeiras vitórias. Mas também nesta situação completamente desesperadora, um milagre ocorreu.

Com vinte cavaleiros formados em três grupos, deixando os restos da cavalaria em seus flancos, Cortés irrompe no mar de soldados astecas. O sulco aberto por eles é como o de um arado sobre o campo seco, que é fechado quando a erva cobre a gleba. Cercados por aquela multidão, eles se sentem atacados por todos os lados. Cortés, que luta na

vanguarda, perde o cavalo, monta outro e é ferido por um golpe na cabeça; mas continue. Os inimigos são legião. De repente, eles descobrem na multidão, em uma colina minúscula, um pequeno grupo de guerreiros adornados de maneira impressionante, ao redor de uma ninhada na qual Cortés distingue o chefe inimigo, Cihuacu, que se destaca pelo galhardete de ouro flamejante. Então o prodígio de Hernán Cortés é produzido e digno de uma façanha.

Cortés, ferido, empurra o cavalo, mal esperando que dois ou três de seus homens mais ferozes se juntem ao seu redor. Segurando a lança e empunhando a espada, ele cavalga pelas tropas astecas. O inimigo temeroso rompe e rapidamente alcança o comandante asteca, perfura-o com a lança, pega a flâmula de ouro e acena para o alto.

Com esse feito, a batalha, já perdida, foi praticamente vencida. Os astecas, vendo suas próprias insígnias nas mãos do conquistador branco, que com isso pareciam mais poderosos que seus deuses, empreenderam uma fuga desenfreada. A partir desse momento em que Hernán Cortés acenou com o precioso troféu, o México perdeu para os astecas. O Império do último Moctezuma havia desaparecido.

Para finalizar este capítulo, transcreveremos as palavras do historiador:

“Qualquer que seja a apreciação moral da conquista, como um feito de guerra, não podemos deixar de admirá-la. O simples fato de que um punhado de aventureiros, mal armados e equipados, poderia acabar nas costas habitadas por uma tribo poderosa, ardente e guerreira ... sem conhecer a língua, o país, sem mapas ou bússolas ... sem saber se o próximo passo os levaria a uma tribo inimiga ou a um deserto, e que, apesar de terem sido derrotados quase no primeiro encontro com os povos indígenas, continuaram lutando e avançando incessantemente até entrar na capital do reino, demonstrando cada mais e mais firmeza até conquistar o imperador, fazendo seus ministros assassinarem aos olhos de seus súditos; e que, quando fossem dizimados e expulsos da

cidade, recolheriam seus restos de combate e, seguindo um plano inteligente e ousado, tomariam novamente a posse da capital e dominariam o país; O

fato de que tudo isso, repetimos, poderia ser feito por um punhado de aventureiros, é um feito que beira o milagre e é incomparável no livro de História, impressionante demais para a plausibilidade mínima exigida por um romance. ”

Para ter uma visão mais completa, digamos até que o povo asteca, antes de sua derrota final, nos meses que se seguiram à batalha de Otumba, ainda conhecia uma verdadeira grandeza que não se podia suspeitar de Moctezuma, e como correspondia a aqueles "romanos" da América, isto é, a mesma coisa que se manifestara antes da chegada de Cortés. O imperador Cuitlahuac morreu de varíola aos quatro meses e foi sucedido por Cuauhtémoc, 25 anos. Ele defendeu a capital do país com tanta tenacidade que, apesar dos novos reforços de Cortés, causou-lhe maiores perdas do que qualquer um dos líderes astecas anteriores. Mas o fim inevitável foi a destruição do México; As casas foram incendiadas, as estátuas dos deuses desabaram, os canais foram cobertos - o México hoje não é mais uma Veneza - e, finalmente, Cuauhtémoc foi feito prisioneiro, torturado e executado pelos invasores.

A cristianização e a colonização do país começaram. Nos teocal i, de cujas escadas altas os espanhóis viram seus compatriotas, vítimas dos padres de Cuauhtémoc, caírem, com o coração rasgado e o coração arrancado, uma catedral consagrada a São Francisco de Assis estava subindo, brilhando ao longe. As casas foram reconstruídas; depois de alguns anos, já havia duzentas famílias espanholas - a maioria mestiça - e cerca de 30.000 famílias indianas. O país foi distribuído de acordo com o chamado sistema de "repartimientos", que significava escravidão para todos os povos que pertenceram ao Império Asteca. Somente os tlaxcalanos, a quem Cortés devia tanto, foram por um tempo uma exceção; mas quem esperava que eles sempre permanecessem livres?

Esse triunfo tão benéfico para a Espanha distante foi momentaneamente ofuscado pelos próprios conquistadores, pelo desaparecimento do tesouro de Moctezuma. Quando os espanhóis entraram no México pela segunda vez, pensaram ter encontrado o tesouro que não haviam sido capazes de levar com eles na "noite triste", mas nem então, nem até hoje, nada se sabe sobre ele. Cortés enviou Cuauhtémoc torturado, antes de executá-lo; mas isso não lhe deu nenhuma pista. Polegada por polegada, ele ordenou que todas as valas, canais e lagoas fossem examinadas por mergulhadores, mas eles encontraram apenas poucos restos espalhados aqui e ali. Após muita pesquisa, no total, apenas um valor de 130.000 ducados de ouro castelhanos foi encontrado. Era apenas a quinta parte prometida ao tribunal espanhol. Muitos dos que examinam essa parte da conquista espanhola sentem uma satisfação maligna por saber que o navio que levava esse tesouro enviado por Cortés, como ele próprio anunciou em uma carta de 15 de maio de 1522, foi capturado por outro navio francês. ; e, portanto, não foi Carlos V, mas Francisco I da França, que, para seu grande espanto, se viu de posse do tesouro dos astecas.

Vamos agora fazer algumas reflexões. Como nosso livro não é uma história de descobertas geográficas, muito menos uma história de conquistas políticas e militares, aqueles que estão interessados no conhecimento das antigas civilizações desaparecidas precisam se perguntar qual era a importância da conquista de Cortés no país. que se refere às civilizações antigas da América Central.

Vimos que essa civilização existia no México após a chegada de Cortés. Se o considerarmos do nosso ponto de vista, não como um conquistador, mas como um descobridor de uma civilização que já havia morrido pelos homens do ano de 1600, e que está morta para nós como qualquer outra da qual falamos até agora - até agora.

Como os escassos 1,8 milhão de astecas que ainda residem no México não têm relação alguma com sua história antiga, estamos interessados em saber com que interesse Cortés, seus contemporâneos e seus sucessores imediatos acolheram essa cultura.

Quando pensamos neles, algo surpreendente chama nossa atenção. Nem Cortés, nem as outras testemunhas contemporâneas deixaram de enfatizar o poder e o valor das pessoas que subjugaram; caso contrário, seus méritos teriam diminuído aos olhos de seus contemporâneos. Mas Cortés não viu que não era apenas um império bárbaro, pagão e selvagem que ele destruiu, mas, novamente usando a frase já citada, "ele decapitou uma civilização florescente no meio da vida". Ele também não percebeu a verdadeira natureza e significado dessa cultura. Embora muito estranho, é, no entanto, explicável, dado o espírito da época e a concepção do mundo que os cronistas da época tinham, que não eram historiadores. De qualquer forma, ainda é um caso sem paralelo que todos os conhecimentos que os antigos astecas haviam alcançado no início do século XVI foram esquecidos pela posteridade. À medida que o Novo Mundo se tornava cada vez mais ligado à vida econômica e política da Europa, o conhecimento sobre a existência passada de civilizações americanas de valor extraordinário foi tão completamente perdido na consciência pública que até a ciência, até recentemente, , desprezava esse mundo antigo.

Essa lacuna é confirmada não apenas por nosso conhecimento muito limitado sobre esse assunto, mas também pelo fato de que, se dermos uma olhada em qualquer uma das numerosas enciclopédias e obras da história mundial, veremos que nelas apenas a timidez é tratada sujeito da civilização dos toltecas, maias e astecas, ou às vezes nem sequer mencionam isso.

Não é plausível o argumento de que a causa disso reside no fato de que essas civilizações não mantêm conosco a estreita relação que, por exemplo, as de Babilônia, Egito e Grécia; pois os chineses ou os índios, que também são muito estranhos para nós, estão muito mais vivos em nossa consciência do que as antigas civilizações americanas, apesar de estarem muito mais afastados de nosso tráfico econômico e político do que, por exemplo, o México , completamente espanholizado quatrocentos anos atrás e hoje incluído no círculo de influência continental americana.

Vamos apontar aqui, a esse respeito, o seguinte fato: o primeiro grande Instituto Arqueológico Americano, fundado em 1879, durante décadas inteiras concentrou todos os seus esforços em escavações no terreno das antigas civilizações européias. E as enormes somas que os institutos científicos americanos gastam para pesquisas arqueológicas ainda são, em grande parte, destinadas ao velho continente e muito pouco à exploração de civilizações que floresceram no mesmo solo em que muitos desses institutos estão estabelecidos.

É por isso que podemos afirmar que, ao falar dos astecas, não nos referimos a uma civilização extinta, mas a uma civilização que após a primeira descoberta foi esquecida novamente.

Depois de mencionar tantas vezes a grande cultura dos astecas, seu poder e sua grandeza, devemos tentar não cair em admiração excessiva. Falamos sobre isso em primeiro lugar porque foi o primeiro a ser descoberto e, neste livro, seguimos a ordem cronológica da investigação; Mas agora veremos que nos Estados Unidos existem outras civilizações muito mais importantes que os astecas, e que isso, no fundo, não passa de reflexo de uma cultura muito mais alta e muito mais antiga.

Com esse aviso, vamos continuar nossa história. Vamos falar sobre a segunda grande descoberta da América antiga. Dois homens extraordinários intervêm aqui, um dos quais, sem cruzar o limiar de seu estudo, descobriu os antigos astecas pela segunda vez, enquanto o outro, percorrendo a selva com um facão, descobriu a civilização de um povo muito mais antigo. cidade antiga com a qual um companheiro de Cortés tropeçara.

A descoberta, desta vez, foi cercada por um grande respeito pela grandeza do passado que o mundo não era capaz até o século XIX. E, por mais estranho que pareça, essa segunda descoberta das antigas culturas americanas não foi suficiente para dar a eles o lugar que merecem na história da civilização; Uma terceira descoberta foi necessária,

essa

não

atingiu

seu

interesse

máximo

até

hoje.

Capítulo XXIX

H R . S TEPHENS COMPRA UMA CIDADE

Um dia, em 1839, nas primeiras horas da manhã, um pequeno grupo atravessou o vale de Camotán, ao longo da fronteira que separa Honduras da Guatemala. Na cabeça havia dois alvos; o resto eram índios. Mesmo se estivessem armados, estavam trazendo intenções pacíficas para o país. Mas nem o medo de que suas armas pudessem inspirar nem os protestos de que seu objetivo era puramente instrutivo poderiam impedir naquela noite que todos estivessem trancados na "Prefeitura" de uma cidade pequena, guardada por um grupo de soldados bêbados que passavam todos a noite agitada e se divertindo atirando em suas armas como loucas.

Esse foi o prelúdio desagradável da grande aventura de John Lloyd Stephens, o segundo descobridor da América antiga.

Stephens nasceu em Shrewsbury, Nova York, em 28 de novembro de 1805, estudou direito e, por oito anos, trabalhou nos tribunais de Nova York. Seus hobbies tendiam a antiguidades, a busca de povos antigos de todos os tempos. E, neste caso, verificamos o que foi apontado no capítulo anterior: o pesquisador americano não procurou restos dos povos antigos da América, ele não foi para a América Central, onde um

número infinito de vestígios do passado estava empilhado, pois não sabia nada sobre isso; Em vez disso, ele foi para o Egito, Arábia e Terra Santa, e um ano depois para a Grécia e a Turquia. Só mais tarde, aos trinta e oito anos, quando ele já havia publicado dois livros de viagens, a história de outro autor caiu em suas mãos, cujas notícias o comoveram muito e o fizeram mudar de plano.

Foi o relatório das investigações oficiais que um certo coronel Garlindo fez entre os povos indígenas, em 1836, em nome de um governo da América Central e, em grande parte, apoiado por suas próprias investigações. Neste relatório, eles falaram de restos de uma arquitetura antiga nas florestas virgens do Yucatán e em. América Central.

Aquele relatório seco interessou Stephens tremendamente. Ele fez pesquisas para obter mais notícias e encontrou o trabalho de Juarros, um historiador guatemalteco, que por sua vez citou outro autor chamado Fuentes, que disse que por sua vez, por volta do ano de 1700, no território ao redor de Copan, em Honduras , blocos de prédios antigos que receberam o nome de "circo" ainda estavam bem preservados.

Essas poucas notícias foram suficientes para Stephens, embora pareça incrível que ele não tenha curiosidade em descobrir mais detalhes e que apenas se preocupasse superficialmente com as fontes de informação da época dos conquistadores. Mas devemos repetir que as descobertas dos conquistadores espanhóis, em relação às civilizações antigas, foram perdidas. Por outro lado, Stephens não podia supor que, nos dias em que ele preparava sua viagem à América Central, outro homem, também americano, estivesse empenhado em reunir todos os documentos que pudesse sobre os povos antigos da América Central. Ele não sabia que esse pesquisador, sem sair do escritório, estava em posição de não apenas contar muitas coisas sobre esses povos antigos, mas até de ter sido capaz de lhe contar aproximadamente o que ele poderia encontrar. Falaremos sobre isso mais tarde.

Stephens procurava alguém para acompanhá-lo, e este era seu amigo inglês Frederick Catherwood, cartunista. Encontramos, portanto, a mesma colaboração que vimos quando Vivant Denon segurava com seu lápis as antiguidades coletadas pela

"Comissão Egípcia" de Napoleão e quando Eugène Flandin desenhou as esculturas que Botta encontrou nas ruínas de Nínive.

Eles estavam ocupados se preparando para a viagem quando tiveram a feliz oportunidade de os Estados Unidos arcarem com a maioria das despesas. De repente, a América Central adquiriu um interesse econômico e político para os Estados Unidos. Após a repentina aprovação da Charge d'affaires lá credenciada, Stephens, que desde que trabalhava nos tribunais era parente de Martin van Buren, presidente dos Estados Unidos e ex-governador de Nova York, foi nomeado sucessor da Chargé d'affaires falecida. Isso lhe permitiu viajar com muitas recomendações e, acima de tudo, com o prestígio que acompanhou o pomposo título de Charge d'Affaires dos Estados Unidos da América. Quantos dos arqueólogos mencionados foram diplomatas?

Mas tudo isso não o ajudou na chegada, porque um bando de soldados bêbados o atacou. Aconteceu com ele, em 1838 e na América Central, o mesmo que Layard, seis anos depois, na Mesopotâmia, às margens do Tigre; ambos pisaram em um país em revolução.

Na América Central, houve então três grandes partidos: o de Morazán, Presidente da República de San Salvador; o de Perrera, um mulato de Honduras, e o de Carrera, um indiano da Guatemala. Esse índio, cujos seguidores carregavam o apelido de

"cachurecos" - moedas falsas - se levantou em armas. O combate entre Morazán e Carrera foi travado perto de San Salvador e, embora o general Morazán tenha sido

ferido, ele foi vitorioso e a população aguardava sua entrada na Guatemala. A pequena caravana de John Lloyd Stephens seguiu o provável caminho de marcha de Morazán.

O país ficou arrasado. Alguns generais de operetas alternavam com líderes de bandidos no comando de tropas que, em vez de guerra, rondavam o país. Essas tropas consistiam em índios, negros, alguns oficiais e aventureiros, soldados europeus abandonados do exército de Napoleão. As aldeias foram saqueadas, a população estava passando fome. "Não há!" era a resposta invariável à pergunta de Stephens sobre se eles poderiam receber comida. "Não há nada!" Eles só encontraram água.

Quando ficaram na prefeitura de uma das vilas, o prefeito, com as insígnias de sua dignidade e uma equipe de funcionários em prata, os recebeu com um ar suspeito. À noite, o próprio prefeito, com uma tropa de cerca de 25 homens, invadiu o quarto.

O líder da tropa era um oficial, um defensor de Carrera, a quem Stephens, em sua descrição dessa aventura, sempre chama de "o senhor do chapéu brilhante". A discussão que se seguiu foi um pouco turbulenta. O servo de Stephens, Agostinho, foi ferido por um facão e gritou: "Atire em si mesmo, senhor!" Stephens, à luz dos chás, mostrou seus passaportes, bem como o carimbo do general Cascara, um oficial que fugiu do exército de Napoleão, que desempenhou um certo papel no país. Catherwood, por sua vez, deu-lhes explicações acadêmicas sobre os direitos dos povos e a imunidade dos embaixadores, o que impressionou menos aquela gangue bêbada do que os próprios passaportes. A situação, por um lado, era cômica; mas poderia ser trágico, porque três mosquetes já estavam subindo, apontando para Stephens.

Houve uma pausa na entrada de outro oficial, que estava visivelmente mais alto que o primeiro, por usar um "chapéu brilhante" ainda melhor: ele examinou novamente os passaportes, proibiu toda a violência e disse ao prefeito que sua cabeça Ele respondeu que os prisioneiros permaneceriam bem guardados. Stephens então escreveu uma carta ao general Cascara e, para efeito adicional, ele a selou com uma moeda americana de meio dólar. "A águia abriu suas asas e as estrelas

brilhavam à luz dos chás, e todos se aproximaram para dar uma olhada mais de perto na moeda".

Stephens e sua comitiva não conseguiram dormir. Na frente da casa, os soldados gritaram, cantaram e beberam conhaque. Até o prefeito aparecer novamente, seguido por toda a sua gangue de soldados bêbados. Ele tinha a carta endereçada a Cascara na mão; isto é, eles não o enviaram. Então Stephens ficou enérgico, e o que nem os passaportes de Catherwood nem seu discurso conseguiram foram alcançados por seu tom violento. O prefeito enviou um índio com a carta e desapareceu com suas tropas. Stephens acreditava que ele teria que esperar muito tempo; mas as coisas se resolveram por conta própria.

No dia seguinte, quando o sol estava brilhando o suficiente, o famoso prefeito apareceu, pronto para dar a seus convidados uma recepção conciliatória oficial. Os soldados, obedecendo a novas ordens, haviam desaparecido ao amanhecer.

Copan está localizado no estado de Honduras, no rio com o mesmo nome, um afluente do Montagua, que por sua vez deságua na baía de Honduras. Não deve ser

confundida com a cidade de Cobán, próxima ao rio Cobán ou Cahabon, a noroeste de Copan, já na Guatemala.

Cortés avançou nesse caminho, após a conquista do Império Asteca, em 1525, quando deixou o México para Honduras para punir um traidor, viajando mais de mil quilômetros pelas montanhas e pela selva virgem.

Quando Stephens, Catherwood, os guias indianos e seus companheiros partiram, eles entraram em florestas tão espessas que parecia que um mar de folhagem os engolia. Então eles começaram a suspeitar por que tão poucos visitantes e exploradores haviam ido para lá. "A folhagem",

escreveu Cortés trezentos anos antes, "lançava uma sombra que os soldados não conseguiam entender onde pisavam". No chão pantanoso, as mulas afundaram até a barriga e os espinhos arranharam Stephens e Catherwood nas mãos e no rosto; o calor abafado os fatigava e os mosquitos nos pântanos os deixavam febris. "Esse clima", diz a ulloa espanhola, cem anos antes de Stephens, em relação ao clima tropical desses países ", consome as forças dos homens e mata as mulheres no primeiro puerpério. Os bois são magros, as vacas não dão leite, as galinhas não põem ovos ... »A natureza não havia experimentado a menor mudança desde os dias de Cortés e Ulloa. Os eventos no país, com toda a sua confusão, já impossibilitavam qualquer tarefa diplomática, e é por isso que Stephens poderia ter mudado, se ele conseguisse resistir a seus desejos como explorador.

Mas sua natureza, mesmo em uma situação difícil, não lhe permitiu escapar do encanto do desconhecido. Esta floresta emaranhada não só atacou os nervos devido à sua resistência tenaz, mas também irritou o cheiro, a visão e os ouvidos. Do chão subia uma névoa de lama e vegetação rasgada, que era confundida com o cheiro de preciosos bosques de mogno e outras árvores amarelas, verdes e azuladas de todos os tipos; as palmeiras, cujas palmeiras atingiam doze metros de comprimento, formavam um teto. Algumas orquídeas também foram descobertas e bromélias, como vasos de flores, saíram do tronco da árvore. À noite, quando a selva acordava, os macacos gritavam, os papagaios gritavam, havia rugidos abafados, subitamente abafados, como os proferidos por uma besta atacada quando morre violentamente.

Stephens e Catherwood percorreram uma paisagem como nunca sonharam. Cobertos de arranhões e ensanguentados, sujos de lama e com olhos inflamados, eles continuaram seu caminho. E no meio daquele país encantado, que parecia virgem desde o começo do mundo, era possível que houvesse edifícios de pedra e do tamanho que eles diziam?

Stephens é sincero. Mais tarde, ele confessou que quanto mais penetrava naquela espessura, mais impossível isso lhe parecia. "Eu tenho que confessar que nós, Catherwood e eu, hesitamos um pouco e nos aproximamos de Copan com vagas esperanças, inseguras de encontrar maravilhas."

Mas chegou o momento em que eles se viram diante da maravilha.

É surpreendente e sugere as conclusões mais díspares de encontrar no meio da selva virgem restos de muralhas antigas, testemunho de uma vida que cessou há muitos anos.

Lembre-se de que Stephens conhecia o Oriente e havia visitado as ruínas de quase todos os povos antigos. Mas o momento esperava que ele ficasse espantado, quase acreditando em um milagre, ao pensar nas consequências que sua descoberta teria para a ciência.

Eles haviam penetrado até o rio Copan e chegaram a uma pequena cidade de mesmo nome, onde logo estabeleceram boas relações com índios, mestiços e índios, todos eles cristianizados. Eles voltaram para a floresta e, de repente, se viram diante de um muro formado por blocos de pedra, com uma escada que levava a um grande terraço, tão coberto de vegetação que era impossível calcular sua superfície.

Empolgados com essa descoberta, mas ainda vacilando na dúvida de que não eram restos de alguma antiga fortificação espanhola, eles se afastaram da estrada e depois viram o guia que, golpeando com o facão, quebrou uma teia de trepadeiras. Ele afastou-o como uma cortina se afasta na cena seguinte e expôs um objeto escuro proeminente.

E Stephens e Catherwood, rompendo com seus facões, puderam ver uma estela, uma pedra esculpida tão alta quanto eles já haviam visto e com uma ornamentação em relevo que nunca havia sido encontrada na

Europa ou no Oriente, como nunca teriam suspeitado. que existia na América.

Era um monumento de pedra com uma decoração tão suntuosa que, no momento, era impossível descrevê-lo. Era um enorme pilar quadrado, completamente coberto de relevos, com cerca de 3,90 metros de altura por 1,20 de largura e 0,90

metros de espessura. Enorme e cinza, destacava-se contra os tons de verde da selva, e traços das cores escuras vívidas com que fora pintada ainda eram visíveis em suas incisões.

Na parte anterior, esculpida em um alívio muito agudo, havia a figura de um homem, cujo rosto "refletia severa solenidade enquanto aparentava inspirar terror". Os lados estavam cobertos de hieróglifos enigmáticos e as costas adornadas com relevos que se distinguiam de tudo o que tinham visto antes.

Stephens ficou fascinado. Mas um explorador experiente, que, mesmo diante da descoberta mais inesperada, não se deixa levar por uma impressão prematura, chegou à seguinte conclusão:

«O aspecto deste monumento que encontramos de uma maneira inusitada ... nos deu a convicção de que tudo o que procurávamos seria de grande interesse, não apenas como vestígios de uma cidade desconhecida, mas como monumentos artísticos; Evidências de que documentos históricos recentemente descobertos afirmavam que as pessoas que habitavam aquelas regiões não eram um povo selvagem, mas civilizado ".

Voltando ao bosque, encontrou uma segunda, terceira e quarta estela e, portanto, até o número de catorze, todas as mais perfeitas em sua execução. Isso confirmou sua tese: que uma nova cultura americana muito antiga fora descoberta.

E com sua autoridade investigativa que percorreu o país do Nilo, ele pôde afirmar que muitos monumentos da selva de Copan "foram

executados com mais prazer

do que os mais belos monumentos egípcios, e os demais, em termos de valor artístico, os igualaram" .

Então, essa tese foi incrível para o mundo. Quando ele relatou as primeiras notícias de sua descoberta, ele não apenas provocou descrença, mas até zombou dele. Você poderia demonstrar o que pretendia?

E, em busca de uma demonstração dessas, dada a magnitude desses monumentos e diante da espessura impenetrável da folhagem que os cercava, ele se perguntou: "Como começar?"

A empresa estava um pouco desesperada. Ruínas escondidas foram descobertas em todos os lugares da floresta. Certamente, passou um rio que foi para o mar, não muito longe; mas esse riacho tinha degraus muito estreitos. Havia uma solução: recortar uma dessas esculturas e transportá-la em pedaços para servir de evidência e depois fazer gesso. E ao pensar sobre isso, foi dito:

"Os elencos do Parthenon que são mantidos no Museu Britânico são considerados monumentos preciosos".

Mas ele desistiu de tal projeto; havia Catherwood, que poderia desenhar, e instou-o a começar imediatamente. Mas Catherwood, que havia publicado maravilhosas reproduções de monumentos egípcios, não estava convencido e começou a tentar com as mãos aqueles rostos desfigurados de pedra, aqueles hieróglifos incompreensíveis, aqueles enfeites confusos. Ele examinou a luz repetidas vezes, seguiu a sombra profunda dos relevos e balançou a cabeça ...

Stephens insistiu e, dirigindo-se ao guia, ordenou que ele fosse à cidade perguntar a todos se sabiam alguma coisa sobre essas esculturas. Ninguém sabia de nada.

Stephens, acompanhado por um mestiço chamado Bruno, que, aliás, era o alfaiate da cidade, foi cada vez mais fundo na selva. E logo ele encontrou outras esculturas, novas paredes, mais escadas e terraços. Um dos monumentos foi deslocado de seu pedestal pelas enormes raízes de uma árvore, outro foi abraçado pelos galhos das árvores que quase o levantaram do chão; um terceiro estava no chão coberto por trepadeiras grossas; outro, finalmente, tinha uma aranha à sua frente e parecia protegida por um grupo de árvores que parecia lhe dar sombra, como se fosse um santuário. Na solene tranquilidade da floresta, ele parecia uma divindade chorando para um povo afundado e esquecido.

Stephens voltou para onde Catherwood estava e ordenou que ele copiasse cinquenta objetos. Mas Catherwood, um desenhista especialista, balançou a cabeça novamente e afirmou que não era possível desenhar lá se mais luz não fosse obtida antes; porque nessa espessura as sombras desapareciam e os contornos eram confusos.

Por isso, adiaram o trabalho para a manhã seguinte. Foi pedido às pessoas a ajuda de que precisavam e, quando aguardavam a chegada dos trabalhadores, um

mestiço, um pouco mais bem vestido do que os indígenas que eles tinham visto antes, se aproximou deles. Eles acreditavam que esse personagem os ajudaria como os outros; mas o homem se aproximou com um gesto de orgulho e, apresentando-se como Don José María, exibiu documentos que o credenciavam como proprietário da terra onde estavam esses monumentos.

Stephens riu. A ideia de que essas ruínas na selva poderiam "pertencer" a alguém parecia absurda para ele. Mas Dom José María, quando questionado, confessou "que certa vez ouvira falar da existência de tais monumentos, mas que ...". Mas Stephens, diante de tanta imprecisão e insistência, o interrompeu.

À noite, no entanto, quando Stephens foi dormir em sua barraca, ele pensou novamente naquele incidente. A quem as ruínas realmente

pertencem? Ele nos diz: «E, já meio adormecido, concluí categoricamente: por direito eles pertencem a nós, portanto, embora eu não soubesse quanto tempo eles poderiam nos expulsar desses lugares, decidi que seriam nossos; e sonhando com confundir ilusões fantásticas de satisfação e triunfo, me envolvi em meus cobertores e adormeci.

Em intervalos durante o dia, os golpes de facão podiam ser ouvidos na selva. Os índios cortaram uma dúzia de árvores; um deles arrastou outros em sua queda e com eles a folhagem e as videiras.

Stephens observou os índios. Ele sempre olhava em seus rostos o traço daquela força criativa capaz de executar tais obras; Deve ter sido uma força estranha, com uma nuance cruel e grotesca ao mesmo tempo, que se manifestou de uma maneira magistral, de modo que não pode aparecer subitamente do nada, mas sim refletir uma técnica desenvolvida lentamente. Mas, apesar de tudo, os rostos dos índios pareciam inexpressivos.

Enquanto Catherwood fazia os preparativos para começar os desenhos, a fim de aproveitar a primeira luz que aparecia, Stephens voltou para a floresta e alcançou a parede da margem do rio. De fato, era muito mais alto do que eu imaginara e atingia uma extensão muito maior. No entanto, estava tão cheio que parecia um gigantesco chapéu de vassoura. Quando Stephens e o mestiço entraram no emaranhado, o grito dos macacos pôde ser ouvido. "Ao vê-los pulando pela primeira vez por aqueles maravilhosos monumentos, eles pareciam ser espíritos errantes da tribo desaparecida que velava as ruínas de suas antigas habitações."

Stephens mais tarde viu um edifício em forma de pirâmide. Ele descobriu com dificuldade os degraus de uma ampla escadaria, destruída pelo impulso dos brotos das árvores, que levavam da escuridão que envolvia o chão à claridade luminosa que reinava no topo mais alto daquelas árvores gigantescas; e mesmo ultrapassando seu topo, terminava em um terraço localizado a uma altura de trinta metros. Stephens estava tonto. Que pessoas criaram um trabalho

assim? Quando foi extinto? Quantos séculos atrás aquela pirâmide foi construída? Em quanto tempo e com que ferramentas, em nome de quem e em cuja honra tantas esculturas foram erguidas?

Havia uma coisa clara: tais obras e edifícios não podiam ser frutos de uma única cidade, pois o poder de um povo grande e poderoso se refletia ali. E quando ele pensou em quantas cidades ainda poderiam ser escondidas e ignoradas nas vastas florestas

virgens de Honduras, Guatemala e Yucatan, ele estremeceu com a magnitude e importância de sua tarefa. Mil perguntas o atacaram e ele não conseguiu responder a nenhuma. Ele olhou por cima das árvores, acima do qual viu a massa daqueles monumentos cinzentos.

Observando os primeiros resultados do trabalho de seu amigo Catherwood, ele teve uma pequena surpresa. O cartunista estava antes da primeira estela que descobrira e muitas folhas de papel estavam espalhadas pelo chão. Os pés de Catherwood estavam afundados na lama, e ele estava todo coberto de lama; para evitar os mosquitos, que o incomodavam terrivelmente, ele usava luvas e seu rosto estava coberto de tal maneira que apenas seus olhos estavam livres. Dessa maneira, ele trabalhou com uma decisão tenaz, como alguém tentando superar a todo custo uma dificuldade insuperável que aparece em seu caminho. Catherwood foi um dos últimos grandes desenhistas cuja tradição foi mantida apenas por algumas gravuras de cobre inglesas até a virada do século, e teve grandes sucessos em sua cópia de monumentos; mas agora ele estava diante de uma tarefa para a qual seus recursos habituais não pareciam suficientes.

O mundo das formas oferecidas ali tinha características completamente diferentes das conhecidas até então, e estava tão longe de qualquer concepção formal européia que o lápis não a obedecesse, não conseguia distinguir as proporções; e nem mesmo com a ajuda da camera lucida, o meio auxiliar usado na época, conseguiu um resultado

que satisfizesse suas reivindicações. Isso era um ornamento ou um membro humano? Era um olho, um sol ou um símbolo? Seria a cabeça de um animal? E se fosse, onde estavam esses animais, de que fantasia poderiam surgir essas cabeças monstruosas? As pedras foram transformadas em formas tão estranhas que em nenhum lugar do mundo eles tinham um padrão. Stephens disse: "Era como se o ídolo resistisse ao trabalho do artista, enquanto dois macacos pareciam zombar dele de uma árvore!"

Mas Catherwood trabalhou de manhã à noite e, assim, chegou o dia em que ele conseguiu terminar o primeiro desenho que atrairia tanta atenção.

Mais uma vez um estranho incidente surgiu. Como Stephens precisava da ajuda dos moradores, ele entrou em contato mais próximo com eles. Esses relacionamentos eram amigáveis, porque Stephens - os exploradores costumam se encontrar em tal situação - teve a oportunidade de ajudá-los, por sua vez, com alguns remédios e bons conselhos. Tudo estava indo bem nesse sentido; mas ele sempre se apresentou para perturbar essa placidez, com insistência renovada, ao famoso Don José María, exibindo seus documentos de propriedade. Após uma conversa cuidadosa, viu-se que o campo de ruínas não tinha valor para ele, que ele nunca se interessaria e que todos aqueles ídolos lhe eram indiferentes; mas sua dignidade como proprietário ficou ofendida por essa invasão, e foi isso que o levou a perturbar continuamente os intrusos.

E como Stephens era diplomata e estava em um país em plena revolução, ele queria manter boas relações com todos os habitantes da região a todo custo, pelo qual ele fez uma determinação fantástica. Ele perguntou categoricamente ao mestiço:

"Quanto você quer para a sua cidade em ruínas?"

Stephens escreve: "Acho que não ficaria mais surpreso e confuso se quisesse comprar sua pobre esposa, nossa antiga cliente para quem estávamos tratando reumatismo ...

Ele permaneceu como se não entendesse qual dos dois havia perdido o bom senso. A propriedade era tão desprovida de valor que parecia suspeita para mim. "

Por esse motivo, Stephens teve que apelar, insistir na seriedade de sua oferta, estender a Don José María, um homem bastante sujo, todos os documentos que comprovavam sua conduta impecável, sua condição de homem de ciência e sua posição como Chargé d'Affaires , na América Central, dos grandes e poderosos Estados Unidos da América. Miguel, um garoto da aldeia que sabia ler e escrever e até mesmo sabia idiomas, leu os papéis de Stephens em voz alta. O bom homem de Dom José María, antes disso, não fez nada além de esfregar um pé com o outro em um gesto ingênuo de perplexidade, respondendo finalmente que pensaria nisso e retornaria com a resposta.

A cena foi repetida e Miguel leu os documentos uma segunda vez. Mas isso também não foi suficiente e Stephens entendeu que, para alcançar a tranquilidade, ele não podia fazer nada além de comprar a antiga cidade de Copan, valorizando-a de acordo com a mentalidade dos povos da selva, então decidiu representar uma cena que parecia ser tirada de um sainete .

Ele vasculhou sua mala de viagem e tirou o casaco diplomático por baixo. Ele via há muito tempo que seus deveres diplomáticos na América Central estavam fadados ao fracasso; mas o uniforme ainda lhe faria bem. E a Chargé d'Affaires dos Estados Unidos da América, com um gesto solene, vestiu seu casaco formal diante do mestiço José, que o encarava com espanto. É verdade que ele usava um chapéu panamá amolecido pela chuva, uma camisa xadrez indiscutível e calça branca, lama amarela na altura dos joelhos. A chuva caíra o dia inteiro e ainda pingava das árvores, e havia muitas poças de lama no chão. Mas alguns raios de sol foram refletidos nas águias dos botões dourados e

fizeram o ouro dourado e as cores brilhantes brilharem com essa força de convicção autoritária que aparentemente também tem seus efeitos nas latitudes mais remotas e ignoradas de nossa terra.

E como Dom José María não se impressionou? O mestiço não resistiu. John Lloyd Stephens disse por si mesmo que parecia tão estranho quanto aquele rei negro que cumprimentou um grupo de oficiais britânicos com um chapéu torto e uma túnica de soldado.

Bem, com esse traje, ele comprou solenemente a antiga cidade de Copan.

Mais tarde, ele acrescenta:

"Talvez o leitor esteja curioso para saber como as cidades antigas são compradas na América Central. Bem, o mesmo que todos os artigos de comércio, ou seja, a um preço que depende da abundância no mercado e da proporção entre oferta e demanda; mas como não são mercadorias de armazém, como algodão ou índigo, seus preços eram um tanto arbitrários e, naqueles dias, eram um item pouco solicitado. Portanto, informe ao leitor que paguei cinquenta dólares pelo Copan. No preço não houve dificuldades; Ofereci essa quantia e Dom José María a considerou

excessivamente alta; Eu parecia louco por ele; E se eu tivesse oferecido mais, certamente teria me aceitado por algo pior.

É evidente que um evento tão importante e maravilhoso, embora a cidade inteira não pudesse entendê-lo, teve que ser comemorado adequadamente. Então Stephens organizou uma recepção oficial à qual toda a cidade, em cortejo solene, participou com entusiasmo. As mulheres apareciam em grande número e o tabaco era distribuído: cigarros para mulheres, charutos para homens. “Todo mundo admirou os desenhos de Catherwood e, finalmente, também olhou para as ruínas e monumentos. Todos ficaram surpresos, porque, de fato, nenhum dos que moravam lá jamais havia visto tais esculturas. Eles nunca estavam curiosos para entrar na selva, onde a febre era

apanhada; nem mesmo os filhos de don Gregorio, o homem mais importante da cidade, que eram considerados ousados e que conheciam melhor a selva. "

No entanto, os índios puro-sangue eram da mesma tribo e falavam exatamente a mesma língua que os autores daquelas esculturas remotas de pedra, os construtores daquelas gigantescas pirâmides, cambaleantes e com enormes terraços.

Em 1842, quando o livro dos incidentes de viagem de Stephens na América Central, Chiapas e Yucatan, e logo após os desenhos de Catherwood , foi publicado em Nova York , houve uma agitação nos jornais. As discussões se seguiram, os historiadores assistiram a um mundo até então sólido desmoronar e os leigos chegaram às conclusões mais ousadas.

Stephens e Catherwood sofreram fadiga de todos os tipos; eles seguiram seu caminho de Copan, penetraram na Guatemala e, cruzando Chiapas, chegaram ao Yucatán. Em vários pontos do caminho, encontraram monumentos maias. E o que eles agora colocavam em seus livros e desenhos não era um problema específico, mas milhares de problemas ao mesmo tempo. E voltando aos documentos em espanhol, a relação de muitas coisas foi descoberta com o que foi revelado pelos primeiros descobridores e conquistadores do Iucatão e com as façanhas de Hernández de Córdoba e Francisco de Montejo, que foram os primeiros a fazer alusões a essa estranha cidade . Então, saiu um livro para discussão pública, publicado quatro anos atrás em Paris, que dizia exatamente a mesma coisa que as "Impressões de viagens" de Stephens, mas até agora não havia chamado a atenção de ninguém.

À primeira vista, isso pode nos parecer estranho. O trabalho de Stephens produziu uma grande sensação; Várias edições foram publicadas em pouco tempo e quase imediatamente depois foram

traduzidas para vários idiomas. Em uma palavra, todo mundo estava falando sobre ela. No entanto, em 1838, quando a história de Von Waldeck foi publicada em Paris sob o título "Viagem Arqueológica Romântica ao Iucatão", atraiu pouca atenção e hoje está quase esquecida. Obviamente, o relato de Stephens é mais detalhado e escrito de maneira tão brilhante que, ainda hoje, sua leitura causa admiração. E Waldeck não carregava com ele um homem da categoria Catherwood, cujos desenhos combinavam, com seu valor artístico, um grau de precisão científica - até as fotografias parecem inferiores aos desenhos de Catherwood - que ainda hoje mantêm um valor documental para arqueologia, porque muitas das coisas

que ele viu e consertou com seu lápis estão novamente cobertas de plantas, destruídas, corroídas pelos elementos ou destruídas.

Mas a razão fundamental é certamente esta: quando o livro de Waldeck foi publicado, a atenção de todos os estudiosos e curiosos da França acompanhou com entusiasmo o progresso na descoberta e no conhecimento de uma cultura antiga muito diferente, com a qual um evento estava relacionado nacional recente. Os que haviam participado da expedição egípcia de Napoleão ainda estavam vivos, e o público ainda estava emocionado com o grande trabalho de decifrar os hieróglifos. A França, até a Europa como um todo e até a América - pensam nas primeiras viagens de Stephens -

olhavam para o Egito. Foi necessária uma ruptura absoluta com as idéias tradicionais para aceitar as novas visões.

Além disso, era lógico que, quando os maias haviam chamado a atenção do público, eram oferecidas interpretações arriscadas que sempre acompanhavam qualquer nova descoberta. Após o relato de Stephens, já havia um fato incontestável: os antigos maias eram um povo de uma cultura que poderia muito bem ser colocada ao lado das grandes civilizações do mundo antigo, e essa afirmação poderia ser feita por qualquer profissional apenas contando com os monumentos

encontrados . Em vez disso, foi apenas muito mais tarde que o grande progresso feito pelos maias na matemática foi reconhecido.

Tudo isso colocou o seguinte problema: De onde veio essa cidade? Ele era, de fato, de uma raça indiana como as outras tribos que viviam no norte e no sul e que nunca saíram de sua vida nômade? E, nesse caso, como é explicado que os maias foram os que alcançaram esse desenvolvimento? O que lhe deu impulso? Seria possível que no continente americano, separado da grande corrente cultural do mundo antigo, uma cultura puramente indígena pudesse ter emergido?

É aqui que as primeiras interpretações em negrito começam. Alguém alegou que tal coisa era completamente impossível; que, sem dúvida, nos tempos primitivos, deveria ter havido uma emigração do antigo Oriente para o continente ocidental. Qual caminho? No campo das hipóteses, é fácil encontrar uma solução para todos os enigmas. Por alguma ponte de terra, existente nos tempos do Dilúvio, no norte. E

outros, menos ousados com a ideia de levar pessoas da vizinhança do Equador através do círculo polar, decidiram ver os maias como os sobreviventes do lendário continente da Atlântida. Como nenhuma dessas interpretações foi totalmente satisfeita, não faltaram vozes alegando que os maias eram uma tribo originária de ninguém além de Israel.

Algumas das esculturas que o mundo inteiro agora podia ver nos desenhos de Catherwood não tinham uma semelhança impressionante com as figuras dos deuses indianos? Sim, alguns responderam, mas as pirâmides apontam fortemente para o Egito, enquanto outros pesquisadores lembram que já existem alusões claras nos relatos espanhóis de que existem elementos cristãos na mitologia maia. O símbolo da cruz foi encontrado, há indicações de que os maias tinham uma idéia do dilúvio, e até parece que seu deus Kukulcán desempenha o papel de um Messias, e tudo isso faz alusão à Terra Santa do Oriente.

Continuou sendo debatido violentamente - e diremos que esse debate ainda não levou a uma conclusão final, mesmo que seja em bases mais firmes - e foi publicado o trabalho de um pesquisador que não estava explorando diretamente o campo como Stephens, mas estude. Esse personagem estava quase cego quando, de seu estudo e usando apenas a nitidez de sua inteligência, ele foi para a selva, dando um golpe mais afortunado do que tudo o que Stephens deu com seu facão. Ele descobrira o antigo reino dos maias em Honduras, Guatemala e Yucatán, e esse sábio cego descobriu o antigo reino dos astecas pela segunda vez, o reino de Moctezuma no México. Agora a grande confusão começou.

William Hickling Prescott, pertencente a uma antiga família puritana da Nova Inglaterra, nasceu em 4 de maio de 1796 em Salem. De 1811 a 1814, ele estudou Direito na Universidade de Harvard e, alguns anos depois, esse homem, que como advogado poderia ter seguido uma carreira brilhante, enfrentou um estranho sistema de escrita; era o chamado "noctographer", a invenção de um certo Wedgewood, semelhante a um quadro negro no qual as linhas de escrita eram substituídas por barras transversais de latão. Como essas linhas permitiam segurar a mão com segurança, era possível escrever mesmo com os olhos fechados. Para maior segurança, em vez de uma caneta, um soco foi usado e um papel vegetal comum transmitiu os sinais ao papel. Em resumo, isso serviu para os cegos escreverem.

William Prescott era, na verdade, quase cego. Devido a um acidente infeliz, ele perdeu o olho esquerdo na faculdade e os esforços contínuos no estudo enfraqueceram tanto o olho direito que nenhum dos oftalmologistas europeus que ele consultou em uma viagem de dois anos à Europa conseguiu restaurar a visão. Assim, sua carreira jurídica foi interrompida pela raiz.

Então, com uma disciplina surpreendente, esse homem tentou realizar certas obras históricas, e uma obra intitulada "A conquista do México"

apareceu no

"noctografista". É um relato das conquistas de Cortés e parece escrito com tanta paixão que a leitura nos deixa sem fôlego. Mas há mais: com aplicação sobre-humana, Prescott usou até o testemunho mais trivial dos contemporâneos da conquista para esboçar uma visão geral do Império Asteca antes e depois da conquista pelos espanhóis. E assim, em 1843, quando o trabalho foi publicado, subitamente se viu que, além da civilização maia recentemente descoberta por Stephens, também surgiu a civilização não menos enigmática dos astecas.

Obviamente, as relações entre astecas e maias eram evidentes. Visivelmente, sua religião, por exemplo, acusou grandes concomitâncias; seus prédios, templos e palácios pareciam ter sido construídos pelo mesmo espírito. Mas e o idioma? E a antiguidade de ambas as cidades? Um exame superficial revelou que os astecas e maias falavam uma língua familiar diferente. E enquanto a civilização asteca foi visivelmente "decapitada"

pelos conquistadores quando estava em seu esplendor máximo, a civilização maia conhecia seu apogeu cultural e político há séculos, e certamente era uma cidade em declínio quando os espanhóis desembarcaram. nas suas margens.

Apesar de tudo, não seria difícil explicar tais contradições com um método que não teve nenhum problema em aceitar até a presença dos filhos de Israel na América

pré-colombiana. Mas Prescott se entregou a certos comentários marginais que apresentavam uma dúzia de novos quebra-cabeças em torno das civilizações da América Central.

Assim, por exemplo, uma vez que interrompeu a história da "noite triste", quando Cortés fugiu do México com seus anfitriões derrotados, e parou no meio da narrativa para descrever as ruínas às quais os espanhóis perseguidos certamente prestavam pouca atenção. Essas ruínas eram as pirâmides de Teotihuacán, um do Sol e uma da Lua,

monumentos tão poderosos que são comparáveis aos túmulos dos faraós - a Pirâmide do Sol tem mais de sessenta metros de altura e cobre uma área de mais de 200 metros de lado.

Esses templos gigantescos estão a um dia do México - hoje, apenas uma hora de trem; então eles estão no coração do reino asteca. Mas Prescott não é a situação geográfica que o impressiona, mas, de acordo com as tradições indianas, ele afirma que essas ruínas já foram encontradas pelos astecas quando invadiram o país como conquistadores. De acordo com essa tese, antes dos astecas e até dos maias, havia na América Central e no México outro povo muito mais velho, de uma cultura diferente: um terceiro povo que não era nem o dos astecas nem o dos maias. .

E escreve:

"Que idéias devem inspirar o viajante ... ao pisar as cinzas das gerações que deixaram para trás esses monumentos gigantescos que agora nos transferem ... para a Antiguidade primitiva? Mas quem eram os construtores? Aqueles olmecas fabulosos, cuja história, como a dos antigos Titãs, está perdida na obscuridade do mito, ou, afirma-se, aqueles pacíficos toltecas, de quem tudo o que sabemos é baseado em tradições inseguras? O que aconteceu com as tribos que as construíram? Eles permaneceram naquele solo, se misturaram com os selvagens astecas que os sucederam ou continuaram seu caminho para o sul, encontrando um amplo campo para a propagação de sua cultura, como evidenciado no caráter mais alto das ruínas arquitetônicas das regiões remotas da América Central e do Yucatán? »

É fácil entender que tais hipóteses de várias fontes - embora aqui citemos apenas as de Prescott por simplicidade - causaram confusão intransponível. Prescott afirma:

"Tudo isso é um mistério que os anos envolveram com um véu impossível ...". E então ele acrescenta: "Um véu que não pode levantar a mão de nenhum mortal".

Mas o historiador que, como ele, trouxe as trevas do passado à luz do dia, é aqui muito tímido. Mãos mortais ainda estão cavando hoje e suas obras esclareceram o que parecia um mistério impenetrável há cem anos e prometem descobrir em breve tudo o que ainda está escondido de nós.

Capítulo XXX

I INTERMEDIÁRIO

Cerca de vinte anos depois, em 1863, um visitante da Biblioteca Nacional de Madri, vasculhando os arquivos históricos do estado, encontrou um manuscrito amarelado muito antigo que provavelmente nunca havia sido lido. Foi datado de 1566

e seu título era "Lista de coisas no Iucatão". Continha alguns desenhos, por meio de

esboços muito raros, à primeira vista incompreensíveis. Como autor assinou um certo Diego de Landa.

Qualquer leitor teria colocado o manuscrito de volta em seu lugar, e certamente muitos já o fizeram. Mas, por acaso, o visitante que o tinha em mãos havia sido capelão da Embaixada da França no México por dez anos e, desde 1855, pároco da cidade indiana de Rabinal, no distrito de Salama, na Guatemala, e se dedicara a interesse especial no estudo de idiomas e vestígios de civilizações antigas. Para completar o breve esboço desse sacerdote sábio, diremos que, além de converter índios, ele havia escrito uma série de histórias e romances históricos sob o pseudônimo de Etienne Charles de Ravensberg. Seu nome era Charles Brasseur de Bourbourg e ele viveu de 1814 a 1874.

Bem, quando Brasseur tinha em suas mãos o livrinho amarelado de Diego de Landa, ele não o colocou indolentemente em sua estante, mas o examinou cuidadosamente e descobriu algo muito importante. para o estudo das culturas da América Central.

William Prescott era nove anos mais velho que Stephens; Brasseur de Bourbourg, nove anos mais jovem. E embora Bourbourg não tenha feito sua importante descoberta até 1863, o trabalho dos três constitui um todo. Stephens descobrira os monumentos dos maias; Prescott compilou e escreveu pela primeira vez um conjunto coerente da história asteca, embora compreendesse apenas a última parte. O Brasseur de Bourbourg foi o primeiro a descobrir a chave para entender toda uma série de desenhos ornamentais anteriormente incompreensíveis.

Antes de expor a importância dessa descoberta, devemos levar em conta que os problemas colocados pela pesquisa arqueológica na América eram completamente diferentes daqueles que costumavam surgir em outras regiões do mundo antigo. Vejamos agora algumas dessas diferenças essenciais.

Quando os chineses, do terceiro milênio antes de Jesus Cristo - depois de uma grande enchente - começaram a se concentrar em um reino, fizeram isso ao longo de seus maiores rios, o Huang-Ho e o Yang-tse-kiang; quando os índios fundaram suas primeiras cidades, eles os criaram nas margens do Indo e do Ganges; Quando os sumérios entraram na Mesopotâmia, suas colônias produziram a civilização assíria-babilônica, estabelecida entre os rios Eufrates e Tigre, e os egípcios não apenas viviam ao longo do Nilo, mas também o Nilo. O que esses rios significavam para esses povos como um meio de comunicação e vida, o estreito Mar Egeu significava para os gregos. Em suma, as grandes civilizações dos tempos passados eram civilizações fluviais e os exploradores estavam acostumados a ver a existência de um rio como uma condição prévia para o estabelecimento e desenvolvimento de uma dada civilização. Bem, apesar disso, as civilizações americanas não eram fluviais, por assim dizer, e, no entanto, não havia dúvida de que elas floresceram e prosperaram, deixando traços óbvios. Nem o Inca no planalto do Peru era uma civilização de rios; Falaremos sobre isso mais tarde, uma vez que está intimamente relacionado às culturas da América Central.

Outra pré-condição para o florescimento cultural era a capacidade, a tendência dos povos para a agricultura e pecuária. Os maias conheciam a agricultura, embora de uma maneira um tanto especial, mas e o gado? A civilização maia é, de fato, a única

que carece de animais domésticos e de animais de carga e, portanto, também sem carros.

E não é só isso que faz a civilização maia parecer estranha. A maioria dos povos civilizados do mundo antigo desapareceu da superfície da Terra sem deixar vestígios e com eles também sua língua, que hoje temos que aprender como "língua morta", após trabalhoso trabalho de decifração. Este não é o caso dos maias, dos quais um milhão ainda vive hoje, sem ter mudado sua constituição física, no mínimo, ou sofrendo alterações em seu estilo de vida material peculiar, enquanto as mudanças na maneira de se vestir são insignificante.

Quando o investigador se dirige ao criado indiano, ele tem diante de si o mesmo rosto que acabou de copiar de um antigo alívio maia. Em 1947, a revista Life e o Illustrated London News publicaram fotografias abundantes das últimas escavações. Em um deles, um homem maia e uma jovem foram vistos diante de dois relevos antigos; esses relevos pareciam reproduções fiéis de seus próprios rostos. E se as figuras da ajuda pudessem ter falado, teriam feito na mesma língua com a qual o servo maia pedia o pagamento ao investigador.

Inicialmente, pensava-se que essa circunstância ofereceria vantagens especiais para a exploração; mas foi apenas na aparência, porque, apesar do fato de a cultura maia não ter morrido 2.000 ou 3.000 anos atrás, mas apenas 450 - que a diferencia de todas as culturas desaparecidas do mundo antigo -, os pontos de partida para seu estudo são mais escassos. do que em qualquer outro lugar. Sempre ouvimos falar da Babilônia, Egito, dos povos antigos da Ásia, Ásia Menor e Grécia, e, embora muito tenha sido perdido, também foi muito preservado, seja por tradição escrita ou oral. Eles desapareceram há muito tempo, é verdade, mas a agonia deles era muito lenta e, quando

morreram, transmitiram suas criações. Em vez disso, as civilizações americanas -

como dissemos isso - pereceram violentamente "decapitadas". Atrás dos soldados espanhóis, com seus cavalos e espadas, vinham os padres e as fogueiras, onde eram queimados os escritos e imagens que poderiam nos informar. Dom Juan de Zumárragá, primeiro arcebispo do México, destruiu em um gigantesco automóvel de fé todos os documentos que pôde obter. Todos os bispos e padres seguiram o exemplo, e os soldados destruíram com igual zelo o que restasse. Quando Lord Kingsborough concluiu a coleção de testemunhos preservados dos antigos astecas em 1848, seu trabalho não continha uma única cópia de origem espanhola. Quais documentos foram preservados dos maias desde a época anterior à conquista? Bem, três manuscritos.

Um está em Dresden, outro em Paris e dois que estritamente andam juntos, agora estão em lugares diferentes na Espanha. São o "Codex Dresdensis", o mais antigo, o "Codex Peresianus" e os códices "Troano" e "Cortesianus".

E como fazemos uma enumeração de desvantagens, não queremos parar de apontar as dificuldades da pesquisa direta. O arqueólogo, na Grécia ou na Itália, viaja por terras civilizadas; o pesquisador no Egito trabalha no clima mais saudável dessas latitudes; mas o homem que no século passado decidiu procurar traços dos maias e astecas teve que entrar em um clima infernal, longe de toda a civilização. (Por exemplo, ainda hoje, na década de 1960, os turistas não tinham nenhuma estrada terrestre para chegar a Tikal, na Guatemala, uma importante estação arqueológica que a Universidade da Pensilvânia investigou nos últimos dez anos e sob a direção de William Coe, com

mais de trezentas construções, algumas delas gigantes, é possível chegar ao local em uma hora de vôo da Cidade da Guatemala e ficar e comer "a la americana" no confortável "Jungle Lodge".)

Por esse motivo, o trabalho de pesquisa na América Central encontrou três grandes dificuldades; primeiro, diante de uma série de problemas completamente desacostumados à singularidade dessas civilizações pré-colombianas; segundo, devido à impossibilidade de se chegar a comparações e conclusões suficientes, só é possível quando há abundância de materiais coletados e, aqui, quase não existiam, exceto aquelas ruínas; terceiro, de natureza geográfica, devido aos obstáculos que a vegetação, o clima e a escassez de comunicações colocam a qualquer exploração contínua e rápida.

Não é de surpreender que os maias e astecas tenham caído no esquecimento novamente após a grande descoberta feita por Stephens e Prescott? Que apenas alguns pesquisadores sabiam há quatro décadas da existência desses povos? Que, apesar do grande número de pequenas descobertas, nada de real importância foi descoberto entre os anos de 1840 e 1880? Que mesmo a descoberta do Brasseur de Bourbourg nos arquivos de Madri só despertou o interesse de alguns especialistas?

O livro de Diego de Landa estava disponível por trezentos anos para todos, e lá ele continuou a dormir sem que ninguém o folheasse. No entanto, continha as palavras mágicas que - pelo menos em parte - eram a chave para decifrar o significado dos poucos monumentos, pedras, relevos e esculturas para poder fazer as comparações indispensáveis e chegar à decifração dessas palavras mágicas, verificando seu significado.

Capítulo XXXI

E MISTÉRIO DAS CIDADES ABANDONADAS

Se traçarmos uma linha que vai de Chichen Itzá, ao norte de Yucatan, a Copan (Honduras), no sul, e de Tikal (Guatemala), a leste, passando pela Cidade da Guatemala, até Palenque (Chiapas), em Oeste, deixamos fixos os pontos que delimitam a antiga cultura maia. Ao

mesmo tempo, é determinada a região que o inglês Alfred Percival Maudslay visitou de 1881 a 1894, isto é, cerca de quarenta anos depois de Stephens.

Maudslay fez muito mais que Stephens, pois fez todo o necessário para garantir que as investigações não fossem estéreis. De suas sete expedições à selva virgem, ele não apenas coletou descrições e reproduções, mas também transferiu valiosas cópias originais, cópias em papel e moldes de gesso de relevos e inscrições.

Sua coleção foi enviada para a Inglaterra e lá foi depositada no Museu Victoria e Alberto, para depois ser transferida para o Museu Britânico. Quando a coleção Maudslay estava disponível ao público, todo o material já estava organizado de tal maneira que sua antiguidade e origem pudessem ser estudadas nos mesmos monumentos.

E com isso voltamos a Diego de Landa. Esse segundo arcebispo de Yucatán deve ter sido uma personagem na qual a mentalidade do missionário entusiasmado e a do

amigo dos índios e apreciadora de sua cultura, à maneira do pai dominicano Fray Bartolomé de las Casas, estavam unidas.

É lamentável que, na luta em seu coração pelas duas tendências, ele finalmente tenha tomado uma decisão que prejudicou bastante nossas investigações. Diego de Landa foi um dos que tiveram todos os documentos maias coletados e queimados como obras do diabo. Sua segunda inclinação se refletia apenas no fato de usar um dos príncipes maias para um papel de narrador, à maneira da Scheherazade de "As mil e uma noites". Mas os bons maias sabiam contar mais do que lendas e, portanto, Diego de Landa não apenas escreveu histórias da vida e costumes maias, de seus deuses e suas guerras, mas também escreveu indicações sobre como reconhecer os sinais que representavam os meses. e os dias.

Todos entenderão que isso é realmente interessante; Mas por que essa indicação cronológica pode ter um significado tão especial?

Em primeiro lugar, porque graças às indicações e desenhos de Diego de Landa, os monumentos maias, de aparência tão estranha e terrível devido aos seus ornamentos sombrios, ganharam vida; e, conhecendo sua maneira de escrever os números, o pesquisador que estava diante dos templos, escadas, colunas ou frisos viu o seguinte: que naquela arte maia, sem animais de carga ou carros, submersa na selva e cinzelada Nos instrumentos de pedra, não havia um único ornamento, nem um relevo, nem um friso com suas figuras de animais, nem uma escultura que não estivesse diretamente relacionada a uma data. Cada monumento maia era um calendário transformado em pedra! Nenhum arranjo de ornamentos e figuras foi acidental lá; a estética estava sujeita à matemática. Até então, ficávamos surpresos com a repetição, aparentemente absurda, ou a súbita interrupção no desenho daquelas terríveis faces de pedra; mas agora se descobriu que os maias expressavam um número ou uma indicação especial de seu calendário. Quando o mesmo ornamento apareceu quinze vezes nas escadas de Copan na balaustrada, concluiu-se que isso expressava o número de períodos inseridos. O fato de a escada consistir em setenta e cinco degraus deveu-se ao fato de que isso queria indicar o número de dias inseridos no final dos períodos (15 por 5). Essa arquitetura e arte, completamente sujeita ao calendário, não ocorreu mais pela segunda vez no mundo. E quando os pesquisadores - que haviam dedicado a vida inteira ao estudo do calendário maia - estavam cada vez mais penetrando nos arcanos, havia mais uma surpresa naquela cultura que já nos havia oferecido tantos.

O calendário maia era o mais preciso do mundo. Sua disposição era diferente daquela de quantos calendários que conhecemos, mas mais exata. Deixando de lado os detalhes, alguns dos quais ainda são inexplicáveis, sua estrutura é a seguinte: Primeiro eles usaram uma série de vinte sinais para os dias, que, juntamente com os sinais de 1 a 13, deram uma série de 260 dias, o chamado «tzolkin» (em asteca,

«tonalamatl»), ou seja, ano de 13 meses. 20 dias. Eles também tinham uma série de dezoito sinais para os meses, cada um representando um período de 20 dias, seguido por um sinal que compreendia um período

de cinco dias. E este foi o ano maia, com seus 365 dias, o chamado "haab". Grandes períodos foram calculados por uma combinação dos dois anos "tzolkin" ou "tonalamatl" e "haab". Esses períodos são conhecidos pelo nome em inglês, que é o mais usado, com os nomes de calendário e contagem longa. A rodada do calendário foi um período que

compreendeu 19.980 dias, ou 52 anos, de 365 dias cada; coisa que foi, como veremos, especialmente importante na vida dos maias. A chamada contagem longa foi calculada seguindo um sistema que estava relacionado a uma determinada data de partida. Esta data de início foi o "4 Ahau, 8 cumhu", e corresponde em sua função, se ousarmos fazer uma comparação prudente, com a nossa data de nascimento de Jesus Cristo, ponto de partida de uma era; Repetimos isso apenas em sua função, não na própria data.

Com esse método de calcular o tempo - tão complicado e desenvolvido que, se quiséssemos expô-lo completamente, usaríamos um livro inteiro - os maias alcançavam uma precisão que excede a de qualquer calendário do mundo.

Por nenhuma razão, tendemos a pensar que nosso calendário representa a melhor solução para resolver a dificuldade de dividir o ano em dias perfeitamente regulares. Somente em relação aos anteriores é algo mais perfeito. No ano 239 a. de J.

C. Ptolomeu III corrigiu o antigo sistema de cálculo do tempo dos egípcios; Júlio César adotou essa solução criando o chamado calendário juliano, em vigor até 1582, quando o papa Gregório XIII substituiu o calendário juliano pelo calendário gregoriano. Bem, comparando a duração do ano em todos esses calendários com a do ano astronômico, vemos que nenhum deles chega tão perto do valor real quanto o dos maias.

A duração comparativa do ano de acordo com todos esses calendários é: de acordo com o calendário

365,250000

juliano de

dias

De acordo com o calendário

365.242500

gregoriano,

dias

De acordo com o calendário

365,242129

maia,

dias

segundo cálculo astronômico, de

365,242198

dias

Essas pessoas, que eram capazes da observação mais exata do céu, juntamente com seu profundo conhecimento da matemática, dando assim uma excelente prova de sua grande capacidade de pensar, também demonstraram completa submissão ao ocultismo mais absurdo do mundo. números. O povo maia, que traçou o melhor calendário do mundo, tornou-se escravo desse calendário ao mesmo tempo.

A terceira geração de pesquisadores que se dedicaram à tarefa de conhecer os maias, trabalhou especialmente para esclarecer os segredos de seu calendário. Eles o fizeram com base nas instruções de Landa e alcançaram seus primeiros triunfos com o material MaudslayCollection, e o trabalho ainda está em andamento. A interpretação das escrituras

em imagens está incluída nesta tarefa, e os triunfos alcançados estão relacionados aos nomes de EW Förstemann, que foi o primeiro a comentar sobre o

"Codex Dresdensis"; Eduard Seler, professor e, posteriormente, diretor do Museu Etnográfico de Berlim, que, depois de Maudslay, foi certamente quem reuniu em seus

"Tratados" o material mais rico em relação aos maias e astecas; e Thompson, Goodman, Boas, Preuss, Ricketson, Walter Lehmann, Bowditch e Morley. Mas seria injusto destacar um certo nome se pensarmos no grande número daqueles que trabalharam na selva fazendo cópias, ou daqueles que dolorosamente alcançaram resultados parciais. A investigação das civilizações americanas constitui um trabalho colaborativo e, juntos, os pesquisadores passaram pelas etapas mais difíceis de seus estudos, desde o calendário até a cronologia histórica.

A ciência do calendário não pode ser reduzida a um propósito. Aqueles rostos terríveis que representavam números, com os sinais dos meses, dias e períodos, decoravam todas as fachadas, colunas, frisos, terraços e escadas dos templos e palácios; todos os monumentos tinham a data de criação. O pesquisador teve que agrupar os trabalhos de acordo com os diferentes aspectos, ordenar os grupos cronologicamente, reconhecer as mudanças de estilo de acordo com as influências de um grupo ou de outro; em uma palavra: veja a história.

Mas que história?

Naturalmente, os maias; a resposta não é duvidosa. E, no entanto, a questão é mais indicada do que parece, uma vez que todo o conhecimento obtido dessa maneira teve a desvantagem de o pesquisador ver apenas a história dos maias, ou seja, suas datas, sem a menor relação com a nossa. cálculo habitual de tempo e nossos eventos históricos.

Novamente, os pesquisadores se depararam com um problema mais árduo do que o proposto pelo mundo antigo. Para entender melhor, vamos imaginar um suposto evento na história europeia moderna. Suponhamos que a Inglaterra tenha sido privada de qualquer relacionamento com o continente e que, seguindo uma maneira especial de calcular o tempo, ela não tivesse começado desde o nascimento de Jesus Cristo, mas de uma data desconhecida para nós e que havia escrito sua história de acordo. com seu próprio calendário. Se uma relação histórica completa de Ricardo Corazón de León com a rainha Vitória chegasse aos historiadores do continente, como o ponto de partida do cálculo do tempo era desconhecido, não seria possível saber se Ricardo Corazón de León era contemporâneo de Carlos Magno, Luís XIV ou de Bismarck.

Nesta situação, os pesquisadores estavam em frente aos monumentos maias da selva americana. No entanto, logo foram capazes de indicar quantos anos mais velhos, por exemplo, os monumentos de Copan foram comparados aos de Quiriguá, mas eles nem podiam suspeitar em que século da cronologia européia as duas cidades foram construídas.

Era evidente, então, que sua tarefa imediata era estabelecer a correlação entre a cronologia maia e a nossa. Mas quando a parte essencial foi realizada em um trabalho de correspondência de datas cada vez mais exatas, surgiu um novo problema, um dos fenômenos mais enigmáticos da história de um grande povo, com o mistério das cidades abandonadas. .

Explicar o método usado para estabelecer de maneira satisfatória o relacionamento de ambas as cronologias ultrapassaria a estrutura de nosso trabalho e dificultaria nossa explicação.

No entanto, devemos mencionar uma descoberta, embora isso crie uma nova dificuldade em entender esse problema já difícil, porque nos leva diretamente a uma parte viva da história maia dos últimos tempos e, com ela, dando uma nova Eu envolvo esse mesmo mistério de cidades mortas.

Em diferentes lugares do Iucatão, os chamados "livros de Chilam Balam" foram encontrados no século passado. São anotações feitas após a conquista, mas muito animadas e cheias de anedotas políticas; seu valor está no relacionamento que eles têm, pelo menos em parte, com os documentos maias originais.

O manuscrito mais importante foi descoberto por volta do ano de 1860, em Chumayel, e entregue ao bispo e historiador Crescencio Carrillo y Ancona. Mais tarde, a Universidade da Filadélfia publicou uma reprodução fotográfica dela. Após a morte do bispo, o manuscrito foi para a Biblioteca Cepeda em Mérida, de onde desapareceu em 1916 em condições bastante misteriosas. Este livro é uma curiosidade notável - nós o conhecemos graças à reprodução fotográfica - e está escrito em caracteres latinos adaptados à língua maia, com a influência do espanhol. Mas os padres maias não levaram em conta a separação de palavras ou pontuação; muitas palavras aparecem cortadas por um capricho; outros, no entanto, estão unidos em grupos muito raros de sílabas. Neste curioso documento, certos sons maias, que não tinham em espanhol, são representados pela união de vários caracteres latinos e não sabemos seu valor exato. Obviamente, será entendido o quão difícil foi decifrar um texto assim, o que também vinculou uma confusão intencional no texto devido à sua natureza religiosa.

O manuscrito, por mais valioso que fosse, era um quebra-cabeça, já que nos

"livros do Chilam Balam" apareceu uma cronologia diferente daquela do antigo Império Maia, o chamado "Katum-Count".

Essa tarefa secundária um tanto irritante adquiriu grande interesse nos detalhes de que quanto mais próxima a solução era vista, mais aumentava o conhecimento do último período da história maia, que não apenas ganhou vida, mas especialmente permitiu consertar datas.

Tudo o que se sabia até então sobre o antigo povo maia estava confuso e distante, friamente fixado em uma arquitetura incompreensível; mas

agora, pelo menos, essa última parte de sua história não parecia tão diferente da de todos os outros povos que conhecemos; já era uma sucessão de invasões, guerras, traições e revoluções; em suma, uma história humana.

Nele são citadas as famílias dos Xiu e Itzá, que disputavam o poder; o esplendor da metrópole de Chichen Itzá, de seus palácios, cuja grandeza e estilo, comparados às cidades mais antigas localizadas ao sul de Yucatán, acusaram uma estranha influência estrangeira; Uxmal, cuja simplicidade monumental dava a impressão de um renascimento do Antigo Império; e de Mayapán, onde ambos os estilos coexistiram. Também sabemos da aliança entre as cidades de Mayapán, Chinchen Itzá e Uxmal; mas as quebras de traição disseram que a aliança e o exército de Chinchen Itzá atacam uma tropa de Mayapán; mas Hunac Ceel, seu proprietário, recruta mercenários toltecas e conquista Chinchen Itzá, leva seus príncipes reféns à corte de Mayapán, e estes, mais tarde, só têm o posto de vice-reis. A aliança entre as duas cidades foi quebrada. Em 1441, os derrotados encenaram uma revolta liderada pela dinastia Xiu de Uxmal. Os insurgentes, por sua vez, conquistam Mayapán, que não apenas rompe a aliança fictícia entre as cidades, mas também o próprio Império Maia é quebrado.

O Xiu fundou outra cidade, chamada Maní, que, segundo alguns, significa

"passou". Quando os espanhóis chegaram, eles conquistaram o Império Maia muito mais facilmente do que Cortés o Império Asteca do México.

Tal vislumbre da história datada do Novo Império foi, sob muitos aspectos, emocionante. Para não dar uma falsa impressão sobre essas investigações, antes de entrar na parte mais enigmática da história maia, insista que os resultados das investigações não adquiram um obstáculo lógico, mas que o investigador, que estava meticulosamente decifrando Para chegar a uma conclusão, ele teve que recorrer às anotações de um colega que havia realizado trabalhos de escavação

trinta anos antes e de outro filólogo cujos estudos o levaram a decifrar os calendários dez anos atrás.

anos. E na difícil tarefa de descobrir essa cultura submersa, o conhecimento não se seguiu até hoje, de maneira lógica e normal, mas cada descoberta modificou as conclusões anteriores.

Assim, também foi concluído o esquema de um processo histórico incomparável no mundo, e que ainda hoje não é explicado com tanta clareza, que todos devem concordar com a solução dada. Muitos quebra-cabeças ainda precisam ser resolvidos nesta área.

Acabamos de usar os termos Novo Império e Antigo Império pela primeira vez, por isso avançamos. Mas depois de aprender algo sobre Mayapán, Chichen Itzá e Uxmal, para citar apenas as cidades mais importantes do Novo Império, vamos ver o que dizem os pesquisadores que lidaram com a cronologia maia.

Por que eles chamam essas novas fundações no norte de Yucatan de Novo Império?

A que eles nos respondem: porque essas cidades foram fundadas mais tarde, aproximadamente entre os séculos 7 e 10 de nossa época, e porque esse Novo Império se distingue claramente do Antigo em termos de suas características, tanto na arquitetura quanto na escultura. ou no calendário.

E usamos a palavra "fundações", aludindo ao fato de que, neste caso, não é um aspecto novo que surgiu à moda antiga, mas que um caso tão normal não ocorre aqui, uma vez que o Novo Império consistia efetivamente de uma fundação no meio da floresta virgem Em outras palavras, os maias criaram cidades completamente novas e autênticas. Vamos esclarecer um pouco mais esse curioso fenômeno social. O Antigo Império estava no sul da península de Yucatan, nas atuais terras de Honduras, Guatemala, Chiapas e Tabasco.

Então, o Novo Império deveria ser considerado uma colônia do Velho, erigida pela colonização de emigrantes?

Os pesquisadores dizem: não, não é exatamente isso; antes, os fundadores das novas cidades foram os habitantes do Império Maia.

Ao que responderemos, sem dúvida, estranhamente: você quer dizer com isso que o povo maia abandonou seu império bem organizado, suas fortalezas e seu território para construir um novo império mais ao norte, em meio à insegurança de uma região virgem? ?

E agora os pesquisadores respondem sorrindo: sim, é exatamente isso que queremos dizer. Nós mesmos sabemos que parece completamente implausível e, no entanto, esse fenômeno é uma realidade, já que ...

E aqui nos são apresentadas uma série de datas que nos lembram o que já foi dito sobre como as pessoas que conseguiram desenvolver o melhor calendário do mundo se tornaram escravas. Os maias não construíram seus grandes edifícios quando precisavam deles, mas quando o calendário implacável ordenou, com rigor cronológico, isto é, a cada cinco, dez ou vinte anos, e em cada novo edifício eles colocavam a data de sua fundação.

Às vezes, eles reforçavam uma antiga pirâmide com uma nova camada quando um novo agrupamento no calendário exigia que ela fosse eternizada. Isso eles fizeram durante séculos com absoluta regularidade, como evidenciado por datas cinzeladas. E

essa regularidade só poderia ser interrompida por uma catástrofe ou emigração.

Portanto, quando vemos que em uma cidade a construção parou em uma determinada data e, na mesma época em que começaram em outra cidade, chegamos a essa conclusão: a população da primeira abandonou tudo de repente e emigrou para fundar outra cidade. .

Tudo isso, apesar de apresentar uma série de problemas, poderia ser explicado de diferentes maneiras. Mas um fato ocorrido aproximadamente no ano 610 desfaz essas primeiras hipóteses.

Uma cidade inteira, todos habitantes de cidades importantes, abandonou suas casas sólidas para migrar para o norte, despovoada e coberta de vegetação exuberante. Nenhum desses emigrantes retornou às cidades de origem, que foram abandonadas, e a selva penetrou nas ruas novamente; a grama crescia nas escadas e nas paredes dos palácios, as sementes da floresta penetravam nas fendas das pedras cobertas de terra e a vegetação tropical que emergia dos alicerces das mesmas paredes as derrubava. O pé de um ser humano nunca voltou a pisar a calçada daqueles pátios e ruas ou a subir os altos degraus de suas pirâmides.

Para que possamos perceber como esse evento é estranho e incompreensível, vamos imaginar, por exemplo, que todo o povo francês, depois de viver uma história antiga, emigrou repentinamente para o Marrocos para fundar ali uma nova França; abandonar suas catedrais e suas grandes cidades, que de repente os habitantes de Marselha, Toulouse, Bordéus, Lyon, Nantes e Paris emigraram.

E não apenas isso, mas quando chegaram ao Marrocos, imediatamente começaram a construir novas cidades e catedrais idênticas às que abandonaram na França.

Com este exemplo que demos aos franceses, talvez seja mais fácil imaginá-lo em relação aos maias.

Quando isso foi descoberto, as performances acabaram. O mais natural era supor que eles estavam invadindo estrangeiros que expulsaram os maias de seu país; mas que invasores poderiam ter sido? Os maias estavam então no auge de uma evolução histórica e ninguém poderia competir com eles em força militar; por outro lado, à luz das descobertas arqueológicas, essa explicação é insuficiente, pois nas

cidades abandonadas não havia traços de luta ou pilhagem de conquistadores.

Tal emigração causou uma catástrofe da natureza? Impossível. Onde estão as faixas? Além disso, que catástrofe natural pode levar um povo a reconstruir um novo império em outro lugar, em vez de voltar para suas casas?

Os maias haviam sofrido uma epidemia terrível? Não há indicação de que tenha sido um povo numericamente pequeno que empreendeu a grande emigração; pelo contrário, quem construiu cidades novas e poderosas como Chichen Itzá deve ter sido muito forte.

Uma mudança climática tornaria impossível continuar vivendo nessas regiões? Não é provável que a distância em linha reta do centro do Império Antigo até o centro do Novo não seja superior a 400 quilômetros. Uma mudança no clima, da qual não há indicação, capaz de ter produzido efeitos revolucionários na estrutura de um império, também afetaria a região da nova instalação.

Que explicações temos então?

Nas últimas décadas, o que parece mais bem-sucedido foi encontrado e o número de pesquisadores que o adotam tem aumentado. É a tese do professor americano Sylvanus Griswold Morley, que, para demonstrá-lo, nos convida a dar uma olhada na história e na estrutura social do Império Maia. Com tal digressão, teremos nossa recompensa, porque nos permitirá conhecer outra peculiaridade daquela cidade estranha. De todas as grandes civilizações do mundo, a dos maias é a única que não conhece o arado.

Vamos agora esboçar a história dos maias. Por razões de método e por razões cronológicas, o chamado Império Maia Antigo é geralmente dividido em três partes.

A NTIGUO I MPERIO M AYA

De acordo com a correlação, calculada por SG Morley, das datas registradas em edifícios maias com a era cristã, elas duraram de um tempo ainda indeterminado até o ano 610 de nossa era. Outras teses estão expostas na tabela cronológica.

P eríodo OLD

Sem datas conhecidas até 374 dC, a cidade maia mais antiga dentre as encontradas parece ser a de Uaxactún, localizada na fronteira norte da atual Guatemala. Mais tarde, não muito longe dali, surgiram Tikal e Naranjo.

Enquanto isso, a cidade de Copan e, mais tarde, Piedras Negras, havia sido fundada nas atuais Honduras, no rio Usumacinta.

P MÉDIO eríodo

De 374 a 472. Nesses quase cem anos, foram fundadas as cidades de Palenque, na fronteira de Chiapas; Tabasco, construído entre o período antigo e o meio, embora geralmente seja atribuído ao antigo; o de Menché, em Chiapas, e, finalmente, o de Quiriguá, na Guatemala.

PERÍODO G RAN

De 472 a 610. Nele surgiram as cidades de Seibal, Ixkúr, Flores e Benque Viejo. No final deste grande período, a emigração entrou em vigor.

O leitor que nos seguir com interesse deve consultar o mapa e a cronologia no final do livro, pois assim poderá apreciar outro fenômeno notável.

Se estudarmos o espaço geográfico no qual essas cidades do Antigo Império foram incluídas, veremos que o referido espaço forma um triângulo cujos vértices são determinados por Uaxactún, Palenque e

Copan. Vemos também que nas laterais, ou já dentro do triângulo, estão as cidades de Tikal, Naranjo e Piedras Negras, e também observamos, com a única exceção de Benque Viejo, que todas as cidades fundadas por último e cujas a vida era mais curta, eles estão dentro e são Seibal, Ixkúr e Flores.

Assim, um dos processos históricos mais surpreendentes da história foi descoberto.

Os maias devem ter sido as únicas pessoas no mundo cujo estado progrediu de fora para dentro!

Um imperialismo em direção ao próprio centro. Um crescimento dos membros para o coração, porque isso foi realmente crescimento e, embora pareça paradoxal, expansão. O Império Maia não foi esmagado por uma potência estrangeira, que não existia, mas a evolução teve efeito em uma direção contrária a toda lógica e diferente de toda a experiência histórica conhecida, sem a menor influência externa.

Não há motivos para aludir os chineses e sua Grande Muralha, nem queremos destacar o fraco argumento psicológico que alguns apontam, segundo o qual um povo que estava em declínio não queria se espalhar pelo exterior; Preferimos confessar que até agora não possuímos nenhuma explicação aceitável para justificar essa característica surpreendente da história maia. Mas como um problema histórico raramente permanece sem solução, talvez seja um de nossos leitores quem o encontrará?

Não fazemos essa pergunta por simples retórica, nem ditada por cortesia; A solução para esse enigma não deve ser esperada apenas do conhecimento profissional, que até agora falhou, mas da feliz intuição que qualquer um pode ter, sem mencionar o acaso.

Trabalhos arqueológicos profissionais não resolveram o problema de por que os maias, no auge de sua evolução, quando suas cidades estavam em pleno andamento e podiam, de repente os abandonaram para migrar para o norte inóspito.

Dissemos que os maias tinham uma civilização urbana. E isso era verdade na mesma medida em que falamos da cultura cidadã da Europa renascentista; isto é, que as classes dominantes, nobres, patrícios e sacerdotes residiam nas cidades; que eles detinham poder e também cultura; que a vida intelectual e os bons costumes começaram nas cidades. Mas todas essas cidades não poderiam ter vivido sem o camponês, sem os frutos da terra e, sobretudo, sem a principal base de alimentos, que nos países da Europa era trigo e, nos povos da América Central, o cereal chamado índio milho ou kukuruz; em uma palavra, milho.

O milho alimentava todos os habitantes das cidades: artesãos e classes dominantes. A cultura vivia do milho e do milho, como aqui do nosso pão diário; desde que as cidades foram construídas nessa selva calcinada onde o milho já havia sido cultivado antes.

Mas a ordem social dos maias mostrou diferenças mais pronunciadas do que qualquer outra. Seu caráter é claramente visto ao comparar qualquer cidade européia moderna com uma cidade maia. O europeu possui uma estrutura cujo exterior mostra os contrastes sociais dos habitantes, mas, apesar disso, existem mil graus intermediários e inúmeras relações e conexões entre eles. A cidade maia, por outro lado, apresenta grosseiramente a grande diferença que existia entre as diferentes classes sociais. Em uma colina, os templos e palácios de padres e nobres, que formavam uma cidadela com o caráter de uma fortaleza, costumavam subir - sem dúvida ele tinha que dar provas frequentes de tal condição; depois, sem o menor grau de transição, a pessoa foi violentamente da cidade de pedra para as cabanas de madeira e galhos habitadas pelas pessoas comuns. O povo maia foi assim dividido em um núcleo extremamente pequeno de famílias dominantes e uma massa esmagadora de pessoas oprimidas.

A barreira estabelecida entre as duas categorias, de acordo com nosso modo de ver, era excessiva. Parece que os maias não tinham a classe média, a burguesia. A nobreza se isolou completamente do povo e foi chamada de "almehenoob", que significa "quem tem pais e mães", ou

seja, uma árvore genealógica. Dela também surgiram os sacerdotes, assim como o príncipe reinante, o "halach uinic", "o homem verdadeiro". E para esses poucos "que tiveram pais e mães", toda a cidade funcionou. O

camponês teve que dar um terço de sua colheita à nobreza e aos sacerdotes, e ele só pôde guardar para si o último terço. Devemos lembrar que o "dízimo" aplicado à ordem social da Europa feudal na Idade Média causou revoltas e revoluções sérias, pois era considerado uma imposição insuportável. Além disso, no período entre a semeadura e a colheita, os servos da gleba foram trazidos para as cidades para serem utilizados na construção de edifícios. Sem carroças ou animais de carga, os próprios camponeses arrastavam os blocos de pedra e, sem ferro, cobre, bronze, apenas com instrumentos de pedra, esculpiam aquelas maravilhosas esculturas e relevos. O trabalho dos trabalhadores maias é semelhante ou superior ao das pirâmides egípcias.

Essa ordem social severa, que aparentemente reinou por mil anos, carregava nela o germe da decadência. A cultura e a ciência dos sacerdotes estavam necessariamente se tornando cada vez mais esotéricas e, não recebendo a seiva popular, não havendo

comparação de experiências, a inteligência aguçada dos sábios maias se voltava cada vez mais exclusivamente para as estrelas, esquecendo de olhar para a terra, onde ele finalmente recebeu suas forças. Essa cultura se esqueceu de estudar meios auxiliares para evitar catástrofes ameaçadoras, e apenas essa presunção espiritual inimaginável da inteligência maia pode explicar o fenômeno de que um povo capaz de criar trabalhos científicos e artísticos tão importantes não sabia inventar um dos instrumentos mais práticos. , importante e simples: o arado.

Ao longo de toda a sua história, os maias tinham uma agricultura que não sabia como salvar o estágio mais rudimentar. Toda a sua arte consistia em cortar as árvores de uma área da selva. Quando a lenha estava seca, pouco antes das chuvas, eles a queimaram, após o que trabalharam o solo com lanças longas e pontiagudas, com as quais

fizeram buracos para o plantio do milho. E quando o fazendeiro colheu a colheita, a mesma operação começou em outra parte da floresta. Como faltavam fertilizantes, exceto pelo escasso adubo natural, nas proximidades das aldeias, todas as terras das quais os frutos haviam sido coletados precisavam de uma longa estação de pousio, até que pudessem ser plantadas novamente.

E assim chegamos à explicação mais precisa de por que os maias foram forçados a abandonar suas cidades sólidas em tão pouco tempo.

Os campos próximos estavam esgotados. O tempo de descanso que um campo precisava para produzir novos frutos e ser queimado novamente aumentava cada vez mais. A conseqüência inevitável disso foi que os camponeses maias tiveram que ir cada vez mais longe através de seus intervalos na selva, afastando-se da cidade que precisavam alimentar e sem a qual não podiam viver; até que finalmente a estepe carbonizada e estéril ficou entre eles e a cidade.

Assim, com o desaparecimento da base agrícola que a sustentava, a grande cultura do Antigo Império Maia terminou, porque, embora seja possível a existência de culturas sem técnica, elas não ocorrem sem arar! Foi a fome que finalmente forçou o povo a migrar quando uma cidade foi cercada por uma estepe de grama seca.

Então eles abandonaram as cidades para o deserto. E enquanto no norte o Novo Império, a selva subiu lentamente através dos templos e palácios abandonados e a terra vaga se transformou em floresta novamente, cobrindo os edifícios e escondendo-os da visão dos homens por mil anos. Essa pode ser uma explicação plausível para desvendar o

mistério

das

cidades

abandonadas.

Capítulo XXXII

EL MANEIRA DE FONTE SAGRADA

A lua cheia iluminava a selva. Sem mais companhia do que um guia indiano, 1.500 anos depois que os maias deixaram suas cidades para ir para o norte, o pesquisador americano Edward Herbert Thompson viajou pela região que ocupava o Novo Império, que foi destruído por sua vez na época do conquista pelos espanhóis. Herbert Thompson procurava a localização e as ruínas de Chichen Itzá, que deve ter sido a maior e mais bela cidade, a mais poderosa e rica.

As duas montarias, como os cavaleiros, haviam passado por muita fadiga. Thompson estava tão cansado que inclinou a cabeça e os passos incertos do cavalo pareciam que o desequilibrariam. De repente, ele ouviu uma ligação do guia. Assustado, ele olhou para a frente e cheio de espanto viu um mundo encantado.

Elevando-se acima dos galhos escuros das árvores, algo se destacou que parecia uma colina íngreme, em cujo topo, e banhada pela ardente luz da lua, havia um templo. No silêncio da noite clara, este templo coroava aquela massa de árvores como o Partenon de uma acrópole indiana, e parecia cada vez maior à medida que se aproximavam. O guia saltou do cavalo, tirou a sela e estendeu os cobertores no chão para se deitar.

Mas Thompson, fascinado, continuou olhando para o prédio. Desceu do cavalo e, enquanto o guia se deitava, continuou na estrada. Escadas íngremes subiam da base da colina até o templo; todos estavam cobertos de ervas e arbustos e muitos pareciam rachados e arruinados. Thompson conhecia esse aspecto, bem como o significado e o valor dos monumentos egípcios; mas essa pirâmide maia não era uma tumba como a do país do Nilo, mas em seu aspecto externo esses edifícios

eram um pouco semelhantes aos zigurates. Mais ainda do que as famosas torres babilônicas, elas pareciam nada mais que o gigantesco suporte de pedra daquelas grandes escadas que subiam cada vez mais alto, em direção a Deus, em direção ao Sol e à Lua.

Thompson subiu aqueles degraus, contemplando seus ornamentos e ricos relevos. Uma vez acima, quase a uma altura de trinta metros acima da selva, ele olhou em volta e contou um, dois, três, até uma dúzia de monumentos espalhados, até então escondidos da vista pelo bosque das árvores, mas de lá eles foram expostos pelo estranho esplendor que espalhava o luar.

Era então a cidade procurada de Chichen Itzá. Originalmente, certamente fora uma fortaleza avançada desde os primeiros dias da grande emigração, depois convertida em uma grande metrópole, o centro do Novo Império. Nos dias que se seguiram à descoberta, Thompson sempre esteve em uma das ruínas antigas, e ele relata: «Um dia eu estava neste templo quando os primeiros raios do sol mancharam o horizonte distante. O silêncio do amanhecer era absoluto, tendo parado todos os ruídos da selva à noite e ainda não despertando os do dia. Logo o sol nasceu, redondo, brilhante e flamejante, e ao mesmo tempo o mundo inteiro cantou e cantarolou alegremente. Os pássaros que povoavam as árvores e os insetos da terra cantaram seu solene Tedeum. A natureza ensinou o homem a adorar o sol e o homem, em sua privacidade, obedeceu inconscientemente à doutrina antiga ".

Thompson ficou encantado. Diante de seus olhos, a selva desapareceu e amplos horizontes se abriram, onde ele viu longas procissões, ouviu sons melodiosos e esses palácios foram animados por festas barulhentas, enquanto nos templos o rumor dos cultos que conjuravam a divindade ressoava. Assim, ele tentou descobrir detalhes em um espaço cada vez mais distante, e então seu olhar parou. Se até aquele momento ele estava encantado, agora sua fantasia transbordava em uma visão surpreendente do passado. O investigador entendeu imediatamente qual era sua tarefa, porque diante dele o caminho que

provavelmente continha o segredo mais emocionante de Chichen Itzá foi traçado na forma de um caminho estreito: o caminho da fonte sagrada.

Nas descobertas do México e Yucatán, até então faltava uma personalidade do tipo de Schliemann, Layard ou Petrie, além de - exceto pela primeira viagem feita por John Ll. Stephens - a emocionante união da pesquisa com o acaso; o sucesso científico com a aventura dos tesouros procurados, aquela nuance lendária que as escavações têm quando o bico tropeça na terra com o precioso metal dourado.

Mas Edward Herbert Thompson era o Schliemann de Yucatan, pois ao entrar em Chichen Itzá ele foi guiado pelas palavras de um livro que nenhum pesquisador havia levado a sério até então; e as descobertas provaram que ele estava certo como Schliemann, que também depositara sua fé investigativa nas palavras de um livro. E, assim como Layard, que já havia partido com sessenta libras e um companheiro, quando fez sua primeira descoberta, Thompson também penetrou mal na floresta. E, ao encontrar dificuldades que derrubariam alguém, ele demonstrou a mesma tenacidade que Petrie.

Não dissemos que quando o público discutiu violentamente as primeiras descobertas de Stephens, também foi discutida a tese de que os maias eram os sucessores do fabuloso povo da Atlântida?

Bem, o primeiro trabalho de Thompson, um futuro arqueólogo, em 1879, consistiu em um estudo publicado em uma revista popular na qual ele defendia uma tese tão audaciosa. Mas o problema específico da origem do povo maia foi relegado para o segundo lugar quando, aos 25 anos, era cônsul dos Estados Unidos - quantos cônsules já conhecemos entre arqueólogos? -, no ano de 1885, ele partiu para o Iucatão. e ele foi capaz de cuidar mais dos próprios monumentos do que das teorias.

Em vez de uma tese ousada, a fé cega guiou o Yucatán, idêntico ao que levou Schliemann às ruínas de Troia. Aqui se tratava de confirmar as

palavras de Diego de Landa, em cujo livro Thompson encontrou pela primeira vez o relato da fonte sagrada, o cenote de Chichen Itzá. Landa, com base em histórias antigas, alegou que em tempos de seca, foram organizadas procissões solenes nas quais os padres e o povo seguiam um amplo caminho até a primavera sagrada, para apaziguar a ira do deus da chuva por meio de horríveis sacrifícios humanos, jogando para as donzelas de origem e meninos escolhidos após cerimônia solene. Da misteriosa profundidade daquelas águas insondáveis, as vítimas nunca reapareceram.

O "caminho da jovem até a fonte", motivo de tantas canções populares, apesar de sua profundidade simbólica, aparece quase sempre como uma afirmação alegre da vida. Por outro lado, a das donzelas maias do cenote sagrado era o caminho da morte, e eles a adotaram ricamente adornada e emitindo um grito horrível, abafado quando seu corpo colidiu com aquelas águas estagnadas.

E o que mais Diego de Landa contou? Ele acrescentou que era costume lançar, após as vítimas, ricas ofertas que consistiam em vários instrumentos, jóias e ouro. Thompson também lera que "se esse país tivesse ouro, grande parte seria indubitavelmente encontrada nessa fonte misteriosa".

Thompson literalmente seguiu o que parecia para todos simples retórica de um conto antigo; Ele acreditava nisso e também estava determinado a demonstrá-lo.

Quando, naquela noite de lua cheia, ele contemplou da pirâmide o caminho que levava à fonte, sua ilusão excitada não permitiu que ele suspeitasse de fadiga.

Dois anos depois, ele se veria pela segunda vez na fonte, já um experiente explorador da selva. Thompson atravessou o Iucatão de norte a sul, e seu olhar se acentuou e adquiriu o poder de investigar segredos. Então você poderia realmente compará-lo com Schliemann. Ao redor, havia alguns edifícios esplêndidos esperando para serem

explorados, uma tarefa maravilhosa para todo arqueólogo. Mas ele foi até a fonte, em direção àquele poço escuro cheio de lama, pedras e lama secular. Embora o relato de Diego de Landa tenha sido baseado em fatos autênticos, havia a menor esperança de que as jóias que os padres jogaram com as vítimas pudessem ser encontradas naquela piscina de água estagnada?

Que chance havia de encontrar algo naquela fonte? A resposta de Thompson foi altamente arriscada. Ele apenas pensou: "Procuraremos onde for necessário".

Quando ele voltou a participar de um congresso científico nos Estados Unidos, pegou dinheiro emprestado e o encontrou, embora todos aqueles com quem ele falava de seus projetos o considerassem louco.

Todos disseram: «Não é possível descer às profundezas inexploradas daquele enorme poço de lama na esperança de sair vivo. Se você quer se suicidar, por que não faz isso de outra maneira menos desagradável?

Thompson, porém, calculou os prós e os contras e foi determinado.

"A próxima tarefa que tive que realizar foi ir a Boston e fazer aulas de mergulho. Meu professor era o capitão Ephraim Nickerson, de Long Wharf, aposentado há vinte anos. Sob sua orientação de especialista e paciente, pouco a pouco eu me tornei um mergulhador bastante aceitável, embora não perfeito, como algum tempo depois pude verificar. Então me forneci uma draga de corda com conjunto de polias e uma alavanca de dez metros. Deixei todo esse material embalado e pronto para ser enviado quando enviei uma carta ou um telegrama solicitando.

Depois disso, ele voltou a Chichen Itzá e imediatamente foi à fonte.

As margens desse enorme poço estavam separadas por setenta metros. Usando uma sonda, ele verificou que o nível do lodo estava aproximadamente a uma profundidade de 25 metros. Ele preparou algumas figuras de madeira em forma humana e as jogou como sua

fantasia sugeria a ele que, no passado, as donzelas sacrificadas à terrível divindade seriam jogadas. O objetivo perseguido com esse exercício foi uma primeira orientação no domínio de origem. Quando ele fez isso, a draga primeiro desceu.

«Como alguém pode imaginar a emoção que senti quando cinco homens montaram a draga, que estendia suas garras sobre a água negra, e foi brevemente suspensa no meio daquele buraco escuro, depois deslizou em direção às águas calmas.

»Depois de alguns minutos de espera, para dar tempo aos ganchos para morder a lama no fundo, os trabalhadores manobraram as polias e os cabos de aço foram tensionados pelo peso da carga que estava subindo.

»A água, até então esverdeada como os espelhos de obsidiana usados pelos incas, começou a borbulhar quando a cesta da draga, cujos ganchos limpos pingavam água limpa, subia lenta, mas continuamente, até a beira do poço. Um giro da alavanca e a draga jogaram uma pilha de marrom escuro sem forma, madeira podre, folhagem, galhos quebrados e escova semelhante na plataforma de passar. Então ela voltou e estava mais uma vez em posição de procurar outra carga ... Certa vez, ela trouxe o tronco de uma árvore tão bem preservada que parecia que uma tempestade o jogara no poço no dia anterior. Isso aconteceu no sábado. Na segunda-feira seguinte, o tronco se desfez e, entre a pilha de pedras onde a draga o depositara, restavam apenas algumas fibras de madeira, cercadas por uma mancha escura que parecia ácido pirolênico - o espírito da madeira. Em outra ocasião, o esqueleto de uma onça-pintada saiu e em outra, o de um cervo, como testemunha silenciosa de uma tragédia selvagem.

"Dia após dia, o trabalho continuava sem que nada de novo acontecesse: a draga extraía lodo, pedras e galhos, um esqueleto de animal se afogou ao se aproximar dali, farejando na estação seca. O sol queimou todos os detritos rapidamente, e a fonte emanou um fedor fedorento de lodo removido e a lama se acumulando na beira do poço.

"Então, continuamos o trabalho por vários dias. Eu estava começando a ficar nervoso durante o dia e à noite não conseguia adormecer. Será possível, eu me perguntava, que eu era capaz de causar tanto desperdício aos meus amigos e depois me expor ao ridículo e demonstrar que aqueles que sempre alegaram que essas tradições não passam de contos fantásticos, sem nenhuma base real, estavam certos?

Mas chegou o dia em que dois pedaços de um objeto estranho, amarelado-esbranquiçado e pegajoso como resina, caíram nas mãos de Thompson. Thompson os encontrou quando estava removendo o lodo que a máquina acabara de carregar. Ele os cheirou e até provou. Então ele teve a idéia de aproximar a substância resinosa do fogo e observou que ela imediatamente expandia um perfume impressionante. Thompson pegou um pedaço do incenso usado pelos maias, a resina que queimaram nos rituais de sacrifício, do poço.

Essa era a prova de que Thompson estava no caminho certo? Ele reuniu imensos montes de lama e havia apenas dois pedaços de incenso; Ninguém consideraria isso como um teste, mas para Thompson tinha o maior valor, revivia sua fantasia. "Naquela noite, pela primeira vez em semanas, dormi profundamente e profundamente."

Ele estava certo, porque então um objeto após o outro começou a sair à luz do dia, e tudo o que ele esperava. Instrumentos, jóias, vasos, pontas de lança, facas de obsidiana e pratos de jade. E, finalmente, o primeiro esqueleto de uma jovem mulher.

Diego de Landa estava certo.

Antes de Thompson empreender a "parte mais fascinante dessa aventura mal-assombrada", ele descobriu o fundo real de uma tradição antiga. O bispo de Landa havia apontado o caminho para a fonte. Don Diego Sarmiento de Figueroa, prefeito de Valladolid no ano de 1579, falou-lhe do rito de sacrifício naquela fonte. Aqui está o relato que Thompson julgou a princípio sombrio e incompreensível: Após sessenta dias de jejum e abstinência, a nobreza e os ricos do país tinham o

hábito de se aproximar da boca daquela fonte ao amanhecer e de correr para o fundo das águas escuras de algumas mulheres indianas que lhes pertenciam como escravas. Ao mesmo tempo, pediram-lhes, uma vez abaixo, que implorassem ao dono um ano favorável, como convém a seus desejos. Essas mulheres foram jogadas sem amarrar e caíram na água com muita violência e barulho. No final da tarde, aqueles que ainda não haviam se afogado gritaram e cordas foram puxadas para removê-las. Uma vez lá fora, embora meio morto de frio e medo, fogueiras foram colocadas ao redor dele, queimando resina de copal. Quando recuperaram os sentidos, disseram que no fundo havia muitas pessoas da cidade, homens e mulheres, e que haviam sido recebidos por eles; que, quando tentaram erguer a cabeça para olhá-los, sentiram um golpe e, quando se inclinaram, viram muitas alturas e profundidades debaixo d'água, enquanto todas essas pessoas responderam às perguntas feitas se seu dono teria um ano bom ou ruim ".

Tal narrativa, que parecia uma fábula, deu a Thompson, que sempre buscou o pano de fundo histórico de qualquer lenda, muitas dores de cabeça. Um dia, ele estava meditando sentado no barco plano destinado às manobras do mergulhador e flutuando na água calma, a dezoito metros ou mais do guindaste que, amarrado a uma enorme rocha, pairava sobre a água. De repente, ele viu algo que o abalou.

Era a chave para a história do que as mulheres viam, de acordo com a velha lenda.

“A água na fonte sagrada de sacrifícios é de cor escura e muito nublada; às vezes, sua cor muda de marrom escuro para verde jade e até vermelho sangue, como explicarei. E é tão nublado que reflete a luz como um espelho.

"Olhando de lá, sob a superfície da água, você podia ver" grandes profundezas e muitas alturas ", que na verdade eram um reflexo das

alturas e saliências das rochas que eu tinha naquela época. Quando recuperaram os sentidos, como disseram as mulheres, viram no fundo muitas pessoas da cidade, que responderam suas perguntas.

Quando continuei olhando, vi, de fato, muitas pessoas da cidade que também me responderam. Eles eram as cabeças e parte do corpo dos meus trabalhadores que estavam curvados sobre o meio-fio do poço, e dali vigiavam meu barco. Ele não apenas os viu, mas ouviu o eco suave da conversa, que ele não conseguia entender, porque as cavidades do poço davam às vozes um tom estranho e incompreensível, mas com o sotaque do país. Tal incidente me deu uma explicação da lenda antiga ...

Além disso, os povos indígenas do entorno afirmam que a água da fonte sagrada às vezes se transforma em sangue. Descobrimos que a cor verde que a água às vezes apresenta provém de algas microscópicas, enquanto que a cor acastanhada ou avermelhada se deve às folhas murchas e a certas sementes e grãos das flores vermelhas que caem e produzem efeito. , para a superfície da água esse aspecto do sangue coagulado.

"Mencionei essa descoberta para demonstrar por que acredito que todas as tradições lendárias se baseiam, pelo menos parcialmente, em algum evento real e sempre podem ser explicadas por um estudo cuidadoso das circunstâncias".

A parte mais difícil do trabalho ainda estava faltando. Somente depois de ter feito isso, Thompson conseguiu uma vitória que superaria todos os itens acima. O guindaste coletava cada vez menos objetos. Finalmente, ele extraiu apenas algumas pedras. Thompson viu chegar a hora de raspar com as mãos o que os dentes da draga não podiam mais captar das fendas e das fendas. É melhor que nosso arqueólogo fale e conte a si mesmo sobre seus esforços e experiências: “Um mergulhador grego, Nicolas, com quem eu já havia concordado com tudo com antecedência, veio das Bahamas, onde ele morava e estava envolvido

na pesca de esponjas. Ele trouxe seu assistente grego com ele, e juntos fizemos nossos preparativos para a exploração, vamos chamá-lo de submarino.

"Primeiro eles transportaram a bomba pneumática para o navio, que não passava de um pontão sólido; então os dois gregos assumiram o papel de professores e ensinaram toda a equipe selecionada a operar as bombas pneumáticas das quais dependiam nossas vidas e a interpretar e responder aos sinais que lhes eram transmitidos desde o início. Quando eles estavam convencidos de que os homens eram suficientemente educados, nos preparamos para mergulhar. Baixamos nossa cesta da draga para o pontão e vestimos roupas de pano impermeável e grandes capacetes de cobre, providos de olhais de vidro e válvulas pneumáticas perto das orelhas; e no pescoço, correntes de chumbo quase tão pesadas quanto capacetes. Usávamos sapatos de lona impermeáveis com solas grossas de ferro. Com a buzina, a calça e a tábua de salvação, auxiliadas pelo mergulhador grego, desci o primeiro lance de uma escada curta e larga que descia do convés do pontão até a água. Eu fiquei lá por alguns momentos. Um por um, os membros da tripulação que estavam servindo as bombas se aproximaram, meus fiéis meninos indígenas, que gravemente apertaram minha mão, depois voltaram para cima para esperar o sinal. Não foi difícil adivinhar seus pensamentos e emoções. Eles se despediram de mim e não esperavam me ver vivo novamente. Soltei a escada e caí como um pedaço de chumbo, deixando para trás a corrente da qual saíam bolhas de prata.

Durante os primeiros três metros de imersão, os raios de luz mudaram de amarelo para verde e depois para um preto púrpura; então a mais completa escuridão. A pressão, crescente, me causou fortes dores nos ouvidos. Quando soprei o ar e abri as válvulas do capacete, senti um ruído como pt, pt em cada orelha, e a dor parou. Eu tive que repetir isso várias vezes, até estar no fundo. Outra sensação muito estranha chamou minha atenção quando eu caí. Era como se de repente eu perdesse peso, a tal ponto que, quando me inclinei contra uma grande coluna de pedra que caíra das ruínas do túmulo ao lado do poço, tive a

sensação de ser uma bolha de ar e não um homem carregado de chumbo e cobre.

»Também era estranho pensar e perceber que eu era o primeiro ser vivo

Ele alcançou o fundo do poço, pretendendo voltar à superfície vivo novamente. Em pouco tempo, o mergulhador grego desceu e ficou ao meu lado. Tinha um refletor subaquático e um telefone à prova d'água. Mas após um primeiro julgamento, ele teve que içá-los à superfície. O refletor cumpriu sua função em águas transparentes ou ligeiramente nubladas; mas o ambiente em que tínhamos que nos mudar não era água ou lodo, mas algo no meio, também removido pela draga. Uma espécie de caldo impenetrável aos raios de luz. Então fomos forçados a trabalhar em completa escuridão. Mas, depois de alguns instantes, não estávamos mais incomodados, porque os nervos táteis nas pontas dos dedos pareciam ter aprendido a distinguir as coisas não apenas pela forma, mas até imaginávamos distinguir cores. A comunicação tornou a buzina e a linha de vida muito mais fáceis e mais rápidas do que por telefone.

"Outra coisa chamou minha atenção - e eu não conheço nenhum mergulhador que já tenha mencionado: Nicolás e eu descobrimos que, a uma profundidade de dez a oitenta metros, podíamos sentar e, colocando nossos capacetes ao nível do nariz, podíamos falar e entender um ao outro muito bem. Nossas vozes pareciam sombrias e mortas, como se estivessem muito distantes, mas eu podia dar-lhe minhas ordens e ouvi suas respostas muito bem.

»Essa estranha perda de peso experimentada debaixo d'água, até se acostumar, causou incidentes cômicos. Para se deslocar nessas profundezas e se deslocar de um lugar para outro, era necessário enrijecer e dar impulso, descansando um pé no fundo rochoso. Então alguém disparava como um foguete, navegando majestosamente pela lama suja de lama, e às vezes você ia além do que pretendia.

»Ao calcular as medições um pouco volumosas, podemos dizer que a fonte forma uma oval cujo diâmetro mais longo é de cerca de 6 metros. A irregularidade entre o chão da selva e a superfície da água varia de 67 a 80 pés. Onde a superfície da lagoa começou era facilmente determinável; mas onde a água terminava e a lama do fundo começava, não era mais fácil apontar, pois não era percebida uma linha precisa de demarcação. Mas eu estimo a profundidade total entre lama e água em cerca de 65

pés. Cerca de 30 pés em uma camada de lodo grosso o suficiente para suportar os galhos e raízes das árvores. Aqui e ali, havia rochas de formas e tamanhos muito diferentes, mais ou menos como passas em um pudim.

"Podemos imaginar, portanto, como mergulhado na escuridão, entre ondas de lama, examinando as fendas e fendas do fundo áspero de calcário, estávamos procurando tudo o que a draga não tinha sido capaz de extrair. Também não se deve perder de vista que, de tempos em tempos, blocos de pedra desabavam sobre nós, subitamente removidos pela água. Mas apesar de tudo, isso não foi tão terrível quanto parece. É verdade que os blocos pesados caíram quando e como eles queriam, e que não pudemos vê-los ou desviá-los. Mas o perigo não era grande desde que mantivéssemos nossos chifres, nossas calças de ar, nossas linhas de vida e nossos próprios corpos fora das rochas. No momento da queda das massas rochosas, muito antes de a pedra chegar até nós, sentimos a pressão da água que as precedia e nos afastamos. Era como um travesseiro gigantesco sendo lançado gentilmente para nós. Às vezes, ele nos deixava de bruços, com as pernas para cima, ele nos balançava e sacudíamos como uma clara de ovo derramada em um copo de água, até que a agitação se acalmasse e pudéssemos pisar novamente no fundo. Se tivéssemos nos inclinado de forma imprudente contra a rocha, teríamos sido cortados em duas metades, como se por uma tesoura gigantesca, e duas novas vítimas teriam sido mortas ao deus da chuva.

Aqueles que povoam essas terras hoje acreditam que grandes serpentes e seres fabulosos habitam os abismos escuros da primavera sagrada. Se tal crença se baseia em uma lembrança sombria da antiga veneração pelos ofídios, ou melhor, em algo visto pelos olhos deles, é algo que só pode ser suposto. Da minha parte, vi grandes cobras e cobras nadando na água, mas eram répteis que caíram casualmente no poço e tentavam sair dali. Em nenhum lugar da fonte vimos cobras ou outros animais estranhos.

“Nenhum réptil tremendo me atacou durante o mergulho, e ainda assim tive um incidente que merece ser informado. O grego e eu estávamos cavando nossos dedos em uma fenda estreita no fundo, que prometia uma pilhagem tão rica que nos fez esquecer um pouco de nossas precauções habituais. De repente, senti algo sobre mim, algo gigantesco que, com tremenda força, me empurrou escorregadio. Algo suave e viscoso me afundou na lama, sem que eu fosse capaz de evitá-lo. Meu sangue gelou por um momento, então senti o mergulhador grego ao meu lado puxar um objeto e me ajudar até que ele conseguiu me libertar. Era um tronco de árvore podre, separado da costa e que caíra de joelhos quando afundava.

"Outro dia, sentado em uma pedra e olhando para um achado notável, um sino de metal fundido, esqueci de abrir as válvulas pneumáticas. Colocando a descoberta no bolso e pronta para mudar de posição, de repente me senti atirado para cima como uma bolha inflada. Era ridículo, mas também perigoso, pois nessas profundezas o sangue borbulha como champanhe e, se não subir lentamente, permitindo que a pressão do sangue o tempo necessário para se adaptar, pode ocorrer uma embolia fatal. Felizmente, eu estava calmo o suficiente para abrir as válvulas, antes de subir muito alto e, assim, escapar do pior. Mas ainda hoje, por causa dessa imprudência, sofro um ferimento nos tímpanos e surdo.

Mesmo quando eu já tinha aberto as válvulas e estava subindo mais devagar, recebi um golpe na cabeça e, meio atordoado pelo choque, reconheci o fundo do pontão. Imediatamente percebi o que havia

acontecido, e imaginando o medo que meus meninos teriam sentido ao ouvir o impacto da minha cabeça no fundo do barco, ri, emergi e coloquei o braço no convés. Espreitando para fora do meu capacete, senti dois braços agarrarem meu pescoço e olhos excitados olharam para o copo de mergulho. Quando as roupas do mergulhador foram removidas e eu voltei ao meu estado normal, descansando em uma cadeira, enquanto saboreia uma xícara de café quente e apreciava as carícias da luz do sol, o jovem grego me contou a história. Me disse: »" Nossos homens estavam pálidos de terror quando ouviram o golpe contra o fundo do pontão anunciando sua chegada na hora errada. Quando eu lhes disse o que era, eles balançaram a cabeça tristemente e um deles, o velho e fiel Juan Mis, exclamou "Não haverá remédio; o mestre está morto. O deus da serpente o engoliu e depois cuspiu. Nunca mais ouviremos a voz dele." E as lágrimas escorriam, mas quando seu capacete apareceu na água e vimos seus olhos através do vidro, ele gritou de alegria, erguendo os braços acima da cabeça: 'Graças a Deus, ele ainda vive e ri. '. "

»Em relação aos resultados de nossos mergulhos e à busca com a dragagem no grande lago, a primeira e mais importante coisa que conseguimos demonstrar foi que as tradições sobre a fonte sagrada são autênticas em suas características essenciais. Encontramos um grande número de figuras esculpidas em jade e cobertas com placas de ouro e cobre, lascas de copal e incenso, muitos restos de esqueletos, lanças e um grande número de lanças lindamente trabalhadas, tanto de sílex quanto de obsidiana, e alguns restos de tecidos antigos, todos eles tinham grande valor arqueológico. Entre tudo isso, havia peças de ouro puro, fundidas, batidas e gravadas ...

Mas a maioria dos chamados objetos de ouro eram ligas de nível secundário, com mais cobre que ouro. O valor fundamental estava nos sinais simbólicos que eles exibiam, moldavam ou gravavam. A maioria das peças que apareceram eram fragmentos. Provavelmente eram ofertas que no ato ritual foram quebradas pelos sacerdotes, antes de jogá-las na fonte. E os golpes que eles deram para quebrá-los sempre pareciam ser executados de tal maneira que os traços gravados de

cabeças ou rostos não eram destruídos, mantendo assim todo o seu caráter nas figuras representadas em jade ou em discos de ouro ".

Há razões para supor que esses pingentes de jade, esses discos de ouro e outros ornamentos de metal ou pedras preciosas, uma vez quebrados, foram considerados mortos. Sabe-se que as raças antigas e mais civilizadas da América acreditavam - assim como seus troncos étnicos do norte da Ásia e até hoje os mongóis - que jade e outros objetos de uso sagrado eram animados. Então eles rasgaram ou "mataram" esses ornamentos para que os espíritos das vítimas, quando finalmente aparecessem diante de Hunal Hu, o deus supremo do céu, pudessem adorná-lo adequadamente.

Quando os primeiros relatos de Thompson sobre suas descobertas na fonte sagrada apareceram, o mundo seguiu com grande curiosidade. As condições em que os resultados foram alcançados eram extraordinárias e o tesouro que podia ser extraído da fonte coberta de lodo era muito abundante. Comparado ao seu valor histórico e artístico, seu valor material era menos importante, embora não fosse desprezível.

Thompson diz o seguinte:

“O valor do ouro dos objetos que com tanto trabalho e a um custo tão alto foram resgatados da fonte sagrada é, é claro, insignificante. Mas o valor das coisas é sempre relativo. O historiador que penetra nos arcanos do passado o faz pela mesma razão que leva o engenheiro a perfurar a terra: garantir, criar o futuro. Pensemos que muitos desses objetos de valor simbólico gravaram em suas idéias e preceitos superficiais que retrocedem, com o tempo, o alvorecer da cultura desta cidade, em outro país distante, localizado além dos mares. Colaborar na empresa de verificar tal tese vale bem o trabalho de uma vida. ”

Apesar das palavras de Thompson, o tesouro de Chichen Itzá foi um achado arqueológico que só foi superado materialmente em nosso século pelo tesouro de Tutankhamon. Mas o ouro do faraó havia sido depositado em torno da múmia de um corpo que havia morrido

pacificamente, enquanto o ouro do cenote estava ao lado dos esqueletos das donzelas que, vítimas de um deus cruel e ainda mais sacerdotes cruéis, eles foram jogados nessas águas profundas acompanhados de gritos rituais. Entre os numerosos crânios de meninas, há apenas um homem, um crânio com protuberâncias muito proeminentes sobre os olhos, o crânio de um homem velho ... de um padre? Alguma das moças foi capaz de arrastar um de seus carrascos para o abismo?

Quando Thompson morreu em 1935, ele não podia sentir sua vida desperdiçada, embora, como ele próprio escreve, tenha consumido suas energias na exploração dos restos da civilização maia. Nos seus vinte e quatro anos como cônsul em Yucatan, e em quase cinquenta anos passados cavando, ele raramente entrava em seu escritório. Ele viajou pela selva e morou com os índios; e temos que interpretar isso literalmente, porque ele comeu sua bebida, dormiu em suas cabanas e falou a língua deles. Uma picada de cobra paralisou sua perna, e o cansaço que ele passou na primavera sagrada o deixou com um incômodo contínuo nos ouvidos; mas ele não deu importância a tudo isso. Seu trabalho mostra todos os sintomas de um entusiasmo freqüentemente exagerado em suas primeiras histórias, suas conclusões são muitas vezes falsas. Em uma ocasião, ele encontrou vários túmulos em uma pirâmide, um em cima do outro e, sob a base da pirâmide, mais tarde descobriu o túmulo principal; Bem, ele acreditava que havia descoberto a última morada de Kukulkán, o educador antigo e lendário do povo maia.

Outra vez, ele encontrou algumas jóias de jade em um lugar muito distante no Yucatán, e isso fez com que nosso pesquisador voltasse à teoria da Atlântida, que era tão cara em seus primeiros anos de vida. Mas esse entusiasmo é indubitavelmente necessário para realizar todos os empreendimentos importantes?

Não é o entusiasmo que mata dúvidas e hesitações paralisantes?

Desde então, muitas escavações foram feitas em Yucatan, Chiapas e Guatemala. Recentemente, o avião foi usado até para a exploração na selva. O coronel Charles Lindbergh, o vencedor do oceano, foi o primeiro a ver de perto um país que já era antigo quando Cortés o descobriu como um novo mundo. Em 1930, PC Madeiro e JA Masón também sobrevoaram o vasto mar das selvas da América Central. De lá, fotografaram e mapearam as antigas ilhotas da cultura maia, até então desconhecidas.

Nos últimos tempos, em 1947, foi organizada uma expedição a Bonampak, em Chiapas. Parece que uma descoberta nova e digna foi adicionada às já abundantes e ricas descobertas anteriores. A expedição foi paga pela United Fruit Company e toda a parte científica ficou a cargo da Carnegie Institution de Washington. Este órgão, juntamente com o Smithsonian Institut em Washington, tem em seu crédito os maiores méritos relacionados à exploração da civilização maia. Este Instituto desenvolve suas atividades com o interesse de uma fundação que o inglês James Smithson disponibilizou, cerca de cem anos atrás, disponível para os Estados Unidos para fins de pesquisa, e foi dirigida por Giles Greville Healey. Bem, em pouco tempo ele conseguiu descobrir onze ricos templos do Antigo Império que se acreditava terem sido construídos em épocas anteriores à emigração. Três estelas magníficas foram encontradas; um deles - o segundo - do tamanho que nunca havia sido visto, pois mede cerca de seis metros de altura e é todo esculpido com figuras. Mas a maravilha que Healey descobriu na selva eram pinturas nas paredes. Os procedimentos técnicos revelaram as cores encarnadas, amarelo, ocre, verde e azul, uma vez brilhantes; e incluíam guerreiros, reis e sacerdotes vestidos com ricas roupas cerimoniais. Telas semelhantes foram encontradas apenas até agora em Chichen Itzá, no Templo dos Guerreiros.

Mas mais do que em qualquer outro lugar, ele cavou a si mesmo em Chichen Itzá, a metrópole de toda essa civilização. A imagem apresentada hoje para o espectador é completamente diferente daquela que Thompson viu naquela memorável noite de lua cheia. Hoje, as ruínas estão limpas, todas bem preservadas em uma praça clara. Os

turistas podem chegar de carro em estradas livres, onde antes só com o golpe de um facão alguém poderia atravessar. Assim, é fácil contemplar o Templo dos Guerreiros, com suas colunas e suas escadas que levam à grande pirâmide, e o chamado observatório, uma rotatória cujas janelas são esculpidas de tal maneira que orientam o olhar para esta ou aquela estrela; ande pelos grandes frontões, o maior dos quais tem cento e sessenta metros de comprimento por quarenta de largura, e onde a juventude de ouro dos maias se divertia com um jogo que não para de se parecer com o handebol; e finalmente chega em frente ao "castelo", a maior das pirâmides. Em nove patamares altos, são erguidas filas de degraus que levam ao templo de Kukulkán, a "serpente emplumada".

A contemplação daqueles rostos terríveis, aquelas cabeças horríveis de serpentes, os rostos dos deuses e das onças atordoa; e alguém gostaria de penetrar no segredo de tais ornamentos e hieróglifos. Desse modo, seria entendido que não há um único sinal, nem uma imagem, nem uma escultura que não esteja relacionada a um número astronômico. Duas cruzes nas sobrancelhas da cabeça de uma cobra, uma garra de onça no ouvido do deus Kukulkan, a forma de uma porta, o número de "gotas de orvalho", constituem o leitmotivo decorativo sempre repetido das escadas; tudo isso expressa, por difíceis concordâncias, o número e o tempo. Mas em nenhum lugar o número e o tempo estão associados a esse terror em expressão. O romancista inglês Graham Greene, inimigo de todas as ruínas, há uma década, quando viajava pelo México e pelo Iucatão, escreveu: "Aqui, a heresia não consistia em uma confusão perturbadora de sentimentos -

como, por exemplo, o maniqueísmo -, mas em um erro de cálculo ... Espera-se encontrar nas lajes do grande pátio - ele escreve sobre Teotihuacán, mas tal afirmação é aplicável a todos os templos - um quod foi demonstrandum, algo como a soma exata do número de pirâmides , multiplicado pelo número de terraços e depois pelo número de degraus de cada terraço, e tudo isso dividido pela área total, nos dá um resultado tão desumano quanto uma tabela de logaritmos. » E o visitante, ao observar que essa gelidez é um verdadeiro mundo infernal, busca a vida: qualquer coisa, uma planta, e por isso ele contempla todo

esse mundo suntuoso de imagens e ornamentos maias, o trabalho de um povo que viveu de milho e encontrou cercado por uma flora exuberante. Bem, esse mundo de imagens raramente oferece a representação de algo vegetal. Apenas algumas das inúmeras flores aparecem, e nenhuma dessas oitocentas variedades de cactos. Recentemente, acredita-se ter identificado um motivo floral quintipartido como uma estilização da flor do ombax aquaticum, um arbusto que cresce em pântanos. Embora seja verdade, isso não significa muito em comparação com a falta de qualquer outra decoração como motivo do vegetal. Até as colunas, que em quase todo o mundo se originam do tronco das árvores, nos maias são corpos de serpentes na vertical ou viscosidades flamejantes.

Em frente ao templo dos guerreiros, há duas dessas colunas de serpentes. Eles afundam a cabeça com chifres no chão, com as bocas monstruosamente abertas e inclinando o corpo para trás, e para cima, enquanto seguram o teto do templo com as caudas. Em frente a essas cobras e ao Templo dos Guerreiros, e em frente à maioria dos edifícios maias de Chichen Itzá, os pesquisadores estão convencidos de que essa é uma arte própria que é notavelmente diferente da de Copan e Palenque, da de Piedras Negras. , e do Uaxactún. E não apenas a arte de um Novo Império se distingue do Antigo, ao qual ele deve sua origem. Estudou estilos e examinou e comparou, aqui uma linha, um ornamento, a capa de um deus ou um sinal aparentemente inerte, intercalados nas figuras, concluíram que mãos estrangeiras haviam intervindo ali e que havia idéias estranhos, conhecimentos e experiências de vida coletados em outros lugares.

Mas de onde poderiam surgir essas idéias e experiências estranhas? Quem os levará a esses lugares? Os pesquisadores voltaram os olhos para o México, mas não para o Império dos Astecas, muito menos antigo que o dos Maias, mas para edifícios que já eram antigos quando os astecas invadiram o México.

E não havia a menor indicação histórica, nem mesmo um guia, como Diego de Landa era, para entender o fato surpreendente de que a

cultura vigorosa dos maias havia cedido a uma influência estrangeira? Não havia ninguém para fazer pelo menos uma alusão à cidade misteriosa daqueles edifícios monumentais?

Havia, sim, e isso era conhecido há muito tempo. Mas isso nunca foi levado a sério. Ele era nada menos que um príncipe asteca, o príncipe Ixtlilxóchitl, um personagem incrível.

Capítulo XXXIII

E SCALINATAS ABRANGIDAS PELA ERVA E LAVA

Cerca de cem anos atrás, William Prescott disse o seguinte sobre o príncipe Ixtlilxóchitl:

«Ele era um descendente da família real Tezkukaní, que se destacou no século da conquista. Ele se aproveitava de qualquer ocasião para se educar e era um homem de grande aplicação e habilidade. O relato escrito por ele mostra o colorido brilhante de uma figura histórica, de um homem determinado a reviver a glória desaparecida de uma casa ilustre que caiu, afundada quase entre os escombros; todos elogiaram sua sinceridade e lealdade, e os escritores espanhóis que puderam estudar seus manuscritos foram guiados por ele sem desconfiança ".

De uma maneira muito diferente, o mundo científico julgou esse príncipe nos anos seguintes a Prescott. O "século da crítica às fontes" viu nele um contador de histórias romântico, uma espécie de data épica, e olhou para ele com algum entendimento e benevolência ao ler em seu relato eventos sublimes de seu povo, mas não se acreditava nele. Nenhuma palavra. Na verdade, foi incrível e até incrível o que contava. Apenas dois pesquisadores do México, certamente os mais importantes, os alemães Eduard Seler e Walter Lehmann, começaram a acreditar muito tarde que essas histórias tinham um histórico.

Muitas vezes, na história da arqueologia, encontramos breves períodos em que, devido a uma série de novos fatos descobertos, uma pintura histórica alcançada com a

maior dificuldade corre o risco de ser totalmente desfigurada. E também muitas vezes pudemos observar como essa desfiguração foi evitada com um certo medo, e até não percebemos novos fatos, e eles não foram estudados com a devida atenção para não prejudicar o que já estava estabelecido como firme. Pequeno truque com o qual a ciência se protege, porque as descobertas arqueológicas precisam de seu tempo para serem digeridas; e em virtude disso, os investigadores cercaram os prédios antigos e as ruínas do México com uma cerca proibida, como se a lava que os cobria pela metade ainda fosse uma massa em chamas. A verdade é que não era possível ordenar os edifícios em cuja sombra os astecas tinham vivido dentro da imagem desenhada pelas descobertas e explorações da região maia. E se alguém os via por acaso - já que ninguém os procurava intencionalmente - eles os evitavam com cuidado. As observações - por exemplo, de Prescott - escritas cerca de cem anos atrás sobre Teotihuacán, a cidade em ruínas, onde Cortés teve que passar a noite quando fugia na "noite triste", normalmente não podiam ser evitadas. Bem, essa tática de evitá-los foi seguida incansavelmente por quase todos os exploradores até o final do século, e essas ruínas antigas apenas sugeriam alusões tímidas a muitos pontos de interrogação. Até que, de repente, uma após a outra, novas descobertas se sucederam. Nas últimas três décadas, tudo o que poderia ter sido dito há muito tempo chegou a uma concentração repentina; pois o surpreendente era que, para chegar a essas pirâmides, não era necessário equipar uma expedição, nem atravessar a selva com o facão, nem lutar com febre, nem contra animais perigosos ou vegetação hostil. Ele foi até eles - é incrível! - de trem; ou uma boa tarde de domingo, a pé, em uma agradável caminhada. Porque alguns desses testemunhos extraordinários da cultura da América pré-colombiana não ficavam a mais de uma hora da capital do México por via férrea, e alguns deles até residiam nos arredores da cidade.

Ixtlilxóchitl era um príncipe convertido ao cristianismo, um amigo dos espanhóis, altamente educado e possuidor de amplo conhecimento dos sacerdotes. Após o tempo das guerras, ele se dedicou a compilar a

história de seu povo. Seu guia era tradição, e sua história - na qual ninguém queria acreditar - parte das trevas da era primitiva com a fundação da cidade de Tula - ou Toltan, hoje, no Estado de Hidalgo - pelos toltecas.

Faz história dos grandes feitos desta cidade que conheciam a escrita, os números, o calendário e elevaram templos e palácios. Os toltecas não apenas governavam como príncipes em Tula, mas eram muito sábios, e as leis que aprovavam eram justas para todos. Sua religião era benevolente e livre das crueldades que surgiram mais tarde. Ele diz que seu principado, que durou cerca de cinco séculos, passou por fomes, guerras civis e brigas dinásticas, até que outra cidade, os Chichimecas, ocupou o país.

Os toltecas sobreviventes migraram e se estabeleceram primeiro em Tabasco e depois em Yucatán.

Mas quando tudo isso aconteceu? Existem algumas datas - veja cronologia -, mas não queremos mencioná-las, pois elas são imprecisas. Na descrição das descobertas da era pré-asteca - e o mesmo acontece na era pré-maia - não concedemos nenhuma garantia, já que existem tantas datas quanto existem pesquisadores no México, e hoje atingimos um número muito respeitável.

Um francês foi o primeiro a confirmar as histórias de Ixtlilxóchitl, por uma descoberta; apesar de não ter conseguido dar fé à história do historiador indiano. Nenhum arqueólogo acreditava na existência de Tula, citada pelo príncipe, uma cidade que foi comparada ao fabuloso Tule, de que tais coisas concretas foram ditas. Mesmo a existência real da cidade de Tula, ao norte da capital do México, não significou um ponto de partida para os pesquisadores, pois nos arredores não havia ruína que confirmasse as lendárias indicações do príncipe historiador. Quando o francês Désiré Charnay, nos anos oitenta do século passado, começou a escavar em uma pirâmide perto desta Tula de Allende - mais como um caçador de tesouros do que como um pesquisador sério - a arqueologia não deduziu consequências de seu trabalho.

Foi durante a última guerra, nos anos em que metade do mundo insistiu em destruir e enterrar ainda mais a cultura, quando um grupo de pesquisadores mexicanos começou a cavar seu próprio solo em busca das esculturas passadas de seu território.

Em 1940, arqueólogos de todo o mundo tiveram que concordar com o príncipe indiano, assim como Homer quando escavou Schliemann, ou com a Bíblia, graças às descobertas de Layard. Os investigadores incrédulos tiveram que se render às evidências de uma antiga Tula, capital dos toltecas, quando as pirâmides do Sol e da Lua apareceram, como testemunhos inquestionáveis.

Egon Erwin Kisch, um dos jornalistas mais ágeis do mundo, um emigrante alemão que viveu alguns anos no México, foi o primeiro a relatar a Pirâmide da Lua. Seduzido pela magia dos mundos que ressurgiram, ele observa: «À medida que o repórter e a pirâmide conversam, as características pronunciadas do rosto de um índio aparecem na plataforma superior. É Ixtlilxóchitl, que surgiu pessoalmente da terra como a pirâmide, reivindica sua honra científica após uma sentença e exílio de quase quatrocentos anos ».

Um após o outro, como em uma caixa de surpresas, culturas após culturas aparecem, e assim surge o lendário tolteca, afogado e enterrado pelos astecas.

Como justificar tal anomalia? Os habitantes da capital do México viveram centenas de anos ao lado desses monumentos. Passaram por ele quando saíram para trabalhar nos campos e descansaram na sombra dele nas horas de descanso sem se interessar por eles; no entanto, para seu deleite, tomaram uma dose de pulque, aquele aguardente de pita muito forte, que os toltecas já conheciam.

Apenas abrindo os olhos, a pirâmide lhes teria sido revelada. Mas este século foi um dos achados mais impressionantes.

A noroeste da capital, os arqueólogos escavaram a pirâmide de serpentes já em 1925, verificando que não era um monumento único, mas uma construção original na forma de uma enorme cebola de pedra, na qual foi deixada. sobrepondo uma camada à outra. Dos calendários indígenas, deduziu-se que, provavelmente, a cada cinquenta e dois anos se realizava a construção de uma nova camada, de tal maneira que somente nessa época ele trabalhava há mais de quatrocentos anos. Para encontrar algo análogo a isso, precisamos pensar na construção de catedrais na Europa Ocidental.

No subsolo da Cidade do México, foram procurados os restos do grande teocalli que Cortés havia destruído completamente e, de fato, as fundações de pedra foram encontradas. Pesquisadores constantemente iam e vinham repetidamente a San Juan de Teotihuacán, hoje o nome dado a esta cidade localizada a cinquenta quilômetros da capital federal, ao maior campo de pirâmides, ao maior testemunho da antiga civilização tolteca. , a cidade santa das orações - esse é o significado do nome. Devemos ressaltar que, na antiga língua asteca, theo significa deus o mesmo que no grego, mas vamos esclarecer ao mesmo tempo que essas analogias fonéticas casuais não provam nada. Esta área de ruínas se estende não menos do que uma área de dezessete quilômetros quadrados, dos quais até agora apenas uma parte bastante pequena foi descoberta e estudada, pois essa cidade provavelmente estava coberta por camadas de terra com vários metros de espessura por os próprios habitantes antes de empreender a fuga, a proteção funciona tão gigantesca quanto a própria cidade, uma vez que as pirâmides mais altas, com suas escadarias características, atingem até sessenta metros de altura. Arqueólogos posteriores exploraram as províncias e Eduard Seler foi o primeiro a descobrir a pirâmide fortificada de Xochicalco, oitenta quilômetros ao sul da capital. Eles também cavaram em Cholula. Onde Cortés certa vez cometeu uma de suas traições mais vergonhosas, e dentro da pirâmide maior - que antes cobria um espaço maior que a pirâmide de Quéops - os arqueólogos descobriram um labirinto de galerias que se estendiam por quilômetros e quilômetros. quilômetros e foi mais ao sul. Em 1931, o mexicano Alfonso Caso escavou, a pedido de seu governo, Monte Albán, perto de

Oaxaca, encontrando algo que seus antecessores provavelmente nunca teriam suspeitado, embora certamente não parassem de pensar nisso: o tesouro de Monte Albán. Bem, de fato, ele encontrou um tesouro; mas novamente deixemos a palavra aqui para Egon Erwin Kisch, que o relacionará melhor do que ninguém: Existe algum outro ponto na terra, ele se perguntou, mais envolto em tanta escuridão sobre o seu passado e não dando a menor resposta às nossas perguntas ansiosas?

O que pesará mais sobre nós: o feitiço ou a confusão?

E como ele queria descobrir onde residia esse mistério, ele argumentou:

"É talvez neste complexo espacial, cujo contorno nos leva ao infinito, ou talvez nas mesmas pirâmides que se assemelham a escadas nobres estendidas em direção às moradas do céu? Ou no pátio do templo que vemos em nossa imaginação cheio de milhares e milhares de indianos dedicados a seus rituais violentos? Ou no grande observatório, cuja torre de vigia forma azimute com o meridiano? Ou no estádio de tais proporções, com suas cento e vinte filas de assentos, que não é superado por nenhum outro construído até o século XX na Europa desde os anos brilhantes da antiguidade romana? Ou no sistema de organizar centenas de tumbas, de modo que a terra não seja toda convertida em um ossário, ou seja, organizando as sepulturas de uma maneira que não atrapalhe a colocação da outra? Ou nos mosaicos coloridos, os afrescos com suas figuras, cenas, símbolos e hieróglifos? Ou naqueles vasos de barro, aqueles vasos de sacrifício, de formas elegantes e nobres, ou naquelas urnas com linhas perfeitamente retas com os quatro pés, dentro de cada um dos quais um sino pede ajuda quando alguém criminoso quer levá-la embora? Ou talvez seja nas joias do tesouro de Monte Albán que na Exposição Universal de Nova York eles deixaram todos os outros objetos de ouro antigo e moderno pálidos? Mas apenas uma pequena parte desse tesouro brilha em uma vitrine do Museu Nacional do México.

"Ninguém acreditaria que os selvagens pudessem polir o cristal de rocha com tanta perfeição técnica que conseguiram fazer colares de

vinte fileiras com 854 peças cinzeladas de ouro e gemas matematicamente iguais". Um dos broches mostrava um cavaleiro da morte, pois Lucas Cranach não teria melhorado; fivelas de liga semelhantes às da liga inglesa; brincos que parecem feitos de lágrimas e espinhos; uma tiara digna de um papa; berços trançados para decorar as unhas; pulseiras e anéis com ornamentos de figuras deformadas, broches para capas e alfinetes de jade, turquesa, pérolas, âmbar, coral, obsidiana, dentes de onça, ossos e conchas. Em uma máscara de ouro, um troféu que consiste em um fragmento de pele humana é visível nas bochechas e no nariz. Uma caixa de rapé com melancia e folhas de ouro; fãs feitos com penas de pássaros quetzal. Uma coleção tão luxuosa e jóias tão fabulosas quanto aquelas que muitos desses índios ainda usavam na sepultura nunca foram de propriedade de uma imperatriz bizantina, nem da esposa de um marajá, nem de um bilionário americano ".

Com toda a honestidade, confessamos que, por enquanto, sabemos muito pouco sobre esse povo pré-asteca. Menos que nada: sabemos muitas coisas falsas. México e Yucatán são regiões de selva; e nisso o arqueólogo se perde quando tenta uma explicação. Do que se tem certeza, então?

O que realmente pode ser dito, com certeza, é o seguinte: A cultura dos três povos está intimamente relacionada. Todas as três construíram pirâmides cujos degraus levavam aos deuses, ao Sol e à Lua. Estes, como sabemos, são organizados de acordo com critérios astronômicos e foram construídos por imposição do calendário. O

americano Ricketson Jr. foi o primeiro a demonstrar isso, em 1928, com base em uma pirâmide maia em Uaxactún; mas hoje temos outro teste mais recente, o de Chichen Itzá, e muitos outros mais remotos, em Monte Albán. Todos esses povos viviam sob a espada de Dâmocles em seus ciclos de calendário; eles pensaram que toda vez, depois de cinquenta e dois anos, o mundo entraria em colapso. Com tanto medo,

nasceu o poder dos sacerdotes, pois somente eles eram capazes de conjurar o sempre iminente infortúnio. Os meios que eles usavam se tornaram cada vez mais terríveis, mais cruéis, degenerando nos imensos açougueiros humanos e no festival de Xipe Totee, o deus da terra e da primavera, em um holocausto do qual os padres torturavam outros homens, colocando-se eles são a pele ensanguentada das vítimas quando ainda estavam latejando na agonia de sua agonia.

O relacionamento entre esses povos também se manifesta em seus deuses, que têm o mesmo relacionamento que se observa entre a mitologia grega e romana. Uma das principais divindades, o grande e sábio Quetzalcoatl, vivia, assim como Kukumatz, na Guatemala, e Kukulkán, em Yucatán. Sua imagem - a serpente emplumada - é encontrada em monumentos antigos e recentes. Até os costumes dos povos da América Central eram semelhantes; e suas línguas, embora muito numerosas, todas elas podem ser agrupadas - se nos limitarmos a povos de alta cultura - em duas grandes famílias linguísticas.

Uma vez apontado esse parentesco interno - para alcançar o que foi necessário reunir material enorme nos últimos anos - surge o problema de relacionamentos, correntes, ou seja, sua história. E, neste ponto - pelo menos no que diz respeito aos tempos antigos -, nos movemos completamente no escuro, apesar dos excelentes resultados das investigações, que se vieram a estabelecer uma correlação exata do calendário maia com o nosso, eles sempre não têm um ponto de partida, o eixo central.

Transbordando o local da selva onde estão as pirâmides e os palácios, descobrimos monumentos, isto é, arqueologia; mas ainda não encontramos períodos ou datas, isto é, história. Podemos arriscar teorias, mas encontramos pouquíssimos fatos.

Alguns pesquisadores, com base em muitas indicações, acreditam que a construção das grandes pirâmides pelos toltecas ocorreu no quarto século de nossa era.

Listamos algumas dessas pirâmides erguidas de Tula a Monte Albán. Mas há uma sobre a qual ainda não conversamos. É aquele localizado no extremo sul da Cidade do México, em uma colina com cerca de sete metros de altura e com o nome da pirâmide de Cuicuilco. Erguidos em uma paisagem lunar abrupta, os vulcões de Ajusco e Xitli, ou talvez apenas o último, enterraram esse monumento em uma erupção de lava sem muita ajuda do deus; Ou talvez valesse a pena, já que apenas metade dela estava coberta de lava brilhante e borbulhante. Aqui, os arqueólogos precisavam pedir ajuda aos geólogos. Quanto tempo essa lava surgiu ?, perguntaram eles. E os geólogos, sem supor que a resposta deles provocaria uma verdadeira revolução na visão histórica do mundo, responderam como se fosse assim: oito mil anos!

Hoje sabemos que essa resposta estava incorreta. Os métodos geológicos são insuficientes quando se trata de determinar períodos de tempo relativamente "curtos". (A geologia conta centenas de milhares ou milhões de anos.)

Que os povos americanos descendem das tribos mongóis que chegaram à América há vinte ou trinta mil anos atrás, atravessando a Sibéria e o Alasca através de um istmo que agora está cortado ou navegando, é algo que supomos hoje com maior segurança. Mas não sabemos de onde vieram os criadores da cultura Teotihuacan, nem os toltecas, nem como esses grupos de povos entre o Alasca e o Panamá foram capazes de adquirir as primeiras idéias básicas de toda a cultura.

Nem sabemos se foi realmente um povo tolteca que criou esses monumentos. Para qual papel, por exemplo, os zapotecas ou os olmecas desempenharam, dos quais encontramos vestígios em muitas partes do México? Se agora supormos que os precursores das culturas maia e asteca são os toltecas - mais recentemente a ciência distingue a civilização tolteca da de Teotihuacán - devemos confessar que, por enquanto, só temos uma denominação para os criadores. de todas as culturas da América Central. Talvez a palavra "tolteca" não significasse, afinal, nada além de "construtores"!

Mas talvez possamos nos dar ao luxo de fazer uma comparação deste mundo com o antigo, como o explorador alemão Theodor-Wilhelm Danzel fez em uma de suas obras no México, para colocar alguma ordem em nossa visão dos três grandes impérios da América Central: "Às vezes, para caracterizar a cultura dos astecas e maias, um paralelo foi sugerido com o mundo antigo e os astecas foram comparados aos romanos e os maias aos gregos. Essa comparação como um todo não é totalmente injusta. Os maias, de fato, eram um povo dividido em comunidades separadas e até inimigos entre si, que só se uniram quando foi necessário se opor a um inimigo comum. Embora o papel político desempenhado pelos maias não tenha sido muito importante, eles conseguiram criar excelentes obras de escultura e arquitetura e fizeram notáveis progressos em astronomia e aritmética.

Os astecas, por sua vez, eram um povo guerreiro que construiu seu reino nas ruínas de outra cidade - os toltecas - que não resistiram à violência de seu ataque. Os toltecas, se continuarmos com nosso paralelismo, podem ser comparados com os etruscos ".

Qualquer pessoa que tenha seguido cuidadosamente nosso livro pode fazer outra comparação. Os toltecas, e talvez outras cidades anteriores, por sua capacidade inventiva, lembram em seu papel histórico os sumérios. Os maias, então, se assemelham aos babilônios, que, aproveitando a ingenuidade de outros, sabiam elaborar uma cultura monumental. E os astecas são como os guerreiros assírios, que usam o espírito superior para convertê-lo em poder simples. Após essa comparação, a capital do México foi conquistada pelos espanhóis em seu período mais brilhante; Exatamente o mesmo aconteceu quando os medos conquistaram a capital assíria, a florescente cidade de Nínive.

Mas os dois exemplos não deixam claro o fato quase inconcebível de que os toltecas, quando seu império praticamente entrou em colapso, empreenderam outra emigração que, penetrando no novo império dos maias, deixou suas pegadas na cidade de Chichen Itzá. Isso é incomparável na história antiga. Agora, as coisas aconteceram assim? Talvez fosse tudo muito diferente. De fato, existe uma lenda segundo a

qual tudo aconteceu de maneira diferente. E nela, a irrupção dos espanhóis naquele panorama histórico parece até fixada de antemão, de maneira mítica. Dizem que Quetzalcoatl -

aquele que até agora mencionamos como deus -, vestindo uma longa roupa branca e uma barba grossa, uma vez veio da "terra do sol nascente" e ensinou ao povo todas as ciências, costumes e leis purificados sábio, e criou um império no qual os grãos de milho atingiram a altura de um homem e a fibra de algodão, já colorida, não precisava de corante. Mas, por alguma razão, ele teve que deixar o Império. Com suas leis, suas composições e suas músicas, ficou do mesmo jeito que tinha acontecido. Em Cholula, ele parou para proclamar novamente seu vasto conhecimento. Então chegou ao mar, começou a chorar e se queimou, transformando seu coração na estrela da manhã. Outros dizem que ele embarcou em seu navio e retornou ao seu país de origem. Mas todas as lendas concordam em garantir que ele prometeu voltar.

No decorrer deste livro, vimos com freqüência como toda lenda tem um fundo verdadeiro; é por isso que nos absteremos de considerar também desta vez como uma simples invenção poética o que parece à primeira vista.

Não poderíamos interpretar os vestidos brancos da pele branca e associar essa tonalidade da epiderme à barba de Quetzalcoatl, uma característica totalmente incomum para pessoas com rostos glabrosos como os índios?

Podemos até ver em sua figura - e citamos aqui apenas as opiniões de outras pessoas consideradas absolutamente sérias - a imagem de um missionário estrangeiro de uma cidade distante. Alguns o vêem como um dos primeiros missionários católicos do século VI; outros, até mesmo para São Tomé, o Apóstolo, em pessoa. A lenda do jovem Thompson não será apoiada nessa lenda quando ele afirma que os criadores da cultura do mais antigo Império dos Maias foram habitantes da Atlântida? Nós ignoramos isso.

Só sabemos uma coisa: que os espanhóis, invadindo o México e incorporando a profecia do homem branco com barba, eram considerados "deuses brancos do Oriente"

e esses espanhóis - e deixando de lado todo o orgulho nacional, digamos, aqueles Europeus - obviamente foram tomados como os sucessores de Quetzalcoatl, o definidor da moralidade e da justiça nesses povos.

V. SOBRE OS LIVROS DE HISTÓRIA DA

ARQUEOLOGIA QUE NÃO PODEM SER ESCRITOS AINDA

Se nós, seres humanos, queremos receber uma boa lição de modéstia, não precisamos erguer os olhos para o céu estrelado. Precisamos apenas dar uma olhada nos mundos da cultura que existiam milênios antes de nós, que eram ótimos diante de nós e

que

antes

de

nós

afundavam.

Capítulo XXXIV

N INVESTIGAÇÕES DA UEVAS EM ANÉRIAS I

Aqui estamos no final deste boletim sobre as grandes descobertas arqueológicas, fazendo uma viagem depois de cinco milênios de viagem.

Mas o tópico não está esgotado. Se, apesar disso, terminamos, é porque o comprimento de um livro não pode ser indefinido. No entanto, a seleção que, entre o imenso material das descobertas arqueológicas que oferecemos, responde a uma intenção bem determinada. Não seguimos uma ordem cronológica em nossa exposição das escavações, mas as ordenamos de acordo com o espaço cultural a que se referiam, a fim de esboçar uma imagem de quatro ciclos históricos e culturais fechados que quase surgiram sozinhos de quatro dos mais importantes civilizações importantes criadas pela humanidade. Deve-se ter em mente que entre essas civilizações e sociedades primitivas existe um abismo análogo ao existente entre "história" e existência, entre consciência e instinto, entre a criação de um mundo e a flora que cresce passivamente em torno dele.

Quando, neste capítulo, nos oferecemos para falar sobre os "livros que ainda não podem ser escritos", estamos nos referindo acima de tudo a três civilizações que, em importância, seguem de perto as que descrevemos aqui. É, especificamente, o dos hititas, o dos indus e o dos incas. Nenhuma delas poderia ser escrita como fizemos nos capítulos anteriores, uma vez que essas civilizações ainda não são iluminadas com tanta clareza que a curva vital de seu desenvolvimento é suficientemente precisa e evidente.

Por outro lado, não devemos esquecer que nosso livro tem o subtítulo "romance da arqueologia". Para justificá-lo, escolhemos aquelas civilizações cuja exploração nos

foi realmente oferecida como uma aventura romântica. Dos incas sabemos quase tanto quanto dos maias; mas entre os homens que buscaram a cultura andina, não encontramos nem Stephens nem Thompson. Por outro lado, também é um pouco do que sabemos sobre a história chinesa, mas esse conhecimento, na maioria das vezes, não veio pelo caminho das escavações. Por esse motivo, excluímos os incas e os chineses do escopo de nosso estudo.

Na região hitita e no vale do Indo, escavações sérias e bem-sucedidas vêm ocorrendo há algumas décadas. Será necessário, então, escrever um dia o livro correspondente a essas explorações.

Ainda temos que perceber uma coisa. Mesmo se adicionássemos mais três a nossos quatro livros, não teríamos descrito, de forma alguma, todas as altas civilizações. Para o homem comum de nosso tempo, apenas a antiguidade greco-romana, além da cultura cristã ocidental, significa uma possessão espiritual viva. Já observamos, no entanto, na descrição do povo sumério, que outras culturas muito mais remotas ainda batem nas profundezas de nossa consciência. E o historiador inglês moderno Arnold J. Toynbee considera a história da Humanidade como uma sucessão de pai para filho de vinte e uma civilizações diferentes.

E Toynbee atinge esse número alto porque sua idéia de "civilizações" não é idêntica à de "ciclos de civilizações", mas é sinônimo de "sociedades civilizadas". Assim, por exemplo, Toynbee dissocia no cristianismo ortodoxo oriental uma sociedade bizantina ortodoxa e uma sociedade russa. E separa a civilização japonesa e coreana da chinesa.

A extensa e verdadeiramente gigantesca obra de Toynbee - da qual o historiador DC Somervell publicou uma edição em um volume - tem o modesto título de A Study of History e é sem dúvida a publicação mais importante sobre a história da civilização nos últimos anos. décadas Toynbee destrói definitivamente o esquema histórico, já atacado por Spengler, mas ainda em vigor em nossas escolas, de "desenvolvimento progressivo"

e da divisão, já realmente insustentável, nas eras antiga, média, moderna e contemporânea.

Para dar uma idéia das civilizações com as quais, além das que tentamos dar vida ao nosso livro, o historiador precisa contar hoje, citaremos as listadas por Toynbee: Civilização Ocidental

Civilização Japonês-

Coreano

»

bizantino ortodoxo

»

Minóico

»

ortodoxo russo

»

Sumério

»

Persa

»

Hitita

»

Árabe

»

Babilônico

»

Vale do Indo

»

egípcio

Civilização do Extremo Oriente

Civilização dos Andes

»

dos gregos

»

do México

»

dos sírios

»

do Yucatan

»

Hindustani

»

dos maias

»

China

De fato, se quiséssemos prolongar nossa história, teríamos apenas de seguir outros exploradores. Platão nos fala sobre a cultura submersa da Atlântida. A literatura inspirada por esse reino submerso, cuja existência ainda não foi comprovada, inclui cerca de vinte mil volumes. Entre eles estão muitas obras para as quais a imagem histórica do nosso mundo seria algo absurdo sem a Atlântida. Nem Leo Frobenius, o grande historiador da cultura e explorador da África, ficaria satisfeito com a lista de Toynbee e certamente teria insistido em adicionar algumas "civilizações negras" a ela. Frobenius também sempre opera com o conceito de "civilização da Atlântida". E

quem ousará afirmar que não surgirão novos arqueólogos que trarão à luz novas civilizações que nem sequer suspeitamos hoje? Monumentos solitários e enigmáticos estão espalhados por todo o mundo, como testemunhas isoladas de que ainda não sabemos qual cultura. As mais disputadas são as misteriosas estátuas na Ilha de Páscoa, cerca de 260 estátuas de lava negra. As estátuas não falam, mas o grande número de tábuas de madeira cobertas com um tipo hieroglífico talvez pudesse resolver o enigma. Em 1958, o etnólogo alemão Thomas Barthel publicou um trabalho extraordinariamente agudo: Grundlagen zur Entzifferung der Osterinselschrift ("Base para a decifração da escrita na ilha de Páscoa"), com a interpretação de numerosos sinais. Pouco antes, o pesquisador norueguês Thor Heyerdahl, que em 1947 alcançara fama mundial por ter atravessado o Pacífico de Callao às ilhas Tuamotu a

bordo da balsa Kon-Tiki, como as dos antigos incas, visitou novamente a Ilha de Páscoa . Seu relato da viagem, publicado em 1957, foi amplamente divulgado e despertou grande interesse. Em 1966, apareceu a primeira avaliação científica do trabalho, que constitui uma crítica a ele. O mistério desta escrita agora parece mais profundo do que antes.

A tese dos filólogos de que inscrições em um idioma desconhecido, em um roteiro desconhecido e sem tradução para outro idioma são indecifráveis foi refutada. Já em 1930 o alemão Hans Bauer decifrou, com sorte rápida (em poucas semanas, ele interpretou corretamente dezessete dos trinta sinais que estudara), o ugarítico. O destino

- que, no entanto, sorri apenas para quem se esforça - para encontrar um texto bilíngüe desta vez correspondeu a Helmuth Th. Bossert, que, em 1947, descobriu as inscrições bilíngües em relevo a Karatepe, na atual Turquia, com que poderia ser decifrado da linguagem hitita na escrita hieroglífica, um esforço no qual três gerações de pesquisadores haviam trabalhado em vão.

Mas o maior sucesso do nosso século em termos de decifração corresponde a alguém de fora da especialidade. Após cinquenta anos de busca fútil em todos os países, o jovem arquiteto inglês Michael Ventris decifrou, sem qualquer tradução, o script cretense chamado "linear B" e descobriu que era um dialeto grego antigo ((2)

Em nosso século, o número de escavações realizadas, interrompidas apenas por guerras absurdas, continua aumentando de uma década para a outra. Alguns pesquisadores dedicaram suas vidas inteiras a um só lugar, como o francês Claude FA Schaeffer, no antigo porto sírio de Ugarit, o alemão Kurt Bittel em Hattusas, antiga capital dos hititas, onde começou a trabalhar em 1931 e o fez em Atualmente, Sir Mortimer Wheeler - sucessor de Sir John Marshall, que trabalhou em 1922 em Harappa (Índia) -, descobriu uma "cultura do Indus" - cujo centro principal fica em Mohenjo-Daro - completamente desconhecido até então e que ainda era Hoje, ele apresenta inúmeros enigmas, ou o

italiano Amedeo Maiuri, que realizou escavações em Pompéia por mais de quarenta anos (até 1962), apesar do qual não restam mais de três quintos da cidade descobertos até hoje. Neste e em outros lugares, há um processo constante de correção das conclusões alcançadas anteriormente. Assim, o professor americano Blegen, ao escavar a colina de Tróia, verificou que Schliemann e Dörpfeld estavam errados: a tromba de Homero não corresponde ao estrato VI, mas ao VII A (1200-1190 aC).

Alguns outros arqueólogos fizeram descobertas notáveis que fizeram manchetes na imprensa mundial, às vezes por causa de seu significado real, mas frequentemente apenas por causa das circunstâncias sensacionais em que ocorreram. Leonard Woolley, o grande pesquisador de Ur, escavou de 1937 a 1939 e novamente de 1946 em Alalak (Turquia) e em 1947 anunciou ter descoberto a tumba de um rei chamado Yarim-Lim, que viveu quase quatro mil anos atrás. O americano Nelson Glueck culminou sua brilhante carreira como descobridor ao encontrar as "minas do rei Salomão". Em 1949, o mexicano Alberto Ruz descobriu uma tumba real na pirâmide maia de Palenque, negando assim a teoria aparentemente irrefutável de que todas as pirâmides egípcias eram tumbas de faraós e todas as pirâmides mexicanas antigas eram as bases dos templos. E cinco anos depois, o egípcio Zakaria Goneim realizou algo incrível: cavou em Sakkara e encontrou uma pirâmide de degraus cuja existência foi completamente ignorada.

De grande importância científica foi, em 1958, o trabalho impecável de expor uma cidade neolítica em Katal Huyuk, na Turquia - que provavelmente era uma cidade seis mil anos antes de Cristo -, realizada pelo inglês James Mellaart após Kathleen Kenyon fez a descoberta igualmente surpreendente de uma cidade antiga sob as ruínas de Jericó. A idade de ambas as populações ainda está em discussão, assim como o conceito de cidade em tempos tão remotos, uma questão que, entre os estudantes da história da civilização, corresponde mais aos sociólogos do que, a rigor, Os arqueólogos. A escavação mais espetacular dos últimos tempos foi sem dúvida a realizada pelo ex-chefe

do Estado Maior do exército israelense e pelo arqueólogo Yigael Yadin: a descoberta da fortaleza de Massada, no deserto da Judéia, onde Segundo o grande historiador judeu Josefo, novecentos e sessenta guerreiros fanáticos tiraram a vida para não se render aos sitiantes romanos.

Foi uma pura coincidência que levou à que é, sem dúvida, a descoberta arqueológica mais interessante e de maior alcance que ocorreu em todo o Ocidente cristão, uma descoberta que ainda hoje ocupa sábios de todo o mundo. Em 1947, alguns pastores beduínos descobriram em uma caverna perto de Kumran, ao norte do Mar Morto, alguns pergaminhos antigos da escrita hebraica, entre os quais um texto completo de Isaías. Esta descoberta foi seguida por outros em outras cavernas. E os "manuscritos do Mar Morto", que entretanto se tornaram mundialmente famosos, acabaram sendo os textos mais antigos já encontrados e os que podem lançar nova luz sobre as histórias da Bíblia.

Mas o fato mais importante para a arqueologia de todos aqueles que ocorreram após a Segunda Guerra Mundial é a grande influência das ciências biológicas, físico-químicas e da tecnologia. Esse fenômeno começou quando a arqueologia subaquática e a arqueologia aérea, até agora pouco experimentada, ganharam novo ímpeto. O

americano Paul Kosock deu um primeiro passo importante nesse sentido quando, de avião, descobriu toda uma rede das chamadas "estradas incas" nos Andes. Hoje, a fotografia aérea - geralmente de vastos territórios que seriam impenetráveis ou impossíveis de percorrer em uma caminhada lenta - já faz parte dos preparativos habituais para a pesquisa arqueológica. Fotografias aéreas também mostram, através das diferenças de vegetação e da cor do terreno, os vestígios de edifícios antigos que estão abaixo da superfície da Terra.

E o que os solitários pescadores da costa grega começaram quando extraíram as primeiras ânforas do 'museu azul' se tornaram uma verdadeira arqueologia subaquática graças ao intrépido francês

Jacques-Yves Cousteau, inventor do mergulho. Ainda não é possível imaginar tudo o que está oculto pelas centenas de naufrágios antigos na costa do Mediterrâneo.

Foi uma pessoa de fora da arqueologia que lhe introduziu o uso da técnica e da física. O engenheiro e industrial italiano Cario M. Lerici aplicou métodos geofísicos à exploração arqueológica do terreno, que até então era usado apenas para procurar petróleo em desertos e montanhas. Ele começou seu trabalho nos enormes cemitérios etruscos no norte de Roma. Com seus dispositivos altamente sensíveis, ele localizou centenas de túmulos em um tempo muito curto. Para evitar escavações inúteis em tumbas vazias, ele inventou uma broca especial e fez um "periscópio" descer pelo buraco feito com a ajuda da qual fotografou o interior da tumba antes de cavar. Lerici tem traços da figura de Schliemann: ele também é um industrial rico que começou a se dedicar totalmente à arqueologia na maturidade de sua vida e gastou uma fortuna nela. Em 1964, apenas dez anos após o início do trabalho, ele anunciou que havia descoberto 5.250 túmulos etruscos somente na área de Cerveteri e Tarquinia.

Mas as duas ajudas científicas mais importantes vieram para a arqueologia americana, extraída da física atômica e da biologia. Assim, o sonho mais antigo dos arqueólogos se tornou realidade: a possibilidade de estabelecer uma cronologia exata.

Em 1948, o americano Willard F. Libby desenvolveu o método "Datação por radiocarbono", com base no conhecimento da taxa de decomposição do isótopo C 14

encontrado em toda a matéria orgânica. Restos encontrados em sepulturas, cuja grande antiguidade é encontrada nos escritos encontrados, confessaram sua idade ao "relógio dos tempos" de Libby.

Mas as datas estabelecidas por esses métodos físico-químicos não especificaram o ano exato, mas foram apenas uma aproximação, quanto mais imprecisas, mais antiga a data. Aprendeu-se então que

outro americano, Andrew E. Douglas, físico e astrônomo de profissão, havia desenvolvido outro método anos atrás, que estava sendo aperfeiçoado ao máximo por uma equipe da Universidade do Arizona: o método de namoro com anéis de árvores. , a chamada dendrocronologia, que consiste em calcular o número de anos a partir do número e das características dos anéis anuais de árvores ou restos de árvores, mesmo que já estejam carbonizados. O refinamento desse método, conhecido há muito tempo, consiste na possibilidade de "ligar" os anéis anuais de árvores de diferentes idades entre si e voltar de árvore em árvore - desde que restos deles sejam encontrados em túmulos e ruínas -, no passado. Assim, no estudo das ruínas pré-colombianas de algumas áreas da América do Norte, houve progresso, ou melhor, voltou no tempo para o início da era cristã. Com esse método, é possível estabelecer em todos os milênios as chamadas «cronologias flutuantes» (isto é, sem conexão com uma data absoluta de nossa cronologia): a verificação de que uma peça é um ano mais velha ou mais moderna que a outra. Essas cronologias são de valor inestimável para a confirmação ou invalidação de datas já estabelecidas.

O mero uso de um instrumento tão comum quanto o microscópio foi aperfeiçoado tanto no campo da arqueologia que em breve será necessário um tratado especialmente dedicado a esse tópico.

Todos esses métodos modernos não apenas aperfeiçoaram a qualidade da pesquisa arqueológica, mas aumentaram consideravelmente o número de resultados obtidos. Alguns anos atrás, expedições de campo simultâneas podiam ser contadas nos dedos. Hoje, a Universidade da Pensilvânia, nos Estados Unidos, controla mais de vinte expedições por ano. Em algumas áreas, o influxo de material descoberto é muito grande em relação à velocidade com que o trabalho puramente científico de classificação e interpretação é realizado. E aqui existe o perigo de que materiais recém-desenterrados sejam enterrados novamente em museus.

Um fato positivo: a ciência, que anteriormente tinha um caráter esotérico, tornou-se objeto de atenção do público. O homem de nossos dias, que parecia completamente absorvido pelos acontecimentos cotidianos e pela preocupação com o futuro, demonstrou uma grande curiosidade em olhar para trás, um enorme interesse no passado. Isso foi revelado com intensidade inesperada quando os técnicos anunciaram que uma barragem seria construída no Egito, cujas águas inundariam alguns monumentos. Foi a primeira de todas as esculturas nas rochas de Abu Simbel e cerca de uma centena de outros monumentos, todos eles partes importantes do patrimônio artístico da humanidade. Vozes de protesto surgiram de todo o mundo civilizado. Grandes organizações e pequenos grupos de crianças em idade escolar abriram inscrições. A UNESCO interveio e mais de vinte países se uniram para salvar Abu Simbel!

O que mais pode ser dito?

Em todo o mundo, as escavações continuam. Precisamos dos últimos cinco mil anos para poder suportar os próximos cem anos com alguma facilidade.

A) MESAS CRONOLÓGICAS

I. Mediterrâneo Oriental

I MPERIES M INOIC E G IRRIGAÇÃO

(Este resumo é baseado na tabela sinóptica do Dr. Ludwig Reinhardt em sua obra "Early History of the World", que expandimos um pouco. Ao contrário das outras tabelas cronológicas que aparecem em nosso livro, apenas datas muito gerais são indicadas o que, no entanto, é suficiente neste caso, já que até o dicionário mais modesto nos informa

os detalhes e a cronologia exata da história grega.) 2.400 - 2.000 a. JC Período minóico inicial.

2.000 - 1.600 » Época minóica média.

1.600 - 1.400 » Época minóica tardia (micênica primitiva).

1.400 - 1.200 » Período micênico

1.200 - 1.000 » Época das migrações dóricas

l.000 - 800 » Era da Grécia antiga.

800 - 600 » Idade Média grega (período de colonização) (Todas as datas a seguir são igualmente anteriores a Jesus Cristo.)

Na Era da Grécia Antiga (1000-750), a Monarquia estava no auge; no final, na luta contra a aristocracia (veja Homero). Na Idade Média grega, entre 750 e 560, o regime aristocrático triunfou em quase todos os lugares, mas não conseguiu se defender da tirania, que por sua vez foi derrotada pela democracia.

Por volta de 800 dC, Hornero morava na Ásia Jônica Menor. Ele é, provavelmente, o autor da Ilíada, embora seja duvidoso que ele tenha sido o autor da Odisséia.

DOS PRIMEIROS OLÍMPICOS AO INÍCIO DAS GUERRAS

PERSAS (776-500)

776

Nova organização dos Jogos Olímpicos, que foram realizados a cada quatro anos. A cronologia começa de acordo com as Olimpíadas; cronologia que subsistiu até 394 dC. JC, em que os Jogos Olímpicos foram abolidos.

De 750 a 650 Apogeu da colonização grega que partiu dos mais importantes centros comerciais do Mar Egeu.

Alr. 750

O poeta Hesíodo de Ascra, em Beoda. Ele era filho de um emigrante da cidade cólica às margens do rio Cime, na Ásia Menor, ao norte de Focea.

Desde 740

Expansão da hegemonia espartana no Peloponeso (guerras

mesênicas).

Desde 650

A evolução arquitetônica do templo grego começa, usando muita madeira e calcário macio (poros). A estrutura dos templos ainda está em um período de evolução. Primeiros relevos e primeiras esculturas (xoana: estátuas dos deuses, esculpidas em madeira e pintadas em cores). O auge da indústria cerâmica do sótão.

Alr. 650

Neblina de Éfeso. Archilochus de Paros e Simónides de Amorgos ..

Alr. 640 Tirteo em Esparta.

Alr. 620 A legislação de Dracon em Atenas.

640-555 Estisícoro de Himera, na Sicília.

Alr. 600 Os metopes mais antigos de Selinunte. O auge da arte jônica em Chios (Aquermo).

594 Constituição de Solon em Atenas. Tirania em Hellas e nas colônias da Ásia Menor.

590 Periandro em Corinto.

Alr. 585 Thales of Miletus, um dos "sete Reis Magos" da Grécia.

Alr. 580 Esculturas em poros; arte arcaica em Atenas (obras imitadas por artistas jônicos). Fabricação de figuras negras, cerâmica do sótão .

560-510 Pisistratus e seus filhos em Atenas, Policates de Saraos.

Alr. 550

Começos da escultura em mármore em Atenas influenciados pelos escultores de Quios, Naxos e Samos, levados à corte de Pisistratus e que já haviam feito esculturas em mármore em sua terra natal. Teognis de Mégara e Arion de Lesbos em Corinto, Anacreon de Teos, Ibico de Regio, Pitágoras de Samos em Croton. Os Eleatics (Xenófanes de Colofon, Parmênides e Zenon de Elea).

540-480 Primeiro apogeu da arte ateniense, favorecido por Pisistratus e seus filhos. O estilo das figuras vermelhas aparece na cerâmica .

Alr. 520 Primeiras construções de templo de mármore na Acrópole de Atenas.

510 Os Pisistrados são expulsos de Atenas, a abolição definitiva da tirania nesta cidade.

509 Legislação de Cleisthenes em Atenas.

Adir. 500 auge da escultura em bronze no Peloponeso. Heráclito de Éfeso e Hécateus de Mileto.

DO INÍCIO DAS GUERRAS PERSAS AO FIM DA GUERRA

PELOPONIANA (500-404)

500-494

Uma insurreição infeliz das cidades jônicas da Ásia Menor para se livrar do jugo persa. Os persas tomam como pretexto a colaboração fornecida por Atenas para atacar a Grécia.

493-490

Primeira campanha dos persas contra a Grécia. Atenas, abandonada por Esparta, teve de suportar quase o impetuoso ataque de Mardonius, genro de Dario I. Em 490, os atenienses liderados por Miltiades venceram os persas em Maratona.

480

Campanha de Xerxes, um jovem de 25 anos, contra os gregos. Vitórias gregas em Termópilas e Salames.

479

Outras vitórias contra os persas primeiro em Platea, onde Mardonius caiu, e depois em Micale, perto de Samos, sob o comando de Esparta. Reconstrução do Partenon na Acrópole e do Templo de Zeus em Olímpia.

556-468 Simónides e Baquílides de Ceos.

525-456 Ésquilo, 496-406 Sófocles e 480-406 Eurípides, em Atenas.

522-422 Pindar de Tebas, Epicarm de Siracusa e Empédocles de Acragas.

500-450 Tirania na Sicília (Hierón I de Siracusa, falecido em 467). 477-404

Atenas à frente da Confederação Marítima Grega.

485-425 Halicarnasso Heródoto. O atomístico (Leucipo de Mileto e Demócrito Abdera). Anaxágoras de Clazomene em Atenas.

De 450 Os sofistas (Protágoras de Abdera, Georgias de Leontini, Predico de Ceos e Hipias de Elis).

495-431 Phidias, filho de Carmides, escultor em Atenas.

449 Morte do general ateniense Cimon, filho de Miltiades, antes de Citio em Chipre.

444-429 Apogeu de Atenas com Péricles.

Alr. 430 Escola Phidias.

470-404 Polycletus, o Velho, de Sition, trabalha em Argos.

415 A expedição à Sicília, feita por sugestão de Alcibíades, termina em uma catástrofe para Atenas. Com o fim da Guerra do Peloponeso, a hegemonia de Atenas termina.

DO FIM DA ATENÇÃO HEGEMÔNICA AO

BATALHA DA QUÉRNIA (404-338)

Alr. 410 Declínio da cerâmica ateniense.

Após o desenvolvimento do estilo arquitetônico coríntio. Heyday da cunhagem dos 400. Moedas sicilianas.

400-350 Tempo de trabalho de Escopas de Paros.

380-340 Policleto, o Jovem, Arquiteto e Escultor.

Alr. 370 Primeiras obras de Praxiteles.

371-362 Hegemonia dos Thebans após a brilhante vitória de Leuctra.

359-336 Rei Filipe da Macedônia. Declínio das cidades helênicas. Em 338, as democracias helênicas, que queriam se libertar da opressão de Filipos, sucumbem perto de Queronea.

GRÉCIA SOB A DOMINAÇÃO ESTRANGEIRA (de 338)

334 Alexandre, o Grande, tenta fundar um Império. Victoria del Gránico (334), Iso (333) e Arbelas (331).

313 morte de Alexander.

322 Fim da "Guerra de Lamia", vitória dos macedônios.

311 Fim das lutas dos diadeques, ou sucessores de Alexandre.

Após a expansão da cultura grega pelos países do Mediterrâneo oriental dos 300.

em sua forma helenística, influência da qual os romanos não podiam se libertar.

11

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

Deuses , túmulos e sábios de CWCeram

B) QUADROS GENEALÓGICOS

Estas tabelas genealogias , que têm para lembrar as conexões do antigo mundo de deuses e homens -em muito que é algo vivo , mesmo para o nosso tempo - têm sido organizados por Frank Freytag - Loringhoven . A grafia dos nomes não é uniforme , mas corresponde à forma atual .

AS PERSEIDAS

PERSEUS, filho de Zeus e Danae , rei de Micenas

Rom Andrômeda, filha de Cefheus , rei Etiópia

ALCEO

GORGOFONA rei de Tirinto ELETRÔN ESTENELO rei de Mice

nas

∞ PERIERES

∞ LYSÍDICE Rei de Micenas ∞ NICIPE filha de Pélope rei de Esparta filha de Pélope ÍON

ANA XO ∞

EURISTEO

HOSPEDEIRO

rei de Micenas e Tirinto

ALOMENA

(∞ II. RADAMANTO)

filha do rei Eneo da Etólia Companheira de Heracles

(Descendentes)

AS AGENÓRIDAS

AGENOR, rei da Fenícia (filho de Posidon e Líbia) ∞ TELEFASA
FINEO

CADMO

Rei de Salmideso

Profeta (Trácia)

Rei de Tebas

EUROPA

ARM

CLE I.

∞

HARMONIA

Phoenix

CYCLIX

ASTERION rei de Creta

CLEOPATRA filha de Bóre

Filha de Ares

as

e Afrodite

∞ II. EIDOTIA

SEMELE

AGAVE

ZEUS

∞ EQUION

POLIDORO

INO

AUTÓNOE

(pais de

∞

(pais

ILLIRIO

Rei de Tebas

ATAMAS

∞ ARISTEO

Dionísio)

de Penteo , rei de Teba

∞ NICTEÍS

s)

LABDACO

LAYO

304

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

Rei de Tebas

∞ YOCASTA

filha de Meneceus

ÉDIPO

Rei de Tebas

∞ I. Yocasta

(mãe dele)

II EURIGANIA

I. POLÍNICOS

I. ETEÓCULOS

Rei de Tebas ∞ ANGIA I. ANTÍGONA I. ISMENÉ filha de Adastro , rei de Argos (Descendentes) PELÓPIDAS OU ATRIDAS

TÁNTALO, rei de Lídia, filho de Zeus

PÉLOPE, rei de Elide, morto por

Tentado e recriado por Zeus

NIOBE

∞ I.

Hippodameia filha de Oenomaus , rei de

∞ HOST

Lesbos

∞ II. DIA

I. ARTREO, rei de Micenas ,

morto por Egisto

I. NICIPE

Chrysippus

I. TIESTES (teve um filho ,

I. PITEO, rei

I.

∞ Érope filha de Catreus , assassinado por Atre

Th Sthenelus, rei de Micena

Morto por Atreus

Egisto com sua filha Pelopia

de Trecen

LICENÇA

u

s

)

∞ ALCE

Opia Pelopia, filha de Thyestes

∞ Laodamia

O

rei de tirin

305

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

ETRA

rei de tirin

I. AGAMENÓN I. ANAXIBIA EGISTO

I. PLÍSTENES morto por Egisto ∞

THE DARDANIDS

DÁRDANO, filho de Zeus e Electra; ∞ Batia, filha de Teucro

ERECTÔNIO; ∞ ASTIOKE

TRÊS; ∞ Callirrhoe, filha de Scamander

306

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

OIT ∞ EURÍDICE,

ASARACO

TITONO

HESIONADO

∞ I. ARISTE

∞ EOS

∞ TELAMÓN

filha de Mérope

irmã helios

(Pais de Teucro)

∞ II. HÉCUBA

Ganímedes Olímpico copeiro Filha de Adastro - HIEROMNEME

HELENO ∞ ANDRÓMACA, viúva de Neoptólemo .

MEMNON

II HÉCTOR, morto por Aquiles ∞ ANDRÓMACA, filha do rei Eção de Tebas (filho : Astianacte) POLIXENA, sacrificada por Neoptólemo .

Morto por

PARIS, morto por Philoctenes ∞ I. enona ∞ II.

TROILO, morto por Aquiles ; Cresida

Aquiles ,

HELENA, filha de Zeus e Leda, esposa de Menelau .

POLODORO, morto por Polimnéstor

Prince

DEIPHORUS ∞ HELENA, viúva de Menelau .

CASANDRA, assassinada por Egisto ; escravo de

Agamenon

LEÓDICE ∞ I. HELICAON ∞ II. ACAMAS, filho de Teseu .

da etiópia

ILIONE ∞ POLIMNÉSTOR

CREUSA ∞ ENEAS filho de Afrodite (veja acima)

THE DEYONIDS

DEYONEO ∞ DIÓMEDA, filha de Juto , rei do Peloponeso

Cephalus

PHILONIS DAY

∞ PROGRIS CompFÍLañero deACO Teseo ∞ Ixion /

I.

APOLO filha do Rei Erictonio de Rei de lápitas /

II. HERMES

Atenas

307

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

∞ CALC ARCISIO

OMEDUSA

I. PHILEMON

II AUTOLIC

LAERTES

Rei de ithaca

∞

ANTICLEA

ULISSES, rei de Ítaca assassinado por Telegon

∞ I. PENÉLOPE, filha de Icario crimenes

∞ II. CIRCE, filha de Helios

I. TELÉMACO

II TELEFONE

∞ policasta, filha de Nestor EURIALO

EN PENÉLOPE Assassinado por Ulises

∞ II. NAUSICA

filha de Icari

o ∞ III. CIRCE, filha de Helios

OS ERÉDIOS

ERICTONO, rei de Atenas ∞ PASITEA (Naiad)

CÉCROPE rei de Atenas

PROCRIS

CREUSA

ORITIA

QUINONY

∞ METIADUSA filha de Eopálamo

∞ JUTO rei do Peloponeso

∞ Boreas

∞ CEPHALUS

∞

PANDION,

rei de atenas

∞ Pelia, filha de P

ilos , rei de Mégara

HYPODAMIA

∞ Peirithous

(filho de Zeus)

Egeu, rei de Atenas

NI SO

LICO

Pás

∞ ETRA, filha de Pittheus, rei de Megara Vate de Licia

ESTESUS, rei de Atenas

∞ I. ANTIOPE, rainha das amazonas

ESCOLA

∞ II. FEDRA, filha do rei de Minos de Creta

(descendentes)

OS TINDARIDOS

LACEDEMÓN (filho de Zeua e Taigete)

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

∞ ESPARTA (filha de Eurotas e CLEBA)

AMICLAS, rei de Esparta

EURIDICE

∞ Diomeda ∞ Acrísio, rei de Argos

CINORTAS,

HIACINTO

herói nacional do rei de Esparta de Amiclea ,

PERIERES, rei de Esparta

morto por Apollo

∞ GORFOFONA, filha de perseo

∞ I. Agamenon (filho de Zeus) ∞ II. PARIS ∞ II. TELEFONE

∞ II. EGISTO ∞ III. DEÍFOBO (filho de Ulises e Circe)

OS ASTERÍDIOS DE CRETA

ASTERION, rei de Creta e Knossos

A EUROPA, filha de Agenor , rei da Fenícia

310

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

RADAMANTES

MINOS (filho de Zeus) (filho de Zeus) SARPEDÓN

Rei de Creta e Knossos (filho de Zeus)

∞ PARSIFAE filha de Helios ∞ ALCMENA rei da Lycia

viúva do Anfitrião

CATREO

FEDRA

MINOTAUR

GLAUC

ANDROGEO

Rei

ARIADNA

DEUCALION rei de Creta

ES ESTES

(filho de

O

Slain by Aegean

de Creta , morto por

ION DIONISIO

rei de atenas um touro)

Altemenes

ALTEMENES

CLIMA

Rei

∞ ATREO

de Creta , herói troiano rei das micenas

Morto por Altemenes

∞ Nauplio

IDEMENEO ÉROPE APEMOSINA

PALAMEDES

Poeta e inventor,

morreu em Tróia

Deuses , túmulos e sábios de CWCeram

311

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

II O PAÍS DO Nilo: Egito

(Esta tabela cronológica, na ordem e maneira de escrever os nomes dos reis, segue essencialmente as investigações do American Breasted; a divisão em "impérios" e suas datas segue as indicações do alemão Georg Steindorff. Diferenças até 100 anos não podem ser evitados, especialmente no período inicial; para a primeira data, consulte a nota na página 393.)

IMPÉRIO ANTIGO (2.900 a 2.270 aC) I

Dinastia.

Menes; Atotis; Kenkenes (provavelmente Zer e Zet); Usapais (Wedimut); Miebis (Anez-Jeb); Semempses (Semerchet); Bieneches (Kaj-a).

II dinastia.

Hetep-sechemui; Nebre; Neterimu (Binothris); Sechem-jeb (Tías); Perj-ibsen; Sendi (Sethenes); Cha'sechem; Cha'sechemui.

III dinastia.

Djoser; Cha'ba; Sanecht; Neferkere; Huni (aqui a ordem é completamente incerta).

Dinastia IV .

Snofru; Cheops; Dedefre; Khafre; Micerino; Shepseskef.

V Dinastia.

Weserkef; Sahure; Neferkere; Shepseskere; Nefrere; Neuserre; Menkauhor; Zedkere; Un ha.

VI dinastia.

Teti; Weserkere; Phiops I; Phiops II; Neterikere (Nitokris).

Primeiro período intermediário (2270 a 2100 aC)

Dinastias VII e VIII.

Cerca de vinte reis menos conhecidos.

Dinastias IX e X.

Cerca de doze reis, incluindo dois com o nome de Neferkere e três com o nome de Keti.

312

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

IMPÉRIO MÉDIO (2100 a 1700 aC)

XI Dinastia

Cerca de doze reis; entre eles Mentuhotpe, que é considerado o fundador do Reino Médio.

XII Dinastia.

Amenemhet I (2000 a 1970 aC)

Sesostris I (1980 »1935 aC)

Amenemhet II (1938 »1903 aC)

Sesostris II (1906 »1887 aC)

Sesostris III (1887 a 1849 aC)

Amenemhet III (1849 »1801 aC)

Amenemhet IV (1801 »1792 aC)

Sebeknefrure (1792 »1788 aC)

XIII Dinastia (1788 a? BC).

Tantos reis; entre eles vários com o nome de Amenemhet, Sesostri, Sebekhotpe, Neferhotpe e Mentuhotpe.

Segundo período intermediário (1700 a 1555 aC)

XIV Dinastia.

Cerca de trinta reis quase desconhecidos.

Dinastias XV e XVI (dominação dos hicsos).

Cerca de trinta e cinco reis menos conhecidos.

313

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

XVII Dinastia (? Até 1555 aC).

Mais de trinta reis.

NOVO IMPÉRIO (1555 a 1090 aC)

XVIII Dinastia (aproximadamente 1555 a 1335 aC).

(aprox. 1580 a 1558)

Amosis

(De acordo com Breasted, este rei pertence à 18ª dinastia; daí a data inicial.)

Amenophys I

Tutmose I

(aprox. 1557 a 1505)

Tutmose II

Hatsepsut

(aprox. 1557 a 1505)

Tutmose III

Amenophys II

Tutmose IV

(aprox. 1450 a 1405)

Amenophys III (aprox. 1405 a 1370)

Amenophys IV (aprox. 1370 a 1352)

314

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

(Ecnaton)

Sakere

Tutankhamun (aprox. 1317 a 1235)

Eixo

XIX Dinastia (aprox. 1335 a 1205 aC).

Horemheb (aprox. 1335 a 1310)

Ramsés I (aprox. 1309)

Sethi I (aprox. 1308 a 1298)

Ramsés II (1298 a 1232)

Siptah

Amenas

Amenmen

(aprox. 1232 a 1205)

Sethi II

Dinastia XX (aprox. 1200 a 1090 aC.

C.)

Ramsés III (aprox. 1200 a 1168)

Nachseth (aprox. 1200)

Ramsés IV a Ramsés XI (aprox. 1168 a

1090)

Terceiro período intermediário (1090 a 712 aC)

315

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

(Aqui estão as dúvidas sobre datas individuais)

XXI Dinastia (aprox. 1090 a 945 aC)

Smendes

(1090 a 1085)

Hrihor

Amenemepet (1026 a 976)

Siamon (976 a 958)

Psusennes II (958 a 945)

Psusennes I (1085 a 1067)

Painozem I (1067 a 1026)

XXII Dinastia (aprox. 945 a 745 aC)

Sheshonk I (945 a 924).

Osorkon I (924 a 895)

Takelotis I (895 a 874)

Osorkon II

Shoshenk II

(874 a 853)

Takelotis II (853 a 834)

Shoshenk III (834-784)

Pemu (784 a 782)

Sheshonk IV (782-745)

XXIII Dinastia (aprox. 745 a 718 aC.

C.)

Petobastis (745 a 721)

Takelotis III

Osorkon III

(721 a 718)

XXIV Dinastia (718 a 712 aC)

Bocchoris (aprox. 718 a 712)

Período tardio (712 a 525 aC)

XXV Dinastia (712 a 670 aC)

Shabaka (712 a 700)

Shabataka (700 a 688)

Taharka (688 a 670)

DOMÍNIO ASSYRIAN (dora, intermediário: 670 a 663 aC)

XXVI Dinastia (663 a 525 aC)

Psamético I (663 a 609)

Neco (609 a 593)

Pasmetic II (593 a 588)

Apries (Hofra) (588 a 569)

Amasis (569 a 525)

317

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

Psamtic III (525)

DOMINAÇÃO PERSA (525 a 332 aC)

DOMINAÇÃO DA GRECORROMAN (332 aC a 638 dC)

III M ESOPOTAMIA

G OS I MPERIOS D E S UMERIOS , B ABILONIOS E UM SÍRIO

(Esta lista cronológica baseia-se, desde os reis pré-diluvianos até a 3ª dinastia Kisch, nas pesquisas de Sir Leonard Woolley. Desde então, segue as datas e as indicações gerais do professor Ernst F. Weidner. Nos últimos resultados da pesquisa não detalhado aqui, veja Schmidtke, p. 475)

Reis antes do dilúvio

Nome

Cidade

Duração presumida do governo

1. A-lu-lim

NUNki

28.800

anos de

idade

2. A-la (l) -gar

NUNki

36.000

»

3. En-me-en-lu-an-na

Bad-tabira

43.200

»

4. Em me-en-gal-an-na

Bad-tabira

28.800

»

5. Dumuzi, "o pastor"

Bad-tabira

36.000

»

318

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

6. En-sib-zi-an-na

Larak

28.800

»

7. En-me-en-dur-an-na

Sippar

21.000

»

8. (?) Du-du

Schuruppak 18.600

»

(8 reis, 5 cidades, 241.200 anos)

Não apenas os reis pré-diluvianos são considerados míticos, mas também os soberanos posteriores até a 1ª dinastia de Ur. A inscrição mais antiga de um rei que pode ser datada e encontrada por Leonard Woolley, é de A-anni-padda, a filho de Mes-annipadda; aproximadamente 3.000 anos a. JC Para uma explicação dos períodos extraordinariamente longos do governo, consulte o capítulo "Reis milenares e o dilúvio".

I dinastia EREC

319

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

anos de

idade

1. Mes-ki-ag-ga-sche-ir (filho do deus do 325

sol)

2. En-mer-kar

420

3. (Deus) Lugalbanda, o Pastor

1.200

4. (Deus) Dumuzi, o Pescador

100

5. Gilgamesh, senhor de Kullab

126

6. Ur-Nungal

30

7. Utul-kalamma -

15

8. Labascher

9

9. Ennunnadanna

8

10. ...- che-de

36.

11. Me-lam-an-na

6

12. Lugal-ki-aga

36.

(12 reis, 2310 anos)

320

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

II Dinastia UR (4 reis, 108 anos)

321

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

III Dinastia KISCH

KU-Bau, um negociante de vinho. 100 anos

As dinastias citadas até agora governaram parcialmente simultaneamente, mas não podemos sincronizá-las. Isso já é possível para as dinastias que se seguem. No entanto, renunciamos a tabelas complicadas em favor de um texto mais extenso com indicações históricas. (Até cerca de 2225 aC, a história cultural do país dos dois rios ocorre principalmente no território das bocas do Eufrates e do Tigre e é, precisamente, sumero-babilônico.)

BABYLON

Por volta de Ur-Nansche, príncipe sacerdote de Lagash. Inúmeras inscrições em 2800: monumentos e relevos com reproduções do rei e sua família.

Alr. 2750:

Eannadú de Lagash, neto de Ur-Nansche. Conquiste vastos territórios da Babilônia e dos países de fronteira Alr. 2700:

Lagash entemena. Sobrinho de Eannadu. Novas lutas na Babilônia e Entemena.

Alr. 2670:

Urukagina, rei de Lagash. Vasta tentativa de reforma social sem sucesso duradouro. É destronado por Lugalzagisi.

Dioses, Tumbas y Sabios

Alr. 2650:

Lugalzagisi, único soberano da II dinastia Uruk. Fundador do primeiro grande império no sul da Babilônia. Expedição ao mar Mediterrâneo. Ele é derrubado por Sargón I.

2637-2457: Dinastia Acad (11 reis). A influência semita triunfa na Babilônia. O

fundador da dinastia é

2637-2582: Sargon I. Conquiste toda a Babilônia, Assíria e Elão e penetra até a Síria, a Palestina e a Ásia Menor. (Pela primeira vez, inscrições puramente semíticas.) 2581-2573: Rimush e

2572-2558: Manishtusu, filhos de Sargón I., empreende inúmeras campanhas para preservar o Império.

2557-2520: Naram-Sin estende as conquistas de Sargón. (Estela da vitória de Susa.) 2519-2496: Shar-kali-Sharri, filho de Naram-Sin. Declínio do Império e colapso rápido.

2456-2427: Dinastia Uruk IV (cinco reis).

2426-2302: Dinastia Gutium, Babilônia sob domínio estrangeiro.

Alr. 2420: Gudea, Príncipe Sacerdote de Lagash. Inúmeros edifícios e monumentos artísticos já com características próprias.

2301-2295: Utuchegal, único soberano da dinastia V Uruk. Libertador da Babilônia dos guteos.

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

2294—

2187: II dinastia de Ur. Última reação bem-sucedida da Babilônia suméria do sul contra a Babilônia semítica do norte. Comércio para a Ásia Menor. Inúmeros edifícios religiosos; culto ao rei, muito pronunciado. Os cinco monarcas da dinastia são Ur-Nammu, Shulgi, Amar-Sin, Shu-Sin e Ibi-Sin.

Agora, os processos históricos independentes começam no norte, na Assíria, e a partir daqui dividimos nossa mesa em babilônicos e assírios. (Sobre as relações culturais entre Babilônia e Assíria, ver p. 274 e segs.)

BABYLON

ASSÍRIA

2212-2187: Ibi-Sin. Elam é levado como Ar. 2225: Zariku de Asur, governador de prisioneiro. Babilônia é dividida em dois Amar-Sin. Mais antiga

inscrição

territórios

governamentais

sob

a preservada de um príncipe assírio.

supremacia das cidades Isin e Larsa.

2186-1961: Primeira dinastia Isin. Dos 2056-2040: Ilushuma

de

15 soberanos, o destino mais singular é Asur. Conquiste o sul da Babilônia e o para Eilbani, que passou de rei para território além do Tigre.

jardineiro.

2186-1901: Dinastia de Larsa, 16 reis. O 2049-2019: Irishu

I,

filho

de

mais famoso soberano da dinastia.

Ilushuma. Inúmeros edifícios na capital

de Asur. Ele não pode manter as

conquistas de seu pai.

1985-1925: Rim-Sin. Conquiste toda a

Babilônia - com exceção da jurisdição

da cidade de Babilônia (Babel) -, a

Assíria e as fronteiras de Elão. Na

batalha decisiva com Babel, Hamurabi o

derrota e o destrói.

2057-1758: Dinastia Amunru, 11 reis. A

supremacia no país dos dois rios passa definitivamente para o norte da

Babilônia, com Babel como a capital do

reino. O monarca mais proeminente é

1955-1913 : Hamurabi. Superando

RimSin, ele uniu toda a Babilônia sob seu cetro. Apogeu máximo da cultura

3 Novas escavações francesas em Marin, no Eufrates Médio, e a descoberta de um arquivo estatal, mostram uma relação entre Hamurabi e o rei assírio Samsi-Adad I. O reinado de Hamurabi agora pode ser definitivamente estabelecido entre (Legislação Líamurabi) (3).

1912-1875: Samsuiluna, filho de 1892-1860: Samsi-Adad I. Domine toda Hamurabi. O declínio começa. O "País a Mesopotâmia e empreenda uma do Mar" no Golfo Pérsico torna-se campanha na

direção

do

mar

independente.

Mediterrâneo.

1758: As Imitas conquistam Babilônia e

derrubam Samsuditana, o último rei da dinastia Amurru.

325

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

1904-1536: Dinastia do "País do Mar", 12 soberanos.

1746: Os cosos conquistam Babilônia.

1746-1171: Dinastia Cosos, 36 reis (declínio cultural da Babilônia).

1530-1510: Ulamburiash. Conquiste o "País do Mar" após a queda de Eaga-mil, o último soberano da 1ª dinastia de "(País do Mar"), e reúne todos Babylon.

1389-1370: Kadashman-Ellil I e 1380-1340: Asur-uballit I de Asur derrota as pipas e conquista a maior

parte da Mesopotâmia. Na Babilônia, ele ajuda seu bisneto Kurigalzu III a subir ao trono.

Correspondência com Amenophis IV.

1369-1345: Burnaburiash II é escrito com os faraós Amenophis III e Amenophis IV (cartas Tell-el-Amarna).

1344-1320: Kurigalzu II, bisneto do rei 1340-1326: Ellil-narari. Causa Kurigalzu assírio Asur-uballit.

III uma derrota séria.

1319-1294: Nazimarutash.

1325-1311:

Arik-den-ilu. Você

luta

contra os povos montanhosos do norte da Assíria e contra os beduínos no deserto da Síria.

1310-1281: Adad—

narari I. Todos

A Mesopotâmia se submete ao cetro do rei

assírio. Nazimarutash

é

derrotado; ambos

os

monarcas

concluem

um

acordo. Inúmeros

monumentos de Adad-Narari na capital Asur.

1293-1277: Kadashman-Turgu. Aliança 1280-1261: Shalmaneser I ludia pela e correspondência com o rei dos hititas supremacia em Asur, fundação da nova Katushil III.

capital Kalach

1249-1242:

Kashtiliash

IV. Ele

é 1260-1232: Tukulti-Ninurta I derrota o derrotado por Tukulti-Ninurta I e feito rei> Kashtiliash babilônico IV. Numa prisioneiro.

revolta destrua Babilônia e

1728 e 1686. Isso quebra não apenas a cronologia babilônica, mas também a egípcia (rei Meces, no início de 3200

aC); até agora 3200 a. JC). A remoção do conjunto resultante ainda não pode ser coletada aqui.

carrega a estátua de Marduk. Fundação da

nova

residência

Kar-Tukulti-Ninurta. Ele é morto por seu filho e sucessor.

1241-1245: Ellil-nadin-shum.

1240-1239: Kadaschman-charbe II.

1239: TukultiNinurta I conquista e

destrói Babilônia.

327

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

1238-1233: Adad-shum-iddin.

1231-1214: Asur-nadin-apal. Rápido colapso do reino fundado por TukultiNinurta I.

1232-1203:

Adad-shum- 1213-1208: Assur-nirari III. Está sob o nassir. Babilônia novamente alcança protetorado do rei babilônico Adah-hegemonia sobre a Assíria. O rei duela suhmnasir.

com Ellil-kudurusur.

1207-1203: Ellil-kudur-usur. Você luta com a Babilônia. Ele é morto no duelo com Adad-shum-nasir.

1202-1188: Melishipak II.

1202-1176:

Minurta-apal-ekur

I,

fundador de uma nova dinastia.

1187-1175: Merodachbaladan I.

1175-1141: Asur-dan I.

1174: Zababa-shum-iddin.

1163-1171:

Ellil-nadin-ach. Último

monarca da dinastia Cosos.

1170-1039: Segunda dinastia de Isin, 11 1140-1138: Ninurta-takulti-Asur. Um

reis. Sua régua mais significativa é usurpador, mas sob a influência do rei da Babilônia Nabucodonosor I. Devolve

a estátua de Marduk, roubada por TukultiNinurta I.

1146-1123: Nabucodonosor I. Lutas vitoriosas contra Elam e os países montanhosos

de

Zagros. Assíria,

primeiro sob o domínio da Babilônia, depois luta de libertação sob Asur-resh-ishi I, que derrota Nabucodonosor.

1137-1128: Mutakkil-Nusqu. A família Minuta-apal-ekur

I

ganha

poder

novamente. A Assíria permanece sob o domínio da Babilônia.

328

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

1127-1116: Asur-resch-ischi I. Luta contra os povos da montanha e os beduínos. Nabucodonosor I também é derrotado e a Assíria é libertada novamente.

1116-1101:

Marduk-nadin-ach. Você 1115-1903: Tiglath Pileser I. A Assíria é luta com Asina. Finalmente, Marduk-novamente uma

grande

nadinach é dominado por Teglat-Falasar potência. Ataque à Síria e faça e morre em batalha.

campanha em direção à costa fenícia até Arwad. Marcha

pelo

deserto

de

Palmira. Você

luta

com

a

Babilônia. Finalmente,

Marduk-nadin—

acha é derrotado e a cidade da Babilônia é conquistada.

1092-1083: Ninurta-opala-ekur II.

1082-1062: Assur-bel-kala, filho de Tiglath Pileser I. Babilônia recuperou a liberdade. Aliança com os reis babilônios contemporâneos.

1061-1056: Eriba-Adad II.

1055-1050: Samsi-Adad IV »filho de Tiglath Pileser I.

1049-1031: Ashurnasirpal I.

1038-1917: Dinastia do "País do Mar", 1030-1019: Shalmaneser II.

três reis.

1018-1013: Asur-nirari IV.

1012-967: Asur-rabi II e Asur-resh-ishi II.

1016-996: Dinastia Bassu, três reis.

996-991: Um elamita.

Dioses, Tumbas y Sabios

990-732: A chamada dinastia "H", 22 966-934: Tiglath Pileser H.

reis. 941-901: Shamash-mudamik. Ele é derrotado por Adad-nirari II.

933-912: Asur-dan II. De todos esses soberanos, sabemos muito pouco.

900-886: Nabushum-ukin I Derrotado por Adad-nirari II. Aliança com ele.

911-891:

Adad-nirari

II. Inúmeras

campanhas. Shamash-mudamik

e

Nabushum-ukin I da Babilônia são derrotados e precisam ceder vastos territórios de seu país para a Assíria. Aliança com Nabushum-ukin Eu

890-885: TukultiNinurta II. Campanha pelos

territórios

fronteiriços

da

Mesopotâmia.

Você luta com a Armênia.

885-852: Nazu-apal-iddin. Reconstrua o 884-859: Ashurnasirpal II. Você luta com Templo Shamash em Sippar.

os

estados

árabes

e

a

Armênia. Campanha para a Síria e a Fenícia. Transferência da residência para Kalach.

858-824: Shalmaneser III. Estende as conquistas de seu antecessor. Inúmeras campanhas para a Síria e a Fenícia.

853: Batalha de Kartar contra Biridri de

Damasco, Acabe de Israel e dez

príncipes; seus aliados, sem uma vitória decisiva.

330

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

851-828: Marduk-zakir-shum I. Ele luta 851-850: Campanha de Shalmaneser III contra seu irmão Marduk-bel-usati, contra Babilônia, cujo protetor ele se Salma-nasar III, cuja ajuda é solicitada, torna.

expulsa Marduk-bel-usati e ocupa

Babilônia e as outras grandes cidades do 848-838: Mais lutas contra Damasco, país. Permanece como protetor da Babilônia.

Israel e seus aliados.

827-815:

Marduk-balatsu- 823-811: Samsi-Adad Y. Campanhas da ikbi. Tentativas de libertar a supremacia Armênia e da Babilônia.

assíria, sem sucesso.

810-806: Semiramis. Ele governa quatro 814-803: Interregnum, com vários anos para seu filho menor Adad-nira-ri príncipes, que governam apenas um III. 805-782: Adad-nirari III. Grande curto período de tempo e que expansão do poder assírio. Síria (com dependem da Assíria.

Damasco)

e

Fenícia. Babilônia

novamente completamente sob o

802-763: Eiba-Marduk: Lutas duras protetorado assírio.

contra os arameus.

781-772: Shalmaneser IV. Contratempo político. A Armênia alcança a liberdade.

771-754: Asur-dan III. Novo declínio do poder assírio. Campanhas sírias.

Inúmeras insurreições na Assíria.

763-748: Nabu-shum-ishqum.

753-746: Asur-nirari V. Apenas poucas campanhas. Acordo com Matiilu de

Agusi.

747-753: Nabu-nasir. Com ele começam 745-727: Tiglath Pileser III. Nova o cânone de Ptolomeu e a Crônica prosperidade da Assíria. Síria, Fenícia, Babilônica. Condições políticas confusas Palestina. Os povos árabes reconhecem na Babilônia.

o

domínio

assírio. Babilônia

é

incorporada ao reino assírio.

331

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

738: Tiglath Pileser, na Fenícia e no

norte de Israel. Menahem de Samaria

presta homenagem. 734: O norte de

Israel se torna uma província assíria.

732: Damasco, conquistada por Tiglath

Pileser, torna-se uma província assíria.

733-732: Nabu-nadin-zer.

726-722: Shalmaneser V. Luta contra 731: Nabu-shum-ukin II.

Israel e Tiro.

731-729: Ukin-zer, um príncipe dos

caldeus.

728-727: Tiglath Pileser III, sob o nome de Pulu, rei da Babilônia.

726-722: Shalmaneser V, sob o nome de 721-705: Sargão II. Fundador de um Ululai, rei da Babilônia.

novo-. vá dinastia. Numerosas batalhas geralmente vitoriosas em toda a Ásia 721-710: Merodachbaladan II se defende Menor. Não muito longe de Ni ni ve é com a ajuda de Elam contra a Assíria.

construída

uma

residência. Dur—

Sharrukin.

721:

Conquista

de

Samaría

e

transferência das dez tribos.

710: Merodachbaladan é destronado por 710: Reconquista da Babilônia.

Sargon II e expulso.

709-705: Sargão II, rei da Babilônia.

704-703: Senaqueribe, rei da Babilônia.

703: Marduk-zakir-shuma II permanece 704-681: Senaquerib. Você luta contra apenas um mês.

os fenícios. Palestina e Babilônia. Faça Nínive capital.

703: Merodachbaladan II tenta

reconquistar Babilônia, mas Senaqueribe o derrota e o

expulsa.

332

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

702-700:

Bel-Íbni,

imposto

por 701: Cerco frustrado de Jerusalém.

Senaqueribe. Ele se alia a Elam e é destronado por Senaqueribe.

699-699: Asur-nadin-shum, filho de Senaqueribe. Ele é levado para Elam em cativeiro. Babilônia novamente se liberta de

Assíria.

693: Nergal-ushezib

(chamado Shuzub, o

babilônio)

é

derrotado em Nippur

e feito prisioneiro.

692-689: Mushezib-

Marduk

(chamado

Shuzub,

o

caldeu). Ele

se

defende, com a ajuda

dos

caldeus,

dos

arameus e dos de

Elão,

691: Batalha perto de Chalule

entre

Babilônia e Assíria,

na qual Senaqueribe

sofre derrota.

333

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

689:

Senaqueribe 689: Destruição da Babilônia por conquista Babilônia e a

destrói

completamente.

Senaqueribe.

688-681:

681: Senaqueribe é morto em Nínive por um de seus filhos.

Senaqueribe,

novamente rei da 680-669: Asarhadon. Sob seu governo, a Assíria atinge sua Babilônia. A cidade extensão máxima. No norte, os cimérios perturbam as fronteiras permanece como um da Assíria. Campanhas do Egito e da Arábia. Reconstrução da deserto.

Babilônia.

680-669:

- 671: campanhas egípcias. Conquista de Memphis. No Egito, reis Asarhadon, rei da distritais são impostos sob o protetorado assírio.

Babilônia. A

reconstrução

de

Babel

começa

imediatamente após o início do governo.

668-648:

Shamas-688-626: Assurbanipal. O Egito não pode ser sustentado a longo shum-ukin, irmão de prazo. Guerras defensivas nas fronteiras, lutas difíceis contra Assurbanipal. Lutand Elam que terminam com a destruição do reino elamita. Apogeu o contra a Assíria, da capital, Nínive (Biblioteca de Assurbanipal).

Assurbanipal

conquista

648: Assurbanipal conquista Babilônia e a incorpora em seu Babilônia; Shamashs reino.

hum-ukin perece nas chamas

do

seu 625-621: Asur-etil-ilani, filho de Assurbanipal. Descida rápida do palácio.

Império Assírio.

647-626: Kandalanu 620: Sin-shum-lishir, general de Asur-etililani, usurpa a coroa, (provavelmente nome mas só pode permanecer por alguns meses. 613-612: Sin-shar-babilônico de ishkun, filho de Assurbanipal.

Assurbanipal), rei da 614: Os medos conquistam e destroem a antiga capital Asur.

Babilônia.

612: Nínive é conquistada pelos medos

(Ciaxares) e os babilônios e completamente destruídos. Sin-shar-ishkun encontra a morte nele.

334

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

625-605:

611-606: Asur-uballit II. Ele pode escapar na destruição de Nabopolasar, Nínive e encontrou um novo Império Assírio em Harran. Após a fundador da dinastia conquista de Harran pelos babilônios e medos, em 610, rápido caldeu. Ele se liberta declínio.

do domínio assírio e cria a base para uma nova ascensão da

Babilônia.

605:

Batalha

de

Karkemish. O

faraó

egípcio

Ñeco

é

derrotado pelo filho de

Na-

335

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

336

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

IV MÉXICO O IMPÉRIO DAS TOLTECAS E AS AZTECAS

História

Monumentos

Três impérios provavelmente se sucederam:

1. O IMPÉRIO DA TOLTECA Seu começo Monumentos

de

ainda não pode ser datado. Os toltecas Teotihuacán; Pirâmide circular de (recentemente os construtores igualmente Cuiscuilco; Pirâmide de Tula do Sol e antigos ou até mais antigos da chamada da Lua; templo das pirâmides em "cultura Teotihuacán") deveriam ter dado os Cholula; Pirâmide de fundamentos da escrita, calendário, religião e Xochicalco; pirâmide de oito camadas arte plástica a todos os impérios. culturas em Tenayuca; Monte Albán. Alguns culturais posteriores da América Central. O vestígios indicam que os toltecas (ou declínio do Império parece ter ocorrido no como os habitantes foram chamados) século 10 ou 11 DC. JC Os sobreviventes antes de partir haviam tentado emigraram e influenciaram o Novo Império proteger parte de seus templos. uma Maia, que entretanto havia surgido no norte espessa camada de terra.

de Yucatán.

2. O CHICHIMECA deve ser considerado

apenas como um interregno, no qual um

mero governo de conquistadores foi

exercido.

337

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

3. O IMPÉRIO AZTEC Sua origem é Os Chichimecas não foram apenas fabulosa. O verdadeiro Império dos Astecas construtores. Eles provavelmente foi formado por uma aliança de Estados, destruíram parte dos monumentos entre Tenochtitlán (México), Tlacopán e toltecas; outros foram total

ou

Tezcoco. Acamapichtli é considerado o parcialmente cobertos por massas de primeiro rei historicamente corrigível, que no lava.

art 1375 iniciou seu reinado. A sucessão dos

reis (sem segurança para a precisão das Templos (Teocallis) e palácios datas) é:

especialmente grandes e suntuosos na

Cidade do México e nas capitais do

Acamapichtli. 1376-1396 d. JC (ou 1366-Império.

1387 AD. JC).

Huitzilihuitl, 1396-1417 d. J, C. (ou 1387—

1410 AD. JC).

Chimalpopoca, 1417-1427 AD. J. C, (ou

1410-1411 d. JC).

Itzcouatl, 1427-1440 AD. JC (ou AD 1411—

1440).

Montezuma I, 1440-1469 d. JC (ou 1440—

1468 AD. JC).

Axayacatl. 1469-1482 d. JC

Tízoc, 1482-1486 d. JC

Ahuizotl, 1486-1502 d. JC

Montezuma II, 1502-1520 d. JC Sob seu

reinado, o Império dos Astecas foi

conquistado pelos espanhóis; ele próprio é

preso por Cortés e finalmente apedrejado por

seu povo.

Cuitlahuac, 1520. Expulsar os espanhóis da
Cidade do México. Quatro meses depois, ele
morre de doença.
Cuauhtémoc, 1520 a 1521 d. JC oferece
aos espanhóis a última resistência
desesperada na defesa da capital,
novamente atacado, ele tem que capitular
e depois é enforcado por Cortés. Isso
acabou com a história do Império dos
Astecas através da violência.
338
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

A maioria dos templos foi destruída pelos espanhóis. Igrejas cristãs foram construídas nas ruínas .

1 1

Deuses, túmulos e sábios da CW Ceram

IV YUCATÁN. O IMPÉRIO DO MAYA

(Para se ter uma idéia do calendário maia, reproduzimos aqui um trecho da correlação com o calendário cristão, de acordo com a chamada tabela de Goodman-MartínezHernández-Thompson "desde a fundação das primeiras cidades até seu desaparecimento. Após investigações realizadas em 1963 e especialmente em algumas datas determinadas pelo método Radiocarbono, a chamada correlação de Spinden parece recuperar a validade, segundo a qual os eventos que ocorreram, por exemplo, no ano 900 de nossa era, na verdade, ocorreram em torno de 650).

IMPÉRIO ANTIGO

Maya Long Count

Era cristão

Cidades

339

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

8.14.0.0.0. 7 Ahau

3 Xul

1 Set 317

Fundação Tikal e Uaxactun,

um pouco após o outro.

9.0.0.0.0. 8 Ahau 13 Ceh 11 de

dez 435

Fundação Copan.

9. 1.10.0.0. 5 Ahau

3 Tzec

6 de

Fundação Piedras Negras.

9. 4. 0.0.0. 13 Ahau 18 Yax julho 465

Fundação Palenque.

9.10.0.0.0. 1 Ahau

8 Kayab 16 de

outubro 514 Fundação Quiriguá.

9.13.10.0.0. 7 Ahau

8

27 de janeiro Fundação Seibal.

9.16.0.0.0. 2 Ahau

Cumhu de 633

Abandono de Copan.

9.18.10.0.0. 10 Ahau 13 Tzec 26 de janeiro Entre 870 e 890, abandono de 10.2.0.0.0. 3 Ahau

8 Zac de 703

Tikal, Uaxactún e Seibal.

3 Ceh 9 de maio de

751

19 anos. 800

17 anos. 869

NOVO IMPÉRIO

Depois de um longo período de transição cuja duração ainda não foi estabelecida, durante a qual os maias abandonaram todas as suas cidades antigas e migraram para a cabeça da península de Yucatán,

começaram a construção de um Novo Império cujo centro arquitetônico mais importante era Chichén. Itzá. Uma forte aliança de cidades foi fundada sob a liderança de Mayapán.

O período seguinte do Novo Império foi caracterizado pela influência dos povos mexicanos (toltecas) na cultura maia, uma influência que se manifesta mais intensamente na arquitetura. Em 1200, Hunac-Ceel, rei de Mayapán, conquistou Chichén Itzá com a ajuda das forças toltecas. Mayapán mantém a hegemonia, mas a força da confederação é quebrada. Em 1441, uma revolta dos nobres ocorre sob o comando de Xius de Uxmal. Mayapán é conquistado.

Então começa o colapso do Império. Duas grandes cidades ainda são fundadas, mas outras são lentamente despovoadas. Colônias de camponeses surgem brigando entre si. Os espanhóis chegam e o último império maia é presa fácil para eles. Em algumas décadas, toda a vida espiritual será extinta.

	Signo	Trans-cripción	Objeto representado	Observaciones
1		'	buitre	entrada de voz dura (hebreo)
2		i	caña	
		ii, i		desde el Imperio Medio en el sonido final para i
3		'	antebrazo	sonido gutural comprimido
4		w	codorniz	
5		b	pierna	
6		p	silla	
7		f	serpiente cornuda	
8		m	búho	
9		n	agua	
10		r	boca	
11		h	patio	
12		h	lino trenzado	pronunciado más asperamente que h
13		ḥ	placenta (?)	como la ch alemana en ach
14		ḫ	vientre de animal con pezones	parecido al sonido anterior
15		s	cerrojo	originalmente s clara
16		š	tela doblada	originalmente s comprimida
17		ś	estanque, lago	como el alemán sch
18		k	pendiente de colina	sonido gutural
19		k	cesta con asa	
20		g	estante para jarras	
21		t	pan	
22		ṯ	soga para conducir animales	o bien como el inglés c o bien como el alemán tsch
23		d	mano	
24		ḏ	serpiente	o bien como ds o como dj

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

15. Tabela mostrando o "alfabeto" egípcio em pleno desenvolvimento: vinte e cinco caracteres, todos consoantes. Como com esse script, uma combinação mnh poderia unificar "cera" e "planta de papiro" como "jovem", é claro que dificuldades sua decifração oferecia



16. Así se leen hoy día los jeroglíficos egipcios

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

Era o primeiro templo egípcio grande e bem preservado que Champollion vira, a realização de um desejo tão sonhado. E o que ele observa naquela noite e no dia seguinte mostra com que intensidade

aquele homem já vivia no Egito antes de ir para lá, até que ponto ele estava preparado por sua fantasia, por seus sonhos e pensamentos, que nada parecia realmente novo para ele. Tudo era para ele simples confirmação de hipóteses ousadas anteriormente declaradas; portanto, inesperadamente, ele estava em posição de tirar pleno proveito desse estudo dos monumentos do país do Nilo.

Para a maioria dos companheiros de Champollion, o grande templo, o pórtico, as colunas e as inscrições eram apenas pedras e monumentos mortos. Para eles, a roupa estranha que eles vestiam era apenas um disfarce, enquanto Champollion vivia nela. Todos tinham cabelos de monge cortados e vestidos com turbantes gigantescos, vestindo mantos de pano com brocados de ouro e chinelos amarelos. "Nós nos demos bem e com a gravidade", diz L'Hóte. Mas essa observação contém uma certa estranheza para esse tipo de roupa. Em vez disso, Champollion, que durante anos já havia recebido, em Grenoble e Paris, o apelido de "egípcio", era digno dele e se movia como um homem indígena, como atestavam todos os seus companheiros.

BIBLIOGRAFIA

(Após a publicação do volume "Túmulos, deuses e sábios", "Deuses, túmulos e sábios em imagens " e "Deuses, túmulos e sábios em documentos "). É, portanto, uma trilogia que inclui a maior quantidade de texto, ilustrações e indicações de fontes sobre a história da arqueologia publicadas até agora em uma leitura agradável e contém inúmeros dados difíceis de serem encontrados até por especialistas.O volume de "Imagens" e "Documentos" também contém uma bibliografia de quase cem obras e cerca de trezentas ilustrações. A trilogia termina com o volume especial "O estreito desfiladeiro e a montanha negra. A descoberta do Império Hitita", que por sua vez apresenta uma bibliografia de cerca de quatrocentas obras. A bibliografia deste volume foi aumentada a cada nova edição, com obras importantes e acessíveis que oferecem ao leitor interessado e ao aluno a possibilidade de encontrar informações sobre o resultados das investigações mais recentes e novas teses científicas em quase mil trabalhos e ilustrações citados.)

G ENERALITIES

BIBBY , Geoffrey: "Quatro mil anos atrás". (Edição alemã "Zu Abrahams Zeiten" Reinbek, 1964).

BÍBLIA (Antigo e Novo Testamento).

BULLE : "Handbuch der Archäologie" (Volume VI do "Handbuchs der klassischen Altertumswissenschaften"), Munique, 1913.

CLEATOR , PE: "Idiomas perdidos". Londres, 1959.

DANIEL , Glyn E.: "Cem anos de arqueologia", Londres, 1950.

- "Das Erwachen der Menschheit" (Propyläen-Weltgeschichte), Berlim, 1931.

DAUX , G.: "Les Étapes de l'Archéologie", 1942.

DELITZSCH , Friedrich: "Babel und Bibel", Leipzig, 1903.

FROBENIUS , Leo: "Der Ursprung der Afrikanischen Kulturen", Berlim, 1898.

- "Kulturgeschichte Afrikas" (Prolegomena zu einer historischen Gestaltlehre), Zurique, 1933.

GLOVER , TR: "O mundo antigo", Penguin Books, 1948.

HAWKES , Jacquetta (Editor): «O Mundo do Passado», I.-II., Nova Iorque, 1963 (Antologia de contos de escavações).

HEIZER , Robert F.: "O Arqueólogo em Trabalho, Um Livro Fonte em Método Arqueológico e Interpretação", Nova York, 1959.

HENNIG , Richard: "Von rätselhaften Ländern", Munique, 1925.

HERTSLET , WL: "Der Treppenwitz der Weltgeschichte", Berlim, 1927.

JENSEN , Hans: "Die Schrift", Glückstadt, 1935.

JIRKU , Anton: "Die Welt der Bibel, Fünf Jahrtausende in Palástine-Syrien", Stuttgart, 1957.

KENYON , Kathleen M.: "Começo em Arqueologia". Nova York, 1953.

KOEPP , P .: «Archäologie», I-IV. Leipzig, 1919-1920.

- "Geschichte der Archäologie" no "Handbuch der Archäologie", editado por Walter Otto, Volume I, Munique, 1939.

LÜBKE , Wilhelm: "Die Kunst des Altertums" (T. I de "Grundriss der Kunstgeschichte") Esslingen, 1921.

MEISSINGER , KA: "Roman des Abendlandes", Leipzig, 1939.

MEYER , Eduard: "Geschichte des Altertums", IV, Stuttgart-Berlin, 1926-1931.

MICHAELIS , Adolf: "Die archäologischen Entdeckungen des Neunzehnten Jahrhunderts", Leipzig, 1960.

OPPELN - BRONIKOWSKI , Friedrich von: "Archäologische Entdeckungen im 20. Jahrhunderts", Berlim, 1931.

PIGGOT , Stuart (Herausgeber): "O alvorecer da civilização, a primeira pesquisa mundial sobre culturas humanas nos primeiros tempos". Londres, 1961.

REINHARDT , Ludwig: "Urgeschichte der Welt", I-II, Berlim-Viena, 1924.

ROBERT , Cari: "Archäologische Hermeneutik", Berlim, 1919.

RODENWALDT , G.: "Die Kunst des Altertums", 1927.

SCHEFOLD , Karl: "Orient, Helias und Rom in der archäologischen Forschung seit 1939", Berna, 1949.

SCHMÖKEL , HARTMUT (Em colaboração com Heinrich Otten, Victor Maag e Thomas Beran):

«Kulturgeschichte der Alten Orient, Stuttgart, 1961.

SCHUCHARDT , Cari: "O Burg im Wandel der Weltgeschichte", Potsdam, 1931.

SPENGLER , O swald: "Der Untergang des Abendlandes", I-II, Munique, 1920.

SPRINGER , Anton: "Kunstgeschichte", IV, Leipzig, 1923.

TOYNBEE , Arnold J.: "Um Estudo da História", IV, Londres, 1933-1939.

WEGNER , Max: "Altertumskunde", Freiburg-Munich, 1951.

WHEELER , Sir

Mortimer:

"Arqueologia

da

Terra",

Londres,

1954. WOOLLEY , C. Leonart: "Mit Hacke und Spaten", Leipzig, 1950.

P ARA E L 'L IBRO D E L AS E Estátuas '

BOSSERT , Helmuth Th.: "Alt-Kreta", Berlim, 1923. BUSCHOR , Ernst: "Die Plastik der Griechen", Berlim, 1936.

CHADWICK , John: "The Decipherment or £ Linear B", Nova York, 1963.

CORTI , Egon Gäsar Conteúdo: "Untergang und Auferstehung von Pompeji und Herkulaneum", Munique, 1940.

CURTIUS , Ludwig: "Antike Kunst", I-II (em "Handbuch der Kunstwissenschaft", Athenaion), Potsdam, 1938.

- "Deutsche und Antike Welt", Stuttgart, 1950. EVANS , Arthur: "Scripta Minoa", Oxford, 1909.

- "O Palácio de Minos", I-III, Londres, 1921-1930. FIMMEN : "Die kretisch-mykenische Kultur", 1924.

GOETHE , Johann Wolfgang von: "Winckelmann und sein Jahrhundert", 1805.

HOLM - DEECKE - SOLTAU : "Kulturgcschichte des Klassischen Altertums", Leipzig, 1897.

HOMER : "Ilias" e "Odyssee".

JUSTI , Carl: "Winckelmann", Leipzig, 1866.

LICHTENBERG , R. von: "Die Ägäische Kultur", Leipzig, 1911.

LUDWIG , Emil: "Schliemann", Berlim, 1932.

MAIURI , Amedeo: "Pompeji", Novara, 1956.

MATZ , Friedrich: "Kreta, Mykene, Troja", Stuttgart, 1957.

MEYER , Ernst: "Briefe von Heinrich Schliemann", Berlim-Leipzig, 1936.

PALMER , Leonard R.: "Mycenaeans and Minoans", segunda edição, Nova York, 1965.

PENDLEBURY , JDS: "Um manual para o Palácio de Minos, Knossos e suas dependências", Londres, 1954.

PFISTER , Kurt: "Die Etrusker", Munique, 1940.

SCHLIEMANN , Heinrich: "Ithaka", Leipzig, 1869.

- "Mykenä", Leipzig, 1878.

- "Ilios", Leipzig, 1881.

- "Troja", Leipzig, 1884.

- "Tiryns", Leipzig, 1886.

SCHUCHARDT-WIEGAND: "Carl Humann", 1931.

UHDE - BERNAYS : "Winckelmanns kleine Schriften", Leipzig, 1913.

VIETTA , Egon: "Zauberland Kreta", Viena-Wiesbaden, 1952.

WINCKELMANN , Johann Joachim: "Sendshreiben von den herculanischen Entdeckungen", 1762.

- "Neue Nachrichten von den neuesten herculanischen Entdeckungen", 1764.

- "Geschichte der Kunst des Altertums", 1764.

- "Monumenti antichi inediti", I-II, Roma, 1767.

P ARA E L 'L IBRO D E L AS P IRÁMIDES '

BELZONI , Giovanni Bautista: "Narrativa de operações e pesquisas recentes no Egito e Núbia", Londres, 1820.

BREASTED , JA: «Registros Antigos do Egito», IV, Chicago, 1906-1907.

- "Uma história do Egito".

BRUGSCH , Heinrich: "Inscriptio Rosettana", Berlim, 1851.

- "Die Ägyptologie", Leipzig, 1891.

- "Steininschrift und Bibelwort", Berlim, 1891.

BURCKHARDT , Johann Ludwig: "Travels in Nubia", Londres, 1819.

CARTER - MACES «Tut-ench-Amun» (Volume I). Leipzig, 1924.

C Um rter , Howard: "Tut-ench-Amun" (Volume II), Leipzig de 1924.

CHAMPOLLION , Jean-François: "Lettre à M. Dacier, relativo ao alfabeto dos hiéroglifos fonéticos", Paris, 1822.

- "Panthéon égyptien", Paris, 1823.

DENON , Vivant: "Viagens na base e no alto Egito", I-II, Paris, 1802.

WASTE - NOBLECOURT , Christiane: "Vida e morte de um faraó, Tutankhamen", Londres, 1963. EBERS , Georg: "Papyros Ebers", I-II, 1875.

- "Eine ägyptische Königstochter", I-III (novela), 1884.

EDWARDS , AAB: "Faraós, Fellahs e Exploradores", 1891.

EDWARDS , IES: "As Pirâmides do Egito", Penguin Books, 1952.
ERMAN , Adolf: "Die Hieroglyphen", 1917.

- "Die Literatur der Ägypter", Leipzig, 1923.

- "Die Welt am Nil", Leipzig, 1936.

FRIEDELL , Egon: "Kulturgeschichte Ägyptens und des Alten Orients", Munique, 1951.

GONEIM , Mohamed

Zaakria: "As pirâmides enterradas", Londres,

1955. HARTLEBEN . H .: "Champollion". I-II. Berlim 1906

LANCE , Kurt: «Pirâmides, esfinges e faraós», Barcelona, 1960.

LEPSIUS , Richard: "Denkmäler aus Ägypten und Athiopien", 18491959, texto sem anotações, 1879-1913.

LUDWIG , Emil: "Napoleão", Berlim, 1930.

MARIETTE , Auguste: "Monumentos do Alto Egito", Londres, 1877.

MEIER - GRAEFE , Júlio: "Pyramide und Tempel", Berlim, 1927.

MERTZ , Barbara: "Templos, túmulos e hieróglifos", A história da Egyptology, Nova York, 1964. PETRIE , William M. Flinders: "Dez anos de escavação no Egito", 1881-1891.

- "Métodos e objetivos em arqueologia", 1904.

REYBAUD : "História científica e milícia da expansão francesa no Egito", IX, 18301836.

SCHARFF , Alexander e MOORTGAT , Anton: "Egypten und Vorderasien im Altertum", Munique, 1951.

SCHOTT , Siegfried: "Hieróglifo, Untersuchungen zum Ursprung der Schrift", Mainz, 1951.

SETHE , Kurt: "Die altägyptischen Pyramidentexte", I-IV, 19081922.

STEINDORFF , Georg: "O Egito Gaue und ihre politische Entwicklung", 1909.

- "Blütezeit des Pharaonenreiches", 1926,

LOBO Walther: "Die Welt der Ägypter", Stuttgart, 1958.

P ARA E L 'L IBRO D E L COMO T ORRES »

BOTTA , Paul Emile: "Monumentos de Ninive Decouverts e décrits por Botta, mesures et dessinés por E. Flandin", IV, Paris, 1847-1850.

TEN , Ernst: "Entschleiertes Asien", Berlim, 1943.

Dioses, Tumbas y Sabios

GROTEFEND , Georg Friedrich: "Beiträge zur Erläuterung der persepolitanischen Keilschrift", Hannover, 1837.

HEDIN , Sven: "Bagdá, Babilônia, Niniveh". Leipzig, 1918.

JORDÂNIA , Franzis: "In den Tagen des Tammuz". Munique, 1950.

KITTEL , Rudolf: "Die orientalischen Ausgrabungen", Leipzig, 1908.

KOLDEWEY , Robert: "Das wiedererstehende Babylon", Leipzig, 1914.

KOLDEWEY-SCHUCHARDT: "Heitere undernste Briefe", Berlim, 1925.

KRAMER , Samuel Noah: "A história começa na Suméria", Nova York, 1956.

KUBIE , Nora Benjamin: "Caminho para Niniveh: As aventuras e escavações de Sir Austen Henry Layard", Nova York, 1964.

LAYARD , Austen Henry: "Autobiografia e Cartas", 1903.

- "Niniveh e seus restos mortais", I-II, Londres, 1848.

- "Niniveh e Babilônia, sendo a narrativa das descobertas", Londres, 1853.

LAWRENCE : "As cartas da TE", Londres, ou. J.

LLOYD , Seton: "Fundações na poeira", Londres, 1949.

MEISSNER , Bruno: "Babylon und Assyrien", I-II, 1920-1925.

- "Könige Babylons und Assyriens", Leipzig, 1926.

PARROT , André: "Sumer, o alvorecer da arte", Nova York, 1961.

- "As Artes da Assíria", Nova York, 1961.

RAWLINSON , Henry Greswicke: "As inscrições cuneiformes persas no Behistum", 1846.

- "Comentário sobre as inscrições cuneiformes da Babilônia e Assíria", 1850.

- "Esboço da história da Assíria, coletado das inscrições descobertas nas ruínas de Niniveh", Londres, 1852.

RAWLINSON , G.: "Um livro de memórias do major-general Sir Henry Creswicke Rawlinson", 1938.

SCHMIDTKE , Friedrich: "Der Aufbau der babylonischen Chronologie", Münster, 1952.

SCHMÖKEL , Hartmut: "Ur, Assur und Babylon, Drei Jahrtausende im Zweistromland", Estugarda, 1955.

SMITH , George: "Assyriem Discoveries", Londres, 1875.

WEIDNER , Ernst F.: "Studien zur assyrisch-babylonischen Chronologie und Geschichte", 1917. WOOLLEY , Sir Leonart: "Ur dos Caldeus. Um recorde de sete anos de escavação ", Pelican Book, Londres, 1952. -" Vor 5000 Jahren ", Stuttgart, 1929.

P ARA E L 'L IBRO D E L AS E SCALERAS '

BATRES , Leopoldo: "Teotihuacan", México, 1906.

BOWDITCH , Charles P.: "Uma sugestiva inscrição maia", Cambridge, EUA, 1903.

- "Antiguidades, sistemas de calendário e história da América Central e do México", Washington, 1904.

CATHERWOOD , F.: "Visões de monumentos antigos na América Central, Chiapas e Yucatan", 1844.

CHARNEY , Desiré: "Ruines américaines", Paris, 1863.

COLLIER , John: "Índios das Américas", Nova York, 1948.

DANZEL , Theodor-Wilhem: "Mexiko", I-II, Hagen, 1923.

- "México e das Reich der Inkas", Hamburgo (o. J.).

DIESELDORFF , EP: "Kunst und Religion der Mayavölker", I-III, Berlim, 1926-1933.

GREENE , Graham: "As estradas sem lei".

HUMBOLDT , Alexander von: "Viagem para os Estados Unidos da América", Stuttgart, 1859-1960.

JOYCE , TA: "Mexican Archaeology", Londres, 1914.

- "Arqueologia da América Central e das Índias Ocidentais", Londres, 1914.

KINGSBOROUGH , Edward Lord: "Antiquities of Mexico", I-II, Londres, 1831-1848.

KISCH , Egon Erwin: "Entdeckungen in Mexiko", Berlim, 1947.

LANDA , Diego de: "Relação das coisas de Yucatan", 1956 (edição francesa: "Relation des choses de Yucatan", editado por Brasseur de Bourbourg, Paris, 1864).

LEHMANN , Walter: "Ergebnisse und Aufgaben der mexikanischen Forschung", Arch, f. Anthr., Braunschweig, 1907.

MAUDSLAY , Alfred

P.:

«Bilogía

Centrali

Americana». I-IV,

Londres,

1889—

1902. "MayaSculptures, Guide to the Maudslay Collections of", Museu Britânico, Londres, 1938.

MORLEY , Sylvanus Griswold-BRAINERD, George W.: "The Ancient Maya", terceira edição, Stanford, 1963.

Dioses, Tumbas y Sabios

- "A ascensão e queda da civilização maia à luz dos monumentos e das crônicas nativas", Nova York, 1917.

PETERSON , Frederick A.: «México antigo, uma introdução às culturas pré-hispânicas», Londres, 1959.

PRESCOTT , William H.: "História da conquista do México", 1844.

RADIN , Paul: "A história do índio americano", Nova York, 1944.

RICKETSON Jr., Oliyer G.: "Six Seasons at Uaxactún", Intern. Congr. of America, 1928. Ruz, Alberto: "Uma descoberta surpreendente", Il ustrated London News, 29 de agosto de 1953.

SAHAGUN , P. Bernardino, de: "História geral das coisas da Nova Espanha", I-III, México, 1829

(inglês ed.: "Uma história do México antigo", tradução de F. Bandelier, 1932).

SCHULTZE - JENA , Leonhard: "Gliederung des Alt-Aztekischen Volks in Famile, Stand und Beruf", Stuttgart, 1952.

SELER , Eduard: «Gesammelte Abhandlungen zur amerikanischen Sprachund Altertumskunde », IV, Berlim, 1902-1923.

STEPHENS , John L.: "Incidentes de viagens na América Central, Chiapas e Yucatan", Nova York, 1842. TERMER , Franz: "Mittelamerika und Westindien", Hand. d. Geogr. Wiss.

THOMPSON , J. Eric: "Civilização dos Maias", Chicago, 1927.
THOMPSON , Eduard Herbert:

"Pessoas da Serpente", Londres, 1932.

VAILLANT , GC: «Os Astecas do México», Penguin Books, 1951.

VERRILL , A. Hyatt e Ruth: "Civilizações Antigas da América", Nova York, 1953. WESTHEIM , Paul: "Arte Antiga do México", México, 1950.

P ARA "G OS G Ibros D E UM RQUEOLOGÍA Q UE t Hodavias N O P UEDEN E SCRIBIRSE »

(Também citamos trabalhos aqui sobre a pesquisa moderna e os métodos científicos auxiliares mencionados neste capítulo.)

ALLEGRO , John Marco: "Os Pergaminhos do Mar Morto", Pelican Books, Londres, 1956.

BARTHEL , THOMAS : "Grundlagen zur Entzifferung der Osterinselschrift", Abhandl. aus dem Gebiet der Auslandskunde, tomo 64, série B, tomo 36, Hamburgo, 1958.

BASS , George F.: "Archäologie unter Wasser", Bergisch-Gladbach, 1966.

BAUDIN , Louis: "Les Incas de Pérou", Paris, 1942.

BIEK , Leo:

"Archaeology and the Microscope", Nova York,

1963. BINGHAM , Hiram: "Inca Land", Boston, 1923,

- «Cidade Perdida dos Incas. A história de Machu Picchu e seus construtores », Nova York, 1948.

BROTHWELL - HIGGS , DON E ERIC : "Science in Archaeology", Londres, 1963. (Mais de cinquenta métodos científicos diferentes que são aplicados hoje à arqueologia são discutidos neste trabalho.) CERAM - LYON , CW e PETER : "O Museu Azul", Horizon, vol. Eu não. 2, Nova York, novembro de 1958.

COUSTEAU , JACQUES - YVES : "Die schweigende Welt", Berlim, 1953.

CRAWFORD , OGS: "Arqueologia nos campos", Nova York, 1953.

GLUECK , Nelson: "Rivers in the Desert", Nova York, 1959.

ELES FAZEM , Victor W. von: "Os Reinos do Deserto do Peru", Londres, 1964.

HEYERDAHE , Thor: "Aku-Aku, O Segredo da Ilha de Páscoa", Nova York, 1958.

KOSAMBI , DD: «Índia Antiga». Nova York, 1965.

KOSOCK , Paul: «Vida, terra e água no antigo Peru». Nova York, 1965.

LERICI , Cario Maurilio: "Uma Grande Aventura da Arqueologia Italiana" (1955-1965), Dez Anos de Prospecção Arqueológica, Lerici Editori, o. J., o. OU.

LIBBY , Willard F.: "Radicarbon Dating", Chicago, 1952.

MACKAY , D.: "Civilizações Indus primitivas", 1948.

MACKAY , EJK: "Escavações em Mohenjo-Daro", Delhi, 1938.

MARSHALL , John: "Mohenjo-Daro e as civilizações do Indo", I-III, Londres 1931.

MELLAART , James: "Catal Hüyük, uma cidade neolítica na Anatólia", Londres, 1967.

PIGGOT , Stuart: "Índia pré-histórica a 1000 aC", Penguin Books, 1952.

PRESCOTT , William H.: "História da conquista do Peru", 1847.

SCHAEFFER , Claude FA: "Le Palais Royal d'Ugarit", Paris, 1956.

SPANUTH , Jürgen: «Atlantis». Tübingen, 1965. (O primeiro trabalho que reúne todas as teorias formuladas até agora sobre a Atlântida e também expõe uma nova e não comprovada.) 351

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

STALLINGS , WS: "Datando ruínas pré-históricas por anéis de árvores", Laboratório de Pesquisa em Anel de Árvores, Universidade do Arizona 1960.

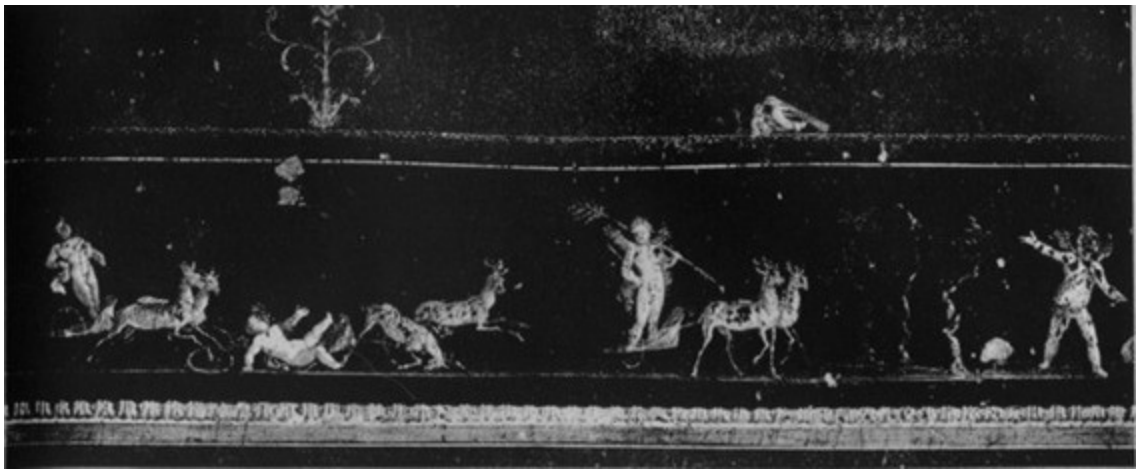
UBBELOHDE -DOERING, Heinrich: "Kunst im Reich der Inca", Tübingen, 1952.

WHEELER , REM: «5000 anos. of Pakistan ', Londres, 1950.

- "Early India and Pakistan", Nova York, 1959.

YADIN , Yigael: «Massada», Ediciones Destino, Barcelona, 1969. Herod », Hamburgo, 1967.

352





C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA I

Pinturas de parede famosas de Pompeia. Acima: Frieze of Eros, mostrando amor agradecendo ao vencedor de uma corrida entre os deuses do amor. Abaixo: O sacrifício de Ifigênia, da Casa do Poeta Trágico. Com a ajuda de dois outros, Calchas vai oferecer uma virgem. Agamenon chora ao lado da coluna Artemis.

353





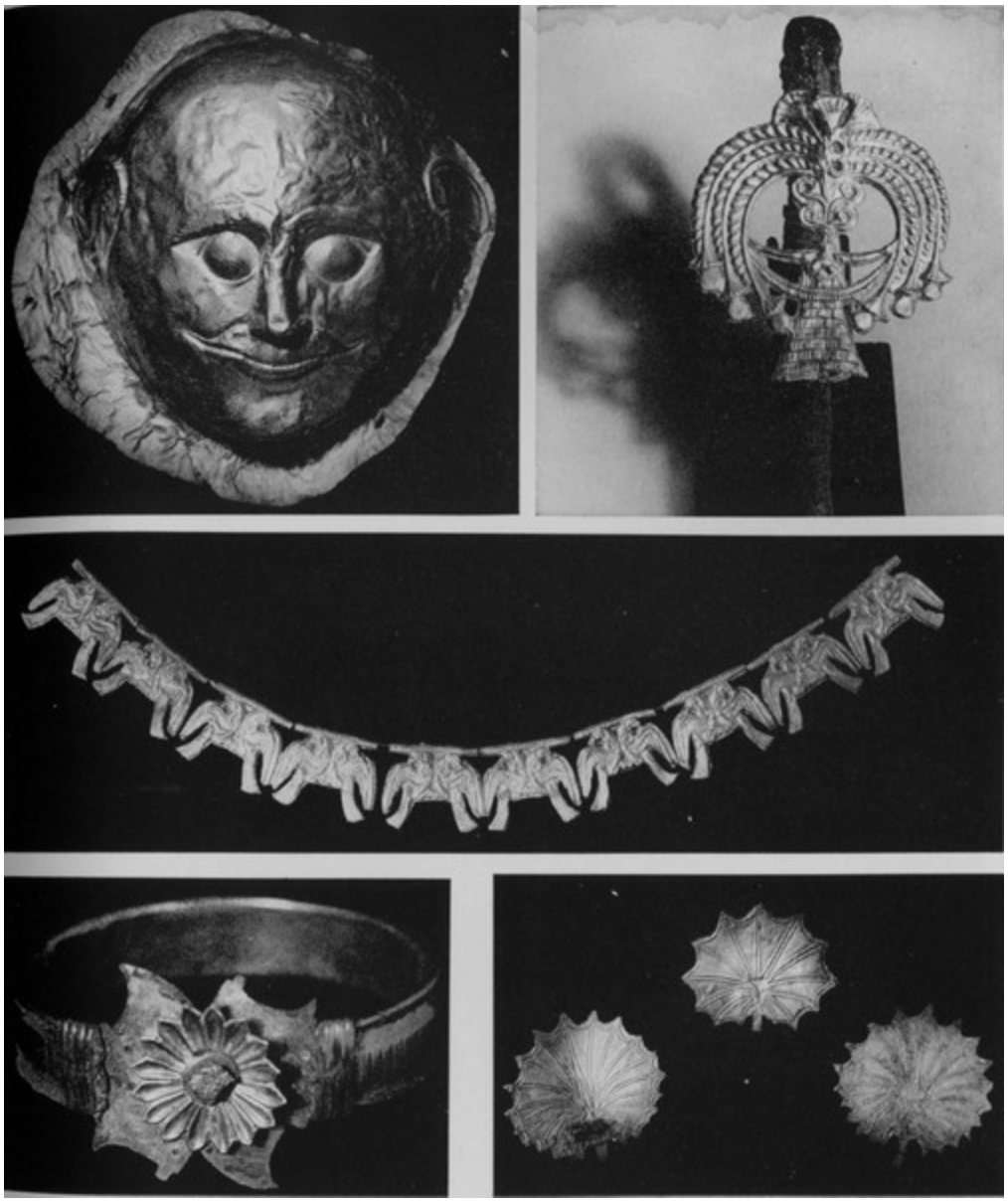
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA II

Acima: Via Della Abondanza, Pompeu, quase como era 79 dC.

Abaixo: A Quimera de Arezzo. Do Museu Arqueológico de Florença. A escultura de bronze mostra uma influência grega e etrusca combinada. Foi lançado um milênio antes da destruição de Pompéia.



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA III

A grande descoberta de Schliemann em Tróia, o tesouro de ouro do rei mais poderoso da pré-história. Em baixo, à esquerda: uma máscara de ouro. Direita: Um enfeite de cabelo dourado. Centro: um colar de ouro. Parte inferior esquerda: uma pulseira de ouro. Direita: Ornamentos em forma de folha de ouro.





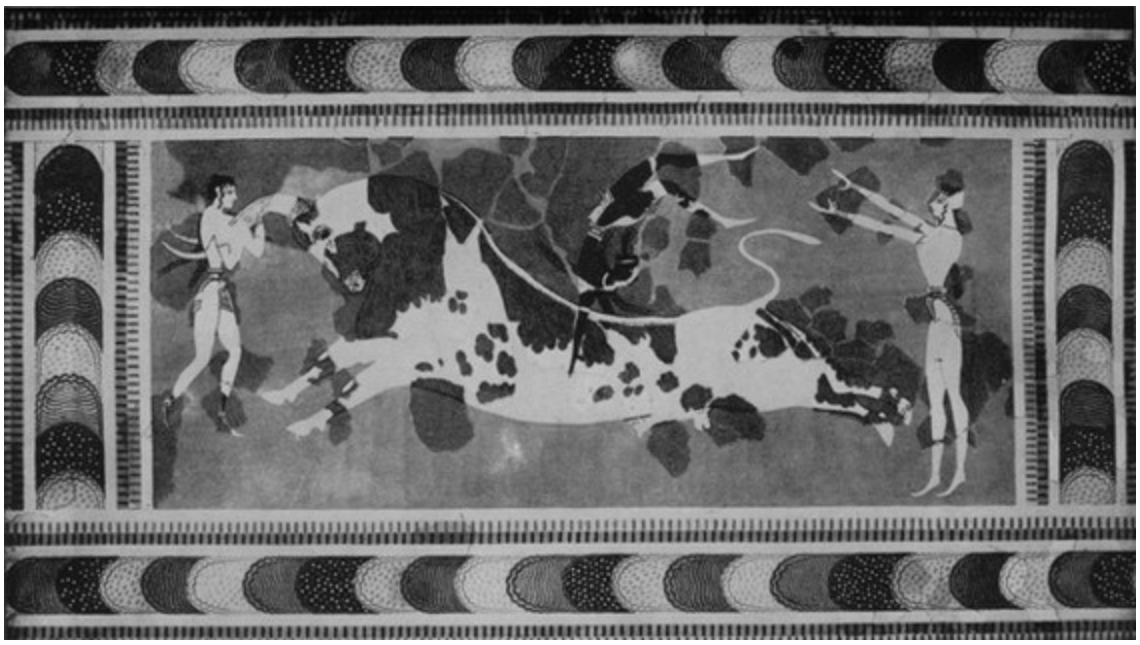


C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA IV

Mulheres de Creta, por volta de 1.600 aC, durante a idade de ouro da cultura creto-micênica. Acima à esquerda: uma pintura de parede. Direita: Estatueta de cerâmica colorida do palácio minóico de Knossos. Abaixo: Embarcações ricamente decoradas ainda em vigor a partir de um antigo armazém em Knossos.



C.W.Ceram

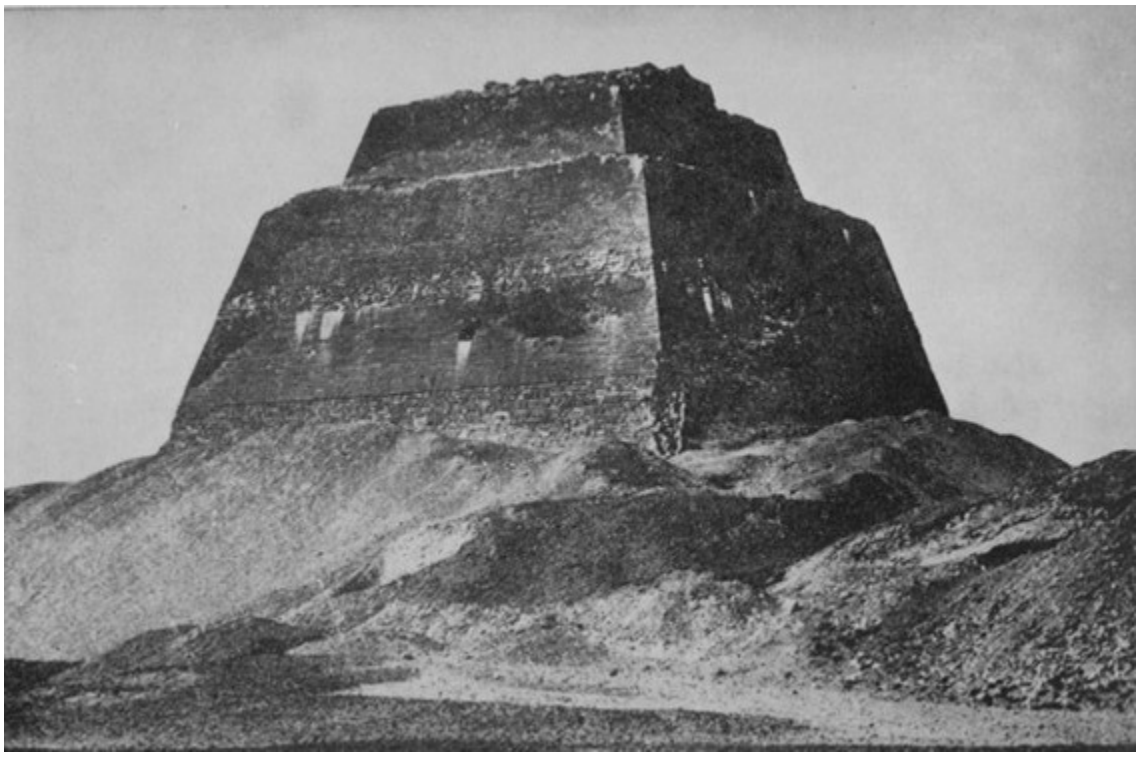
Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA V

Uma das pinturas de touros, semelhantes às encontradas por Arthur Evans em Konossos e antes dele por Schliemann em Tiryns. Esses jovens dançarinos, acrobatas ou toureiros? Ou isso é uma representação da lenda de Teseu e do Minotauro e dos sete rapazes e moças levados a Creta para serem sacrificados ao touro de Minos?

357





C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

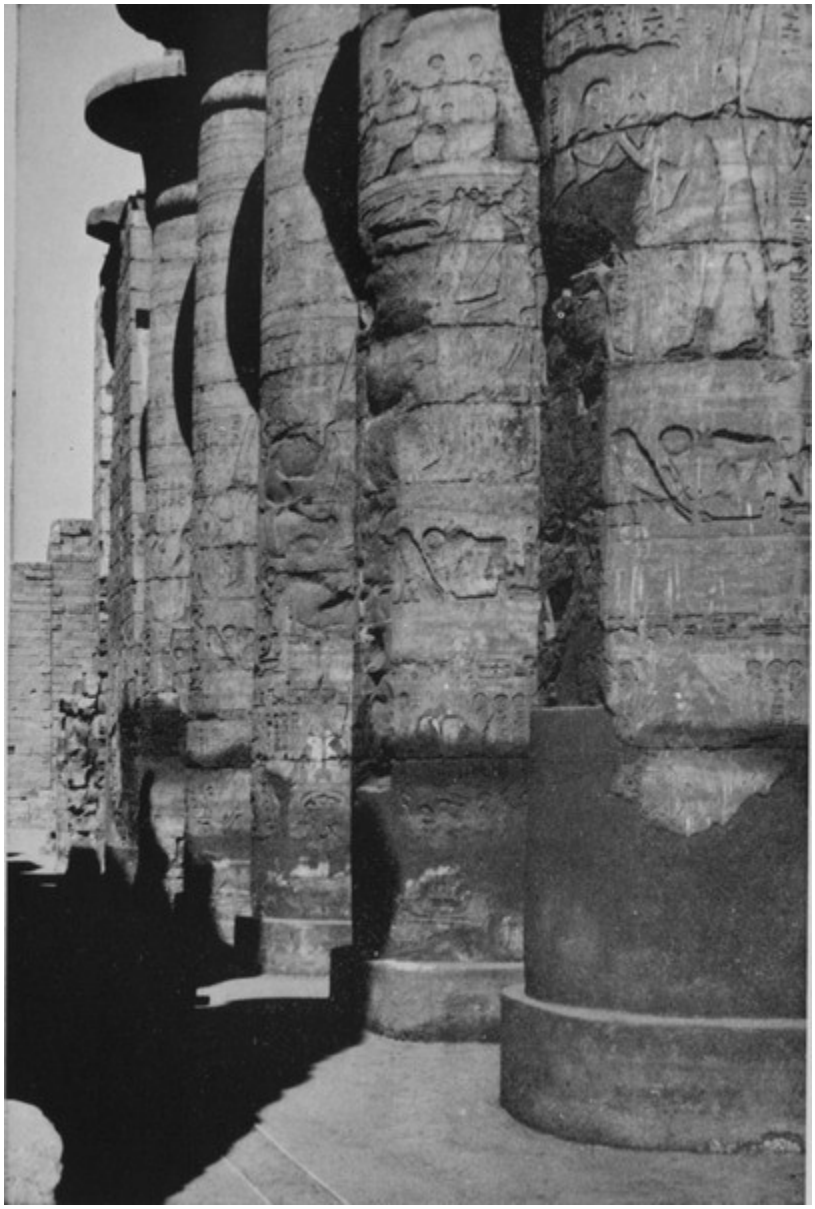
LÂMINA VI

Acima: A pirâmide de degraus de Sakkara, construída por Imhotep para o rei Zoser, terceira dinastia, por volta de 2950 aC

Abaixo: A Pirâmide do Passo Medum, construída por Snefru, Quarta Dinastia, por volta de 2900 aC Originalmente, essa pirâmide tinha sete

degraus, dos quais apenas três permanecem.

358



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA VII

Colunata no templo de Karnak. Construída durante o reinado de Ramsés II, décima nona dinastia, por volta de 1250

aC A monumentalidade nua do Antigo Reino, como mostrado nas pirâmides, agora foi substituída por um enfeite intrincado, mas ainda maciço, distinto por muitos baixos-relevos, ou escultura esculpida.

359



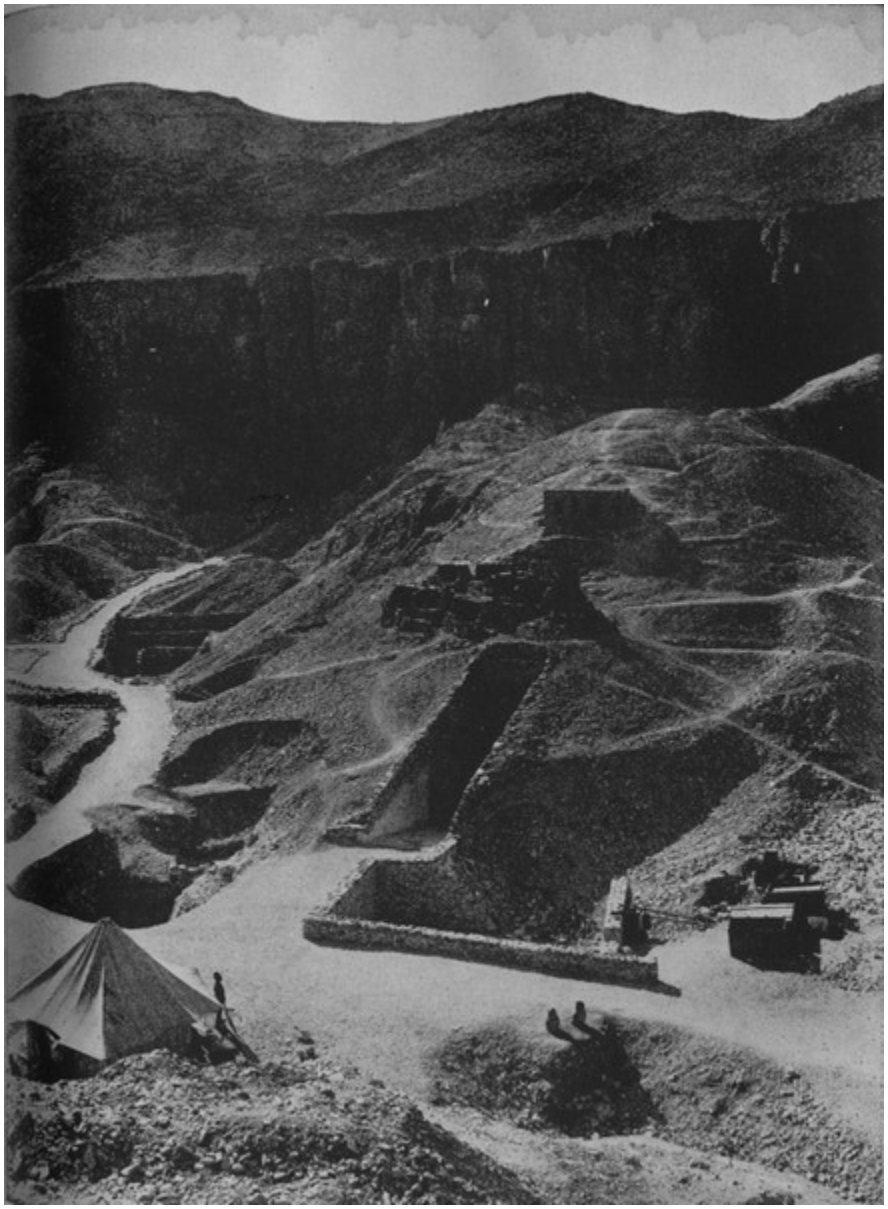
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA VIII

Mulheres nobres egípcias. Parte de uma pintura de parede da tumba de Weserhet em Tebas, Dinastia XIX, por volta de 1300 aC

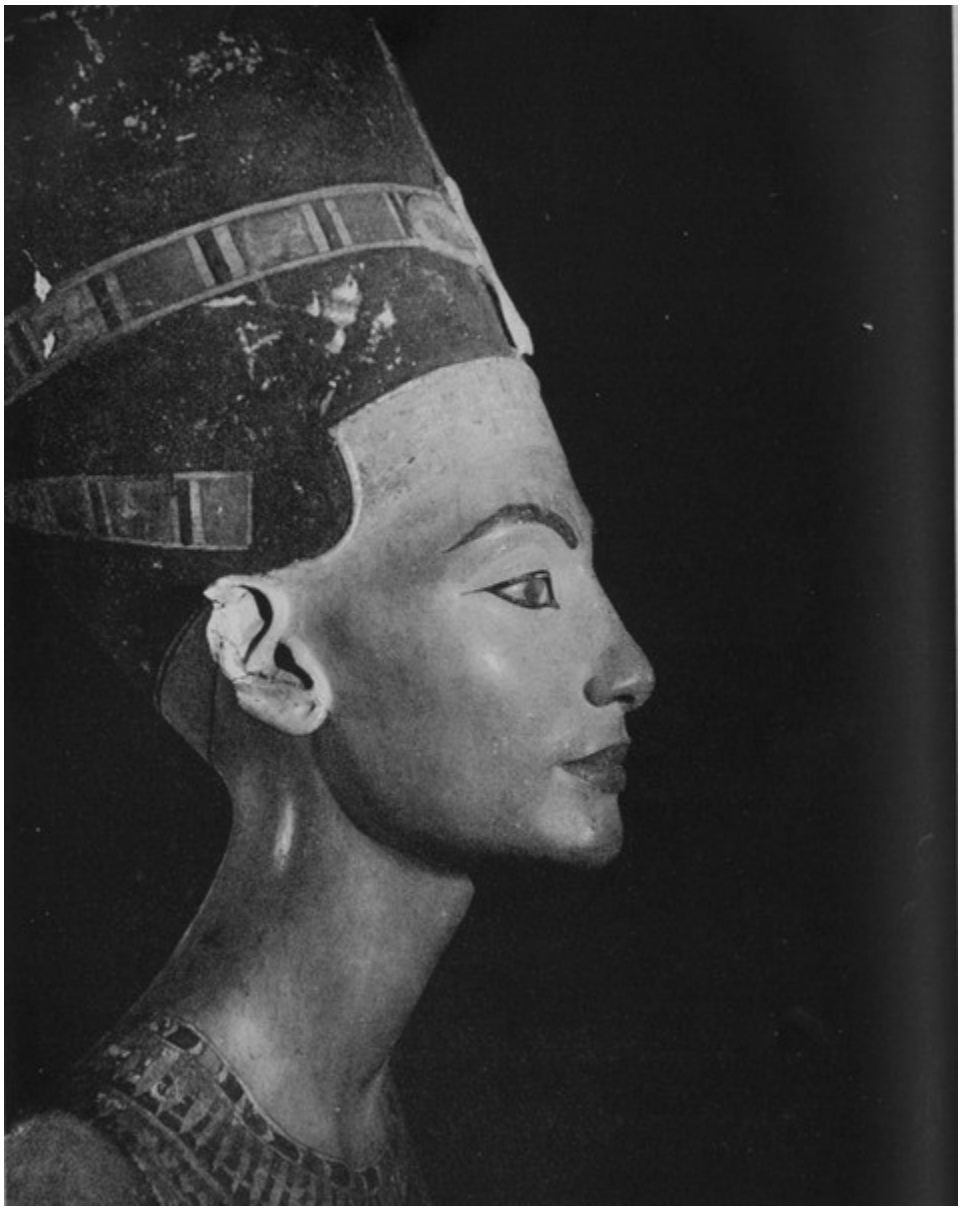
360



C.W.Ceram

LÂMINA IX

O vale dos reis. A passagem que leva ao túmulo de Tutankhamon começa atrás do baixo muro de pedra. Depois, à esquerda, seguindo a colina onde estão os prédios, a entrada para o túmulo de Ramsés VI. Esta fotografia dá uma boa impressão da intensidade das escavações arqueológicas no vale. Nenhuma pedra foi deixada intacta neste local.



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA X

Nefertiti. Encontrado na oficina de um escultor chamado Tutmose em Tell-el-Amarna, por uma expedição alemã liderada por Ludwig Borchardt em 1912-14. Está inacabado, um dos olhos não foi pintado. Por alguma razão, os alemães não revelaram sua existência até 1925, quando houve um escândalo no Egito.

362



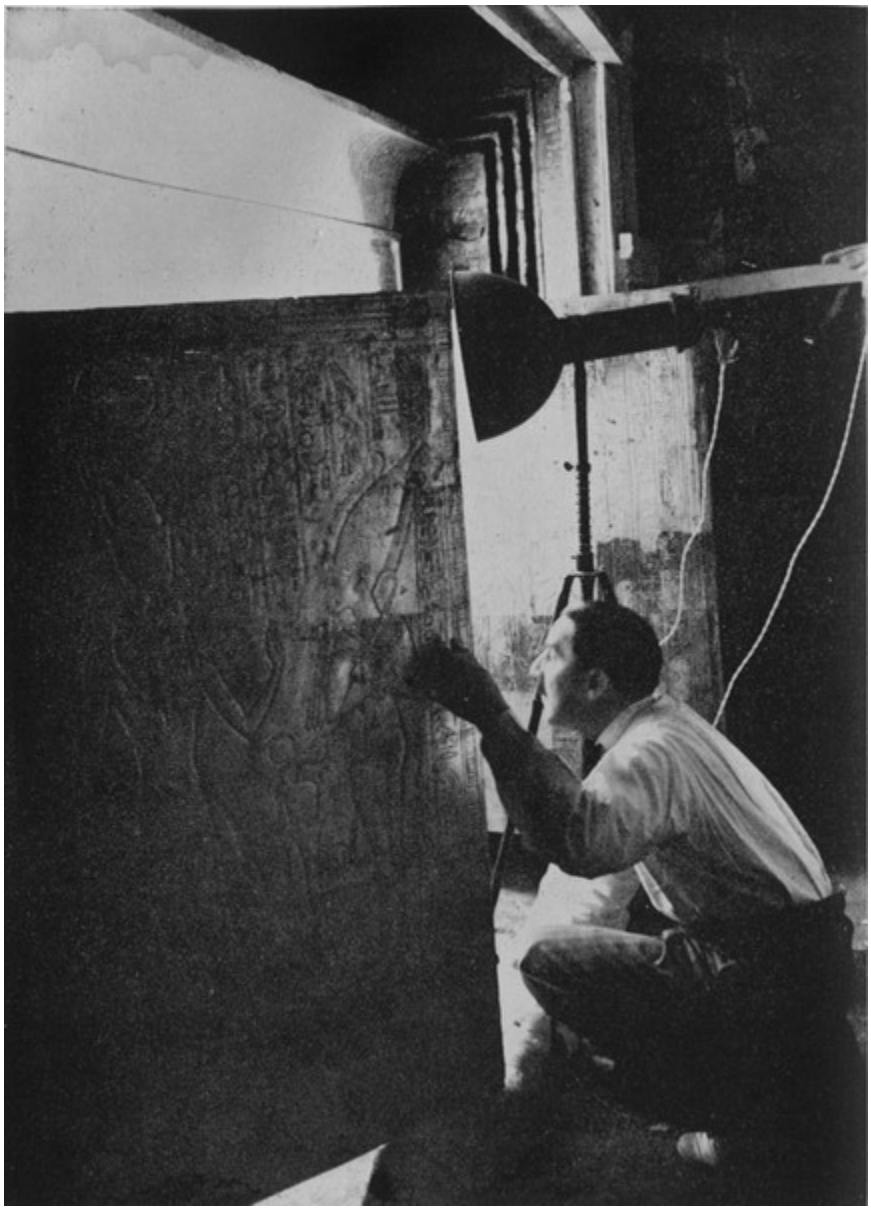
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XI

Trono de Tutancâmon, feito de madeira coberta de folhas de ouro e decorado com cerâmica, vidro e pedras preciosas. O jovem rei é representado com sua esposa Anche-en-Amon. O rei provavelmente tinha essa aparência quando morreu aos 19 anos.

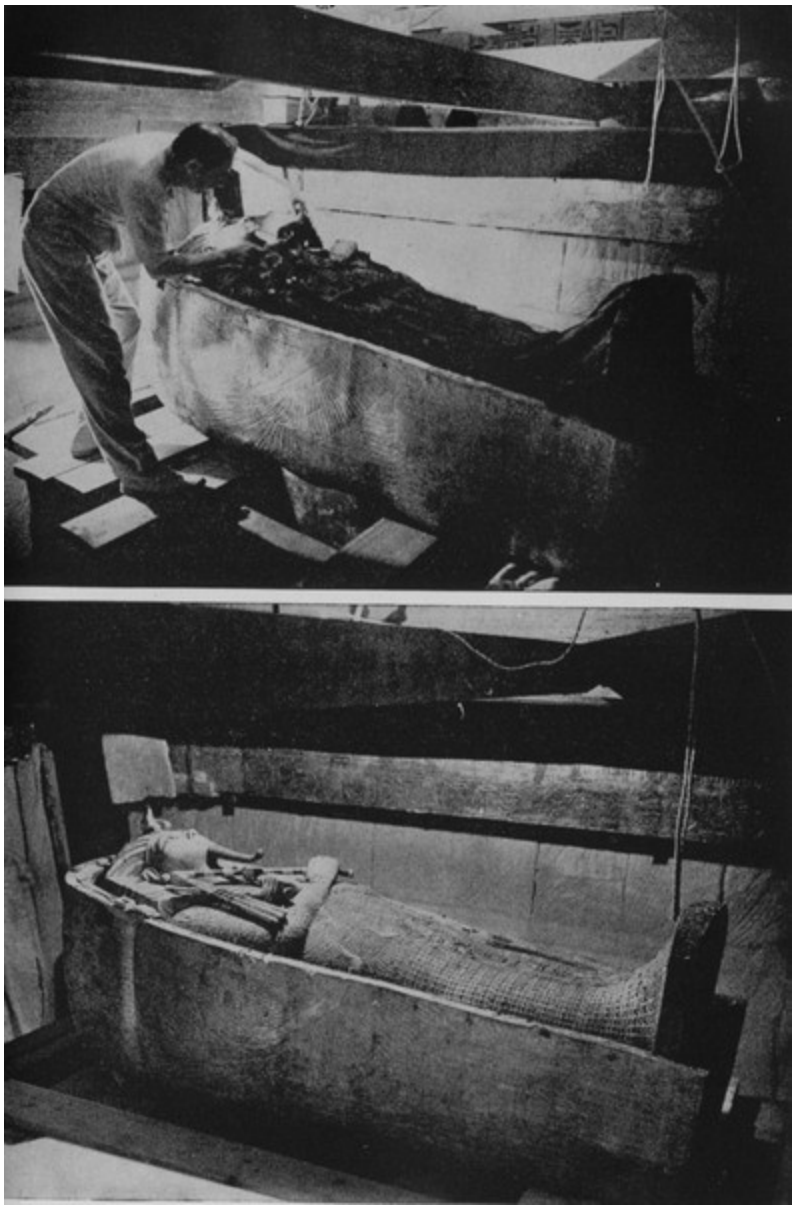
363



C.W.Ceram

LÂMINA XII

Howard Carter abre a porta para o segundo túmulo de ouro, onde ele assumiu que estava o sarcófago de Tutancâmon. Ele foi fotografado ao olhar para o terceiro túmulo de ouro.



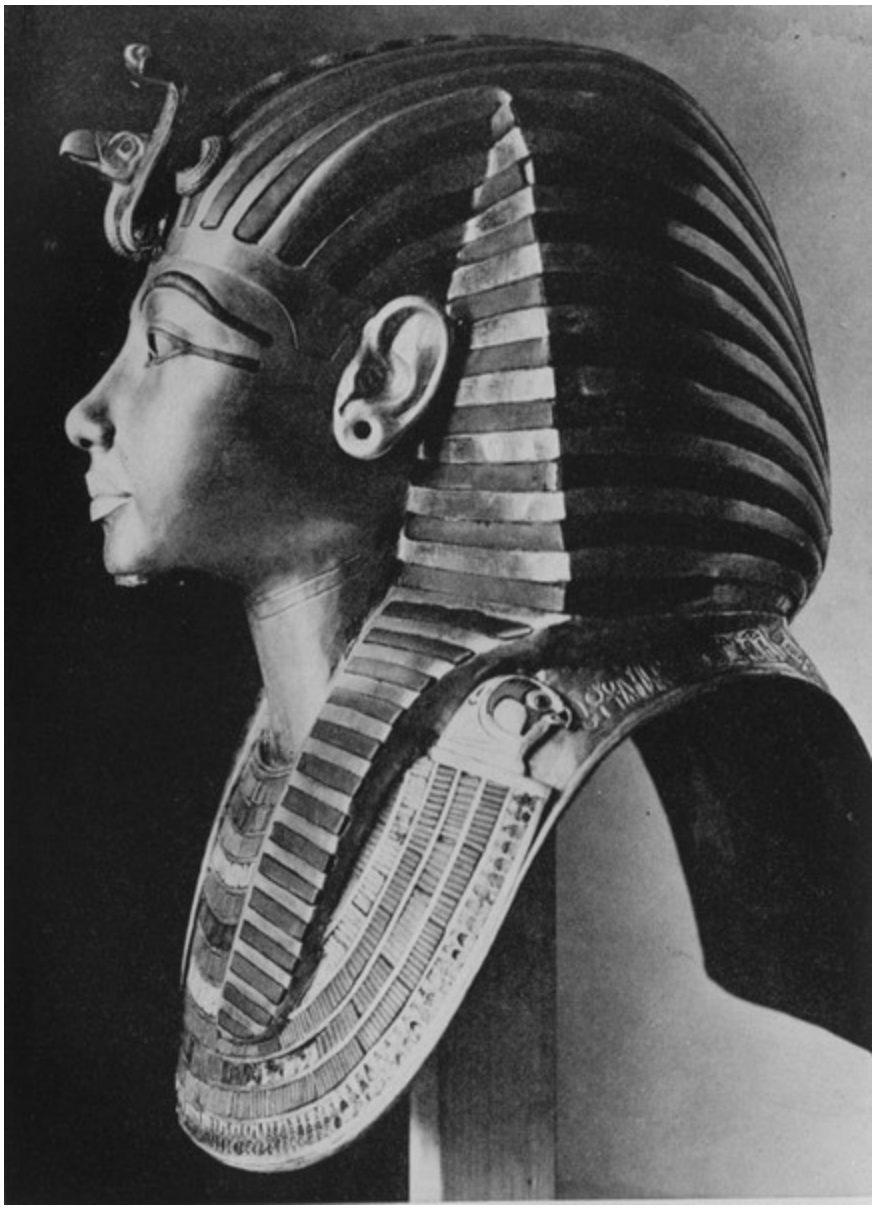
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XIII

Acima: Howard Carter desenrola a mortalha que cobre o Segundo Sarcófago de Tutancâmon.

Embaixo: O segundo sarcófago exposto. As fotografias indicam claramente que ele foi equipado com o primeiro sarcófago (exterior).

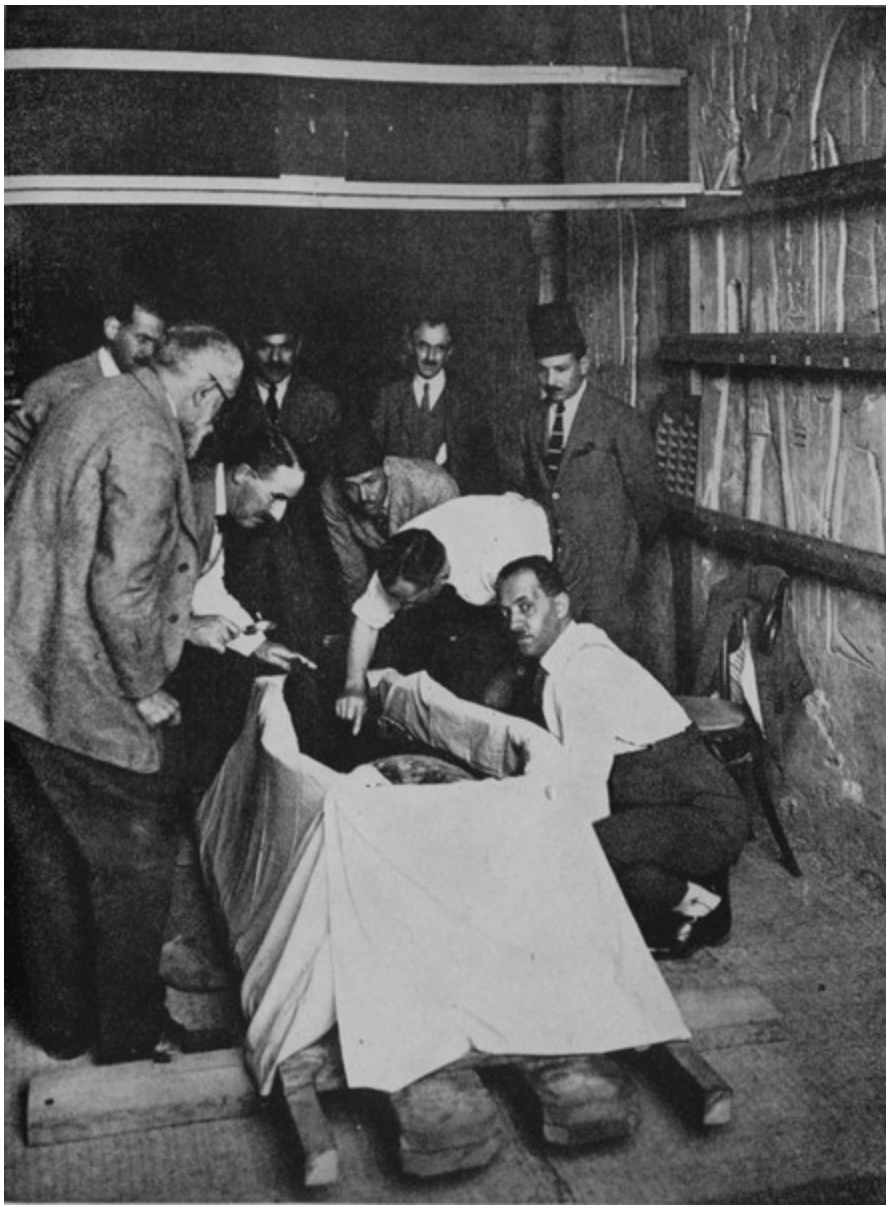


C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XIV

A máscara de ouro que cobria a cabeça e os ombros de Tutankhamon. Foi construído em ouro polido e decorado com pedaços de vidro colorido, lápis-lazúli, feldspato verde, cornalina, alabastro e obsidiana.



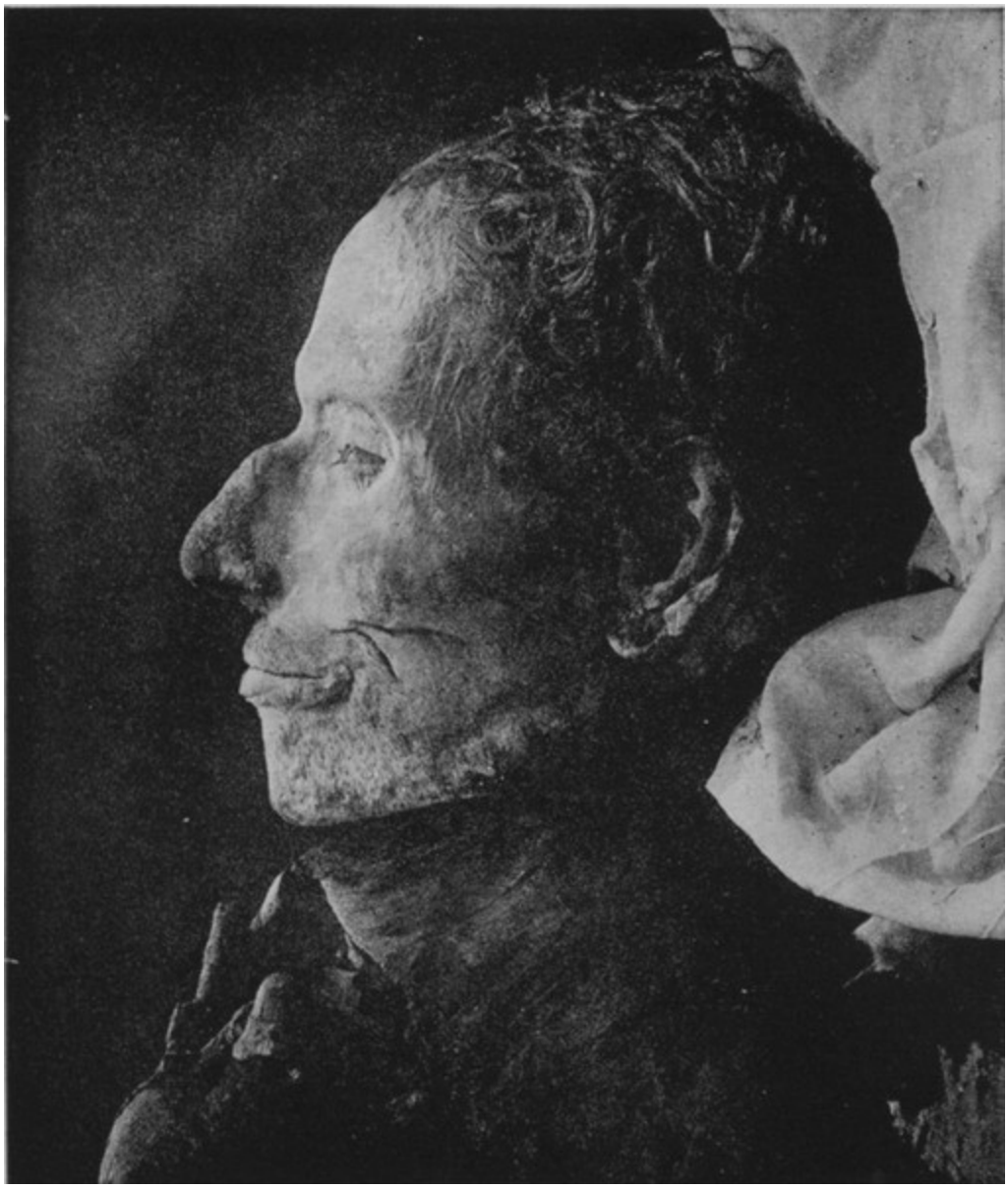
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XV

O Dr. Derry, na presença de uma comissão científica, faz a primeira incisão nas ataduras de múmias de Tutankhamon.

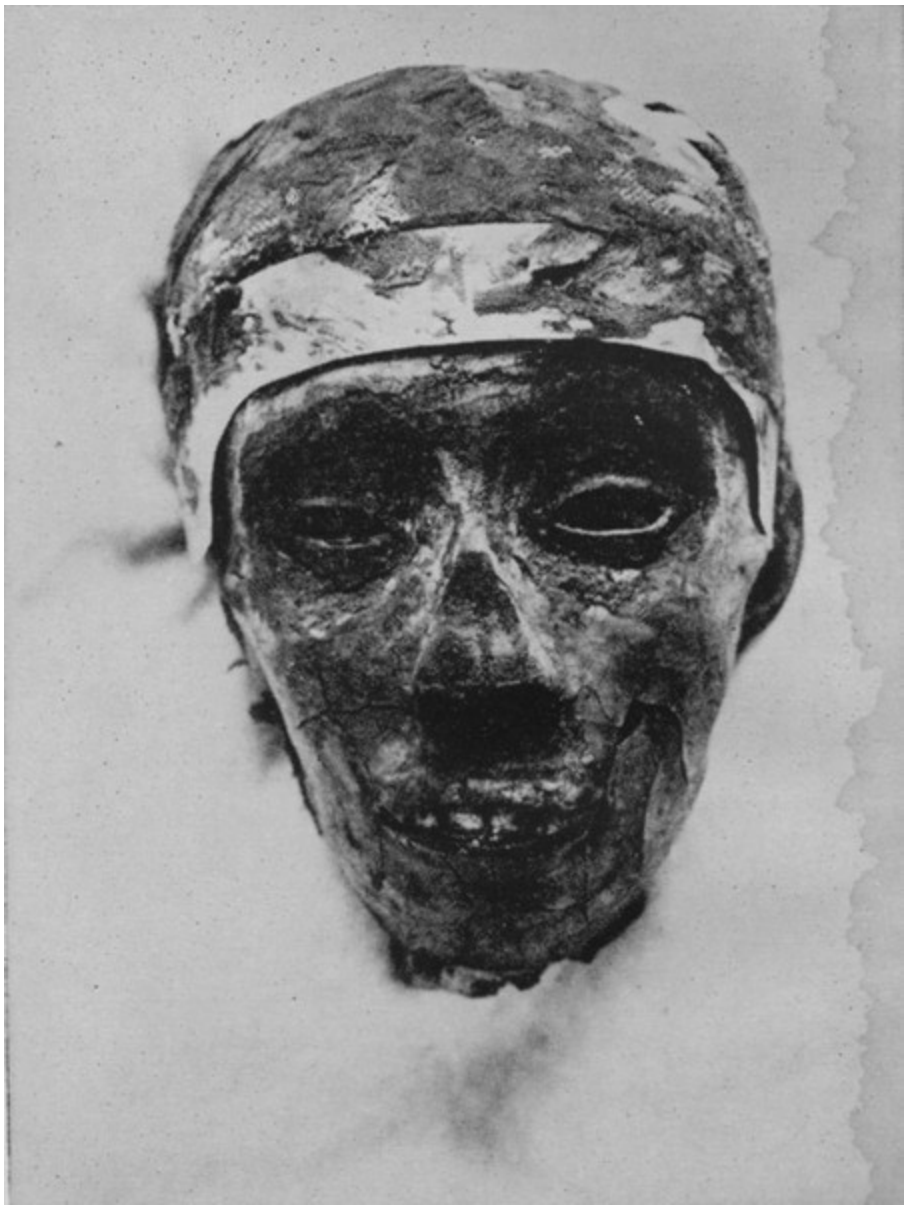
367



C.W.Ceram

LÂMINA XVI

O chefe da múmia de Ynaa, sogro do rei Amém-hu-det III. Encontrado por Theodore Davis no Vale dos Reis.



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

Cabeça de Tutancâmon.

LÂMINA XVII





C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

Caça ao leão, o esporte favorito dos monarcas assírios.

Acima: Uma leoa ferida levanta a cabeça em um último rugido. Relevo de alabastro do Palácio Norte em Nínive. Abaixo: laje de pedra calcária

do século VII aC do palácio de Assurbanipal, Nínive; agora no Museu Britânico.

370



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XVIII

Assurbanipal II. Estátua encontrada em sua residência em Kalchu (Nimrod).



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XIX

Tablet com texto cuneiforme no lado esquerdo. Esse alívio, presumivelmente, mostra o rei da Babilônia Baliddin (700

aC) com o grande deus Marduk. No topo você pode ver o "dragão da Babilônia" ou "Sirrush".

372



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XX

A estela de Naram-Sin, rei da Babilônia, filho de Sargon de Agadé, que reinou por cinquenta e cinco anos. Naram-Sin pertencia à dinastia Akkad (2389 aC). A estela foi desenterrada em Susa em 1899. Tem dois metros de altura. Em 373



C.W.Ceram

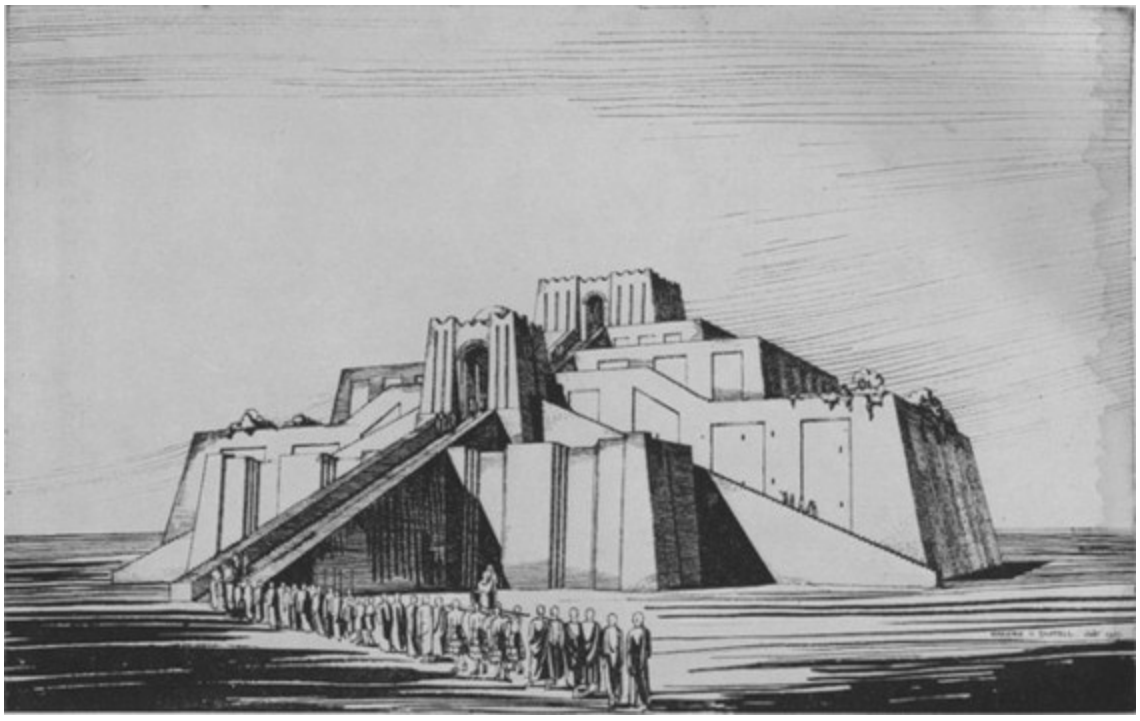
Dioses, Tumbas y Sabios

uma única cena, é comemorada a vitória do rei e de seu exército sobre os Lul ubites, uma cidade beligerante dos Zagros.

LÂMINA XXI

Esquerda: Estatueta de uma rainha suméria, provavelmente datada do terceiro milênio aC.

Direita: Estátua da Judéia, o príncipe reinante ou rei-sacerdote, da província de Lagash. Uma estátua deste monarca, encontrada por Ernest de Sarzec, está no Museu do Louvre, em Paris, departamento de arqueologia no caminho dos sumérios.



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXII

Reconstrução de um zigurate (torre do templo) de Ur na Caldéia. Foi aqui que o inglês Leonard Wool ey iniciou suas escavações e encontrou a evidência mais rica do que provavelmente era a cultura mais antiga do mundo, a dos "morenos" sumérios.



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXIII

Cocar da rainha suméria Shub-ad, uma das rainhas mais antigas conhecidas hoje. Supõe-se que ele viveu mais de quatro mil anos atrás. Leonard Wool ey encontrou o cocar nas tumbas reais de Ur. Katharine Wool ey modelou a cabeça em um crânio feminino do mesmo período.

376



C.W.Ceram

LÂMINA XXIV

Ornamentação do templo de Quetzalcoatl em Teotihuacan. Uma grande escada corre da base ao topo. A pirâmide ainda era antiga - sua idade exata é desconhecida - quando o conquistador espanhol Hernán Cortés subiu seus degraus.



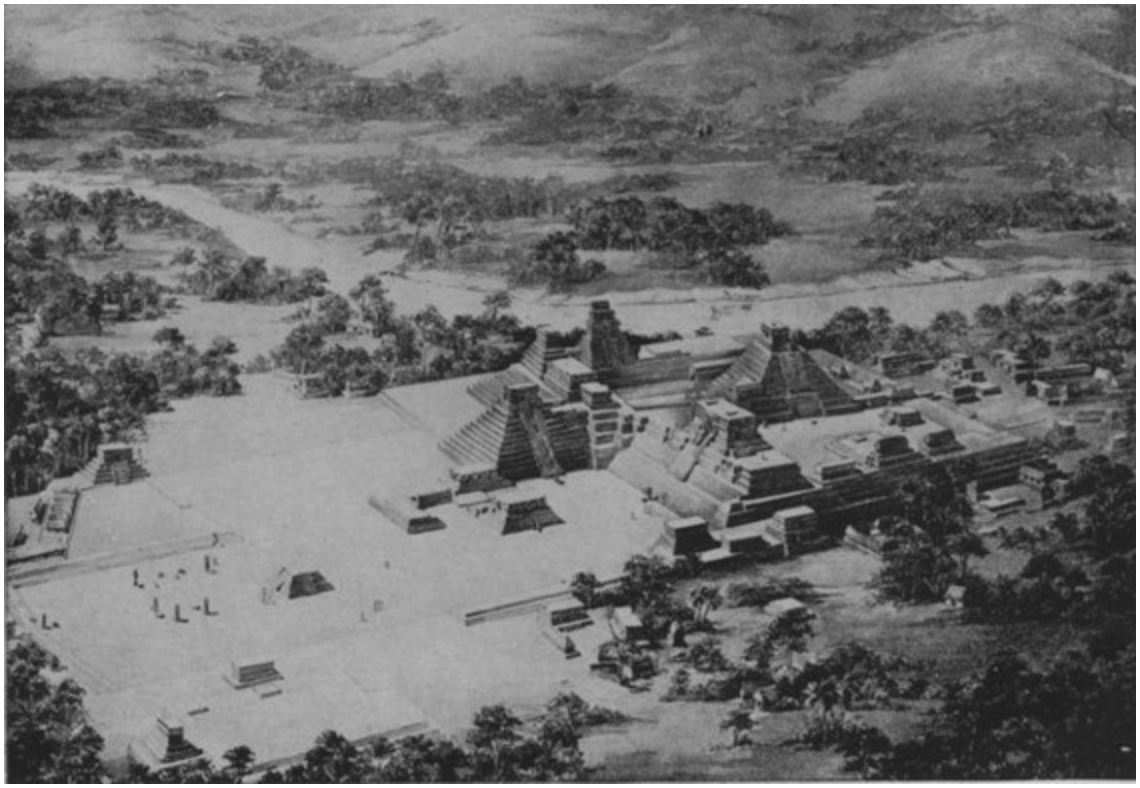
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXV

Esquerda: Fotografia de uma antiga estela maia, encontrada há aproximadamente ciano anos atrás em Copan (Honduras moderna) por Stephens.

Direita: A mesma estela, desenhada por Catherwood.



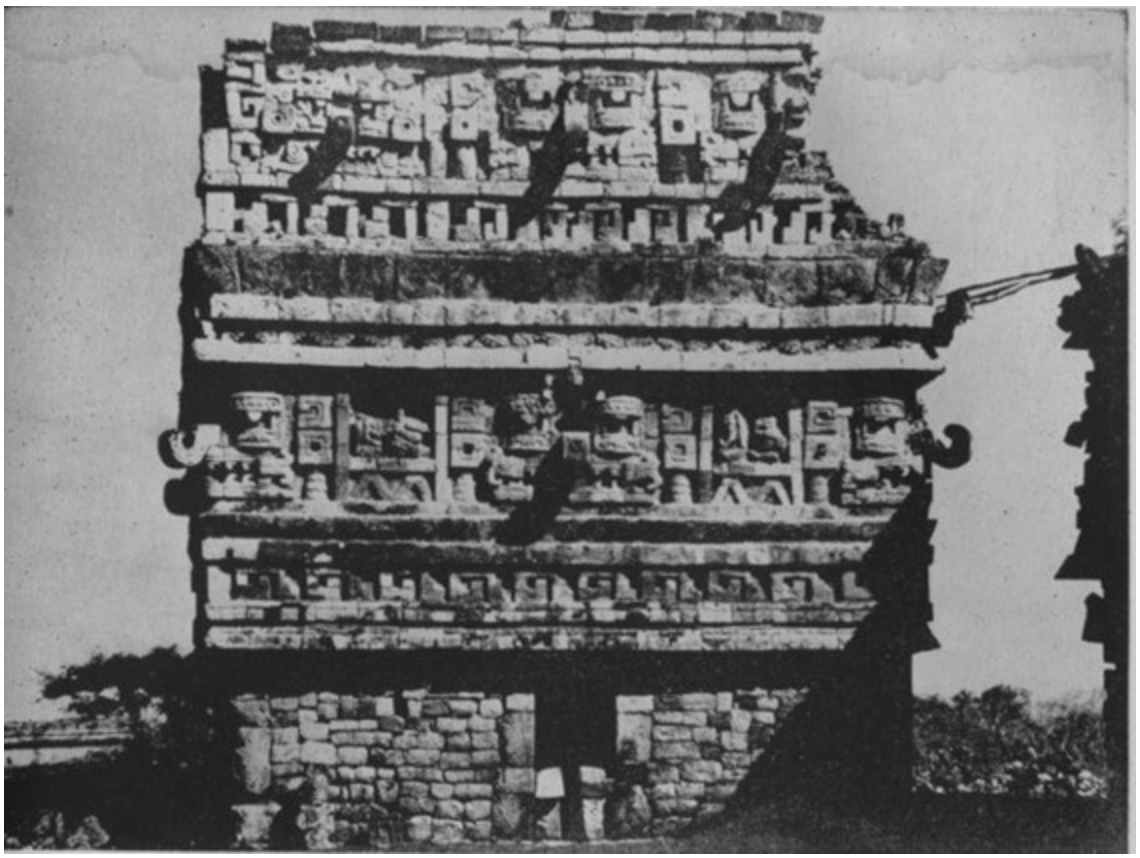
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXVI

Copan provavelmente era assim antes da grande migração maia. A cidade era um enorme complexo de templos, comparável a nada no Velho Mundo. Stephens comprou essas ruínas por US $ 50.

379





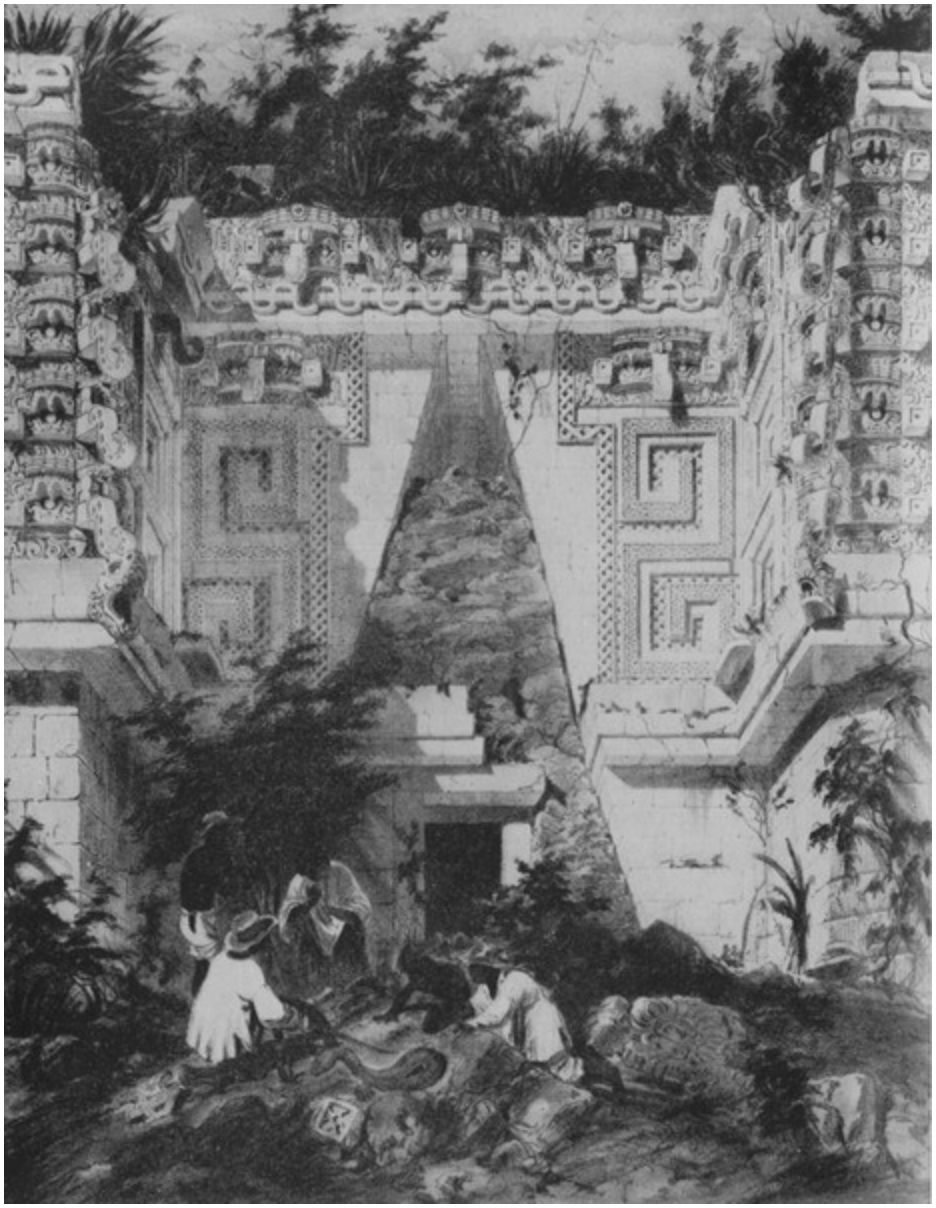
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXVII

Acima: Uma pequena estrutura em Chichen.Itzá, Yucatán, conhecida como "a Igreja". Pertence ao período inicial do Antigo Império Maia.

Embaixo: Um índio Lacandon, um dos 200 maias vivos, diante de uma estela em Bonampak esculpida por seus ancestrais. Ele ainda trabalha nessas ruínas. Observe a semelhança do índio e o perfil esculpido na pedra.

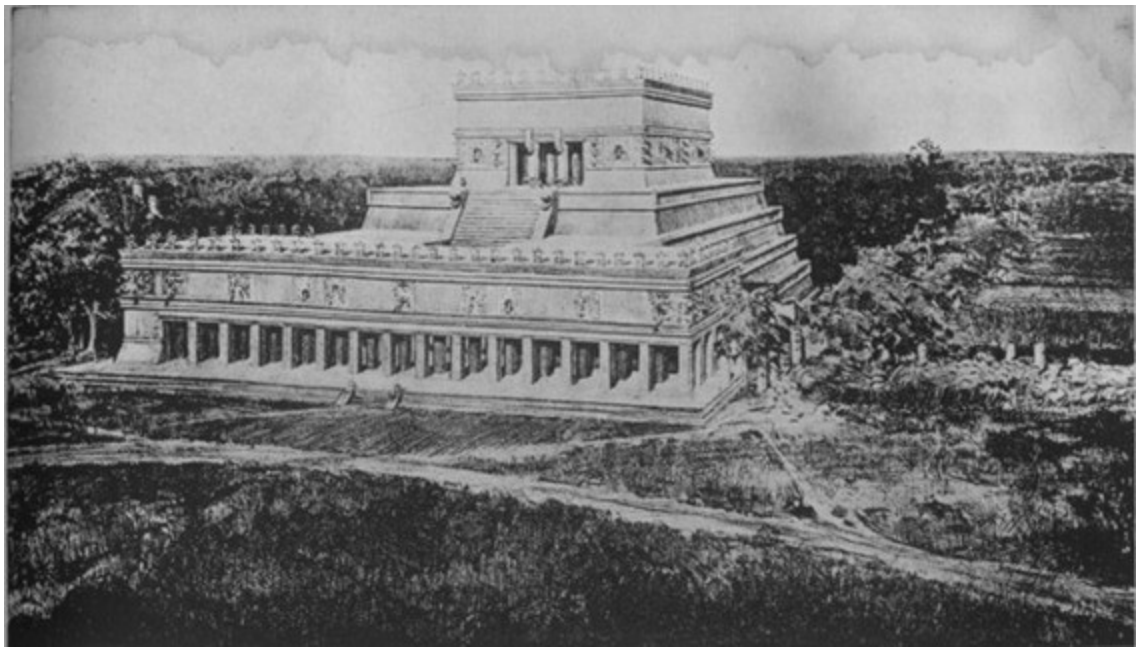


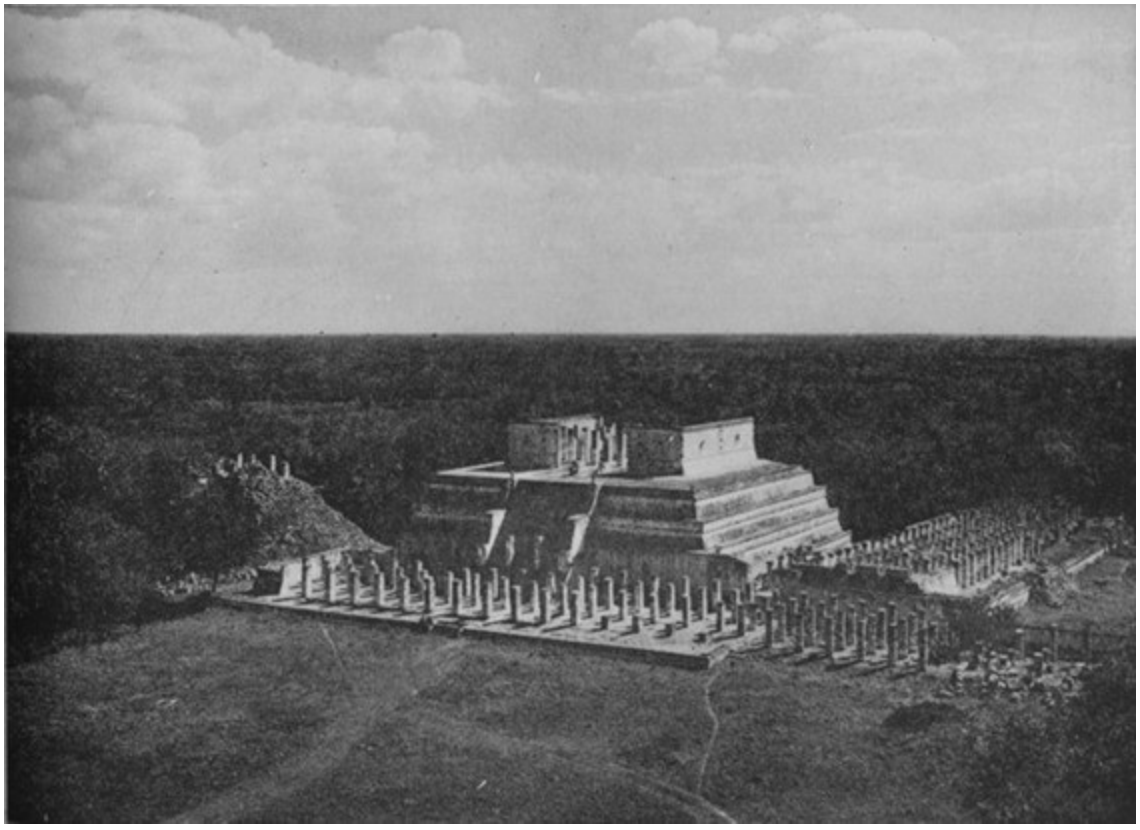
C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXVIII

Fachada da Casa do Governador em Uxmal, uma das três grandes cidades do Novo Império Maia, fundada após o repentino e misterioso abandono do Antigo Império. Este desenho maravilhosamente detalhado foi feito por Frederick Catherwood há mais de cem anos.





C.W.Ceram

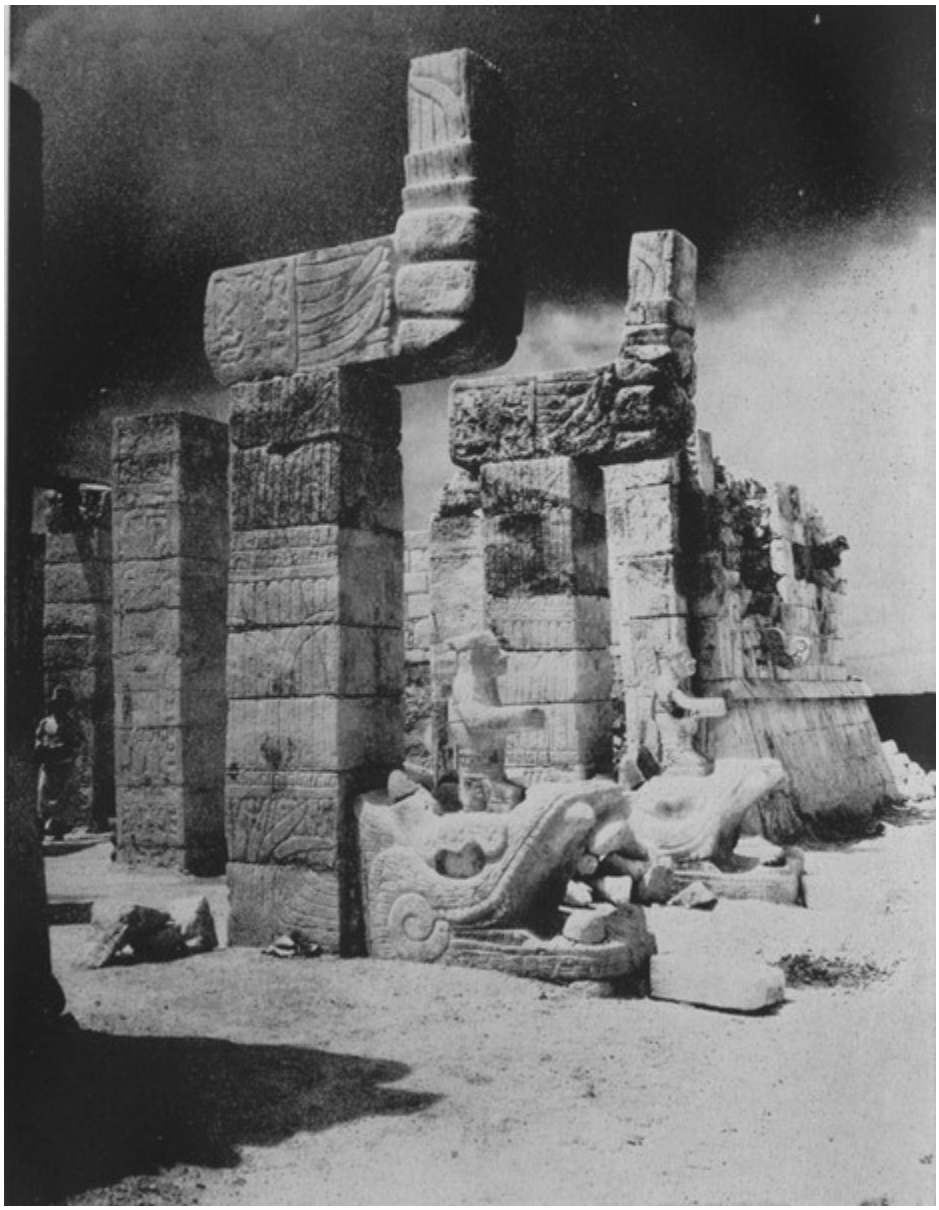
Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXIX

Templo dos guerreiros em Chichen-Itzá. Este templo é um dos mais relevantes do novo Império Maia. Suas esculturas e ornamentos mostram influência tolteca.

Acima: Reconstrução do Templo dos Guerreiros em Chichen-Itzá.

Abaixo: O Templo dos Guerreiros em Chichen-Itzá, como pode ser visto hoje depois de limpar a floresta para que os turistas possam visitá-la.



C.W.Ceram

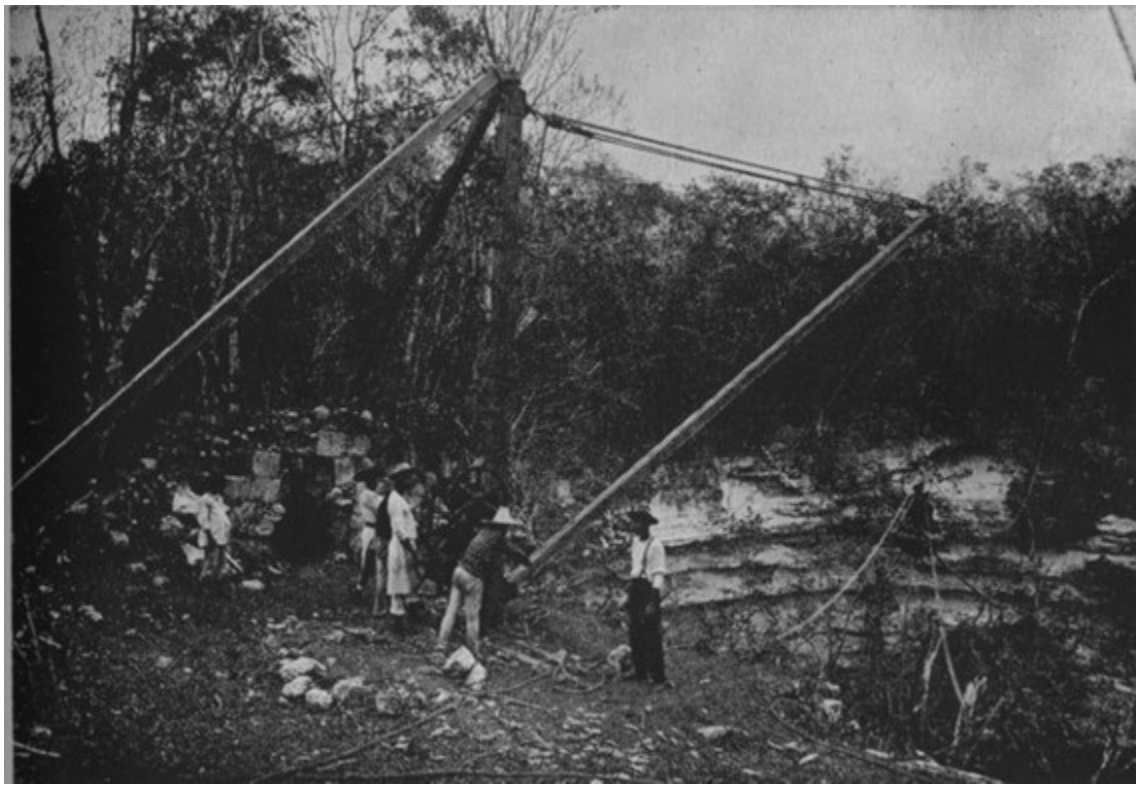
Dioses, Tumbas y Sabios

SEÇÃO XXX

O teto, agora ausente, do Templo dos Guerreiros repousava na curva nas caudas eretas dessas comunidades de cobras. Somente na cultura maia as colunas são derivadas de motivos de animais.

383





C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXXI

Thomson dragando a Fonte Sagrada de Chichón-Itzá. Acima: Vista através da superfície viscosa através da qual Thomson desceu e encontrou esqueletos de donzela e ornamentos de ouro. Abaixo: A draga no trabalho. A pequena construção em ruínas atrás do guindaste é uma plataforma antiga da qual as vítimas foram jogadas no lago.



C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

LÂMINA XXXII

Esvaziando a Pedra Nacional, uma escultura asteca acreditava ser uma maquete do templo de Coronado por um calendário de pedra. Foi encontrado em 1926 nas fundações da torre sul do Palácio Nacional (Zócalo); Foi vista em 1831, quando as fundações foram escavadas, mas ninguém se preocupou em salvá-la.

385

C.W.Ceram

Dioses, Tumbas y Sabios

[1] Ausradieren: delete. Palavra usada pelos nazistas em sua terminologia de guerra para expressar a aniquilação total de uma cidade ou região.

Coventrize: Destrua uma cidade por bombardeio em massa, como foi a cidade inglesa de Coventry. (N. del T.) [2] Ver "Götter, Gräber und Gelehrte im Bild", págs. 80-82, Edit. Rowohlt, Reinbek bei Hamburg.

386